



Por este rio acima

A arte
pré e proto-histórica
do Vale do Côa

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A ANTÓNIO FERNANDO BARBOSA

Por este rio acima

**A arte
pré e proto-histórica
do Vale do Côa**

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A ANTÓNIO FERNANDO BARBOSA

Índice

- Introdução** 7
Aida Carvalho
- Um artista do Côa** 9
João Zilhão
- Ver nem sempre é olhar. Relatos recentes de Pré-Histórias antigas pelo Rio Côa** 13
Thierry Aubry, Patrícia Ramos
- A arte paleolítica do Vale do Côa no seu contexto sociocultural** 55
André Tomás Santos
- Entre o Côa e o Douro, nos longos milénios do pós-glaciar: quadro de referência da arte rupestre da Pré-história Recente da região do Côa** 117
Mário Reis, Lara Bacelar Alves
- Primeiro inventário figurativo da arte rupestre da Idade do Ferro entre o Côa e o Douro** 181
Luís Luís
- Aos ombros do último artista do Côa: Um olhar prospectivo sobre a investigação arqueológica nos vales do Côa, Águeda e Ribeira de Aguiar** 267
Miguel Almeida, Sílvia Aires, Nuno Ramos, André Ferreira, André Santos, Thierry Aubry, Luís Luís, Marcelo Silvestre



Fotografia de Teresa Fonseca

Introdução

Aida Carvalho

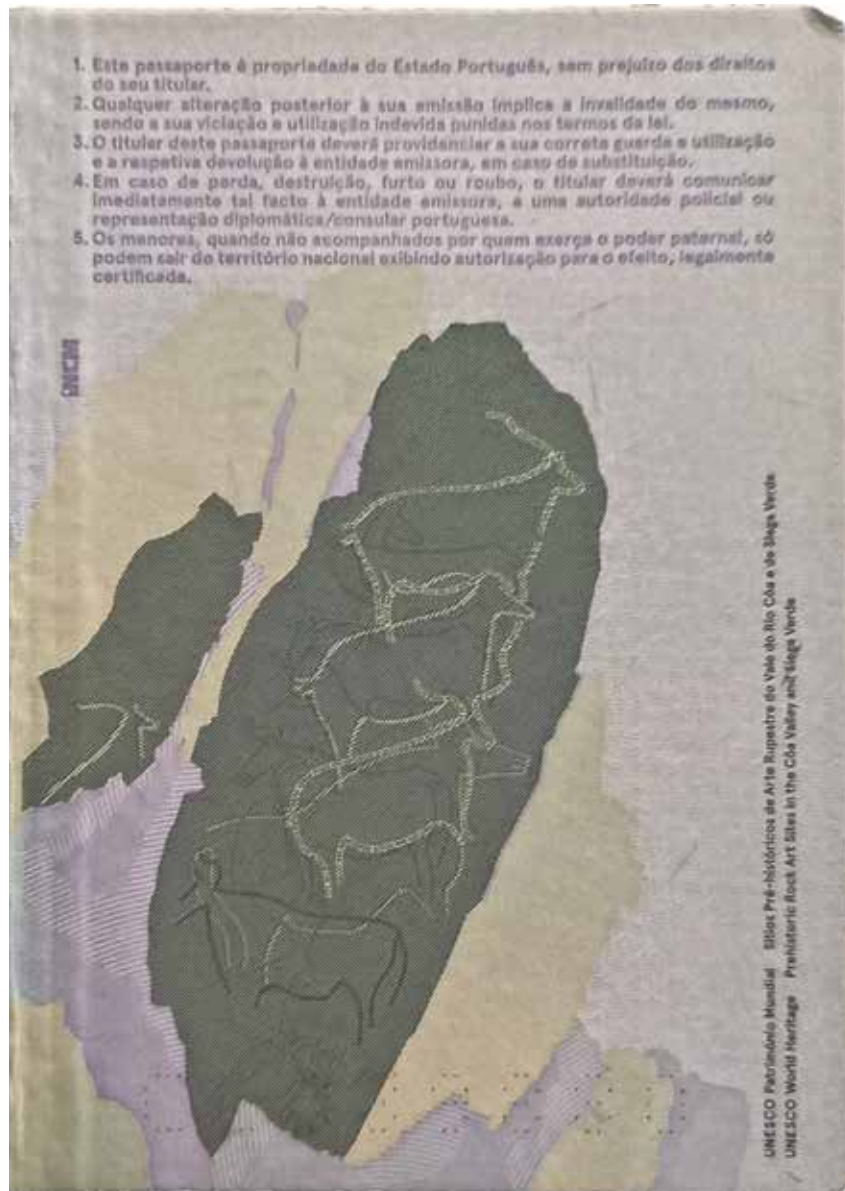
Apesar do ato arrojado e de alguma insensatez, rendi-me a este desígnio, que me foi confiado, de escrever sobre um alentejano que vive no Côa. Ato arrojado e de alguma insensatez porque há seres humanos que são indizíveis. Neste poço de contradições, que é nascer na planície e viver atraído pelo vale, reside uma ambiguidade, uma poeira cósmica, para as quais a vida encontra razões. Certamente, um dos ganhos mais absolutos da amizade é o prazer da observação sem qualquer necessidade de integrar a circunstância. O Fernando Barbosa é uma medida de existência, um encontro de honestidade, da verticalização do caráter, do apreço pela singularidade na composição de qualquer ambição de unidade. Tem a pretensão inata de rasgar o arco temporal da arte do Côa até à contemporaneidade, dando-lhe uma dimensão deífica. É o braço armado do homem livre e do desenhador intemporal do novo Côa não sujeito a quadrículas nem a economias do desenho. Possui um talento natural sem que disso tenha plena consciência. Cada desenho transporta o passado em futuro, o sonho de milénios, arrebatando uma linguagem pouco difundida. Deu luz às gravuras quando estavam a sair da sombra, mostrando ao mundo o tamanho de um Vale. Esticou o traço em desenho e o desenho em conhecimento, criando uma narrativa gráfica enquanto poderoso recurso de retórica. Neste diapasão mundano, o Côa é a sua casa, o Vale é o seu Mundo e o desenho o seu Universo.

Obrigada, por tudo, por tanto, Fernando!

Um artista do Côa

João Zilhão^a

a) UNIARQ, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. ICREA. Departamento de História e Arqueologia da Universidade de Barcelona



Detalhe do atual passaporte português.

A luta pela preservação da arte rupestre do vale do Côa teve várias frentes. Em finais de 1994, quando veio a público que essa arte tinha uma componente importante de idade paleolítica, havia já uma história de oposição à barragem cuja construção se havia iniciado três anos antes. Por detrás dessa oposição estavam legítimos interesses económicos e legítimas visões tanto sobre o desenvolvimento económico da região como sobre o papel que as barragens da bacia do Douro haviam de desempenhar no sistema nacional de produção de energia. A arte paleolítica veio acrescentar uma dimensão social, cultural e patrimonial ao problema numa altura em que, com a obra já avançada, o dilema que se colocava aos decisores políticos era dos mais difíceis. Não sem razão, o semanário Expresso haveria de considerar a controvérsia “barragem versus gravuras” como o acontecimento político do ano de 1995.

Nessa controvérsia, a sorte — naufrágio ou salvamento — do património em causa jogava-se em boa parte na resposta a duas questões para que os profissionais da área foram chamados a pronunciar-se. Em última análise, nos termos da Resolução do Conselho de Ministros nº 4/96, de 17 de Janeiro, do seu parecer dependeu a decisão política final. Essas questões eram: Trata-se realmente de “arte” ... ou simplesmente de rabiscos que qualquer um, até uma criança, seria capaz de fazer, teoria que encontrou cultores não só ao mais alto nível técnico (entre engenheiros da obra e alguns empreendedores da região) mas também ao mais alto nível governamental? E trata-se realmente de actividade humana de época paleolítica e, como tal, pela dimensão e extensão do conjunto, única a nível mundial e digna de classificação como Património da Humanidade ao nível da UNESCO ... ou tão-somente de passatempo popular de época muito recente e interesse patrimonial menor, como viriam a pontificar autointitulados especialistas internacionais?

O desfecho final deveu-se a que a opinião pública, tanto a popular como a científica, pôde ser convencida, e isso aconteceu porque à arte do Côa foi dada a oportunidade de se defender a si mesma, para o que teve de ultrapassar um obstáculo de muita monta: as dificuldades de visualização e de interpretação decorrentes das inúmeras sobreposições e da pátina adquirida pelas imagens ao longo dos milénios. À época, a fotografia digital e o tratamento informático das imagens estavam na infância do seu desenvolvimento, pelo que não podiam dar a ajuda que hoje dão. Foi por isso através do recurso a uma metodologia ancestral, inventada no Paleolítico — o desenho — e com recurso a duas ferramentas afinadas por milhões de anos de evolução — a mão e o olho humanos — que a arte do Côa pôde comunicar com o mundo. Que ninguém duvide que muito da forma eficaz como o conseguiu fazer se ficou a dever ao demiurgo que teve a sorte de encontrar. Do impacto do seu trabalho fala melhor que ninguém a imagem que, hoje, 25 anos depois do salvamento, o cidadão português encontra no seu passaporte, a imagem com que o nosso país se apresenta ao mundo — a da figura anexa. O original é do Fernando Barbosa — um artista do Côa.

**Ver nem
sempre é
olhar. Relatos
recentes de
Pré-Histórias
antigas pelo
Rio Côa**

*Thierry Aubry^a
Patrícia Ramos^b*

a) Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa. UNIARQ — Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

b) Bolseira de Mestrado em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no âmbito do projeto CLIMATE@COA-COA/CAC/0031/2019 - Clima e adaptação humana durante o último período glacial na região do vale do Côa (Portugal).

A descoberta da arte do Vale do Côa no contexto da construção de uma barragem hidroelétrica, somente 10 anos depois da publicação das gravuras ao ar livre de Mazouco como sendo paleolíticas, lançou um debate de fundo na sociedade portuguesa acerca do valor económico do património cultural e das estratégias nacionais e internacionais de desenvolvimento territoriais. Desde a decisão da sua conservação *in situ* e de parar o projeto de construção da barragem em 1996, a confirmação do valor patrimonial excepcional destas gravuras paleolíticas ao ar livre, distribuídas numa área de centenas de quilómetros quadrados, mudou a nossa conceção da arte paleolítica, que, até à data, era considerada como uma arte das cavernas. Trinta anos mais tarde, podemos perguntar-nos como esta mudança de paradigma passou no grande público?

No momento da descoberta da arte do Côa, a antiguidade das gravuras fundamentava-se na sua semelhança estilística com as representações conservadas em grutas que, no início dos anos 1990, começavam a fornecer as primeiras datações pelo carbono 14, quando foi possível datar a partir de uma pequena quantidade do carvão utilizado para as desenhar. No contexto da polémica “batalha do Côa”, a ausência de sítios arqueológicos que poderiam ser contemporâneos da arte, foi avançada como um argumento contra a validade da datação estilística e a favor de uma possível perduração local do estilo paleolítico, no Vale do Côa. Todavia, as prospeções realizadas em 1995, sob a direção de João Zilhão, revelaram que existiam sítios que poderiam ser contemporâneos da arte gravada no Vale do Côa, refutando o argumento da ausência de povoamento e confirmando que é preciso procurar para encontrar.

Alguns dos protagonistas iniciais desta saga escolheram ficar em Vila Nova de Foz Côa, defendendo o projeto do Parque arqueológico do Côa criado em 1996 e do Museu, em 2010, demonstrando que a decisão tomada pelo XIIIº Governo de Portugal era corajosa, também a mais acertada. António Fernando Barbosa teve um papel fundamental e participativo ao longo de toda esta história, a mais recente do Côa, reconhecendo de imediato o estilo paleolítico das suas representações, realizando a quase integralidade da sua documentação gráfica e interpretando, pela via dos decalques diretos e da prática da arqueologia experimental, os grafismos.

Como contributo neste volume de homenagem ao António Fernando Barbosa, escolhemos relatar 19 crónicas, um pouco menos de um décimo das 100 histórias de peças escolhidas no British Museum (Mac Gregor, 2012), baseadas em lugares que foram objeto de trabalhos arqueológicos, momentos dos trabalhos de campo ou objetos encontrados durante as prospeções e escavações desenvolvidas no Parque Arqueológico do Vale do Côa ao longo dos últimos 30 anos, com o intuito de relembrar o papel que teve cada um, ao longo de um percurso que mudou progressivamente a nossa visão das sociedades paleolíticas que marcaram os seus territórios e, algumas vezes, os monumentalizaram.

GREGOR, Neil Mac (2012) – *A history of the world in 100 objects. The British Museum and BBC, London: Penguin Books.*

1. A descoberta

Para o grande público, a questão da autoria de uma descoberta arqueológica é recorrente. A autoria do achado é do pastor que indica a existência de fragmentos de cerâmicas, ou um monumento megalítico que viu ou que mostra uma pintura ou gravura ao arqueólogo que anda em prospeção, do estudante que descobre e reconhece o valor excepcional de um objeto durante a escavação ou do investigador que realiza um estudo num laboratório e estabelece a importância de um vestígio arqueológico anos depois de ser exumado?

A descoberta da arte paleolítica do Côa, algumas vezes relatada como sendo mais tardia, acontece numa fase inicial das obras de construção do projeto de barragem do Baixo Côa. Esta fotografia, foi tirada no dia 20 de novembro de 1991, por alguém que pertencia à equipa liderada por Nelson Rebanda, o arqueólogo que descobriu o cavalo gravado de Mazouco em 1977 e que acompanhava o início da construção da barragem, e testemunha o momento da descoberta da rocha nº1. Este painel vertical plano, quadro natural, é a porção exposta de uma diáclase resultante das deformações e fracturações que afetaram uma rocha formada no mar. Ainda rodeada de vegetação, utilizada para exibir uma placa que indica uma reserva de caça, a sua superfície plana e vertical apresenta uma densa sobreposição de gravuras de animais representados de perfil; auroques (antepassado hoje desaparecido dos nossos grandes bovinos), cavalos e cabra selvagem. Um dos cavalos foi representado com a cabeça em duas posições sugerindo movimento. Este primeiro achado, cerca de 40 quilómetros dos primeiros indícios detetados perto da aldeia de Mazouco, vinha confirmar a existência de outras gravuras de estilo Paleolítico no Alto Douro e denunciava, desde logo, a importância do sítio, que será confirmada



Fig. 1: Rocha 1, Canada do Inferno. Arquivo Plano Arqueológico do Côa.

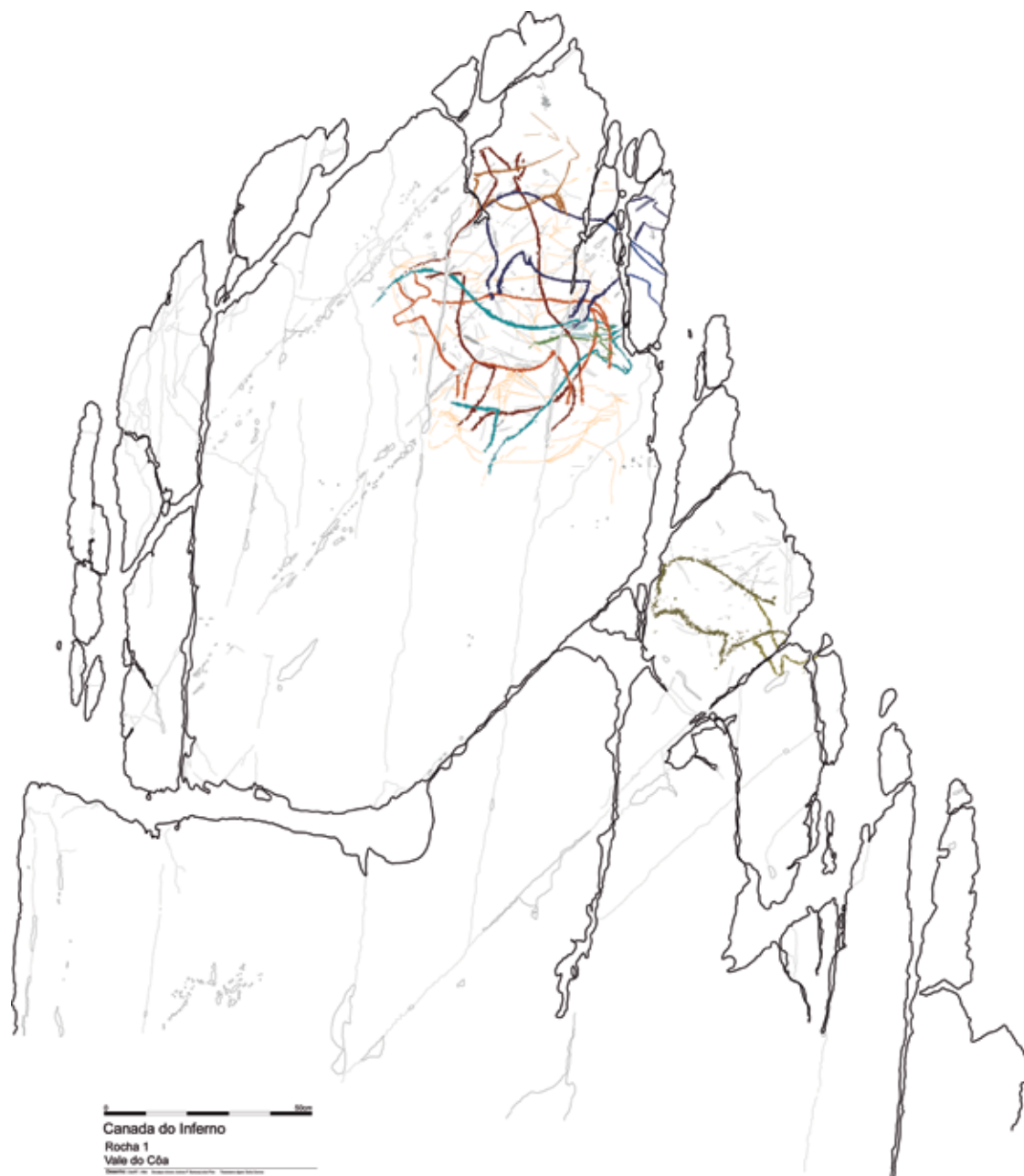


Fig. 2: Rocha 1, Canada do Inferno. Arquivo Plano Arqueológico do Côa.

pela descoberta de outras rochas no verão de 1993, as quais representam as diferentes fases do ciclo da arte paleolítica do Vale do Côa.

BAPTISTA, António Martinho (2009) - *O paradigma perdido: o Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal*. Porto: Edição afrontamento.

REBANDA, Nelson (1995) - *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

ZILHÃO, João, Coord. de (1997) - *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*. Trabalhos de 1995-1996, Lisboa: Ministério da Cultura.

SANTOS, André Tomás (2017) - *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Tese de Doutoramento, policopiada).

2. Ainda por descobrir?

Outra questão recorrente nas visitas ao Museu ou aos sítios de gravuras, é “ainda há muito para descobrir?”. Atualmente, a maioria das 41 rochas gravadas da Canada do Inferno está submersa devido à represa da barragem do Pocinho, que entrou em serviço em 1983 e inundou os últimos 7 km do leito na bacia do Côa. Em 1995, foi efetuada a remoção da lama em frente das rochas 22 e 33, que se tinha acumulado, entretanto, e realizadas sondagens defronte das rochas 11, 12, 20 e 24, enquanto os painéis gravados da área submersa foram objeto de decalques direitos, publicados no Relatório de 1997. Esta fotografia, tirada durante o abaixamento da albufeira do Pocinho, mostra a concentração de painéis no limite da planície aluvial e o impacto da erosão na parte submersa. Os trabalhos de sondagem só removeram a lama depositada desde a construção da barragem do Pocinho e não atingiram as camadas mais antigas suscetíveis de conservar vestígios de ocupações coevas das gravuras.

Na sequência das escavações em frente às rochas 1 e 9 do sítio do Fariseu, que vamos apresentar num capítulo seguinte, constatou-se que a configuração geomorfológica da área de concentração de gravuras neste espaço aberto, que permite a passagem entre as duas margens, e a posição topográfica das gravuras das diferentes fases, sugerem que a Canada do Inferno apresenta condições para a preservação de vestígios de depósitos contemporâneos da realização da arte nas áreas mais protegidas da erosão fluvial. Todavia, a verificação desta hipótese só será possível com a realização de sondagens durante um novo abaixamento da água, e suficientemente prolongado, da cota da barragem do Pocinho.



Fig. 3: Afloramentos rochosos da porção do sítio da Canada do Inferno que está submersa pela albufeira da barragem do Pocinho. Foto de Fernando Barbosa.

AUBRY, Thierry; SANTOS, André Tomás; LUÍS, Luís; BARBOSA, António Fernando; SILVESTRE Marcelo (2020) - Fluvial dynamics and palaeolithic settlement: new data from the Côa Valley (Portugal), In Rodríguez-Álvarez, Xosé-Pedro; Lombera-Hermida, Arturo; Fábregas-Valcarce, Ramón; Otte, Marcel (eds.), Palaeolithic of Northwest Iberia and beyond: multidisciplinary approaches to the analysis of Late Quaternary hunter-gatherer societies. *Comptes Rendus Palevol*. 19:7, pp. 117-135.

3. Todos os caminhos vão dar à Cardina – Salto do Boi

Localizado a cerca de 12 km a montante do sítio de gravuras da Canada do Inferno e a 3 da Penascosa, perto dos granitos que caracterizam grande parte da bacia do Rio Côa, o sítio da Cardina - Salto do Boi foi o primeiro sítio de ocupação do Paleolítico Superior a ser descoberto na região. Com base na análise do mapa topográfico, este



Fig. 4: Sítio de ocupação do Paleolítico Superior de Cardina - Salto do Boi visto de montante. Foto de José Paulo Ruas.

sítio foi considerado de prospeção prioritária, em função do potencial que apresentava de conservação de vestígios deste período. Alguns vestígios de pedra lascada, atribuíveis ao fim do Paleolítico Superior, foram encontrados em agosto de 1995, na superfície dos terrenos lavrados, no primeiro dia de prospeção, realizada sob a direção de João Zilhão. O nome Salto do Boi deriva da existência de um filão de riólito transversal ao Rio Côa, resultante de uma fratura de origem tectónica, que desviou o curso do Rio e originou a formação de um meandro e de uma vasta plataforma topográfica. Esta porção do Rio é também conhecida como Poço do Fumo, devido a uma queda de água a montante do meandro. A ponte natural, formada pelo filão, corresponde ao lugar mais estreito entre as duas margens do baixo Côa e o meandro oferece um espaço aplanado,

protegido e favorável à implantação humana, sobretudo, durante o contexto mais frio da última era glacial, pela proximidade dos recursos associados ao fundo do vale (peixes, vegetação arbórea, água, ...). Após um percurso rodeado de falésias abruptas, nos granitos da Faia, poucos quilómetros a montante do sítio, depois de entrar nas rochas metamórficas, as vertentes do vale apresentam uma topografia mais suave. Nesta porção do Vale do Côa, o filão de riólito situa-se, também, junto à foz de uma linha de água que constituía um caminho natural entre os planaltos graníticos das duas margens e que pode explicar a escolha deste sítio para ocupação pelos caçadores-recolectores.

AUBRY, Thierry. (2009) - *200 séculos da história do Vale do Côa: incursões na vida quotidiana do caçadores-artistas do Paleolítico*. Trabalhos de Arqueologia. 52, 511 p.

ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry, FAUSTINO DE CARVALHO, António; ZAMBUJO, Gertrudes, ALMEIDA, Francisco (1995) - O sítio arqueológico paleolítico do Salto do boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa): In JORGE, Vítor Oliveira(coord.), Actas do Iº Congresso de Arqueologia Peninsular: *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 35:4, pp. 472-497.

4. Continuidade da presença humana e primeiras datações

Entre 1995 e 2001, foram realizadas várias campanhas de escavação sob a responsabilidade da equipa do Parque Arqueológico do Vale do Côa, em colaboração com o *Departament de Prehistòria, Història Antigua i Arqueologia* da Universidade de Barcelona, a partir de 1999, no âmbito de um projeto dirigido pelos Doutores J. M. Fullola e J. Mangado Llach. Os trabalhos concentraram-se numa área de 12 metros quadrados, reduzida relativamente à extensão total da parte aplanada do sítio, confirmando a existência, na camada 4, de uma densidade excepcional de vestígios líticos (mais de 100 000 restos de pedra lascada), característicos de várias fases do Paleolítico Superior e de uma acumulação de elementos pétreos, na base. O estudo da distribuição espacial das várias categorias de vestígios, da proveniência geológica das rochas utilizadas e a reconstituição das atividades realizadas, sugeriu que se tratava da parte basal de uma estrutura de habitat (cabana constituída por elementos vegetais ou animais que não se conservaram), com uma fogueira central, utilizando uma depressão natural ou escavada pelos ocupantes do sítio.

Algumas peças de morfologia e técnica de confeção características atestavam que o sítio foi ocupado posteriormente, até aos 12 000 anos. A descoberta de peças que podem ser atribuídas ao Solutrense (25 000 - 23 000 anos) indica que o sítio foi ocupado antes e depois deste período do Paleolítico Superior. As sondagens evidenciam vestígios cerâmicos que atestam ocupações desta plataforma durante a Pré-história recente até ao século passado, as mais recentes ligadas à moagem de cereais, com a construção e utilização de moinhos que aproveitavam a água do Rio Côa durante o inverno.

As datas obtidas por luminescência com base em seixos de quartzito aquecidos, os quais pertenciam à acumulação pétreo da base da camada 4, de 27 000-29 000 anos, foram apresentadas em 1998 por Norbert Mercier durante um congresso internacional organizado em Vila Nova de Foz Côa pelo Instituto Português de Arqueologia, em colaboração com a comissão 8 da *Union Internationale des Sciences Préhistoriques et Protohistoriques*, e publicadas em 2001. Estas datas são as primeiras obtidas em vestígios de ocupação que confirmam a presença humana do interior da Península Ibérica durante



Fig. 5: Vestígios de pedra lascada que aparecem durante a crivagem de um balde de sedimento escavado. Foto de José Paulo Ruas.

várias fases do Paleolítico Superior, hipótese avançada em 1996, com base nas características técnicas dos utensílios de pedra lascada e do estilo das gravuras.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo (2016) - E depois do Paleolítico, o que fizeram ali? Notícia sobre as ocupações holocénicas do sítio da Cardina (Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa). *Côavisão*. 18, pp. 61-82.



Fig. 6: Raspadeira em sílex característica do período Gravettense, 27 000 anos. Foto de José Paulo Ruas.

Fig. 7: Ponta em forma de folha de loureiro característica do Solutrense, 24 000 anos. Foto de Fernando Barbosa.

VALLADAS, Hélène; MERCIER, Norbert; FROGET, Laurence; JORON, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis; AUBRY, Thierry (2001) - TL dating of upper Palaeolithic sites in the Coa Valley (Portugal). *Quaternary Science Reviews*. 20: 5-9, pp. 939-943.

5. Escondido por baixo dos nossos pés: Quinta da Barca Sul

Ainda que as prospeções de superfície de 1996 não tivessem evidenciado nenhum vestígio arqueológico, facto que pode ser explicado pela espessura dos depósitos sobrejacentes à primeira camada arqueológica e à fraca profundidade das lavras, as quais não afetaram a preservação do sítio, baseados na sua configuração e nos resultados da escavação obtidos na Quinta da Barca, realizámos sondagens em 1997, seguidas de escavações até 2001.

Nesta pequena plataforma, localizada umas centenas de metros a montante da concentração de gravuras da Quinta da Barca, revelou-se a existência de vestígios de uma ocupação do período azilense (cerca de 12 000 anos antes do presente), do fim da última era glacial. Os resultados positivos destas sondagens alertaram para a necessidade da sua realização com o propósito de avaliar o potencial de outros sítios que se apresentassem em contextos geomorfológicos semelhantes, no fundo do vale do Côa.

Durante a campanha de 2000, fruto da colaboração entre o Parque Arqueológico do Vale do Côa e o *Institut de Préhistoire de l'Université de Neuchatel* (Suíça), sob a responsabilidade do Doutor François-Xavier Chauvière, foi encontrado um seixo de xisto com incisões paralelas nas duas faces. Trata-se do terceiro exemplar de arte móvel descoberto no vale do Côa, os dois primeiros tinham sido descobertos no ano anterior, na sondagem realizada frente à rocha 1 do Fariseu, achados que serão relatados a seguir.

Em 2017, Mário Reis descobriu duas rochas gravadas com figuras picotadas, umas centenas de metros a baixo da área escavada, no limite da planície aluvial regularmente inundada, onde a equipa almoçava durante as campanhas de escavação... Esta descoberta, 20 anos depois das primeiras sondagens, confirma, mais uma vez, que só encontramos o que estamos à procura e chama a



Fig. 8: Secção que mostra as várias camadas escavadas no sítio de Quinta da Barca Sul. Foto de Thierry Aubry.

atenção para a necessidade de regressar aos sítios com olhares renovados. O estilo tem semelhanças com as figuras da arte móvel e algumas picotadas atribuídas ao Azilense. Em 2021, foram obtidas mais duas datas pelo método da luminescência para a camada mais antiga do sítio, que indicam uma ocupação de há cerca de 14 000-15 000 anos, com possíveis relações com algumas das gravuras dos painéis descobertos em 2017, nos sítios da Penascosa e Quinta da Barca.

AUBRY, Thierry (2009) - Actualisation des données sur les vestiges d'art paléolithique sur support mobilier de la Vallée du Côa, In AUBRY, Thierry, ed. - *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa, IGESPAR, I. P. *Trabalhos de Arqueologia*. 52, pp. 382-395.

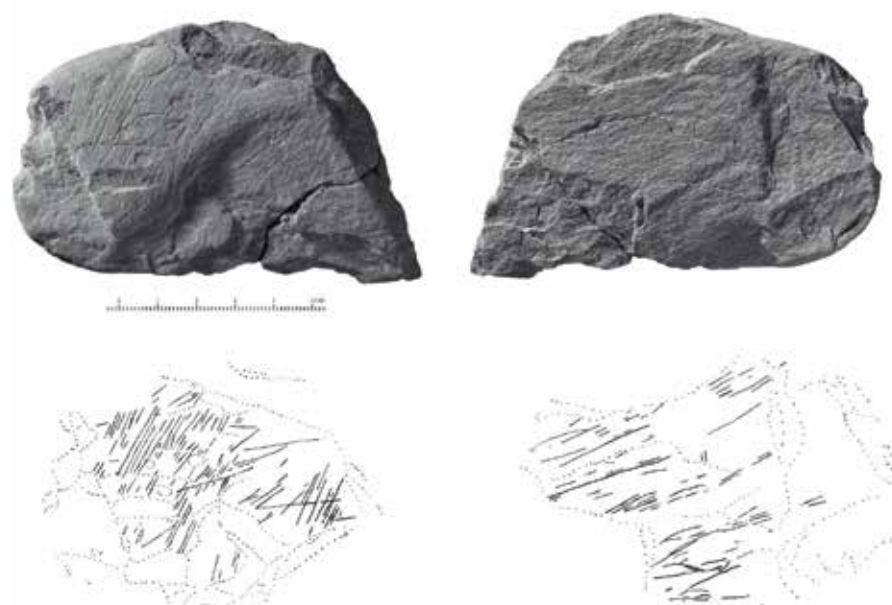


Fig. 9: Seixo de xisto gravado com incisões paralelas. Fotos de José Paulo Ruas. Decalques de Marcos García Díez.



Fig. 10: Painel gravados localizado perto da área escavada entre 1997 e 2001, descoberto por Mário Reis em 2017.

6. Vale do Côa: a margem ocidental da Meseta ibérica

A partir de 1996, depois da criação do Parque Arqueológico do Vale do Côa e da decisão de parar a construção da barragem para preservar a arte do Côa no contexto onde foi concebida, as prospeções estendem-se em direção ao planalto granítico, no interflúvio entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar. Em 1998, as prospeções de superfície e as primeiras sondagens fornecem vestígios que atestam da ocupações deste território, no limite ocidental da Meseta ibérica, contemporâneas das fases evidenciadas no fundo do Vale, onde se concentra a arte paleolítica do Vale do Côa.



Fig. 11: Paisagem dos granitos da extremidade ocidental da Meseta onde está localizado o sítio de Olga Grande 4. Foto de José Paulo Ruas.



Fig. 12: Pontas assimétricas características do fim do Solutrense, cerca de 23 000 anos. Foto de José Paulo Ruas.



Fig. 13: Restos de grande fogueiras e acumulação de lajes de granitos encontrados no nível datado de 30 000 do sítio de Olga Grande 4. Foto de Thierry Aubry.



Fig. 14: Uma das acumulações de blocos de quartzo que forma a base das fogueiras durante a sua escavação. Foto de Thierry Aubry



Fig. 15: Realização de fogueiras experimentais e documentação da evolução da temperatura e alteração dos blocos de quartzo e granito. Foto de Thierry Aubry.

As sondagens inicialmente realizadas, demonstram pela primeira vez, neste território e no subsolo granítico que caracteriza uma parte importante do interior da Península Ibérica, a existência de pontas de projéteis em sílex, com uma morfologia atribuível ao Solutrense, que podem ser datadas de 23 000 anos antes do presente. As escavações realizadas entre 1998 e 2001 nos dois lados de um afloramento granítico denominado Pedras Altas, a realização de vários tipos de fogueiras experimentais para analisar as modificações e fracturação dos elementos pétreos afetados pelo calor, reve-

lam que as concentrações de placas de quartzo e blocos de granito são os testemunhos de grandes fogueiras, datadas por termoluminescência de há cerca de 30 000 anos, associadas a outras estruturas constituídas por grandes placas de granito, que se preservaram até hoje, apesar da fraca espessura dos solos sobrejacentes.

AUBRY, Thierry, (1998) - Olga Grande 4: uma sequência do Paleolítico superior no planalto entre o Rio Côa e a Ribeira de Aguiar. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:1. pp. 5-26.

AUBRY, Thierry; SAMPAIO, Jorge. Davide (2003) - Remontagem de rochas termo-alteradas: Um meio de reconstrução dos modos de funcionamento de estruturas de combustão no sítio da Olga Grande 4 (Almendra, Vila Nova de Foz Côa). In MATEUS, José Eduardo; MORENO-GARCIA Marta, eds. - *Paleoecologia Humana e Arqueociências, Um Programa Multidisciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. Trabalhos de Arqueologia. 29, pp. 331-335.

SAMPAIO, Jorge Davide (2009) – *Abordagem experimental aplicada ao estudo de estruturas Gravetenses do Sítio de Olga Grande (V.N. Foz Côa)*. Mestrado da Universidade do Porto.

7. Ferramentas dos primeiros artistas do Côa

Em 1998, no nível de ocupação que contém as fogueiras e as estruturas feitas de lajes de granito, datado de cerca de 30 000 anos, foram encontradas várias ferramentas em quartzito, afeiçoadas para criar uma extremidade aguçada e de forma triangular. O estudo do desgaste desta parte da ferramenta, comparado com o resultado de experimentações com réplicas destas peças, revelou que estes utensílios foram preparados para ser mais resistentes e podem produzir impactos de forma triangular e fundo plano, de morfologia semelhante aos observados em algumas das gravuras dos sítios do fundo do vale, como num dos cavalos do painel 1 da Canada do Inferno.

Este facto não autoriza relacionar diretamente as gravuras com o nível de ocupação datado de cerca de 30 000 anos, onde foram encontradas estas ferramentas, mas forneceu um argumento forte, confirmando as atribuições cronológicas fundamentadas no estilo das representações. Ou seja, permitiu estabelecer que o ciclo da arte do Côa se inicia numa fase antiga do Paleolítico Superior, paralelamente à arte das grutas, e que

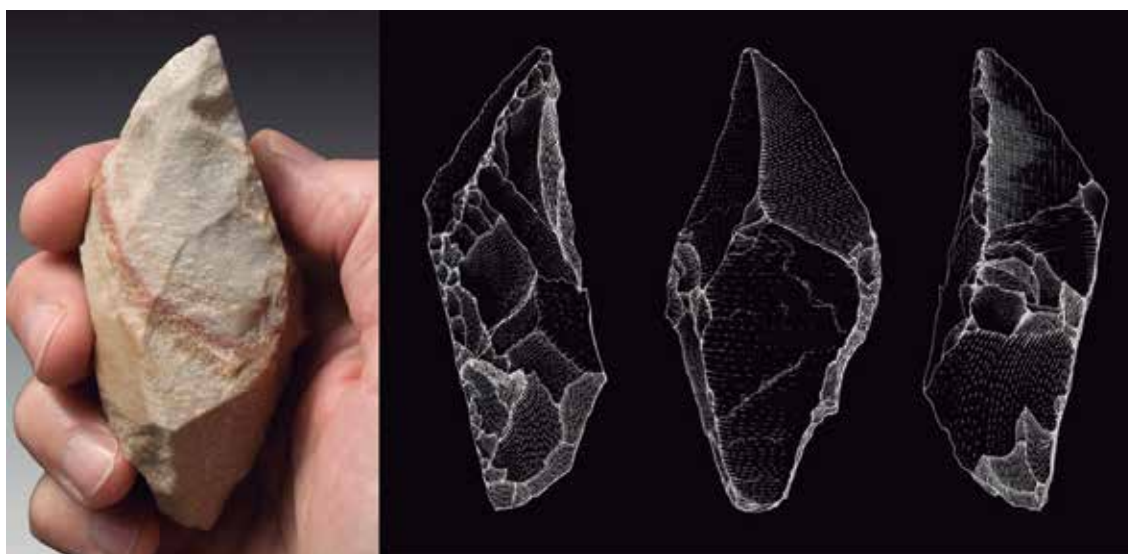


Fig. 16: Um dos picos de quartzito que podem ter sido utilizado na realização de gravuras pela técnica da picotagem. Foto de José Paulo Ruas. Desenhos de Thierry Aubry.



Fig. 17: Realização de impactos com uma replica das peças arqueológicas. Foto de José Paulo Ruas.



Fig. 18: Macrofotografia da extremidade de um dos picos arqueológicos. Foto de Hugues Plisson.

não constitui um epifenómeno da arte paleolítica, uma das hipóteses avançadas no momento da descoberta.

BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; ALCOLEA GONZÁLEZ, José Javier; SANTONJA GÓMEZ, Manuel (1996) - *Arte rupestre paleolítico al aire libre de la cuenca del Duero: Siega Verde y Foz Côa*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques.

PLISSON, Hugues (2009) – Analyse tracéologique de 4 pics d’Olga Grande : des outils pour les gravures de plein air ? In AUBRY, Thierry, ed. - *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa, IGESPAR, I. P. Trabalhos de Arqueologia. 52, pp. 436-443.

8. Fariseu: confirmação arqueológica da cronologia paleolítica

Em 1999, o abaixamento temporário do nível da barragem do Pocinho para permitir a realização de obras nos pilares da ponte de Barca d’Alva, possibilitou a realização de uma sondagem frente à rocha 1 do Fariseu. Este sítio corresponde a um amplo meandro na margem esquerda do Rio Côa, numa posição intermediária entre os sítios de gravuras de Ribeira de Piscos e de Vale Figueira.

Estes trabalhos, realizados em dezembro, revelam, pela primeira vez desde a descoberta da arte paleolítica ao ar livre, a existência de painéis gravados, ocultos por depósitos que contêm vestígios de ocupações humanas paleolíticas, e põem fim às dúvidas que podiam ainda existir sobre a cronologia desta arte. A descoberta e identificação, durante a escavação, de uma ponta de morfologia e modo de confecção característicos do fim do Paleolítico Superior, na camada que oculta metade do painel gravado, confirma-



Fig. 19: Meandro do Fariseu durante um dos abaixamentos da cota da água da barragem do Pocinho. Foto de José Paulo Ruas.



Fig. 20: Escavação realizada frente à rocha gravada 1 do Fariseu. Foto de Thierry Aubry.

ram a validade da atribuição estilística da arte utilizada no momento da descoberta, quando ainda não se conhecia o seu contexto. Em 2005, as amostras recolhidas durante a sondagem de 1999, foram datadas pelos métodos da termoluminescência e da luminescência e, posteriormente, pelo carbono 14, sobre osso, e provam que as camadas que ocultavam a rocha gravada se depositaram entre 18 000 e 12 000 anos.

As escavações de 2005 e 2007 evidenciaram um painel gravado de 85 figuras sobrepostas e estabeleceram a relação estratigráfica com as camadas em contacto dire-



Fig. 21: Momento da escavação da camada 4.
Foto de Thierry Aubry



Fig. 22: Rocha 1 com as gravuras ainda tapadas pelos sedimentos da camada 6 que foi datada de cerca de 15 000 anos.
Foto de Thierry Aubry



Fig. 23: Ponta com um dorso retocado de morfologia curva, dito de tipo azilense, encontrada na camada 4 datada de cerca de 12 000 anos. Foto de José Paulo Ruas.



Fig. 24: Filmagem do documentário “Côa; la rivière aux milles gravures”. Fotos de Thierry Aubry.

to, a qual forneceu dados indicativos de que o conjunto faz parte de uma composição e não de uma acumulação desconexa, e de que a ocupação do espaço gráfico não tem relação com a crescente sobreposição de estratos sedimentares, antes foi definida no ato da composição do painel.

Durante a campanha de 2005, no âmbito da elaboração do documentário “*Côa; la rivière aux milles gravures*” Jean-Luc Bouvret e a sua equipa de filmagem, acompanharam durante 3 semanas o dia a dia da escavação no sítio do Fariseu, testemunharam a descoberta de dezenas de plaquetas de xisto gravadas, no nível de ocupação datado de 12 000 anos e a revelação das figuras da parte esquerda do painel, ainda recobertas por depósitos paleolíticos.

AUBRY, Thierry; BAPTISTA, António Martinho (2000) - Une datation objective de l'art du Côa. *La Recherche*, Hors série n°4, pp. 54-55.

AUBRY, Thierry; LUÍS Luís; SAMPAIO Jorge Davide (2007) - Primeira datação absoluta para a arte paleolítica ao ar livre: os dados do Fariseu (Vila Nova de Foz Côa). *Al-Madan*. 14, pp. 48-52.

AUBRY, Thierry; SANTOS, André Tomás; LUÍS, Luís (2014) - Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurelle d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal). In PAILLET, Patrick, dir. - *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation*. Actes du colloque « Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique », MADAPCA - Paris, 16-18 novembre 2011, PALEO. numéro spécial, pp. 259-270.

MERCIER, Norbert; VALLADAS, Hélène; AUBRY, Thierry; ZILHÃO, João; JORON, Jean-Louis; REYSS, Jean-Louis; SELLAMI, Farid (2006) - Fariseu: first confirmed open-air Palaeolithic parietal art site in the Côa Valley (Portugal), *Antiquity*. 80, pp. 310, Durham, Durham University, project gallery <http://www.antiquity.ac.uk/projgall/mercier/>.

BOUVRET, Jean-Luc (2006) - *Côa, la rivière aux milles gravures*, 52 minutes, produzido por Gabriel Chabanier (Le Miroir).

9. Retratos de natureza viva e morta

Frente à Rocha 1, durante a sondagem realizada em 1999, dois seixos de xisto, com representações figurativas realizadas por incisão foram descobertos na camada 4, datada de há cerca de 12 000 anos. Um destes foi encontrado a menos de 20 cm do painel gravado há milhares de anos, quando a sua base já estava tapada por várias camadas de sedimentos e só a parte superior era visível.

A proximidade do painel gravado atribuído à fase antiga, parcialmente visível há 12 000 anos e a comparação com a Quinta da Barca, um sítio que apresenta vestígios de indústria lascada e datas semelhantes, sugerem que a visibilidade da arte de fases anteriores do Paleolítico Superior, apesar de incompletamente exposta, foi reconhecida e pode ter tido uma influência sobre a densidade excepcional de arte móvel no sítio do Fariseu (89 peças numa área escavada de 56 metros quadrados).

A oportunidade de escavar outra vez na parte submersa pela albufeira da barragem do Pocinho, em 2005 e 2007, confirmou a existência de várias plaquetas de xisto gravadas e revelou a sua associação com seixos pintados na camada da ocupação datada de 12 000 anos.

Só uma das 3 áreas que foram escavadas, na camada datada de cerca de 12 000 anos, preserva os restos dos animais que foram caçados e pescados. O seu estudo revelou que, ao lado de herbívoros (camurça, veado), estão representados o javali, o coelho, várias espécies de peixes do rio e uma espécie migratória marinha que sobe os rios durante



Fig. 25: Seixo de xisto gravados no momento da sua descoberta na camada 4, datada de 12 000 anos. Foto de Thierry Aubry.

a primavera (o sável), atestada pela presença de vértebras. Estes dados, baseados nos restos encontrados, comparados com as espécies representadas na arte móvel da mesma camada, confirmam que só uma parte dos animais que viviam neste território e foram explorados estão representados (essencialmente os cervídeos e capríneos).

GARCÍADIEZ, Marcos; AUBRY, Thierry (2002) - Grafismo mueble en el Valle de Côa (Vila Nova de Foz Côa, Portugal): La estación arqueológica de Fariseu, *Zephyrus*. 55, pp. 157-182.

GABRIEL, Sónia Marques; BÉAREZ, Philippe (2009) - Caçadores-pescadores do vale do Côa: os restos de fauna do sítio do Fariseu, In AUBRY, Thierry, ed. -, *200 séculos de história do Vale do Côa: Incurções na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. Trabalhos de Arqueologia. 52, pp. 331-339.

SANTOS, André Tomás; BARBOSA, António Fernando; AUBRY, Thierry; GARCÍA DÍEZ, Marcos; SAMPAIO, Jorge Davide (2018) - O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa)”, *Portvgalia*, Nova Série. 39, pp. 5-96.

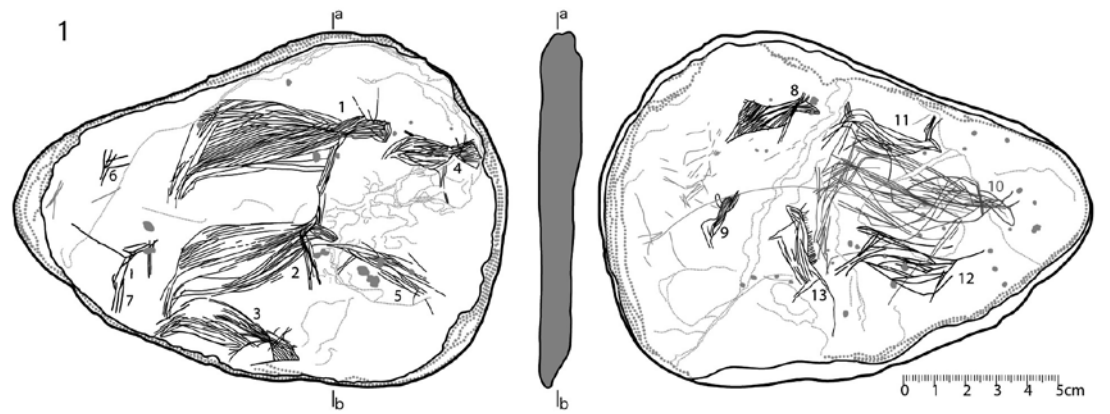


Fig. 26: Desenho por decalque direto das figuras incisadas representadas nas duas faces do seixo. Decalque de Fernando Barbosa.



Fig. 27: Exumação de uma plaqueta durante a escavação de 2005. Foto de Thierry Aubry.



Fig. 28: Vértebra de sável. Foto de José Paulo Ruas.

10. Viver sem sílex

Desde 2002, ano de defesa da tese de Doutoramento de Javier Mangado Llach na Universidade de Barcelona, investigador que estudou os sílices das ocupações do Paleolítico Superior do sítio da Cardina - Salto do Boi, sabemos que este tipo de rocha representa menos de 5% dos restos de pedras lascadas. Todavia, o sílex está sistematicamente presente e foi utilizado preferencialmente para o fabrico das armas de caça. A identificação da origem do sílex presente nos sítios do Côa mostra que esta rocha, cortante e resistente e que não existe naturalmente na região, foi trazida de fontes distantes do Vale do Côa.

As prospeções de potenciais fontes regionais da bacia do Douro e os estudos mostram que junto com estas matérias-primas originárias de outras regiões do Centro de Portugal e do interior da Meseta, os caçadores-recolectores do Paleolítico Superior da região exploraram outros tipos de rochas locais (quartzo ou quartzito), ou variedades de rochas siliciosas de grão fino que aparecem localmente, sob a forma de filões, associadas ao quartzo.

ABRUNHOSA, Ana, DIMUCCIO, Luca Antonio, AUBRY, Thierry, RIBEIRO, Maria dos Anjos., (2022) - Quartzite characterization and provenance analysis protocol – a case study of lithic raw materials available in the Côa valley (northeast Portugal). *Abstract book, 28th Annual European Association of Archaeologists Meeting*, 31 August to 3 September 2022, Budapest, Hungary.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; MANGADO LLACH, Javier; MATIAS, Henrique (2012) - We



Fig. 29: Prospeções e inventário das rochas siliciosas da região do Vale do Côa, na Horta da Vilariça.
Foto de Thierry Aubry.

will be known by the tracks we leave behind: exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal). *Journal of Anthropological Archaeology*. 31, pp. 528-550.

AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; MANGADO LLACH, Javier, LUÍS, Luís, MATIAS, Henrique, PEREIRO, Telmo (2016) - Upper Palaeolithic lithic raw material sourcing in Central and Northern Portugal as an aid to reconstructing hunter-gatherer societies. *Journal of Lithic Studies*. 3:2 doi: 10.2218/jls.v3i2.1436

MANGADO LLACH, Javier, (2005) - *La caracterización y el aprovisionamiento de los recursos abióticos en la Prehistoria de Cataluña: las materias primas silíceas del Paleolítico Superior Final y el Epipaleolítico*, BAR International Series. 1420. Oxford: Archaeopress..

11. Regresso à Cardina Salto do Boi

Depois de mais de 10 anos de paragem, em 2014, reiniciaram-se as escavações no sítio da Cardina-Salto do Boi, com o intuito de conhecer melhor a ocupação deste sítio. As sondagens mostraram que os vestígios evidenciados no primeiro metro de profundidade, existiam em toda a área aplanada do topo do meandro e em densidade semelhante, confirmando a importância deste sítio no povoamento do baixo Côa e explicando, em parte, a densidade da arte ali executada.

Uma das sondagens de 2014 evidenciou, apenas num canto, uma acumulação de elementos pétreos, calibrados (entre 10 e 20 cm) previamente utilizados para delimitar as fogueiras. O alargamento da área de escavação nos anos seguintes revelou que esta acumulação de pedras não pertencia a uma fogueira, mas a uma grande estrutura de forma circular, de cerca de 5 metros de diâmetro. A existência de uma fossa na sua periferia e a raridade das remontagens entre blocos queimados que se observa nas fogueiras do planalto, sugerem que se trata do pavimento que ocupava o fundo de uma cabana e a fossa periférica poderia ter uma função de drenagem.

As campanhas seguinte mostraram, também, que as escavações anteriores não



Fig. 30: Um das sondagens realizadas em 2014 no sítio de Cardina – Salto do Boi. Foto de José Paulo Ruas.



Fig. 31: Escavação da estrutura circular gravettense datada de 29 000 anos. Foto de Thierry Aubry.

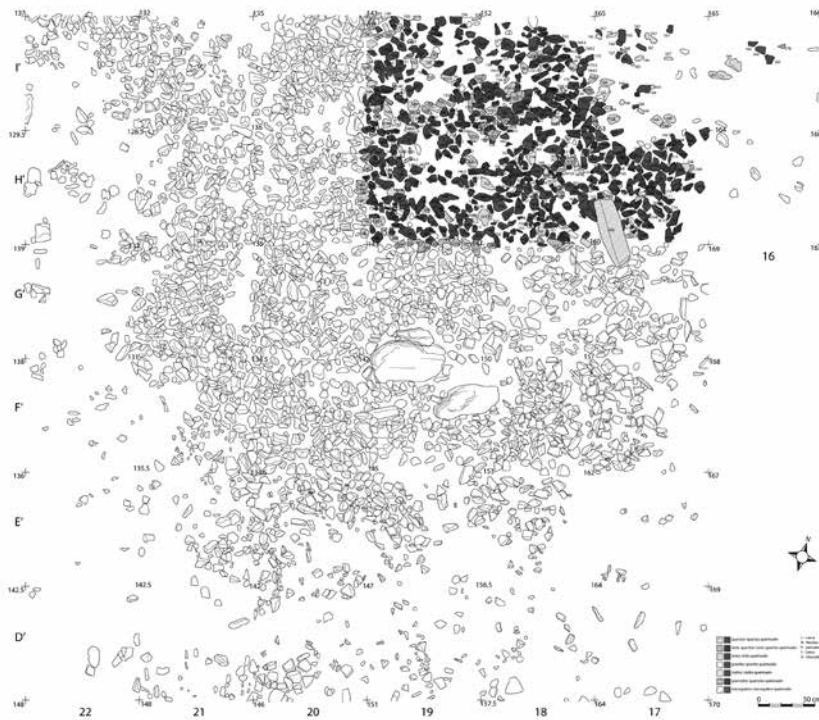


Fig. 32: Planta da acumulação de blocos rochosos que constituem a base da estrutura. Desenho de André Santos.

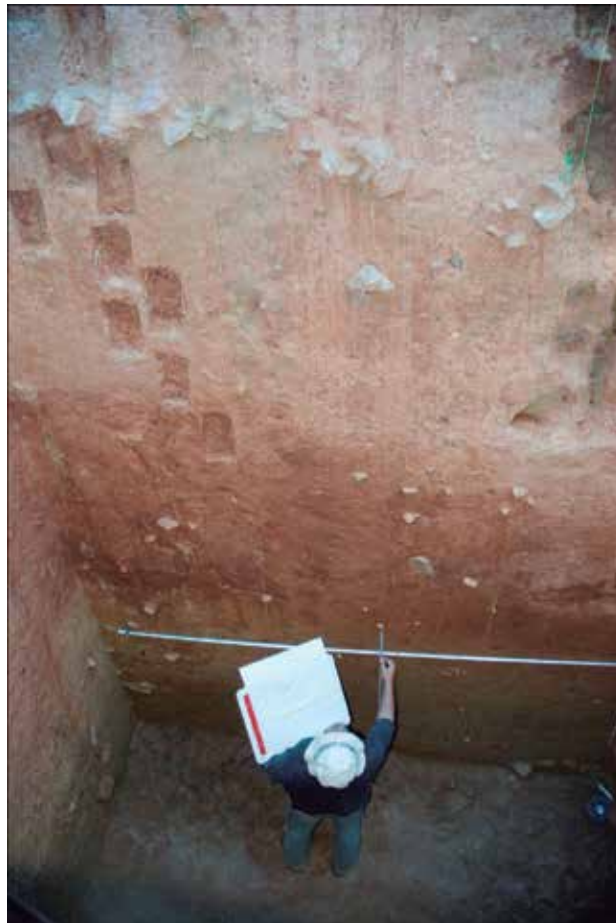


Fig. 33: Corte estratigráfico de 5 metros de espessura que preserva os vestígios de ocupação do Paleolítico Médio e Superior. Foto de André Santos.

tinham evidenciado a totalidade do potencial do sítio e que o preenchimento sedimentar sobreposto à rocha mãe era de cerca de 5 metros de espessura.

12. Ser modernos?

Os trabalhos desenvolvidos a partir de 2014 evidenciaram, sob as camadas conhecidas desde 1995, as quais forneceram datas de cerca de 27 000 - 29 000 anos, a existência de vestígios de ocupação atribuíveis aos primeiros homens anatomicamente modernos. A sua presença no sítio e região, traduz-se pelo nível datado pela luminescência de cerca de 34 000 e por outro de 32 000 anos, preservados nas areias finas depositadas durante as cheias mais fortes do Rio Côa. Encontraram-se pequenos objetos de sílex, que armavam projéteis de caça ou foram utilizados para outras funções, e possuem características atribuíveis do Aurignacense (do sítio de Aurignac, Haute-Garonne, França) e do Gravettense (do sítio de la Gravette, na Dordonha, França) associadas a concentrações de pedras queimadas, material que se conservou nos solos ácidos da região e denunciam a presença de fogueiras.

AUBRY Thierry; DIMUCCIO, Luca; BARBOSA, António Fernando; LUÍS Luís; SANTOS, André Tomás, SILVESTRE Marcelo, THOMSEN, Kristina Jørkov; RADES, Eike; AUTZEN, Martin, MURRAY; Andrew Sean (2020) -Timing of the Middle-to-Upper Palaeolithic transition in the Iberian inland (Cardina-Salto do Boi, Côa Valley, Portugal). *Quaternary Research*. 98, pp. 81-101.



Fig. 34: Lamela de sílex típica do Aurignacense, 34 000 anos. Foto de Fernando Barbosa.



Fig. 35. Ferramentas típicas do Gravettense, 32 000 anos.
Foto de Fernando Barbosa.



Fig. 36: Escavação dos blocos de quartzo que testemunham a existência de uma fogueira no nível datado de 32 000 anos. Foto de Thierry Aubry.

13. O primo afastado

As escavações arqueológicas no sítio da Cardina Salto do Boi possibilitaram a descoberta de conjuntos de pedra lascada, considerados dos vestígios mais inequívocos da presença humana, visto que resultam da fratura artificial de rochas para a obtenção de suportes destinados ao fabrico ou aproveitamento como utensílios. Este aspeto é particularmente relevante para o estudo da evolução humana, uma vez que os vestígios arqueológicos descobertos testemunham a ocupação do sítio em diferentes cronologias do Paleolítico (de 12 a 150 000 anos antes do presente) e pertencem tanto ao *Homo sapiens sapiens* (o Homem anatomicamente moderno), como ao *Homo sapiens neanderthalensis* (O Homem de Neandertal). Por esta razão, este sítio arqueológico oferece uma oportunidade única para investigar o problema da transição entre o Paleolítico Médio e o Paleolítico Superior (datada, a sul do vale do Ebro, de cerca de 36 500 anos antes do presente) e, portanto, da transição entre a ocupação do sítio pelos dois grupos humanos.

Um núcleo e uma lasca em riólito foram exumados na unidade estratigráfica 7, recentemente datada de há cerca de 150 000 anos atrás. A remontagem bem-sucedida das duas peças permite afirmar que pertencem ao mesmo evento tecnológico, embora não tenham sido encontrados juntas, ainda que no mesmo pacote sedimentar, e constitui, por essa razão, um indicador do bom estado de preservação do sítio. O núcleo e a lasca resultaram de uma exploração do bloco de matéria-prima baseada na sua divisão em duas faces convexas e opostas, tal como as que caracterizam um objeto voador não

identificado. A extração de lascas realizou-se a partir do plano que separa as duas faces, com base num princípio semelhante àquele que subjaz à divisão da terra em dois hemisférios. Tanto a lasca como o núcleo se caracterizam pela presença de superfície natural da rocha, o que significa que a exploração do núcleo não se encontrava muito avançada quando foi abandonado. De facto, as últimas extrações resultaram mais curtas que o intencionado, impossibilitando o prosseguimento idealizado da exploração do bloco. A matéria-prima utilizada encontra-se disponível nas imediações do sítio, o qual é atravessado por um filão de pórfiros riolíticos e graníticos. O recurso a esta rocha foi documentado ao longo de toda a sequência estratigráfica. No entanto, é na unidade estratigráfica 7 que a evidência da sua utilização assume maior importância.

A ponta triangular é um tipo de lasca frequentemente obtida pelo método de debitage descrito, apesar de o exemplar apresentado se distinguir daqueles mais comuns neste tipo de produções, uma vez que o ápex da ponta se encontra alinhado com a sua base. Caracteriza-se por apresentar negativos de extrações anteriores na sua superfície externa que lhe conferem uma morfologia pontiaguda. Este tipo de lasca não se encontra associada a um único método de talhe, podendo ser produzida aplicando diversas estratégias, as quais dependeriam tanto de fatores socioeconómicos e culturais, como ambientais. De igual forma, a sua obtenção podia, ou não, constituir o objetivo principal da ação de talhe. Estima-se que as pontas fossem valorizadas pela sua polivalência, não servindo apenas de pontas de projétil. Alguns exemplares retêm evidências da sua função cinegética, como a presença de fraturas diagnósticas ou, inclusive, de vestígios de encaibamento, mas também mostram estigmas de utilização como faca para o desmanche de animais, remoção de peles e trabalho de madeira, couro e osso. A datação obtida para a ponta triangular exumada na unidade estratigráfica 5 do sítio da Cardina Salto do Boi cobre um intervalo de tempo relativamente amplo, entre os 85 e os 50 mil anos. A variante de quartzo utilizada encontra-se tratada termicamente, o que lhe confere um aspeto lustroso e uma cor branca, opaca.

Do mesmo tipo de quartzo, dentro do mesmo pacote sedimentar e, inclusive, do mesmo intervalo de tempo, foi encontrado um utensílio de pequenas dimensões (1,66 x 1,42 cm). Trata-se de uma lasca quadrangular com o extremo oposto à base retocado. A sua morfologia é uma consequência de, pelo menos, duas extrações anteriores paralelas ao longo dos bordos laterais e uma transversal no topo. O retoque é visível na face exterior e composto por três pequenas extrações contínuas e curtas. Este achado é bastante curioso, visto que apesar de terem sido documentadas descobertas semelhantes noutros sítios arqueológicos da mesma cronologia ou anteriores (p. ex. Tata-Porhanyó, na Hungria; Abric Romaní e Navalmaíllo, em Espanha), a sua inclusão no *toolkit* das comunidades de caçadores-recolectores neandertais é, todavia, considerada com alguma reserva. Inclusive, na perspetiva de alguns autores, a menor dimensão da mão do Homem Neandertal constituiria um constrangimento biomecânico à habilidade necessária para a produção intencional de indústria tão pequena. Porém, a crescente constatação da presença deste tipo de produtos nos conjuntos de indústria lítica sugere, talvez independentemente de certas limitações físicas, que a produção deste tipo de implemento não seria tão marginal quanto se pensava. Outro aspeto interessante sobre esta peça reside no facto de, além da sua reduzida dimensão, apresentar retoque. O quartzo é uma matéria-prima difícil de trabalhar, uma vez que, muitas vezes, apresenta planos de fratura preferenciais internos que tornam o seu comportamento mecânico imprevisível. Por essa razão, ainda que nas mãos de talhadores experientes, os quais teriam o domínio técnico para deter-

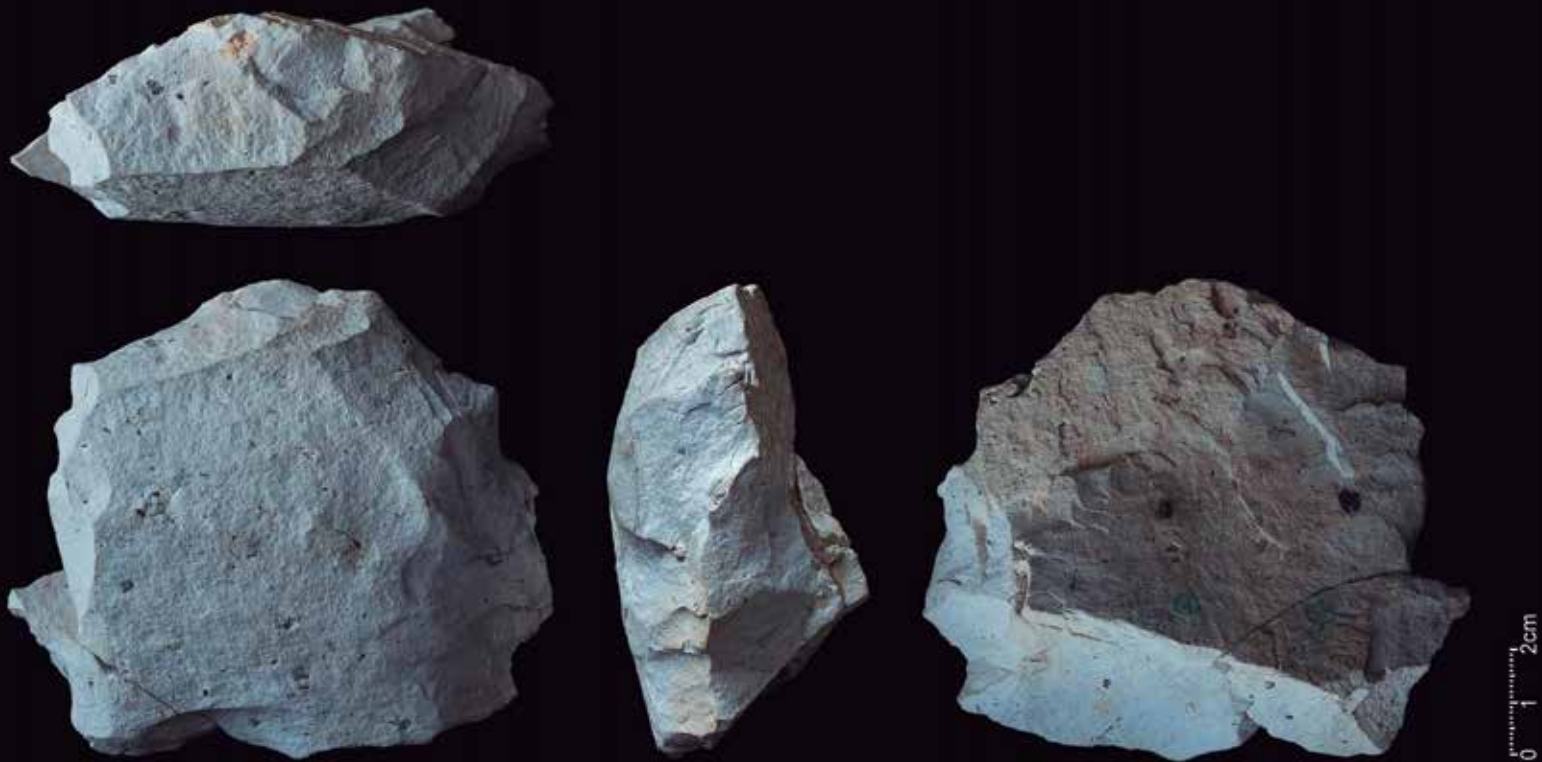


Fig. 37: Remontagem de uma lasca e núcleo discoide em riólito (cerca de 150 000 anos). Foto de Fernando Barbosa.



Fig. 38: Ponta triangular em quartzo (80-50 000 anos). Foto de Fernando Barbosa.



Fig. 39: Pequena lasca quadrangular retocada (80-50 000 anos). Foto de Fernando Barbosa.



Fig. 40: Lasca em cristal de rocha (cerca de 50 000 anos). Foto de Fernando Barbosa.

minar algumas das características dos produtos que pretendiam extrair, mais do que nou- tro tipo de matéria-prima, parte significativa do sucesso da extração dependeria das par- ticularidades do mineral. Alguns dos artefactos de pequena dimensão provenientes do sítio arqueológico de Tata-Porhanyó, na Hungria, que exibem vestígios de utilização e/ ou encabamento, caracterizam-se por apresentar um gume oposto a uma base, morfolo- gia semelhante à do pequeno utensílio encontrado na Cardina Salto do Boi, para o qual, no entanto, ainda não foi feita uma análise focada na identificação de vestígios de uso. Por sua vez, o estudo de alguns dos conjuntos de indústria lítica do sítio catalão de Abric Romaní, em particular daqueles atribuíveis a ocupações de há cerca de 50-55 000 anos, permite, de acordo com os seus autores, afirmar, sem espaço para dúvidas, que, ali, a produção de pequenos suportes foi deliberada. Idêntico é o caso do abrigo de Navalmaíllo, em Madrid, onde o conjunto de indústria lítica é composto por núcleos de reduzida dimensão, os quais remetem para estados mais e menos avançados da sua exploração, e respetivas lascas. Ali, a utilização de suportes pequenos para o fabrico de utensílios en- contra-se documentada pela existência de um denticulado em quartzo com 1 cm de comprimento, 1,2 cm de largura e 0,4 cm de espessura. O depósito de onde foi exumado este conjunto tem uma datação de 77 000 anos.

No sítio da Cardina, durante o Paleolítico Superior, a exploração de cristal de rocha torna-se mais frequente. Não obstante, ela encontra-se documentada ao longo de toda a unidade estratigráfica 5, o que significa que também foi uma matéria-prima utili- zada pelas comunidades de caçadores-recolectores neandertais. A julgar pela presença de superfície natural na maioria das lascas encontradas e de dejetos diagnósticos da ação de talhe no conjunto exumado, alguns dos cristais terão sido trazidos para o sítio em estado bruto ou ligeiramente preparados e trabalhados no local. Como reforço desta interpreta- ção, verifica-se que esta matéria-prima se encontra disponível a, pelo menos, 5 km do sítio. A exploração deste recurso, encontra-se atestada noutros sítios arqueológicos com ocupação neandertal, não apenas pela presença de utensílios (p. ex. Abri des Merveilles e Champ Grand, na França), mas também de núcleos, lascas e outros dejetos de talhe (p. ex. Navalmaíllo, em Espanha). Inclusive, no abrigo de Navalmaíllo, verifica-se que os núcleos em cristal de rocha foram abandonados num estado avançado de exploração e que este material apresenta a maior percentagem de suportes retocados, o que indica que, realmente, seria bastante apreciado, sobretudo para o fabrico de utensílios.

Aquilo que, de momento, se pode afirmar sobre a ocupação neandertal do sítio da Cardina é, em primeiro lugar, que o sítio se manteve parte integrante de um território de exploração ao longo de, pelo menos 100 000 anos, dado que todas as unidades estrati- gráficas forneceram materiais arqueológicos. Tal não testemunha, no entanto, uma pre- sença constante no sítio, mas provavelmente recorrente: o grupo de caçadores-recolecto- res viria, estabelecer-se-ia no sítio por um determinado período e, concluído aquilo que vinha fazer, voltaria a partir.

Em segundo lugar, os grupos de caçadores-recolectores neandertais do sítio da Cardina sustinham-se através da exploração de recursos líticos locais, encontrando-se, a maioria, disponível nas imediações do sítio. Este aspeto, associado ao tipo de estratégias de talhe utilizadas, como a descrita, as quais se caracterizam por ser mais rentáveis e ex- pedientes, sugere que estes grupos mantinham um elevado grau de mobilidade. De igual forma, demonstra que, no sítio da Cardina, a disponibilidade de recursos líticos não constituiu um constrangimento ambiental, sendo as matérias-primas locais suficientes para o sucesso adaptativo destes grupos.

Em contrapartida, os grupos de caçadores-recolectores *Homo sapiens sapiens* optavam por explorar outros tipos de matéria-prima, algumas das quais apenas se encontravam disponíveis a mais de 25 km do sítio e outras, inclusive, a mais de 100 km.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; GAMEIRO, Cristina; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo (2022) – Far from flint: Inferring land-use and social networks from Middle and Upper Palaeolithic lithic assemblages (Cardina-Salto do Boi, Coa Valley, Portugal). *Journal of Archaeological Science: Reports*. 42, pp. 1-24.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo (2016) – Quartz use in the absence of flint: Middle and Upper Palaeolithic raw material economy in the Coa Valley (North-eastern Portugal). *Quaternary International*. 424, pp. 113-129.

BOREL, Antony; DOBOSI, Viola; MONCEL, Marie-Hélène (2017) – Neanderthal's microlithic tool production and use, the case of Tata (Hungary). *Quaternary International*. 435, pp. 5-20.

COUDENNEAU, Aude. (2013) – *Éléments triangulaires et armes de chasse au Paléolithique moyen. Constats et réflexions à travers l'étude techno-morpho-fonctionnelle de quatre séries d'Europe occidentale*. Aix-Marseille Université.

DRISCOLL, Killian. (2010) – *Understanding quartz technology in early prehistoric Ireland*. Dublin: UCD School of Archaeology.

EIXEA, Aleix; ROMAGNOLI, Francesca; BARGALLÓ, Amèlia; GÓMEZ DE SOLER, Bruno; VAQUERO, Manuel; CHACÓN, M. Gema (2020) – Micro-lithic production at Abric Romaní levels L and Ob: Exploring economic and evolutionary implications for Neanderthal societies. *Journal of Archaeological Science: Reports*. 31. pp.102280, <https://doi.org/10.1016/j.jasrep.2020.102280>

MÁRQUEZ, Bélen; MOSQUERA, Marina; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; ARSUAGA, Juan Luis; BAQUEDANO, Enrique; PANERA, J.; ESPINOSA, J. A.; GÓMEZ, J. (2013) – Evidence of a Neanderthal-Made Quartz-Based Technology at Navalmaíllo Rockshelter. *Journal of Anthropological Research*. 69:3, pp. 373-395.

SÁNCHEZ-ROMERO, Laura; CANALS, Antoni; PÉREZ-GONZÁLEZ, Alfredo; MÁRQUEZ, Belén; MOSQUERA, Marina; KARAMPAGLIDIS, Theodoros; ARSUAGA, Juan Luis; BAQUEDANO, Enrique (2017) – Breaking the palimpsest: an approach to the cultural sequence of Neanderthal occupation at the Navalmaíllo rockshelter, Pinilla del Valle (Spain). *Trabajos de Prehistoria*. 74:2, pp. 225-237.

TURQ, Alain (2018) – Territoires et Mobilité. In PATOU-MATHIS, Marylène; DEPAEPE, Pascal, eds. – *Néandertal*. Paris: Gallimard; Muséum national d'histoire naturelle, pp. 57-62.

14. Muito mais para contar: regresso à Penascosa

As sondagens realizadas em agosto de 1995, em frente das rochas 4 e 5 da Penascosa, sob a direção de João Zilhão, mostraram que os petróglifos que ocupam o limite da planície aluvial atual estão recobertos por camadas depositadas pelo Rio Côa.

As datas obtidas por luminescência ou carbono 14 e os objetos metálicos e cerâmicas encontrados nestas camadas indicam que os sedimentos que ocultavam estas gravuras datam de há menos de 6000 anos. Por isso, não podem preservar vestígios contemporâneos da realização da arte e fornecer argumento para as datar.

Durante mais de 25 anos, foi considerado que estas duas sondagens e as prospeções efetuadas para detetar novas rochas gravadas tinham revelado a integralidade do potencial dos sítios de gravuras da Penascosa e da Quinta da Barca e que o registo sedimentar preservado não era contemporâneo do Paleolítico, pelo que não se justificavam novos trabalhos de escavação.

Todavia, em 2018, novas sondagens na Penascosa foram realizadas com o intuito de evidenciar se existiam depósitos aluviais preservados e vestígios de ocupação durante o Paleolítico Superior em cotas mais altas. Estes trabalhos não tiveram os resultados esperados. Não foi possível evidenciar vestígios de depósitos mais antigos,

mas revelaram a existência de vestígios de pedra lascada preservadas por baixo de blocos caídos que podem ser atribuídos ao fim do Paleolítico Superior e de duas novas rochas gravadas (rochas 37 e 38) atribuíveis a esta fase. A posição destas rochas, de cronologia mais recente no ciclo artístico do Paleolítico Superior, na parte baixa, permitiu propor uma reconstituição da evolução do preenchimento aluvial e da topografia desta porção do vale, que sugere ter sido afetada por uma sucessão de fases de preenchimento e de erosão que podem explicar o facto de as rochas gravadas mais antigas estarem localizadas nas cotas mais altas da vertente.

A realização de sondagens geofísicas no sítio revelou a continuação da diáclase de um dos painéis gravados, descoberto em 2018, por baixo de sedimentos recentes, e a possível existência de gravuras!



Fig. 41: Rocha gravada 37 da Penascosa antes da escavação. Foto de André Santos.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomas; SILVESTRE, Marcelo (2021) - Descoberta de duas novas rochas no núcleo de arte rupestre da Penascosa. Vila Nova Foz Côa. In NALDINHO, Sandra; SILVINO, Tony, eds. - *Estudos Em Homenagem Ao Doutor António Do Nascimento Sá Coixão*. Vila Nova Foz Côa: Museu da casa Grande de Freixo de Numão, pp. 337-370.

ZILHÃO, João, coord. (1997) - *Arte rupestre e Pré-história do Vale do Côa*. Trabalhos de 1995-1996, Lisboa, Ministério da Cultura.



Fig. 42: Descoberta da rocha 37 durante a realização da escavação. Foto de António Jerónimo.

15. Fariseu, segunda temporada

No início do ano 2020, pouco antes da pandemia de Covid-19, iniciou-se uma sondagem frente à rocha 9 do Fariseu. Este painel, descoberto pouco depois da realização da sondagem de 1999 situada na frente da rocha 1 do mesmo sítio, está localizado a cerca de 100 metros a montante. Até à data, só se conhecia um traço picotado de cerca de 50 cm, em parte de um painel de menos de um metro quadrado.

A sondagem realizada no contacto com a rocha trouxe resultados inesperados. Vinte anos depois da descoberta da rocha 1, os trabalhos revelam que o traço conhecido pertencia a um auroque de 3,5 metros e a existência, no sítio, de um outro painel atribuível a uma fase antiga. Além do grande auroque, a exposição da rocha mostra uma sobreposição de figuras de auroques fêmeas, cervas, cavalos e veados, ocultadas por depósitos que contêm vestígios arqueológicos. No sítio do Fariseu, mais uma vez, demonstrou-se que é possível encontrar as condições de preservação que permitem relacionar a arte com o seu contexto geológico e arqueológico e que algumas das rochas gravadas ainda estão por descobrir.

O grande auroque, não só é a maior figura encontrada no Côa, como também a maior figura exclusivamente gravada do Paleolítico do Sudoeste europeu. Comparada com a rocha 1, a rocha 9 apresenta-se mais fraturada no seu limite superior e algumas das figuras estão claramente incompletas. Certos blocos resultantes da sua degradação encontraram-se no sítio onde caíram, nas camadas subjacentes e, ao contrário do que aconteceu com a Rocha 1, foi possível recolocar um destes fragmentos no seu lugar original da rocha gravada, durante a escavação.

Outra surpresa foi o facto destas escavações não terem evidenciado camada alguma com concentração de vestígios de ocupação do Azilense e da arte móvel associada equivalente à atestada, 100 metros a jusante, na área da rocha 1. Tal ausência pode



Fig. 43: Rocha 9 do Fariseu no fim de 2019, antes da realização das sondagens. Foto de Marcelo Silvestre.



Fig. 44: Durante as duas primeiras semanas da sondagem o grande auroque aparece progressivamente. Foto de Thierry Aubry.



Fig. 45: Escavação dos depósitos datados de entre 15 000 e 16 000 anos que ocultam as gravuras, o tubo metálico contém uma das duas amostras que foram datadas desta fase. Foto de Thierry Aubry.



Fig. 46: Remontagem de um fragmento da rocha gravado efetuado durante a escavação de 2021. Foto de Fernando Barbosa.

ser explicada pela possibilidade de a ocupação ter existido mais perto do rio, pelas diferenças na configuração topográfica do terreno entre as duas áreas ou pelo facto de a arte da fase antiga estar menos visível e ser menor a proximidade à rocha há 12 000 anos.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André Tomás; SILVESTRE, Marcelo (2020) - Fariseu, 20 anos depois: novidades da arte paleolítica do Côa. *Al-Madan online*. <http://hdl.handle.net/10400.26/33140>

16. Monumentalização

Em 2021, o abaixamento do nível da albufeira do Pocinho durante uma semana, permitiu alargar a área escavada e trazer à luz a integralidade do painel gravado, de cerca de 10 metros de extensão. A observação e o decalque das figuras, essencialmente representações de auroques fêmeas, revela uma homogeneidade da técnica de gravação e das convenções estilísticas utilizadas para as figuras do painel, como já foi constatado nos painéis com densas sobreposições atribuídas à fase antiga da arte do Côa.



Fig. 47: Escavação de 2021.
Foto de Thierry Aubry.



Fig. 48: A integralidade do painel gravado 9 do Fariseu é exposta no fim da escavação de 2021. Foto de André Santos.

Este novo painel, pelas convenções estilística, e temática, assim como pela densa sobreposição de figuras características da fase inicial da arte do Côa, acrescenta-se aos já conhecidos no Vale do Côa e mostra que, além da composição das figuras, provavelmente existe em cada painel uma organização espacial na escolha dos suportes em lugares de destaque, na deambulação ao longo do meandro e denota uma intenção de monumentalização da paisagem.

17. Um frio de rachar

Os depósitos evidenciados durante as escavações dos sítios de Cardina-sSalto do Boi e Olga Grande 4 foram objeto de estudos de geoarqueologia por Mercè Berga-

dà e Farid Sellami. Os objetivos consistiam em reconstituir os processos e os ambientes contemporâneos da formação das camadas sedimentares onde foram descobertos os vestígios da ocupação Paleolítica do Vale do Côa. Com base nestas análises, foi avançada uma proposta de reconstituição da evolução das condições climáticas e respetiva correlação com oscilações frias detetadas durante o último período glacial à escala do globo. No fim da campanha de 2021 frente à rocha 9 do Fariseu, no âmbito do projeto Climate@Côa dirigido pelo Doutor Luca Dimuccio, recolheram-se amostras para o estudo de micromorfologia. Esta metodologia de estudo utiliza blocos de sedimentos consolidados e cortados em lâminas para serem analisados ao microscópio. As observações da microestrutura permitem reconstituir a origem dos materiais e as condições ambientais contemporâneas da formação das várias camadas. Os resultados obtidos revelam que as camadas da base da sequência, anterior ao aquecimento do Holocénico (há menos de 11 700 anos), resultam essencialmente da fracturação pelo gelo dos afloramentos e da deslocação dos fragmentos ao longo da vertente, por ação da gravidade, num contexto muito mais frio.

AUBRY, Thierry; Dimuccio, Luca António; Bergadà, Maria Mercè; Sampaio, Jorge Davide; Sellami, Farid (2010) - Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art, *Journal of Archaeological Science*. 37 pp. 3306-3319.

DIMUCCIO, Luca António., ZAMBALDI, Maurizio ANGELUCCI, Diego; AUBRY, Thierry; RODRIGUES, Nelson; CUNHA, Lúcio (2022) - *Facies and microfacies characterization of relict periglacial stratified slope deposits in the Côa Valley region (northeast Portugal)*, Abstract of the EGU General Assembly 2022, Vienna, Austria, 23–27 May 2022, EGU22-7380.10.5194/egusphere-egu22-7380



Fig. 49: Recolha de amostras para o estudo de micromorfologia da autoria de Maurizio Zambaldi. Foto de André Santos.

18. Big puzzle e mais surpresas

Em 2022, foram conhecidos os resultados da datação de 3 das camadas que ocultam as gravuras da rocha 9 do Fariseu, obtidas pelo método da luminescência, sob a responsabilidade de Andrew Sean Murray e Kristina Jørkov Thomsen do Nordic Laboratory for Luminescence Dating da Aarhus University, em Risø, e do Center for Nuclear Technologies, Technical University of Denmark, DTU Risø Campus, na Dinamarca. O nível que continha a maioria dos fragmentos gravados originários do painel foi datado de entre 19 000 e 16 000 anos, idades equivalentes às obtidas, pelo mesmo método, em 2005, para a camada 7 que ocultava a parte inferior das gravuras da rocha 1.

Em 2022, os trabalhos concentraram-se na área localizada acima da cota da barragem do Pocinho. Por baixo do painel, foram encontrados mais fragmentos com parte de figuras gravadas, dos quais um foi remontado. A figura representa a mandíbula de um auroque, de morfologia característica de uma fêmea, que, completo, devia ter cerca de 2 metros e parece seguir o grande auroque macho evidenciado em 2020. Cada fragmento de mais de 10 centímetros encontrado durante a escavação foi localizado em 3 dimensões, permitindo um trabalho de remontagem sistemática, no laboratório e no sítio, para tentar reconstituir as porções gravadas ou não gravadas do painel original e

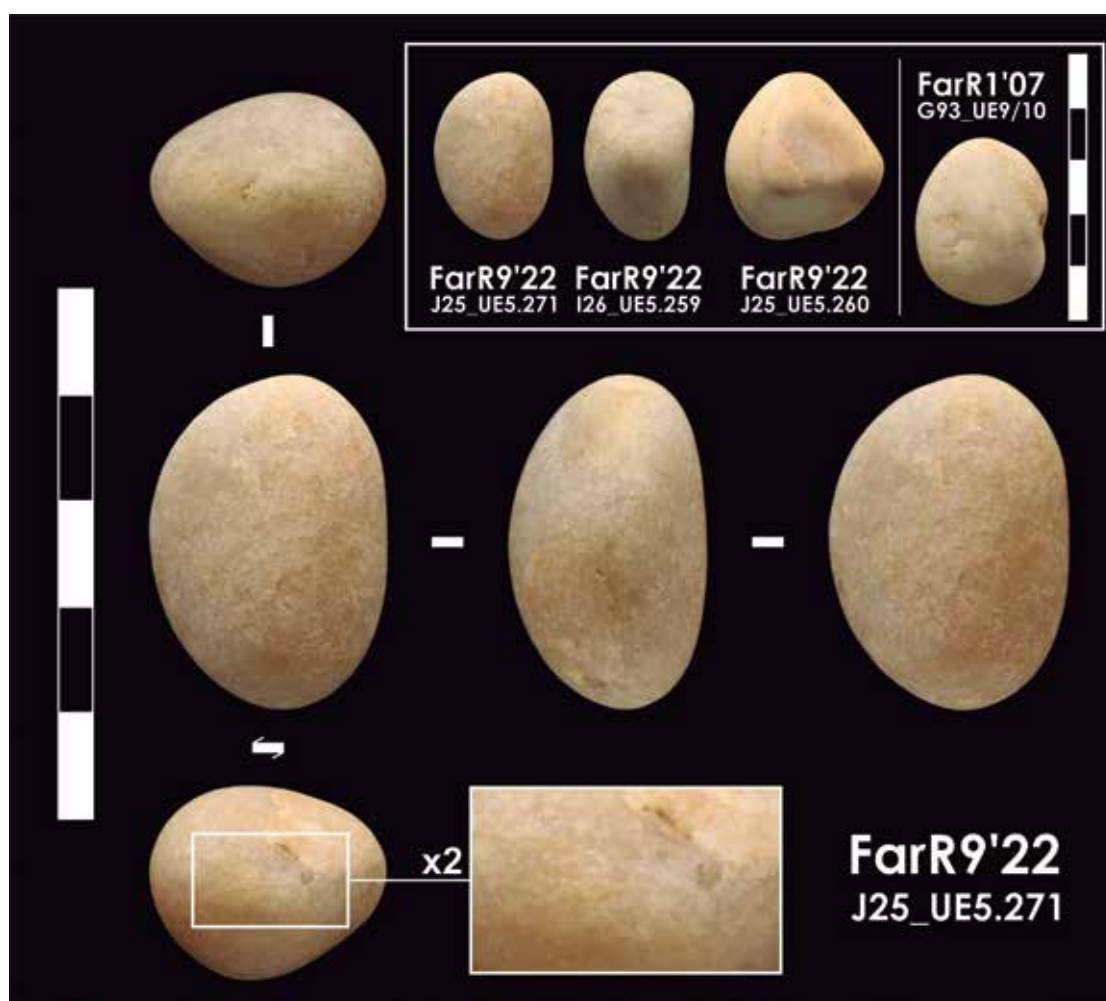


Fig. 50: Seixos de quartzo que apresentam impactos de percussão que podem ter sido utilizados para gravar algumas das figuras da rocha 9. Foto de Miguel Almeida.



Fig. 51: Campanha de escavação de 2022 frente à rocha 9 do Fariseu. Foto de Thierry Aubry.



Fig. 52: Remontagens de alguns dos blocos gravados no Museu do Côa. Foto de Thierry Aubry.



Fig. 53: Ao lado da rocha gravada, tentativa de remontar centenas de fragmentos encontrados durante a escavação. Foto de Thierry Aubry.



Fig. 54: Documentação por decalque direto de algumas das gravuras da rocha 9. Foto de Thierry Aubry.

estabelecer quando e como se fraturou.

Esta campanha de escavação revelou a existência de camadas mais antigas que as evidenciadas em 2020 e 2021. A camada 6, sobre o afloramento, forneceu vestígios de pedra lascada em quartzo local e a 5, ainda não datada, pode constituir o solo contemporâneo da gravação do painel. A descoberta de fragmentos de pigmento mineral de cor vermelha e de pequenos seixos de quartzo, com estigmas de impactos são al-

guns dos argumentos que parecem relacionar a realização de gravuras com este nível de ocupação.

19. Ainda mais longe

O artefacto descoberto em 1996, durante as prospeções efetuadas na superfície do terraço fluvial da Quinta do Vale Meão, onde se produziu o vinho Barca Velha até o início dos anos 2000, é uma peça de secção triangular obtida por várias sequências de levantamentos e apresenta hoje uma superfície patinada, parcialmente coberta de concreções calcárias. Apesar de não poder ser atribuído a uma das camadas que constituem o subsolo do sítio, a técnica utilizada, o grau de alteração da peça e a comparação com objetos encontrados em contextos datados de sítios da bacia do Douro permitem pensar que a presença humana na região é muito mais antiga que os primeiros níveis de ocupação pelo Homem de Neandertal, datados de cerca de 150 000 anos, na Cardina – Salto do Boi. A demonstração da existência de vestígios que testemunham os primeiros povoaamentos humanos da Península ibérica, atestados desde 1,5 milhões de anos na Serra de Atapuerca, perto de Burgos, no limite setentrional da Meseta, ainda está para ser estabe-



Fig. 55: Ferramenta afeiçãoado a partir de um seixo de quartzito descoberto no terraço fluvial da quinta do Vale Meão. Foto de Fernando Barbosa.

lecida nesta região da bacia do Douro. À semelhança das diligências implementadas para encontrar vestígios da presença do Homem de Neandertal, a tarefa de identificar os sítios onde a presença humana é muito mais antiga, é tanto mais difícil quando se recua no tempo. Passará pela identificação de contextos geomorfológicos suscetíveis de preservar os sedimentos coevos dos raros vestígios já conhecidos, fabricados e abandonados por estes pequenos grupos humanos que viveram no ocidente da Europa.

**A arte
paleolítica do
Vale do Côa no
seu contexto
sociocultural**

André Tomás Santos^a

*a) Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização
do Vale do Côa. UNIARQ — Centro de Arqueologia da
Universidade de Lisboa.*

0. Introdução

O Fernando vai reformar-se... Embora duvide que isso represente o final da sua relação com a arte pré-histórica (afinal, não desenhou ele a maior parte da rocha 9 do Fariseu durante as férias apenas para o poder fazer mais à vontade, sem a pressão inerente ao cumprimento do horário de trabalho?), este momento não deixará de marcar uma data significativa não só na sua via profissional, como na minha própria. Afinal, tive o privilégio de com ele trabalhar 18 anos seguidos, aos quais se devem somar os trabalhos de campo levados a cabo anteriormente pelo CNART no Alqueva, no Tejo ou no Gião nos quais colaborei a convite do António Martinho Baptista e onde, para além do Fernando, conheci outros dois grandes amigos a quem o Côa muito deve: o João Félix e o Manuel Almeida. O Fernando é, no momento em que escrevo, a pessoa com quem passei mais horas seguidas de trabalho, uma parte significativa delas durante a noite, em frente a painéis gravados (e mais raramente, pintados) a decalcar imagens produzidas há milhares de anos. Foi ao longo destes trabalhos que mais refleti sobre as problemáticas do registo da arte rupestre e, desde que com ele comecei a trabalhar no Vale do Côa, mais pensei sobre as pessoas que produziram estas imagens que o Fernando regista com o que parece ser a mesma desenvoltura com que foram feitas.

Este texto não podia, conseqüentemente, deixar de ser sobre as pessoas que produziram aquelas imagens, ou melhor, sobre o que nos dizem estas imagens sobre as pessoas que as produziram. Para refletirmos sobre estas pessoas podemos utilizar outras fontes que não as imagens *per se*. Mas essas fontes não nos podem informar daquilo que só as imagens conseguem. Por outro lado, se muito se escreveu e escreve sobre estas imagens (como foram feitas, quando foram feitas, quantas são, como se caracterizam, etc.), elas raramente são utilizadas como fontes passíveis de nos informarem sobre os aspetos das comunidades que as produziram que só elas nos podem informar. É a esse desafio que temos procurado responder desde há uns anos a esta parte e que acabou por desembocar na tese de doutoramento que defendemos em 2017 e foi publicada dois anos mais tarde (SANTOS, 2019).

Se agora voltamos ao tema, tal não se deve só à necessidade de escrever um texto para homenagear o nosso colega e amigo Fernando Barbosa, mas também porque os trabalhos de campo que se realizaram desde aquela data levaram à descoberta de novas rochas e permitiram o estudo aprofundado de diversos painéis (e.g. AUBRY *et al.*, 2020a; 2021; SANTOS *et al.*, 2020a; 2020b; REIS *et al.*, 2022). Isto aumentou substancialmente a nossa base de dados e designadamente o número de motivos que podemos utilizar nas nossas análises de correspondências múltiplas. Os novos resultados não alteram grandemente os originais, mas clarificam a nossa classificação e permitem uma análise separada das nossas fases 2 e 3.

Perceber o que era a arte paleolítica do Côa para as comunidades coevas implica procurar entendê-la no seu contexto sociocultural. Implica explicar o que a distingue dos restantes sítios que fazem parte desse contexto (Fig. 1). Esses sítios foram por nós identificados como aqueles que se localizam no território definido pela localização das fontes das matérias-primas líticas utilizadas no fabrico dos utensílios encontrados nas escavações realizadas no Vale do Côa (SANTOS, 2019), território esse que *grosso modo* corresponde à bacia do Douro e à região imediatamente a sul até à

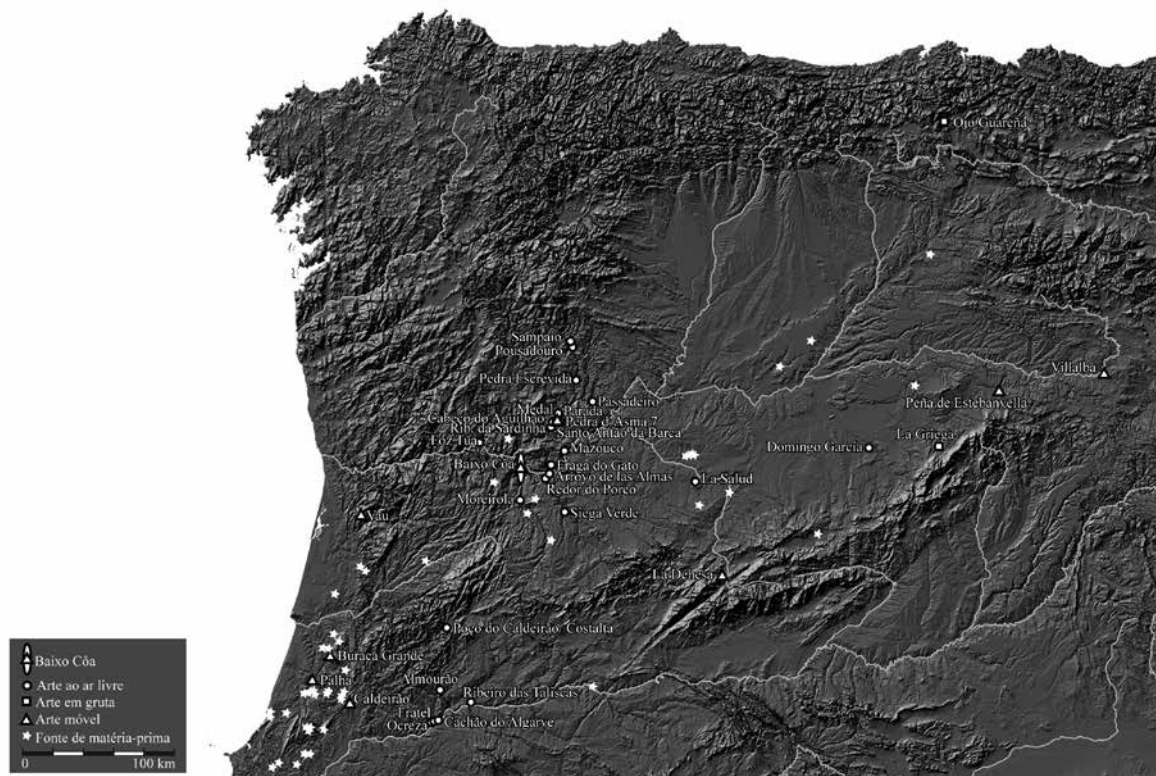


Fig. 1: Localização dos sítios referidos no texto.

margem norte do Tejo (e.g. AUBRY *et al.*, 2012). Estes estudos demonstram, assim, quer a continuidade da ocupação do Vale do Côa (demonstrada pela exploração dos afloramentos muito específicos que aí se encontram, só explicável pelo profundo conhecimento do território), quer a inserção da região numa rede de interação social que se estende por uma área muito vasta (o que explica a presença sistemática de matérias-primas provenientes de lugares situados a distâncias superiores aos 200 km). Nesta amplo território conhecem-se também diversas estações com imagens paleolíticas semelhantes às do Côa. Esta semelhança e o facto de se encontrarem no interior do território definido pelas fontes de matérias-primas líticas identificadas no Vale do Côa legitimam a nossa ideia de que estes sítios fazem parte do mesmo sistema simbólico e que estes só se compreenderão no âmbito de uma abordagem que tenha em conta todos eles.

No âmbito dessa abordagem foram efetuadas diversas análises estatísticas sobre o conjunto das imagens dos sítios desta área que permitiram a identificação de tendências associativas gerais. Logo nos apercebemos que as composições paleolíticas mais antigas do Côa apresentavam tendências associativas inversas às dos restantes sítios (SANTOS, 2019, 364-365). Mas não nos apercebemos logo que durante as fases seguintes, as tendências associativas gerais não se refletiam no Côa. Tal só se torna aparente se procedermos a análises que só tenham em conta os sítios do Côa e depois confrontarmos esses resultados com a realidade dos sítios restantes, algo que faremos neste trabalho. Também simplificámos estas análises, juntando as cervas com os veados e encarando os temas com uma representatividade abaixo da dos veados (o quarto tema mais representado entre as fases 1 a 3, e a uma distância grande do quinto — cfr. tabs, 1 a 3), como variáveis suplementares.

Este texto deve, assim, ser encarado como uma espécie de coda do trabalho de 2019. Por um lado, atualizam-se algumas tabelas e análises, com a inclusão das novas evidências resultantes dos trabalhos de campo mais recentes. Por outro lado, são apresentadas novas análises que demonstram o profundo contraste ao nível das associações temáticas que se verifica entre os sítios localizados no Vale do Côa e os restantes que se encontram na sua área de aprovisionamento de matérias primas não-locais. São estes contrastes que nos ajudarão a compreender melhor alguns aspetos das comunidades que produziram estas imagens.

1. A Arte Rupestre Paleolítica do Vale do Côa

As rochas com imagens paleolíticas que incluímos no conjunto de arte rupestre do Vale do Côa distribuem-se pelas vertentes que bordejam as suas margens, as de alguns dos seus afluentes e as que conformam certos vales vizinhos por onde correm outros tributários do Douro. O Côa é, no entanto, o eixo a partir do qual se organiza toda a “arquitetura parietal” (*sensu* VIALOU, 2004) da região.

O rio Côa é um tributário da margem esquerda do Douro, com o qual se encontra após percorrer os cerca de 135 km que distam da sua nascente, localizada para sul, na serra da Mesas (concelho de Sabugal). Trata-se de um rio que corre embutido na superfície fundamental da Meseta ibérica, apresentando um traçado que se desenvolve, no seu sector terminal, paralelamente ao do próprio limite da Meseta que, a um par de quilómetros para oeste, segue *grosso modo* o vale da Vila e o *graben* de Longroiva (FERREIRA, 1978, 81). Este paralelismo denuncia uma das razões que está por trás da configuração do vale do Côa — a tectónica (AUBRY, LUÍS & DIMUCCIO, 2012). É esta que, associada ao substrato geológico cortado pelo rio, explica o contraste entre uma área a montante — essencialmente granítica e caracterizada por um curso rectilíneo do rio, sendo este bordejado por fortes



Fig. 2: Aspeto do Vale do Côa no sector granítico da Faia. Vista, desde a margem direita, da zona onde se implantam as rochas 5, 6 e 19, localizadas na margem oposta. Foto do autor.



Fig. 3: O Vale do Côa entre a foz da ribeira do Massueime e o sítio do Fariseu (vista de Nor-Noroeste). Foto do autor.

pendentes (Fig. 2)— e uma área a jusante, já perto da sua confluência com o Douro – xistosa e caracterizada pela “meandrização” do rio e pelo perfil em V (Fig. 3).

1.1. O CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Para além da elevada concentração de sítios com imagens paleolíticas, conhece-se na região um importante conjunto de sítios arqueológicos, 20 dos quais com vestígios seguramente atribuídos ao Paleolítico Superior e outros 28 com materiais atribuídos a este período ou ao Mesolítico (AUBRY & SAMPAIO, 2009, 34-35). Alguns destes sítios foram escavados, tendo proporcionado importantes evidências relativas à ocupação da região durante o Paleolítico Superior e contribuído de forma decisiva para a datação de algumas das imagens sobre as quais nos debruçaremos. Hoje, estão atestadas na região ocupações do Paleolítico Superior desde o Aurignacense final até ao Azilense, compreendidas entre os 34 500 e os 12 000 anos atrás (e.g. AUBRY, ed., 2009; AUBRY *et al.*, 2017; 2020b).

Quatro destes sítios forneceram igualmente imagens produzidas em suportes móveis, designadamente na Quinta da Barca Sul (GARCÍA-DÍEZ, 2009), na Cardina (GARCÍA-DÍEZ, 2009; AUBRY *et al.*, 2015; 2017), no Fariseu (SANTOS *et al.*, 2018) e no Vale de José Esteves². Deste conjunto de peças, apenas as do Fariseu (em número de 89) e a da Quinta da Barca Sul provém de um contexto seguramente datado do Azilense. Uma parte significativa das da Cardina, a avaliar pelo estilo das imagens, deverão datar igualmente deste período, podendo algumas serem mais antigas, algo que não é descartado pelos restantes materiais que aparecem na mesma camada arqueológica, que demonstram a sua formação entre o final do Gravettense (c. de 26 000 anos atrás) e o

2 - Esta peça foi encontrada por Tania Mosquera Castro em 2022, no âmbito de uma prospeção no sítio realizada por uma equipa que incluía ainda o autor, Ignacio Triguero e Marcelo Silvestre.

Azilense. A do Vale de José Esteves deverá igualmente ser atribuída ao Azilense, dadas as características das figuras que aí se encontram.

1.2. A ARTE RUPESTRE

Conhecem-se atualmente, no Vale do Côa, perto de 600 rochas com imagens atribuídas a este período, distribuídas por 60 sítios (REIS, 2020, 539)³. Duas destas rochas encontram-se isoladas no Alto Côa (Alto da Cotovia e Quinta da Moreirola) e seis delas no Médio Côa (no sítio da Faia). A maior parte dispersa-se, no entanto, pelos últimos 7 km do vale e pelos vales vizinhos referidos acima (Fig. 4).

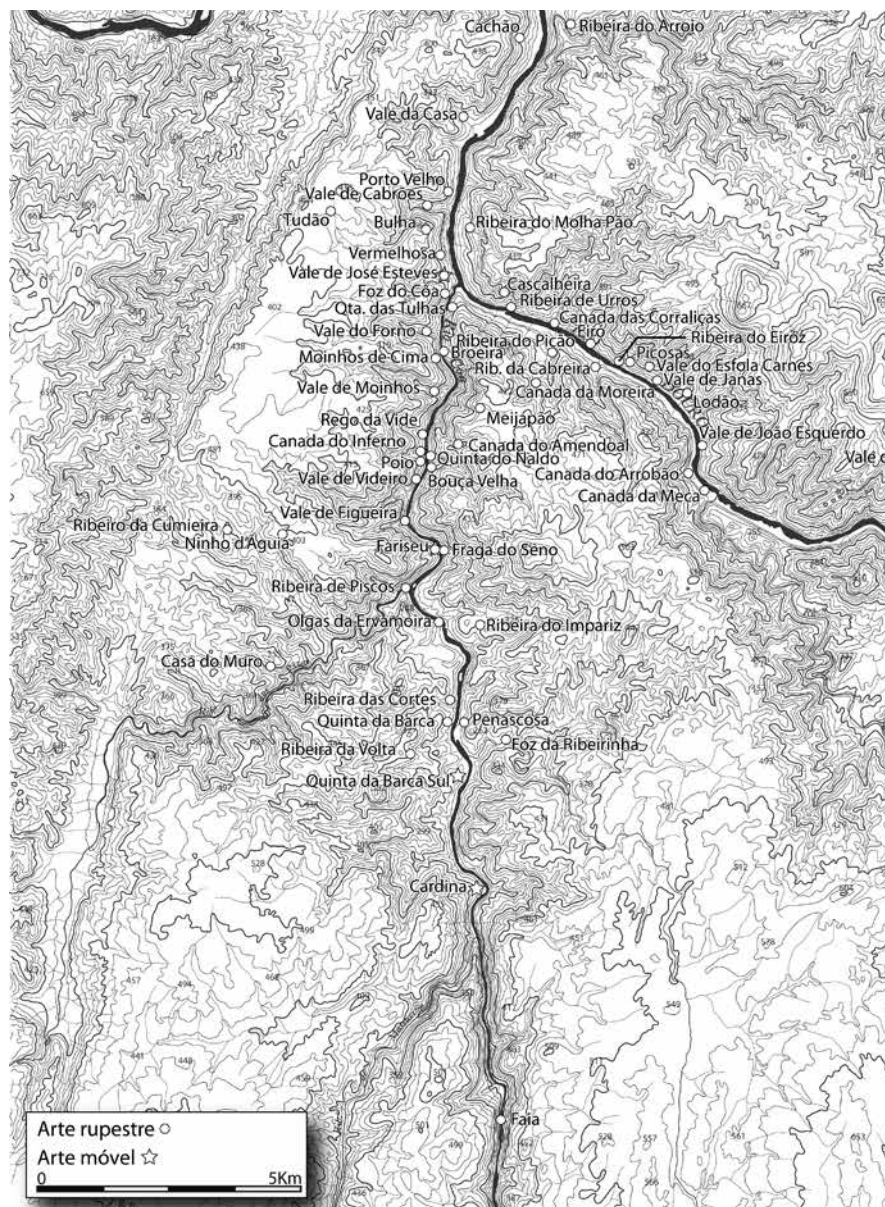


Fig. 4: Sítios com arte paleolítica do Baixo Côa e das suas imediações.

3 - Neste trabalho são referidos 61 sítios com arte paleolítica, mas num deles as imagens aparecem exclusivamente sobre suporte móvel.

As únicas imagens deste conjunto identificadas em granito encontram-se na Faia (SANTOS *et al.*, 2018, 56; SANTOS, LUÍS & AUBRY, 2019; REIS *et al.*, 2022). As restantes identificam-se em painéis verticais de rochas xistentas, resultantes da fraturação tectónica destas rochas (e.g. AUBRY, LUÍS & DIMUCCIO, 2012). A maioria localiza-se em painéis orientados para sudeste e és-sudeste, devido a fatores geológicos e outros (exposição solar, por exemplo) que condiciona(ram) a preservação das superfícies (AUBRY, LUÍS & DIMUCCIO, 2012). Como tal, a maioria dos sítios encontra-se nas margens esquerdas dos vales da região.

A arte paleolítica do Vale do Côa é dominada, como é normal noutras regiões da Europa, por representações zoomórficas, sendo os auroques, os cavalos, as cabras-monteses e os veados as espécies mais representadas. Identificam-se ainda camurças, peixes, aves, felinos, um urso provável e, pelo menos, um bisonte. Identificam-se também vários antropomorfos e uma grande variedade de grafismos não figurativos. Estes números serão, em seguida, discriminados pelas fases respetivas.

No que toca às técnicas empregues, a maior parte destas imagens foi produzida por gravação, tendo-se identificado sete variantes desta modalidade: dois tipos de **picotagem** (A e B), distinguíveis entre si pelo grau de adjunção dos negativos dos impactos que resultam da sua aplicação (que consiste na martelagem da superfície com um utensílio de ponta preparada para o efeito) (Figs. 5 e 6); a **abrasão**, que usualmente ocorre após o procedimento anterior (de tipo A) e que consiste na fricção repetida de um utensílio sobre o mesmo traçado, dando origem a sulcos polidos de secção em V ou em U (Fig. 5); três tipos de incisão (que consiste no “corte” da superfície por intermédio da passagem de um utensílio afiado): a **incisão simples** (Fig. 7) — cuja passagem singular do utensílio origina um traço único —, a **incisão múltipla** — cujas passagens múltiplas do utensílio resultam em perímetros de figuras definidos por múltiplos traços (Fig. 8) — e a **incisão reiterada** — cuja passagem repetida do utensílio pela mesmo sítio resulta em perfis de figuras mais profundos e de traçado mais irregular (Fig. 9); e a **raspagem**, que consiste na remoção, por fricção, da superfície a gravar (Fig. 10).

A **pintura** apenas foi reconhecida no sítio da Faia. Do conjunto de imagens mais antigas, apenas na rocha 6 da deste sítio se identificou a sua utilização. Aqui observam-se vestígios de pigmento vermelho aplicado sobre os traços previamente picotados e abradidos que conformam as cabeças de cinco auroques e um cavalo. Se bem que neste painel se observem igualmente pinturas esquemáticas de cronologia mais recente, a atribuição das pinturas existentes sobre traços que conformam as cabeças dos animais paleolíticos está atestada pelo facto das delimitações dos focinhos de algumas das cabeças de auroques — uma idiosincrasia exclusivamente paleolítica — se encontrarem exclusivamente pintadas (Fig. 11). Os bovinos do painel direito da rocha 1 do sítio (Fig. 12), assim como os antropomorfos das rochas 3 e 5 são exclusivamente pintados a vermelho e tradicionalmente atribuídos a períodos mais recentes da Pré-história (e.g. BAPTISTA, 1999, 158-159). Contudo, a identificação de figuras semelhantes, quer na coleção de arte móvel do Fariseu, quer mesmo em algumas gravuras do vale, levaram-nos a propor, no seguimento de outros autores, uma cronologia azilense para os mesmos (BUENO, BALBÍN & ALCOLEA, 2007, 567-568; SANTOS *et al.*, 2018, 56).

O baixo-relevo, definido por Claude Barrière como uma representação cuja espessura não ultrapassa a metade do volume do modelo (BARRIÈRE, 1993, 275), está atestado apenas na rocha 22 da Quinta da Barca, onde foi utilizado para configurar a cabeça de um macho de cabra-montês (Fig. 13).



Fig. 5: Rocha 3 da Penascosa. Auroque gravado por picotagem e abrasão e cabeça de cavalo retrospectiva gravada pela variante A da picotagem (~30 000-26 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 6: Rocha 3 do Fariseu. Cavalos gravados pela variante B da picotagem (~23 000-18 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

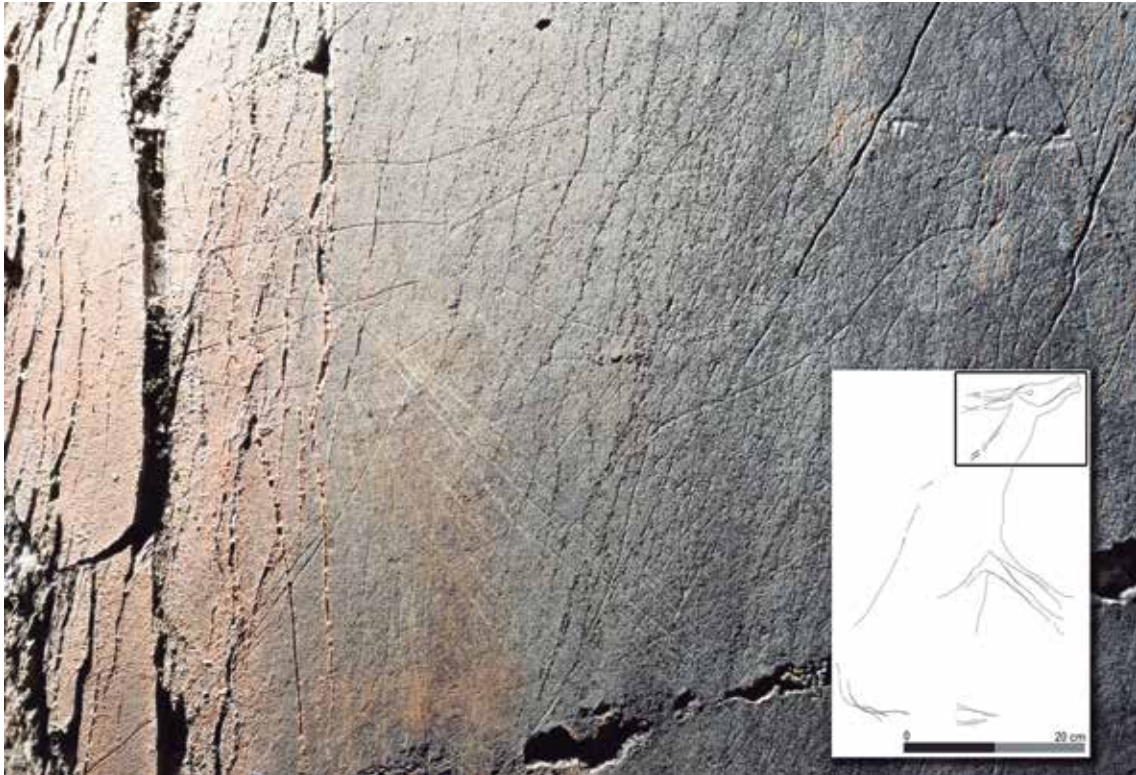


Fig. 7: Vale de José Esteves 4. Cabeça de cerva gravada por incisão simples (~18 000 – 15 000 calBP). Por cima dela observa-se ainda parte da cabeça de um cervideo orientado para a esquerda, muito provavelmente da mesma cronologia, e sobre ela a extremidade rostral de um peixe estriado, de provável cronologia azilense (~12 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 8: Quinta da Barca 23. Cabeça de cavalo gravada por incisão múltipla (~23 000-18 000 calBP) e veado totalmente estriado (~12 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 9: Painel 11 da rocha 24 de Piscos. Detalhe da cabeça de auroque em visão frontal, gravada por incisão reiterada (~23 000 18 000 cal BP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 10: Rocha 10 da Penascosa. Veado raspado (~23 000 18 000 cal BP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 11: Faia 6, sector direito. Cabeças de auroques gravadas e posteriormente pintadas a vermelho, de cronologia paleolítica (~26 000-23 000 calBP) e antropomorfos esquemáticos pintados da mesma cor, de cronologia neolítica ou calcolítica. Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 12: Faia 1, painel direito. Dois bovinos e um signo linear, pintados de vermelho (~12 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 13: Quinta da Barca 22. Detalhe da zona capital de uma cabra-montês. Note-se como a zona em torno da cabeça está debastada de forma a dotar de relevo toda a zona do focinho e da queixada/ pera. Também a orelha e o arranque do corno direito do animal parecem estar em relevo (~30 000-26 000 calBP). Foto do autor.

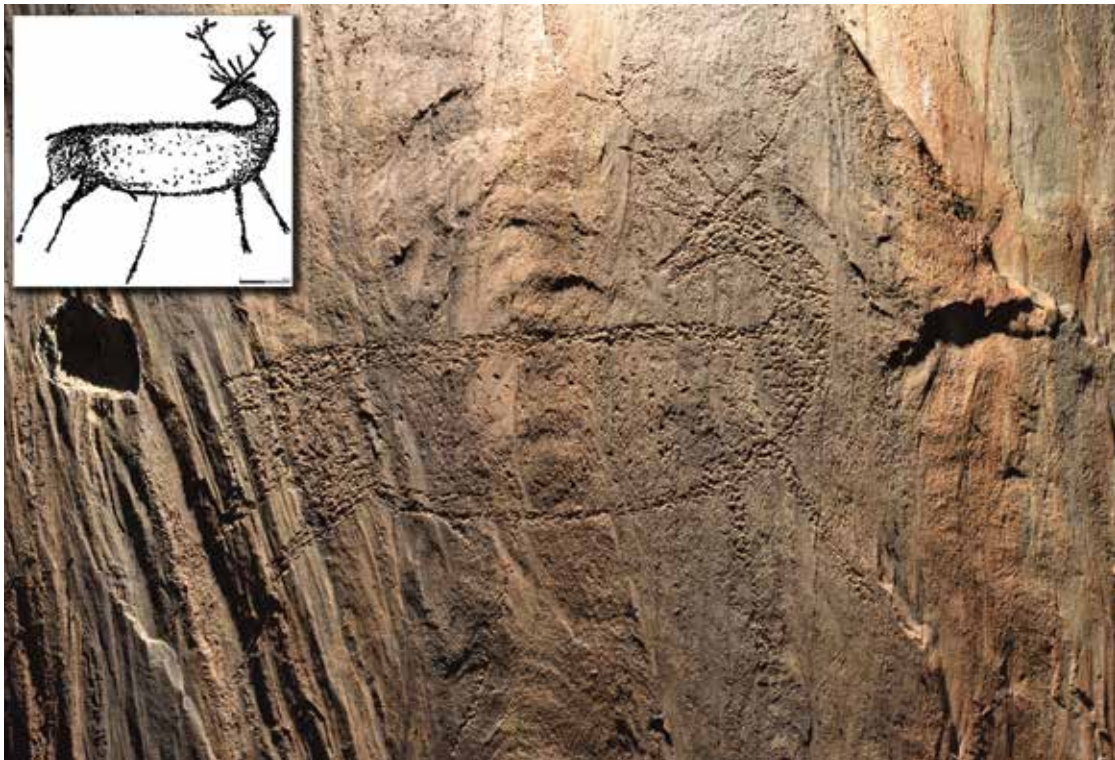


Fig. 14. Vale de Cabrões 1. Veado picotado, preenchido parcialmente. Sob a sua linha ventral, observa-se signo linear (~12 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

Se a maior parte das figuras estão definidas apenas perimetralmente, outras apresentam diversos tipos de delimitações, assim como de preenchimentos internos. Estes podem ser pintados, picotados e, mais comumente, incisos, configurando o que apelamos de preenchimento estriado. Independentemente das técnicas empregues, este preenchimento pode ser total (*vide supra*, Fig. 8) ou parcial (Fig. 14).

Praticamente todas as técnicas são utilizadas ao longo de todos os períodos, embora com em diferentes proporções. As exceções óbvias são o baixo-relevo e a pintura, esta última muito provavelmente devido a razões relativas à sua conservação.

1.3. A SEQUÊNCIA CRONOESTILÍSTICA DA ARTE PALEOLÍTICA DO VALE DO CÔA E DA SUA ÁREA DE APROVISIONAMENTO EM MATÉRIAS-PRIMAS LÍTICAS

Nem todas as estações da nossa região de estudo foram coevas e, se é admissível, e até provável, que as comunidades mais recentes tenham conhecido as imagens mais antigas desde que estas não estivessem cobertas por sedimentos, é um paradoxo que tenhamos em conta as mais recentes se estamos a analisar as evidências de um período mais antigo. Importa, portanto, inferir a sequência cronoestilística da região, de forma a analisarmos conjuntos de sítios que tenham sido efetivamente coevos. Na impossibilidade de datarmos todas as imagens, temos de socorrer-nos da comparação estilística, partindo do princípio que, como acontece com outros tipos de vestígios arqueológicos, quanto maior for a proximidade formal entre dois conjuntos de objetos de uma dada região, maior a proximidade temporal entre eles.

Ora, a proximidade formal entre um número avultado de objetos de um dado universo pode ser quantificada por meio de diversos procedimentos estatísticos, nomeadamente a Análise de Correspondências Múltiplas (e.g. ABDI & VALENTÍN, 2007) e a Classificação Hierárquica Ascendente (e.g. DRENNAN, 2009, 309-310). Foram estes procedimentos que utilizámos para averiguar a similitude formal entre os auroques, cavalos, cabras-monteses, veados e cervas das estações com arte paleolítica do território de aprovisionamento de matérias-primas líticas do Vale do Côa (SANTOS, 2019). Nesse estudo apenas se tiveram em conta 170 cavalos, 143 auroques, 128 cabras-monteses, 91 veados e 65 cervas, que foram selecionados com base no seu grau de completude. Estas análises sugeriam a existência de quatro classes entre auroques e cavalos e de três entre os restantes temas. Hoje, estas análises podem ser repetidas com mais efetivos, graças aos mais recentes trabalhos de campo que se referiram acima. Podemos assim comparar os gráficos anteriores, com os que agora se produziram⁴ com 175 cavalos, 160 auroques, 132 cabras-monteses, 96 veados e 69 cervas (Figs. 15 a 19).

Os gráficos são, na sua globalidade muito parecidos, embora alguns detalhes sejam dignos de nota. Assim, com estas novas adições, o FactoMineR apenas sugere a existência de três classes entre auroques e cavalos. Contudo, a observação do gráfico do

4 - Para procedermos a estas análises utilizámos a linguagem R (R CORE TEAM, 2016). Os pacotes informáticos a que recorremos foram o FactoMineR (HUSSON et al., 2015) e o missMDA (HUSSON & JOSSE, 2013). Os gráficos resultantes da utilização destes programas foram em seguida manipulados em programa de desenho vetorial de forma a melhorar a sua leitura. Os cálculos dos valores corrigidos das inércias dos gráficos resultantes das várias Análises de Correspondências Múltiplas a que procedemos foram por nós calculados, a partir das fórmulas de Benzécri e Greenacre (*apud* ABDI & VALENTIN, 2007).

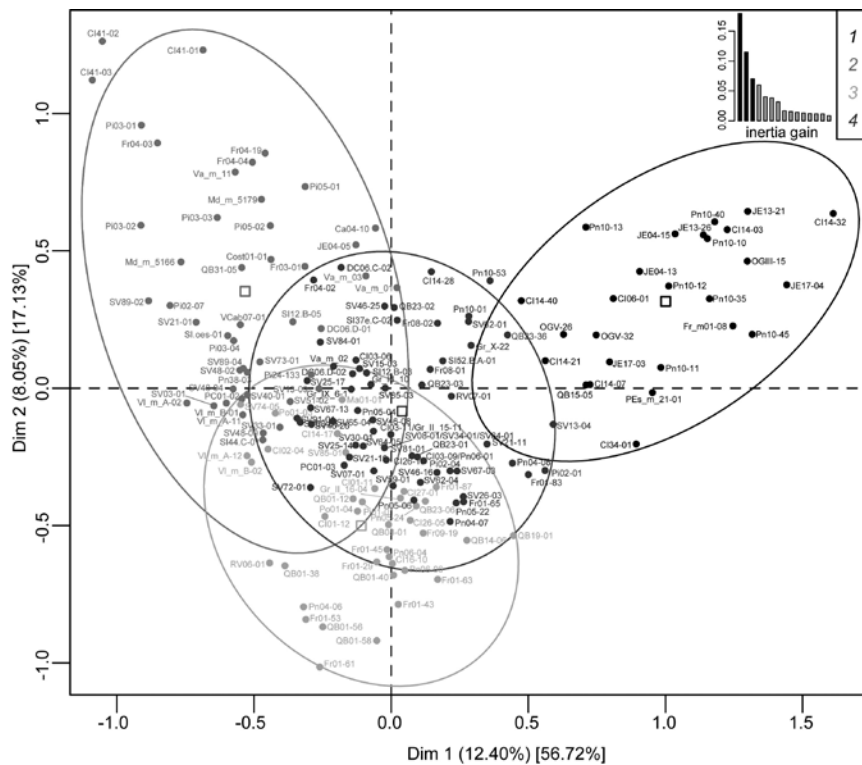


Fig. 15: Mapa fatorial, com a distribuição dos cavalos por quatro classes. Note-se, no gráfico da inércia, uma primeira quebra entre a 2.^a e 3.^a dimensão e uma outra entre a 4.^a e a 5.^a.

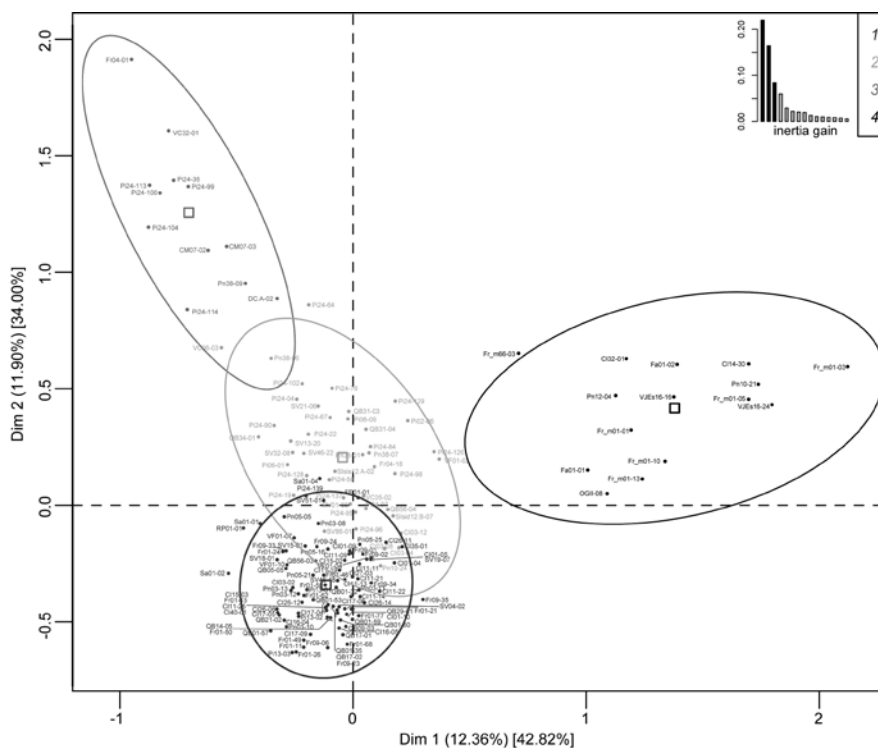


Fig. 16: Mapa fatorial, com a distribuição dos auroques por quatro classes. Note-se, no gráfico da inércia, uma primeira quebra entre a 2.^a e 3.^a dimensão e uma outra entre a 4.^a e a 5.^a.

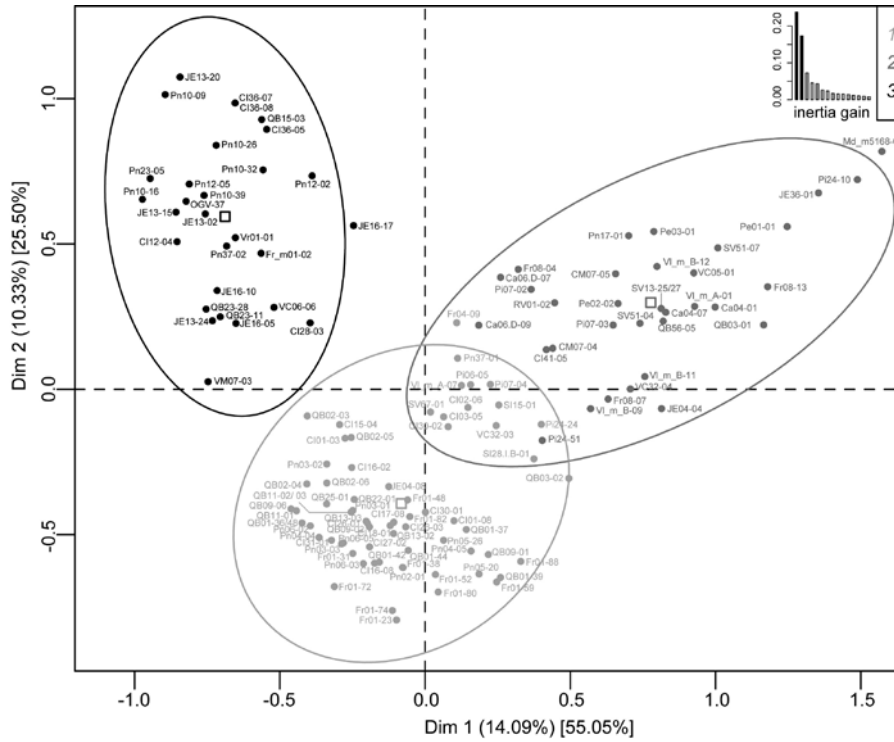


Fig. 17: Mapa fatorial, com a distribuição das cabras-monteses por três classes. Note-se, no gráfico da inércia, uma primeira quebra entre a 2.ª e a 3.ª dimensão e uma outra entre a 3.ª e a 4.ª.

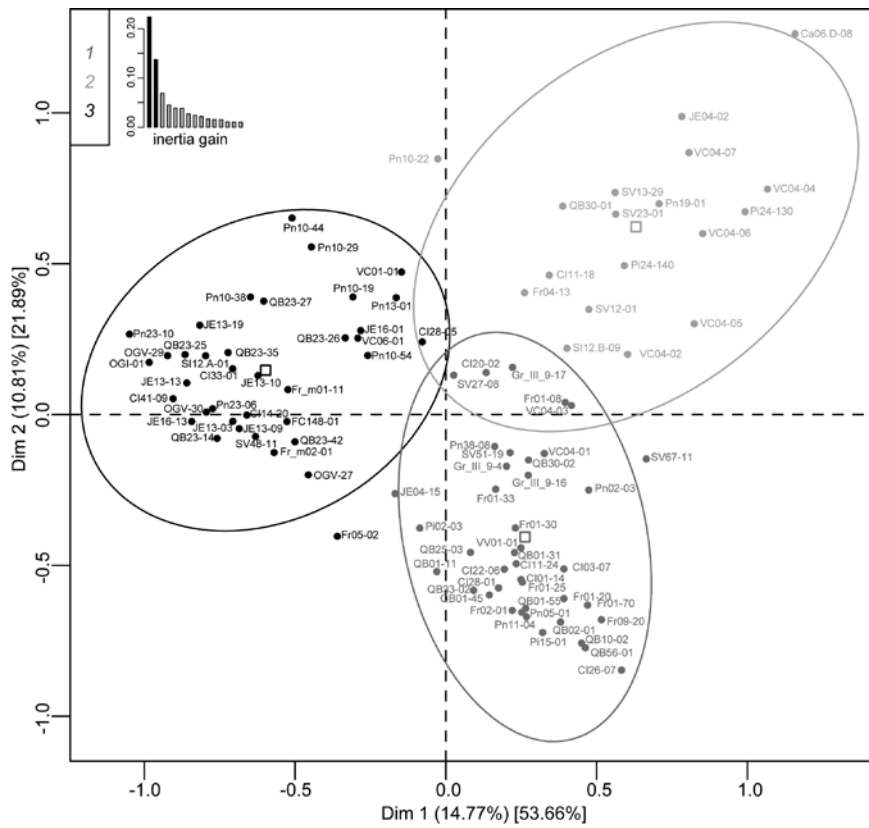


Fig. 18: Mapa fatorial, com a distribuição dos veados por três classes.

ganho das inércias destes temas (Figs. 15 e 16) aponta mesmo para a possibilidade de se definirem cinco⁵. Também no caso das cervas se pode suspeitar da existência de quatro classes, mas neste caso a quarta seria composta apenas pela cerva JE04-01, a mais naturalista das unidades gráficas que temos deste tema (*vide supra*, Fig. 7). De forma a não complexificarmos ainda mais a relação entre o universo de temas com diferentes números de classes, continuamos a considerar apenas a existência de quatro entre auroques e cavalos e de três entre os restantes temas. Por outro lado, isto também facilita a comparação com os gráficos publicados em 2019.

As diferenças são de detalhe, mas ao nível dos auroques, devemos salientar uma maior clarificação da seriação. De facto, alguns auroques das rochas 1 e 11 da Canada do Inferno que a classificação de 2019, de uma forma que dizíamos estranhar, integrava na classe 2 (SANTOS, 2019, 112), são agora incluídos na classe 1.

O número de auroques de Siega Verde na classe 1 aumenta de quatro para cinco, com a transição de SV51-01 da classe 2 para a 1. Esta figura não se encontra, contudo, longe do limite da elipse da classe 1. Também o auroque da Fraga Escrevida transita para a classe 1, embora se encontre também no limite da elipse da classe correspondente.

Por outro lado, o auroque Pi24-139 que integra cena que paralelizámos com a que se encontra no painel esquerdo da rocha 9 do Fariseu (AUBRY *et al.*, 2020a, 21) passa também para a classe 1 (onde se localiza também a figura do Fariseu em causa). Contudo, a primeira encontra-se no limite da elipse da classe 1 e a segunda em zona partilhada de elipses, não longe do grande auroque que a sobrepõe. Outras duas figurações de auroques desta rocha localizam-se em zona partilhada de elipses, uma do painel central direito (Fr09-24) e outra do painel inferior direito (Fr09-34), encontrando-se uma outra deste painel fora de qualquer elipse (Fr09-35). Não se pode, assim, descartar completamente a possibilidade do painel esquerdo do Fariseu ser efetivamente mais recente que a generalidade do dispositivo gráfico da rocha. Também as figuras do painel inferior direito poderão ser ligeiramente mais recentes, tendo em conta não só o seu posicionamento insólito no gráfico, como também outros fatores — dimensão de dois dos auroques, mais usual na fase 2 que na 3, forma *sui generis* de Fr09-35 (como atestada no gráfico), assim como de Fr09-36, cuja espécie é, mesmo difícil de determinar (cerva com cauda comprida ou auroque sem armações?). As pequenas figuras que rodeiam o painel central direito apresentam também formas menos usuais que poderão denunciar eventualmente a sua não contemporaneidade relativamente às restantes do painel. Destas, apenas uma é um auroque seguro (Fr09-25), podendo uma outra consistir numa cerva, a avaliar pelas suas orelhas (Fr09-26).

Pese embora, estas dúvidas, as relações cronológicas que inferimos entre as classes mantêm-se válidas. Recorde-se que estas foram inferidas por meio a) da identificação de padrões ao nível da coexistência de classes de diferentes temas no mesmo painel e das sobreposições entre figuras de classes diferentes; b) da identificação de padrões ao nível da relação espacial entre rochas com motivos de classes diferentes e o leito atual do rio; c) e da ocorrência de motivos de classes diferentes em painéis da mesma rocha

5 - O número de classes é uma unidade superior ao número de dimensões que explicam a maior parte da variabilidade da amostra. Um salto significativo é evidente entre as terceiras e quartas dimensões dos gráficos dos ganhos da inércia destes temas.

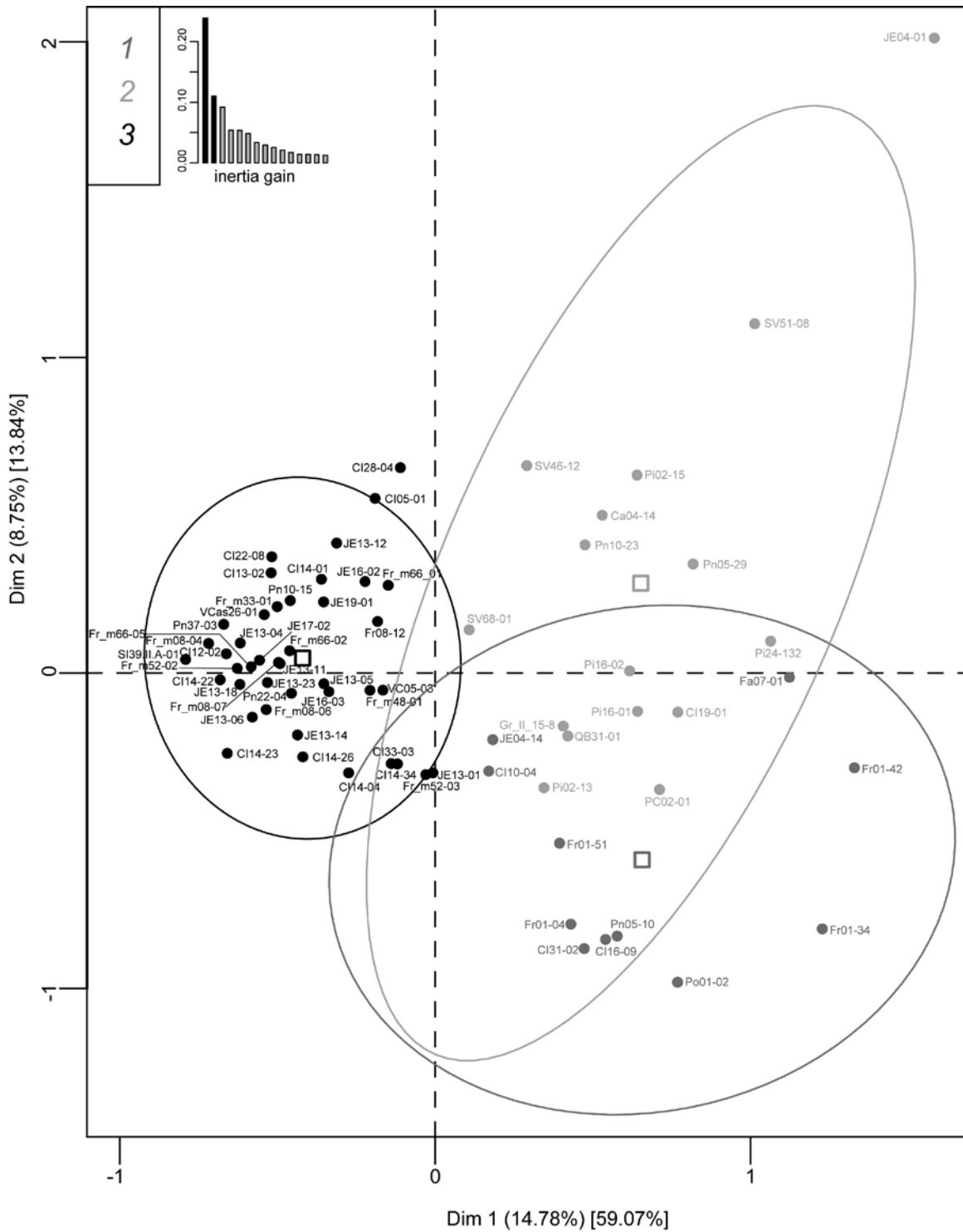


Fig. 19: Mapa fatorial, com a distribuição das cervas por três classes. Note-se, no gráfico da inércia a quebra entre a 3.^a e a 4.^a dimensão.

expostos em momentos diferentes (e.g. SANTOS, 2019; AUBRY *et al.*, 2020c; SANTOS *et al.*, 2021). Estas inferências permitiram a propor a existência de quatro fases de produção visual no Vale do Côa e na sua área de aprovisionamento de matérias-primas (SANTOS, 2019, 194-195), cuja atribuição cronológica foi feita com recurso a diversos métodos e estratégias (SANTOS *et al.*, 2021). Estes serão descritos, caso a caso, no seguinte ponto em que passamos à caracterização de cada uma das fases.

2. As imagens do Vale do Côa e da sua área de aprovisionamento em matérias-primas líticas ao longo do paleolítico superior

2.1. FASE 1 (~30 000-23 000 CALBP)

A fase 1 foi atribuída a um período entre o Gravettense e o Solutrense médio. O *terminus ante quem* foi inferido graças às escavações do Fariseu, uma vez que a rocha 1 do sítio, gravada quase exclusivamente com figurações daquela fase, estava parcialmente coberta por níveis arqueológicos com materiais atribuíveis ao Paleolítico Superior (Fig. 20) e de onde provêm várias datações absolutas (radiocarbono, TL e OSL), tendo estudo da relação entre a sua estratigrafia parietal e sedimentar demonstrado que só poderia ter sido gravada num momento anterior a um processo erosivo que ocorreu há mais de 23 000 anos (AUBRY, SANTOS & LUÍS, 2014).

Este processo erosivo estará por trás da diferença da distância altimétrica relativamente ao rio que se verifica entre figuras das fases 1 e 2 em diferentes sítios do

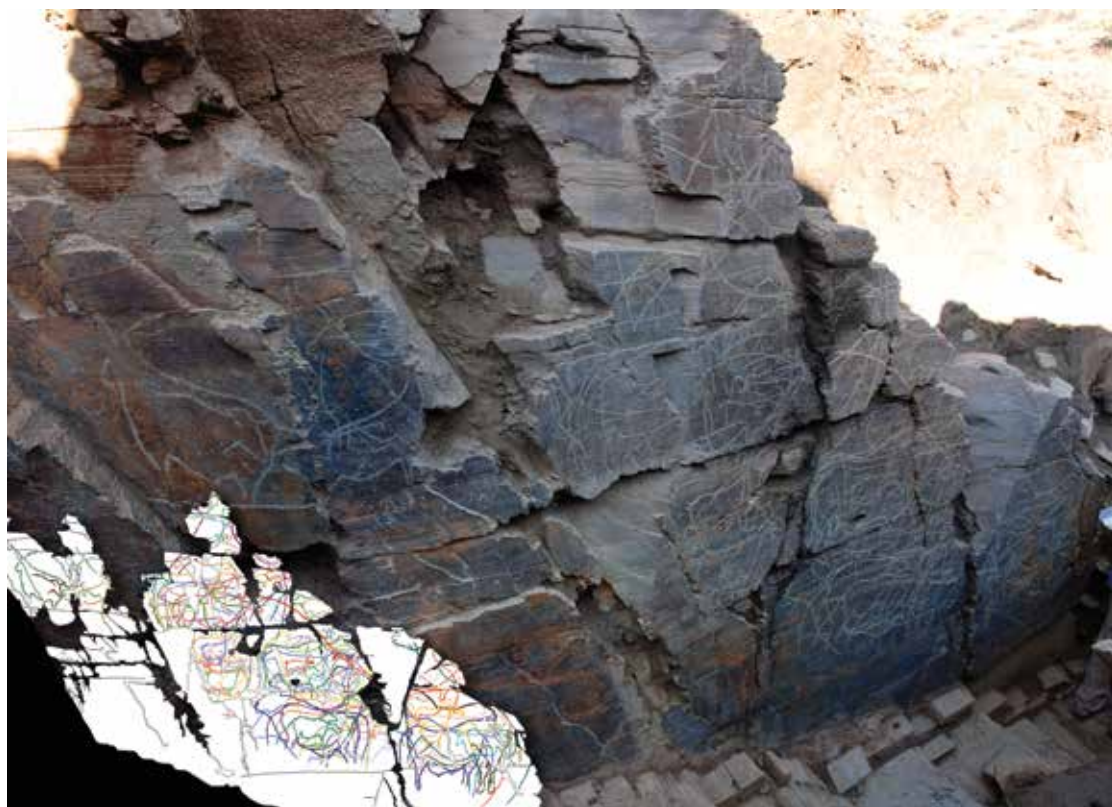


Fig. 20: Fariseu 1 (~30 000-23 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

vale, como a Penascosa e a Canada do Inferno (SANTOS, 2019; AUBRY *et al.*, 2020c). Terá provavelmente origem nas alterações das dinâmicas fluviais identificadas, mais para montantes, no sítio da Cardina, onde se atesta a interrupção da sedimentação aluvial a partir de há 26 000 anos (AUBRY *et al.*, 2020b; 2020c). Que há 30 000 anos já se gravavam figuras do tipo das da fase 1 está, por outro lado, demonstrado pelo aparecimento de picos em quartzito em níveis datados desse período no sítio da Olga Grande 4 (AUBRY, 2001), utensílios cujos estudos traceológicos indiciam ter sido utilizados para gravar figuras daquele tipo (PLISSON, 2009).

Os animais desta fase (SANTOS, 2019, 155) caracterizam-se pelos bordos dorsais e ventrais proeminentes e pelas cabeças naturalistas mas pouco detalhadas. As bocas e narinas, quando representadas, são lineares e os olhos em forma de ponto ou circulares. Usualmente apenas uma pata por par está figurada, tendendo estas a serem delimitadas por bordos simples. As extremidades dos membros tendem a ser deixadas em aberto; o perfil absoluto é a perspectiva mais recorrente no que toca à representação dos membros, sendo usual igualmente na de chifres e hastes, embora neste caso também seja comum o perfil biangular oblíquo (*sensu* LEROI-GOURHAN, 1984). As técnicas mais utilizadas são a picotagem (sobretudo a variante A, mas também a B) e a abrasão, mesmo se a incisão está também identificada. Será a um momento terminal desta fase ou a um inicial da seguinte que se deve atribuir o dispositivo parietal da Faia, que inclui imagens onde se documenta a utilização de pigmento mineral vermelho como complemento da picotagem e da abrasão.

2.1.1. A FASE 1 NO VALE DO CÔA

No Vale do Côa inventariam-se atualmente 475 figuras de animais, que se podem atribuir com uma segurança relativa à fase 1. Distribuem-se por setenta rochas. Os auroques são a espécie mais representada (28,42%), a que se segue o cavalo (20,21%), a cabra-montês (20%) e o veado (11,37%). A camurça aparece em seis ocasiões, tendo-se inventariado ainda representações singulares de um urso e de uma ave de rapina (as duas na rocha 1 da Quinta da Barca). Na rocha 6 da Faia observa-se ainda um animal que, apesar de completo, é de identificação problemática, tendo sido classificado como “outro”, para que não se inclua no número de quadrúpedes que não são determinados devido ao seu elevado estado de incompletude, sobretudo devido à fragmentação do suporte mas também porque não foram completados (ou tendo sido completados por meio de pintura, não se identificam agora devido ao desaparecimento desta). Esta última categoria de animais não identificados representam ainda 17,68% do número de unidades gráficas figurativas (Tab. 1).

A distribuição destas figuras não é homogénea (Fig. 21A). Uma simples enumeração dos sítios inventariados (em número de 10) não nos permite, *per se*, compreender grandemente esta distribuição. Por um lado, ela dilui a relação profunda que existe entre determinados sítios e, por outro, ignora a forma como se distribuem as imagens por esses troços de espaço a que hoje chamamos sítios. Como tal, adoptámos como unidade analítica aquilo a que chamámos *zona*. As zonas são áreas delimitadas que se caracterizam pela homogeneidade topográfica e pela organização similar ao nível das composições que aí se encontram (SANTOS, 2019, 52). Elas podem ser pequenas (com apenas uma rocha) ou grandes (várias rochas ao longo de um curso de água). Podem encontrar-se relativamente isoladas ou adjacentes entre si. No vale é possível

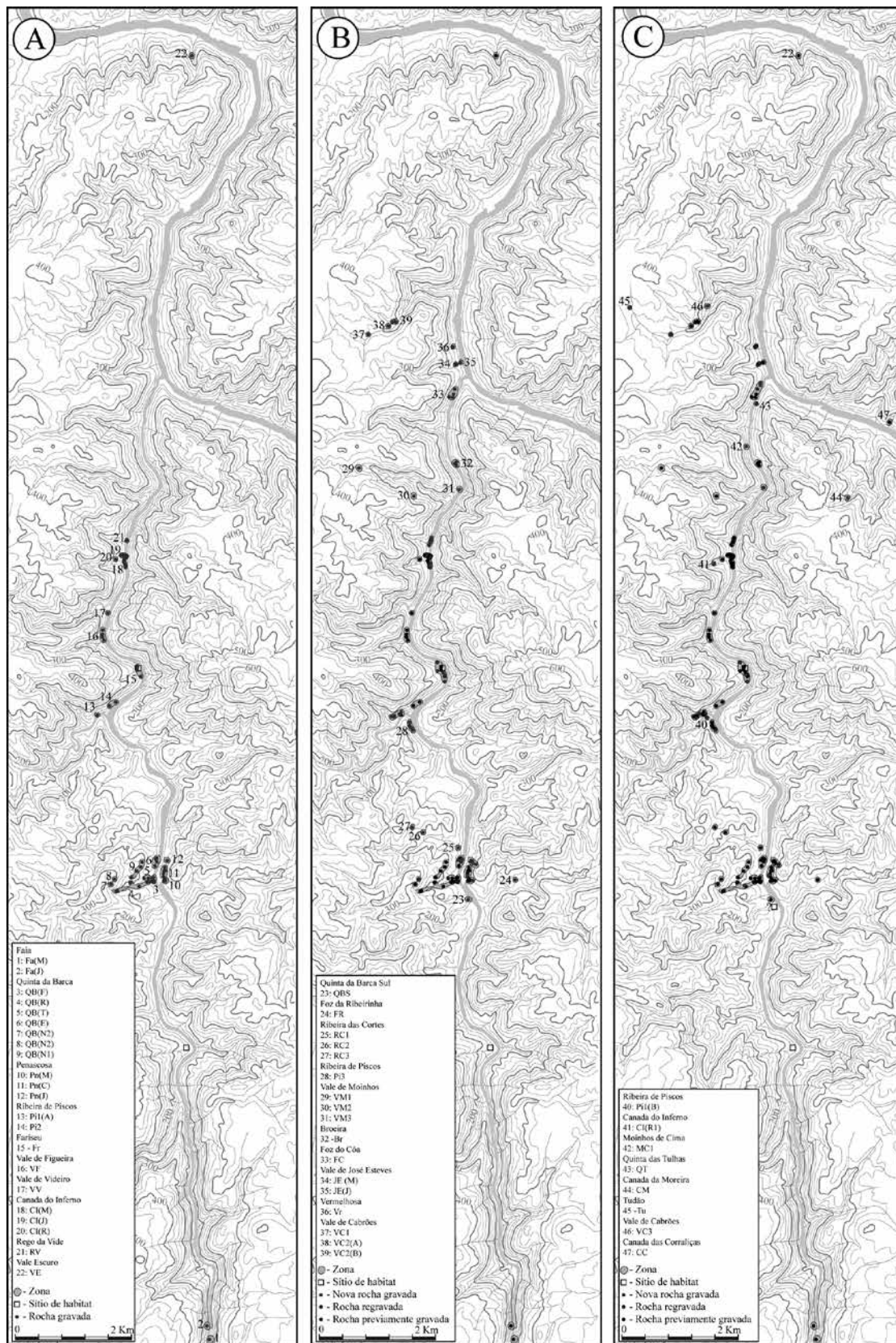


Fig. 21: Evolução do complexo rupestre do Côa entre cerca de 30 000 e 14 000 calBP. A: Fase 1; B: Fase 2; C: Fase 3.

Conjunto	Zona	E	Ce	Ca	B	R	I	O	U	Al	Ind	Totais
Faia	<i>Fa(M)</i>	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	<i>Fa(J)</i>	2	0	0	5	0	0	0	0	1	0	8
Penascosa/ Quinta da Barca	<i>Pn(M)</i>	4	0	5	1	0	0	0	0	0	1	11
	<i>Pn(C)</i>	13	7	13	14	0	1	0	0	0	15	63
	<i>Pn(J)</i>	0	2	0	2	0	0	0	0	0	1	5
	<i>QB(F)</i>	23	8	23	21	0	0	1	1	0	11	88
	<i>QB(R)</i>	4	4	4	5	0	0	0	0	0	8	25
	<i>QB(N1)</i>	0	2	0	1	0	0	0	0	0	0	3
	<i>QB(N2)</i>	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
	<i>QB(T)</i>	2	0	2	2	0	0	0	0	0	3	9
	<i>QB(E)</i>	6	0	2	2	0	0	0	0	0	0	10
	<i>QB(NO)</i>	1	0	3	3	1	0	0	0	0	0	8
		<i>Pi1</i>	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Pi2</i>	1	2	1	3	0	0	0	0	0	0	7
Colina do Fariseu	<i>Fr</i>	23	16	21	30	4	0	0	0	1	19	114
	<i>VF</i>	0	1	0	2	0	0	0	0	0	5	8
	<i>VV</i>	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Canada do Inferno/ Rego da Vide	<i>CI(M)</i>	6	2	8	25	0	0	0	0	0	11	52
	<i>CI(J)</i>	8	7	13	18	1	0	0	0	0	9	56
	<i>CI(R)</i>	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
	<i>RV</i>	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Vale Escuro	<i>VE</i>	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Totais</i>		96	54	95	135	6	1	1	1	2	84	475

Tab.ela 1 : Distribuição dos temas pelas zonas do Còa, durante a vigência da fase 1 (cf. Fig. 21A). E: cavalo; Ce: veado; Ca: cabra-montês; B: auroque; R: camurça; I: peixe; O: ave; U: urso; Al.: outro; Ind.: indeterminado.

identificar alguns conjuntos de zonas adjacentes entre si, separados uns dos outros por áreas sem imagens (Fig. 21A e Tab. 1).

A Faia corresponde a um destes conjuntos. É composto por duas zonas localizadas em margens opostas do rio. A que se encontra mais a montante (*Fa(M)*) localiza-se na margem direita do rio, correspondendo a uma zona caracterizada pela presença exclusiva de uma cerva, gravada no interior de um abrigo (Fig. 22). Na margem oposta, a uns metros para jusante, localiza-se *Fa(J)*, caracterizada pelo domínio do auroque (ver Tab.1).

O segundo conjunto é composto pelos sítios da Penascosa e da Quinta da Barca (Fig. 21a e Tab. 1). A maior densidade de informação encontra-se na confluência da ribeira da Quinta da Barca com a margem esquerda do Còa (zona *QB(F)*). Aqui, 88 motivos animais distribuem-se por apenas 7 painéis, 4 dos quais na rocha 1 da Quinta da Barca (Figs. 23 e 24). Esta zona caracteriza-se pelo equilíbrio entre auroques, cabras-monteses e cavalos. No lado oposto do rio — no sítio da Penascosa — identificam-se três zonas adjacentes entre si, dispostas ao longo da base da vertente. A que se situa mais a jusante (*Pn(J)*) é composta por apenas um painel onde apenas se identificam veados e auroques (estes apenas incisos e aqueles picotados). *Pn(C)*, que ocupa uma posição central no sítio (rochas 3, 4 e 5), apresenta também uma relativa concentração de informação (62 motivos) — uma parte importante deles provavelmente gravados durante o final desta fase ou dos inícios da segunda (nas rochas 4 e 5) (Figs. 25 e 26) — e uma distribuição temática semelhante a *QB(F)*. Na extremidade montante da Penascosa e imediatamente em frente de *QB(F)* localiza-se *Pn(M)*, uma zona claramente focada no cavalo e, em menor, grau, na cabra-montês. Na Quinta da Barca, isolaram-se ainda:

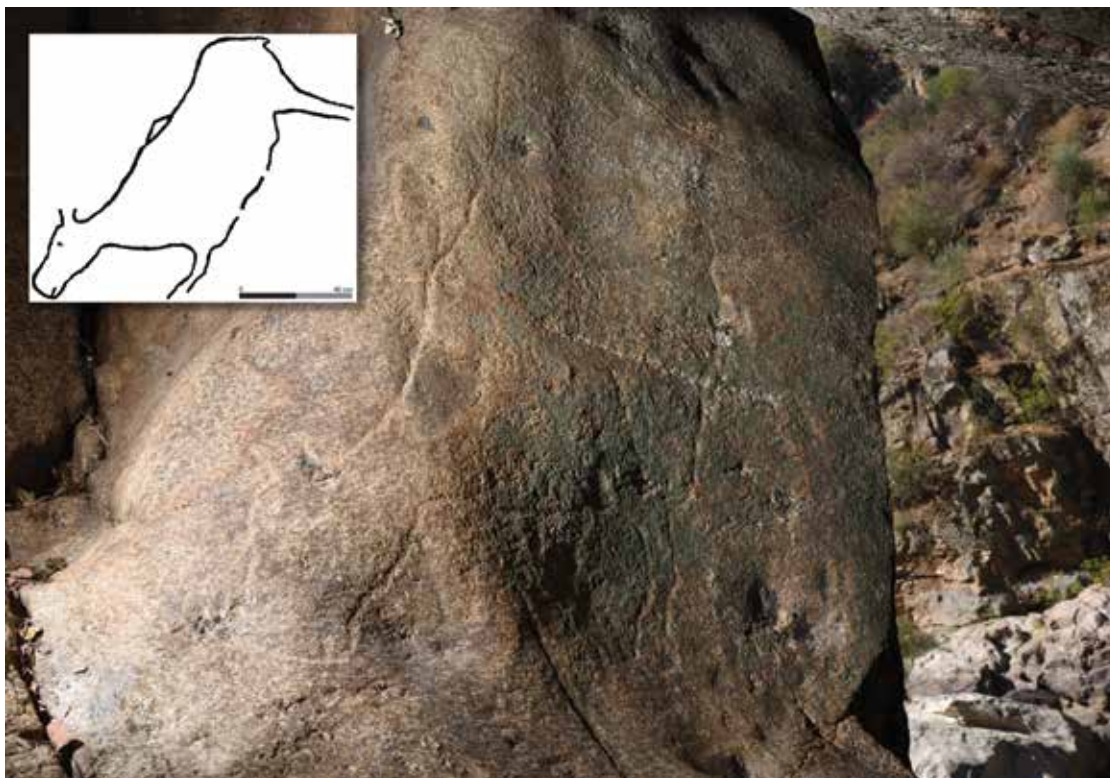


Fig. 22: Faia 7. Vista desde o interior do abrigo granítico, observando-se, em primeiro plano, uma cerva gravada por picotagem e abrasão (~26 000-23 000 calBP). Decalque de André Tomás Santos, Luís Luís e Thierry Aubry e foto do autor.

QB(R), que se distribui ao longo da ribeira epónima e é caracterizada pelo equilíbrio entre as quatro espécies mais representadas (sendo, no entanto, as cabras-monteses representadas apenas por fêmeas); QB(N1), que se localiza junto de uma das nascentes da ribeira, e apresenta uma composição semelhante a Pn(J); QB(N2), onde apenas se observa um membro de um quadrúpede indeterminado). QB(NO) distribui-se ao longo do terço superior da vertente do vale, distinguindo-se pela dispersão de cabras-monteses, cavalo, camurça e auroques, cada tema numa rocha isolada. QB(T) trata-se de um terraço adjacente a QB(R), nos limites dos quais se localizam três rochas com uma distribuição temática caracterizada pelo equilíbrio entre cabras-monteses, auroques e cavalos; finalmente, na extremidade nordeste do sítio, junto ao rio e em face de Pn(J), localiza-se QB(E), caracterizado pela elevada percentagem de cavalos.

Entre estas zonas e as rochas que as compõem é possível inferir percursos *grosso modo* lineares, definidos pela relação espacial das rochas entre si e pela orientação dos próprios animais gravados, que nos informam das direções a caminhar entre elas (SANTOS, 2019). De facto, se nas grutas a orientação dos animais não parece relacionar-se com uma direccionalidade do percurso, no Côa e em Siega Verde, isso parece ocorrer (SANTOS, 2012; 2019, 315-317). Tal poderá dever-se ao facto da própria arquitetura das grutas condicionar aí o movimento (VIALOU, 2004), enquanto que ao ar livre, os condicionalismos aos movimentos do corpo não são tão evidentes. Este tipo de percursos definidos por lugares interligados é, significativamente, típico da navegação pelo espaço por parte dos caçadores-recolectores (LEROI-GOURHAN, 2002 [1965]; KELLY, 2003). A inferência destes caminhos permite perceber que no conjunto da Penascosa/ Quinta da Barca, as zonas das extremidades são dominadas



Fig. 23: A foz da ribeira da Quinta da Barca, observando-se, desde o primeiro plano até ao fundo, as rochas 1, 27 (pequeno painel deslocado visível por cima do painel direito da rocha 1), 2, 4 e 5 (Infografia do autor, feita com os decalques de Fernando Barbosa).

pelo par veado/ auroque (Pn(J) e QB(N1)) e pelo cavalo/ cabra-montês (Pn(M) e QB(E)) e interligadas por zonas de maior diversidade e equilíbrio temático — pelo menos entre cabras-monteses, cavalos e auroques — e maior quantidade de informação, por vezes sob a forma de composições onde se observam intensas sobreposições, particularmente evidentes em Pn(C) e QB(F). A relação entre as duas zonas separadas pelo rio (Pn(M) e QB(F)) parece evidenciada pela que se estabelece entre a rocha 8 da Penascosa — que, segundo o percurso inferido, seria a última a ser experienciada na Penascosa — e a rocha 1 da Quinta da Barca, uma das primeiras a ser vista depois atravessado o rio. Em ambas encontramos as únicas representações de fêmeas de cabras-monteses que olham de frente (Fig. 27), ou seja, uma para a outra, dada a localização e a orientação dos painéis onde se encontram. Na rocha 8 da Penascosa encontramos igualmente as únicas

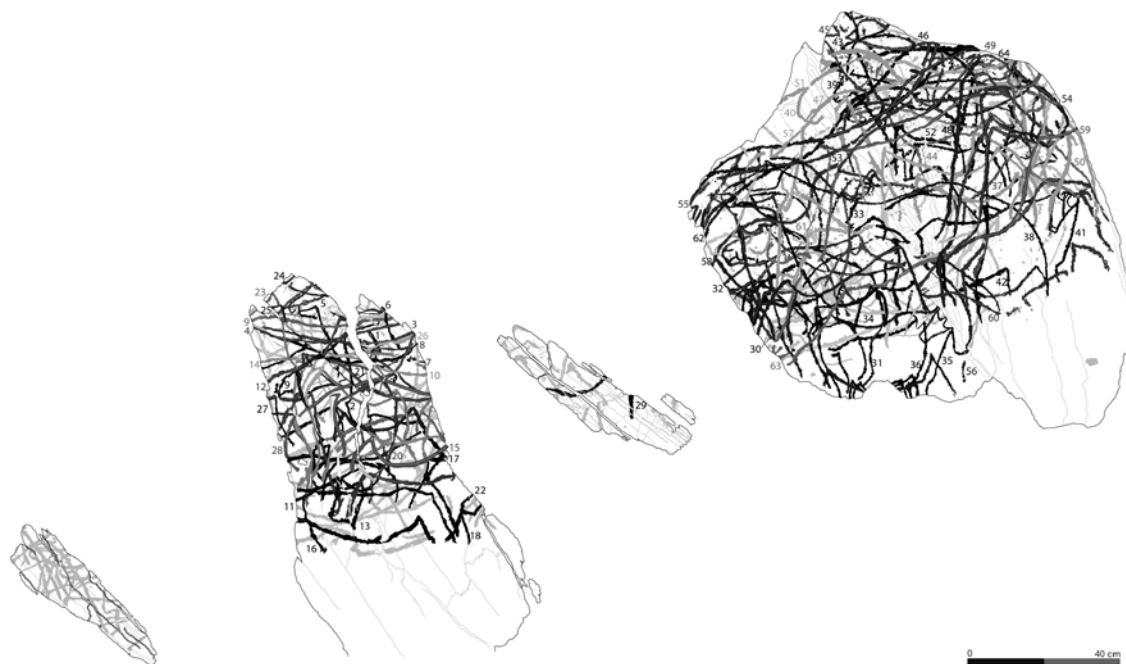


Fig. 24: Quinta da Barca 1, onde se identificam 64 animais atribuíveis a um momento antigo da fase 1 (~30 00-26 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa.

representações de meandros de todo o conjunto que agora abordamos.

O terceiro conjunto corresponde ao grupo de zonas que se distribui em torno da colina do Fariseu (Fig. 21A e Tab. 1). A maior parte da informação concentra-se na zona central do conjunto, no sítio do Fariseu (Fr), onde atualmente se conhecem 126 representações de animais seguramente atribuídos a esta fase, mas cujo número será muito maior a avaliar pelo que se tem descoberto no decorrer das escavações realizadas no sítio. O sítio caracteriza-se por um valor algo mais elevado de auroques (30) relativamente ao de cavalos (23), cabras-monteses (21) e veados (16). O número ligeiramente mais elevado de auroques, quando se tem em conta o número de figuras desta zona, não dilui o relativo equilíbrio entre as quatro espécies mais representadas, apenas suplantado pelo que se verifica na zona da ribeira da Quinta da Barca, onde, contudo, só se quantificam 25 animais. Na base da vertente sul do Fariseu, na margem esquerda da ribeira de Piscos, encontra-se Pi1, onde apenas se localizam os dois cavalos da rocha 1 (Fig. 28). Entre esta zona e Fr, localiza-se, já nas margens do Côa, uma zona intermediária (Pi2), caracterizada pela dispersão e diversidade da informação. A colina do Fariseu é bordejada a norte por Vale de Figueira, uma zona dominada pelo auroque e onde o único outro tema claramente identificado é a cerva. Como, no caso do conjunto da Penascosa/ Quinta da Barca, é possível inferir um caminho entre a zona Pi1 (onde só se observam cavalos) e Vale de Figueira (onde os únicos animais reconhecidos são seis auroques e uma cerva), mediada por duas zonas de maior diversidade temática — Pi2 e Fr —, destacando-se esta última, localizada no centro do conjunto e em face do maior relevo da região (o monte de S. Gabriel), pela quantidade das imagens que comportam dois dos seus painéis e pela intensidade das suas sobreposições (vide supra, Fig. 20).

As zonas da Canada do Inferno e de Rego da Vide formam outro conjunto reconhecível (Fig. 21A e Tab. 1). A zona montante da Canada do Inferno (CJ(M))

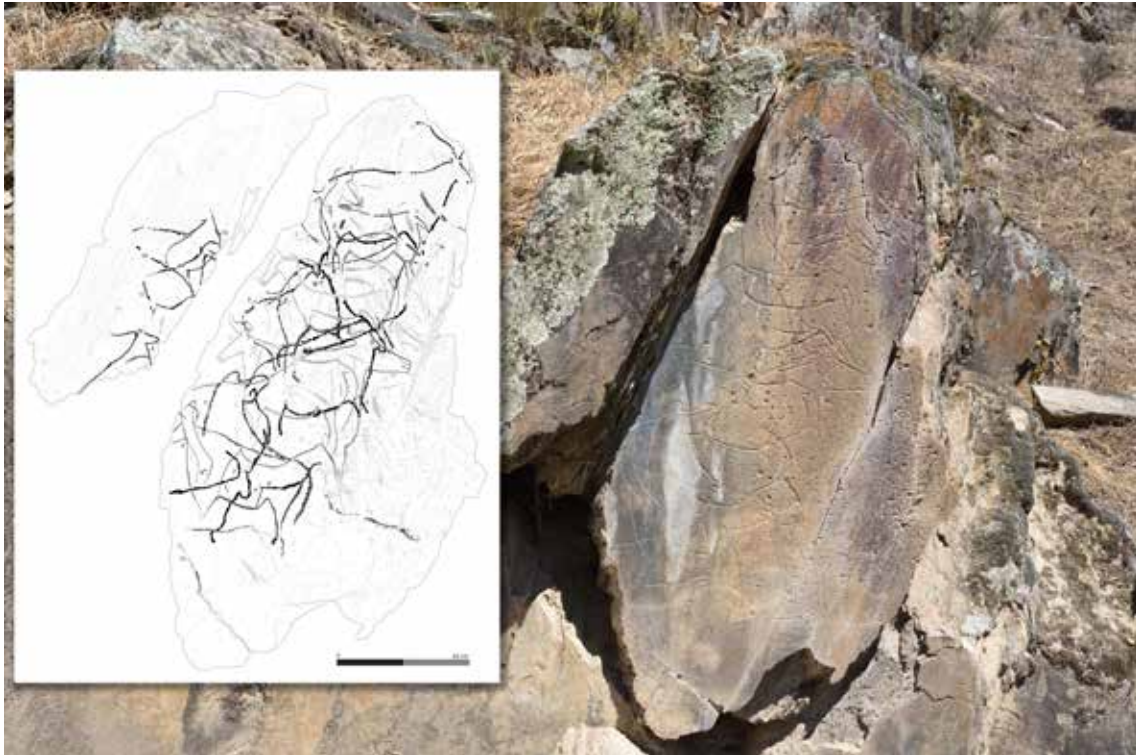


Fig. 25: Penascosa 3. Composição da zona central da Penascosa, dominada por cabras-monteses e auroques. Apenas se identifica um cavalo (~30 000- 26 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

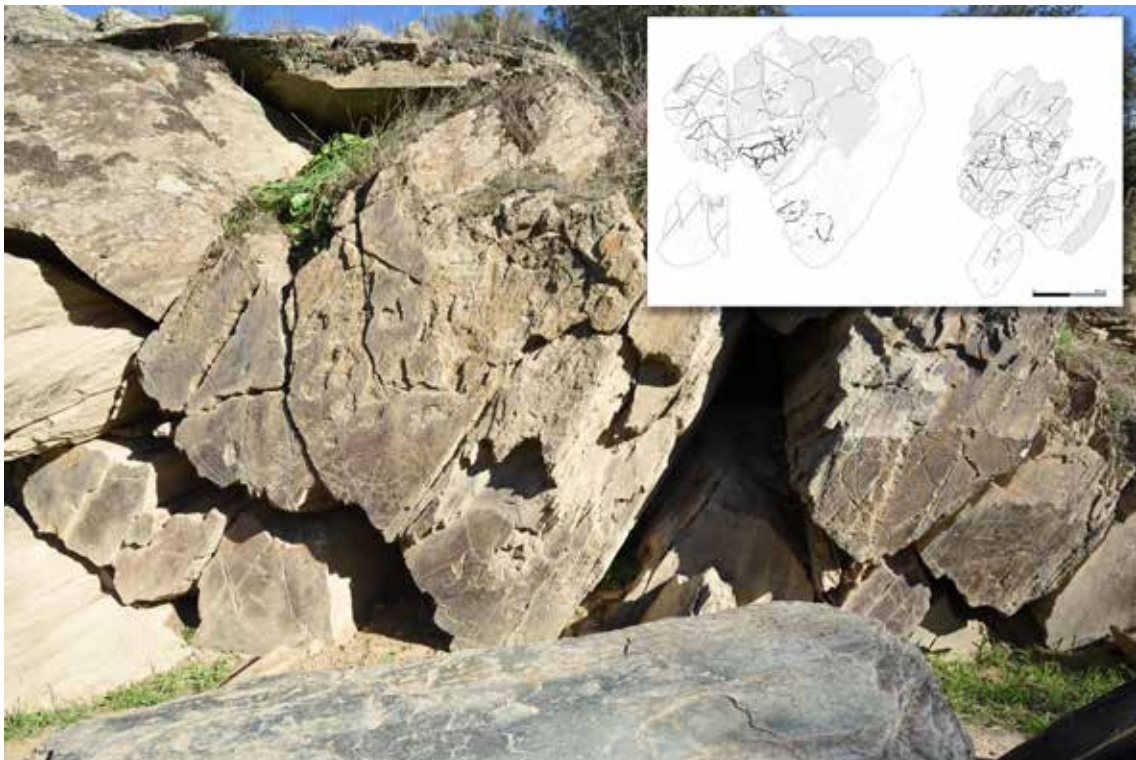


Fig. 26: Penascosa 5. Trata-se da composição mais diversificada de toda a Penascosa, aí surgindo, por exemplo, a única representação de peixe da sua fase pré-azilense. A composição deverá datar de uma momento de transição entre as fases 1 e 2 (~26 000 20 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 27: Penascosa 8 (~30 000-26 000). Se admitirmos um percurso linear na Penascosa, orientado pela lateralização dos animais, esta seria a última rocha do sítio a ser vista. Trata-se da única rocha do sítio com signos ondulados. Destaque-se a cabra-montês-fêmea com a cabeça em vista frontal. Em frente dela, do outro lado do rio, encontra-se a rocha 1 da Quinta da Barca, onde se observa animal semelhante (na caixa, cf. Fig. 24, motivo n.º 36). Decalques de Fernando Barbosa.

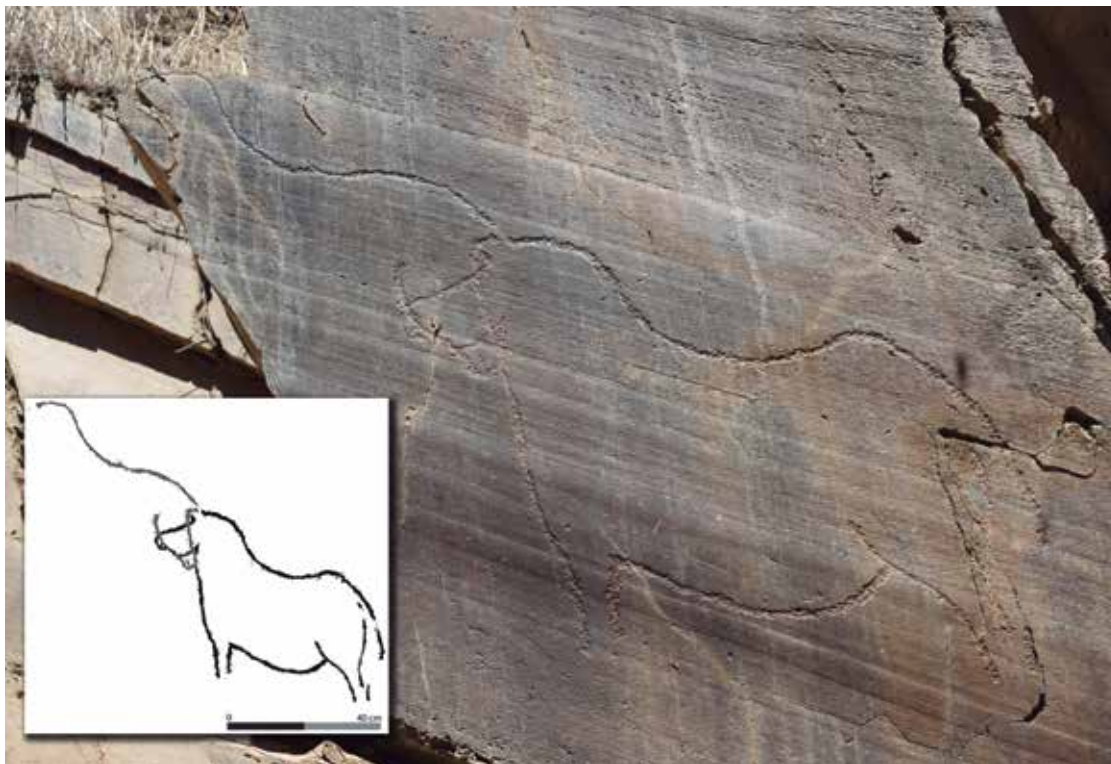


Fig. 28: Rocha 1 de Piscos, onde se observam dois cavalos com a cabeça cruzada (~30 000-26 000). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

dispersa-se ao longo da vertente e apresenta um relativamente elevado nível de informação (52 motivos), dispersos pelo espaço, sendo claramente focada sobre o auroque. A zona jusante (CI(J)) é também dominada por auroques, mas a frequência de outros temas é maior. Rego da Vide (RV) localiza-se para jusante, devendo atribuir-se a esta fase uma única figura de cavalo. A zona remanescente deste conjunto localiza-se na margem esquerda da ribeira da Canada do Inferno (CI(R)), aí se encontrando apenas um auroque.

Com base na orientação dos animais, é também possível inferir uma relação entre CI(R) (onde só se encontra um auroque) e RV (onde só se encontra um cavalo), mediado por duas zonas de maior quantidade e diversidade de informação — CI(M) e CI(J). O primeiro dos sítios poderá também relacionar-se com Vale de Videiro, uma zona composta por apenas uma rocha, localizada entre Vale de Figueira e Canada do Inferno, onde apenas se identifica um animal que parece associar características de uma cabra-montês com as de um vareto (veado juvenil, cujas hastes não apresentam esgalhos) (SANTOS, 2019, 268).

A zona remanescente atribuída a esta fase é o Vale Escuro (VE), situado num pequeno tributário da margem esquerda do Douro localizado para jusante da foz do Côa. Aqui apenas se identifica um veado.

No que toca ao repertório não figurativo, este é maioritariamente inciso. Algumas destas unidades gráficas podem ser interpretadas como signos — maioritariamente de morfologia linear ou angular mas outras poderão corresponder a “marcas rituais” (*sensu* LORBLANCHET, 2010, 335-365), identificando-se com o que usualmente se denomina “traços indeterminados”. Sendo difícil distinguir ambos os tipos de motivos, estes foram quantificados como uma categoria apenas (SANTOS, 2019, 356). Esta quantificação permitiu perceber que este tipo de evidências gráficas se localiza essencialmente onde se concentra o maior número de animais — Pn(C), Fr, CI(J). Apenas na Quinta da Barca parece inverter-se esta tendência, oferecendo QB(F) um número relativamente baixo deste tipo de evidências e QB(E) um número inusitadamente alto. Pelo menos esta última situação poder-se-á dever a uma sobrevalorização das unidades gráficas presentes nas rochas 20 e 22, que, para além de imagens de animais atribuídos a esta fases, também contêm animais gravados em momentos posteriores, sendo difícil discernir quais as unidade gráficas não figurativas que, associando-se também aos animais mais antigo, poderão datar de fases mais recentes.

2.1.2. A FASE 1 NA ÁREA DE APROVISIONAMENTO DAS MATÉRIAS-PRIMAS NÃO LOCAIS IDENTIFICADAS NO VALE DO CÔA

No interior desta área conhecem-se, na bacia do Douro, outros nove sítios com manifestações gráficas rupestres atribuídas a esta fase (Fig. 1). Cinco dos sítios localizam-se em tributários da margem direita do Douro: Pousadouro, Sampaio e Ribeira da Sardinha no vale do Sabor (e.g. BAPTISTA, 2009); o abrigo de Foz Tua junto da confluência deste rio com o Douro (e.g. TEIXEIRA & SANCHES, 2017); e Mazouco, junto à confluência da ribeira da Albargueira com o Douro (JORGE *et al.*, 1981). Três localizam-se em tributários da margem esquerda do Douro: Siega Verde (e.g. ALCOLEA & BALBÍN, 2006) e Redor do Porco (BAPTISTA & REIS, 2011) no vale do Águeda, encontrando-se La Salud nas margens do Tormes (GÁRATE *et al.*, 2016; RIVERO,

BÉCARES & ÁLVAREZ-FERNÁNDEZ, 2021). O nono sítio localiza-se no limite meridional deste território, na margem direita do Ocreza, cerca da sua confluência com o Tejo (e. g. BAPTISTA, 2009).

Todos os animais são picotados e, por vezes, também abradidos. O repertório não figurativo, igualmente essencialmente inciso e de morfologia linear ou angular, só é relevante nos sítios de Mazouco, Pousadouro, La Salud e, em muito menor medida, Sampaio (SANTOS, 2019). Com exceção de Siega Verde, cuja cronologia se estende do Gravettense ao Azilense (e g. ALCOLEA & BALBÍN, 2006; BUENO, BALBÍN & ALCOLEA, 2007), todos os sítios são muito pequenos. Contudo, em Siega Verde, apenas se podem atribuir, com segurança, à fase 1, os auroques dos seus painéis 4 e 19 (SANTOS, 2019, 312-313). De facto, embora Alcolea e Balbín também admitam a possibilidade do cavalo da rocha 4 e de um da rocha 62 serem também arcaicos, pensamos não ser segura esta atribuição. Não só o cavalo da rocha 62 integra a classe 2 das nossas análises, como os paralelos invocados por aqueles autores para invocarem a cronologia mais antiga daqueles motivos, serão mais recentes, designadamente os cavalos de La Griega (maioritariamente integrados na classe 2) e os da rocha 14 da Canada do Inferno, que, para além de integrarem esta classe, serão sempre posteriores ao Último Máximo Glaciar, como demonstrado pelas datações de ^{36}Cl da superfície daquela rocha (PHILLIPS *et al.*, 1997).

Como em Siega Verde, durante esta fase, também nos sítios de Redor do Porco, Ribeira da Sardinha e Sampaio, apenas estão representados auroques.

Nos outros sítios é o cavalo que é omnipresente. Este tema está acompanhado de veado em Mazouco, Pousadouro, Foz do Tua e, eventualmente, La Salud. De facto, interpretamos como pertencendo a uma fêmea desta espécie (invocando paralelos da rocha 1 do Fariseu) o bordo dorsal identificado por Gárate (2016) como cavalo (SANTOS, 2019, 342). Na Foz do Tua a associação do cavalo com o veado é levada ao

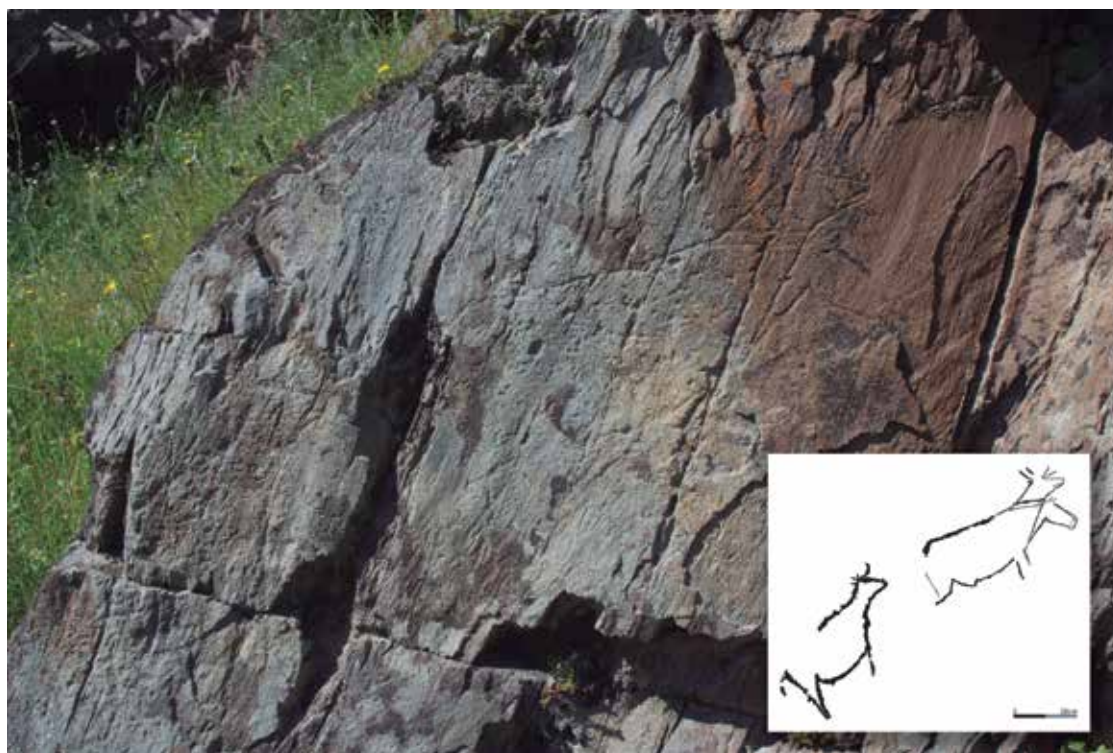


Fig. 29: Painel 31 do Abrigo de Foz Tua, com animal composto (à direita) e cervídeo (à esquerda), ambos gravados por picotagem e abrasão (~26 000-23 000 calBP). Decalque de André Tomás Santos, Joana Teixeira, Joana Valdez-Tullet e Maria de Jesus Sanches e foto do autor.

extremo, aí se identificando uma representação de cervídeo com uma segunda cabeça, deste feita de cavalo. Por outro lado, a putativa aversão que se verifica, fora do Côa, entre o par cavalo/ veado e o auroque está também eloquentemente demonstrada em Foz Tua, onde sob a cabeça do cavalo se parece descortinar a de um auroque (Fig. 29). Nestes sítios as associações por sobreposição são raras, apenas se identificando no Pousadouro e, ainda assim, envolvendo um número reduzido de animais.

Refira-se ainda a existência de arte móvel exumada em nível Gravettense do Medal, um sítio localizado num terraço do Sabor. Apenas a peça n.º 5252 foi gravada com uma unidade gráfica figurativa — o que parece ser a zona crânio-ventral de um auroque (FIGUEIREDO et al., 2016, 69-70, fig. 4). Como referimos anteriormente (SANTOS, 2019, 163), a figura assemelha-se a uma do Fariseu (Fr01-85), assim como a motivos do Gravettense francês dos sítios de Cussac (JAUBERT, FERUGLIO & FOURMENT, dirs., 2020) ou Gargas (BARRIÈRE, 1976).

2.1.3. COMPARAÇÃO ENTRE OS SÍTIOS RUPESTRES

Entres as composições do Côa e aquelas que se encontram na sua área de aprovisionamento não local destaquem-se as similitudes ao nível da morfologia das imagens, das técnicas empregues, dos temas representados, da dimensão média dos animais e da associação preferencial entre, por um lado, incisão e repertório não figurativo e, por outro, picotagem/ abrasão e repertório figurativo. O contraste encontra-se ao nível da dimensão dos sítios, da sobreposição entre motivos — que só ocorre com intensidade nas zonas centrais dos conjuntos do Côa — Pn(C), QB(F), Fr, CI(M) e CI(J) — e da diversidade de temas representados em cada sítio. Relativamente a este aspeto, vale a pena salientar que os animais mais representados no Côa, ora estão ausentes

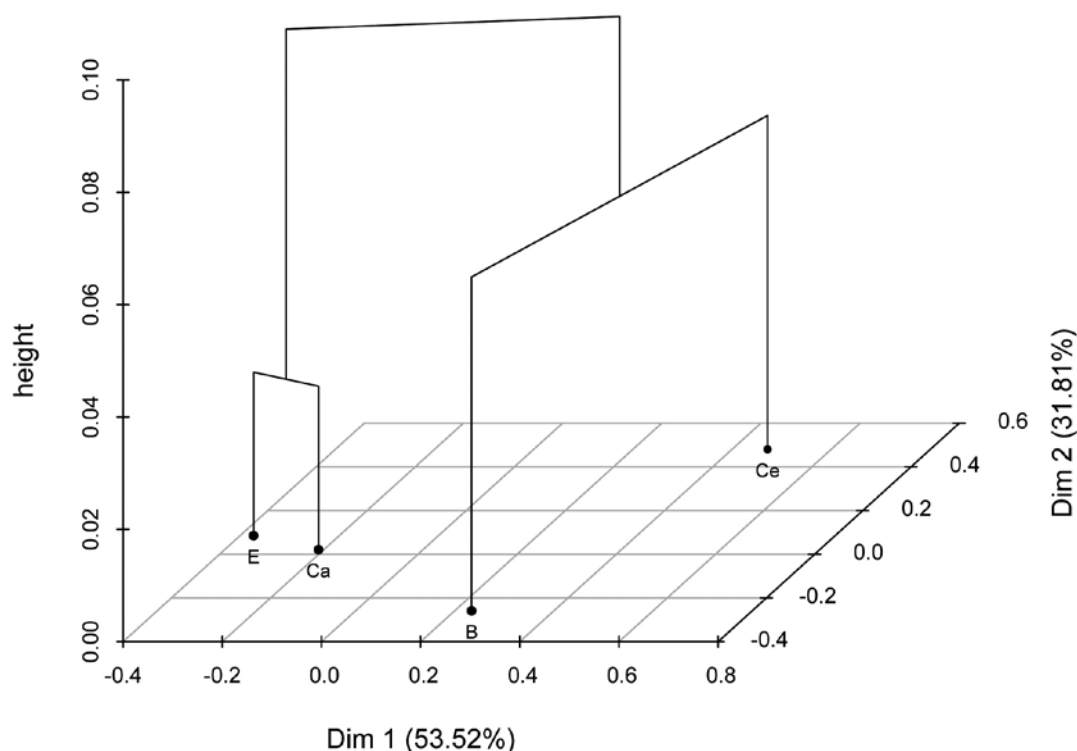


Fig. 30: Classificação hierárquica ascendente dos quatro temas principais da arte paleolítica do Côa, baseada na análise de correspondências simples efetuada sobre o conjunto das zonas da fase 1 com 2 ou mais temas.

(cabra-montês), ora nunca aparecem juntos (cavalo e auroque) nos sítios fora do Côa. Por outro lado, a associação reiterada entre cavalos e veados que se verifica nos sítios fora do Côa é inversa às tendências associativas vigentes no Côa onde veado tende a associar-se com auroque e cavalo com cabra-montês (Fig. 30).

2.2. FASE 2 (~23 000-18 000 CALBP)

A cronologia mais recente das imagens atribuídas a esta fase relativamente à da anterior está atestada pela localização de algumas das primeiras em painéis que foram “libertados” pelo episódio de incisão do vale referido atrás e que terá ocorrido cerca do final da fase 1, podendo-se considerar, conseqüentemente, o Solutrense médio como o período de transição entre as fases (SANTOS, 2019, 157-158). A datação pelo ³⁶Cl da exposição do painel 14 da Canada do Inferno (PHILLIPS *et al.*, 1997), onde se encontram figuras atribuídas a esta fase, demonstra que elas ainda se fariam até, pelo menos, 17.700 anos atrás. Por outro lado, os diversos casos de sobreposição estudados revelam a sua anterioridade sistemática relativamente às imagens atribuídas à fase 3 (SANTOS, 2019, 145-151). A comparação estilística com outras figuras do Sudoeste europeu aponta para uma anterioridade destas figuras relativamente ao Magdalenense médio (SANTOS, 2019, 174-185).

No que toca à morfologia, os corpos destas figuras são menos massivos que os da fase anterior; são mais frequentes os detalhes internos das cabeças, especialmente ao nível do ápice dos focinhos dos cavalos. A representação dos quatro membros é ainda rara, mas mais frequente que na fase anterior. Os cascos, quando representados, apresentam forma globular. Em algumas figuras observam-se algumas delimitações internas, seja mediante a simples representação do seu perímetro, seja por intermédio do preenchimento interno, quer picotado, quer estriado. Algumas das figuras antropomórficas associam-se intimamente a alguns dos animais atribuídos a esta fase, pelo que foram consideradas coevas (Fig. 31). O repertório não figurativo é dominado pela incisão, mas identifica-se um importante signo picotado na rocha 1 de Vale de Figueira (Fig. 32). Para além desta forma complexa, identificam-se ainda outras, como reticulados, escaleriformes ou arboriformes (Fig. 33 a 35). As composições onde se verificam elevados graus de sobreposição entre figuras não são tão comuns como na fase anterior, sendo a rocha 24 de Piscos um dos casos raros onde tal se verifica.

2.2.1. A FASE 2 NO VALE DO CÔA

Isolámos, no Vale do Côa, 343 unidades gráficas figurativas atribuídas a esta fase, dispersas por 69 rochas (Fig. 21B). O cavalo é a espécie mais representada durante esta fase (25,95%), a que se segue o auroque (22,45%), o veado (15,74%), a cabra-montês (12,24%) e o antropomorfo (2,92%). Dois animais semelhantes ao indeterminado da rocha 6 da Faia (e como ele, classificados como al.), dois felinos e representações isoladas de camurça, ave, bisonte e peixe completam o repertório figurativo desta fase, passível de identificação. Os indeterminados, correspondem a 18,37% das figuras. Contudo, se tivermos em conta as figuras pré-existentes, o auroque é ainda a figura mais representada no vale, embora o cavalo se aproxime ligeiramente. A mesma aproximação verifica-se entre cabra-montês e veado (Tab. 2).

Conjunto	Zona	E	Ce	Ca	B	Ant	R	I	O	U	F	Bis	Al	Ind	Totais	
Faiá	Fa(M)	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
	Fa(J)	2	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	1	-	8	
Penascosa/ Quinta da Barca	FRi	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
	QBS	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
	Pn(M)	4	-	6	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	12	
	Pn(C)	15	10	16	17	-	-	1	-	-	-	-	-	17	76	
	Pn(J)	6	6	4	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	25
	QB(F)	24	10	23	21	-	-	1	1	-	-	-	-	-	11	91
	QB(R)	4	4	4	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	25
	QB(N1)	-	2	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
	QB(N2)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	QB(T)	2	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	9
	QB(E)	8	19	3	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	37
	QB(NO)	1	-	3	3	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	8
	RC1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	RC2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	RC3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Colina do Fariseu	Pi1	7	5	6	5	-	-	-	-	-	-	-	2	5	30	
	Pi2	1	2	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	
	Pi3	13	10	6	44	7	1	-	1	-	1	-	-	28	111	
	Fr	36	22	25	38	3	4	-	-	-	-	-	1	26	155	
	VF	-	1	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	14
Canada do Inferno/ Rego da Vide	VY	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
	CI(M)	13	8	8	26	-	-	1	-	-	-	-	-	14	70	
	CI(J)	17	7	16	20	-	1	-	-	-	-	-	-	10	71	
	CI(R)	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
	RV	6	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	
Vale de Moinhos 3	VM3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1		
Broeira	Br	3	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	6		
Foz do Côa	FC	6	6	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	16		
Vale de Moinhos 1/2	VM1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1		
	VM2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1		
Vale de José Esteves	JE(M)	1	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4	
	JE(J)	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	
Vermelhosa	Vr	-	2	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6		
Vale de Cabrões	VC1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3	
	VC2a	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1		
	VC2b	1	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	5		
Vale Escuro	VE	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1		
Totais		171	122	137	214	10	7	2	2	1	2	1	4	145	818	

Tabela 2: Distribuição dos temas pelas zonas do Côa durante a vigência da fase 2 (cf. Fig. 21B). E: cavalo; Ce: veado; Ca: cabra-montês; B: auroque; Ant: antropomorfo; R: camurça; I: peixe; O: ave; U: urso; F: felino; Bis: bisonte; Al: outro; Ind.: indeterminado.

uma fêmea na Quinta da Barca Sul (QBS), desta feita picotada. Nas duas restantes zonas da Ribeira das Cortes (RC1 e 2) são gravados, por incisão, dois quadrúpedes indeterminados. A zona central da Penascosa — Pn(C) — vê igualmente crescer o número de motivos aí existentes, sendo duas das novas cabras-monteses gravadas por picotagem (Fig. 36) e os restantes motivos por incisão. O número de figuras aumenta igualmente nas zonas montante e jusante da Penascosa — Pn(M) e Pn(J) —, assim como em diversas zonas da Quinta da Barca QB(F), QB(N1) e QB(E), onde são gravadas as rochas 31 e 34 (Figs. 37 e 38), assim como, eventualmente, a 30 (Fig. 39). A maioria destas figuras são incisadas, correspondendo as exceções ao grande veado raspado da rocha 10 da Penascosa (Pn(J)) (*vide supra*, Fig. 10) e a duas gravuras picotadas e incisadas da rocha 20 da Quinta da Barca (uma cabeça de cavalo e uma fêmea de cabra-montês em QB(E)). Do ponto de vista temático, auroque e veado continuam maioritários em QB(N1), cavalo em QB(E) e Pn(M). Apenas em Pn(J) se observa uma ligeira alteração da temática original, passando o número de cavalos a ser tão importante como o de veados, ultrapassando mesmo o número de auroques (tal como as cabras-monteses).

As maiores alterações dão-se, no entanto, em torno da colina do Fariseu, onde uma nova zona aparece entre a margem direita da ribeira de Piscos e a esquerda do Côa (Pi3) (SANTOS; 2019, 243-249). Aqui, são gravadas, durante esta fase, as rochas 16 de Piscos — com duas cervas picotadas —, 41 — com um auroque também picotado —, e uma grande parte da rocha 24. Nesta rocha, são provavelmente gravados durante esta fase, pelo menos, 24 dos seus 32 painéis, (devendo seis dos remanescentes serem

A maioria destas figuras é gravada por incisão (85,54%), embora a picotagem e a abrasão ainda sejam utilizadas (13,25%). Para além destas técnicas, reconhece-se a raspagem em quatro figuras. Identificam-se preenchimentos estriados, sempre parciais, em oito motivos.

Ao nível da arquitetura do vale (Fig. 21B e Tab. 2) verifica-se o aumento do número de conjuntos identificáveis, das zonas e das rochas gravadas em zonas pré-existentes. No conjunto Penascosa/ Quinta da Barca, são gravados veados isolados em zonas marginais que não existiam antes — um macho inciso na Foz da Ribeirinha (FRi) (SANTOS, 2019, 205-206) e outro num dos conjuntos da ribeira das Cortes (RC2), assim como

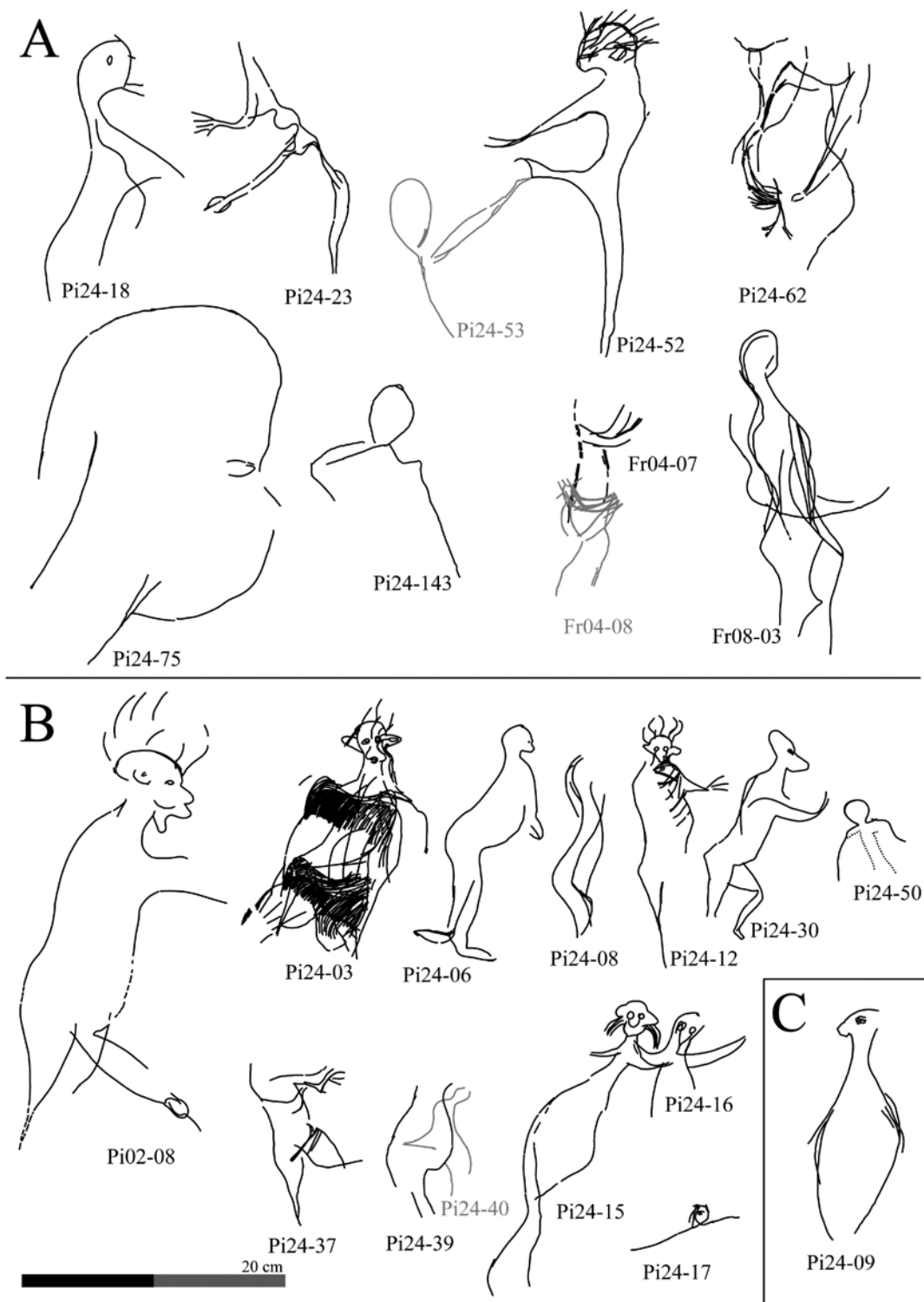


Fig. 31: Figuras antropomórficas magdalenenses do Côa. A: Figuras atribuíveis à fase 2; B: Figuras atribuíveis à fase 3; C: Ser fantástico da rocha 24 de Piscos. Decalques de Fernando Barbosa.



Fig. 32: Vale de Figueira 1. Signo gravado, por picotagem e abrasão (~23 000-18 000 calBP). Confrontar com o decalque na figura 40. Foto do autor.

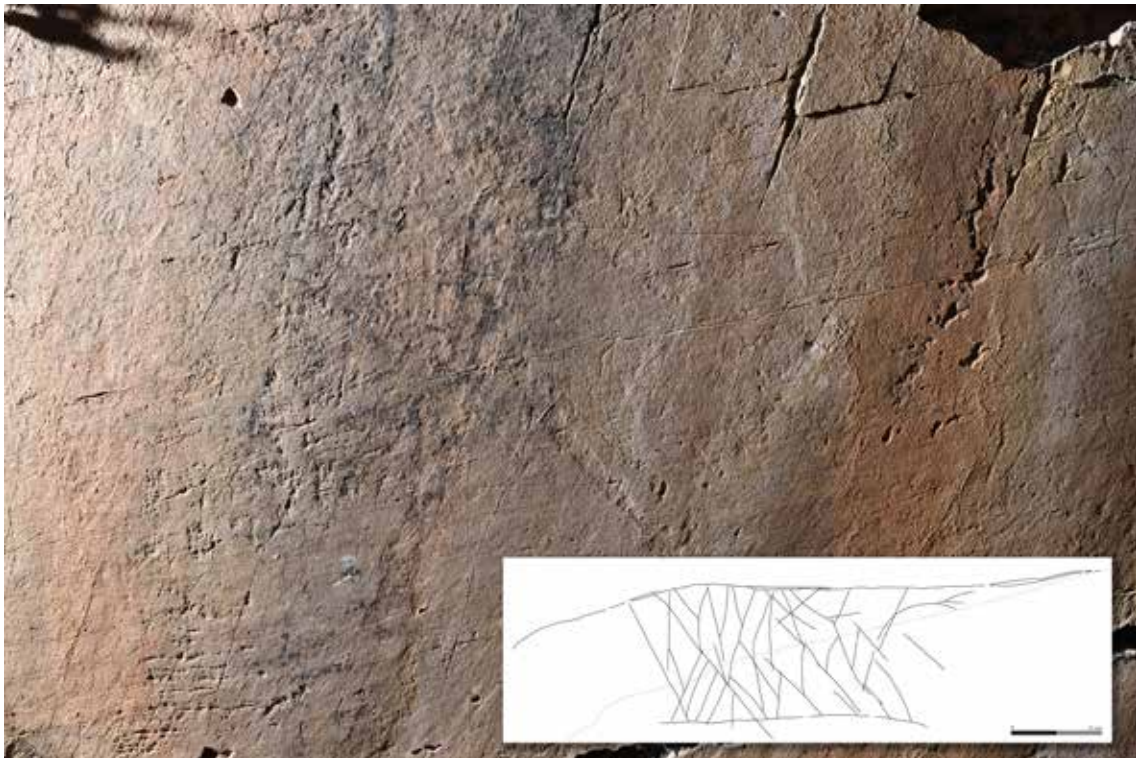


Fig. 33: Vale de Cabrões 32. Signo reticulado inciso (~23 000-18 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa. Foto do autor.

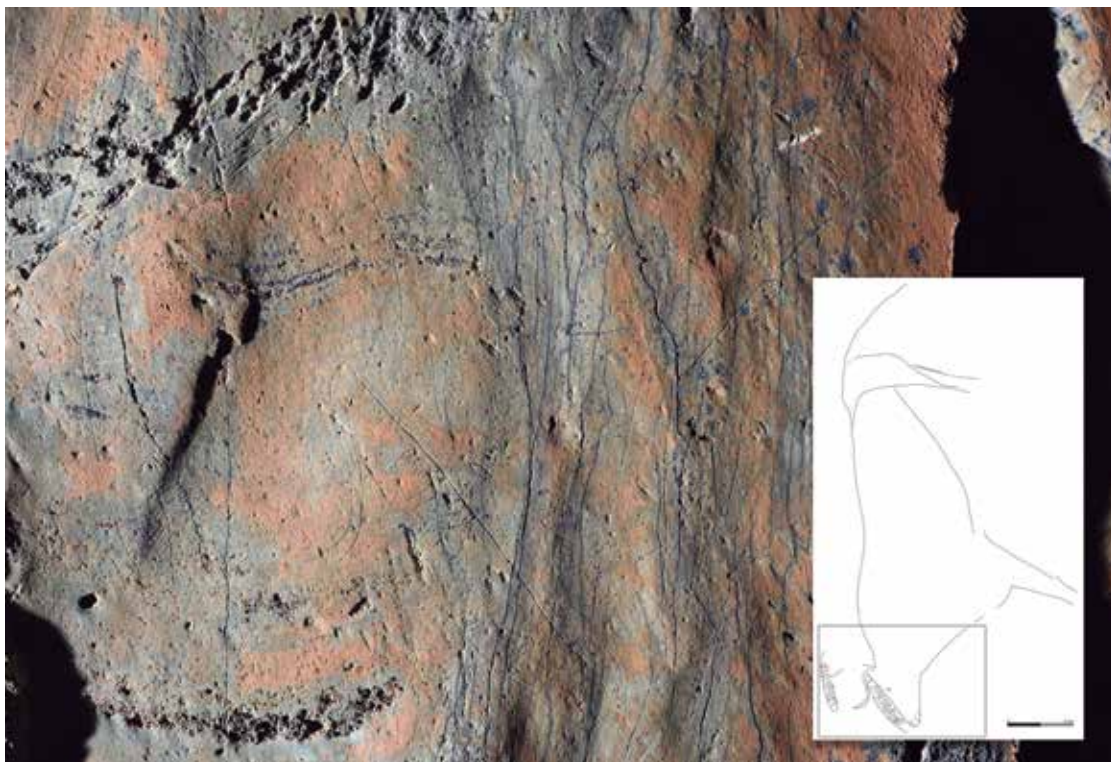


Fig. 34: Vale de Cabrões 6. Signos escaleriformes incisos, associados a um auroque (~23 000-18 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa. Foto do autor.

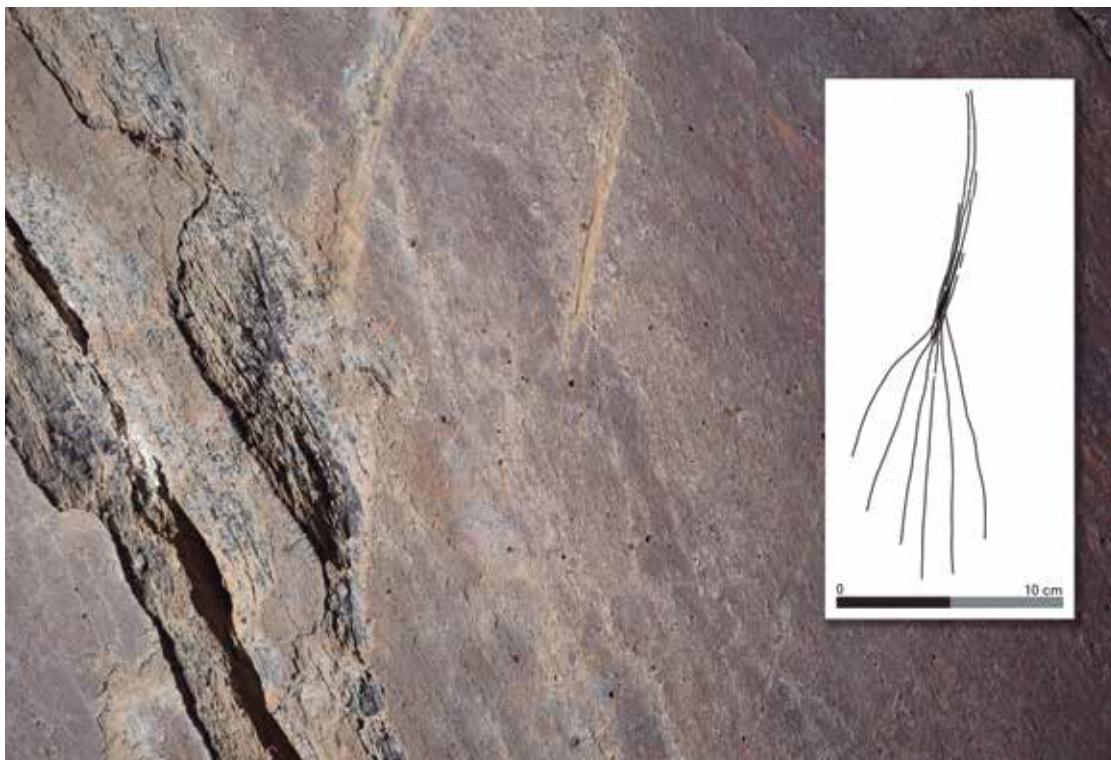


Fig. 35: Quinta da Barca 56. Signo ramiforme. Decalque de Fernando Barbosa. Foto do autor.



Fig. 36: Penascosa 37. Cabra-montês picotada da fase 2 (~23 000-18 000 calBP), em torno da qual se descobrem duas figuras estriadas e uma outra picotada, já de cronologia azilense. (~12 000 calBP) Decalque de André Tomás Santos e Thierry Aubry.

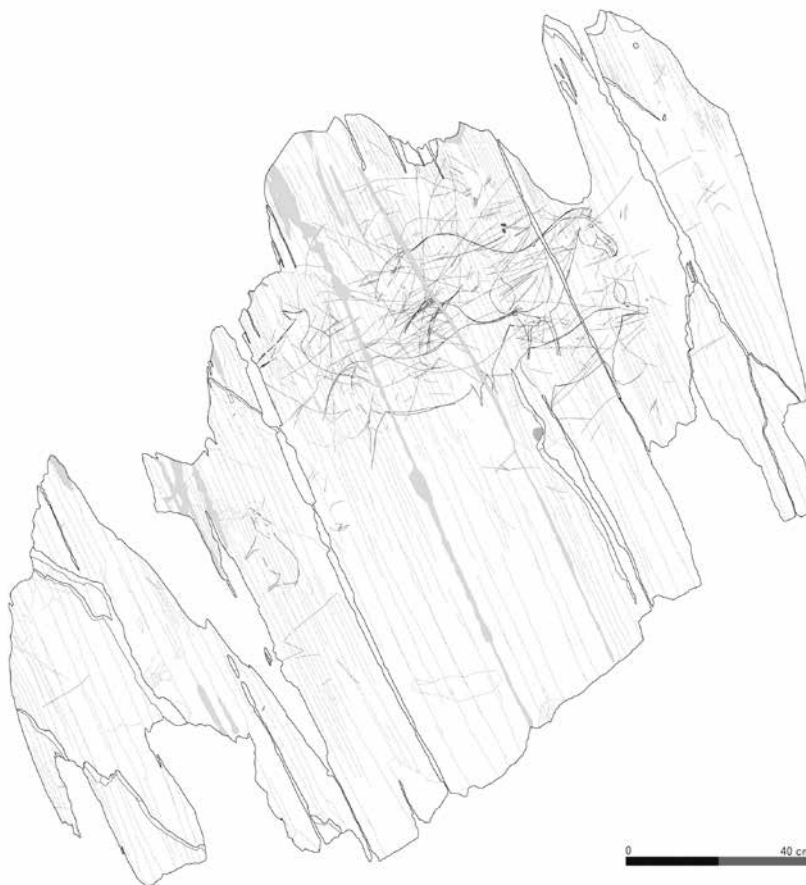


Fig. 37: Quinta da Barca 31. Composição atribuída à fase 2 (~23 000-18 000 calBP), onde se descobrem dois cavalos, dois auroques e uma cervo incisivo. Decalque de André Tomás Santos e Thierry Aubry.



Fig. 38: Quinta da Barca 34. Um auroque inciso completo e cabeça de um segundo (~23 000-18 000 calBP). Decalque de André Tomás Santos e Thierry Aubry.

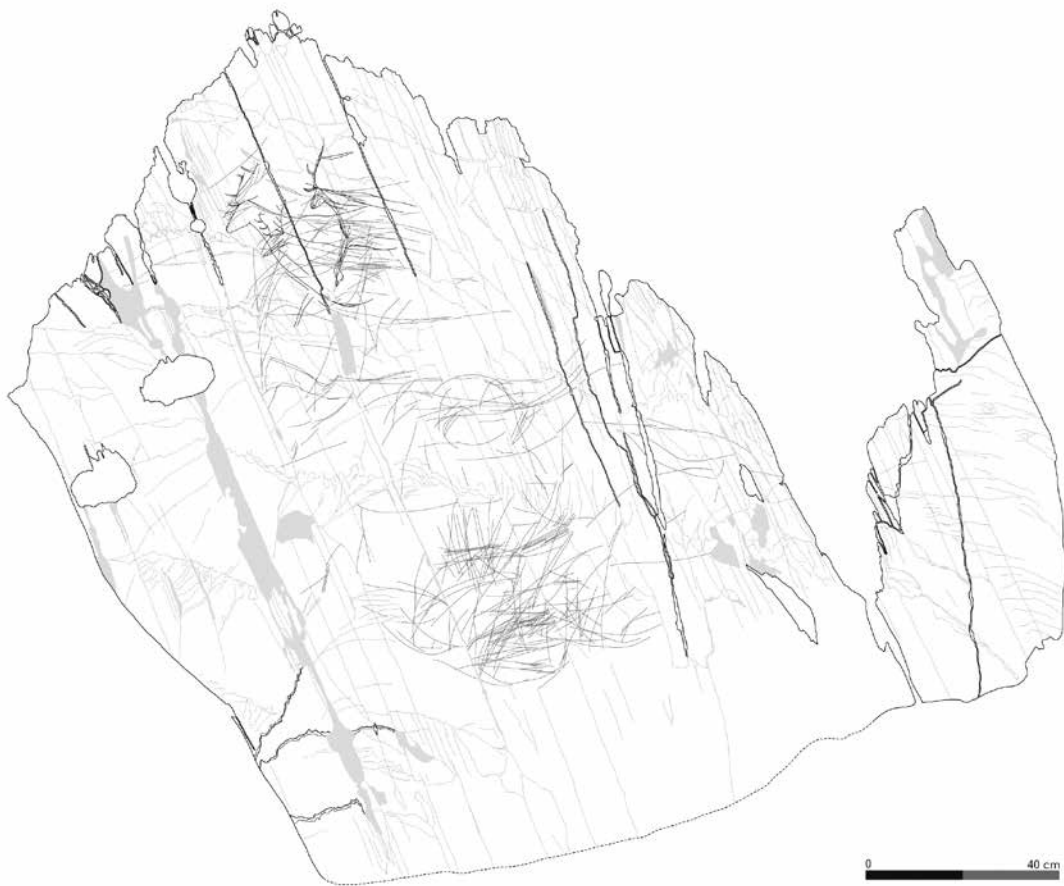


Fig. 39: Quinta da Barca 30. Três veados incisos, possivelmente coevos da nossa fase 2 (~23 000-18 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa.

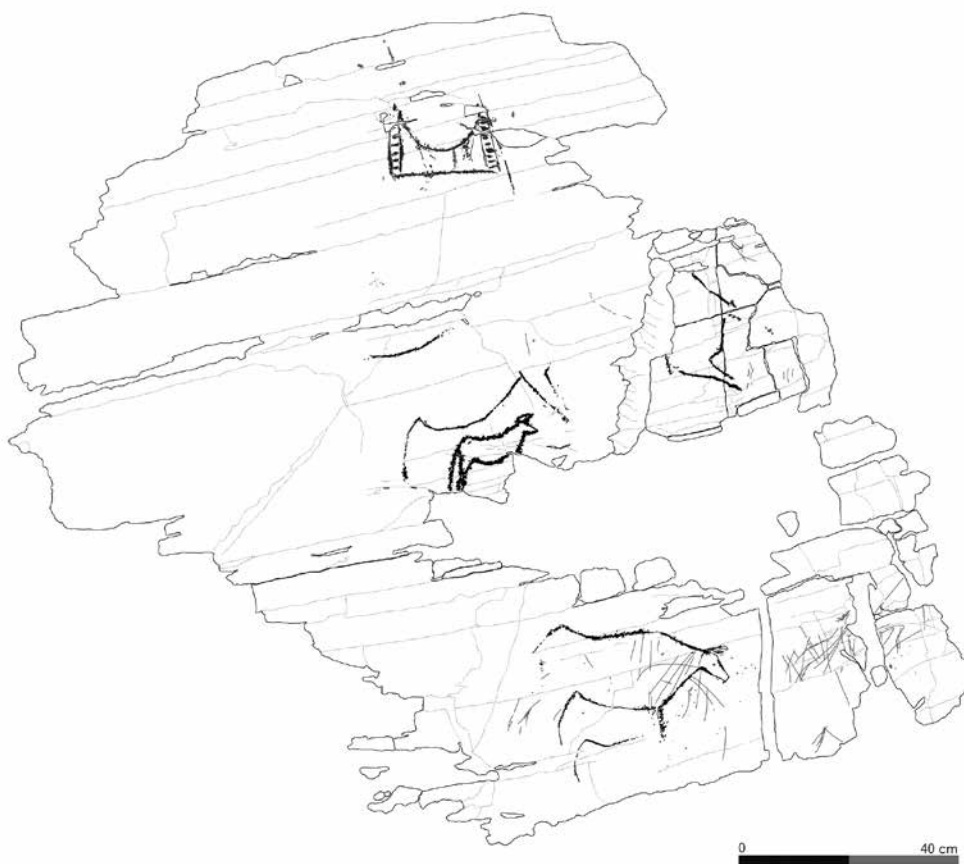


Fig. 40: Vale de Figueira 1. Painel esquerdo. Trata-se de uma composição atribuível à nossa Fase 2 (~23 000-18 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa.

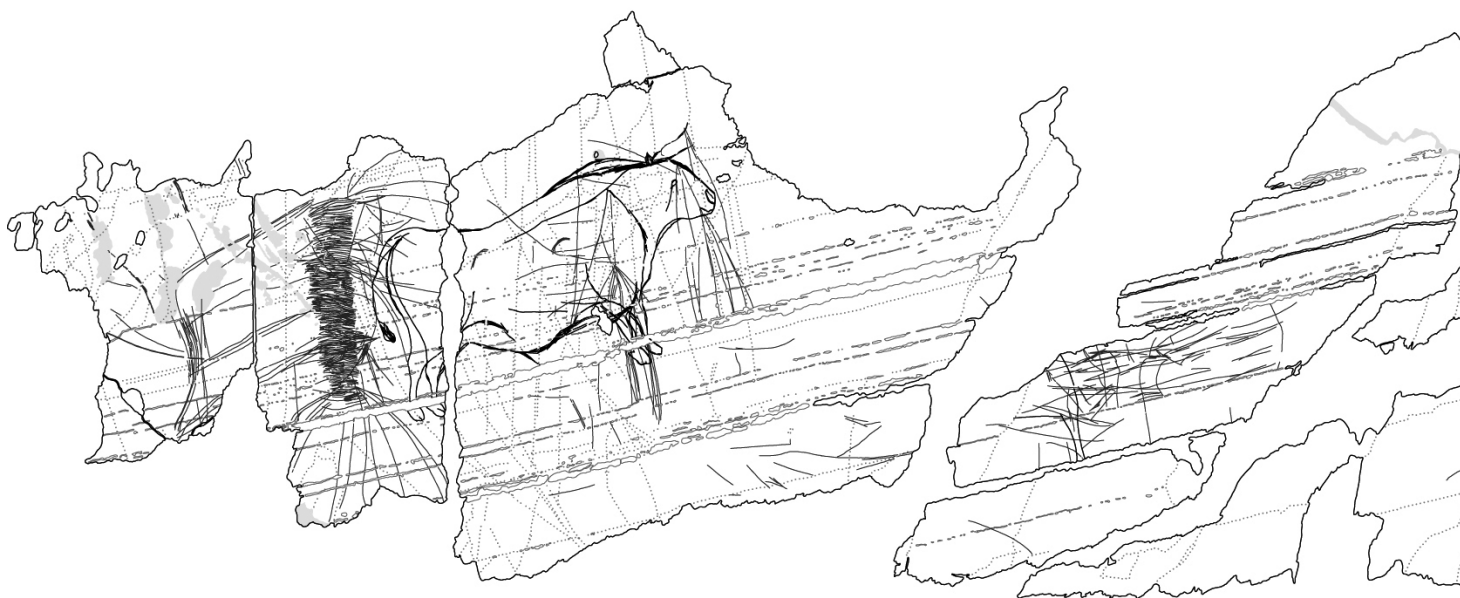
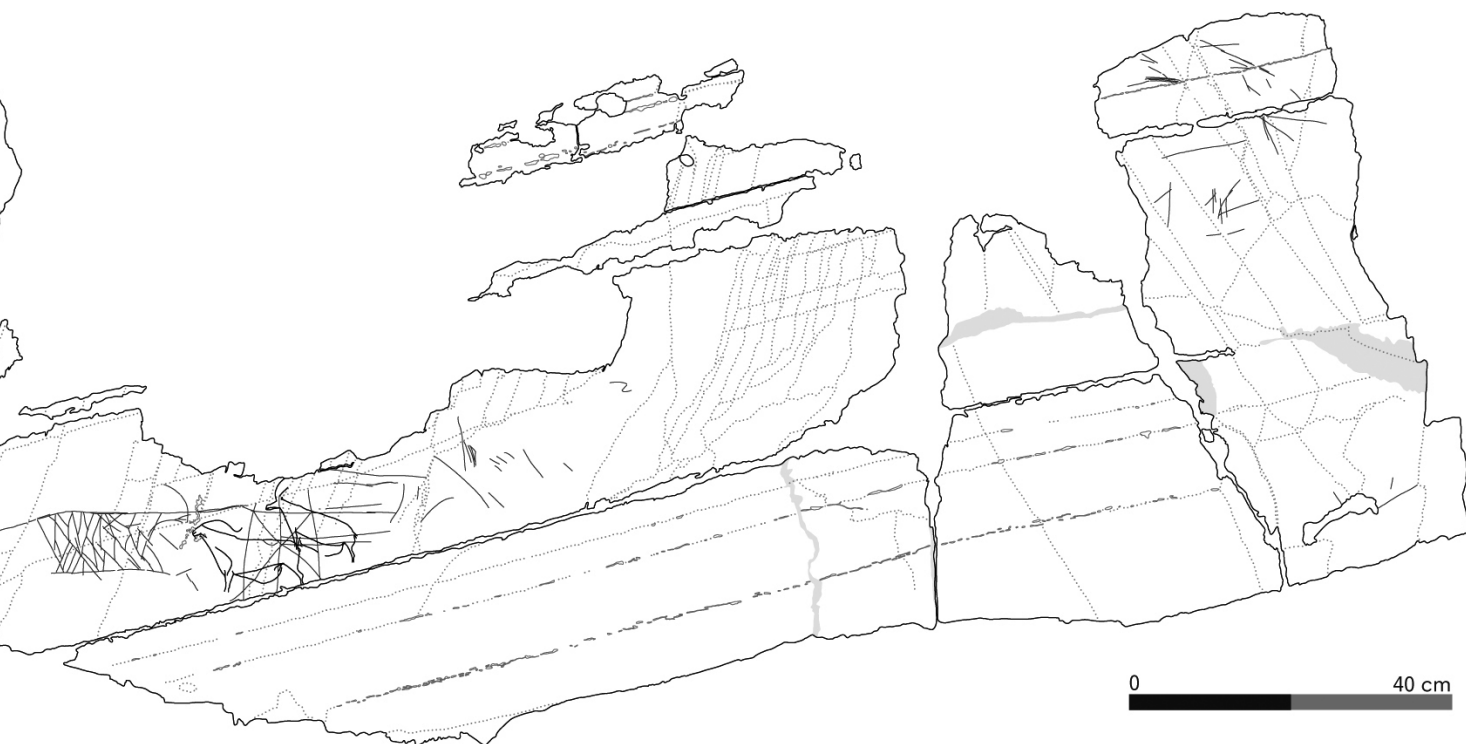


Fig. 41: Vale de Cabrões 31. Ao centro observa-se duas cabras-monteses incisas associadas a signos reticulados, cujos paralelos apontam para um momento da nossa fase 2 (~23 000-18 000 calBP). Na extremidade esquerda observa-se um auroque com características morfológicas mais detalhadas e um outro tipo de signos, que pensamos serem mais recentes (~18 000-14 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa.

gravados na fase seguinte — *vide infra* —, e sendo difícil a atribuição cronocultural dos painéis 31 e 32), porquanto apenas contém repertório não figurativo) (SANTOS, 2019, 552-600). Esta zona é claramente dominada pelo auroque, a esta espécie se seguindo o cavalo, o veado, a figura antropomórfica e a cabra-montês, reconhecendo-se também representações singulares de camurça, felino e ave (cfr. Tab. 2). Os signos da rocha 25 (SANTOS, 2019), deverão também ter sido gravados durante esta fase. Pi1 também vê aumentar o seu número de motivos, gravando-se nas rochas 2, 5, 6 (SANTOS, 2019, 534-539, 542-545) e 47, recentemente descoberta por Mário Reis⁶. Todas estas figuras são incisas, salvo uma cabeça de auroque picotada na rocha 2. Tematicamente, esta zona inverte a de Pi3, sendo o cavalo, o tema mais representado (cfr. Tab. 2. As duas figuras aí classificadas como al. são os dois motivos da rocha 2 semelhantes ao indeterminado da rocha 6 da Faia). Os signos da rocha 11, localizados cerca da rocha 5, deverão igualmente ser atribuídos a esta fase.

No Fariseu são gravadas as rochas 3 (*vide supra*, Fig. 6) e 5, assim como partes da 4 e da 8 (SANTOS, 2019, 619-627) e o restante dispositivo da rocha 9, se é que não estava já gravado. Durante esta fase, o Fariseu destaca-se pelo elevado equilíbrio entre auroques e cavalos e entre cabras-monteses e veados (cfr. Tab. 2). A zona remanescente deste conjunto (Vale de Figueira) também se vê aumentada, devendo todo o painel esquerdo da rocha 1 (Fig. 40), datar desta fase (SANTOS, 2019, 266). A presença do auroque é, assim, reforçada durante esta fase. Destaque-se neste painel a presença de um importante signo picotado (*vide infra*, Figs. 2 e 40).

No conjunto Canada do Inferno/ Rego da Vide observam-se novas adições nas zonas montante e jusante da do primeiro dos sítios e em Rego da Vide (cfr. Tab. 2) (SANTOS, 2019, 276-282). Na primeira zona mencionada, destaque-se a gravação das rochas 12, 19, 20 e 22 descobertas pelo episódio de incisão do vale decorrido entre



6. <http://matriz.arte-coa.pt/MWeb/DetalhesObra?id=179&tipo=OBJ>

as fases 1 e 2 (SANTOS, 2019, 157-158). Na globalidade, destaque-se a aproximação do número de cavalos ao de auroques e de veados ao de cabras-monteses em CI(M), o maior equilíbrio entre temas em CI(J) e uma maior diversidade de temas em RV, embora o cavalo continue como a espécie mais representada.

A visibilidade das rochas para jusante do Rego de Vide está muito condicionada pela submersão de uma parte importante do vale pela albufeira do Pocinho (influência que chega até à ribeira de Piscos, mas o sector do vale entre Rego da Vide e aquele sítio foi melhor prospetados aquando do abaixamento da barragem em 1994). Ainda assim, conhecem-se cinco zonas com imagens atribuíveis a este período: Foz do Côa (FC), com cinco rochas localizadas na margem esquerda do rio e Broeira (Br), com três rochas na margem direita (SANTOS, 2019, 276-296). Entre o Rego da Vide e a Foz do Côa localiza-se a foz do Vale de Moinhos, por onde se distribuem as zonas VM1, VM2 e VM3, com uma imagem em cada uma, de um bisonte picotado (SANTOS, 2019, 704), um veado inciso (SANTOS, 2019, 284) e um cavalo picotado (BAPTISTA & REIS, 2008, 176), respetivamente (cfr. Tab. 2).

Já no Douro, para jusante da foz do Côa, foram provavelmente gravados durante esta fase, no Vale de José Esteves, os espaços parietais B e C (este apenas com signos) da rocha 36 do Vale de José Esteves (SANTOS *et al.*, 2020b, 177-182) e a rocha 80, recentemente descoberta por Mário Reis, localizada já perto da confluência deste vale com o Douro (cfr. Tab. 2, JE(M) e JE(J), respetivamente). Deverão igualmente ser atribuídos a esta fase dois veados e quatro cabras-monteses incisas das rochas 1 e 2 da Vermelha (cfr. Tab. 2, Vr).

O último sítio da região com figuras atribuídas a este período é Vale de Cabrões. Aqui identificam-se dois *loci*. Em VC1 atribuímos a este período as duas cabras-monteses e um quadrúpede da rocha 32 (SANTOS, 2019, 730-734). Chegámos a atribuir estes animais à fase 3, devido à presença concomitante de um auroque claramente atribuível a esta fase. Contudo, a localização das cabras-monteses no centro do painel não torna descabida a sua putativa maior antiguidade relativamente ao auroque (Fig. 41). A estreita associação entre estes dois animais e signos reticulados (vide supra Fig. 33) muito semelhantes aos encontrados na gruta de El Buxu, nas Astúrias (e.g. MENÉNDEZ, 1984; 2003) — onde outras similitudes com Vale de Cabrões foram já identificadas (SANTOS, 2019, 179) — reforça esta proposta de atribuição cronológica.

O *locus* remanescente do sítio encontra-se a jusante no vale, aí se distinguindo duas zonas separadas por uma linha de água temporária. Na sua margem esquerda encontramos VC2a, onde apenas se descobre a cabeça incisa de um veado, identificando-se em VC2b, na margem direita duas cabras-monteses, dois auroques e um cavalo, todos incisos (SANTOS; 2019, 305-307).

2.2.2. A FASE 2 NA ÁREA DE APROVISIONAMENTO DAS MATÉRIAS-PRIMAS NÃO LOCAIS IDENTIFICADAS NO VALE DO CÔA

Atribuímos a esta fase imagens localizadas em nove sítios, correspondendo um destes — La Griega (e.g. CORCHÓN *et al.*, 1997; 2012) — a uma gruta (Fig. 1). Com exceção das estações localizadas em torno da aldeia de Domingo García (San Isidro, Valdebernardo-Cañamares e La Dehesa del Carbonero) (RIPOLL & MUNICIO, 1999), os restantes sítios ao ar livre relacionam-se com linhas de água. São estes: Siega Verde, de que já falámos, Fraga Escrevida, situada no Vale do Sabor, Arroyo de las Almas, que

é um tributário da margem direita do Águeda (VÁZQUEZ & REIS, 2019; REIS & VÁZQUEZ, 2020) e os dois sítios do médio Zêzere: Poço do Caldeirão e Costalta (e.g. BAPTISTA, 2009; SANTOS, 2019, 743).

Ocorrem figuras incisas em todos os sítios, com exceção dos de Poço do Caldeirão, Costalta e Fraga Escrevida. A picotagem é omnipresente nestes sítios e extremamente relevante em Siega Verde (e.g. ALCOLEA & BALBÍN, 2006), sendo residual em San Isidro e La Griega, onde predominam a digitação e a incisão (CORCHÓN *et al.*, 2012, 529). Por outro lado, o único dispositivo inteiramente inciso é o de Arroyo de las Almas.

Fraga Escrevida, o Arroyo de las Almas, Valdebernardo-Cañamares, Poço do Caldeirão e Costalta são sítios com dispositivos parietais muito pequenos e, tal como os da fase anterior focados sobre o auroque (Fraga Escrevida) ou sobre o cavalo, podendo este aparecer isolado (Costalta) ou associado a veados (Arroyo de las Almas e Poço do Caldeirão) ou a cabras-monteses (Valedebernardo-Cañamares).

La Dehesa del Carbonero (RIPOLL & MUNICIO, 1999, 175-196) é um sítio ligeiramente maior, no qual se identificam, pelo menos, oito composições com imagens figurativas. O sítio é claramente dominado pelo cavalo (10 motivos), sendo o auroque a segunda espécie mais representada (2 motivos).

De Siega Verde, atribuímos a esta fase as imagens da sua zona Centro-Sul, que os autores consideram da mesma cronologia que a nossa fase 2 (proposta que é confirmada pelas nossas análises estatísticas). Aqui o cavalo é igualmente maioritário (com 83 representações), seguindo-se o auroque e o veado (com vinte representações)⁷. Os restantes temas (caprinos, carnívoros, plantígrados, antropomorfos e, segundo os autores, rinocerontes) são minoritários. Trata-se do maior sítio desta fase, desenvolvendo-se a estação de forma paralela ao rio, segundo um percurso *grosso modo* linear (ALCOLEA & BALBÍN, 2006, 62), e cuja direccionalidade do percurso parece ser, como no Côa, indicada pela orientação dos animais (SANTOS, 2019, 315-317).

San Isidro e La Griega são sítios algo mais pequenos que Siega Verde, caracterizando-se também pelo domínio maciço do cavalo, com 25 e 59 motivos em cada um daqueles sítios respetivamente. No caso de La Griega, o tema é seguido por veados (12), aparecendo esta espécie a par de auroques em San Isidro (7).

Relativamente à arte móvel desta fase, ela só foi documentada na gruta do Caldeirão (ZILHÃO, 1988), em nível Solutrense do Medal (FIGUEIREDO *et al.*, 2016, 73, fig. 5) e, possivelmente, no sítio do Vau, localizado no Vale do Vouga (SANTOS, AUBRY e BARBOSA, 2020). No primeiro dos sítios, é difícil definir qualquer imagem de carácter figurativo na peça em causa, no segundo o cavalo é o único tema representado. Já no Vau, a única peça aí encontrada foi gravada com 6 cavalos, duas figuras antropomórficas, dois cervídeos (um restringido a uma haste e duas orelhas) e uma ave.

2.2.3. COMPARAÇÃO ENTRE OS SÍTIOS RUPESTRES

Durante esta fase, para além da grande concentração de rochas gravadas no

7 - O nosso inventário diverge ligeiramente do dos autores da monografia de referência, por razões que explicitámos já (SANTOS, 2019, 313-314). Segundo aqueles autores, na zona Centro-Sul, os bovinos são mais representados que os cervídeos (ALCOLEA & BALBÍN, 2006, 234)

Vale do Côa e dos pequenos sítios que parecem, ao nível da dimensão e da diversidade temática, muito semelhantes aos da fase anterior, surgem sítios de maior dimensão e mais diversificados tematicamente.

Um destes localiza-se no interior de uma gruta (La Griega), caracterizando-se outro pela sua monumentalidade, traduzida por um dispositivo essencialmente picotado de grande visibilidade (Siega Verde). Outros dois (Dehesa del Carbonero e San Isidro) localizam-se em relevos destacados na paisagem que denunciam o seu carácter “público”, carácter esse que, no caso de San Isidro, é igualmente denunciado pela presença de imagens picotadas (exclusivamente cavalos).

Todos estes sítios contrastam com o vale do Côa ao nível da distribuição temática, caracterizando-se todos eles, à exceção de Fraga Escrevida, pelo domínio de cavalos e por uma presença muito mais significativa de veados que de cabras-monteses. Mesmo os auroques só são mais preponderantes que cervídeos na Dehesa del Carbonero, apresentando números semelhantes em Siega Verde e San Isidro. Ainda assim, este último sítio, La Dehesa del Carbonero e Valdebernardo-Cañamares devem

ser entendidos como um conjunto (na medida em que o Vale do Côa é também um conjunto) dominado pelo cavalo (36), a que se segue, muito atrás, o auroque (9), o veado (7) e a cabra-montês (4). Ora, no Côa, não só a diversidade temática continua a denotar um maior equilíbrio entre auroques e cavalos (com predomínio ligeiro dos primeiros) e entre cabras-monteses e veados (com igual predomínio das primeiras), como as tendências associativas no sítio continuam caracterizadas por uma maior relação entre cavalo e cabra-montês, encontrando-se agora auroque mais afastado de veado, mas ainda assim mais próximo deste que do outro par (Fig. 42).

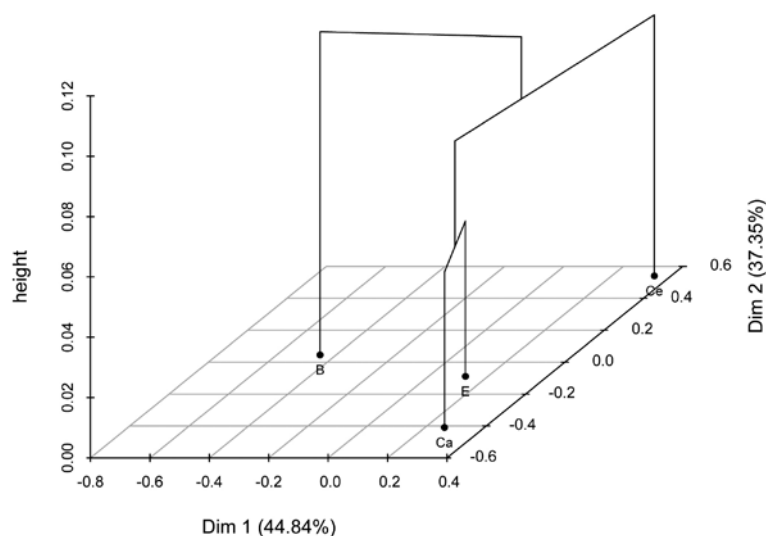


Fig. 42: Classificação hierárquica ascendente dos quatro principais temas da arte paleolítica do Côa, baseada na análise de correspondências simples efetuada sobre o conjunto das zonas da fase 1 e 2 com 2 ou mais temas.

2.3. FASE 3 (~18 000-14 000 CALBP)

Esta fase é seguramente posterior à 2, tal como demonstrado por diversos casos de sobreposição no Vale do Côa, designadamente nas rochas 2 e 24 de Piscos e 4 do Fariseu (SANTOS, 2019, 145-151). A sua anterioridade relativamente às imagens atribuídas à fase 4 está atestada igualmente por sobreposições e localizações em diferentes sectores da rocha 4 do Vale de José Esteves, onde gravuras atribuídas à fase 3 só estão ausentes de painéis expostos mais recentemente, aí se encontrando imagens atribuídas à fase 4 (SANTOS *et al.*, 2020b). Na rocha 41 da Canada do Inferno, imagens

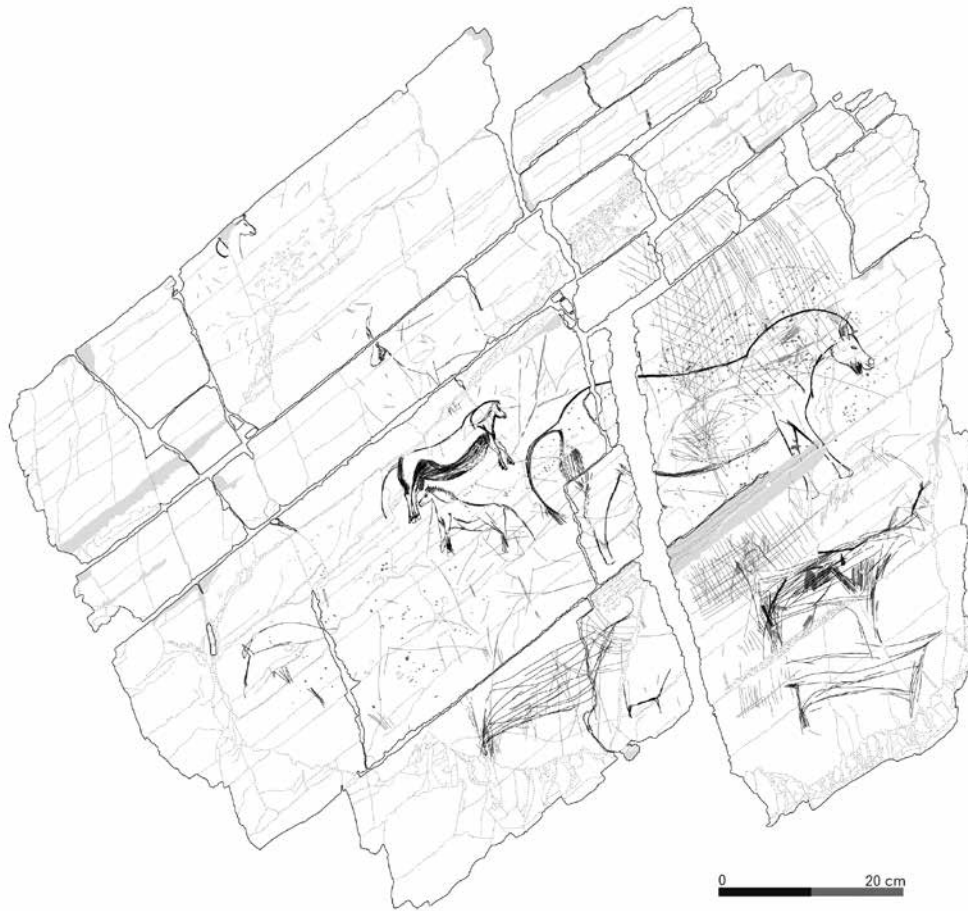


Fig. 43: *Canada do Inferno 41*. No centro do painel encontram-se 5 cavalos e uma cabra-montês atribuídos à fase 3 (~18 000-14 000 calBP). Em zona marginal, no sector inferior direito do painel observam-se as representações, mais esquemáticas, da fase 4 (~12 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa.

da fase 4 encontram-se em posição marginal do painel, cujo centro é ocupado por imagens atribuídas às fase 3 (Fig. 43). Por outro lado, a localização no fundo do vale de algumas imagens atribuídas a esta fase demonstra que elas foram produzidas antes de um episódio de acreção que ocorreu entre 15 000 e 13 000 anos atrás (AUBRY *et al.*, 2020b). No entanto, figuras “hiper-realistas” como a do auroque de vale de Cabrões 32 (*vide supra*, Fig. 41) ou o par de cavalos da rocha 41 da *Canada do Inferno* (Fig. 3) estão também ausentes do fundo do vale. Sendo mais antigas que o final do evento climático GI-1d, poderão ser parcialmente coevas deste episódio de acreção que começa nos inícios do evento GI-1. Em suma, esta fase deve ser atribuída ao Magdalenense médio e superior.

No que toca à morfologia (SANTOS, 2019, 155), estas figuras caracterizam-se pelo naturalismo, sendo os seus corpos representados de forma muito proporcional. Detalhes como os olhos de forma amendoada ou as narinas arredondadas são frequentes, assim como a representação dos quatro membros dos animais segundo um perfil uniangular. A representação dos cascos é igualmente comum, caracterizando-se estes pelo seu naturalismo. São frequentes as delimitações internas, assim como outros detalhes (por exemplo, a pelagem exterior ao nível da barbada ou dos machinhos dos cavalos).

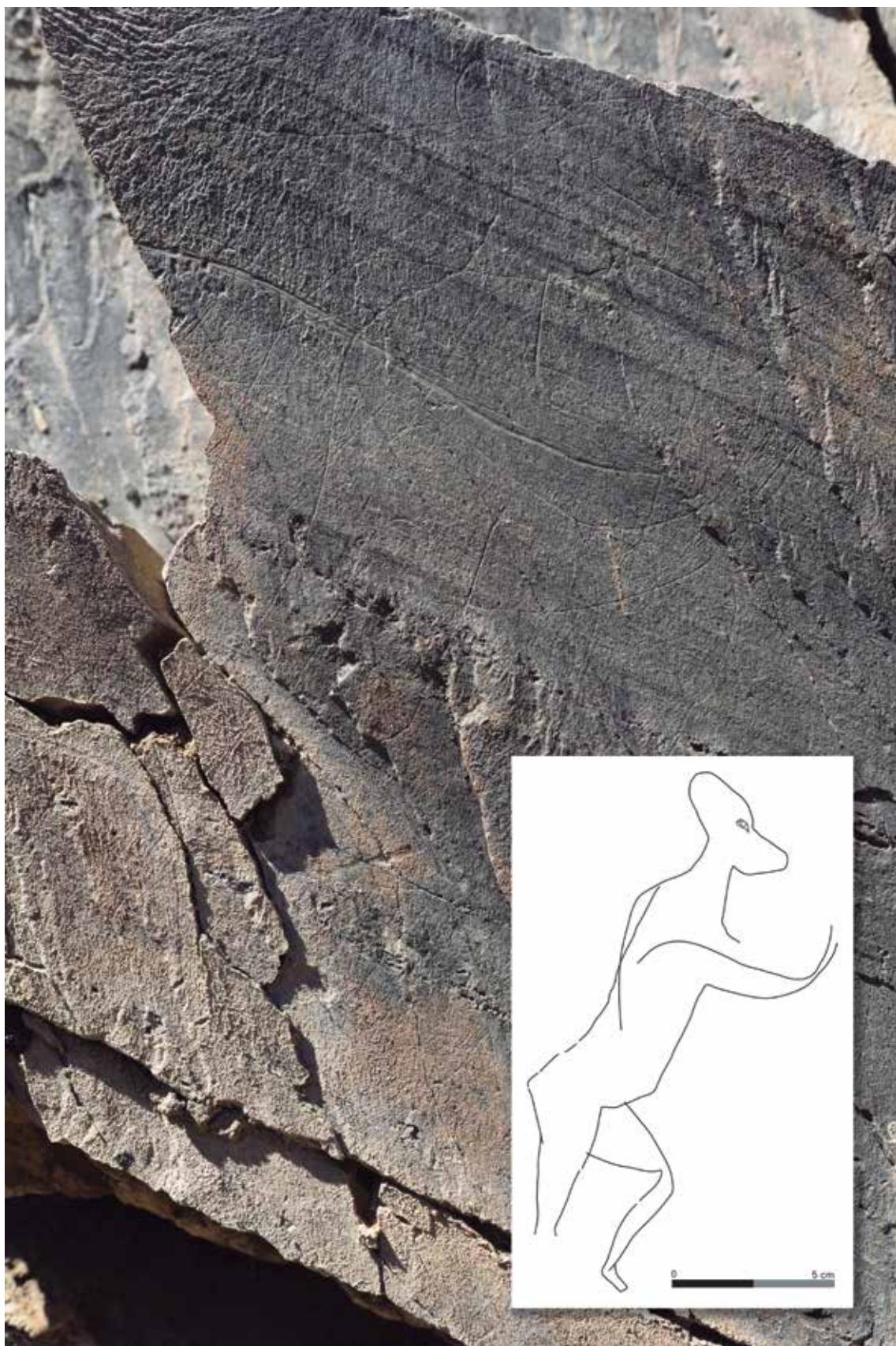


Fig. 44: Um dos antropomorfo do painel 7 da rocha 24 de Piscos (~18 000-14 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

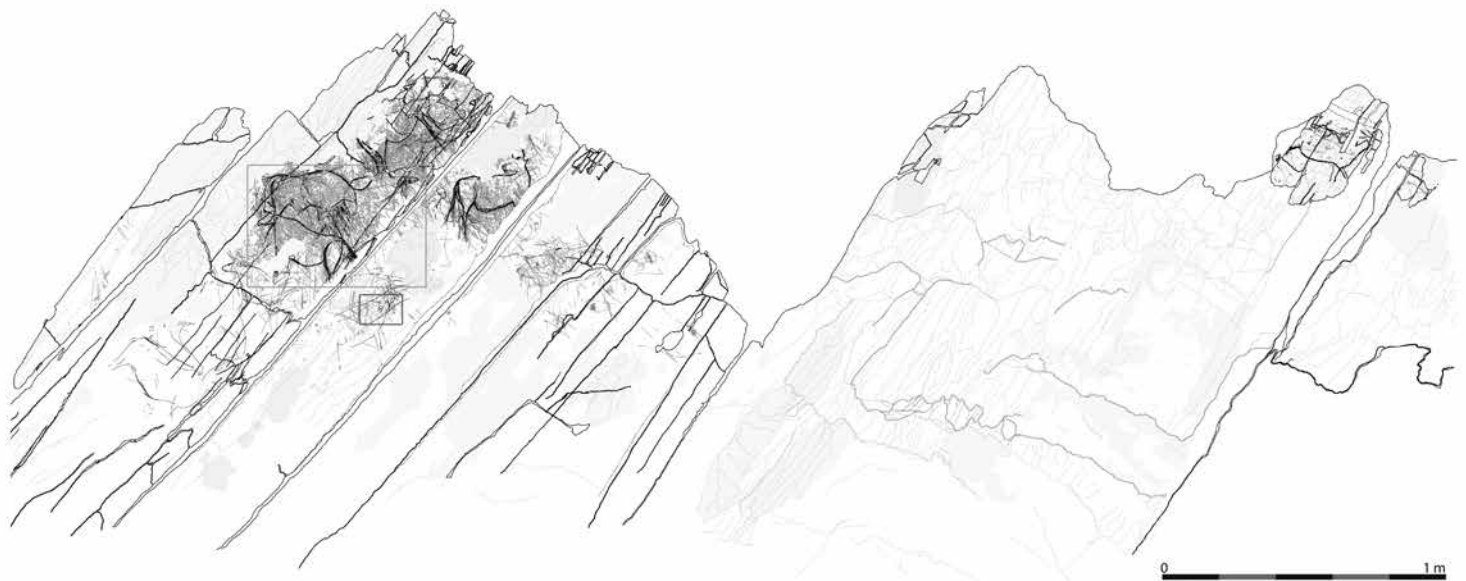


Fig. 45: Penascosa 38, conjunto dominado por auroques, mas onde se observam igualmente outras espécies, nomeadamente cavalos, cabras-monteses, veados e um possível bisonte (~20 000- 14 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa. O retângulo maior indica a localização da foto 46 e o menor a da foto 47.

Algumas das figuras antropomórficas do vale associam-se claramente a figuras animais atribuídas a esta fase e apresentam formas *grosso modo* menos esquemáticas que as da fase anterior (*vide supra*, Fig. 31), sendo paralelizáveis com antropomorfos de outros sítios do Sudoeste europeu atribuídos ao Magdalenense médio (e.g. FUENTES, 2012) (Fig. 44). Quanto ao repertório não figurativo, para além da continuidade ao nível das formas mais simples, destaque-se a expansão das formas, generalizando-se agora as linhas onduladas (e.g. Fariseu 8 e 10), os arboriformes complexos (e.g. Vale de José Esteves 4), os triângulos (e.g. Vale de José Esteves 36) ou as formas retangulares providas de apêndices (e.g. Vale de Cabrões 32, painel esquerdo, *vide supra*, Fig. 41). As figuras tendem a ser de menor tamanho e as sobreposições são menos frequentes, correspondendo as rochas 2 e 24 de Piscos e a 4 do Fariseu a exceções que não atingem, no entanto, a complexidade de composições mais antigas.

2.3.1. A FASE 3 NO VALE DO CÔA

No Vale do Côa, atribuímos a esta fase 163 unidades gráficas figurativas, distribuídas por 29 rochas (Fig. 21C). Destaque-se o profundo equilíbrio ao nível da representação das quatro espécies mais figuradas, com cavalos e veados com o mesmo número de representações (20,86%), a que se seguem as cabras-monteses (19,02%), os auroques (17,79%) e os antropomorfos (8,59%). Reconhecem-se ainda, um mustelídeo (Pi24-11) na rocha 24 de Piscos, um ser fantástico (Pi24-09) na mesma rocha (*vide supra*, Fig. 31C) e outro na rocha 38 da Penascosa (Pn38-10) que parece ser formado por elementos anatómicos de diferentes animais (cornos de auroque, cauda e corpo de cavalo), aqui se encontrando também um possível bisonte (Pn38-05) e uma cabeça isolada encimada por chifres, que se assemelha a uma “máscara” (Pn38-12)⁹ (Figs. 45 a

9 - Na tabela 3, esta figura foi incluída na categoria de SF.

Conjunto	Zona	E	Ce	Ca	B	Ant	R	I	O	U	F	Bis	M	SF	Al	Ind	Totais
Quinta. da Moreirola	<i>QM</i>	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Faia	<i>Fa(M)</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Fa(J)</i>	2	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	8
Penascosa/ Quinta da Barca	<i>FRi</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>QBS</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Pn(M)</i>	4	-	6	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	12
	<i>Pn(C)</i>	16	10	17	20	-	-	1	-	-	1	-	2	-	-	18	85
	<i>Pn(J)</i>	6	7	5	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	27
	<i>QB(F)</i>	24	10	23	21	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	11	91
	<i>QB(R)</i>	4	4	7	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	28
	<i>QB(N1)</i>	-	2	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
	<i>QB(N2)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	<i>QB(T)</i>	2	-	3	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	10
	<i>QB(E)</i>	8	19	3	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	37
	<i>QB(NO)</i>	1	-	3	3	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8
	<i>RC1</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
	<i>RC2</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
<i>RC3</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	
Colina do Fariseu	<i>Pi1</i>	12	6	10	6	1	1	-	-	-	-	-	-	-	2	6	44
	<i>Pi2</i>	1	2	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7
	<i>Pi3</i>	15	10	10	51	19	1	-	1	-	1	-	1	-	34	144	
	<i>Fr</i>	35	22	28	35	3	4	-	-	-	-	-	-	-	1	26	154
	<i>VF</i>	-	1	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	14
	<i>VV</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Canada do Inferno/ Rego da Vide	<i>CI(M)</i>	13	8	8	26	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	14	70
	<i>CI(J)</i>	17	7	16	20	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	10	71
	<i>CI(R)</i>	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>CI(R1)</i>	7	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8
<i>RV</i>	6	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	
Vale de Moinhos 3	<i>VM3</i>	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
Broeira	<i>Br</i>	3	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	6
Moinhos de Cima	<i>MC</i>	-	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
Quinta das Tulhas	<i>QT</i>	1	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6
Foz do Cõa	<i>FC</i>	11	13	2	9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	38
Vale de Moinhos 1/2	<i>VMI</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
	<i>VM2</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Vale de José Esteves	<i>JE(M)</i>	2	3	5	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	13
	<i>JE(J)</i>	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Vermelhosa	<i>Vr</i>	-	2	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6
Vale de Cabrões	<i>Tu</i>	-	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10
	<i>VC1</i>	-	-	2	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4
	<i>VC2a</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>VC2b</i>	1	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
<i>VC3</i>	4	3	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	12	
Vale Escuro	<i>VE</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Canada da Moreira	<i>CMo</i>	-	-	2	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
Canada das Corraliças	<i>CC</i>	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
<i>Totais</i>		198	154	167	236	23	8	2	2	1	2	2	1	3	4	157	960

Tabela 3: Distribuição dos temas pelas zonas do Cõa durante a vigência da fase 3 (cf. Fig. 21C). E: cavalo; Ce: veado; Ca: cabra-montês; B: auroque; Ant: antropomorfo; R: camurça; I: peixe; O: ave; U: urso; F: felino; Bis: bisonte; M: mustelídeo; SF: Ser fantástico; Al.: outro; Ind.: indeterminado.

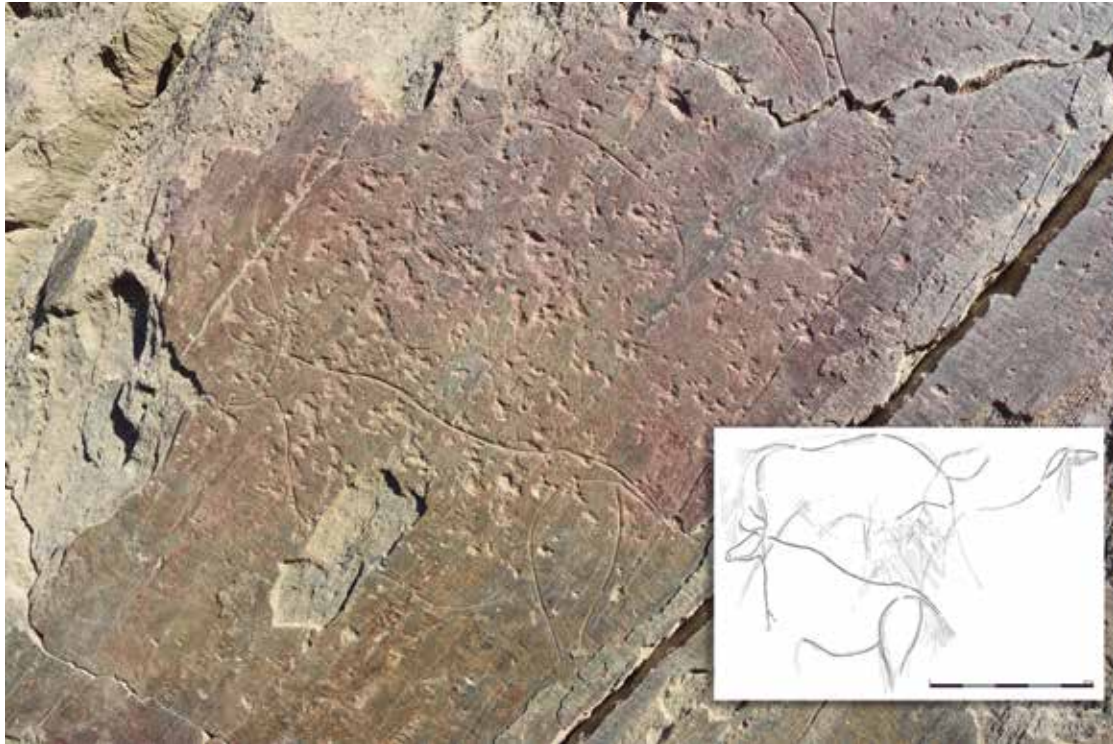


Fig. 46: Possível bisonte, cavalo e auroque da rocha 38 da Penascosa. Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



FIG. 47: "Máscara" da rocha 38 da Penascosa. Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

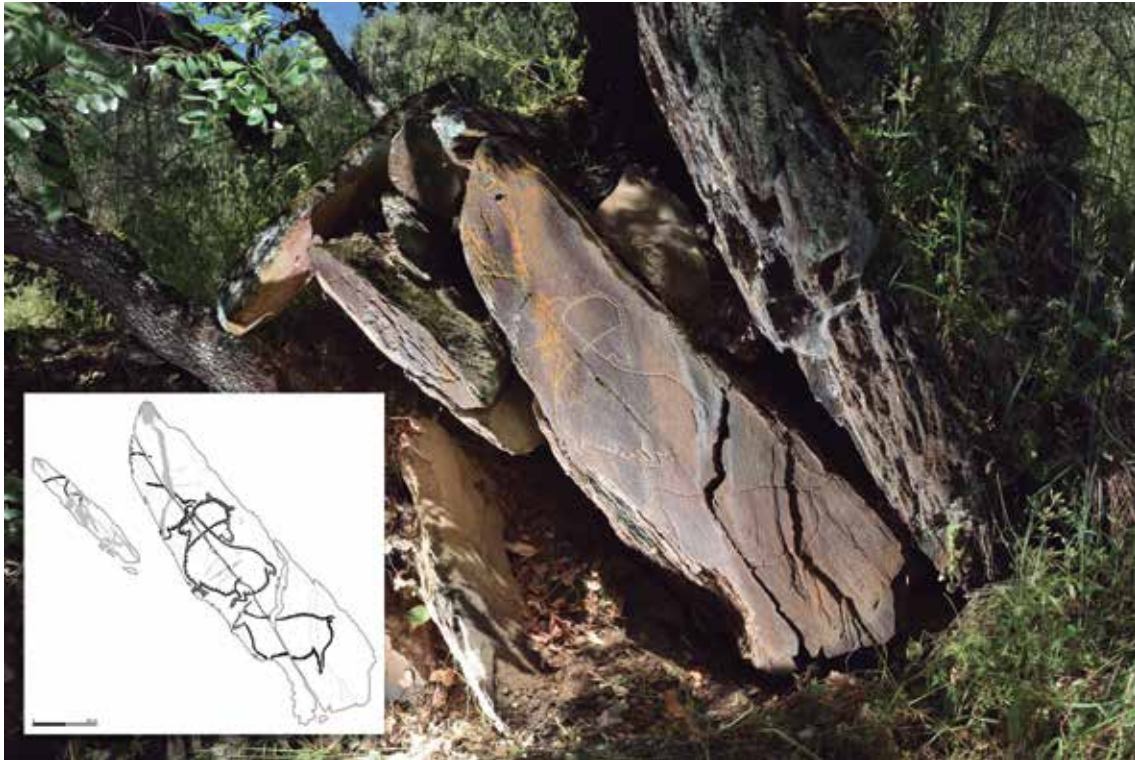


Fig. 48: Quinta da Barca 3. Um casal de cabras-monteses completos e restos de um terceiro animal da mesma espécie (~18 000-14 000 cal BP). Note-se a duplicação das cabeças do macho. Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.



Fig. 49: Detalhe do painel 27 da rocha 24 de Piscos (~18 000-14 000 calBP). Decalque de Fernando Barbosa e foto do autor.

47). A maioria destas figuras foi gravada por incisão (95,71%), apenas se reconhecendo a abrasão em sete casos.

Se tivermos em conta as pré-existências e se desse conjunto retirarmos as oito figuras da rocha 24 de Piscos e as 13 da rocha 1 do Fariseu que sabemos estarem seguramente sedimentadas durante esta fase, o auroque mantém-se como a figura mais representada no vale, embora diminuindo a distância para o cavalo, o mesmo acontecendo entre a cabra-montês e o veado (Tab. 3).

No que toca à arquitetura do vale, são poucas as modificações (Fig. 21C e Tab. 3). No conjunto Penascosa/ Quinta da Barca, são adicionadas três cabras-monteses à zona da ribeira (Fig. 48), passando esta espécie a ser a mais representada aí (com dois machos e três fêmeas). Outra cabra-montês é adicionada a QB(T). Na zona central da Penascosa há também adições que não alteram grandemente a distribuição temática, o mesmo não se passando na zona jusante, onde o veado volta a ser maioritário.

No conjunto em torno da colina do Fariseu, aumenta o peso de antropomorfos e auroques em Pi3 (Fig. 49). No Fariseu as novas adições acabam por compensar as gravuras que entretanto se sedimentaram e a variabilidade temática pouco se altera. Neste conjunto registe-se a gravação durante esta fase, de diversos signos “ondulados”, quer em Pi1, quer em Fr, quer mesmo numa nova zona na ribeira de Piscos, apenas composta pela rocha 27 (SANTOS, 2019, 243).

No conjunto da Canada do Inferno/ Rego da Vide, registe-se o aparecimento de uma nova zona, composta apenas pela rocha 41, onde se encontram 7 cavalos e uma cabra-montês atribuíveis a esta fase (*vide supra*, Fig. 43).

Para jusante destes conjuntos, registe-se a adição de dois cavalos e um veado no *locus* 3 de Vale de Moinhos e de diversos animais na zona da Foz do Côa, aproximando-se o número de auroques do de cavalos, sendo estes em número algo menor que o de veados. Destaque-se igualmente a gravação de vários signos ondulados nesta zona. Entre a Broeira e a Foz do Côa surgem duas novas zonas: Moinhos de Cima, na margem esquerda, onde se observa, pelo menos, um auroque, um veado e uma cabra-montês; e Quinta da Tulhas, na margem direita, com um cavalo e cinco veados (SANTOS, 2019, 284-288).

Para norte da confluência do Côa com o Douro, são adicionadas cabras-monteses, veados, cavalos e diversos signos (designadamente triangulares e arboriformes complexos) na zona montante do Vale de José Esteves. Na Vermelhosa, são adicionados dois veados. Em Vale de Cabrões são acrescentados, no *locus* 1, um grande auroque e diversos signos e surge um outro *locus*, mais perto da foz (VC3), onde os cavalos parecem ser dominantes. Para montante do *locus* 1, dez veados são gravados na nova zona do Tudão (cfr. Tab. 3).

Ainda no Douro, mas para montante da foz do Côa, grava-se na Canada da Moreira (CMo) três auroques e duas cabras-monteses e na Canada das Corraliças (CC) uma cabra-montês, animal que se encontra igualmente na Quinta da Moreirola (QM), um sítio atribuído a esta fase, já localizado no Alto Côa.

2.3.2. A FASE 3 NA ÁREA DE APROVISIONAMENTO DAS MATÉRIAS-PRIMAS NÃO LOCAIS IDENTIFICADAS NO VALE DO CÔA

Deverão ser atribuídas a esta fase algumas imagens de duas das zonas do Arroyo de las Almas — o veado do núcleo 1 e o cervídeo acéfalo do núcleo 3

(VÁZQUEZ & REIS, 2019; REIS & VÁZQUEZ, 2020), assim como a maior parte da zona norte de Siega Verde (ALCOLEA & BALBÍN, 2006, 318). Esta é ainda mais claramente dominada por cavalos que o resto do sítio, sendo aqui o auroque igualmente mais claramente dominante que o veado. O mustelídeo e o estrigídeo da Fraga do Gato (BAPTISTA, 2009), localizado num tributário da margem direita do Douro, embora de cronologia paleolítica incerta, estarão, por esta altura já delineados. Recorde-se que estas figuras são exclusivamente pintadas — a primeira a vermelho e a segunda a negro. Nas imediações de Domingo García, para além de algumas possíveis adições no Cerro de San Isidro, registre-se o aparecimento de dois novos sítio — Las Canteras, onde cavalo, veado e cabra-montês aparecem em números semelhantes, e Migueláñez, onde se registou um veado (RIPOLL & MUNICIO, 1999).

Os únicos animais picotados desta fase encontram-se em Siega Verde, mas como já se referiu, é provável que sob os sedimentos mais recentes do Vale do Côa se encontrem representações do mesmo tipo (e.g. SANTOS, 2019, 200).

Relativamente à arte móvel, encontrou-se um importante conjunto no sítio do Medal (FIGUEIREDO *et al.*, 2016, 74-75). Cavalos e cabras-monteses parecem ser aqui dominantes, seguindo-se os auroques e, muito atrás, os veados. Contudo, essencialmente entre as representações de cabras-monteses e cavalos, foi possível distinguir duas séries de imagens no sítio (FIGUEIREDO *et al.*, 2015, 1577-1578): uma mais naturalista, claramente integrada na nossa fase 3, e outra mais esquemática. Como estas peças provêm de uma camada estratigráfica remobilizada, é provável que possam ser atribuídas a dois períodos distintos, ambos necessariamente anteriores a 12 350±930 BP, como atestado por uma datação OSL proveniente de camada que se sobrepõe à de origem das peças (GASPAR *et al.*, 2016, tab 2, X6566). Propusemos assim a hipótese das peças mais esquemáticas poderem ser já integradas numa fase inicial da nossa fase 4 (GAMEIRO *et al.*, 2020, 133). Se isto é assim, a diversidade temática do sítio durante a nossa fase 3 poderá não ser exatamente a proposta pelos autores atrás citados. Contudo, a placa de Villalba (JIMENO, FERNÁNDEZ & GÓMEZ, 1995), localizada na periferia da nossa área de estudo (Fig. 1) e provavelmente também coeva da nossa fase 3, também mostra uma clara associação entre cavalos e cabras-monteses. Outros achados móveis que podem ser atribuídos a esta fase são: a peça da Buraca Grande (AUBRY & MOURA, 1993), onde se descobre, pelo menos, uma representação de cavalo; e as peças do abrigo da Palha (BRAZ & GASPAR, 2003) e de La Dehesa (e.g. FABIÁN, 1997; AUBRY *et al.*, no prelo), onde apenas se descobre repertório não figurativo (fig. 1).

2.3.3. COMPARAÇÃO ENTRE OS SÍTIOS RUPESTRES

No Vale do Côa, a tendência para o equilíbrio entre as quatro espécies mais representadas acentua-se (cfr. Tabs. 1, 2 e 3), mantendo-se um grande contraste relativamente aos outros sítios. De facto, mesmo num sítio de maior dimensão como Siega Verde, o peso dos cavalos é uma constante. Por outro lado, no Vale do Côa continua a observar-se uma forte tendência associativa entre cabras-monteses e cavalos, ao mesmo tempo que se verifica que veado se continua a associar mais a auroque que ao primeiro par (Fig. 50).

Nos sítios fora do Côa, por outro lado, a par da relevância do cavalo, verifica-se uma clara marginalização da cabra-montês frente ao veado. De facto, o único sítio de dimensões medianas onde o cavalo, com seis elementos, não é claramente maioritário

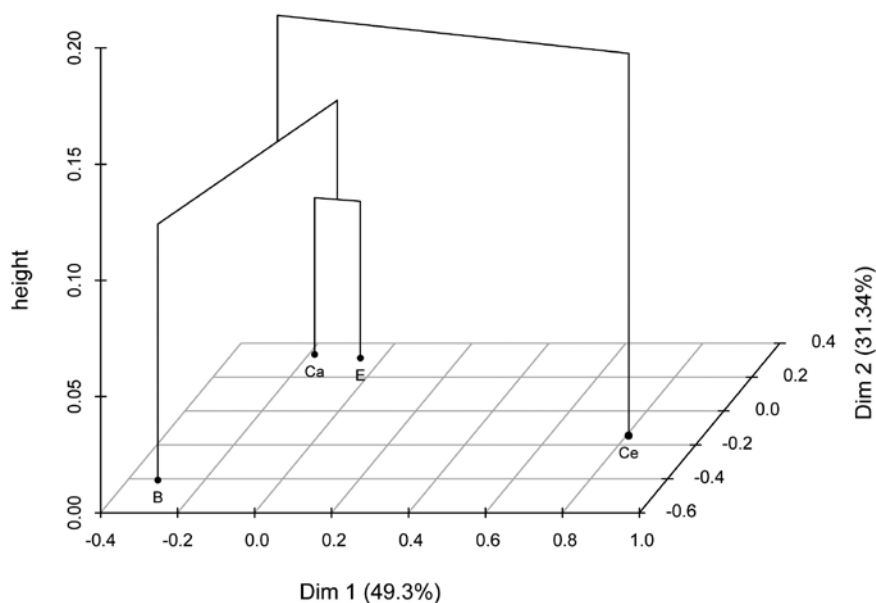


Fig. 50: Classificação hierárquica ascendente dos quatro principais temas da arte paleolítica do Côa, baseada na análise de correspondências simples efetuada sobre o conjunto das zonas com rochas visíveis durante a vigência da fase 3.

é o sítio de Las Canteras. Neste sítio, o animal maioritário parece ser a cabra-montês (com oito motivos), a que se segue o veado (com sete)¹⁰. Mas no seu conjunto, os sítios de Domingo García continuam a ser dominados por cavalos (42), a que se seguem os veados (15), as cabras-monteses (12) e os auroques (10).

2.4. FASE 4 (~14 000-12 000 CALBP)

A fase 4 será sempre posterior à 3, como atestam diversos casos de sobreposição de figuras no vale (Santos, 2019). Esta está, por outro lado, muito bem datada graças à recolha de uma importante série de arte móvel (89 peças) com motivos deste tipo, em níveis arqueológicos do Fariseu, datados pelo radiocarbono, TL e OSL de há cerca de 12 000 anos (SANTOS *et al.*, 2018). A possibilidade de alguma desta arte poder ser um par de milénios mais antiga é sustentada pelo paralelismo de algumas figuras do Côa com figuras datadas da gruta de Ojo Guareña (CORCHÓN *et al.*, 1996) e de peças de arte móvel do sítio da Peña de Estebanvela (GARCÍA-DÍEZ, 2013), ambos localizados na bacia do Douro ou muito perto.

Estas figuras caracterizam-se pelo geometrismo dos corpos, que podem ser trapezoidais ou ovais. São usualmente preenchidas interiormente, usualmente mediante um estriado total (*vide supra*, Fig. 8), mas este preenchimento pode, igualmente, ser picotado (*vide supra*, Fig. 14) ou pintado (*vide supra*, Fig. 12). Os detalhes nas cabeças são muito raros. As patas, de forma linear ou com coxas e antebraços triangulares e braços e pernas lineares, são usualmente representadas em perfil biangular oblíquo, mas também reto (SANTOS, 2019, 155).

10 - Aqui também divergimos ligeiramente dos autores da monografia de referência que consideram existir mais um cavalo que cervídeo (RIPOLL & MUNICIO, 1999, 188).

As figuras são usualmente incisas, mas ocorrem alguns exemplos de picotagem, raspagem e pintura.

2.4.1. A FASE 4 NO VALE DO CÔA

Estas figuras distribuem-se por 52 dos sítios do Vale do Côa, concentrados no seu setor jusante, onde apenas Rego da Vide e Vale de Videiro não contam com figuras atribuídas a esta fase (Fig. 4).

O inventário é muito provisório, uma vez que apenas 46 das cerca de 500 rochas com figurações deste período foram alvo de inquérito científico (SANTOS *et al.*, 2021). Ainda assim, podemos avançar com um número de mínimo de 1181 unidades gráficas figurativas. Este número corresponde ao número de animais que Mário Reis atribui à sua fase Tardiglaciária (REIS, 2021, 24), a que se somou as figuras do painel direito da Faia (*vide supra*, Fig. 12), das rochas 7 e 18 da Quinta da Barca, 4, 32, e 36 da Canada do Inferno e 1 de Vale de Cabrões, assim como das figuras Pn37-02 QB23-42, QB23-44, CI03-01, CI05-02, CI33-01 e VC06-01 das rochas 37 da Penascosa, 23 da Quinta da Barca, 3, 5 e 33 da Canada do Inferno e 6 de Vale de Cabrões, que aquele autor considera “epipaleolíticas” (REIS, 2021, 41), e que consideramos *grosso modo* coevas das restantes. De facto, a morfologia destas figuras pintadas e picotadas é, não só, muito semelhante à das gravuras incisas da fase 4 (tal o demonstram as nossas análises fatoriais), como se identificam igualmente vários paralelos ao nível da composição temática dos painéis (e.g. SANTOS *et al.*, 2018, 56-57). Naquele número incluem-se também as figuras antropomórficas gravadas da rocha 17 da Penascosa (BAPTISTA, 1999, 112-113), da

Grafismos Figurativos	E	Ce	Ca	B	Ant	R	I	O	U	F	Bis	M	SF	Al	Ind	Totais
Pré-existent	193	149	159	227	23	6	2	2	1	2	1	1	1	4	156	927
Novos	109	362	152	22	10	10	75	5	0	3	0	1	0	0	432	1181
Totais	302	511	311	249	33	16	77	7	1	5	1	2	1	4	588	2108
Frequência	14,3	24,2	14,8	11,8	1,6	0,8	3,7	0,3	0,05	0,2	0,05	0,1	0,05	0,2	27,9	100

Tabela 4: Distribuição dos temas no Vale do Côa durante a vigência da fase 4. E: cavalo; Ce: veado; Ca: cabra-montês; B: auroque; Ant: antropomorfo; R: camurça; I: peixe; O: ave; U: urso; F: felino; Bis: bisonte; M: mustelídeo; SF: Ser fantástico; Al.: outro; Ind.: indeterminado.

rocha 11 do Vale Escuro (SANTOS *et al.*, 2018, 94), da rocha 2 do Alto da Cotovia, da rocha 11 da Broeira, da rocha 170 da Foz do Côa (REIS, 2020, 548), assim como as pintadas das rochas 3 (BAPTISTA, 1999, 158) e 5 da Faia.

O repertório figurativo produzido *ex nihilo* é esmagadoramente dominado por cervídeos (30,65%), sendo estes seguidos por cabras-monteses (12,87%), cavalos (9,23%), peixes (6,35%) e auroques (1,86%). Identificam-se ainda 10 antropomorfos, 10 camurças, 5 aves, 3 felinos e um mustelídeo (REIS, 2021, 24). O peso dos cervídeos é tão marcante que mesmo tendo em conta as pré-existências (ao número das quais se retirou as figuras, entretanto sedimentadas, de mais 16 figuras na rocha 1 do Fariseu e da totalidade da rocha 38 da Penascosa) (Tab. 4), observa-se que o veado mantém-se como o tema mais representado, sendo a diferença entre a frequência deste e da do segundo tema mais representado — a cabra-montês — maior que a que, durante a fase anterior, se verifica



Fig. 51: Plaqueta do Vale de José Esteves, na qual se observam uma possível cerva, seguida de uma fêmea de cabra-montês (~12 000 calBP). Foto do autor.

entre o tema mais representado e o quarto (cfr. Tabs. 3 e 4)! Ressalta também o número de indeterminados, o que se deve ao elevado grau de esquematismo destas figuras. A distância entre os cervídeos e os restantes animais deve, na realidade, ter sido muito maior, uma vez que, encontrando-se o fundo do vale mais sedimentado por esta altura, muitas outras rochas para além da 1 do Fariseu e da 38 da Penascosa não estariam visíveis. Ora isto afeta essencialmente cavalos, auroques e cabras-monteses, que são as que foram até aí as mais representadas.

Datarão deste período as peças de arte móvel a que já aludimos da Quinta da Barca Sul, a do Vale de José Esteves (Fig. 51), as do Fariseu e, pelo menos, uma grande parte das peças da Cardina. Ainda não dispomos de um banco de dados suficientemente representativo para analisarmos a arquitetura do vale durante este período, razão pela qual não o faremos.

2.4.2. A FASE 4 NA ÁREA DE APROVISIONAMENTO DAS MATÉRIAS-PRIMAS NÃO LOCAIS IDENTIFICADAS NO VALE DO CÔA

Durante esta fase são adicionadas imagens a sítios ou zonas com figurações mais antigas. Isto ocorre nas zona central de Siega Verde (BUENO, BALBÍN & ALCOLEA, 2007, 559-563), nos núcleos 1 e 4 de Arroyo de las Almas (VÁZQUEZ & REIS, 2019; REIS & VÁZQUEZ, 2020), em San Isidro (SANTOS, 2019, 324), Las Canteras (SANTOS, 2019, 326), La Dehesa del Carbonero (SANTOS, 2019, 328) e La Griega (CORCHÓN *et al.*, 2006, 101).

Mas aparecem igualmente novos dispositivos. Estes ocorrem ao ar livre

absoluto, como no Cabeço do Aguilhão (FIGUEIREDO *et al.*, 2015, 200, Fig. 5; GAMEIRO *et al.*, 2020, 133) e em alguns sítios do complexo rupestre do Tejo (GAMEIRO *et al.*, 2020, 133), sob abrigos, como em Pedra d'Asma 7 (FIGUEIREDO *et al.*, 2015, 297, Fig. 3), Passadeiro (SANCHES & TEIXEIRA, 2014), Parada (TEIXEIRA, 2016), Almourão 2 (HENRIQUES, PEREIRA & CANINAS, 2017) ou Foz do Ribeiro das Taliscas (HENRIQUES *et al.*, 2012, 296-300).

Estes sítios caracterizam-se pela presença sistemática do veado ou da cabra-montês e apenas nos grandes sítios investidos em períodos anteriores, como La Griega, os sítios de Domingo García e Siega Verde, é, que o veado ou a cabra-montês não são dominantes. Nos sítios novos apenas na Pedra d'Asma é que o cervídeo não é a figura dominante, aí se tendo identificado apenas uma unidade gráfica figurativa, correspondente a um capríneo.

Estes motivos podem ser incisos (Siega Verde, Pedra d'Asma 7, Arroyo de las Almas, La Griega, San Isidro, Las Canteras, La Dehesa del Carbonero, Foz do Ribeiro das Taliscas), picotados (Cabeço do Aguilhão, Passadeiro, Parada, sítios do Tejo) ou pintados (Almourão).

No que toca à arte móvel, recorde-se as já referidas peças da Peña de Estebanvella e, possivelmente, a série mais esquemática do Medal, devendo ambas serem atribuídas a um momento inicial desta fase.

2.4.3. COMPARAÇÃO ENTRE OS SÍTIOS RUPESTRES

Contrariamente ao que se verifica em fases anteriores, não parece haver uma diferença substancial entre a atividade gráfica atestada no Côa e a que tem lugar nos restantes sítios. Em todos eles o veado tem um lugar proeminente, seguindo-se a cabra-montês. Este aspeto é quanto a nós, muito relevante, como se verá em seguida.

3. O que era, afinal, a arte paleolítica do Vale do Côa?

O aspeto que mais se destaca no Vale do Côa entre os cerca de 30 000 e os cerca de 14 000 anos atrás é a consistência da variabilidade temática do seu dispositivo rupestre. Auroques e cavalos são, ao longo deste período, as espécies mais representadas (com uma ligeira vantagem para os primeiros, mesmo se esta se vai diluindo com o tempo). Cabras-monteses e veados vêm em seguida, aparecendo, numa primeira fase, as primeiras em números similares aos das outras duas espécies e em muito maior número que veados, mas também esta distância acaba por se esbater com o tempo.

Outro aspeto que ressalta da arte do Côa é a sua singularidade relativamente aos outros sítios que vão aparecendo ao longo daquele intervalo temporal no seu território de aprovisionamento em matérias-primas líticas. Essa singularidade manifesta-se não só ao nível da dimensão dos conjuntos, mas igualmente ao nível da variabilidade temática de cada um dos conjuntos. De facto, entre 30 000 e cerca de 23 000 anos atrás (que coincide *grosso modo* com o final do Último Máximo Glaciar), os temas mais representados no Côa nunca aparecem juntos nos outros sítios e a cabra-montês, tão importante no Côa, não se identifica igualmente em nenhum deles. Por outro lado, enquanto no Côa a sua grande diversidade temática se chega a exprimir ao nível dos painéis das zonas centrais dos seus conjuntos, nos sítios fora do Côa os auroques aparecem sempre sozinhos e os cavalos só se associam a veados (uma inversão das tendências do Côa, onde os primeiros

se associam tendencialmente a cabras-monteses e os segundos a auroques).

Na fase seguinte aparecem novos conjuntos de arte rupestre no território analisado, nomeadamente no seu sector leste (La Griega, pelo menos três dos sítios de Domingo García) e assiste-se a uma expansão do sítio de Siega Verde. O aparecimento destes sítios de dimensões mais consideráveis indicia formas mais complexas de apropriação social do espaço, provavelmente relacionadas com o crescimento demográfico que terá ocorrido após o Último Máximo Glaciar e com o aparecimento (ou generalização) de novas tecnologias, como o propulsor ou o arpão (e.g. ZILHÃO, 2014, 1766). Provavelmente, o aparecimento das figuras antropomórficas também se relacionará com estes desenvolvimentos. Contudo, estas novas formas de apropriação do espaço não devem ser encaradas como rupturas relativamente ao que se passava antes. De facto, estes novos sítios, embora tematicamente mais diversos, continuam fortemente dominados por uma só espécie — o cavalo, com frequências sempre superiores a 50% dos animais representados, continuando os veados a serem mais representados que cabras-monteses. No Vale do Côa, por outro lado, o equilíbrio entre auroques e cavalos é reforçado e as cabras-monteses continuam mais numerosas que veados, embora os números se aproximem. No Côa continua igualmente a observar-se uma associação preferencial entre cabras-monteses e cavalos e uma maior proximidade de auroques com veados que com qualquer uma das outras duas espécies dominantes.

Durante a fase seguinte, o equilíbrio entre auroques e cavalos e entre cabras-monteses e veados atinge no Vale do Côa o seu paroxismo, sendo ainda visíveis as tendências associativas anteriores. Inversamente, nos restantes sítios cavalos continuam a representar a maioria das figurações e, da mesma forma que são mais numerosos que auroques, veados são mais numerosos que cabras-monteses.

Estes contrastes entre o Côa e os sítios remanescentes devem-se provavelmente ao Vale do Côa ter funcionado como um lugar de agregação de diferentes coletivos de caçadores-recolectores. De facto, todos os critérios definidos para identificar um dado espaço como lugar de agregação, tendo por base as imagens aí presentes (CONKEY, 1980; MCDONALD & VETH, 2012), encontram-se na arte do Vale do Côa, nomeadamente: a) o seu repertório reflete o vocabulário gráfico da região; b) a diversidade temática e estilística é aí maior que em qualquer dos restantes locais da região; c) alguns dos motivos só ocorrem aí, por vezes com grande impacto visual (MCDONALD & VETH, 2012, 97). Isto é particularmente evidente durante a fase antiga, as cabras-monteses só se encontrando no Côa, correspondendo à única espécie na qual se reconheceu a utilização do baixo-relevo. Esta interpretação é corroborada pela proveniência diversa das matérias-primas que se encontram no Côa (e.g. AUBRY, LUÍS & SANTOS, 2020).

Mas porque parece haver uma inversão temática entre os sítios do Côa e os restantes? Isto talvez se explique pelo facto da sociedade que utilizou estes espaços poder ter partilhado uma ontologia dominada por um dos modos de identificação definidos por P. Descola, a saber — o totemismo (DESCOLA, 2005), tal como argumentámos de forma detalhada noutra trabalho (SANTOS, 2019). Nesse contexto, as associações temáticas preferenciais do Vale do Côa refletiriam o tipo de relações entre os diversos coletivos totémicos que aqui se juntavam, enquanto que a os restantes sítios apenas coletivos específicos poderiam aceder. Este tipo de paisagem “espartilhada” tem, de facto, um paralelo na geografia da Austrália central (DAVID,

2002, 52-65), a região do mundo onde o modo de identificação totémico surge na sua forma mais definida (DESCOLA, 2005).

Mas como se verificou acima, assiste-se a uma ruptura deste sistema entre 14 000 e 12 000 calBP. De facto, como se verifica pela nossa análise da variabilidade temática da fase 4, por esta altura não só se perde o equilíbrio entre espécies, como se identifica uma que domina sobre todas as outras de uma forma que até aí não se tinha visto — o veado. A espécie que até aí era dominante no Côa — o auroque — é, durante esta fase, menos representado que um tema até aí marginal — o peixe. Mas sobretudo, nos sítios fora do Côa que agora surgem, vamos encontrar o mesmo tipo de composições, dominadas por veados e, em menor medida, cabras-monteses. O Côa só se distingue agora dos sítios restantes pela dimensão. Tal parece refletir a distribuição temática de paisagens emergentes de ontologias dominadas pelo modo de identificação animista (*sensu* DESCOLA, 2005), tal como se observa nas grandes concentrações rupestres do Coso Range, nos EUA (e.g. GRANT, BAIRD & PRINGLE, 1968; WHITLEY, 2000) ou do Drakensberg, na África do Sul (e.g. LEWIS-WILLIAMS, 2003), grandes conjuntos dominados por uma espécie animal (o muflão na primeira e o elande na segunda), que é, igualmente, o motivo animal melhor distribuído nas respetivas regiões.

A passagem de uma ontologia dominada por um modo de identificação para outra de tipo diferente terá provavelmente origem em transformações de caráter social e ao nível das relações entre humanos e não-humanos causadas por novas estratégias de caça induzidas e potenciadas pelo aquecimento climático do tardiglacial, como sejam a domesticação do cão ou a invenção (ou, pelo menos, generalização) do arco e da flecha (e.g. ZILHÃO, 2014, 1767).

Bibliografia

ABDI, Hervé; VALENTIN, Dominique (2007) — Multiple correspondence Analysis. In SALKIND, Neil, ed. — *Encyclopedia of measurement and statistics*. Thousand Oaks, CA: Sage, pp. 651-657.

ALCOLEA GONZÁLEZ, José J.; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo (2006) — *Arte paleolítico al aire libre. El yacimiento rupestre de Siega Verde, Salamanca*. Junta de Castilla y León (Arqueología de Castilla y León, 16).

AUBRY, Thierry, ed. (2009) — *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52).

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António F.; GAMEIRO, Cristina; LUÍS, Luís; MATIAS, Henrique; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo (2015) — De regresso à Cardina, 13 anos depois: resultados preliminares dos trabalhos arqueológicos de 2014 no Vale do Côa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 18, pp. 5-26. AUBRY, Thierry; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo (2020a) — Fariseu, 20 anos depois. Novidades da arte paleolítica do Côa. *Al-madan on-line*, 23: tomo 2, pp. 15-27.

AUBRY, Thierry; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo (2021) — Descoberta de duas novas rochas no núcleo de arte rupestre da Penascosa. In NALDINHO, Sandra; SILVINO, Tony, eds. — *Estudos em Homenagem ao Doutor António do Nascimento Sá Coixão*. Vila Nova de Foz Côa: Museu da Casa Grande de Freixo de Numão, pp. 347-370.

AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca A.; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo; THOMSEN, Kristina J.; RADES, Eike; AUTZEN, Martin; MURRAY, Andrew S. (2020b) — Timing of the Middle-to-Upper Palaeolithic transition in the Iberian inland (Cardina—Salto

do Boi, Côa Valley, Portugal). *Quaternary Research*. 98, pp. 81-101. <https://doi.org/10.1017/qua.2020.43>

AUBRY, Thierry; GAMEIRO, Cristina; SANTOS, André T.; LUÍS, Luís (2017) — Existe Azilense em Portugal? Novos dados sobre o Tardiglacial e o Pré-Boreal no Vale do Côa. In ARNAUD, José M.; MARTINS, Andrea, eds. — *Arqueologia em Portugal 2017: Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 403-418.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; DIMUCCIO, Luca A. (2012) — Nature vs. Culture: present-day spatial distribution and preservation of open-air rock art in the Côa and Douro River Valleys (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 39, pp. 848-866. AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; MANGADO LLACH, Xavier; MATIAS, Henrique (2012) — We will be known by the tracks we leave behind: Exotic lithic raw materials, mobility and social networking among the Côa Valley foragers (Portugal). *Journal of Anthropological Archaeology*. 31: 4, pp. 528-550.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; SANTOS, André T. (2020) — Territórios e mobilidade dos caçadores-recolectores do Vale do Côa a diferentes escalas. In VILAÇA, Raquel; AGUIAR, Rodrigo S. de, eds. — *(I)mobilidades na Pré-história. Pessoas, recursos, objetos, sítios e territórios*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 51-89.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; SANTOS, André T.; FABIÁN GARCÍA, José F. (no prelo) — Dos dois lados da raia no Paleolítico Superior: Matérias-primas siliciosas de La Dehesa (El Tejado de Béjar, Salamanca, Espanha) no contexto das relações entre a Meseta e o Litoral. In *Romper fronteiras, atravessar territórios/ Breaking borders, crossing territories*. Porto: CITCEM.

AUBRY, Thierry; MOURA, Maria H. (1993) — Plaquinha de xisto com gravuras paleolíticas. *Boletim da Associação de Defesa do Património Cultural de Pombal*. s. n., pp. 13-17. AUBRY, Thierry; SAMPAIO, Jorge D.; LUÍS, Luís (2009) — Metodologia de aquisição e caracterização dos dados arqueológicos. In AUBRY, THIERRY, ed. — *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 31-93.

AUBRY, Thierry; SANTOS, André T.; LUÍS, Luís (2014) — Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurelle d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal). In PAILLET, Patrick, ed. — *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation. Actes du colloque "Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique"*, MADAPCA — Paris, 16-18 novembre 2011. Les Eyzies: SAMRA (Paleo, numéro spécial), pp. 259-270.

AUBRY, Thierry; SANTOS, André T.; LUÍS, Luís; BARBOSA, António F.; SILVESTRE, Marcelo (2020c) — Fluvial dynamics and Palaeolithic settlement: new data from the Côa Valley (Portugal). In RODRÍGUEZ ALVAREZ, Xosé P.; OTTE, Marcel; LOMBERA HERMIDA, Arturo; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón, eds. — *Palaeolithic of Northwest Iberia and beyond: multidisciplinary approaches to the analysis of Late Quaternary hunter-gatherer societies*. Paris: Publications scientifiques du Muséum & l'Académie des sciences (Comptes rendus Palevol, 19(7)), pp. 117-135.

BAPTISTA, António M. (1999) — *No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BAPTISTA, António M. (2009) — *O paradigma perdido: O Vale do Côa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal*. Porto; Vila Nova de Foz Côa: Edições Afrontamento; Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BAPTISTA, António M.; REIS, Mário (2008) — Prospecção da arte rupestre no vale do Côa e Alto Douro português: ponto da situação em julho de 2006. In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo, ed. — *Arte prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Junta de Castilla y León/ Consejería de Cultura y Turismo (Documentos PAHIS, 9), pp. 145-192.

BAPTISTA, António M.; REIS, Mário (2011) — A rocha gravada de Redor do Porco. Um novo sítio com arte paleolítica de ar livre no rio Águeda (Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo). *Côavisão*. 13, pp. 15-20.

BARRIÈRE, Claude (1976) — *L'art pariétal de la grotte de Gargas*. Oxford: British Archaeological Reports (Mémoires de l'Institut d'Art Préhistoriques de Toulouse; BAR Supplementary Series, 3 & 14).

BARRIÈRE, Claude (1993) — La sculpture et le modelage. In GRAPP, ed. — *L'art pariétal paléolithique — Techniques et méthodes d'étude*. Paris: Comité des travaux historiques et scientifiques

(Documents préhistoriques, 5), pp. 275-280.

BRAZ, Ana F.; GASPAR, Rita (2003) — Intervenção de emergência no vale da Ribeira das Chitas. O caso de dois abrigos com Pré-história antiga. *Al-madan*. IIª série, 12, pp. 186.

BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; ALCOLEA GONZÁLEZ, José J. (2007) — Style V dans le bassin du Douro. Tradition et changement dans les graphies des chasseurs du Paléolithique Supérieur européen. *L'Anthropologie*. 111, pp. 549-589.

CONKEY, Margaret W. (1980) — The identification of prehistoric hunter-gatherer aggregation sites: the case of Altamira. *Current Anthropology*. 21: 5, pp. 609-630.

CORCHÓN RODRIGUEZ, María S. (1997) — *La cueva de La Griega de Pedraza (Segovia)*. Valladolid: Junta de Castilla y León (Arqueología en Castilla y León, 3).

CORCHÓN RODRIGUEZ, María S. (2006) — Las cuevas de La Griega y Palomera (Ojo Guareña) y la cuestión de la cronología del arte paleolítico en la Meseta. In DELIBES DE CASTRO, Germán; DÍEZ MARTÍN, Fernando, eds. — *El Paleolítico superior en la Meseta Norte Española*. Valladolid: Universidad de Valladolid/Fundación Duques de Soria, 94), pp. 75-111.

CORCHÓN RODRIGUEZ, María S.; HERNANDO ÁLVAREZ, Clara; RIVERO VILÁ, Olivia; GÁRATE MAIDAGÁN, Diego; ORTEGA, Paula (2012) — La cueva de La Griega (Pedraza, Segovia, España) en la encrucijada ibérica: nuevos análisis del arte parietal paleolítico a través del análisis factorial de correspondencias. *Espacio, Tiempo y Forma*. Serie I, Nueva época, 5, pp. 527-542.

CORCHÓN RODRIGUEZ, María S.; VALLADAS, Hélène; BÉCARES PÉREZ, Julián; ARNOLD, Maurice; TISNÉRAT-LABORDE, Nadine; CACHIER, Hélène (1996) — Datación de las pinturas y revisión del arte paleolítico de cueva Palomera (Ojo Guareña, Burgos, España). *Zephyrus*. 49, pp. 37-60.

DAVID, Bruno (2002) — *Landscape, rock art and the Dreaming*. London and New York: Leicester University Press.

DESCOLA, Philippe (2005) — *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard (Collection Folio Essais, 607).

DRENNAN, Robert D. (2009) — *Statistics for archaeologists. A common sense approach*. Dordrecht; Heidelberg; London; New York: Springer.

FABIÁN GARCÍA, José F. (1997) — La difícil definición del Paleolítico Superior en la Meseta. El yacimiento de la Dehesa (Salamanca) como exponente de la etapa Magdaleniense final. In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; BUENO RAMÍREZ, Primitiva, eds. — *II Congreso de Arqueología Peninsular. Tomo I — Paleolítico y Epipaleolítico*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 219-237.

FERREIRA, António de B. (1978) — *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira. Estudo de Geomorfologia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos (Memórias do Centro de Estudos Geográficos, 4). FIGUEIREDO, Sofia S. de; NOBRE, Luís; XAVIER, Pedro; GASPAR, Rita; CARRONDO, Joana (2016) — First approach to the chronological sequence of the engraved plaques of the Foz do Medal alluvial terrace in Trás-os-Montes, Portugal. *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior peninsular*. Madrid. 4 (extra. Homenaje a Rodrigo de Balbín Behrmann), pp. 64-77.

FIGUEIREDO, Sofia S. de; XAVIER, Pedro; NOBRE, Luís (2015) — Placas móveis com grafismos rupestres paleolíticos do Terraço do Medal (Nordeste, Portugal): uma primeira análise a técnicas e estilos. In COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José J., eds. — *Symbols in the landscape: rock art and its context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015 (Cáceres, Spain, 31 August — 4 September 2015)*. Tomar: Instituto Terra e Memória (Arkeos, 37), pp. 1573-1588.

FIGUEIREDO, Sofia S. de; XAVIER, Pedro; SILVA, Andreia; NEVES, Dário; DOMÍNGUEZ GARCÍA, Isabel (2015) — The Holocene transition and post-palaeolithic rock art from the Sabor valley (Trás-os-Montes, Portugal). In MEDINA ALCAIDE, María Á.; ROMERO ALONSO, Antonio; RUIZ-MÁRQUEZ, Rosa M.; SANCHIDRIÁN, José L., eds. — *Sobre rocas y huesos: las sociedades prehistóricas y sus manifestaciones plásticas*. Córdoba: Universidad de Córdoba y Fundación Cueva de Nerja, pp. 192-203.

FUENTES, Oscar (2012) — *La forme humaine dans l'art magdalénien et ses enjeux. Approche des structures élémentaires de notre image et son incidence dans l'univers symbolique et social des groupes paléolithiques*. Paris: Université Paris I Panthéon-Sorbonne (Tese de Doutoramento, policopiada).

GAMEIRO, Cristina; AUBRY, Thierry; ALMEIDA, Francisco; DIMUCCIO, Luca A.; GABRIEL, Sónia M.; GASPAR, Rita; GOMES, Sérgio A.; FÁBREGAS VALCARCE, Ramón; FIGUEIREDO, Sofia S. de; MANZANO, Carmen; MARREIROS, João; OLIVEIRA, Cláudia; SANTOS, André T.; SILVA, Maria

J.; TERESO, João P.; XAVIER, Pedro (2020) — Archaeology of the Pleistocene-Holocene transition in Portugal: Synthesis and prospects. *Quaternary International*. 564, pp. 113-137. <https://doi.org/10.1016/j.quaint.2020.03.018>

GÁRATE MAIDAGÁN, Diego; RIOS-GARAIZAR, Joseba; PÉREZ MARTÍN, Rosario; ROJAS MENDOZA, Raquel; SANTONJA GÓMEZ, Manuel (2016) — Arte rupestre paleolítico al aire libre en el paraje de La Salud (Valle del Tormes, Salamanca). *Zephyrus*. Salamanca. 77, pp. 15-29.

GARCÍA DÍEZ, Marcos (2009) — Grafismo mueble: las estaciones de Fariseu, Quinta da Barca Sul y Cardina I. In AUBRY, Thierry, ed. — *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 373-382.

GARCÍA DÍEZ, Marcos (2013) — La expresión gráfica de La Peña de Estebanvela (Segovia) en el contexto de los últimos grupos cazadores-recolectores europeos. In CACHO QUESADA, Carmen, ed. — *Ocupaciones magdalenienses en el interior de la Península Ibérica. La Peña de Estebanvela (Ayllón, Segovia)*. [s.l.]: Junta de Castilla y León/ CSIC, pp. 471-514.

GASPAR, Rita; FERREIRA, João; CARRONDO, Joana; SILVA, Maria J.; GARCÍA-VADILLO, Francisco J. (2016) — Open-air Gravettian lithic assemblages from Northeastern Portugal: The Foz do Medal site. *Quaternary International*. 406, pp. 44-64.

GRANT, Campbell; BAIRD, James W.; PRINGLE, J. Kenneth (1968) — *Rock drawings of the Coso Range. Inyo County, California*. China Lake, California: Maturango Press (Maturango Museum Publication, 4).

HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João C.; CHAMBINO, Mário; PEREIRA, André; CARVALHO, Emanuel (2012) — Abrigos ciclópicos com grafismos rupestres nas margens dos rios Erges e Ocreza. In SANCHES, Maria de J., ed. — *Iª Mesa Redonda “Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia, 54), pp. 293-312.

HENRIQUES, Francisco; PEREIRA, Luís B.; CANINAS, João (2017) — Pinturas rupestres pré-históricas na serra das Talhadas (Proença-a-Nova) — novas leituras e novas descobertas. *Techne*. 3: 1, pp. 49-72.

HUSSON, François; JOSSE, Julie (2013) “missMDA: Handling missing values with/ in multivariate data analysis (principal component methods). R package version 1.7.2.”

HUSSON, François; JOSSE, Julie; LE, Sebastien; MAZET, Jeremy. (2015). “FactoMineR: Multivariate Exploratory data analysis and data mining with R. R package version 1.31.3.” from <http://factominer.free.fr>.

JAUBERT, Jacques; FERUGLIO, Valérie; FOURMENT, Nathalie, eds. (2020) — *Grotte de Cussac - 30 000*. Bordeaux: Éditions Confluences.

JIMENO MARTÍNEZ, Alfredo; FERNÁNDEZ-MORENO, José J.; GÓMEZ-BARRERA, Juan A. (1995) — La plaque paléolithique de Villalba (Soria, Espagne). *L'Anthropologie*. 99: 2/3, pp. 325-356.

JORGE, Susana O.; ALMEIDA, Carlos A. F. de; JORGE, Vítor O.; SANCHES, Maria de J.; SOEIRO, Maria T. (1981) — Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta). *Arqueologia*. Porto. 3, pp. 3-12.

KELLY, Robert L. (2003) — Colonization of new land by hunter-gatherers: Expectations based on ethnographic data. In ROCKMAN, Marcy; STEELE, James, eds. — *Colonization of unfamiliar landscapes: The Archaeology of adaptation*. London and New York: Routledge, pp. 44-58.

LEROI-GOURHAN, André (1984) — Del soporte al abordamiento de la perspectiva en el arte paleolítico. Curso académico 1972-73. In LEROI-GOURHAN, ANDRÉ, ed. — *Arte y grafismo en la Europa prehistórica*. Madrid: Editorial Istmo (Artes, técnicas, humanidades, 4), pp. 122-143.

LEROI-GOURHAN, André (2002 [1965]) — *O gesto e a palavra. 2 - Memória e ritmos*. Lisboa: Edições 70 (Perspectivas do Homem, 20).

LEWIS-WILLIAMS, David (2003) — *L'art rupestre en Afrique du Sud: Mystérieuses images du Drakensberg*. Paris: Seuil.

LORBLANCHET, Michel (2010) — *Art pariétal, grottes ornées du Quercy*. Rodez: Éditions du Rouergue.

MCDONALD, Jo; VETH, Peter (2012) — The social dynamics of aggregation and dispersal in the Western desert. In MCDONALD, Jo; VETH, Peter, eds. — *A companion to rock art*. Malden, MA: Blackwell, pp. 90-102.

PHILLIPS, Fred M.; FLINSCH, Montgomery; ELMORE, David; SHARMA, Pankaj (1997) —

Maximum ages of the Côa valley (Portugal) engravings measured with Chlorine-36. *Antiquity*. 71: 271, pp. 100-104.

PLISSON, Hugues (2009) — Analyse tracéologique de 4 pics d'Olga Grande: des outils pour les gravures de plein air? In AUBRY, THIERRY, ed. — *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. (Trabalhos de Arqueologia, 52), pp. 436-443.

R CORE TEAM (2016) — *R: A language and environment for statistical computing*. Vienna, Austria: R Foundation for statistical Computing. REIS, Mário (2020) — Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa. In ARNAUD, JOSÉ MORAIS; NEVES, CÉSAR; MARTINS, ANDREA, eds. — *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 537-549.

REIS, Mário (2021) — Palaeolithic art in Portugal and its zoomorphic figures. In SIGARI, Dario; GARCÊS, Sara, eds. — *Animals in prehistoric art. The Euro-Mediterranean region and its surroundings*. Vitoria-Gasteiz: ArkeoGazt3-K-Editatua (Revista ArkeoGazte, 11), pp. 19-46.

REIS, Mário; ALVES, Lara B.; CARVALHO, Bárbara; CAETANO, Vera; CARDOSO, João M. (2022) — Uma nova rocha gravada do Paleolítico Superior no sítio da Faia (Vale do Côa). *Al-madan online*. II Série. 25: Tomo 1, pp. 9-16.

REIS, Mário; VÁZQUEZ MARCOS, Carlos (2020) — Lugar de paso, memorias antiguas. El yacimiento del Arroyo de las Almas (La Fregeneda, Salamanca) y su arte rupestre paleolítico al aire libre. *Espacio, Tiempo y Forma*. 13, pp. 71-104. <http://dx.doi.org/10.5944/etfi.13.2020.26690>

RIPOLL LÓPEZ, Sergio; MUNICIO GONZÁLEZ, Luciano J. (1999) — *Domingo García: arte rupestre paleolítico al aire libre en la Meseta*. Valladolid: Junta de Castilla y León (Arqueología en Castilla y León, 8).

RIVERO VILÁ, Olivia; BÉCARES PÉREZ, Julián; ÁLVAREZ FERNÁNDEZ, Esteban (2021) — Arte paleolítico en Salamanca. Nuevos hallazgos en el yacimiento de El Paraje de La Salud. *Trabajos de Prehistoria*. 78: 1, pp. 153-163.

SANCHES, Maria de J.; TEIXEIRA, Joana C. (2014) — O abrigo do Passadeiro, Palaçoulo (Miranda do Douro). Um caso de estudo de gravuras rupestres dos inícios do Holocénico no Nordeste de Portugal. *Portvgalia*. 35, pp. 61-75.

SANTOS, André T. (2012) — Reflexões sobre a arte paleolítica do Côa: a propósito de uma persistente dicotomia conceptual. In SANCHES, Maria de J., ed. — *Iª Mesa Redonda "Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo"*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia, 54), pp. 39-67.

SANTOS, André T. (2019) — *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias AAP, 9).

SANTOS, André T.; AUBRY, Thierry; BARBOSA, António F. (2020) — A plaqueta gravada do Vau. In — *O Património Histórico e Arqueológico do Vale do Vouga. O aproveitamento hidroelétrico de Ribeiradio-Ermida*. s.l.: EDP Produções, pp. 390-440.

SANTOS, André T.; BARBOSA, António F.; AUBRY, Thierry; GARCÍA DÍEZ, Marcos; SAMPAIO, Jorge D. (2018) — O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa). *Portvgalia*. 39, pp. 5-96.

SANTOS, André T.; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SILVESTRE, Marcelo; AUBRY, Thierry (2020a) — Contributos para o conhecimento da arte rupestre do Vale do Côa. Novos dados sobre o Vale de José Esteves (Vila Nova de Foz Côa, Guarda). *Côavisão*. 22, pp. 159-190.

SANTOS, André T.; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SILVESTRE, Marcelo; AUBRY, Thierry (2020b) — Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa. In ARNAUD, José M.; NEVES, César; MARTINS, Andrea, eds. — *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 523-536.

SANTOS, André T.; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SILVESTRE, Marcelo; AUBRY, Thierry (2021) — Dating the Côa Valley rock art 25 years later: an archaeological approach. In AUBRY, Thierry; SANTOS, André T.; MARTINS, Andrea, eds. — *Côa Symposium. Novos Olhares sobre a Arte Paleolítica*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses & Fundação Côa Parque, pp. 94-126.

SANTOS, André T.; LUÍS, Luís; AUBRY, Thierry (2019) — Arte da sombra: A rocha 7 da Faia (Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda, Portugal). Um exemplo de arte paleolítica sob abrigo no Vale do Côa. *Conimbriga*. 58, pp. 5-45. DOI: https://doi.org/10.14195/1647-8657_58_1

TEIXEIRA, Joana C. (2016) — O abrigo de Parada, um sítio de arte rupestre do vale do Sabor

(Alfândega da Fé, Bragança, Trás-os-Montes). In SANCHES, Maria de; CRUZ, Domingos J. da, eds. — *Actas da II Mesa-Redonda. Artes rupestres da Pré-história e da Proto-História. Estudo, conservação e Musealização de maciços rochosos e monumentos funerários (Porto, Faculdade de Letras, 10, 11 e 12 de Novembro de 2011)*. Viseu: CEPBA (Estudos Pré-históricos, 18), pp. 41-70.

TEIXEIRA, Joana C.; SANCHES, Maria de J. (2017) — O abrigo rupestre da foz do rio Tua no contexto da arte paleolítica e pós-paleolítica do Noroeste da Península Ibérica. *Portvgalia*. Nova série, 38, pp. 9-48.

VÁZQUEZ MARCOS, Carlos; REIS, Mário (2019) — Arroyo de las Almas (La Fregeneda, Salamanca): un nuevo sitio con arte paleolítico al aire libre. *Trabajos de Prehistoria*. 76: 1, pp. 138-146.

VIALOU, Denis (2004) — Architecture de l'art pariétal paléolithique. In LEJEUNE, Marylise ; WELTÉ, Anne-Catherine, eds. — *L'art du Paléolithique supérieur. Actes des colloques 8.2 et 8.3, XIVe Congrès de l'UISPP, Liège (2-8 septembre 2001)*. Liège: Université de Liège (ERAUL, 107), pp. 7-14.

WHITLEY, David S. (2000) — *L'art des chamanes de Californie. Le monde des Amérindiens*. Paris: Seuil.

ZILHÃO, João (1988) — Plaquette gravée du Solutréen supérieur de la Gruta do Caldeirão (Tomar, Portugal). *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. 85: 4, pp. 105-109.

ZILHÃO, João (2014) — The Upper Palaeolithic of Europe. In RENFREW, Colin; BAHN, Paul G, eds. — *The Cambridge World Prehistory*, 3. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1753-1785.

**Entre o Côa e
o Douro, nos
longos milénios
do pós-glaciar:
quadro de
referência da arte
rupestre da Pré-
história Recente
da região do Côa**

*Mário Reis^a
Lara Bacelar Alves^b*

*a) Fundação Côa Parque. Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Património
(CEAACP) - Universidade de Coimbra, marioeis@arte-coa.pt*

b) Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Património (CEAACP) - Universidade de Coimbra, lara.b.alves@uc.pt

1. Introdução

Um dos aspectos interessantes da altura em que a arte do Côa foi revelada ao mundo, na (cada vez mais remota) transição de 1994 para 1995, encontra-se no facto que a longa diacronia deste complexo de arte rupestre se estabeleceu, nos seus aspectos essenciais, logo desde o início. Se a arte paleolítica dominou, e continua a dominar, a atenção mediática e científica, foi desde logo possível apreender que os afloramentos rochosos que tão abundantemente proliferam nas encostas da região ostentavam uma quase perfeita continuidade diacrónica, com as inúmeras figuras gravadas do Paleolítico Superior a terem sucessão em motivos da Pré-história Recente, da Idade do Ferro, e de Época Histórica. Mas, e apesar da sua evidente importância patrimonial e científica, também traduzida num acentuado incremento quantitativo dos exemplares conhecidos à medida que a investigação prosseguiu, a arte pós-paleolítica da região do Côa manteve-se relativamente desconhecida.



Fig.1: Fernando Barbosa em 2004, no decurso do levantamento gráfico das pinturas do abrigo 1 do Colmeal. Fotos de Manuel Almeida.

Apesar disso, e com a prioridade científica de que o estudo da arte paleolítica tem beneficiado, é importante frisar que a investigação não abandonou os períodos mais recentes. A prospeccção arqueológica de arte rupestre regista todos os novos achados, independentemente da sua cronologia, o mesmo acontecendo com o inventário e registo fotográfico das rochas e das suas figuras que se tem levado a cabo. E, numa obra dedicada a Fernando Barbosa e ao seu extraordinário trabalho de registo em desenho das rochas decoradas do Côa, não é demais lembrar o seu papel fundamental em documentar uma quantidade importante de rochas com motivos pós-paleolíticos. Há que salientar que a metodologia utilizada na investigação de arte rupestre em Portugal na segunda metade do século XX e que se estendeu ao Côa, sempre privilegiou, com algumas excepções, o registo integral das gravuras e/ou pinturas presentes na superfície rochosa a estudar, independentemente da sua cronologia, numa época em que,

noutros contextos europeus, ainda se aplicava, por vezes, o registo selectivo. Em particular, e em relação à temática específica deste texto, há uma quantidade significativa de desenhos feitos que integram motivos da Pré-história Recente, em variados sítios da região e que se revelam fundamentais para uma melhor compreensão da evolução da arte e das mentalidades das populações que subsistiram na região após o Paleolítico Superior.

Desde logo, e ainda antes de se ter noção do que era o “Côa”, assinala-se a contribuição de Fernando Barbosa no projecto dirigido por António Martinho Baptista de registo do importantíssimo conjunto de rochas do sítio do Vale da Casa, que se mantém submerso e inacessível sob as águas da albufeira da Barragem do Pocinho. Mais tarde, são de relevar os levantamentos de algumas rochas da Canada do Inferno com gravuras pré-históricas atribuíveis a momentos pós-paleolíticos, o mesmo sucedendo com exemplares da Quinta da Barca ou da Ribeira de Piscos. Também o levantamento da rocha 1 dos Namorados, com um notável e complexo conjunto de picotagens esquemáticas, se assume como um marco. Mas, no tocante a gravuras, talvez seja o seu desenho do extraordinário veado da rocha 1 de Vale de Cabrões o que mais se destaca no universo dos registos de gravuras atribuíveis a momentos pós-paleolíticos. A contribuição de Fernando Barbosa não se fica pelo registo gráfico de gravuras, sendo igualmente fundamental na documentação de diversos sítios com pinturas rupestres do pós-glaciar, com destaque para desenhos na Faia, Colmeal, Poço Torto, Vale de Figueira ou Vale de Videiro.

Se a sua meticulosidade, imensa competência e saber na difícil arte do desenho de arte rupestre garantem uma perene qualidade nos desenhos de gravuras, já nos desenhos das pinturas pré-históricas, frequentemente muito delidas ou cobertas por

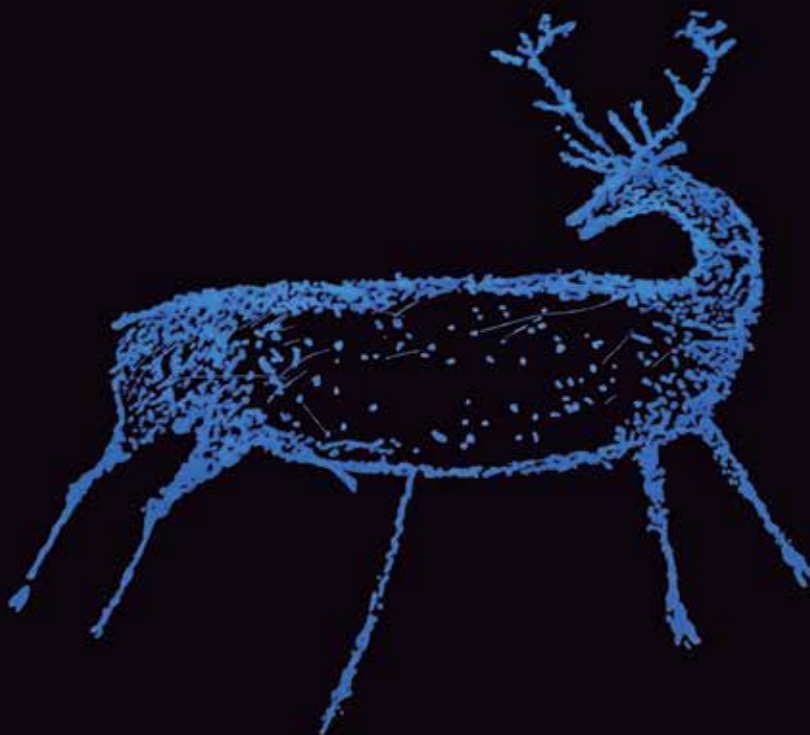


Fig. 2: O veado picotado da rocha 1 de Vale de Cabrões exibido no Museu do Côa, a partir de um desenho de Fernando Barbosa. Foto de Mário Reis.

películas ou crostas minerais que impediam a sua observação adequada em tempos pré-*DStretch*, o seu registo gráfico era um imenso desafio, muitas vezes para lá da competência técnica, assente apenas na capacidade de visualização do olho humano de *per se*. Actualmente, a aplicação desta nova ferramenta digital, simples e acessível a todos, em conjugação com fotografia de alta resolução, veio não só facilitar a percepção de pinturas antigas como permite a revisão e o aperfeiçoamento de levantamentos antigos, rectificando detalhes e melhorando interpretações, com um detalhe previamente impossível.

É o que temos vindo a constatar nos nossos recentes projectos de investigação sobre a pintura pré-histórica do vale do Côa onde, em virtude da extrema dificuldade na realização de desenhos sobre polivinilo, optámos pelo registo a partir de fotografia e com recurso a diversas ferramentas digitais (REIS *et al.*, 2017; ALVES, 2020). Por seu lado, estes projectos representam uma nova etapa no estudo e valorização da arte do Côa, dirigindo-se especificamente ao estudo da arte pré-histórica pós-glaciar, com ênfase para as suas manifestações pintadas. Somando o conhecimento prévio com os novos dados obtidos, um dos aspectos que emerge, entre muitos outros, é o da diversidade das manifestações artísticas (uma diversidade iconográfica, estilística, formal, técnica...) que podem, com maior ou menor segurança científica, ser atribuídas aos primeiros milénios do Holocénico. Uma diversidade que sugere uma conjugação entre

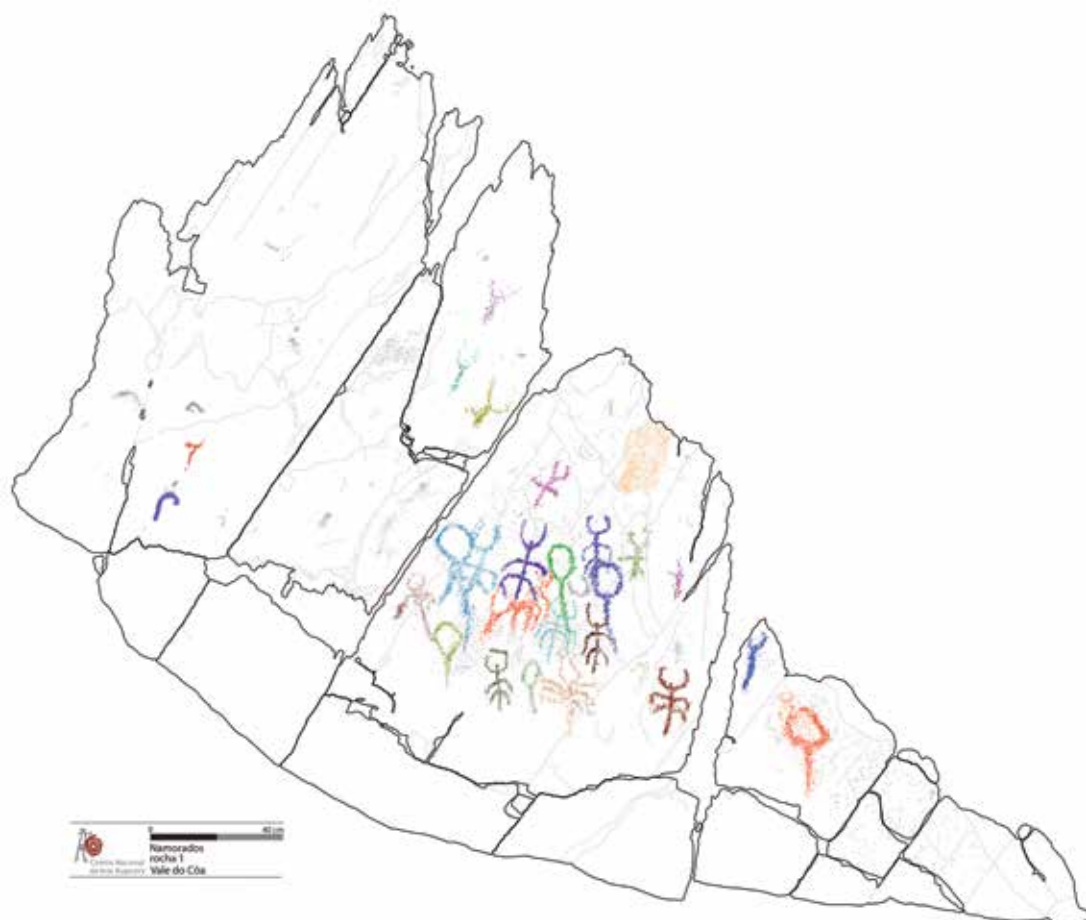


Fig.3: Rocha 1 dos Namorados. Decalque de Fernando Barbosa.

evolução cronológica e cultural, a presença de diferentes influências e estímulos, assim como diferentes formas e usos das superfícies rochosas. E, sendo a arte rupestre da Pré-história Recente a menos abundante no inventário da arte do Côa, quantitativamente a uma distância considerável das manifestações dos outros três principais períodos, essa diversidade assume uma importância considerável neste período, como uma das suas marcas distintivas.

O objectivo do presente texto não é retratar fielmente esta diversidade, o que deixaremos para futuras publicações. Pretendemos sim dar a conhecer, sumariamente, o conjunto de sítios e de rochas com arte rupestre atribuível a este longo período temporal, na área que junta o troço final do rio Côa com o troço adjacente do rio Douro, um quadro de referência de um território que se pode designar por “região da arte do Côa”.

2. A evolução do conhecimento

O primeiro reconhecimento da existência de arte pré-histórica na região do Côa surge nos anos 60, com o aparecimento da chamada estela de Longroiva no sítio do Cruzeiro Velho (ALMAGRO, 1966, 108-109; JORGE, 1995, 22; RODRIGUES, 1983, 35-37), um importante achado, embora isolado e que não fazia suspeitar a existência de algo maior nas imediações. Cerca de vinte anos depois, os trabalhos arqueológicos de emergência no terraço do Vale da Casa, sobre o Douro e a escassos quilómetros da foz do Côa, revelaram um grande conjunto de gravuras pré e proto-históricas (BAPTISTA, 1983), num importante sítio da arte do Côa, mas sem que tal fosse então suspeitado. Até esta altura, a arte rupestre na região era apenas um conjunto de sítios desgarrados, algo que começaria a mudar poucos anos depois dos trabalhos do Vale da Casa, com a sequência de descobertas de arte rupestre associadas à construção da barragem do Côa, e nas quais se incluíam variados sítios com decoração da Pré-história Recente.

Esta nova fase é inaugurada com os estudos prévios da Barragem do Côa por Francisco de Sande Lemos, com a descoberta em 1989 de diversos sítios, entre os quais alguns com rochas pré-históricas, incluindo o extraordinário sítio da Faia, com rochas pintadas com motivos esquemáticos e subnaturalistas, assim como uma rocha com gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo” em Vale de Figueira, posteriormente inventariada como rocha 3 deste sítio (LEMOS, 1991, 121-122; 1994, 145-146). A partir de 1991 iniciam-se os trabalhos arqueológicos de acompanhamento das obras da barragem do Côa, no chamado Projecto Arqueológico do Côa, dirigido por Nelson Rebanda. Serão responsáveis pelo primeiro grande volume de descobertas, entre 1991 e 1994, e que elevarão à divulgação pública da existência da arte do Côa, com a subsequente e bem conhecida polémica. No tocante ao período em apreço, as descobertas foram menos abundantes mas não menos interessantes. O abrigo pintado da Ribeirinha foi descoberto em 1993 (REBANDA, 1993, ficha 16; 1995b, ficha 31), e algumas figuras zoomórficas gravadas por picotagem e de estilo subnaturalista foram, pela primeira vez, identificadas na região (juntando-se às figuras zoomórficas subnaturalistas pintadas da rocha 1 da Faia, já então conhecidas). Em primeiro lugar com as abundantes descobertas feitas a partir de 1993 na Canada do Inferno e com os primeiros desenhos feitos em 1994 (REBANDA, 1994a, 9-10; 1994b, 5; 1995a, 12; 1995b, 2), e que incluíram algumas figuras deste género. Em finais de 1994 descobriu-se a rocha 1 de Vale de Figueira, a qual, além da abundante iconografia paleolítica, incluía também muitas unhadas do diabo e algumas figuras picotadas de estilo subnaturalista (REBANDA, 1995b, 3, ficha 14).



Fig. 5: Estátua-menir encontrada no sítio do Cruzeiro Velho, habitualmente conhecida por “estrela de Longroiva”, com a decoração bem evidenciada pela luz solar rasante. Foto de Mário Reis.

Ainda escasso, este conjunto iconográfico traçava um primeiro quadro da realidade da arte pré-histórica pós-paleolítica no dealbar da nova vida do complexo rupestre do Côa, e era um primeiro anúncio da diversidade que a caracteriza, juntando gravuras e pinturas, motivos subnaturalistas e esquemáticos. O ano da polémica, 1995, traduziu-se numa explosão de novas descobertas de arte rupestre de todos os períodos, que incluíram novas rochas decoradas na Faia e a primeira rocha em Vale de Cabrões, com o famoso veado já mencionado, neste caso por intermédio de elementos da população local. Novas descobertas não deixaram desde então de acontecer, prosseguindo até à



Fig. 5: Imagem de 1995 da Canada do Inferno, temporariamente emersa das águas da albufeira da Barragem do Pocinho, indicando-se a localização das rochas decoradas presentemente conhecidas, com os números a designar as mencionadas no texto. Foto de Manuel Almeida.

actualidade, maioritariamente da responsabilidade de membros do CNART (até à sua extinção em 2007) e do PAVC, resultando numa gradual evolução do inventário da arte do Côa (BAPTISTA & GOMES, 1997; BAPTISTA, 1999; BAPTISTA & GARCÍA DIEZ, 2002; BAPTISTA & REIS, 2008; REIS 2011; 2012; 2013; 2014; 2021).

Os achados de arte pré-histórica do pós-glaciar foram-se igualmente sucedendo no tempo, o mesmo acontecendo com o registo de alguns destes em desenho. Assim, dando vários exemplos numa listagem não exaustiva (ver também a Tabela 1), em 1996 descobrem-se as rochas 27 e 28 do Vale da Casa e a rocha 1 dos Namorados, ficando-se

também a conhecer todas as rochas com decoração da Pré-história Recente na Ribeira de Piscos. O mesmo acontece em 1997 com a Quinta da Barca, identificando-se ainda nesse ano a primeira rocha com covinhas no sítio dos Tambores. O ano de 1998 assiste à descoberta das pinturas rupestres de São Gabriel, e 1999 à primeira rocha pintada de Vale de Videiro. Passados alguns anos, 2004 fica marcado pela mediática identificação e registo dos muito importantes sítios do Colmeal e Poço Torto, nos limites meridionais da área do PAVC. Em 2006 cabe a vez à segunda rocha de São Gabriel, desta feita com covinhas, assim como às rochas 5 e 7 dos Namorados, com gravuras esquemáticas. Em 2008 volta-se às pinturas, com a descoberta do grande abrigo das Lapas Cabreiras, o mesmo acontecendo em 2010 com o de Vale d'Arcos, o único da região do Côa localizado sobre o Douro. O ano de 2011 é importante pela descoberta de um muito variado e relevante conjunto de gravuras, nomeadamente na rocha 11 da Ribeira da Cabreira, rocha 15 da Cascalheira e rocha 3 da Ribeira do Arroio. Em 2018 identificam-se duas rochas gravadas no terraço da Quinta da Barca Sul, uma das quais com figuras de estilo subnaturalista. Finalmente, 2019 assiste à mais recente descoberta de arte pré-histórica pós-paleolítica em trabalhos do PAVC, com a identificação da rocha 1 da Ribeira do Impariz.



Fig. 6: Imagem da superfície decorada da rocha 11 da Ribeira da Cabreira. O painel com gravuras esquemáticas encontra-se do lado superior esquerdo. Foto de Mário Reis.

Se a investigação interna do CNART e PAVC é responsável pela vasta maioria das novas descobertas, há também importantes contribuições externas, que se podem dividir em dois grandes grupos: Estudos de Impacte Ambiental e respectivos trabalhos de acompanhamento, e projectos de investigação.

No primeiro grupo, a renovação da rede viária da região ocasionou alguns achados, como as pedras decoradas do sítio da Vinagreira, numa estrutura rural demolida

em 2010 no âmbito da construção da nova IP2 (EIA – IP2 – Nó da Junqueira/Pocinho). Em 2011, na renovação da EN 222, identificaram-se dois novos sítios, Cavalaria e Ponto da Serra, em que rochas com covinhas surgiam associadas a vestígios superficiais de material pré-histórico (PINA, 2010, fichas 12-13). No entanto, a contribuição mais relevante deste tipo de trabalhos de investigação já tinha ocorrido alguns anos antes, no EIA da Barragem do Alto Côa, realizado em 2001. Entre muitos outros sítios de cariz patrimonial, é de relevar a identificação de três novos conjuntos de pintura pré-histórica: a rocha 8 da Faia, o novo sítio da Mioteira, com uma peculiar rocha pintada, e o também novo sítio do Ervideiro, com duas importantíssimas rochas com pintura subnaturalista (GARCÍA DIEZ *et al.*, 2001, fichas 96, 121, 189, 231; 2003).

Quanto a projectos de investigação na região do Côa, e para além do recente projecto “RARAA – Repositório de Arte Rupestre em Acesso Aberto”, dirigido por Natália Botica, que permitiu melhor contextualizar dentro da Pré-história recente as rochas com covinhas do sítio do Alto da Malhadas, há sobretudo três projectos que, a partir de 2012, ocasionaram algumas descobertas de novos sítios com arte rupestre pré-histórica, sendo

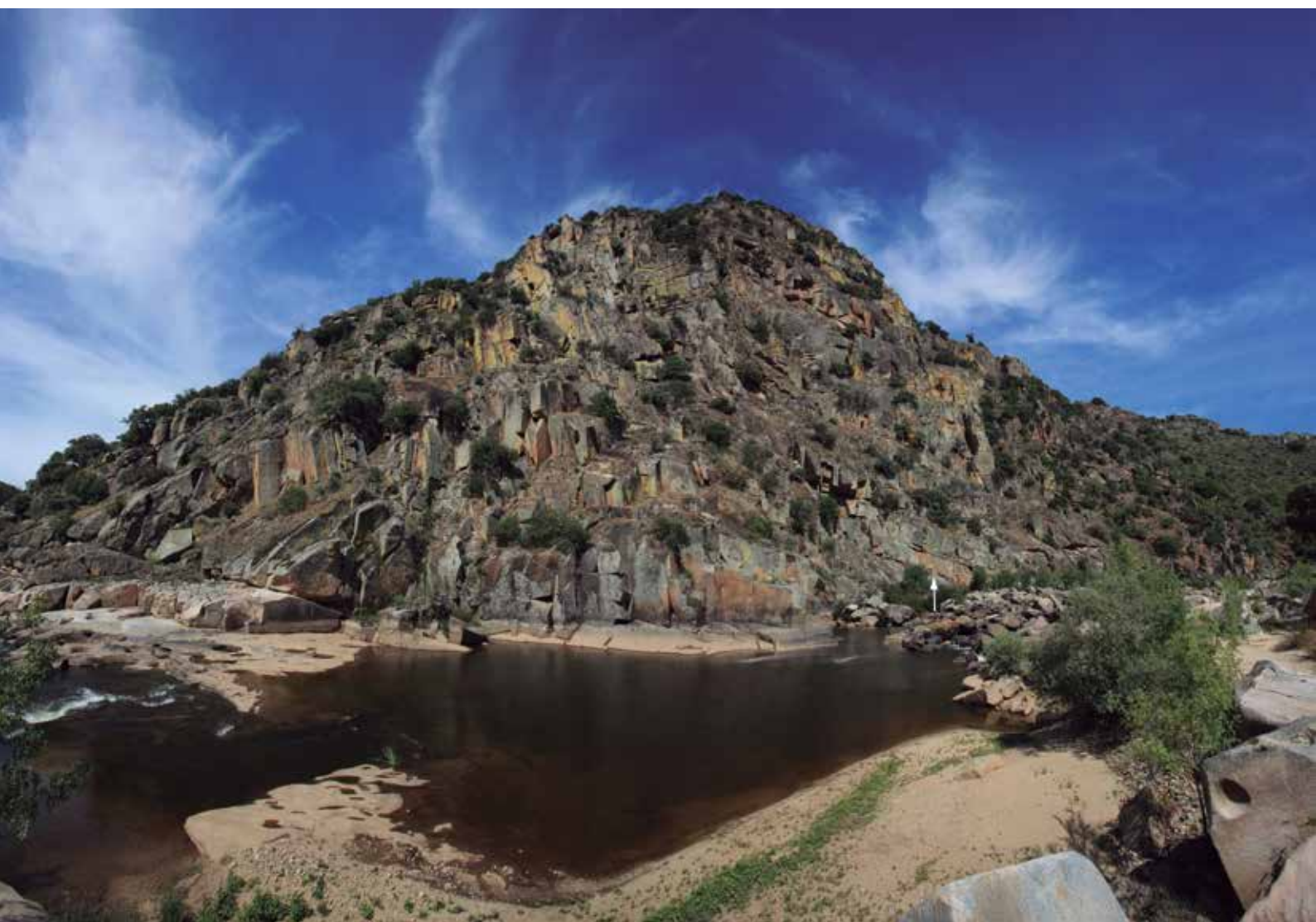


Fig. 7: A abrupta falésia granítica no sítio do Ervideiro, em cuja base se encontra a rocha 2, assinalada pela seta. Foto de Mário Reis.

projectos conectados e articulados entre eles e com a direcção e participação de equipas amplas, entre os quais os autores do presente texto. Um destes projectos, intitulado “*Uma investigação sobre a Pré-história Recente do Vale do Côa. Dinâmicas de uso e ocupação do território*”, desenrolou-se entre 2019 e 2022, com a escavação de alguns sítios da Pré-história Recente na região do Côa, dos quais dois evidenciaram arte rupestre conectável com a ocupação detectada. Um é o sítio do Texugo, escavado em 2020 e com a descoberta de uma rocha com covinhas (CARDOSO *et al.*, 2021), e o outro é o Barrocal dos Lameiros, escavado em 2021 e onde se detectaram mais covinhas, assim como um abrigo com pinturas (MURALHA *et al.*, 2022). Também em associação a este projecto ocorreu a descoberta em 2021 de um grande conjunto de rochas com covinhas na zona dos Tambores, em associação a dois diferentes sítios com ocupação pré-histórica, em mais um exemplo, neste caso de grande espectacularidade, de associação de rochas com covinhas a contextos da Pré-história Recente.

Os outros dois projectos surgem em sucessão um ao outro, tendo por objectivo estudar os sítios com pinturas rupestres pré-históricas na região e os seus contextos arqueológicos. O projecto “*ART-FACTS. Contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Côa*”, desenrolado entre 2012 e 2016, ocupou-se especificamente dos sítios do Colmeal, Poço Torto, Lapas Cabreiras e Ribeirinha, mas tendo também ocasionado a descoberta dos sítios do Gamoal em 2012 e do Castelejo em 2014, para além de um novo abrigo com unhas do diabo no Colmeal, em 2015 (ALVES *et al.*, 2014; REIS *et al.*, 2017). Por fim, iniciado em 2020 e ainda a decorrer, o projecto “*LandCRAFT – os contextos sócio-culturais da arte da pré-história Recente no vale do Côa*”¹ tem um âmbito mais vasto que o anterior, e uma dedicação mais ampla ao registo, à conserva



Fig. 8: Uma panorâmica sobre o povoado pré-histórico do Barrocal dos Lameiros. A seta da esquerda assinala a rocha com covinhas, e a da direita o afloramento com vestígios de pintura. Foto de Mário Reis.

1 - Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do mencionado projecto com a referência COA/OVD/0055/2019.

-ção e à escavação (ALVES, 2020; ALVES & REIS, em preparação; CAETANO *et al.*, em preparação; CARDOSO *et al.*, em preparação), mas sendo de registar a detecção em 2021 de novos painéis pintados no abrigo das Lapas Cabreiras e de uma nova e muito relevante rocha em Vale de Videiro, também pintada e com motivos subnaturalistas.

Se os parágrafos anteriores reflectem alguma abundância e diversidade nas descobertas de arte rupestre da Pré-história pós-glaciar da região do Côa, é verdade que, como mencionado, a sua publicação é ainda escassa e se encontra algo dispersa e pouco sistematizada, algo que esperamos emendar no final do projecto LandCRAFT, sobretudo no tocante aos sítios com pinturas rupestres. Assim, são escassas e reduzidas as sínteses já feitas sobre este período na região do Côa (ALVES & COMENDADOR REY, 2017, 23-27; REIS, 2011, 76-78; REIS, 2014, 42-52), e a apresentação de rochas e motivos tem-se feito de forma ocasional e algo desgarrada. Para além dos textos já atrás mencionados, podemos relevar os seguintes. No conhecido Relatório de 1997, que se pode considerar a primeira apresentação de fôlego sobre a arte do Côa, e para além de um primeiro e resu-



Fig. 9: A abrupta falésia xistosa na encosta do Monte Texugo. A seta assinala a rocha 3 de Vale de Videiro. Foto de Mário Reis.

mido quadro geral da arte rupestre da região, são apresentados desenhos de rochas com figuras subnaturalistas, nomeadamente as rochas 3, 4, 32, 33 e 36 da Canada do Inferno (BAPTISTA & GOMES, 1997). No primeiro livro que surgiu sobre a arte do Côa, mais focado na arte paleolítica, são apresentadas algumas fotografias de motivos posteriores, e incluindo também o desenho completo da rocha 6 da Faia e parcial da rocha 1 de Vale

de Cabrões (BAPTISTA, 1999). Mais algumas fotografias surgem num texto que faz um primeiro ponto da situação do inventário da arte do Côa (BAPTISTA & REIS, 2008). Um pouco mais tarde são apresentados desenhos inéditos de quatro rochas do Côa (abrigo do Poço Torto, rochas 2 de Vale de Videiro, 3 de Vale de Figueira e 1 do Colmeal), num texto de síntese sobre a arte esquemática em Portugal (FIGUEIREDO & BAPTISTA, 2013). Finalmente, numa tese de doutoramento que publicou todos os desenhos de rochas da região com arte paleolítica até então feitos (SANTOS, 2017), estes incluíram pontualmente rochas com arte subnaturalista ou esquemática, nomeadamente as rochas 6 da Faia, 4 da Ribeira de Piscos, 7, 18 e 23 da Quinta da Barca, 3, 4, 5, 32, 33 e 36 da Canada do Inferno e 1 de Vale de Cabrões.

3. Os sítios com arte pré-histórica holocénica na região do Côa

Em números aproximados, a arte do Côa distribui-se ao longo dos últimos 34 quilómetros do rio Côa e dos 17 quilómetros adjacentes do rio Douro, para ambos os lados do ponto de encontro entre os dois rios. A sumária descrição que se segue dos sítios com figuras atribuíveis à Pré-história Recente respeita esta dualidade geomorfológica, introduzindo divisões adicionais baseadas nos principais acidentes geomorfológicos da região do Côa. Assim, no vale do Côa, para além da sequência de sítios ao longo das suas margens, separam-se aqueles situados ao longo de dois dos seus principais afluentes, a Ribeirinha e a Ribeira do Avelal. No Douro poderíamos ter introduzido três subdivisões geomorfológicas - Ribeira do Arroio, Ribeira de Aguiar e Monte Meão - mas, tendo cada uma um só sítio e não assumindo relevância na distribuição da arte rupestre, entendemos não ser necessária esta divisão. Há mais duas outras entidades geomorfológicas que merecem um apartado mas que não se relacionam unicamente com um dos rios, antes sim com os dois em simultâneo. O Monte de São Gabriel que, entre os dois rios, domina visualmente a região, e o Vale da Veiga, o grande vale tectónico que corre paralelamente ao Côa e atravessa o Douro. O critério de ordenamento dos sítios arqueológicos em todos estes diferentes vales é avançar de jusante para montante (independentemente das margens dos rios). A excepção, naturalmente, é o Monte de São Gabriel, onde esse critério não se aplica.

3.1. VALE DO CÔA

O sector terminal do rio Côa é geologicamente complexo, com o rio a correr quase linearmente de sul para norte e passando por diferentes formações geológicas, que incluem áreas graníticas, quartzíticas e xistosas, sendo nestas últimas, que se prolongam até à foz do Côa e para a adjacente área do Douro, onde se encontra a maioria dos sítios da arte do Côa. No entanto, a zona granítica apresenta igualmente sítios de grande importância, nomeadamente no que respeita à pintura pré-histórica. Neste momento, o inventário da arte do Côa mostra uma distribuição de sítios ao longo dos últimos 34 quilómetros do rio Côa, com o término da distribuição a ser assinalado por dois sítios paleolíticos no próprio Côa (Alto da Cotovia e Quinta da Moreirola) e pelo conjunto de sítios com pintura pré-histórica ao longo da bacia de um dos afluentes do Côa, a ribeira do Avelal (Mapa 1).

3.1.1. CAVALARIA

O sítio da Cavalaria encontra-se numa posição elevada face ao Côa, no término setentrional da área planáltica de geologia xistosa contida entre os dois rios, Côa e Douro, mas desenvolvendo-se numa encosta de suave pendente voltada ao Côa, antes da abrupta secção final. Do conjunto de oito rochas decoradas, maioritariamente da Idade do Ferro, a rocha 2 surge no ponto mais elevado do sítio, com vista privilegiada para os dois rios e o seu ponto de encontro (assim como para o Museu do Côa). É um afloramento pouco elevado do solo, embora com uma superfície de xistosidade mais alta e longa, de disposição oblíqua, voltada para o Côa, onde se dispersam espaçadamente quase uma dezena de pequenas covinhas. Poucas dezenas de metros para Norte, na base da elevação onde surge a rocha 2 e numa depressão abrigada do terreno, encontram-se materiais de superfície de cronologia pré-histórica, nomeadamente cerâmicas de fabrico manual. Este é um dos variados casos conhecidos na região de associação muito próxima entre rochas com covinhas e vestígios ocupacionais da Pré-história Recente, uma relação de proximidade comum aos oito sítios com covinhas inscritos na Tabela 1 e com muito raras exceções na região, as quais (rochas 2 da Ribeira da Volta e 28 da Canada do Inferno) não são assim incluídas neste quadro de referência². É uma associação contextual que tem sido consistentemente confirmada com a sucessão de vários achados de rochas com



Fig. 10: O ponto branco assinala a rocha 2 da Cavalaria. O pequeno olival visível à direita encontra-se na zona onde surgem materiais pré-históricos de superfície. Em pano de fundo são visíveis Vila Nova de Foz Côa e o Museu do Côa, e a seta assinala a confluência do Côa com o Douro. Foto de Mário Reis.

2 - Designam-se por 'covinhas' as depressões circulares abertas por percussão directa nas rochas que surgem isoladas ou formando conjuntos mais ou menos amplos, ocasionalmente estruturados. Estes motivos, cuja produção não requer grande complexidade técnica, sabemos serem intemporais e universais, pelo que a aferição de qualquer balizamento cronológico para gravuras desta natureza deve ter em consideração as relações de proximidade espacial com vestígios arqueológicos datáveis.

covinhas, por vezes em conexão com a escavação de sítios pré-históricos (é o caso dos sítios do Texugo, Barrocal dos Lameiros ou Alto das Malhadas, embora neste último a detecção das covinhas preceda a escavação), e que autoriza a (prudente) generalização da hipótese de que a maioria das covinhas na região do Côa pertença à Pré-história Recente, embora se deva ressaltar que essa associação não se pode estender, por defeito, à generalidade das rochas com covinhas, tendo sempre que se fazer uma avaliação contextual, quando possível.

3.1.2. NAMORADOS

A ribeira do Piçarral, onde se encontra o sítio dos Namorados, inicia-se no flanco Norte do Monte de São Gabriel e desagua na margem direita do Douro, a 2700 metros da foz do Côa, sempre em terrenos de geologia xistosa. O conjunto de sete rochas decoradas surge afastado do Côa, dispersando-se pelas margens da ribeira e por um dos seus afluentes, a mais de 1500 metros da embocadura da ribeira.

São três as rochas conhecidas com gravuras picotadas pertencentes à Arte Esquemática³. A rocha 1 surge isolada num afluente da ribeira principal, na transição entre o planalto e o vale profundo, logo acima de uma queda de água, e apresenta cerca de trinta “antropomorfos de cornos”, entre outras picotagens. As rochas 5 e 7 afas-



Fig. 11: Imagem da superfície com covinhas da rocha 2 da Cavalaria. Foto de Mário Reis.

3 - A Arte Esquemática é uma tradição artística pré-histórica que assim se convencionou designar nos alvares do século XX por oposição ao estilo naturalista que caracterizava a arte do Paleolítico Superior. É tipificada pela presença recorrente da representação da figura humana reduzida aos seus traços mais elementares. Atribui-se a origem desta tradição no ocidente peninsular aos momentos iniciais do Neolítico (5º milénio AC), prolongando-se até aos finais do Calcolítico/início da Idade do Bronze (finais do 3º/início do 2º milénio AC).

tam-se quase 300 metros em linha recta da rocha 1 e a uma cota muito inferior. Encontrando-se lado a lado no fundo da ribeira principal, a rocha 5 exhibe dois pequenos antropomorfos semelhantes aos da rocha 1, e a rocha 7 uma original representação de ofídio, de corpo ondulado e boca aberta.

3.1.3. CANADA DO INFERNO

A Canada do Inferno é um dos principais sítios da arte do Côa, reunindo um afamado acervo de arte paleolítica e de Época Moderna e, menos abundante e menos conhecido mas igualmente muito relevante, vários conjuntos de gravuras atribuíveis a momentos pós-paleolíticos, com relevo para figuras picotadas de estilo subnaturalista. O sítio, de geologia xistosa, corresponde a uma estreita ribeira afluente do Côa e que desagua na sua margem esquerda a 3400 metros da foz do Côa. As 46 rochas actualmente conhecidas distribuem-se de forma desigual, com algumas dispersas pelo troço final da ribeira, mas com a maioria a surgir nos maciços rochosos sobre o Côa, para ambos os lados da foz da ribeira. No entanto, é de assinalar que as sete rochas onde se assinalam gravuras pós-paleolíticas se concentram todas no mesmo maciço rochoso, o mais imponente do sítio e localizado sobre o Côa imediatamente a jusante da foz da ribeira. Trata-se das rochas 3, 4, 5, 29, 32, 33 e 36 e, deste conjunto, com a albufeira da barragem do Pocinho a afectar fortemente a Canada do Inferno, apenas a rocha 3 se encontra presentemente emersa e acessível.

A rocha 29 encontra-se na base do maciço rochoso, sabendo-se que corresponde a um pequeno abrigo com algumas gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”.⁴ As restantes rochas ostentam, para além de diferentes figuras paleolíticas, algumas figuras



Fig. 12: Panorâmica sobre o sítio dos Namorados, indicando-se a localização das rochas decoradas presentemente conhecidas, com os números a designar as mencionadas no texto. Foto de Mário Reis.

4 - Gravuras lineares são obtidas por fricção repetida e linear na superfície rochosa, formando um traço de formato muito característico, normalmente de perfil em “V” e mais aprofundado na zona central. Tal como as covinhas, são um fenómeno intemporal e universal, dependendo de uma contextualização local e regional para a sua classificação cronológica e cultural. A designação “unhadas do diabo”, que provém das tradições locais transmontanas sobre este tipo de gravura, é atribuída às gravuras lineares que aparecem com alguma abundância ao longo da bacia do Douro Superior, e que poderão formar um grupo regional particular e específico deste género de gravura.

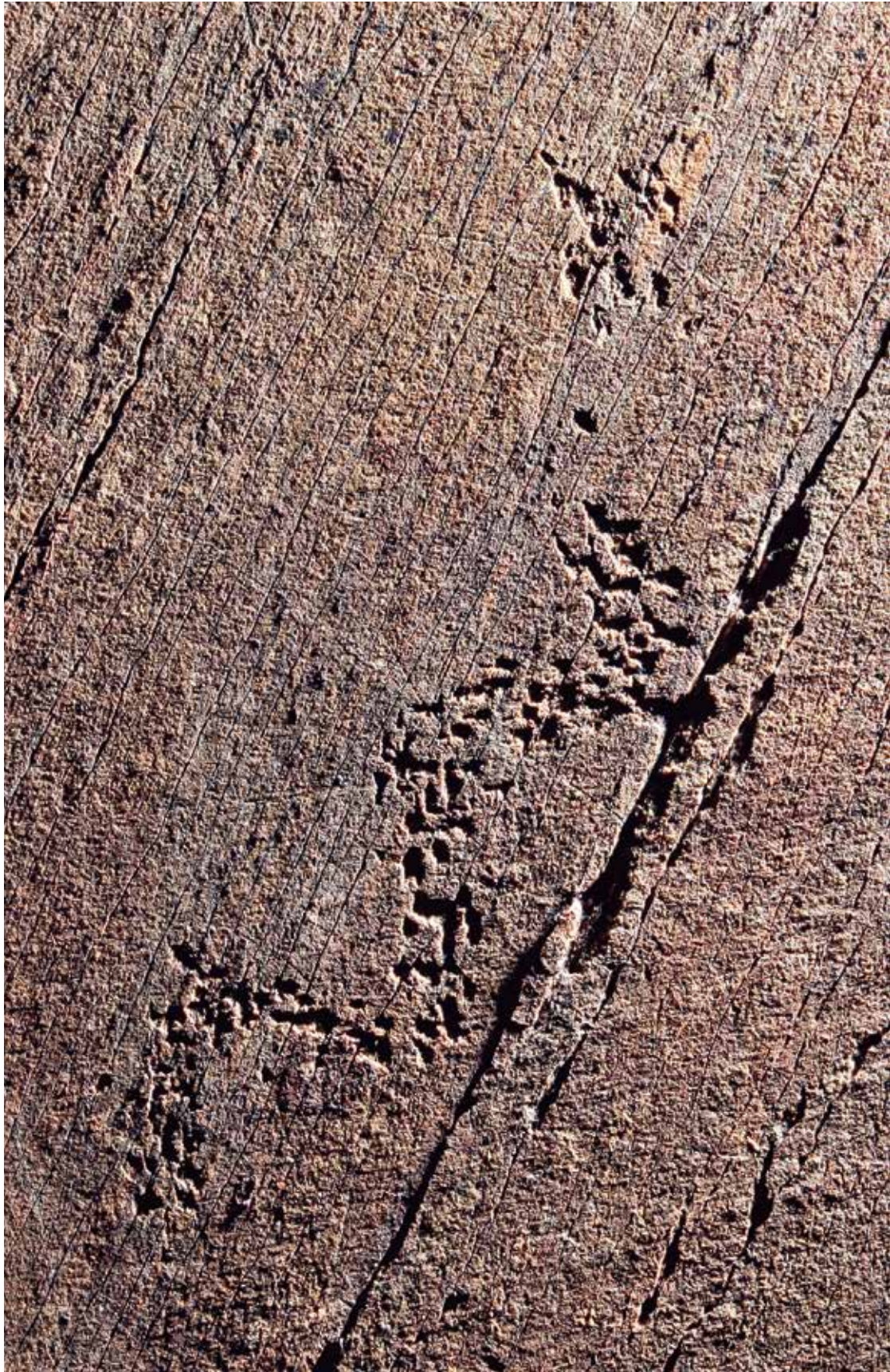


Fig. 13: Figura serpentiforme picotada na rocha 7 dos Namorados. Foto de Mário Reis.

de estilo geometrizar e menos naturalista, gravadas com a técnica de picotado disperso conhecida como “bago de arroz”. Nas rochas 3, 4, 5 e 32 as figuras são mais estilizadas, sendo difícil identificar a espécie representada. Na rocha 33 surge um veado, facilmente reconhecível pelas elaboradas hastes, enquanto a rocha 36 apresenta um conjunto de figuras mais naturalistas na zona central da rocha, juntando caprinos e peixes, rodeadas na periferia por outras, mais estilizadas e de difícil reconhecimento, numa organização espacial que sugere uma evolução diacrónica desta Arte Subnaturalista no sentido de uma progressiva perda de objetividade na representação pictórica.

Quanto às unhadas da rocha 29, das quais pouco mais se sabe para além de que existem, são as primeiras deste género de gravuras a aparecer nesta listagem de sítios, servindo para recordar que se mantêm as dúvidas sobre a atribuição cronológica e cultural deste tipo de gravuras, particularmente característico da bacia do Douro Superior (cf. SANCHES & TEIXEIRA, 2013; REIS & VÁZQUEZ MARCOS, em preparação), mas sendo possível reunir alguns argumentos no sentido de as considerar como sendo um fenómeno característico da Pré-história Recente, com um possível início no Tardiglacial e terminando, possivelmente, já na Idade do Ferro (cf. REIS, 2014, 43-47; REIS & VÁZQUEZ MARCOS, em preparação),

3.1.4. VALE DE VIDEIRO

O sítio de Vale de Videiro corresponde ao troço final da ribeira com o mesmo nome e afluente da margem esquerda do Côa, assim como a parte da encosta adjacente sobre este rio para montante da foz da ribeira, a qual desagua a 4350 metros da foz do Côa. Integra um conjunto de três sítios em torno do chamado Monte Texugo (ou Teixugo), cujo topo corresponde ao sítio arqueológico do Texugo e sendo ladeado pelos sítios de Vale de Videiro a jusante e Vale de Figueira a montante. A encosta voltada ao Côa é rasgada por uma poderosa falésia rochosa, que se eleva em degraus e serve como linha divisória entre os dois sítios (cf. REIS, 2012, 25).

Conhecem-se aqui duas rochas com pinturas pré-históricas. No interior da ribeira de Vale de Videiro, a 300 metros da sua embocadura, a rocha 2 corresponde a um enorme afloramento sobranceiro à ribeira, que ostenta quatro diferentes painéis decorados com pintura esquemática, com alguns antropomorfos acompanhados por barras e motivos abstractos simples. Por seu lado, a rocha 3 encontra-se na parte inferior da falésia rochosa do Monte Texugo, cerca de 30 metros acima do actual nível do Côa. Na parte inferior do grande painel frontal da rocha surgem dois pequenos antropomorfos de feição subnaturalista (ALVES & REIS, em preparação).

3.1.5. TEXUGO

O topo do cabeço do Monte Texugo corresponde a um pequeno sítio arqueológico, cuja escavação em 2020 confirmou a existência de ténues vestígios de ocupação da Pré-história Recente e proporcionou a identificação de mais uma rocha com covinhas (CARDOSO *et al.*, 2021). Esta encontra-se na zona aplanada do cimo do cabeço, sendo um afloramento de xisto de formato subrectangular que se eleva cerca de um metro acima do solo. O painel decorado é o topo horizontal do afloramento e ostenta apenas cinco covinhas, pouco profundas e quase indetectáveis.



Fig. 14: Zoomorfo indeterminado subnaturalista na rocha 3 da Canada do Inferno. Foto de Mário Reis.

3.1.6. VALE DE FIGUEIRA

Apesar da designação, todas as nove rochas presentemente conhecidas no sítio de Vale de Figueira encontram-se distribuídas ao longo da margem esquerda do Côa, para ambos os lados da foz da ribeira, a montante do sítio de Vale de Videiro e chegando até à grande falésia rochosa do Monte Texugo. Apenas a rocha 1 se encontra associada diretamente à linha de água, localizando-se precisamente na sua embocadura e enfrentando já o Côa. As rochas 1 e 3 têm motivos enquadráveis na Pré-história Recente, motivos esses que se apresentam com alguma diversidade: técnica, formal e cultural.

As duas rochas apresentam quantidades significativas de gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”, dispostas espacialmente de forma muito similar em ambos os casos: um amplo painel na periferia do afloramento repleto de algumas dezenas de

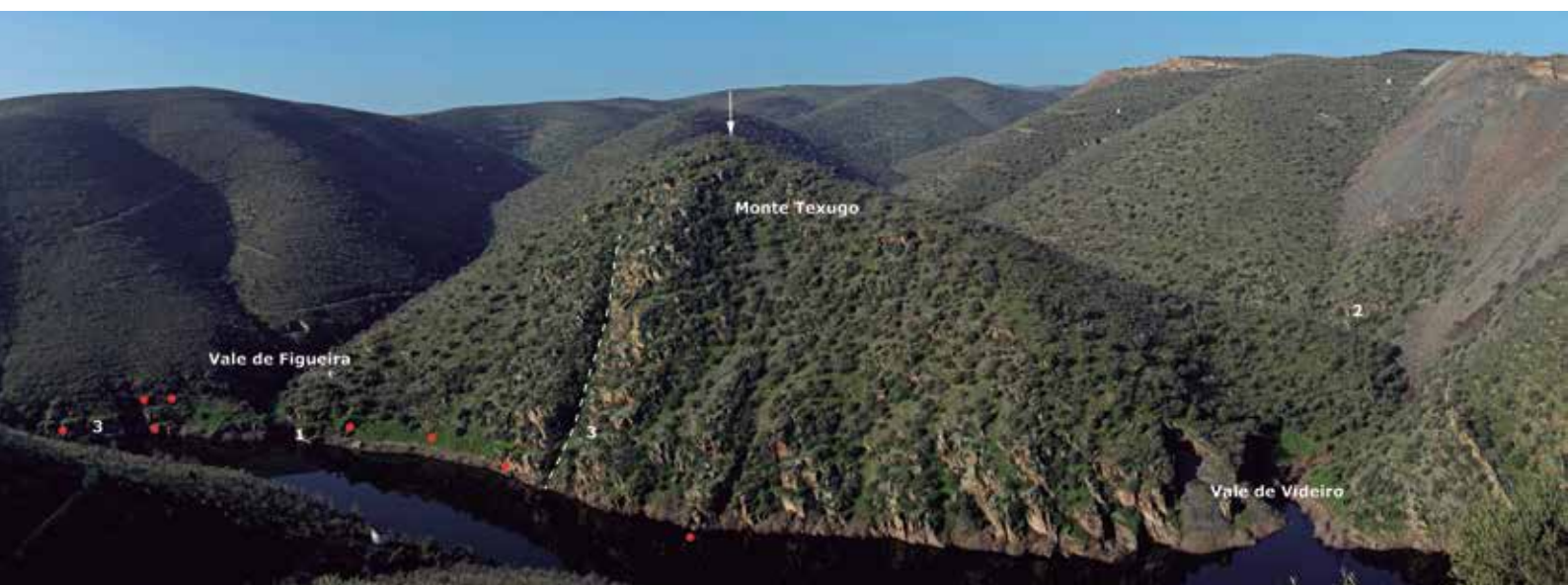


Fig. 15: Panorâmica sobre o Monte Texugo e os sítios rupestres associados. A seta assinala a posição aproximada da rocha com covinhas do sítio do Texugo. Indica-se a localização das rochas decoradas presentemente conhecidas em Vale de Figueira e Vale de Videiro, com os números a designar as mencionadas no texto, e a linha tracejada a assinalar a separação convencional entre os dois sítios. Foto de Mário Reis.

unhadas, e mais dois ou três painéis ao longo do afloramento com apenas uma ou duas. De resto, ambas as rochas apresentam motivos de traço subnaturalista, com a rocha 3 a apresentar igualmente algumas figuras esquemáticas.

Na rocha 1, todas estas figuras foram obtidas por picotagem, do tipo “bago de arroz”, concentrando-se num único painel, onde partilham o espaço com figuras paleolíticas, maioritariamente incisões Tardiglaciares, às quais ocasionalmente se sobrepõem. Consistem em representações de animais, incluindo cervídeos e quadrúpedes indeterminados, todos de escasso naturalismo, e ainda um serpentiforme, entre outros picotados indeterminados. Na rocha 3, todas as figuras para além das unhadas são pintadas, distribuídas por vários pequenos painéis ao longo do afloramento, distinguindo-se pelo menos um antropomorfo e vestígios de um animal subnaturalista, a par de figuras esquemáticas.

3.1.7. FRAGA DO SENO

A Fraga do Seno é uma pequena e curta encosta xistosa sobre a margem direita do Côa, ligeiramente a montante de Vale de Figueira e a 5800 metros da foz do Côa, com um conjunto conhecido de oito rochas gravadas com figuras paleolíticas e da Idade do Ferro.

Na rocha 1, a maior e visualmente mais imponente do conjunto, surgem num pequeno painel três gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”. Embora as incluamos aqui no quadro de referência da Pré-história Recente, este é um caso em que esta associação se afigura como possível, mas problemática. Para além das unhadas se apresentarem um pouco menos patinadas e menos profundas do que o habitual, surgem também ao lado de um painel na mesma rocha com um relevante conjunto de figuras

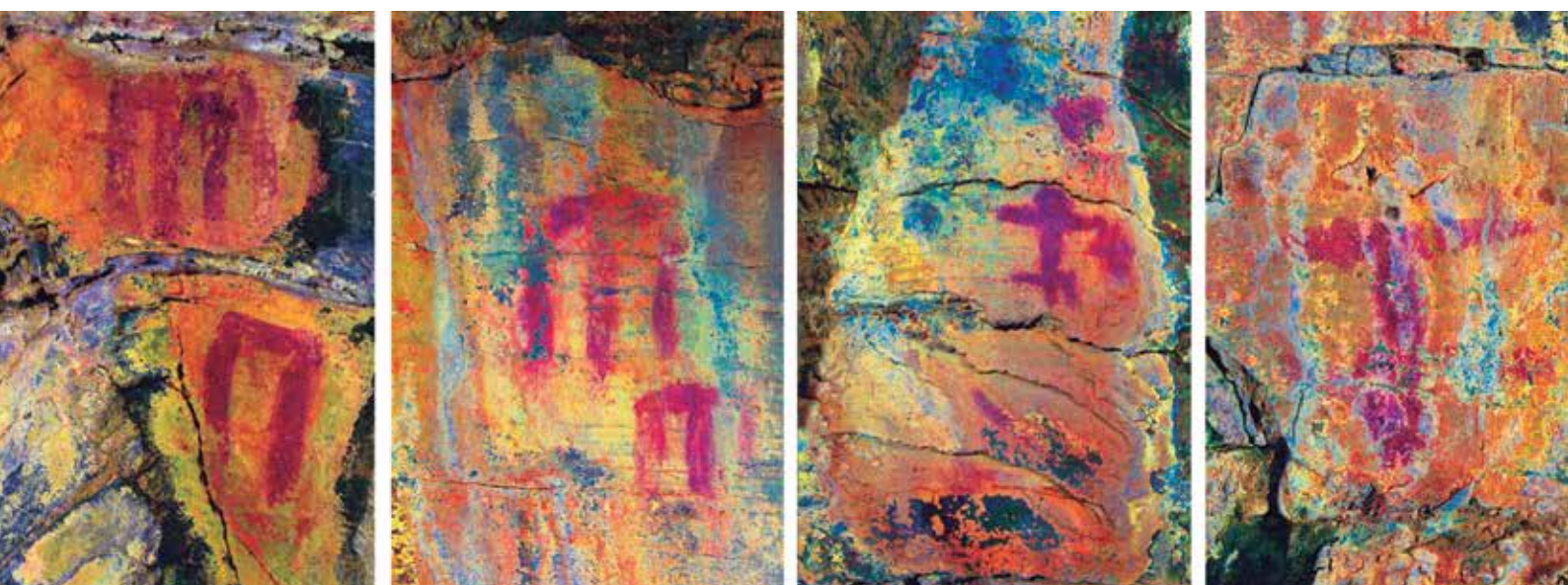


Fig. 16: Detalhe de algumas figuras esquemáticas pintadas da rocha 2 de Vale de Videiro (da esquerda para a direita: painéis A, B, C, D. Fotos de Mário Reis tratadas com DStretch).

da Idade do Ferro. Pode-se assim colocar a hipótese de já pertencerem a este último período, talvez como representantes dos momentos finais da execução de gravuras lineares na região, à semelhança do que acontece nas rochas 8 e 30 do sítio da Bulha, sobre o Douro, onde as unhadas são igualmente escassas e menos patinadas e misturadas com figuras da Idade do Ferro, no caso da rocha 30 registando-se mesmo uma sobreposição de uma unhada sobre traços deste período.

3.1.8. RIBEIRA DE PISCOS

Outro dos principais sítios da arte do Côa, a Ribeira de Piscos congrega 59 rochas decoradas com uma complexa matriz distributiva, ao longo dos terrenos xistosos da ribeira e de alguns dos seus afluentes, e estendendo-se às encostas sobre a margem esquerda do Côa para ambos os lados da embocadura da ribeira, que se encontra a 6800 metros da foz do Côa. Da Pré-história Recente conhecem-se quatro rochas que, com algumas dúvidas num caso ou outro, apresentam motivos de Arte Esquemática, maioritariamente pintados, mas também com duas figuras gravadas.

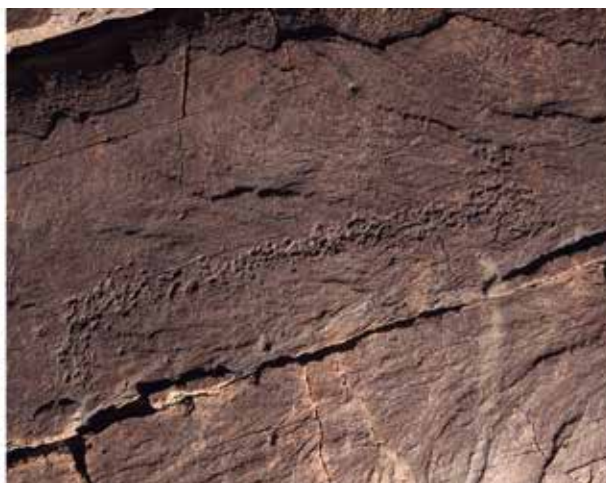


Fig. 17: Panorâmica sobre o sítio do Texugo tirada do lado oposto ao Côa (perceptível ao fundo, do lado direito), sendo visível no topo a rocha com covinhas, assinalada pela seta. Foto de Mário Reis.

Fig. 18: Rocha 3 de Vale de Figueira. À esquerda, aspecto do abrigo sobre o Côa. À direita, figuras esquemáticas no painel A. Foto de Lara Bacelar Alves, tratada com DStretch.

Fig. 19: Rocha 1 de Vale de Figueira. Detalhe de algumas gravuras. Conjunto de gravuras lineares (direita); dois exemplos de figuras picotadas de feição subnaturalista (esquerda e centro). Foto de Mário Reis.

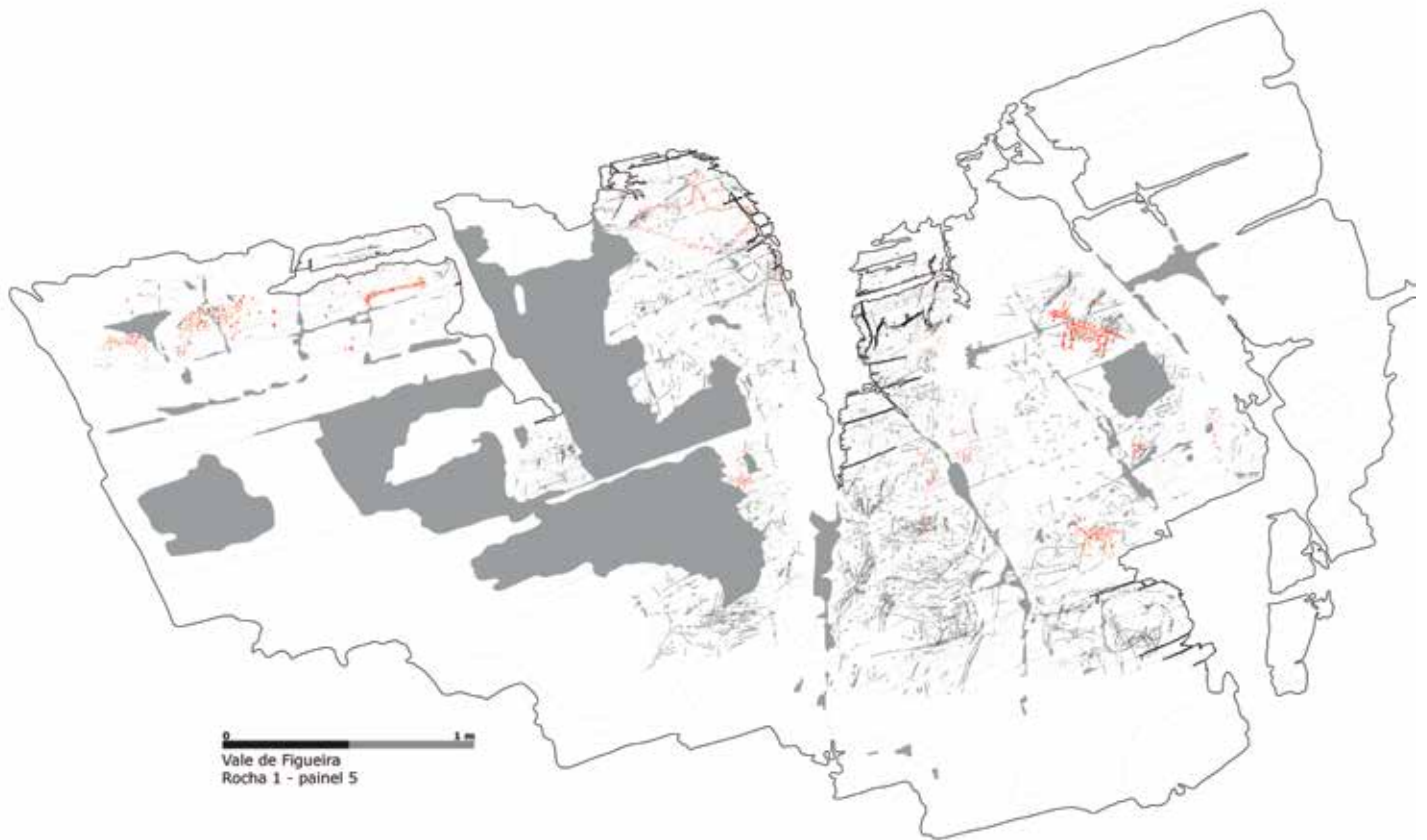


Fig. 20: Rocha 1 de Vale de Figueira. Desenho do painel onde se concentram as figuras picotadas de feição subnaturalista (a vermelho). A traço negro estão diversas figuras paleolíticas. Desenho feito a partir da montagem de várias fotografias, no âmbito do projecto LandCRAFT).

As rochas 18, 4 e 6 encontram-se no interior do vale da ribeira e na sua margem direita, a primeira correspondendo a um imponente afloramento isolado a 730 metros da confluência com o Côa, enquanto as rochas 4 e 6 integram um amplo conjunto rochoso no troço final da ribeira, a aproximadamente 250 metros da sua embocadura, a última num afloramento discreto na paisagem, mas a primeira num grande maciço rochoso que se destaca visualmente ao ser atravessado por um largo veio de quartzo branco. A rocha 14 encontra-se isolada sobre o Côa, a 160 metros da foz da ribeira, novamente num imenso e destacado afloramento.

A rocha 18 contém a maior colecção de figuras deste período neste sítio, com antropomorfos, barras, pontos e outras figuras de difícil percepção, todas pintadas e divididas por três painéis. A rocha 14 ostenta escassas pinturas num vasto painel vertical, com um conjunto de barras horizontais e dois motivos subtriangulares. Num dos muitos painéis decorados da rocha 6 encontra-se um motivo feito por picotagem dispersa tipo “bago de arroz”, pontualmente sobreposto a incisões paleolíticas, pouco perceptível mas que poderá corresponder a uma tosca versão de um “antropomorfo de cornos”. Por fim, na rocha 4 surge, num painel, um pequeno antropomorfo picotado e, no interior de um nicho abrigado e recuado, uma única e pequena mancha informe pintada, provavelmente também pré-histórica.

3.1.9. RIBEIRA DO IMPARIZ

Este sítio corresponde a uma longa ribeira que desce abruptamente a encosta que se estende do Monte de São Gabriel até à margem direita do Côa, desembocando neste a aproximadamente 8400 metros da sua foz. As duas rochas decoradas presen-

temente conhecidas surgem num afluente da ribeira principal, a quase 400 metros em linha recta da sua embocadura, numa implantação muito discreta e escondida na paisagem, embora com maior abertura visual para o Monte São Gabriel.

Apenas a rocha 1 tem um motivo atribuível à Pré-história Recente, um grande meandro ou serpentiforme, vivamente ondulado e executado na modalidade técnica do picotado “bago de arroz”. Sobrepõe-se à outra figura desta rocha, um veado paleolítico estriado Tardiglaciar. Não é fácil proceder à sua classificação, na medida em que poderá tanto ser comparado com o serpentiforme da rocha 7 dos Namorados ou com os meandros (ou serpentiformes) das rochas 1 de Vale de Figueira e 2 da Quinta da Barca Sul, o primeiro com um contexto nas proximidades da Arte Esquemática, os restantes inseridos em painéis repletos de figuras subnaturalistas.

3.1.10. PENASCOSA

Sendo mais um dos principais sítios da arte do Côa, a Penascosa é um cabeço xistoso e muito rochoso sobranceiro a um vasto terraço fluvial espreado pela margem direita do Côa, a aproximadamente 9950 metros da foz do Côa, com um conjunto de 38 rochas inventariadas, na sua maioria de cronologia paleolítica. No tocante à Pré-história Recente, começou por considerar-se que poderia haver um antropomorfo esquemático picotado na rocha 5, e mais tarde admitindo também a hipótese de que o antropomorfo inciso da rocha 17 poderia também ser pós-paleolítico. No entanto, actualmente, considera-se que estas gravuras deverão ser paleolíticas (cf. REIS, 2012, 35-36; 2020, 540).

Desta forma, apenas a rocha 19 têm algumas gravuras possivelmente atribuíveis a momentos culturais e cronológicos pré-históricos e pós-paleolíticos, concretamente um pequeno conjunto de gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”. Inserida num vasto



Fig. 21: Panorâmica sobre a encosta da Fraga do Seno, indicando-se a localização das rochas decoradas presentemente conhecidas, com o número a designar a rocha 1, mencionada no texto. Foto de Mário Reis.



Fig. 22: Vista sobre a Ribeira de Piscos, numa imagem tirada do alto do Monte de São Gabriel. Os números assinalam as quatro rochas mencionadas no texto. Foto de Mário Reis.



Fig. 23: Rocha 4 da Ribeira de Piscos. À esquerda, aspecto geral da rocha, destacada na paisagem pelo grande veio de quartzo branco. À direita, pequeno antropomorfo esquemático. Fotos de Mário Reis.

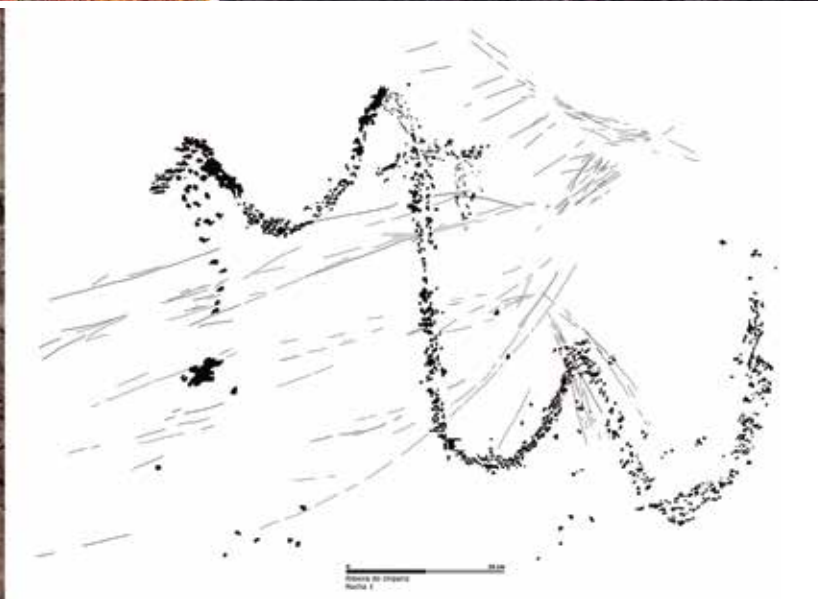
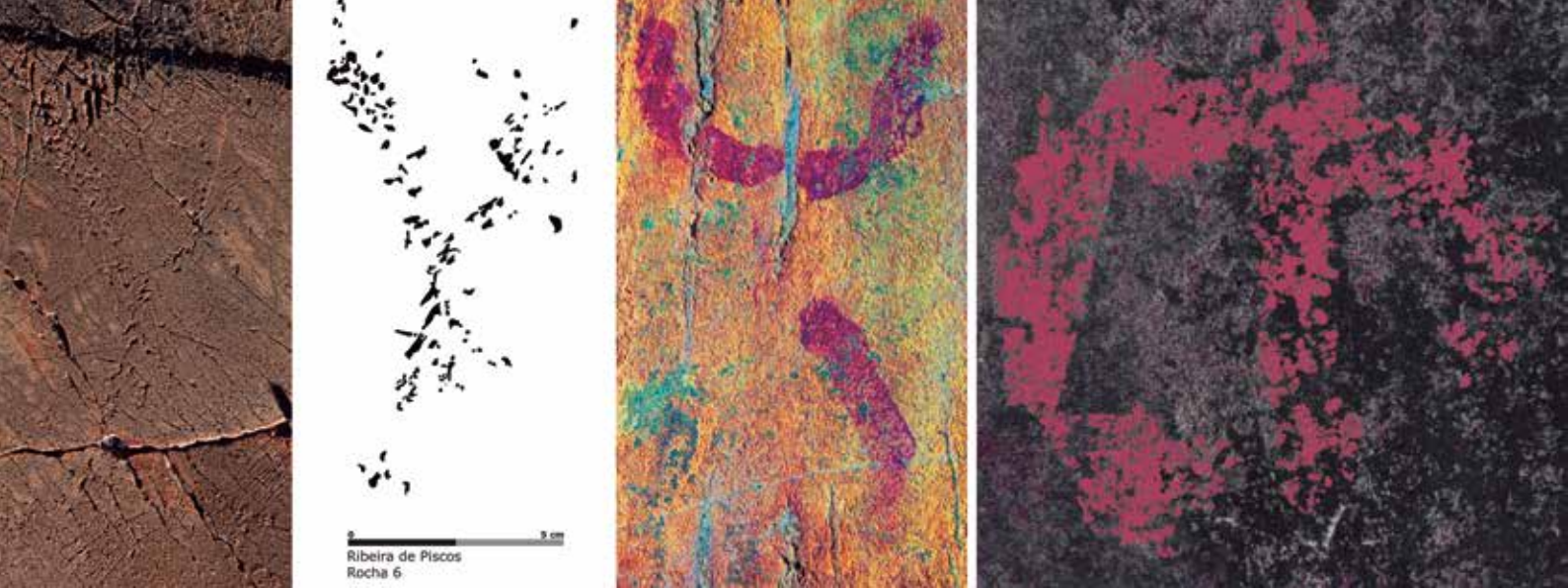


Fig. 24: À esquerda, possível “antropomorfo de cornos” na rocha 6 da Ribeira de Piscos, em fotografia e desenho sobre fotografia. À direita, figuras esquemáticas pintadas da rocha 18 da Ribeira de Piscos. Fotos de Mário Reis tratadas com DStretch).

Fig. 25: Meandro ou serpentiforme picotado da rocha 1 do Impariz sobreposto a um veado estriado Tardiglacial, em fotografia e desenho sobre fotografia. Foto de Mário Reis.

Fig. 26: Panorâmica sobre a Penascosa, indicando-se a localização das rochas decoradas. O número assinala a rocha 19, mencionada no texto. Foto de Mário Reis.



Fig. 27: Conjunto de unhas no painel horizontal da rocha 19 da Penascosa. Foto de Mário Reis.

maciço rochoso na entrada jusante do cabeço da Penascosa, entre 10 a 20 metros acima do terraço, a superfície vertical da rocha 19 apresenta três destas gravuras lineares, sobrepostas a um grande veado Magdalenense. Na superfície, quase horizontal, na base do painel principal encontram-se mais quatro.

3.1.11. QUINTA DA BARCA

Situado nos terrenos xistosos sobre a margem esquerda do Côa e mesmo em frente à Penascosa, o sítio da Quinta da Barca reúne 60 rochas decoradas, na sua grande maioria com gravuras do Paleolítico Superior, com uma distribuição espacial bastante diversificada, dividida entre a ribeira da Quinta da Barca, um terraço elevado sobre o Côa e as encostas sobre o Côa e sobre o terraço. Deste amplo conjunto artístico, apenas três rochas apresentam motivos gravados do período em apreço, dispersas espaçadamente ao longo do Côa. Todas têm motivos integráveis no universo subnaturalista, a que se junta uma só figura antropomórfica esquemática.

A rocha 7 encontra-se quase no término montante do sítio, junto à embocadura da ribeira da Quinta da Barca, e exhibe dois animais picotados em “bago de arroz” e de estilo subnaturalista, possivelmente cervídeos ou caprinos. Também picotada e numa superfície sobranceira ao Côa em posição intermédia em relação às outras duas rochas, a figura da rocha 18 é de interpretação dúbia (cf. REIS, 2020, 539-540), mas poderá ser um animal indeterminado de estilo subnaturalista. Por fim, na rocha 23, situada no término jusante da Quinta da Barca, surgem dois cervídeos alinhados, executados mediante picotado disperso e de estilo subnaturalista, tendo ao lado uma figura humana muito estilizada, também picotada e pertencente à Arte Esquemática.

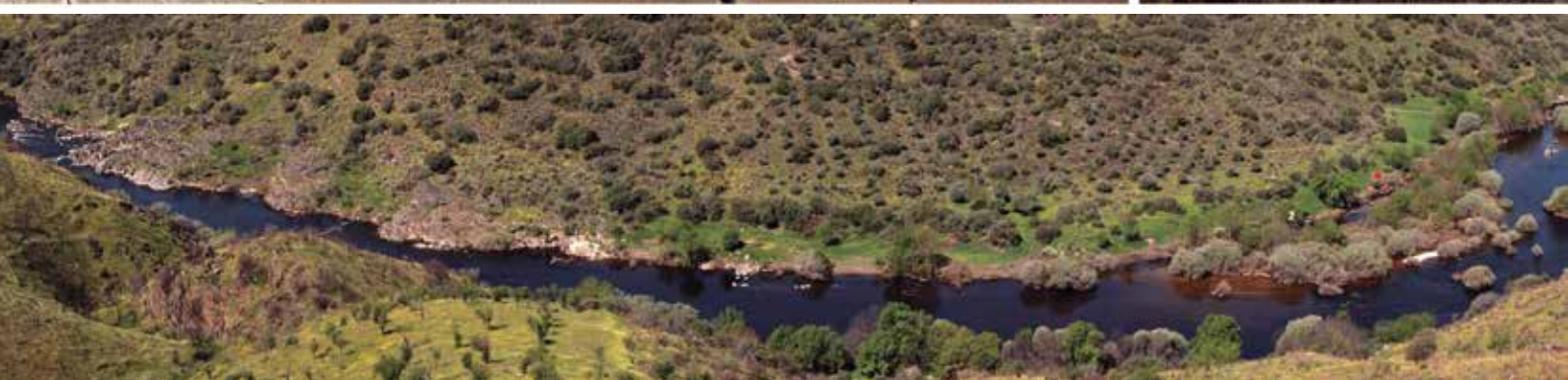


Fig. 28: A partir do alto da Penascosa, uma panorâmica sobre a Quinta da Barca, indicando-se a localização das rochas decoradas visíveis na imagem. Os números assinalam as três rochas mencionadas no texto. Foto de Mário Reis.
Fig. 29: Figuras picotadas na rocha 23 da Quinta da Barca. À esquerda, um duo de cervídeos de feição subnaturalista. À direita, um antropomorfo esquemático. Foto de Mário Reis.
Fig. 30: Terraço fluvial da Quinta da Barca Sul, indicando-se a localização das rochas decoradas, com o número a assinalar a rocha 2, mencionada no texto. Foto de Mário Reis.

3.1.12. QUINTA DA BARCA SUL

Como o nome indica, a Quinta da Barca Sul fica em posição meridional face ao mais conhecido sítio da Quinta da Barca, cerca de 600 metros para montante na mesma margem e a aproximadamente 10 500 metros da foz do Côa, ainda em terrenos de geologia xistosa mas já não longe da sua transição para a área granítica do Côa. Corresponde a um vasto terraço fluvial na margem esquerda do Côa, onde se identificaram duas rochas decoradas junto ao rio, uma com motivos paleolíticos e a outra (rocha 2), com figuras de feição subnaturalista.

O conjunto iconográfico, caracterizado por alguma diversidade estilística, divide-se por três painéis distintos. Ao centro, o maior dos painéis ostenta as figuras mais naturalistas e, possivelmente, as mais antigas, em traço picotado mais concentrado, destacando-se uma grande figura de caprino. Num painel mais pequeno do lado esquerdo encontra-se uma confusa amálgama de picotados dispersos, onde se distinguem com dificuldade alguns animais, incluindo um auroque bastante semelhante aos da rocha 1 da Faia. Mais fáceis de distinguir são as figuras da extremidade direita, já anexas ao rio e, por vezes, submersas quando este sobe um pouco mais, com uma composição ordenada, em picotados muito dispersos, que inclui um cervídeo e um serpenteiforme, intervalados por duas pequenas manchas circulares obtidas pela justaposição de diversas pequenas picotagens.

3.1.13. BARROCAL DOS LAMEIROS

Recentemente intervencionado no âmbito dos mais recentes projectos de investigação (MURALHA *et al.*, 2022), o sítio do Barrocal dos Lameiros é o primeiro (nesta listagem) a aparecer na área granítica do Côa, ficando aproximadamente a 15 850 metros da foz do rio, no topo de um cabeço rochoso que se eleva mais de 250 metros acima da margem direita do Côa. A prospecção superficial e a escavação revelaram a presença de vestígios de ocupação da Pré-história Recente, com fragmentos cerâmicos associados a diverso material lítico e abundantes elementos de moagem manual, dispersos ao longo da superfície aplanada do topo do cabeço e zonas declivosas imediatas, em diversas plataformas contidas entre abundantes batólitos graníticos.

Na zona central e mais aplanada, encontrou-se uma pequena rocha de topo horizontal onde foram gravadas duas profundas covinhas. Poucos metros ao lado apareceu uma pedra solta com mais duas covinhas. Contudo, o achado mais surpreendente do sítio ocorreu na sua extremidade Norte e no ponto mais elevado do cabeço onde, no interior de um caos de blocos muito irregular, se detectou uma superfície quase vertical e em zona de transição entre uma posição abrigada e a exposição plena aos elementos, e que apresenta algumas manchas pintadas. Muito delidas e de difícil percepção, ainda em fase de estudo mais aprofundado, observa-se a repetição de formas triangulares, que recordam um pouco manchas semelhantes na rocha 14 da Ribeira de Piscos. Por esta comparação, e pelo contexto arqueológico e cronológico associável, é possível que estas pinturas atípicas, quase seguramente da Pré-história Recente, integrem o universo da Arte Esquemática.



Fig. 31: Da esquerda para a direita, os três painéis decorados da rocha 2 da Quinta da Barca Sul, com diversas figuras de estilo subnaturalista. Foto de Mário Reis.

Fig. 32: Aspecto da rocha 1 do Barrocal dos Lameiros, com a seta a indicar a zona do painel onde surgem as pinturas. Foto de Mário Reis.

3.1.14. FAIA

Entre os primeiros sítios da arte do Côa a ser identificado, localizado a aproximadamente 18 500 metros da foz do Côa, o sítio da Faia é um dos mais especiais conjuntos rupestres da região, pela relação simbiótica entre as suas especificidades geomorfológicas e as singularidades do seu conjunto iconográfico. Este, não sendo especialmente amplo, reúne algumas gravuras modernas a pinturas pré-históricas e ainda a mais gravuras, desta feita paleolíticas, que fazem deste o único sítio conhecido no mundo a ostentar arte paleolítica ao ar livre em geologia granítica, recentemente enriquecida com o achado de uma terceira rocha deste período no âmbito do projecto LandCRAFT (REIS *et al.*, 2022a; 2022b).

A pintura pré-histórica surge em sete das dezanove rochas presentemente inventariadas, distribuídas junto às margens do Côa ao longo da metade norte da profunda e estreita garganta que constitui o sítio, numa extensão de quase 700 metros entre a primeira rocha pintada a aparecer na extremidade norte e as últimas do lado sul. De norte para sul, as pinturas vão aparecendo espaçadamente, com intervalos progressivamente mais curtos, começando na rocha 1 e seguindo para as rochas 2, 3 e 4, sempre ao longo da margem esquerda. Após a rocha 4, já no sector central da garganta e no seu sector mais monumental, as últimas três congregam-se num espaço curto, com as rochas 5 e 6 ainda na margem esquerda, tendo em frente a rocha 8, a única presentemente conhecida na margem direita.

A iconografia pintada divide-se em dois conjuntos distintos, um de feição subnaturalista e outro pertencente à tradição de Arte Esquemática. Esta última está presente nas rochas 2, 6 e 8, nas duas primeiras com algumas figuras antropomórficas simples e barras, na rocha 8 com maior abundância, incluindo antropomorfos e motivos geométricos variados. As representações subnaturalistas assinalam-se com segurança nas rochas 1, 3 e 5 e como possibilidade na rocha 8, ainda por estudar detalhadamente, sendo igualmente possível que as manchas algo indistintas da rocha 4 também pertençam a esta fase. Destacam-se as figuras antropomórficas nas rochas 1, 3 e 5, os grandes auroques da rocha 1 e a associação próxima entre figuras humanas e animais, desta feita em composições de pequena dimensão, também na rocha 1, a mais variada e original do conjunto.

3.1.15. ERVIDEIRO

Surgindo na continuação para montante da Faia, o Ervideiro corresponde igualmente a uma garganta granítica no Côa, a 19 900 metros da foz do Côa. Para além de uma rocha com picotagens modernas, apresenta duas rochas com pinturas pré-históricas, com um conjunto figurativo que se caracteriza pela escassa presença de representações típicas da Arte Esquemática e singularidade das representações humanas e animais de traço subnaturalista (ALVES, REIS, em preparação). As pinturas surgem em afloramentos ou contextos de alguma monumentalidade, com destaque para a rocha 2, junto à margem e tendo em frente, do outro lado do estreito rio, amplas bancadas rochosas polidas pelas águas e de destacada cor branca.

Na margem esquerda, a rocha 1 exhibe dois pequenos painéis com pinturas rupestres contíguos na base de um grande afloramento, onde se assinala a associação entre figuras humanas e animais subnaturalistas, tal como parece suceder também na

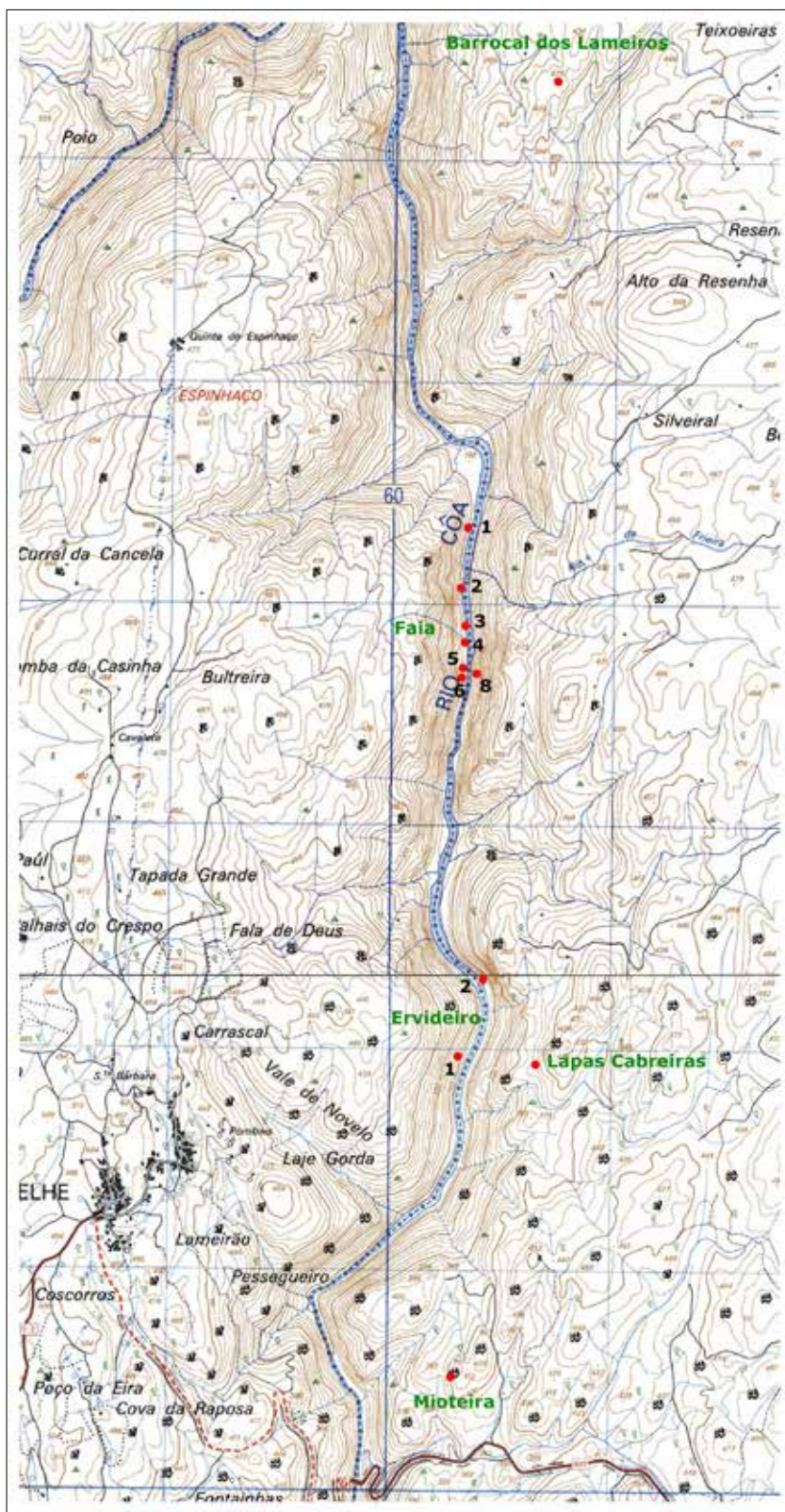


Fig. 33: Localização das rochas com pintura pré-histórica no conjunto de cinco sítios no princípio da área granítica do vale do Côa. As rochas dos sítios da Faia e Ervideiro são distinguidas pelo número (Carta Militar de Portugal - escala 1:25,000, Instituto Geográfico do Exército, extracto das folhas 151 e 161).

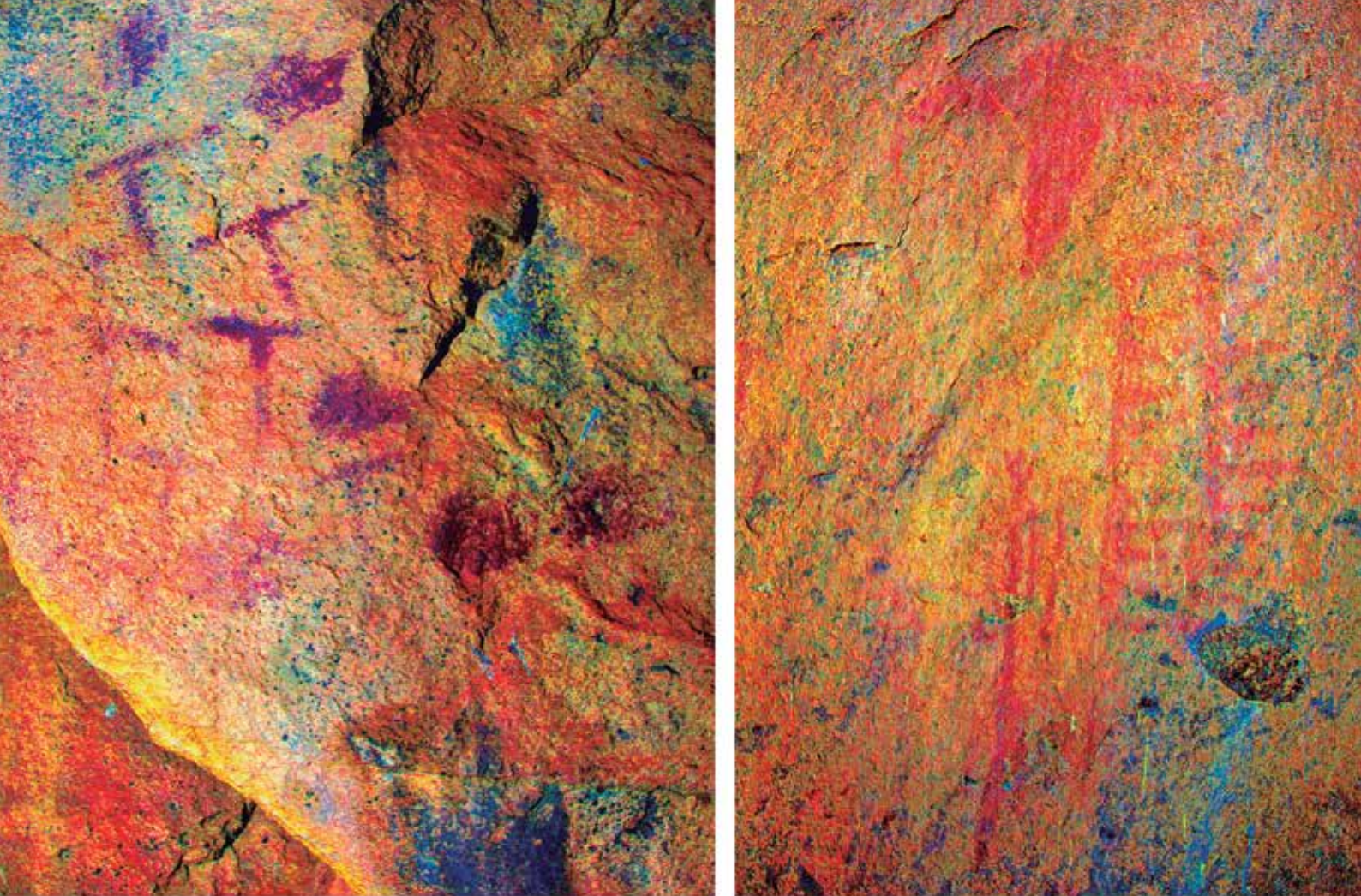


Fig. 34: Conjuntos de figuras esquemáticas pintadas na Faia: à esquerda, rocha 2; à direita, rocha 8. Fotos de Mário Reis, tratadas com DStretch.

rocha 2. Esta implanta-se na base de uma abrupta falésia, que se impõe na paisagem, na margem oposta e quase 400 metros para Norte da rocha 1. O estudo monográfico do sítio do Ervideiro, incluindo o registo gráfico das pinturas, está, no momento em que se escrevem estas linhas, em curso no âmbito do projecto LandCRAFT.

3.1.16. LAPAS CABREIRAS

O grande abrigo granítico das Lapas Cabreiras encontra-se na orla planáltica sobre a margem direita do Côa, imediatamente acima da profunda garganta correspondente ao sítio do Ervideiro, abrindo-se na base de um cabeço rochoso e sobranceiro a uma ampla plataforma antes da queda final para o Côa. Com um importante conjunto iconográfico de Arte Esquemática, sobretudo pintado mas também com alguns exemplares gravados, tem vindo a ser escavado nos últimos anos no âmbito dos projectos *ART-FACTS* e *LandCRAFT* (REIS *et al.*, 2017; CARDOSO *et al.*, em preparação) e a revelar vestígios de actividades humanas relacionáveis com diferentes fases de ocupação, algumas das quais conectáveis com o período atribuível à vigência da Arte Esquemática que ostenta em diversos painéis e outras que sugerem umas primeiras ocupações do sítio mais antigas do que o suspeitado.

Ao longo do monumental maciço granítico identificaram-se quatro painéis com pinturas rupestres e dois com gravuras: um antropomorfo em *fi* no painel 4 e uma outra figura antropomórfica muito toscamente gravada no painel 3. Relativamente às pinturas, há algumas dúvidas sobre a classificação das presentes nos painéis 2 e 6. O primeiro corresponde a um fragmento do que teria sido um painel maior que se

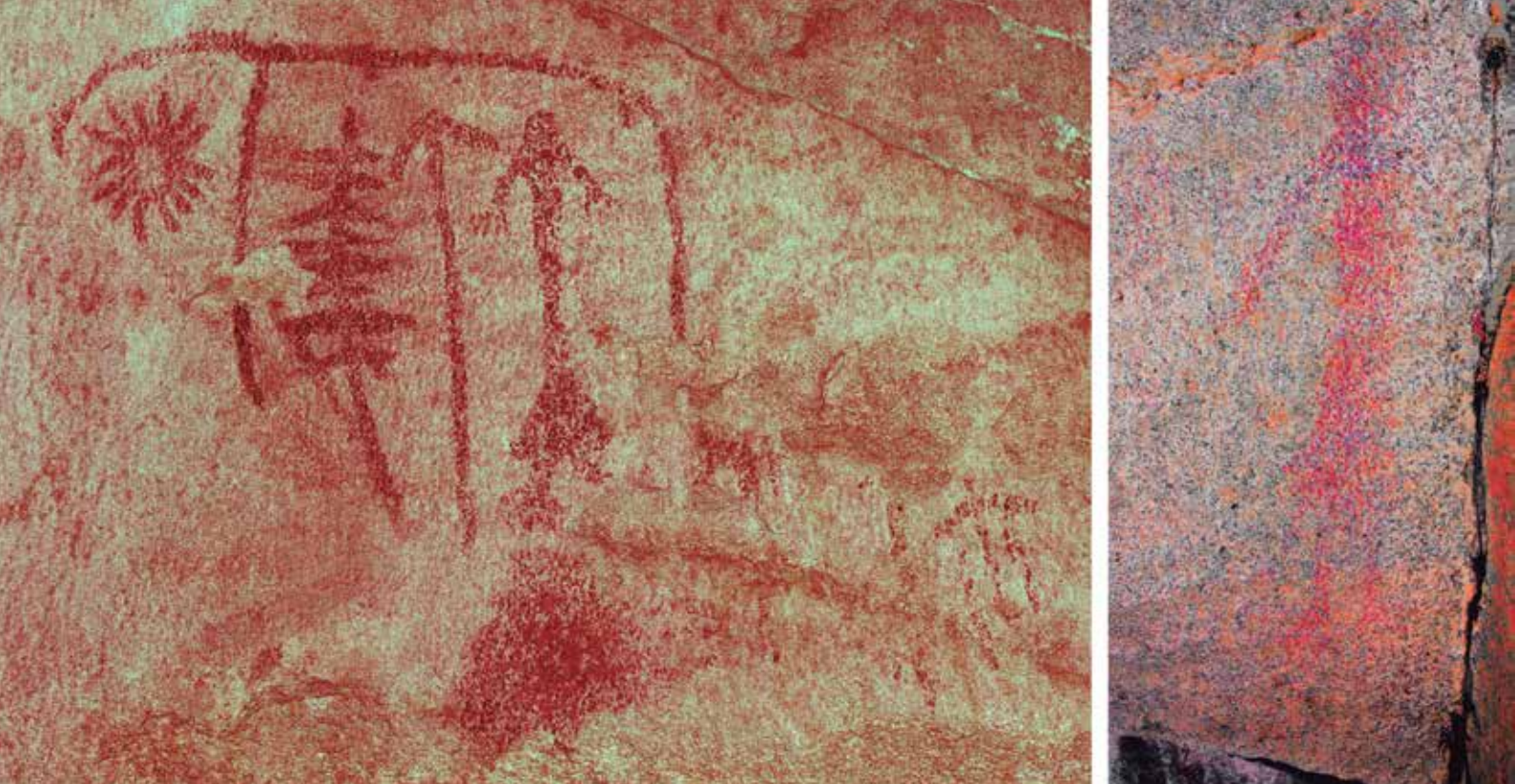


Fig. 35: Algumas figuras pintadas na rocha 2 do Ervideiro. À direita, figura humana de feição subnaturalista no painel 4. À esquerda, composição no painel 1, juntando elementos estilísticos de cariz esquemático e subnaturalista, e tendo mais figuras esquemáticas do lado inferior direito. Fotos de Mário Reis, tratadas com DStretch.

terá desprendido do interior do abrigo e hoje jaz à superfície do solo, restando apenas uma mancha de pintura. No painel 6 surge um conjunto de três figuras antropomórficas, duas das quais parecem agregar características estilísticas e formais ora mais próximas da Arte Esquemáticas, ora das representações de carácter subnaturalista, concretamente na figuração da cabeça e pés. Os painéis 1 e 5 têm figuras tipicamente esquemáticas, o painel 5, situado em zona de tecto, com antropomorfos e barras, e o painel 1 com a maior colecção de figuras pintadas na região do Côa, reunindo múltiplos antropomorfos, alguns zoomorfos, muitas barras, alguns motivos geométricos, e um motivo solar. Num painel em que a maioria das figuras aparece extremamente desmaiada e parcial ou totalmente encobertas por crostas minerais (cf. CAETANO *et al.*, em preparação), a utilização do *DStretch* revelou-se absolutamente essencial na compreensão da iconografia, como aliás na maioria das rochas pintadas da região, e nomeadamente no subjacente sítio do Ervideiro, com problemas similares. Refira-se também que dentro da iconografia do painel 1 surgem diversas representações de mãos, um elemento de grande originalidade regional, e que se detectam neste vasto painel diferentes fases de execução, com variedade de pigmentos e de técnicas de execução, com motivos pincelados, digitados, e até raspados directamente na superfície com um fragmento de ocre.

3.1.17. MIOTEIRA

A rocha granítica da Mioteira situa-se na margem direita do Côa a 1500 metros a Sul do abrigo das Lapas Cabreiras, com o qual partilha algumas características na implantação: surge na encosta de um pequeno cabeço rochoso enfrentando um vasto espaço antes da queda para o Côa, incluindo um amplo cabeço com vestígios de ocupação pré-histórica. A rocha corresponde a um batólito saliente na encosta, com uma superfície abaulada externamente, sem qualquer protecção face aos elementos e de textura muito irregular. Neste painel surgem variadas manchas de pigmento vermelho, quase sempre



Fig. 36: Panorâmica sobre os sítios do Ervideiro, onde se assinalam as rochas 1 e 2, e das Lapas Cabreiras, com o abrigo indicado pela seta. Foto de Mário Reis.

Fig. 37: Abrigo das Lapas Cabreiras, indicando-se o posicionamento de todos os painéis com arte rupestre. Foto de Mário Reis.

muito degradadas e de difícil percepção, mas onde se poderá distinguir, embora com dúvidas, pelo menos um antropomorfo esquemático.

3.2. VALE DA RIBEIRINHA

Com quase 20 quilómetros de extensão, a Ribeirinha é um dos principais afluentes do sector terminal do Côa, nascendo no planalto granítico no sopé norte da



Fig. 38: Sector direito do painel 1 das Lapas Cabreiras, com várias sobreposições e diferentes técnicas usadas para realizar pinturas. Foto de Mário Reis tratada com DStretch.

Serra da Marofa e desembocando na margem direita do Côa junto ao cabeço da Penascosa, já em terrenos de geologia xistosa e a aproximadamente dez quilómetros da foz do Côa. Os três sítios em seguida descritos encontram-se todos na zona granítica, dois deles, Fumo e Gamoal, situados frente a frente junto à transição dos granitos para os xistos, e o abrigo da Ribeirinha ligeiramente mais a montante.

3.2.1. FUMO

O sítio do Fumo corresponde a uma plataforma abrigada e depressionada a meia encosta sobre a margem esquerda da Ribeirinha e a profunda garganta que esta faz na transição geológica dos granitos para os xistos, a 3400 metros da foz da Ribeirinha, sendo aqui conhecidos importantes vestígios de ocupação da Pré-história Recente (CARVALHO, 2004). Na margem oposta situa-se o sítio do Gamoal. A plataforma com ocupação é delimitada a norte por uma crista rochosa mais elevada, na base da qual, e enfrentando directamente a zona com vestígios de ocupação, surge um afloramento granítico, de face aplanada e preenchida por variadas covinhas, de dimensão inusualmente grande.

3.2.2. GAMOAL

O Gamoal situa-se na margem direita da Ribeirinha em frente ao Fumo, formando uma imponente falésia granítica na transição geológica mencionada, e é um sítio arqueológico complexo, com amplas zonas de dispersão de materiais de superfície pré-históricos, em topografias diferentes e maioritariamente em terrenos graníticos, que se juntam a uma possível rocha pintada.

Esta surge num grande e destacado batólito granítico no topo da elevada falésia sobre a Ribeirinha, com o painel decorado a descair para a abrupta queda de dezenas de metros. Apresenta unicamente uma pequena mancha vermelha, que se distingue



Fig. 39: Superfície pintada da rocha da Mioteira, exposta aos elementos sobre uma saliência rochosa. Foto de Mário Reis.

das naturais presentes na superfície e parece corresponder a pigmento. No entanto, e apesar de uma certa aparência que remete para um antropomorfo esquemático, é uma mancha quase informe e de classificação problemática, não sendo seguro, antes de um estudo detalhado, se é efectivamente um vestígio de pintura.



Fig. 40: A partir do Monte de São Gabriel, vista sobre o vale da Ribeirinha, com as setas a indicar as rochas decoradas de cada um dos três sítios assinalados. Foto de Mário Reis.

3.2.3. RIBEIRINHA

O abrigo da Ribeirinha constitui o terceiro e mais importante elo no trio de sítios com arte rupestre no término da área granítica deste vale. Encontra-se na margem direita da Ribeirinha e encostado ao seu leito, entre 700 a 800 metros para montante dos sítios do Fumo e Gamoal, onde o vale, adoptando já um notório entalhe na paisagem, se encontra numa zona intermédia entre a profunda garganta na transição geológica e o discreto entalhe na área planáltica.

O abrigo decorado abre-se na base de um grande conjunto rochoso, impondo-se imediatamente ao olhar de quem se aproxima face aos restantes afloramentos, apesar da posição discreta no fundo do vale o esconder na paisagem a distâncias maiores. Uma son-



Fig. 41: Vista sobre o sítio do Fumo, com a seta a assinalar a rocha com covinhas, mostrada em maior detalhe na imagem da direita. Foto de Mário Reis.

dagem feita no âmbito do projecto *ART-FACTS* revelou poucos vestígios de ocupação pré-histórica (REIS *et al.*, 2017, 103). Apresenta três painéis com pintura, com o maior e mais importante, o painel 1, a constituir a parede de fundo do abrigo em posição perpendicular à ribeira, e também ao painel 2, que enfrenta a ribeira e sustenta o painel 3, este com uma única mancha informe de pigmento.

O conjunto iconográfico, com dezenas de representações, pertence claramente à Arte Esquemática, embora se mantenham as dúvidas se no painel 1 não poderá haver uma ou outra figura de traço subnaturalista. Em grande medida estas dúvidas devem-se ao mau estado de conservação do conjunto pintado, sobretudo no painel 1, onde os abundantes vestígios de pintura se reduzem hoje maioritariamente a manchas quase informes, distinguindo-se com dificuldade algumas figuras concretas. Estas são, sobretudo, figuras antropomórficas, tipicamente esquemáticas e de tipologias algo variados. O painel 2 apresenta-se em melhor estado de conservação, distinguindo-se pelas muitas barras digitadas, isoladas ou formando composições, a que se associam um ou outro antropomorfo.

3.3. VALE DA RIBEIRA DO AVELAL

Esta longa ribeira, com mais de 22 quilómetros de extensão, desenvolve-se ao longo do flanco sul da Serra da Marofa, desaguando na margem direita do Côa a quase 30 quilómetros em linha recta da foz do Côa, que sobem para aproximadamente 34



Fig. 42: A seta assinala a rocha pintada do Gamoal, sobre a íngreme falésia sobre a margem direita da Ribeirinha. Foto de Mário Reis.

quilómetros se medidos ao longo do curso do rio. Embora nascendo em terrenos graníticos, desenvolve-se sobretudo em terrenos xistosos, abrangendo a sua bacia algumas manchas quartzíticas junto à serra. O sítio do Colmeal surge numa destas manchas, num afluente da ribeira principal, e os outros dois sítios, Poço Torto e Castelejo, encontram-se em terrenos xistosos na área intermédia da ribeira, entre o vale muito encaixado nos quilómetros finais da ribeira e o entalhe superficial dos quilómetros iniciais.

3.3.1. COLMEAL

Junto com Vale d'Arcos e São Gabriel, o Colmeal é um dos raros sítios da arte do Côa em geologia quartzítica, e o mais importante dos três. Associa-se a uma crista quartzítica na base da serra da Marofa, numa área de transição entre quartzitos e xistos, localizada na margem esquerda da pequena ribeira do Colmeal, a 2270 metros da sua embocadura na ribeira do Avelal a qual, por sua vez, se encontra a 4770 metros da embocadura desta última no Côa.

São aqui conhecidos quatro abrigos decorados, três deles em sequência na base da crista quartzítica e o abrigo 4 situado 200 metros para Norte, numa pequena mancha xistosa imiscuída no meio dos quartzitos, e que apresenta um pequeno conjunto de gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”.



Fig. 43: Ao centro, assinalado pela seta, o abrigo da Ribeirinha, destacado na sua margem direita. À esquerda e à direita, algumas pinturas esquemáticas dos painéis 1 e 2, respectivamente. Foto de Mário Reis.

Os outros três abrigos apresentam diversos painéis com pinturas esquemáticas, com grande relevo para o abrigo 1, profusamente decorado com grande quantidade de figuras antropomórficas e alguns motivos geométricos simples, ou para o abrigo 3, com um excelente antropomorfo em *fi* ou, noutro painel, com as únicas pinturas a preto até ao momento claramente identificadas na região do Côa, com três figuras idênticas e algo peculiares, talvez antropomórficas.

3.3.2. POÇO TORTO

O abrigo do Poço Torto surge isolado na margem esquerda da ribeira do Avelal, a 7350 metros da sua embocadura e a 2900 metros em linha recta dos abrigos do Colmeal. Apresenta dois painéis pintados, um deles pequeno e muito mal conservado e de difícil interpretação, mas provavelmente com restos de pinturas esquemáticas. O painel principal é de grande dimensão e mais bem conservado, com figuras pintadas que, formalmente, apresentam características diferenciadas. Algumas pertencem ao universo da Arte Esquemática, embora pouco típicas, com variados motivos geométricos pintados



Fig. 44: A partir da serra da Marofa e com o Côa como pano de fundo, uma panorâmica sobre a ribeira do Avelal, com as setas a indicar as rochas decoradas de cada um dos três sítios assinalados. Foto de Mário Reis.



Fig. 45: Panorâmica sobre o sítio do Colmeal, indicando-se a localização das rochas decoradas e mencionadas no texto. Foto de Mário Reis.

a vermelho associados a uma figura solar, também vermelha, e a uma outra figura “soliforme”, desta feita pintada a branco, a única até ao momento detectada na região do Côa, e que se pode descrever sucintamente como um círculo incompleto raiado externamente, com continuação para o interior numa linha ondulada e ramificada. Sendo este o conjunto principal e visualmente mais atractivo do painel, outras figuras aparecem dispersas pela superfície, ainda por estudar mais aprofundadamente e, na sua maioria, extremamente delidas, mas sendo possível que algumas pertençam a momentos mais antigos.

3.3.3. CASTELEJO

O abrigo do Castelejo situa-se na margem esquerda da ribeira do Avelal, 1560 metros em linha recta a montante do abrigo do Poço Torto, distância que, medida ao longo da ribeira e com a sua elevada sinuosidade, aumenta para 2600 metros. Trata-se de um afloramento discreto a meia encosta, muito escondido na paisagem, apenas bem perceptível da margem oposta, num cabeço em esporão rodeado pela ribeira, com o

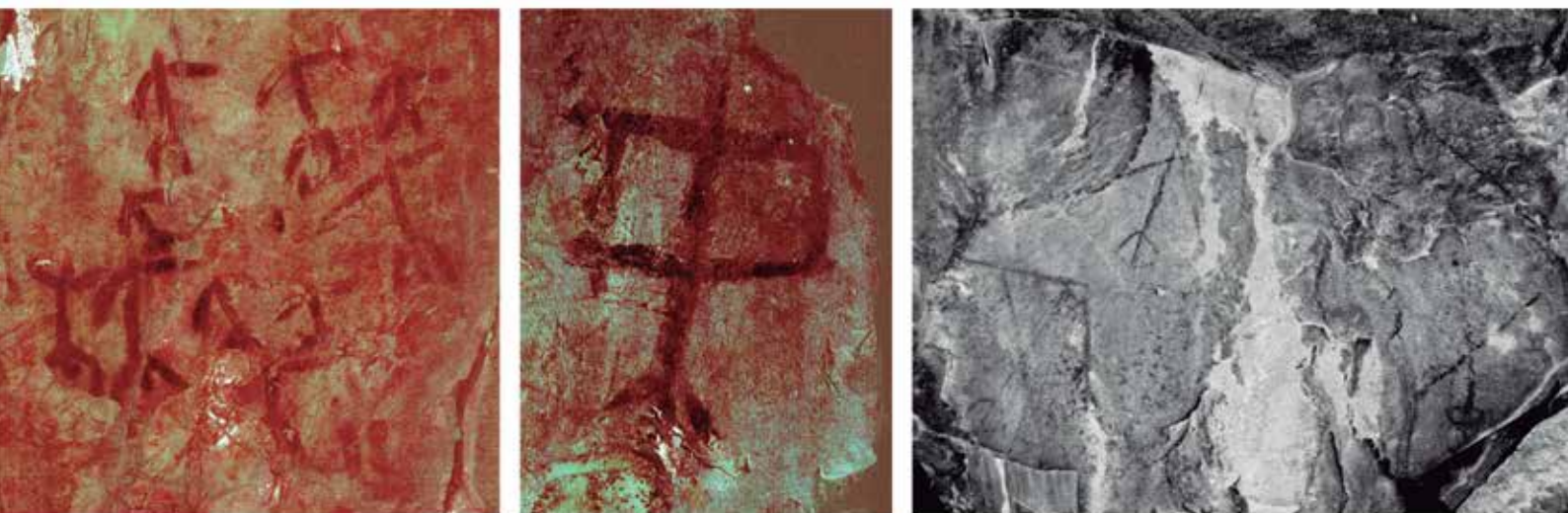


Fig. 46: Algumas das figuras esquemáticas dos abrigos do Colmeal. À esquerda, conjunto de antropomorfos do abrigo 1. Ao centro, antropomorfo em fi do abrigo 3. À direita, figuras pintadas a negro no abrigo 3. Fotos de Mário Reis.



Fig. 47: Fernando Barbosa e o painel principal do abrigo do Poço Torto, por altura do seu registo em 2004. Foto de Manuel Almeida.

topónimo “Castelejo” e com aparentes excelentes condições para a existência de vestígios arqueológicos pré-históricos, mas onde nada se encontrou que demonstre inequivocamente a sua existência (REIS *et al.*, 2017, 99). Ainda não estudado, o abrigo tem um único painel, de pequenas dimensões, com vestígios de pintura, claramente esquemática pese embora a ausência de motivos figurativos, consistindo unicamente em algumas barras e pontos.

3.4. VALE DO DOURO

Sendo claro que as mais antigas manifestações da arte rupestre na região do Côa foram desenvolvidas no interior do próprio vale do Côa, a sua expansão para as margens do Douro para ambos os lados da embocadura do Côa ocorreu muito cedo, conhecendo-se hoje uma distribuição de numerosos sítios rupestres ao longo de aproximadamente 17 quilómetros, entre a zona do Pocinho para jusante e o grande terraço fluvial da Quinta da Pipa para montante. Toda esta área é quase integralmente de geologia xistosa, exceptuando apenas a zona quartzítica que se inicia no alto da encosta sobre a margem direita do Douro, um pouco a montante da foz do Côa, e se prolonga por algumas dezenas de quilómetros, com uma pequena parte a integrar o que chamamos a região do Côa.

3.4.1. ALTO DAS MALHADAS

Após atingir a zona tectónica do Vale da Veiga, o Douro descreve uma longa e apertada curva que delimita no seu interior uma vasta área granítica conhecida como



Fig. 48: Abrigo do Poço Torto. Foto de Mário Reis.

Monte Meão, culminando num cabeço conhecido como Alto das Malhadas, que se eleva mais de 350 metros acima da margem esquerda do Douro. Este cabeço corresponde a um importante sítio arqueológico, com materiais de superfície espalhados por uma vasta área, onde se reconhecem derrubes de estruturas próprias de um recinto murado. Se, numa primeira avaliação, o balizamento cronológico deste recinto oferecia margem para dúvidas, entre a Pré-história Recente e a Idade do Ferro, a intervenção arqueológica recentemente realizada no âmbito do atrás mencionado projecto RARAA permite circunscrever melhor o contexto arqueológico do sítio. Num projecto a decorrer e de resultados ainda inéditos, uma recente exposição levada a cabo em Vila Nova de Foz Côa, em exibição precisamente na altura em que se escrevem estas linhas, mostra uma ocupação neste sítio limitada à Idade do Bronze.

Desta forma, e a menos que novos achados revelem contextos estratigráficos e cronológicos mais amplos, o mais natural é fazer a associação entre esta ocupação do II milénio a.C. e o conjunto de três rochas com covinhas que se encontram na base do povoado. Concentradas num curto espaço, externo e agregado ao lado sul da estrutura visível do recinto murado, correspondem a afloramentos de superfícies horizontais pouco elevadas do solo, onde se reconhecem diversas covinhas.

3.4.2. RIBEIRA DO ARROIO

O conjunto de quatro rochas decoradas do sítio da Ribeira do Arroio, que não se deve confundir com outras localizadas muitos quilómetros mais acima, junto à confluência da ribeira das Olgas com a ribeira do Arroio (ALVES & OLIVEIRA, 2008),



Fig. 49: À esquerda, panorâmica do sítio do Castelejo, com o abrigo assinalado pela seta num meandro da ribeira do Avelal. À direita, principal conjunto de figuras esquemáticas pintadas do abrigo do Castelejo. Foto de Mário Reis tratada com DStretch).

localiza-se a aproximadamente 1300 metros da confluência desta ribeira com a margem direita do Douro a qual, por sua vez, ocorre a 5950 metros da foz do Côa.

Apenas a rocha 3 exhibe um motivo picotado atribuível à Pré-história Recente, um pequeno círculo colocado na superfície horizontal de uma bancada na margem esquerda da ribeira. Tanto a superfície da rocha como o círculo se encontram extremamente patinados e polidos pelas águas. Com óbvios paralelos na arte ribeirinha do Tejo ou do Guadiana, por exemplo, é difícil atribuir uma cronologia precisa a esta figura dentro da Pré-história Recente, à semelhança de várias das figuras picotadas existentes nos afloramentos também horizontais do sítio do Vale da Casa, descrito de seguida.

3.4.3. VALE DA CASA

A ribeira do Vale da Casa desagua na margem esquerda do Douro, quase exactamente 3000 metros a jusante da foz do Côa. Congrega 29 rochas com gravuras diversas, das quais 13 com motivos atribuíveis à Pré-história Recente, divididas por duas topogra-



Fig. 50: Com o Douro e a barragem do Pocinho em primeiro plano, uma panorâmica sobre o Monte Meão, com a seta a assinalar o povoado do Alto das Malhadas. Foto de Mário Reis.



Fig. 51: No sopé sul do povoado do Alto das Malhadas, os números assinalam a distribuição das três rochas com covinhas mencionadas no texto. Foto de Mário Reis.

fias muito distintas dentro do vale. A maioria encontra-se num grande terraço fluvial sobre o Douro e a foz da ribeira, com as gravuras dispostas junto ao solo em superfícies horizontais de xisto. Estão hoje submersas e as especificidades da sua distribuição não foram registadas, mas encontravam-se em associação próxima com contextos funerários da Pré-história Recente, incluindo duas cistas do III milénio a.C. (BAPTISTA, 1983, 67; CRUZ, 1998, 160). Na zona central do vale e na margem direita da ribeira, distando 650 metros da sua foz e do terraço, surgem a rocha 27 e, poucos metros abaixo, a rocha 28, a primeira com gravuras no solo de um pequeno abrigo, a segunda decorada na superfície vertical.

A iconografia da Pré-história Recente deste sítio pode dividir-se em três grandes conjuntos: “unhadas do diabo”, Arte Esquemática, e gravuras picotadas diversas, sobretudo motivos geométricos ou indeterminados.

As gravuras lineares são muito abundantes no Vale da Casa. Contam-se mais de 300 “unhadas” em oito rochas, incluindo a rocha 27 a meio do vale e as rochas 1, 3, 5, 6, 9, 12 e 21 no terraço, destacando-se os mais de 170 exemplares na rocha 3.



Fig. 52: Panorâmica sobre o sítio da Ribeira do Arroio, indicando-se a localização das suas rochas decoradas, com o número a assinalar a rocha 3, mencionada no texto. Foto de Mário Reis.



Fig. 53: À esquerda, a seta assinala a superfície elevada da rocha 3. À direita, o círculo gravado na superfície. Foto de Mário Reis.

A Arte Esquemática está bem identificada nas rochas 4, 11, 18 e 28, nas três últimas com escassas quantidades de “antropomorfos de cornos”, semelhantes uns aos outros e tipologicamente análogos aos presentes no sítio dos Namorados, e na rocha 4 com um grande conjunto de figuras humanas de corpos rectangulares e braços elevados. Por fim, as rochas 1, 3, 4, 9, 12, 18, 21 e 23 exibem um conjunto muito diverso de motivos picotados, aos quais é mais difícil atribuir uma classificação cronológica e cultural, embora seja muito provável que pertençam à Pré-história Recente. São essencialmente figuras geométricas, sobretudo círculos e semicírculos, mas por vezes de formas indeterminadas, e incluindo um podomorfo na rocha 23. Por vezes próximas a motivos esquemáticos, como nas rochas 4 e 18, aparecem mais frequentemente isoladas, sendo difícil de considerar se terão sido executadas junto com a arte esquemática ou se poderão ser já pós-esquemáticas.

3.4.4. VALE DE CABRÕES

Esta profunda ribeira é um dos principais sítios da arte do Côa e o segundo maior em quantidade de rochas decoradas, 101 ao todo, apenas atrás do sítio da Foz do Côa. É um afluente da margem esquerda do Douro, desembocando neste a 1500 metros da embocadura do Côa. As rochas decoradas distribuem-se ao longo de todo o percurso mais encaixado da ribeira, mas apenas duas, as rochas 1 e 10, apresentam figuras enquadáveis na Pré-história Recente, de feição subnaturalista e executadas em picotado disperso do tipo “bago de arroz”.

Embora bastante apartadas uma da outra e com distintas implantações na paisagem, ambas surgem no sector central do sítio, onde o vale é mais profundo e encaixado, com abruptas falésias na margem esquerda, na qual se concentram quase todas as rochas decoradas conhecidas. A rocha 1 encontra-se sobranceira à ribeira, a 1230 metros de distância da embocadura, e a rocha 10 aparece na orla superior do vale, 80 metros acima do leito da ribeira e quase a 200 metros em linha recta da rocha 1, embora com toda uma escarpada encosta de permeio. Uma característica que ambas partilham é a grande dimensão dos painéis verticais gravados e, sobretudo, a maneira como estes se destacam visualmente na envolvência e atraem o olhar de quem os enfrenta, distinguindo-se de alguma forma na paisagem apesar do caos rochoso em que se inserem.

A rocha 1 exhibe o famoso veado, de desenho particularmente naturalista e em posição dinâmica, de cabeça voltada para trás e o ventre perfurado por uma longa lança. Muito mais toscas e estilizadas são as figuras da rocha 10, com dois animais de espécie indefinida e executados com um traço feito por pontos picotados pequenos e muito



Fig. 54: Uma panorâmica ao longo do Vale da Casa, indicando-se a localização das suas rochas decoradas na zona central do vale, com os números a assinalar as rochas mencionada no texto. A seta assinala a foz da ribeira e a posição aproximada do terraço submerso, onde se encontram as restantes rochas decoradas. Foto de Mário Reis.

dispersos, de tal forma que as pequenas figuras se tornam pouco perceptíveis, ao contrário do veado da rocha 1. Uma delas associa-se a duas pequenas manchas circulares, executadas pela junção de vários pontos picotados, muito similares às que se encontram na rocha 2 da Quinta da Barca Sul, que igualmente se avizinham de figuras de técnica e estilo similar.

3.4.5. CASCALHEIRA

É uma encosta na margem direita do Douro, situada quase em frente à embocadura do Côa, em relação à qual descai pouco mais de 200 metros para montante. Ao longo da encosta, cortada por duas linhas de água relativamente pouco escavadas, distribuem-se as 31 rochas decoradas presentemente conhecidas. A rocha 15 é a única



Fig. 55: À esquerda e ao centro, levantamentos feitos nos trabalhos de 1982 das rochas 4 e 11 do Vale da Casa, respectivamente. À direita, antropomorfo esquemático “de cornos” na rocha 28. Decalques de Fernando Barbosa e foto de Mário Reis.



Fig. 56: Panorâmica sobre a zona central do sítio de Vale de Cabrões, indicando-se a localização das rochas decoradas presentemente conhecidas, com os números a designar as duas rochas mencionadas no texto. Foto de Mário Reis.

que apresenta uma figura enquadrável na Pré-história Recente, e também a única situada na margem esquerda de uma das linhas de água, com um painel vertical orientado a Noroeste na direcção oposta de todas as outras rochas do sítio.

Com um enorme painel repleto de múltiplas figuras incisadas de diversas cronologias, há uma outra que se distingue imediatamente, pela dimensão e pela técnica do picotado disperso sobre um esboço prévio de pequenas linhas incisadas, num estilo de feição subnaturalista que recorda bastante o veado da rocha 1 de Vale de Cabrões. Distingue-se também por ser uma figura incompleta, reduzida às patas dianteiras e ao ventre, e talvez a uma pata traseira. Por fim, como detalhe adicional, encontra-se numa zona do painel com uma longa sequência de sobreposições, tendo por cima figuras incisadas modernas e

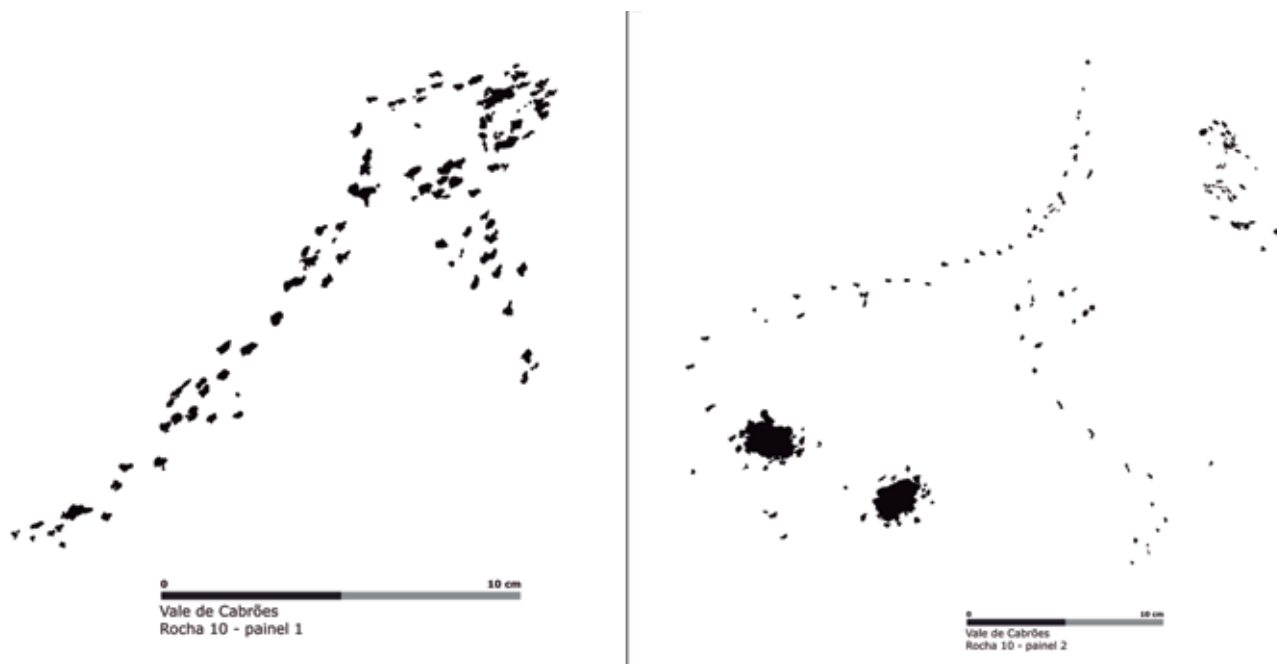


Fig. 57: Figuras picotadas de feição subnaturalista da rocha 10 de Vale de Cabrões. Desenhos feitos sobre fotografia, no âmbito do projecto LandCRAFT.

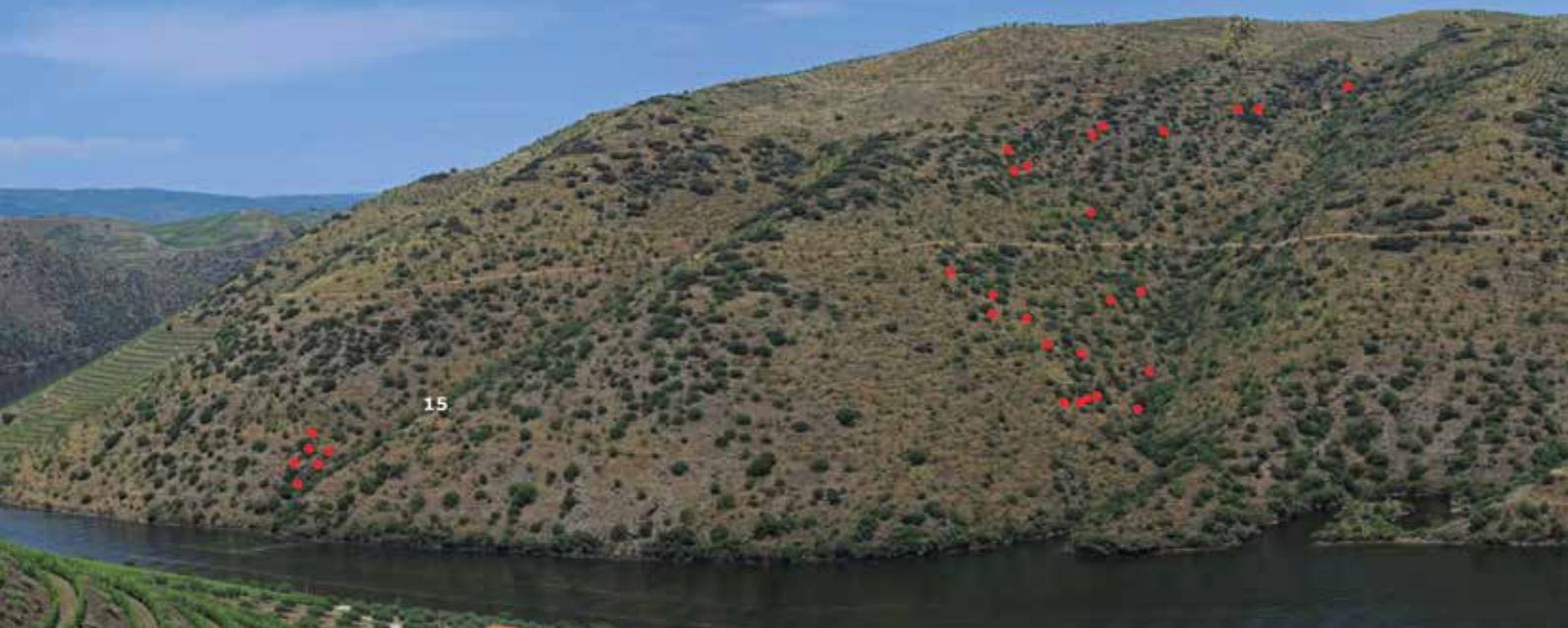


Fig. 58: Panorâmica sobre o sítio da Cascalheira, indicando-se a localização das rochas decoradas presentemente conhecidas, com o número a designar a rocha 15, mencionada no texto. Foto de Mário Reis.

da Idade do Ferro, e estando por sua vez sobreposta à única figura paleolítica identificada, uma cervo estriada, de cronologia atribuível ao Tardiglacial.

3.4.6. RIBEIRA DA CABREIRA

Com 14 rochas presentemente inventariadas com gravuras de todos os períodos da arte do Côa, a ribeira da Cabreira é um longo curso de água, que desce do Monte de São Gabriel para a margem esquerda do Douro, entrando neste a 3050 metros a montante da foz do Côa. De momento, apenas a rocha 11 apresenta motivos da Pré-história Recente, todos picotados e pertencentes à Arte Esquemática.

Encostada à margem direita da ribeira, a 800 metros de distância da sua embocadura, a superfície da rocha 11 tem características pouco habituais nas superfícies decoradas da região do Côa, sendo uma enorme laje rente ao solo, de inclinação fortemente oblíqua sobre a ribeira, seguindo o declive da encosta. As gravuras concentram-se num único painel bem delimitado no canto superior esquerdo da laje, consistindo em mais de uma vintena de “antropomorfos de cornos”, de formas bastante variadas, acompanhados de alguns motivos indeterminados e outros geométricos, incluindo um círculo e um quadrado.

3.4.7. VALE D'ARCOS

Este sítio encontra-se no final da distribuição da arte do Côa, no seu sector duriense a montante da foz do Côa. Corresponde ao vale de uma ribeira que sulca a declivosa encosta sobre a margem direita do Douro, iniciando-se nas elevações quartzíticas que assinalam na paisagem esta margem do Douro e transitando em baixo por terrenos xistosos até confluir com o Douro, a 10200 metros da foz do Côa. Somente duas rochas decoradas são presentemente conhecidas neste sítio, afastadas uma da outra, a rocha 1 em terrenos xistosos e com uma única figura paleolítica, e a rocha 2 um abrigo quartzítico com pinturas esquemáticas.

O topónimo “Vale d’Arcos” deverá aplicar-se a um monumental maciço rochoso com acentuadas dobras quartzíticas na parte superior da ribeira. No entanto, e apesar da abundância de abrigos e painéis adequados, o abrigo pintado de Vale d’Arcos

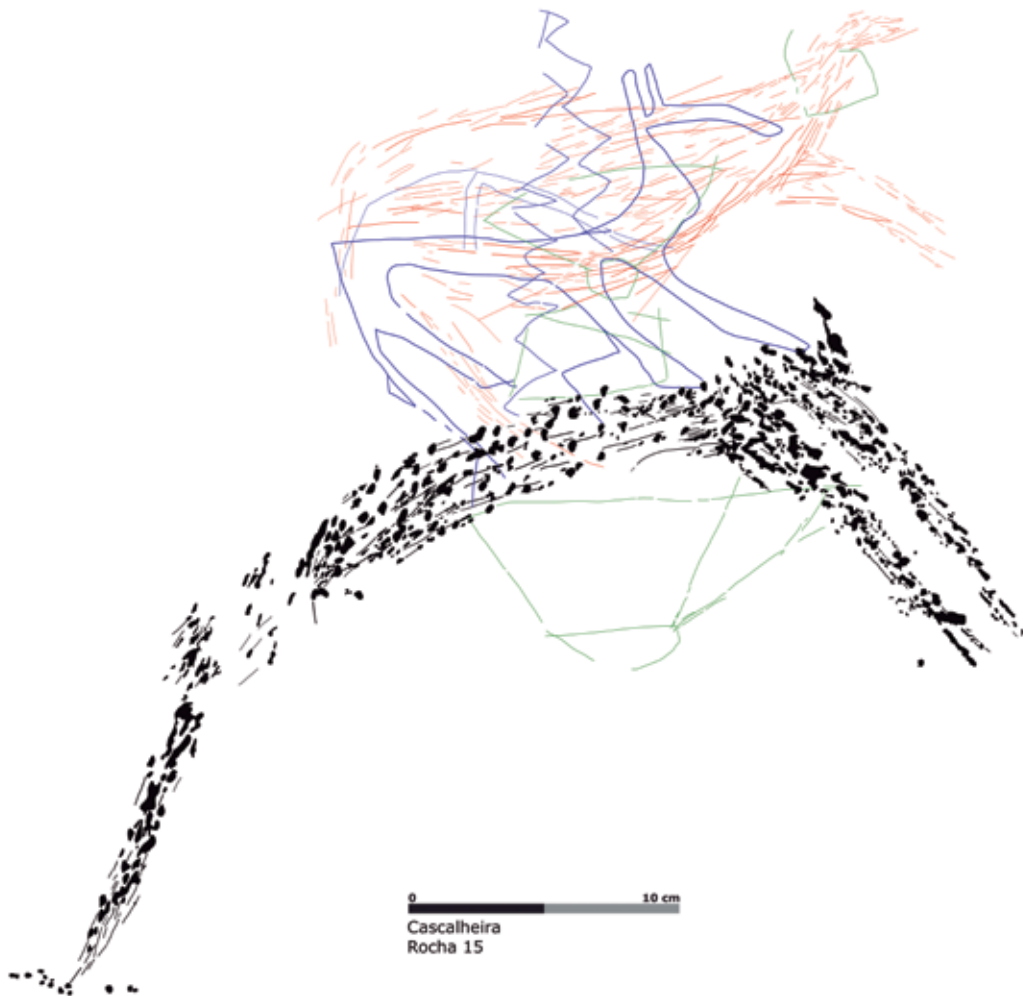


Fig. 59: Desenho parcial do sector onde se encontra a figura picotada de estilo subnaturalista da rocha 15, com uma sequência de sobreposições entre figuras de cronologia variável entre finais do Paleolítico Superior e a Época Moderna. Desenhos feitos sobre fotografia de Mário Reis.

surge afastado e isolado na parte superior da encosta, com uma implantação discreta na paisagem apesar da sua grande dimensão e imponência, que se encontra, em altitude, a um pouco mais de 100 metros abaixo da orla superior do vale e aproximadamente 500 metros acima da margem do Douro. Ao longo de diferentes painéis são perceptíveis, com dificuldade, pouco mais de uma dezena de motivos esquemáticos pintados, maioritariamente barras verticais, mas distinguindo-se pelo menos uma possível figura antropomórfica.

3.4.8. CASA VELHA

Este sítio corresponde a um antigo colmeal localizado na margem direita da ribeira de Aguiar, a quase 6500 metros em linha recta da sua embocadura na margem esquerda do Douro. É o único sítio com gravuras pré-históricas conhecido nesta longa ribeira. Utilizadas na antiga construção do colmeal, localizado ainda em terrenos xistosos, encontram-se duas pedras com gravuras, uma de granito com cruces modernas e a outra de xisto com gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”. Estas encontram-se extremamente patinadas, integrando um fragmento de um afloramento maior, provavelmente partido para utilizar as pedras em construção. A sua localização original é desco-



Fig. 60: À esquerda, o painel decorado da rocha 11 da Ribeira da Cabreira. À direita, detalhe de algumas das figuras antropomórficas. Fotos de Mário Reis.

Fig. 61: Panorâmica sobre o sítio de Vale d'Arcos, indicando-se a localização das rochas decoradas presentemente conhecidas, com o número a designar a rocha 2, mencionada no texto. Foto de Mário Reis.

nhecida, mas é provável que estivesse nas imediações do colmeal, por onde há alguma abundância de afloramentos.

3.5. MONTE DE SÃO GABRIEL

O Monte de São Gabriel constitui a formação geológica visualmente mais proeminente no meio da região do Côa, um antigo relevo residual quartzítico sobre a base xistosa da região, elevando-se mais de 250 metros acima da zona planáltica envolvente, contida entre o Douro e a secção final do Côa. Os dois sítios localizados no seu entorno situam-se em lados opostos do monte, com o sítio de São Gabriel enfrentando o Côa, na transição dos quartzitos para os xistos, e o sítio do Ponto da Serra voltado ao Douro, um pouco mais baixo e já em terrenos xistosos.

3.5.1. SÃO GABRIEL

Localizado a meia distância entre o topo do monte e a capela de São Gabriel, num maciço rochoso destacado na encosta, este sítio encontra-se na parte superior da bacia da ribeira do Impariz, que desce do alto do monte até à margem direita do Côa. As rochas decoradas enfrentam directamente o esporão que sustenta a capela, da qual

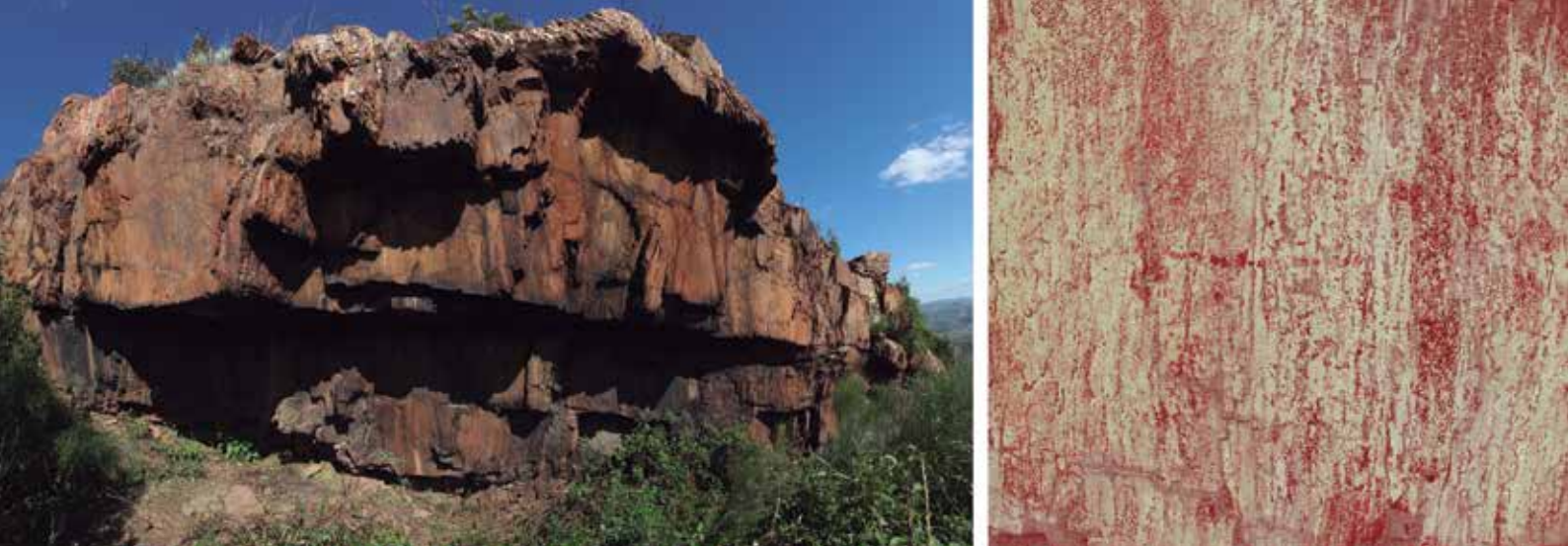


Fig. 62: À esquerda, rocha 2 de Vale d'Arcos, e à direita algumas das suas pinturas esquemáticas, muito apagadas. Fotos de Mário Reis.

distam 550 metros e em cujas imediações se encontram materiais de superfície datáveis da Pré-história Recente (cf. REIS, 2012, 42). Em linha recta, distam 2250 metros da foz da ribeira do Impariz, perto da qual se encontram as rochas decoradas deste último sítio.

Na superfície horizontal da rocha 2, localizada a poucos metros da rocha 1 no topo do maciço rochoso, encontram-se algumas escassas covinhas dispersas, em mais um caso de potencial associação entre covinhas e vestígios de ocupação da Pré-história Recente. Na rocha 1, um discreto afloramento na periferia inferior do maciço rochoso, destaca-se, num painel vertical liso, um motivo geométrico pintado, de apreciável dimensão, consistindo num conjunto de cinco longas barras, verticais e paralelas, que arrancam de um eixo horizontal.

3.5.2. PONTO DA SERRA

Este sítio localiza-se no sopé oriental do Monte de São Gabriel, 430 metros para norte e para baixo da capela, sobre a ampla faixa planáltica que medeia o espaço até à encosta sobre a margem esquerda do Douro. Surge no início da extensa ribeira da Cabreira, em cujo troço final se conhece uma rocha com múltiplos antropomorfos esquemáticos, e dista 3600 metros em linha recta até à desembocadura da ribeira no Douro. Situada no meio de uma ampla mancha de dispersão de materiais pré-históricos de superfície, a única rocha decorada é um afloramento de xisto de superfície horizontal, encostada à linha de água e preenchida com cerca de quatro dezenas de covinhas.

3.6. VALE DA VEIGA

O chamado Vale da Veiga é uma formação geológica que, na margem sul do Douro, corresponde à continuação da falha tectónica da Vilarça. Este vale desenvolve-se no sentido sul-norte paralelamente ao Côa, do qual se aparta apenas escassos quilómetros e, tal como o Côa, atravessa zonas graníticas mais a sul e xistosas mais a norte. Sendo embora um vale de origem tectónica e não fluvial, nem por isso deixa de ter alguns troços percorridos por linhas de água. Uma destas é a conhecida ribeira de Piscos, que desagua na margem esquerda do Côa, e tendo uma secção inicial que, em parte, se desenvolve ao longo do Vale da Veiga, correndo paralelamente ao Côa em terrenos graníticos antes de virar ao seu encontro quando atinge a zona xistosa. Os sítios descritos de seguida encontram-se todos em sequência ao longo deste troço da ribeira de Piscos (que nesta zona não adopta ainda este nome, chamando-se antes ribeira da Centieira), o



Fig. 63: Panorâmica sobre a crista quartzítica na encosta do Monte de São Gabriel voltada ao Côa, com a seta a indicar a localização do sítio de São Gabriel. Do lado direito, pormenor da pintura no painel da rocha 1. Fotos de Mário Reis, a última das quais tratada com DStretch.

primeiro (Tambores) na transição entre xistos e granitos, os restantes (Cruzeiro Velho e Vinagreira) em plena zona granítica.

3.6.1. TAMBORES

Sendo dos primeiros sítios da região onde se identificaram covinhas associadas a materiais de superfície pré-históricos, um conjunto importante de novos achados fazem também dos Tambores o maior e o mais complexo destes sítios na região da arte do Côa, tendo-se passado de três para dezoito rochas com covinhas, dispersas ao longo de uma vasta área com quase 500 metros de extensão.

Localiza-se na parte superior da encosta sobre o Vale da Veiga e sobre a ribeira de Piscos, no ponto onde esta abandona o vale tectónico e inflecte para o Côa, na zona de transição entre xistos e granitos, e havendo aliás rochas com covinhas em ambas as geologias. Estas associam-se directamente a três diferentes áreas com vestígios de ocupação da Pré-história Recente. Na zona xistosa na extremidade norte do sítio, na encosta voltada ao Vale da Veiga, a rocha 1 surge ao lado de diversos materiais de superfície, tendo para cima um amplo cabeço, também xistoso, onde se distribuem, num alinhamento rectilíneo perfeito, outras dez rochas com covinhas. Na base deste cabeço, já em zona granítica, surge nova mancha de dispersão de materiais, a cerca de 200 me-

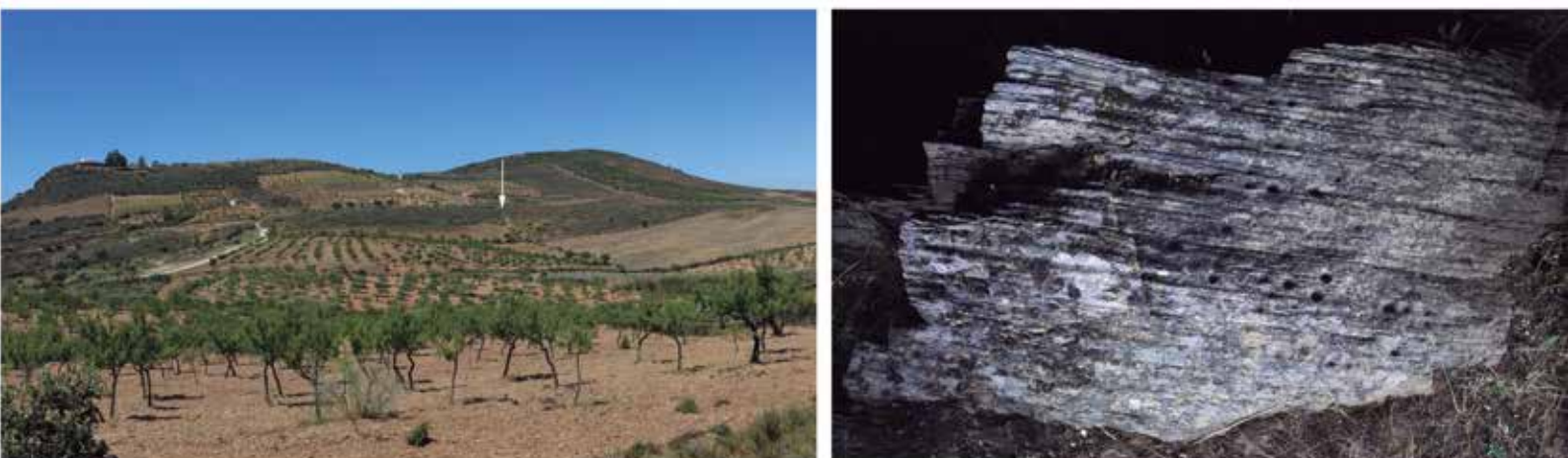


Fig. 64: À esquerda, panorâmica sobre a encosta do Monte de São Gabriel voltada ao Douro, com a seta a assinalar a rocha 1 do Ponto da Serra, cuja superfície repleta de covinhas se observa à direita. Fotos de Mário Reis.

tros da anterior e directamente associada a cinco afloramentos com covinhas, dois dos quais localizados no topo de dois pequenos cabeços, que marcam o limite da zona aplanada e enfrentam a zona topograficamente muito irregular para sul onde, a 200 metros de distância surge um recinto murado da Pré-história Recente, o chamado Castelo Velho dos Tambores, em cuja base se encontram mais duas rochas com covinhas, e tendo em frente um outro cabeço pedregoso com alguns materiais de superfície. Numa área pontuada por inúmeros afloramentos graníticos, é natural que mais rochas com covinhas possam aparecer. Refira-se ainda que numa das rochas no topo de um dos pequenos cabeços que enfrenta em simultâneo a segunda mancha de materiais e o Castelo Velho dos Tambores, se encontra, para além de duas covinhas, um sulco profundo gravado por picotagem, de cronologia incerta mas, eventualmente, talvez também pré-histórica.

3.6.2. CRUZEIRO VELHO

A chamada estela de Longroiva, que será mais correctamente classificável como estátua-menir, apareceu num local conhecido como Cruzeiro Velho, em terrenos aplanados de aluvião em pleno Vale da Veiga, na margem esquerda da ribeira de Piscos/Centieira e a 3400 metros a Sul e a montante de onde esta inflecte o percurso para o Côa. Encontra-se na base de um cabeço granítico, o Alto da Lamigueira, onde se implanta um recinto murado da Pré-história Recente.

Este monólito de granito apresenta uma profusa decoração gravada, incluindo armas que permitem colocar a sua cronologia no Bronze Inicial. Mais recentemente, apareceram à superfície duas pequenas estelas pré-históricas afeiçoadas, também graní-

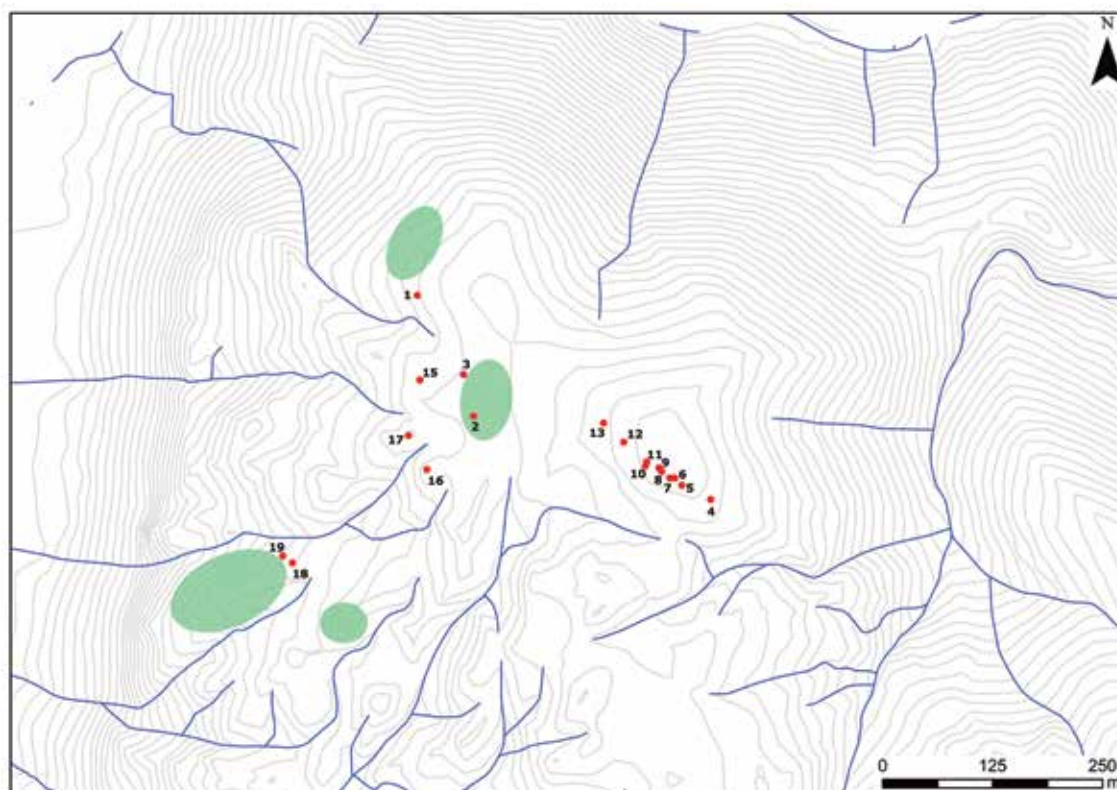


Fig. 65: Cartografia da distribuição das rochas com covinhas dos Tambores, assinalando-se a verde os locais com vestígios pré-históricos à superfície (Série Cartográfica Nacional - escala 1:10,000, Direcção Geral do Território, extracto das folhas 150-2 e 151-1).



Fig. 66: Rochas com covinhas dos Tambores: rocha 1, em xisto (esquerda) e rocha 2, em granito (direita).
Fotos de Mário Reis.



Fig. 67: À esquerda, panorâmica sobre o local onde apareceu a estela de Longroiva, na base de um povoado pré-histórico, o Alto da Lamigueira, indicado pela seta. Fotos de Mário Reis.



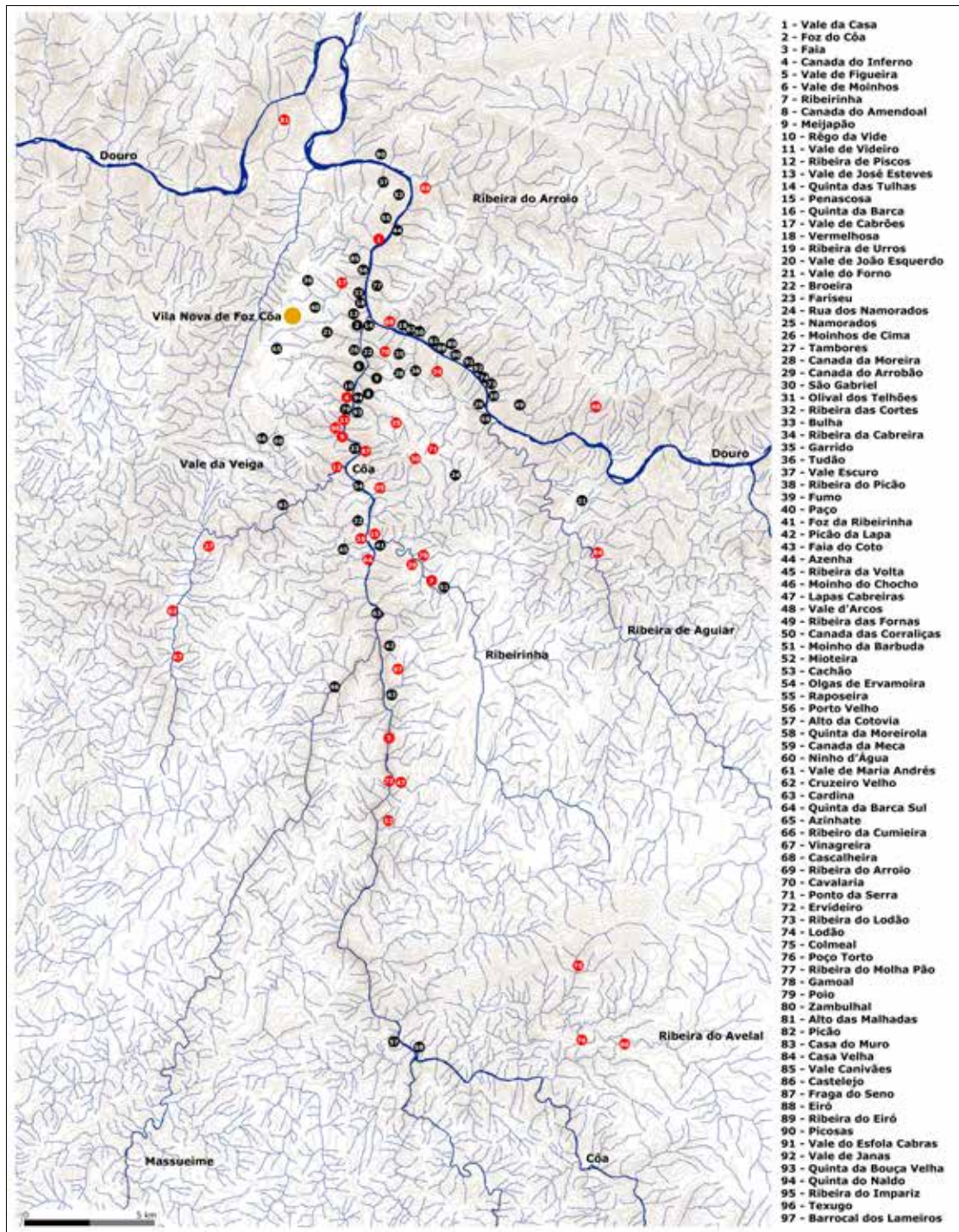
Fig. 68: As duas pedras gravadas descobertas no curral demolido da Vinagreira. Foto de Mário Reis.

ticas e infelizmente fracturadas, uma sem decoração e outra com vestígios de decoração gravada, para as quais se pode colocar a hipótese de serem ou coevas ou, possivelmente, até mais antigas do que a estela de Longroiva (REIS, 2013, 53).

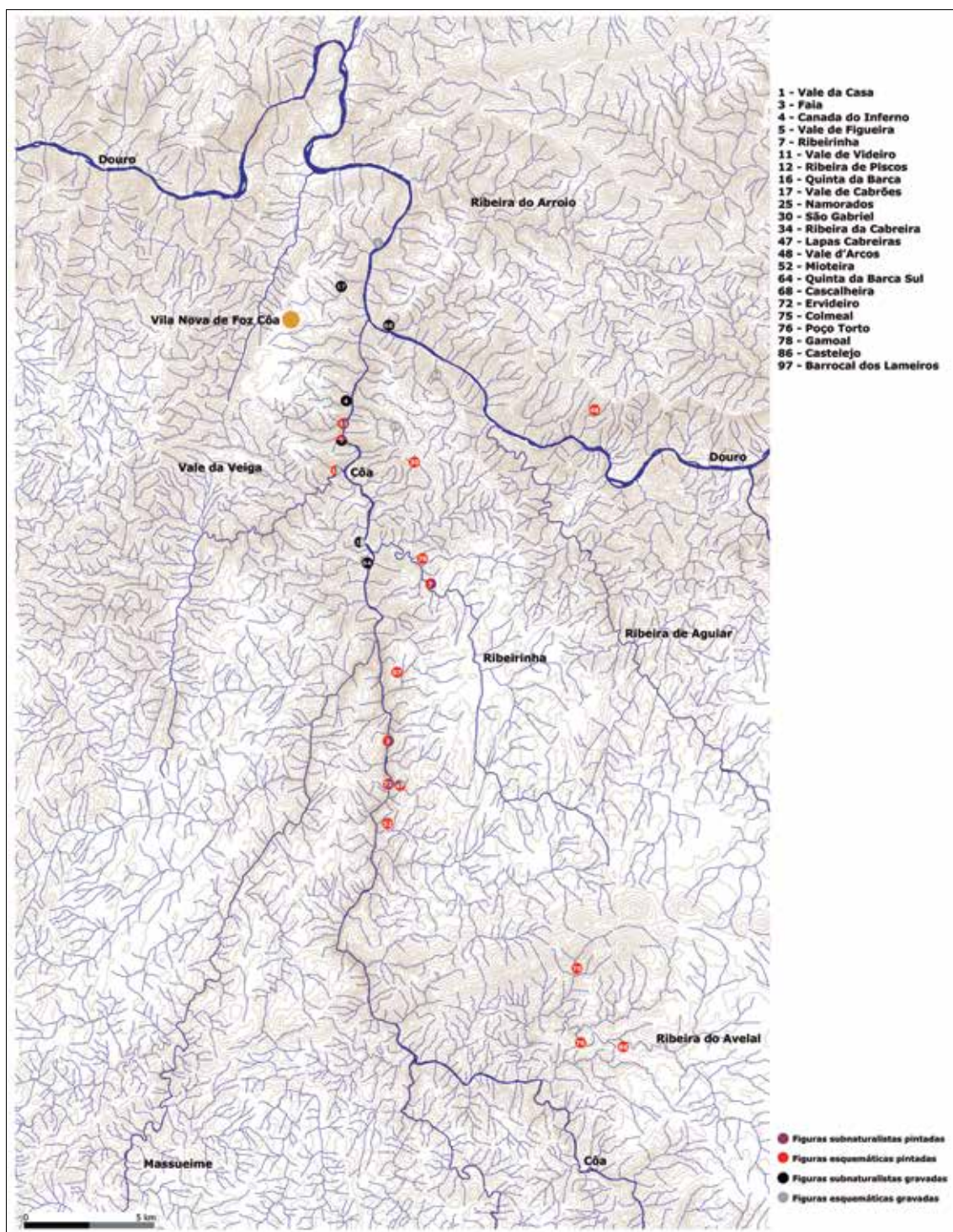
3.6.3. VINAGREIRA

Num antigo curral que foi demolido por ocasião das obras de construção da IP2 encontraram-se duas pedras de granito com gravuras, que foram recolhidas no Museu do Côa. O curral encontrava-se a meia encosta sobre o Vale da Veiga e a ribeira de Piscos/Centieira, quase 1800 metros a sul do sítio do Cruzeiro Velho, e sobranceiro ao vasto sítio arqueológico da Vinagreira, com abundantes vestígios superficiais de épocas diversas, nomeadamente pré-históricos e de Época Romana, sendo possível que as duas pedras tenham sido daqui trazidas como material de construção do curral.

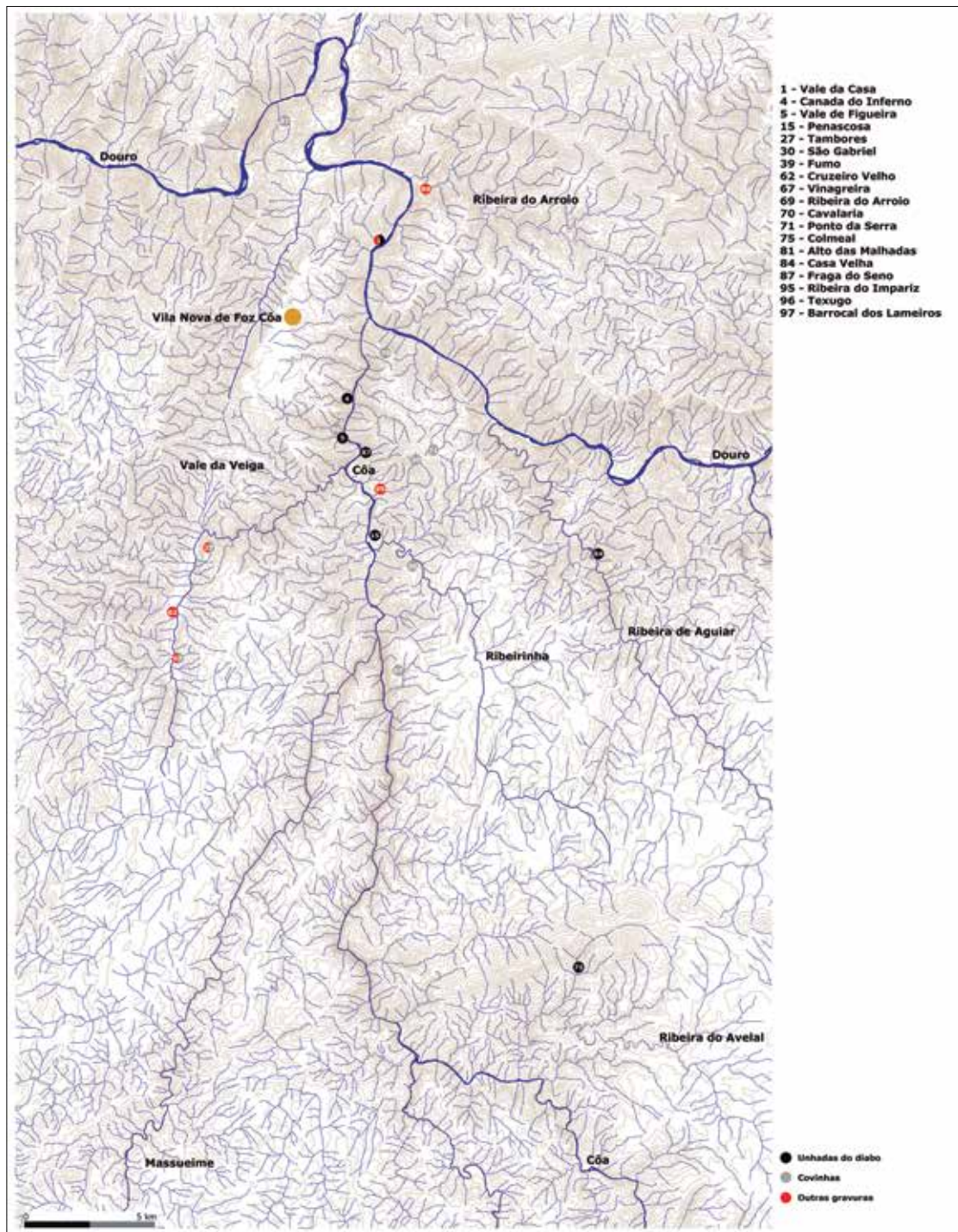
Uma das pedras é um grande monólito afeiçoado, de formato rectangular e faces alisadas, numa das quais surgem cinco covinhas, quatro agrupadas ao centro e uma isolada numa das extremidades. Não é possível saber o seu contexto original, mas poderia tratar-se de um esteio pré-histórico, talvez de uma cista. A outra pedra é, claramente, um pequeno fragmento de algo maior, tendo uma face plana com um denso conjunto de gravuras de cariz abstracto, que poderão ou não ser pré-históricas, algo a que só o conhecimento claro do contexto original poderia dar resposta.



Mapa 1: Distribuição de todos os sítios conhecidos da arte do Côa, indicando-se a vermelho os que têm figuras integráveis na Pré-história Recente (cartografia adaptada a partir da Carta Corográfica de Portugal - escala 1:50,000, Instituto Geográfico e Cadastral, extractos das folhas 11-C, 11-D, 15-A, 15-B, 15-C, 15-D).



Mapa 2: Distribuição dos sítios com figuras de feição subnaturalista e esquemática, pintadas e gravadas.



Mapa 3: Distribuição dos sítios com covinhas, gravuras lineares do tipo “unhadas do diabo”, e outros tipos de gravuras.

Sítio	Registo	Ano	S. P.	S. G.	E. P.	E. G.	UD	C	OG
	<i>rocha 1</i>	1982	-	-	-	-	X	-	X
	<i>rocha 3</i>	1982	-	-	-	-	x	-	x
	<i>rocha 4</i>	1982	-	-	-	x	-	-	-
	<i>rocha 5</i>	1982	-	-	-	-	x	-	-
	<i>rocha 6</i>	1982	-	-	-	-	x	-	-
	<i>rocha 9</i>	1982	-	-	-	-	x	-	x
Vale da Casa	<i>rocha 11</i>	1982	-	-	-	x	-	-	-
	<i>rocha 12</i>	1982	-	-	-	-	x	-	x
	<i>rocha 18</i>	1982	-	-	-	x	-	-	x
	<i>rocha 21</i>	1982	-	-	-	-	x	-	x
	<i>rocha 23</i>	1982	-	-	-	-	-	-	x
	<i>rocha 27</i>	1996	-	-	-	-	x	-	-
	<i>rocha 28</i>	1996	-	-	-	x	-	-	-
	<i>rocha 1</i>	1989	x	-	-	-	-	-	-
	<i>rocha 2</i>	1989?	-	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 3</i>	1989?	x	-	-	-	-	-	-
Faia	<i>rocha 4</i>	1995?	x	-	-	-	-	-	-
	<i>rocha 5</i>	1989	x	-	-	-	-	-	-
	<i>rocha 6</i>	1995	-	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 8</i>	2001	x	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 3</i>	1993	-	x	-	-	-	-	-
	<i>rocha 4</i>	1993	-	x	-	-	-	-	-
	<i>rocha 5</i>	1993	-	x	-	-	-	-	-
Canada do Inferno	<i>rocha 29</i>	1995	-	-	-	-	x	-	-
	<i>rocha 32</i>	1995	-	x	-	-	-	-	-
	<i>rocha 33</i>	1995	-	x	-	-	-	-	-
	<i>rocha 36</i>	1995	-	x	-	-	-	-	-
Vale de Figueira	<i>rocha 1</i>	1994	-	x	-	-	x	-	-
	<i>rocha 3</i>	1989	x	-	x	-	x	-	-
Ribeirinha	<i>rocha 1</i>	1993	x?	-	x	-	-	-	-
Vale de Videiro	<i>rocha 2</i>	1999	-	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 3</i>	2021	x	-	-	-	-	-	-
	<i>rocha 4</i>	1995	-	-	x?	x	-	-	-
Ribeira de Piscos	<i>rocha 6</i>	1995	-	-	-	x?	-	-	-
	<i>rocha 14</i>	1996	-	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 18</i>	1996	-	-	x	-	-	-	-
Penascosa	<i>rocha 19</i>	1996	-	-	-	-	x	-	-
	<i>rocha 7</i>	1995	-	x	-	-	-	-	-
Quinta da Barca	<i>rocha 18</i>	1997	-	x	-	-	-	-	-
	<i>rocha 23</i>	1997	-	x	-	x	-	-	-
Vale de Cabrões	<i>rocha 1</i>	1995	-	x	-	-	-	-	-
	<i>rocha 10</i>	1997	-	x	-	-	-	-	-
	<i>rocha 1</i>	1996	-	-	-	x	-	-	-
Namorados	<i>rocha 5</i>	2006	-	-	-	x	-	-	-
	<i>rocha 7</i>	2006	-	-	-	x	-	-	-
São Gabriel	<i>rocha 1</i>	1998	-	-	-	x	-	-	-
	<i>rocha 2</i>	2006	-	-	-	-	-	x	-
Ribeira da Cabreira	<i>rocha 11</i>	2011	-	-	-	x	-	-	-
Fumo	<i>rocha 1</i>	2006	-	-	-	-	-	x	-
Lapas Cabreiras	<i>rocha 1</i>	2008	x?	-	x	x	-	-	-
Vale d'Arcos	<i>rocha 2</i>	2010	-	-	x	-	-	-	-
Mioteira	<i>rocha 1</i>	2001	-	-	x	-	-	-	-

Tabela 1: Listagem sumária do conteúdo de cada registo (rocha decorada ou outro tipo de registo) com arte rupestre atribuída à Pré-história Recente na região do Côa, indicando-se também o ano em que foram identificados (legenda: S – figuras subnaturalistas; E – figuras esquemáticas; P – pintura; G – gravura; UD – unhadas do diabo; C – covinhas; OG – outras gravuras).

Sítio	Registo	Ano	S. P.	S. G.	E. P.	E. G.	UD	C	OG
	<i>rocha 1</i>	1997	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 2</i>	1998	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 3</i>	2010	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 4</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 5</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 6</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 7</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 8</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 9</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
Tambores	<i>rocha 10</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 11</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 12</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 13</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 15</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 16</i>	2021	-	-	-	-	-	x	x?
	<i>rocha 17</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 18</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 19</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
Cruzeiro Velho	<i>estelas</i>	1964	-	-	-	-	-	-	x
Quinta da Barca Sul	<i>rocha 2</i>	2018	-	x	-	-	-	-	-
Vinagreira	<i>pedras</i>	2010	-	-	-	-	-	x	x
Cascalheira	<i>rocha 15</i>	2011	-	x	-	-	-	-	-
Ribeira do Arroio	<i>rocha 3</i>	2011	-	-	-	-	-	-	x
Cavalaria	<i>rocha 2</i>	2011	-	-	-	-	-	x	-
Ponto da Serra	<i>rocha 1</i>	2011	-	-	-	-	-	x	-
Ervideiro	<i>rocha 1</i>	2001	x	-	-	-	-	-	-
	<i>rocha 2</i>	2001	x	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 1</i>	2004	-	-	x	-	-	-	-
Colmeal	<i>rocha 2</i>	2004	-	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 3</i>	2004	-	-	x	-	-	-	-
	<i>rocha 4</i>	2015	-	-	-	-	x	-	-
Poço Torto	<i>rocha 1</i>	2004	-	-	x	-	-	-	-
Gamoal	<i>rocha 1</i>	2012	-	-	x?	-	-	-	-
	<i>rocha 1</i>	2005	-	-	-	-	-	x	-
Alto das Malhadas	<i>rocha 2</i>	2013	-	-	-	-	-	x	-
	<i>rocha 3</i>	2013	-	-	-	-	-	x	-
Casa Velha	<i>pedra</i>	2014	-	-	-	-	x	-	-
Castelejo	<i>rocha 1</i>	2015	-	-	x	-	-	-	-
Fraga do Seno	<i>rocha 1</i>	2016	-	-	-	-	x	-	-
Ribeira do Impariz	<i>rocha 1</i>	2019	-	-	-	-	-	-	x
Texugo	<i>rocha 1</i>	2020	-	-	-	-	-	x	-
	<i>pedra</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
Barrocal dos Lameiros	<i>rocha 1</i>	2021	-	-	x?	-	-	-	-
	<i>rocha 2</i>	2021	-	-	-	-	-	x	-
<i>Totais</i>	<i>96</i>	-	<i>11</i>	<i>14</i>	<i>20</i>	<i>13</i>	<i>15</i>	<i>29</i>	<i>12</i>

Tabela 1 (continuação): Listagem sumária do conteúdo de cada registo (rocha decorada ou outro tipo de registo) com arte rupestre atribuída à Pré-história Recente na região do Côa, indicando-se também o ano em que foram identificados (legenda: S – figuras subnaturalistas; E – figuras esquemáticas; P – pintura; G – gravura; UD – unhas do diabo; C – covinhas; OG – outras gravuras).

4. Bibliografia

- ALMAGRO, Martin (1966) – *Las Estelas decoradas del Suroeste Peninsular*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Universidad de Madrid.
- ALVES, Lara Bacelar (2020) – LandCRAFT. A arte da Pré-história Recente no Vale do Côa. *Kairós*. 5, pp. 4-19.
- ALVES, Lara Bacelar; CARDOSO, João Muralha; REIS, Mário; CARVALHO, Bárbara (2014) – ART-FACTS: uma investigação sobre os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no vale do Côa. *Côavisão*.16, pp. 101-106.
- ALVES, Lara Bacelar; COMENDADOR REY, Beatriz (2017) – Arte esquemático pintado en el noroeste peninsular: una visión integrada transfronteriza. *Gallaecia*. 36, pp. 11-52.
- ALVES, Lara Bacelar; OLIVEIRA, Lucínia (2008) – *Barragem das Olgas (Torre de Moncorvo, Bragança). Levantamento das gravuras rupestres da Ribeira das Olgas e Ribeira do Arroio. Relatório Final*. Relatório policopiado. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 2002/1(613), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direção-Geral do Património Cultural).
- ALVES, Lara Bacelar; REIS, Mário (Em preparação) – Immersive narratives – contrasting styles and imagery making traditions in the Côa Valley post-glacial rock art. In *Congreso Internacional El Arte de las Sociedades Prehistóricas, VII Edition, Cuenca, 19-23 Outubro 2022*.
- BAPTISTA, António Martinho (1983) – O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa - (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. 8, pp. 57-69.
- BAPTISTA, António Martinho (1999) – *No tempo sem tempo: A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa. Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa/Centro Nacional de Arte Rupestre.
- BAPTISTA, António Martinho; GARCÍA DIEZ, Marcos (2002) – L'art paléolithique dans la vallée du Côa (Portugal): La symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air. In SACCHI, Dominico, ed. – *L'art paléolithique à l'air libre: Le paysage modifié par l'image*. Carcassonne: Groupe Audois d'Etudes Préhistoriques, pp. 187-205
- BAPTISTA, António Martinho; GOMES, Mário Varela (1997) – Arte Rupestre. In ZILHÃO, João, ed. – *Arte rupestre e pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 213-406.
- BAPTISTA, António Martinho; REIS, Mário (2008) – Prospecção da arte rupestre no Vale do Côa e Alto Douro português: ponto da situação em Julho de 2006. In BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo, ed. – *Arte Prehistorico al aire libre en el Sur de Europa*. Salamanca: Junta de Castilla y León, pp. 145-192.
- CAETANO, Vera; CARRERA, Fernando; ALVES, Lara Bacelar; RIVAS, Teresa & POZO-ANTÓNIO, José Santiago (Em preparação) – Estratégias de conservação de arte esquemático en el área de Foz Côa (Portugal): valoración inicial. In *Congreso Internacional El Arte de las Sociedades Prehistóricas, VII Edition, Cuenca, 19-23 Outubro 2022*.
- CARDOSO, João Muralha; REIS, Mário; CARVALHO, Bárbara; ALVES, Lara Bacelar (Em preparação) – Preliminary results of the archaeological excavation at the Lapas Cabreiras shelter / LandCRAFT project. In *Congreso Internacional El Arte de las Sociedades Prehistóricas, VII Edition, Cuenca, 19-23 Outubro 2022*.
- CARDOSO, João Muralha; REIS, Mário; MAGALHÃES, Carla; BATARDA, António (2021) – Trabalhos arqueológicos no sítio do Texugo (Vila Nova de Foz Côa). *Côavisão*. 23, pp. 103-110.
- CARVALHO, António Faustino (2004) – O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (Trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7:1, pp. 185-219.
- CRUZ, Domingos. J. (1998) – Expressões funerárias e culturais do Norte da Beira Alta. In CRUZ, Domingos. J., ed. – *Actas do Colóquio "A Pré-história na Beira Interior" [Estudos Pré-históricos, VI]*. Vi-seu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira Alta, pp. 149-166.
- FIGUEIREDO, Sofia Soares; BAPTISTA, António Martinho (2013) – A Arte Esquemática em Portugal. In GARCÍA, Julián Martínez; PÉREZ, Mauro s. Hernández, eds. – *Actas del II Congreso de Arte Esquemático en la Peninsula Ibérica*. Almeria: Ayuntamiento de Vélez-Blanco, pp. 301-315.

- GARCÍA DIEZ, M., MAURÍCIO, J., RODRIGUES, Ana; SOUTO, Pedro (2001) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos do Projecto de Aproveitamento Hidroeléctrico do Alto Côa*. Relatório policopiado. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Processo 2000/1(830), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direcção-Geral do Património Cultural).
- GARCÍA, Marcos; MARTINS, Andrea; MAURÍCIO, João; RODRIGUES, Ana; SOUTO, Pedro (2003) – Prospecção Arqueológica no Alto Côa. Novas descobertas de arte rupestre. *Al-Madan*. 12, pp. 180-181.
- JORGE, Susana Oliveira (ed.) (1995) – *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia.
- LEMO, Francisco Sande (1991) – Património. In Figueira, R. (ed.) – *Aproveitamento Hidroeléctrico do Rio Côa. Escalão de Foz Côa. Projecto Base. Volume XVI – Estudo de Impacte Ambiental*: Relatório policopiado. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 90/1(374), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direcção-Geral do Património Cultural), pp. 119-126, 157-165.
- LEMO, Francisco Sande (1994) – Dossier Côa I: O relatório de impacto patrimonial (1989). *Forum*. 15-16, pp. 141-156.
- MURALHA, João; REIS, Mário; MAGALHÃES, Carla; BATARDA, António (2022) – A Intervenção Arqueológica no Barrocal dos Lameiros (Figueira de Castelo Rodrigo) - 2021. *Côavisão*. 24, pp. 101-110.
- PINA, Filipe Alves (2010) – *Acompanhamento Arqueológico da EN 222 (Beneficiação entre Vila Nova de Foz Côa e Almendra)*. Relatório policopiado. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 2005/1(574), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direcção-Geral do Património Cultural).
- REBANDA, N. 1993. *Plano Arqueológico do Côa. Relatório do levantamento do património arqueológico e arquitectónico da área prevista para a pedreira do Aproveitamento hidroeléctrico de Foz Côa (Almendra – Vila Nova de Foz Côa)*. Relatório policopiado. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 90/1(374), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direcção-Geral do Património Cultural).
- REBANDA, Nelson (1994a) – *Plano Arqueológico do Côa. Relatório 1993*. Relatório policopiado. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 90/1(374), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direcção-Geral do Património Cultural).
- REBANDA, Nelson (1994b) – *Ponto da situação relativo à detecção, estudo e perspectivas de salvamento do sítio D3-10, entre a foz do Rêgo da Vide e foz da Canada do Inferno, na margem esquerda do rio Côa, freguesia de Vila Nova de Foz Côa, concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Relatório policopiado. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 90/1(374), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direcção-Geral do Património Cultural).
- REBANDA, Nelson (1995a) – *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- REBANDA, Nelson (1995b) – *Barragem de Vila Nova de Foz-Côa. Breve balanço dos trabalhos arqueológicos*. Relatório policopiado. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Processo 90/1(374), Arquivo da Arqueologia Portuguesa, Direcção-Geral do Património Cultural).
- REIS, Mário (2011) – Prospecção da arte rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009. In RODRIGUES, Miguel Areosa; LIMA, Alexandra Cerveira; SANTOS, André Tomás, eds. – *Actas do V Congresso de Arqueologia – Interior Norte e Centro de Portugal*. Porto, Caleidoscópio/Direcção Regional de Cultura do Norte, pp. 11-123.
- REIS, Mário (2012) – ‘Mil rochas e tal...!': Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa”. *Portvgalia*. 33, pp. 5-72.
- REIS, Mário (2013) – ‘Mil rochas e tal...!': Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (2º parte). *Portvgalia*. 34, pp. 5-68.
- REIS, Mário (2014) – ‘Mil rochas e tal...!': Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa (conclusão). *Portvgalia*. 35, pp. 17-59.
- REIS, Mário (2020) – Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea, eds. – *Arqueologia em Portugal: 2020 - Estado da Questão*. Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 537-549.

REIS, Mário (2021) – Palaeolithic art in Portugal and its zoomorphic figures. In SIGARI, Dario; GARCÊS, Sara, eds. – *Animals in Prehistoric Art. The Euro-Mediterranean region and its surroundings [Arkeogazte 11]*. Vitoria-Gasteiz, Arkeogazte-K Editatua, pp. 19-46.

REIS, Mário; ALVES, Lara Bacelar; CARDOSO, João Muralha; CARVALHO, Bárbara (2017) – Art-facts - os contextos arqueológicos da Arte Esquemática no Vale do Côa. *Techne*. 3: 1, pp. 97-111.

REIS, Mário; ALVES, Lara Bacelar; CARVALHO, Bárbara, CAETANO, Vera; CARDOSO, João Muralha (2022a) – Uma Nova Rocha Gravada do Paleolítico Superior no Sítio da Faia (Vale do Côa): ao ar livre e em ambiente granítico. *Almadan Online*. 25:1, pp. 9-16.

REIS, Mário; ALVES, Lara Bacelar; CARVALHO, Bárbara, CAETANO, Vera; CARDOSO, João Muralha; MARTINS, Andrea (2022b) – Upper Palaeolithic art in a monumental granite landscape. new findings from the site of Faia (Côa Valley, Portugal). *Ice Age Europe*. 6, pp. 18-19.

REIS, Mário; VÁZQUEZ MARCOS, Carlos (Em preparação) – *El diablo en los trazos: arte rupestre de la Prehistoria Reciente en Arroyo de las Almas*.

RODRIGUES, Adriano Vasco (1983) – *Terras da Meda. Natureza e Cultura (Monografia)*. Meda: Câmara Municipal da Meda.

SANCHES, Maria de Jesus; TEIXEIRA, Joana de Castro (2013) – An interpretative approach to “devil claw” carvings: the case of river Tua mouth rock shelter (Alijó, Trás-os-Montes, Northeast Portugal). In *XXV Valcamonica Symposium: Art as a source of History*, pp. 59-68.

SANTOS, André Tomás Pinto da Silva e Conceição (2017) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Tese de doutoramento. Porto: Universidade do Porto.

**Primeiro
inventário
figurativo da arte
rupestre da Idade
do Ferro entre o
Côa e o Douro**

Luís Luís^a

a) Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa, luisluis@arte-coa.pt

1. Breve historial da descoberta e estudo

A descoberta da arte rupestre da Idade do Ferro na região da confluência entre o Côa e o Douro antecipa em cerca de 10 anos o reconhecimento da arte paleolítica do Vale do Côa, através da descoberta e estudo do Vale da Casa, também ameaçado, e, entretanto, submerso, por uma barragem hidroelétrica.

Em 1982, Fernando Barbosa, então desenhador do Museu D. Diogo de Sousa (Braga), chega a Vila Nova de Foz Côa para realizar os decalques desta arte rupestre, desconhecendo que a sua vida haveria de ficar ligada a esta região e ao seu património artístico rupestre durante 40 anos.

No momento em que o Fernando Barbosa termina a sua atividade profissional, ganhando tempo para os seus restantes e múltiplos interesses, aproveitamos este texto para enquadrar a publicação de um vasto conjunto de decalques diretos, que contaram com o seu trabalho dedicado e que, na sua grande maioria, se mantiveram até agora mantidos inéditos. Consideramos que publicar o seu trabalho será a melhor homenagem que lhe podemos prestar, tornando-os disponíveis para o desenvolvimento dos estudos da arte rupestre sidérica do Vale do Côa e Douro.

As 23 rochas do Vale da Casa viriam a ser publicadas sumariamente. Ao nível dos decalques com motivos do Ferro, e até à descoberta da arte do Côa, apenas três deles seriam objeto de publicação: rochas 7, 15 (BAPTISTA, 1983: figs. 4 e 11) e 23 (BAPTISTA, 1984: est. IV).

A notável rocha 10 teria de esperar até à descoberta da arte do Côa para ser publicada integralmente (BAPTISTA, 1999, 175), merecendo um redesenho de Fernando Barbosa, com base no decalque direto de 1982 e uma revisão a partir da moldagem de silicone.

Já na década de 1990, durante a construção de uma nova barragem, desta feita no curso final do rio Côa, cerca de 5 quilómetros a montante do Vale da Casa, um novo conjunto de arte rupestre viria a ser achado. A espetacularidade da descoberta, novamente ameaçada pela destruição, viria a provocar um movimento de salvaguarda que culminaria no abandono da construção da barragem do Côa e na sua classificação como Monumento Nacional e Património da Humanidade (LUÍS, 2020).

Em outubro de 1993, Fernando Barbosa é chamado pelo descobridor da arte do Côa, Nelson Rebanda, para realizar os primeiros decalques da arte paleolítica, em virtude da experiência adquirida no Vale da Casa e nos inúmeros sítios de arte rupestre que, entretanto, havia documentado. Não realizou então nenhum levantamento de arte sidérica, embora a arte rupestre da Idade do Ferro já tivesse sido identificada em março desse ano, junto às obras da barragem, nas proximidades do Orgal (Meijapão 1) (REBANDA, 1994, 4). Em novembro do ano seguinte, a extensão da prospeção arqueológica viria a propiciar a descoberta do Vale do José Esteves e da sua arte, nomeadamente de cronologia sidérica. É por essa altura que os achados do Vale do Côa são tornados públicos e se inicia a polémica e luta pela preservação da arte do Côa (LUÍS, 2020).

Os trabalhos concentravam-se então sobretudo na Canada do Inferno, o sítio da descoberta, onde curiosamente se desconhece qualquer motivo da Idade do Ferro. A importância e o contexto da descoberta da arte paleolítica ao ar livre do Vale do Côa, associado ao facto da esmagadora maioria da arte do Ferro se encontrar a jusante da

área submergida pela futura albufeira, contribuiu para a sua menorização por parte das equipas de investigação a trabalhar na região (LUÍS, 2021, 97). Seria, aliás, um fozcoense, José Constâncio (conhecido por “Pilério”) a identificar, na primeira metade de 1995, as gravuras da Idade do Ferro de Vale de Cabrões e da Vermelha (ABREU *et al.*, 1998; REBANDA, 1995), nos vales que descem do planalto da Chã de Foz Côa para o Douro.

A partir desse momento começa a haver algum interesse das equipas de arqueólogos a trabalhar na região pela arte da Idade do Ferro. O primeiro desenho realizado por Fernando Barbosa de um motivo desta época terá sido o “Anúbis”, um quadrúpede retrospectivo gravado na rocha 7 do Vale de José Esteves.

Os motivos do interesse inicial dos arqueólogos pelos motivos da Idade do Ferro podem--se agrupar em duas categorias. Em primeiro lugar, a arte da Idade do Ferro na região serviu para afirmar a antiguidade da arte paleolítica da região. O melhor exemplo disto é o desenho de um painel da rocha 1 da Vermelha, onde um cavaleiro armado de lança e escudo se sobrepõe a uma cabra estriada, de estilo paleolítico. A relação estratigráfica das representações, a cronologia presumida da figura do cavaleiro e a diferença de patine entre os dois motivos (linha branca do cavaleiro, em contraste com os traços patinados da cabra), serviram de argumento para a antiguidade da arte paleolítica do Côa (ZILHÃO, 1997, 33).

Em segundo lugar, foi-se verificando um interesse episódico e meramente ilustrativo nas representações da arte sidérica da região, consubstanciado no decalque não sistemático de motivos isolados, escolhidos pelo seu significado ou curiosidade (por ex. BAPTISTA, 1999, 167–177).¹

No Verão de 1996 inicia-se o projeto “Gravado no Tempo-*Etched in Time*” sobre a arte rupestre da Vermelha (ABREU *et al.*, 2000). Os três meses de trabalho de campo viriam a ser sumariamente publicados. Tratou-se, contudo, do primeiro estudo de um sítio que, para além de arte paleolítica, apresentava um importante conjunto de arte sidérica.

A criação, em 1997, do Instituto Português de Arqueologia deu igualmente origem à criação dos serviços dependentes do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) e do Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART), sediados em Vila Nova de Foz Côa. Será já integrado na equipa do CNART que Fernando Barbosa realizará os primeiros decalques completos de rochas com motivos do Ferro na região (após o Vale da Casa). As rochas 1 e 2 da Cana da Moreira terão sido estudadas a 5 de fevereiro de 1999, mantendo-se inéditas até ao presente.

É aqui que se inicia um trabalho de decalque não sistemático de rochas deste período, primeiro no quadro do CNART, depois do PAVC e mais tarde da Fundação Côa Parque.

Ainda durante a primeira década do novo milénio, nós próprios ensaiámos as primeiras tentativas de compreensão desta arte, baseados nos poucos documentos publicados (LUÍS, 2008, 2009, 2010, 2015, 2016, 2021). Por essa altura, o início dos trabalhos de Mário Reis da prospeção arqueológica contínua da região viria a aumentar exponencialmente o número de registos com arte rupestre conhecidos, com particular incidência para a Idade do Ferro (BAPTISTA & REIS, 2008a, 2008b; REIS, 2012a, 2012b, 2013, 2014, 2015).

1 - Atente-se no subtítulo desta obra que publicou um primeiro conjunto destes motivos: “A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa: Com uma perspetiva dos ciclos rupestres pós-glaciares” (BAPTISTA, 1999).

Entretanto, por entre os trabalhos dedicados à arte paleolítica, foram-se continuando a realizar decalques esporadicamente, de forma não sistemática, mas que, na sua larga maioria, se mantêm inéditos. Aproveitamos esta oportunidade para os tornar públicos, com o objetivo de fazer uma primeira publicação dos decalques da arte da Idade do Ferro, 25 anos depois da publicação do primeiro inventário da arte paleolítica do Vale do Côa (BAPTISTA & GOMES, 1997) e assim obter uma panorâmica geral do que conhecemos desta arte na região até ao momento.

2. Os sítios e a arte

2.1. DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A arte rupestre da Idade do Ferro do Vale do Côa e Douro (Fig. 1) concentra-se sobretudo em torno da foz do rio Côa com o Douro, sobretudo nas margens esquerdas de ambos os rios, em torno dos vales de cursos de água sazonais, que descem desde a Chã de Vila Nova de Foz Côa, até aos dois rios. Para norte, ela prolonga-se em ambas as margens do rio até ao Pocinho (Azenha e Vale Escuro), numa distância de mais de 6 km, com uma importante concentração no Vale da Casa. Para leste, distribui-se por uma sucessão de vales, sobretudo na margem direita do Douro (Cascalheira, Ribeira de Urros até à Ribeira das Furnas), mas também na direita (Canada do Arrovão), igualmente ao longo de mais de 6 km. Nesta zona, salienta-se uma importante concentração a cotas mais altas, nas zonas que descem deste o planalto da Meseta até ao Douro (Canada da Moreira, Garrido e Picão). Para sul, a sua distribuição prossegue ao longo de mais de 8 quilómetros, junto a ambas as margens do rio Côa (Moinhos de Cima, Fraga do Seno, Penascosa), mas também em pequenos vales de ribeiras tributárias (Vale do Forno, dos Moinhos, Meijapão, Ribeira das Cortes e da Volta) e mesmo no interior da Ribeira de Piscos (Casa do Muro), a mais de dois quilómetros do Côa.

Como já foi por várias vezes referido (AUBRY, LUÍS, & DIMUCCIO, 2012, 2017; LUÍS, 2021), esta distribuição é o resultado da conjugação de condições de formação dos suportes rupestres, da sua preservação após o momento da gravação e da vontade de gravar. Com raríssimas exceções (Vale da Casa, Vale do Forno 6, Vale de Cabrões 3), a esmagadora maioria da arte do Ferro inscreve-se nas superfícies de diáclase verticais dos xistos regionais (sobretudo formação de Desejosa, mas também de Pinhão/Ervedosa, do Supergrupo Dúrico-Beirão). A disponibilidade destas superfícies encontra-se condicionada pela tectónica regional, que, por sua vez, condiciona a formação dos vales, que as expõem à superfície. Uma vez expostas e eventualmente gravadas, inicia-se o processo de meteorização, que depende sobretudo da acumulação de água na superfície de diáclase e consequente colonização liquénica, ambas limitadas pela sua verticalidade e relacionadas com a exposição solar. O facto de as representações sidéricas partilharem, em grande medida, os mesmos núcleos e painéis da fase mais recente da arte paleolítica, leva-nos a concluir pela importância das condicionantes ambientais na distribuição verificada, sem, contudo, desprezarmos a importância e imprescindibilidade da escolha cultural e dos significados que se lhe pudessem atribuir, nomeadamente num contexto de confluência de águas permanentes e sazonais.

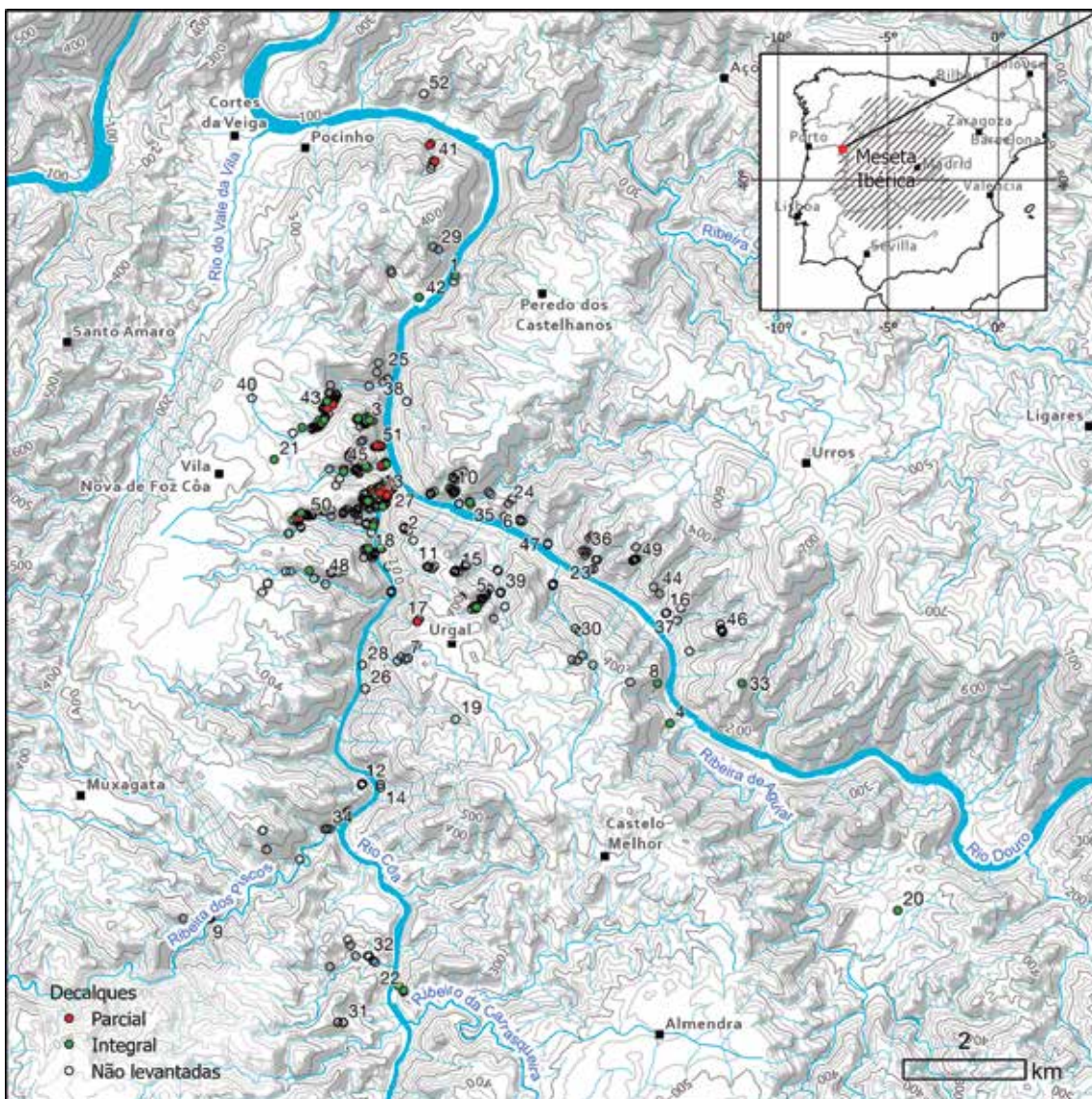


Fig. 1: Localização da arte rupestre da Idade do Ferro entre o Côa e o Douro. Sítios: 1) Azenha 2) Broeira, 3) Bulha, 4) Canada da Meca, 5) Canada da Moreira, 6) Canada das Corraliças, 7) Canada do Amendoal, 8) Canada do Arrobão, 9) Casa do Muro, 10) Cascalheira, 11) Cavalaria, 12) Fariseu, 13) Foz do Côa, 14) Fraga do Seno, 15) Garrido, 16) Lodão, 17) Meijapão, 18) Moinhos de Cima, 19) Namorados, 20) Olival dos Telhões, 21) Paço, 22) Penascosa, 23) Picosas, 24) Picão, 25) Porto Velho, 26) Quinta da Bouça Velha, 27) Quinta das Tulhas, 28) Quinta do Naldo, 29) Raposeira, 30) Ribeira da Cabreira, 31) Ribeira da Volta, 32) Ribeira das Cortes, 33) Ribeira das Fornas, 34) Ribeira de Piscos, 35) Ribeira de Urros, 36) Ribeira do Eiró, 37) Ribeira do Lodão, 38) Ribeira do Molha Pão, 39) Ribeira do Picão, 40) Tudão, 41) Vale Escuro, 42) Vale da Casa, 43) Vale de Cabrões, 44) Vale de Janas, 45) Vale de José Esteves, 46) Vale de João Esquerdo, 47) Vale de Maria Andrés, 48) Vale de Moinhos, 49) Vale do Esfola Cabras, 50) Vale do Forno, 51) Vermelhosa, 52) Zambulhal.

Resultado dos trabalhos de campo de 40 anos de estudos na região por diferentes investigadores, a arte da Idade Ferro na região distribui-se presentemente por 543 afloramentos rupestres e 3 blocos de arte móvel.²

Estes blocos apresentam características que os afastam dos restantes suportes. Para além da sua portabilidade, todos os três se encontram gravados na superfície da xistosidade, o que não sucede nas representações sobre afloramentos. Esta é a superfície

2 - Base de dados da Fundação Côa Parque, mantida por Mário Reis, à data de 18/02/2022.

da rocha mais sujeita à meteorização, inclusivamente durante o processo de gravação.³ Poder-se-á colocar a hipótese destes fragmentos pertencerem a afloramentos gravados na xistosidade, que, entretanto, se destacaram. Se bem que nenhum dos fragmentos se encontre gravado em ambas as superfícies (o que invalidaria logo à partida esta possibilidade), o facto de as gravuras se conformarem aos limites do bloco - na totalidade, no caso do Olival dos Telhões, e parcialmente, em ambos os blocos do Paço - leva-nos a colocar a possibilidade de estarmos perante verdadeiros objetos de arte móvel (LUÍS, 2021, 105–106), tal como sucede no vizinho vale do Sabor (SANTOS *et al.*, 2016; SILVA, XAVIER, & FIGUEIREDO, 2016). Em comum, todos estes vestígios provêm de contextos com vestígios de ocupação humana, embora nos dois casos do Côa, os contextos conhecidos não recuem mais do que a ocupação romana.

Do total de 546 registos de arte rupestre com motivos atribuídos à Idade do Ferro, passaremos a apresentar os decalques de 76 rochas gravadas, 54 deles integrais, restringindo-se os restantes a setores da rocha ou simples motivos. Por razões de espaço, limitar-nos-emos a uma descrição sumária dos motivos, valorizando sobretudo a publicação dos decalques.

Os decalques dos anos 1980 foram realizados em condições de urgência, durante o dia, e com recurso ao método bicromático, complementados por moldagens (BAPTISTA, 1983, 58). A partir dos anos 1990, o método de decalque mantém-se direto e maioritariamente diurno (com exceção da Vermelhosa 3), com recurso a plástico de cloreto de polivinilo e luz rasante. Todos os decalques têm como ponto comum a mão do Fernando Barbosa, embora nas suas diferentes fases (decalque, vectorização, arranjo digital) tenham contado com o trabalho de investigadores como Ana Pinto, André Tomás Santos, António Martinho Baptista, João Félix, Manuel Almeida, Maria Perpétua Ferreira, Mário Reis e Sophie Delavis.⁴

2.2. AS ROCHAS

2.2.1. AZENHA (PEREDO DOS CASTELHANOS, TORRE DE MONCORVO)

Este núcleo de arte foi identificado em 2007 (REIS, 2013, 39) e localiza-se na margem direita do rio Douro, cerca de 1 km a jusante da foz do Côa. É composto por 3 painéis gravados, orientados para NW, dois deles com motivos da Idade do Ferro. Destes, apenas a *rocha 3* se encontra levantada, dividindo-se em 8 painéis (Fig. 2)⁵.

O *painel A* apresenta a uma cena composta por um veado macho com hastes ramiformes, voltado para a direita, com a cabeça virada para trás, e um segundo quadrúpede, provavelmente corça, pelo contexto e cauda curta, com a cabeça para a frente. Voltados para a esquerda, foram representados dois canídeos, um deles mais detalhado, com representação de dentes e contorno interno, e dois outros quadrúpedes, um deles acéfalo e outro com a cabeça retrospectiva, possivelmente corças.

3 - Informação de José António Seixas, um dos últimos gravadores do Côa, em entrevista realizada a 12/09/2006, que gravou neste tipo de superfícies da década de 1950, nomeadamente na rocha 5 da Canada do Inferno.

4 - Apenas os decalques do Vale de José Esteves 8 e Vale do Forno 2 não terão contado com o seu contributo, sendo da responsabilidade exclusiva de Mário Reis.

5 - Agradecemos a Mário Reis e Fernando Barbosa o auxílio na localização dos subpainéis decalcados.



Fig. 2: Rocha 3 da Azenha (foto de Mário Reis).

O *painel B* apresenta um canídeo macho, com cauda comprida, pescoço curto, boca aberta, patas em extensão e contorno interno. Acima, à esquerda, surge figurado um segundo quadrúpede mais esquemático, ambos voltados para a direita.

O *painel C* apresenta quatro quadrúpedes indeterminados voltados para a direita. As figuras aparecem muito esquemáticas (uma delas reduzida ao seu bordo dorsal), aparentemente com boca aberta, sem orelhas, uma pata por par e cauda curta (canídeos?).

No *painel D* surge à esquerda, voltado para a direita, a figura de um cavaleiro montado, com rédea, braços levantados, um deles com o que se afigura ser uma arma (punhal?). À sua direita, surge um conjunto de traços indecifráveis. À direita do painel, surge a figura de um quadrúpede com a mesma orientação.

A toda a largura do *painel E* foi representado um longo quadrúpede com cauda comprida, com decoração interna entrançada e orelhas, com duas patas por par, provavelmente canídeo. Abaixo, surge um segundo possível cão, mais curto, e duas pequenas representações de figuras animais, que parecem incompletas, num dos casos com pata dianteira e cauda e noutro apenas com cabeça, orelha e quartos traseiros. Todas as figuras se encontram voltadas para a direita.

No *painel F* destacam-se três figuras de cavalo. Dois deles surgem voltados para a direita, o maior deles com indicação de sexo, quartos traseiros em forma ferradura e uma decoração reticulada na zona do dorso. Abaixo, surge uma figura mais pequena com decoração interna sinuosa e linhas paralelas no dorso. Acima de ambas as figuras, foi representado um cavalo também voltado para a direita, mas disposto na vertical, igualmente com quartos traseiros em ferradura. Completa o painel um conjunto de traços, nomeadamente algo que se afigura como uma cabeça com duas orelhas em perspetiva frontal.

O *painel G* apresenta um quadrúpede voltado para a esquerda, com duas orelhas, uma pata por par, projetadas para diante, extremidades abertas e definição da coxa traseira, acompanhada por traços informes.

Finalmente, o *painel H* é composto por dois motivos geométricos. Acima, surge um motivo reticulado, semelhante à decoração do dorso do cavalo maior do painel F. Abaixo, à esquerda, foi representado um motivo circular, cortado por três linhas diametrais.

2.2.2. BROEIRA (ORGAL, V.N. DE FOZ CÔA)

Situado na margem direita do Côa, a pouco mais de 1,2 km a montante da foz, este núcleo apresenta 7 painéis gravados com arte sidérica, num total de 16. Inicialmente identificado em 1995, sobretudo na zona junto ao rio, os trabalhos de prospeção vieram identificar novos painéis, situados mais acima na vertente, igualmente incluídos neste núcleo (REIS, 2012a, 17).

A *rocha 3* apresenta três figura antropomórficas, representadas em perspetiva frontal com os braços erguidos (Fig. 3). As duas maiores apresentam maior detalhe, com corpo em forma de “guitarra” (mais larga nos ombros e quadris), percebendo-se a cabeça com bico de ave. A terceira, mais esquemática, surge oblíqua, como que deitada, igualmente com os braços levantados.

2.2.2. BULHA (V.N. DE FOZ CÔA)

Trata-se de um dos núcleos mais importantes em número de painéis gravados com motivos sidéricos (27), num total de 43. Localiza-se numa vertente que desce desde a superfície da meseta para o rio Douro, na margem esquerda, a cerca de 1 km a jusante da foz do Côa, entre os núcleos de Vermelhosa e Vale de Cabrões. Apesar disso, só foi identificado a partir de 2015 (REIS, 2013, 20).



Fig. 3: Rocha 3 da Broeira.



Fig. 4: Rocha 6 da Bulha.

A *rocha 6* apresenta um cavalo voltado para a direita, com quartos traseiros em forma de ferradura e uma pata dianteira, todos projetados para diante, associado a linhas retilíneas (Fig. 4).

A *rocha 7* apresenta uma figura de cavaleiro (Fig. 5), voltada para a esquerda, com braços levantados, lança na mão direita, sem ponta ou conto, sobre um cavalo com delimitação de coxa e sem arreios, associado a um conjunto de linhas.

Na *rocha 13* figuram dois antropomorfos, estilisticamente semelhantes, em perspectiva frontal, de tamanhos distintos, com antebraços levantados e algumas semelhanças com a Broeira 3 ou a Vermelha 3 (Fig. 6).

A *rocha 19* (fig. 7) apresenta no topo um signo circular, meandriforme, junto de dois quadrúpedes esquemáticos voltados para a esquerda. Mais abaixo, voltados para a direita, surge um veado macho e dois quadrúpedes com cauda curta e sem orelhas, um deles preenchido com motivo sinuoso, eventualmente corças. Na zona baixa do painel, surge uma figura antropomórfica, desprovida de membros superiores, voltada para a esquerda, com larga cabeça ovoide e nariz em forma de bico. Acresce um conjunto de traços, onde se incluem duas lanças, uma mais pequena à esquerda e a outra ao centro, ambas dispostas na vertical. No setor direito do painel, acima, surge um quadrúpede desenhado através de linhas retas, com duas orelhas semicirculares e pequena cabeça triangular, voltado para a esquerda e, mais abaixo, o que parece ser uma figura com o corpo na mesma direção, mas retrospectiva.

No meio de um conjunto de traços de difícil interpretação, o *setor esquerdo* da *rocha 30* (Fig. 8) apresenta um conjunto de figuras zoomórficas, todas com os corpos voltados para a direita. No topo do painel surge um veado, com a pata dianteira projetada para diante e em flexão e a cabeça provida de hastes não ramificadas, mas com presença de estoques. Abaixo, à esquerda surgem dois outros quadrúpedes esquemáticos,



Fig. 5: Rocha 7 da Bulha.



Fig. 6: Rocha 13 da Bulha.

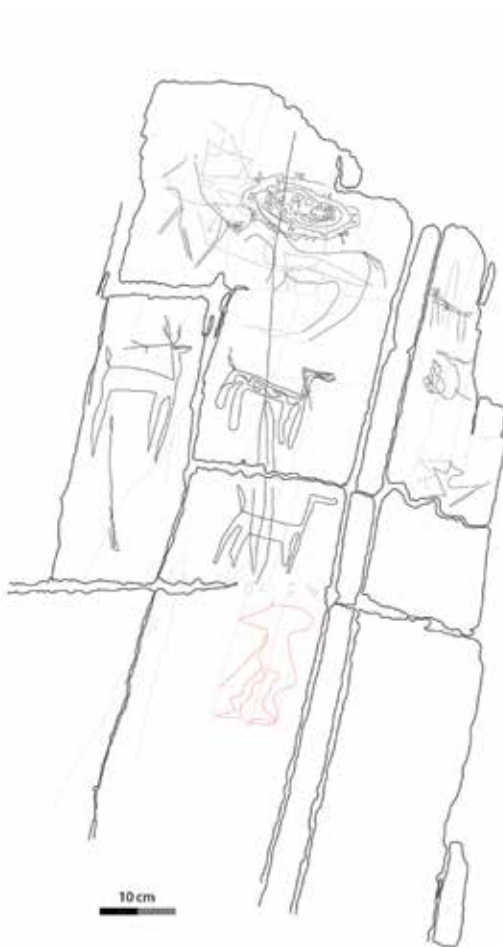


Fig. 7: Rocha 19 da Bulha.



Fig. 8: Rocha 30 da Bulha (foto de Mário Reis).

com duas orelhas e boca aberta, num dos casos exageradamente. À sua frente surge um conjunto de linhas que se poderá interpretar como o tronco, cabeça e orelhas lineares. Abaixo, surge um pequeno cavalo, seguindo o mesmo modelo do painel central da rocha 148 de Foz do Côa, embora menos conseguido, com extremidades arredondadas e uma cauda que segue para uma linha sinuosa aberta. Logo abaixo desta figura e um pouco à esquerda, surge um conjunto de linhas que parece conformar um motivo ovóide. Finalmente, na extremidade direita em baixo, surge uma figura de um cervídeo com um traço a representar as hastes e a cabeça retrospectiva.

O *setor direito* apresenta um conjunto mais completo. No topo do painel surgem dois zoomorfos lineares, com os corpos retangulares e cabeças triangulares, providos de cauda curta e orelhas em V, voltados para direita. Abaixo à esquerda, surge uma figura com a mesma orientação, mais elaborada, com cauda comprida e patas desenhadas por contorno. Do focinho retangular saem duas linhas horizontais, até meio do painel, onde se representou um outro quadrúpede, de cauda comprida e definição da coxa, também voltado para direita, mas com as patas viradas para cima. Logo abaixo, surge um provável cavalo, com corpo longo retangular, mas definição de mandíbula, da coxa e cauda comprida. No seu interior, foi desenhado um quadrúpede sumário retilíneo, com cauda curta, prováveis hastes, disposto obliquamente para a esquerda. Atrás do grande cavalo surge um outro, com a mesma orientação, delimitação de coxa e quartos dianteiros, pescoço arqueado e patas projetadas para diante. Abaixo, no meio de um conjunto de linhas angulosas, surge um cavalo com cauda desproporcional com decoração interna, duas patas por par e um sexo igualmente desproporcional, localizado a meio do ventre, voltado para a direita. Mais abaixo, e com orientação oposta, surgem os quartos dianteiros de um quadrúpede, com a pata anterior projetada para diante e a cabeça voltada para trás. À sua frente, surge um zoomorfo em perfil absoluto, linear, com contornos abertos, cauda curta e patas em extensão. Acima dele, figura o que parece ser o corpo de um zoomorfo com cauda curta, igualmente voltado para a direita. Atrás deste posiciona-se um outro semelhante com cauda comprida e com contorno linear. Atrás de si, com direção oposta, figuram três zoomorfos muito semelhantes, com o quartos traseiros e zona lombar desenhados com linhas contínuas, às quais foram acrescentados os quatro dianteiros, com duas linhas paralelas. A figura superior apresenta linhas no pescoço passíveis de interpretação como crina. As de baixo sobrepõem-se, e a existência de uma linha na região inguinal da superior poderá sugerir uma cena de cópula. No centro do painel, surge um contorno que sugere uma figura de natureza antropomórfica voltada para a esquerda. E logo acima, outro vulto com orelhas pontiagudas, mas sem corpo de quadrúpede. Na extremidade direita do painel, surge um último quadrúpede, construído da mesma forma que descrevemos os anteriores, com a pata anterior fletida.

A *rocha 31* (Fig. 9) apresenta um quadrúpede em perfil absoluto, voltado para a esquerda, com uma linha circular na zona do pescoço, que poderia ser interpretada como rédea, não fosse a ausência de cavaleiro. À sua esquerda, surgem duas figuras humanas em vista frontal, com os braços levantados. A figura de cima apresenta uma cintura mais alta que a de baixo, que apresenta um corpo sinuoso em S, semelhante a outras figuras presentes na arte do Côa (por ex. Vale do Forno 6).

A *rocha 38* já anteriormente publicada (LUÍS, 2016, 65), apresenta uma notável cena, envolvendo cinco guerreiros apeados (Fig. 10). O maior, de grandes braços erguidos, exhibe uma lança na mão direita e um pequeno escudo circular em perspetiva



Fig. 9: Rocha 31 da Bulha.

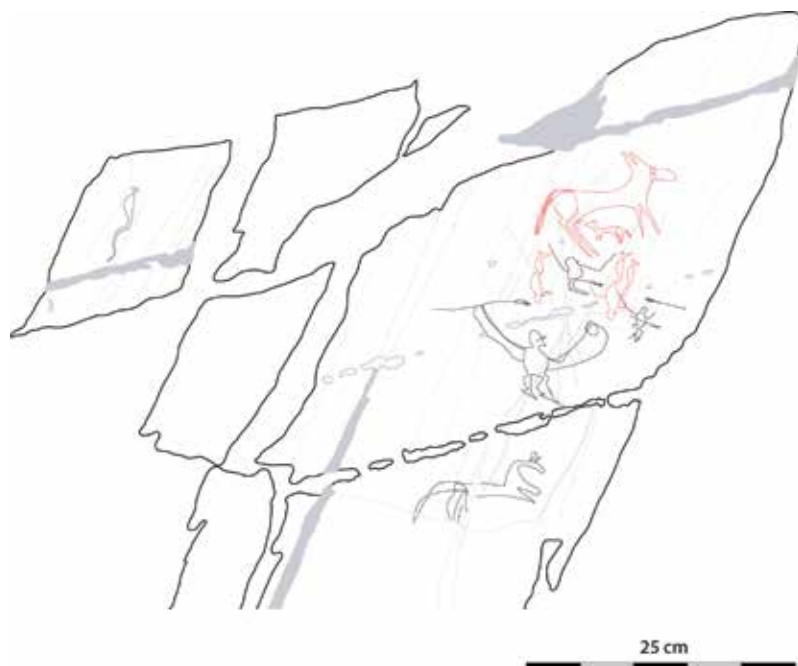


Fig. 10: Rocha 38 da Bulha.

frontal na esquerda. O tronco surge em visão frontal, com cabeça e pés voltados para a direita. Acima dele, estão representados outros três antropomorfos. À esquerda, encontra-se um em perfil absoluto, invertido, voltado para a direita, sem braços. Segue-se outro igualmente em perfil absoluto, com dois braços filiformes erguidos, de pé. À sua frente, uma nova figura invertida, com duas pernas uma lança na mão direita e um escudo circular na esquerda. Finalmente, um pouco abaixo, à direita, surge uma nova figura, com braços filiformes erguidos e uma lança junto ao tronco. Acima dela, foi representada outra lança. Esta cena é enquadrada por um cavalo, representado abaixo, com quatro patas, as dianteiras em extensão. Acima, surge novo quadrúpede, mais elaborado, com quatro patas, definição da coxa, cauda decorada, e dois círculos na zona da cabeça (olhos?). A zona inguinal desta figura apresenta um conjunto de traços que poderão ser interpretados como sexo, ou mais provavelmente, tendo em conta a representação de uma pequena figura, mais fruste, mas estilisticamente semelhante, localizada por baixo, com a cabeça voltada para essa zona, como as tetas de uma égua, numa cena de aleitamento. No topo esquerdo, surge um signo ondulado desenhado a contorno.

O núcleo da Bulha apresenta ainda um importante conjunto de painéis não decalcados, nomeadamente a *rocha 35*, onde se desenrola uma complexa cena, envolvendo figuras antropomórficas, uma ave e uma cena de caça a cervídeos⁶.

6 - https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3030/3030.pt.jpg;
https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3033/3033.pt.jpg

2.2.4. CANADA DA MECA (CASTELO MELHOR, V.N. DE FOZ CÔA)

Identificado em 2009 (REIS, 2013, 34), este conjunto situa-se na vertente da margem esquerda do Douro, a pouco menos de 7 km da foz do Côa, junto à foz da Ribeira de Aguiar. Das três rochas conhecidas, apenas a 3 apresenta decoração atribuída à Idade do Ferro (Fig. 11). Esta atribuição não deixa de ser problemática, uma vez que, estilisticamente, a representação se afasta das restantes figuras deste período. Trata-se de uma figura humana com braços abertos, vista de frente, com pés voltados para a esquerda. A figura apresenta-se totalmente preenchida por traços, nos membros e tronco, onde, perpendicularmente a uma linha que define a coluna, surgem traços paralelos, definindo a caixa torácica. Os dedos das mãos são definidos por linhas filiformes. Se a posição da figura apresenta paralelos na arte sidérica do Côa e Douro, já o mesmo não se pode dizer deste tipo de preenchimento em “raio X”, com a eventual exceção da figura de um cavaleiro da Canada do Arrobão 3, também ele problemático.

2.2.5. CANADA DA MOREIRA (ORGAL, V.N. DE FOZ CÔA)

Sitiado num vale que desce do planalto, junto ao Orgal, até à ribeira do Picão, afluente da margem esquerda do Douro, este conjunto, identificado em 1998 (REIS, 2013, 30), apresenta 39 rochas, 33 delas gravadas com motivos atribuídos à Idade do Ferro.

A *rocha 1*, subdividida em dois painéis (Fig. 12), apresenta ao centro três cavaleiros com braços erguidos, lanças na mão esquerda e dois deles com um objeto oblongo pontiagudo, que poderia ser interpretado com escudo em perfil, mas a que falta a concavidade e o umbo. Poder-se-á também tratar de espadas, o que não parece justificar-se pela presença de lança na outra mão (na rocha 2 estes objetos surgem em cavaleiros desprovidos de lança). As linhas sinuosas dos cavalos, contrastam com os ziguezagues das rédeas e a angulosidade dos restantes zoomorfos. Em cima à esquerda, apresenta-se um grupo de quatro quadrúpedes, dois deles voltados para esquerda e outros dois para a direita, com uma pata por par, duas grandes orelhas angulosas e um curto focinho. Um deles apresenta a representação do sexo. Abaixo dos dois cavaleiros da direita, surge uma outra figura em tudo semelhante com estas, voltada para a esquerda. Acima destes cavaleiros, surge um último zoomorfo, de cauda curta e voltado para a direita, com um estilo menos anguloso.

O painel direito da *rocha 2* apresenta um conjunto de figuras voltadas para a esquerda, sucedendo-se verticalmente, conformando-se à forma oblíqua do painel (Fig. 13). Surgem figurados 6 zoomorfos, alguns deles incompletos, com características semelhantes, nomeadamente ao nível das orelhas, contorno da coxa e cauda. No meio destes quadrúpedes, surgem outros três, estilisticamente semelhantes, mas com a particularidade de estarem montados, muito semelhantes aos cavaleiros da rocha anterior. Os cavaleiros esquemáticos surgem com ambos os braços erguidos, dois deles segurando as rédeas com uma mão e na outra exibindo armas. Num dos casos, é figurada uma lança com ponta e conto, nos outros dois uma representação oblonga pontiaguda, que poderá ser interpretada com espada. A meio, num subpainel, surge um outro antropomorfo, restringido ao tronco, com uma linha junto à mão, interpretada como lança sem ponta. No painel mais à esquerda, surgem pelos menos quatro zoomorfos mais esquemáticos, sem contorno da coxa e caudas aparentemente mais curtas.



Fig. 11: Rocha 3 da Canada da Meca.

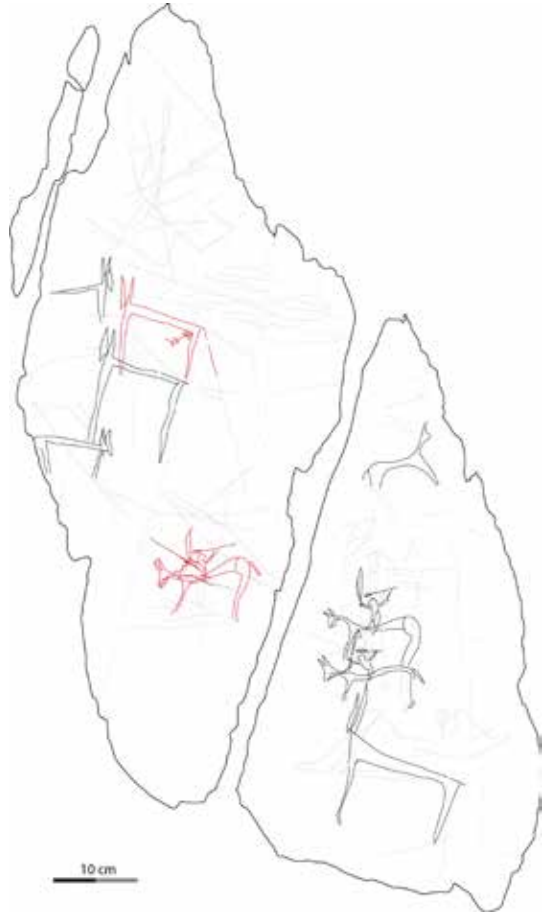


Fig. 12: Rocha 1 da Canada da Moreira.

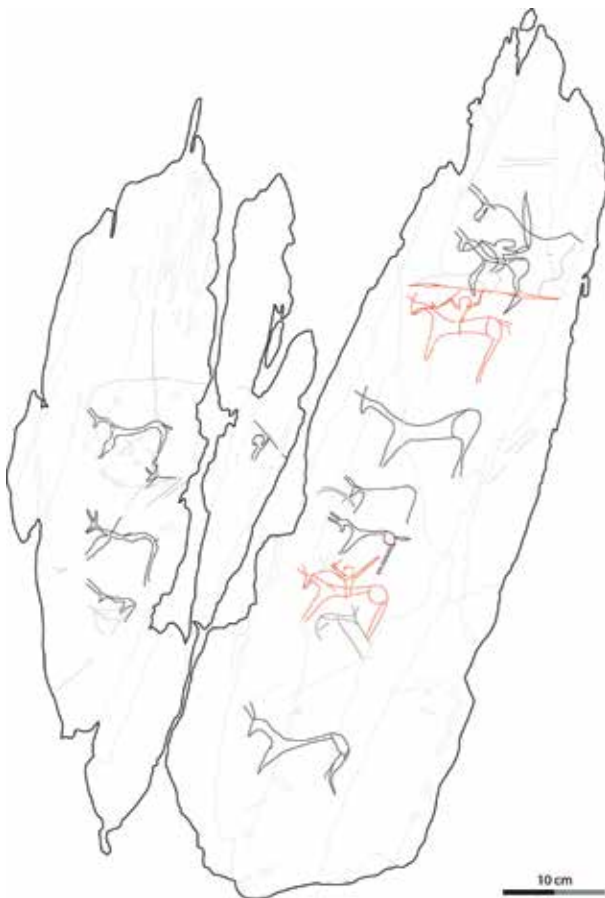


Fig. 13: Rocha 2 da Canada da Moreira.

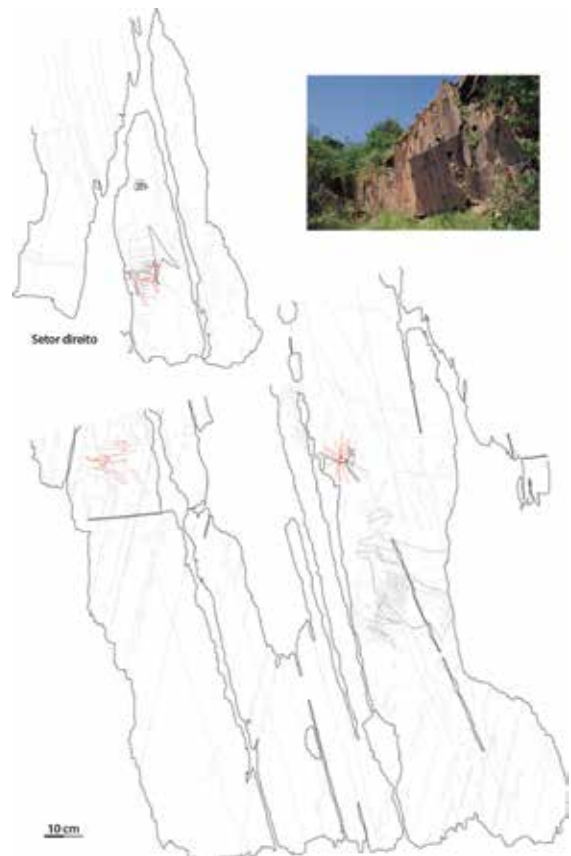


Fig. 14: Rocha 7 da Canada da Moreira (foto de Mário Reis).

A *rocha 7* (Fig. 14) foi já parcialmente publicada, em virtude das suas representações paleolíticas (SANTOS, 2019, fig. 166). Sobre estas figuras, surge um motivo circular raiado, que se sobrepõe a um quadrúpede esquemático, com corpo e membros em perfil absoluto, mas duas orelhas, voltado para a direita. No topo, à esquerda, surge um conjunto de traços, onde se identifica um quadrúpede (provavelmente cavalo), com contorno de coxa, voltado para a direita, mas cabeça retrospectiva. Mais para a direita, surge um quadrúpede, em perfil absoluto, voltado para a direita, com duas grandes orelhas, sobreposto por um signo soliforme raiado. O setor direito desta rocha (inérito) apresenta um signo circular sinuoso. Abaixo, no meio de traços horizontais paralelos, identificam-se outros signos, nomeadamente um zigzag e dois quadrúpedes voltados para a direita, um deles retrospectivo.



Fig. 15: Rocha 3 da Canada do Arrobão.

2.2.6. CANADA DO ARROBÃO (CASTELO MELHOR, V.N. DE FOZ CÔA)

Núcleo identificado em 1998 (REIS, 2013, 33), apresentando 10 painéis gravados, apenas dois deles com motivos atribuídos à Idade do Ferro.

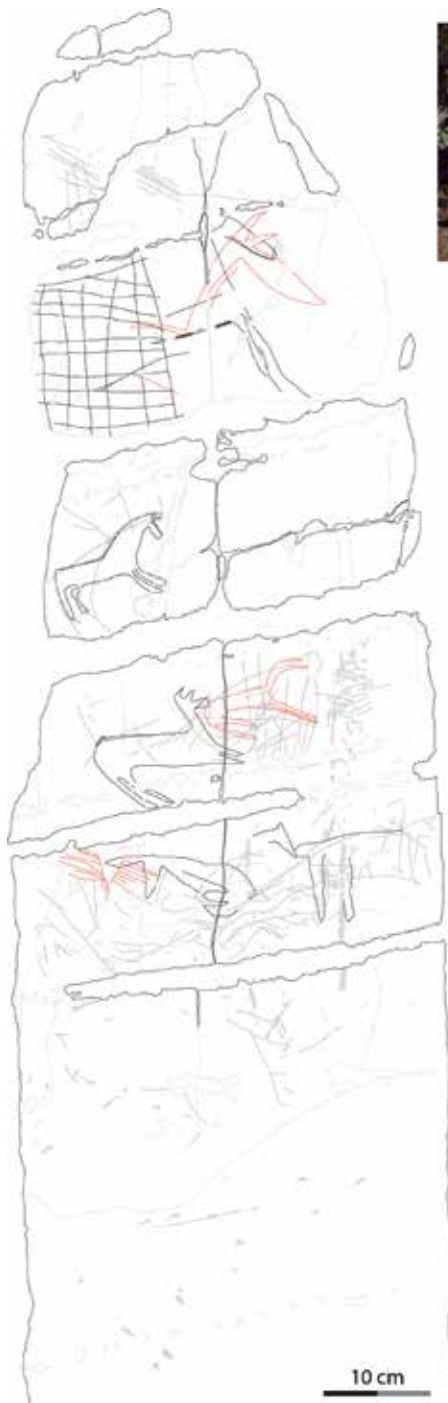
A *rocha 3* subdivide-se em três áreas (Fig. 15). Acima à esquerda surge uma representação que se poderia interpretar como um antropomorfo de pernas longas, ou os quartos traseiros de um cavalo. Mais abaixo, surge um quadrúpede voltado para a direita, com olho, orelhas e uma espécie de crina no dorso. Atrás de si, surge um estranho motivo aberto. Mais abaixo ainda, surge um novo quadrúpede, com longo pescoço e grande boca filiforme aberta, com duas linhas de triângulos adossados, eventualmente sugerindo dentes. Sobre põe-se-lhe um motivo pisciforme vertical, que, a ser sidérico, poderia representar um punhal. Na zona central do painel, surge um cavaleiro. O cavalo tem o corpo retangular, uma cabeça minúscula em triângulo e as patas e cauda decoradas com linhas entrecruzadas. Em cima dele, surge uma figura humana, com algumas semelhanças com a *Canada da Meca 3*. Apresenta-se em perspetiva frontal, braços lineares abertos, com representação de dedos, olhos e orelhas e dois objetos nas mãos de difícil interpretação (lança e escudo?). Um pouco abaixo surge uma espiral. Na zona direta em baixo, surgem dois quadrúpedes dispostos na vertical, definidos por contornos, quatro patas com definição de cascos (?) e orelhas. Finalmente, abaixo surge o que parece ser um antropomorfo, de boca aberta com braços levantados, com uma lança na mão. Tal como na *Canada da Meca*, julgamos que a atribuição deste painel à Idade do Ferro se afigura problemática. Se as representações apresentam características que as aproximam estilisticamente desta fase (figuras definidas por contornos sinuosos, orelhas salientes, ...) outras características as afastam, pois, com a exceção da referida *Canada da Meca 3*, desconhecemos paralelos próximos destas representações na região.

2.2.7. FOZ DO CÔA (V.N. DE FOZ CÔA)

É mais importante núcleo de arte sidérica, com 84 painéis gravados com motivos desta fase, de um total de 199, ocupando toda a encosta que desce o planalto até à margem esquerda do Côa, junto à sua foz. Este núcleo não terá sido verdadeiramente identificado em 1982 (REIS, 2012a, 8), pois, de acordo com informações do Fernando Barbosa e o inventário fotográfico do Museu D. Diogo de Sousa, a “foz do Côa” referida como local do achado das picotagens modernas (BAPTISTA, 1983 nota 2), localiza-se, não no que hoje conhecemos como Foz do Côa, mas 500 metros a jusante, na zona da



Fig. 16. Rocha 42 da Foz do Côa.



confluência do curso de água da Vermelhosa com o Douro, onde a cartografia antiga localiza os moinhos que lhes deram origem. Assim, os primeiros painéis gravados nesta área, terão sido já identificados na segunda metade da década de 1990.

A *rocha 42* tem apenas uma notável figura antropomórfica representada com contorno linear, com cabeça em forma de bico de pássaro voltada para a direita, provida de olho, braços abertos para baixo, com longos antebraços fletidos para cima, sugerindo asas (Fig. 16). As pernas foram representadas até ao joelho, facto que se relaciona com a existência de um relevo no painel, do qual a figura parece emergir.

Da *rocha 44* conhece-se apenas o painel central (Fig. 17). No subpainel superior surge um quadrado reticulado, ao lado do que se afigura ser a cabeça de um quadrúpede, com as típicas orelhas em W invertido, e mais alguns traços, paralelos e reticulados. No subpainel abaixo, surge um quadrúpede com longo pescoço curvo e o mesmo tipo de orelhas, com as duas patas dianteiras em extensão e sem cauda. Mais abaixo, surgem dois quadrúpedes seguindo o mesmo modelo, com a diferença de apresentarem as patas anteriores também projetadas para diante e as cabeças de feitura mais sumária, seguindo o mesmo modelo, mas menos conseguidas. Na figura da direita, a duas orelhas parecem transformar-se numa boca aberta. No último

Fig. 17: Painel central da rocha 44 da Foz do Côa (foto de Mário Reis).

subpainel, surge o que poderão ser dois quadrúpedes, embora de feitura sumária e disforme, associados a um conjunto de traços, destacando-se um signo triangular invertido com linhas paralelas a saírem de dois dos lados, com algumas semelhanças com os signos paleolíticos do Vale de José Esteves 16.

No topo da *rocha 53* foram desenhados três quadrúpedes a contorno sinuoso (Fig. 18). Acima, surge o primeiro disposto diagonalmente para a esquerda. Parcialmente sobreposto, surge outro, mais retilíneo, onde patas e orelhas se confundem, mas que

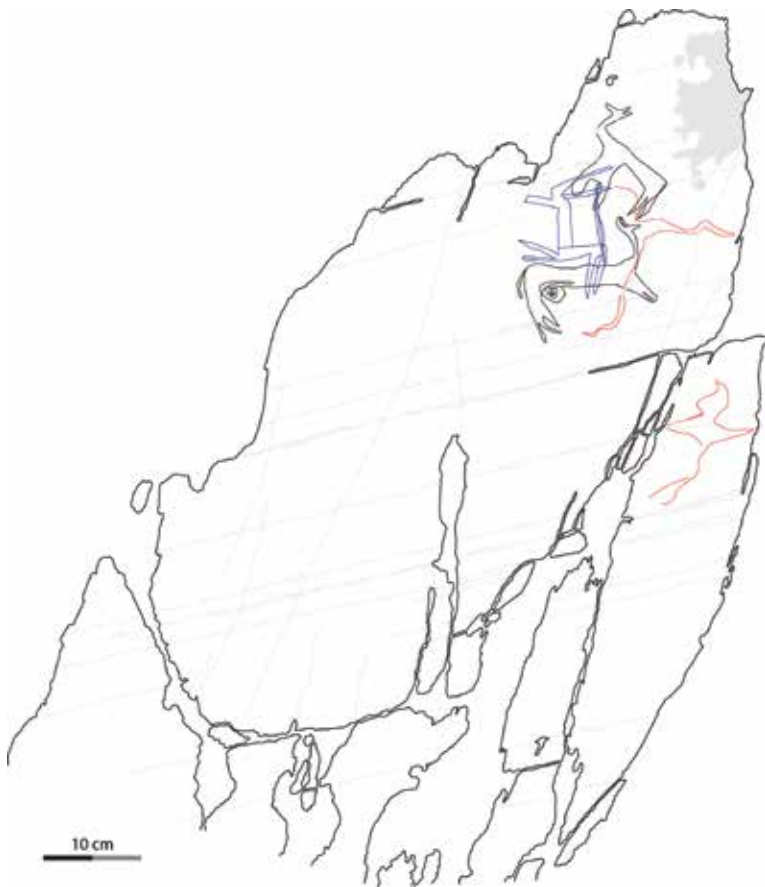


Fig. 18: Rocha 53 da Foz do Côa.

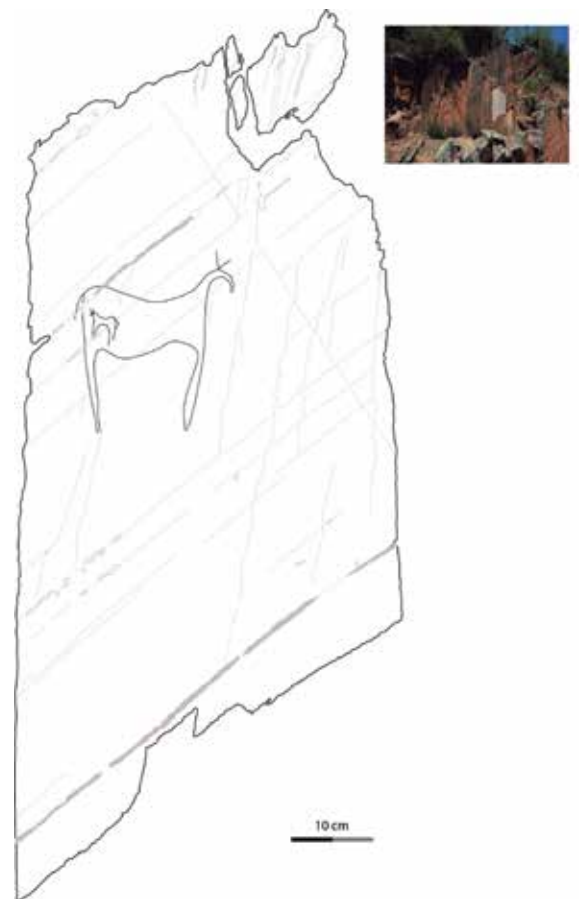


Fig. 19: Painel central da rocha 67 da Foz do Côa (foto de Mário Reis).

parece estar voltado também para a esquerda, com grandes orelhas atiradas para trás, patas dianteiras projetadas e eventualmente uma cauda levantada. Com posição oposta, surge o terceiro, também com cauda comprida, provido de um signo espiralado na zona inguinal, provavelmente sugerindo o sexo. Compartilhando o espaço com estas figuras, identifica-se um conjunto de traços que poderão conformar o que resta da metade esquerda um antropomorfo com braços na horizontal. Mais clara será uma figura do mesmo tipo localizada abaixo à direita, que sugere este mesmo tipo de figura, com paralelos na arte do Côa.

O painel central da *rocha 67* apresenta apenas duas figuras (Fig. 19). A maior surge voltada para a direita, com contornos abertos, em perfil absoluto, com exceção das duas orelhas lineares em V. O focinho conforma uma espécie de curta tromba pendente. No interior desta figura, junto aos quartos traseiros, surge uma figura mais pequena, em tudo semelhante, disposta no sentido oposto. A localização, tamanho e semelhança estilística entre as figuras parece sugerir uma cena de gestação animal, com paralelos, por exemplo, na arte rupestre de Jiepmaluokta/Hjemmeluft (Alta, Noruega), onde surge entre renas, alces e ursos (Sveen, 2001, 41, 44 e 45).

O painel esquerdo da *rocha 92* apresenta apenas a representação de um signo circular, preenchido por um conjunto de segmentos de reta com semicírculos adossados, em forma de “phi”, o que, por si só, não garante uma determinação cronológica (Fig. 20).

A *rocha 93* apresenta uma cena envolvendo dois antropomorfos e um quadrúpede (Fig. 21). O animal surge acima, voltado para a direita, com contornos

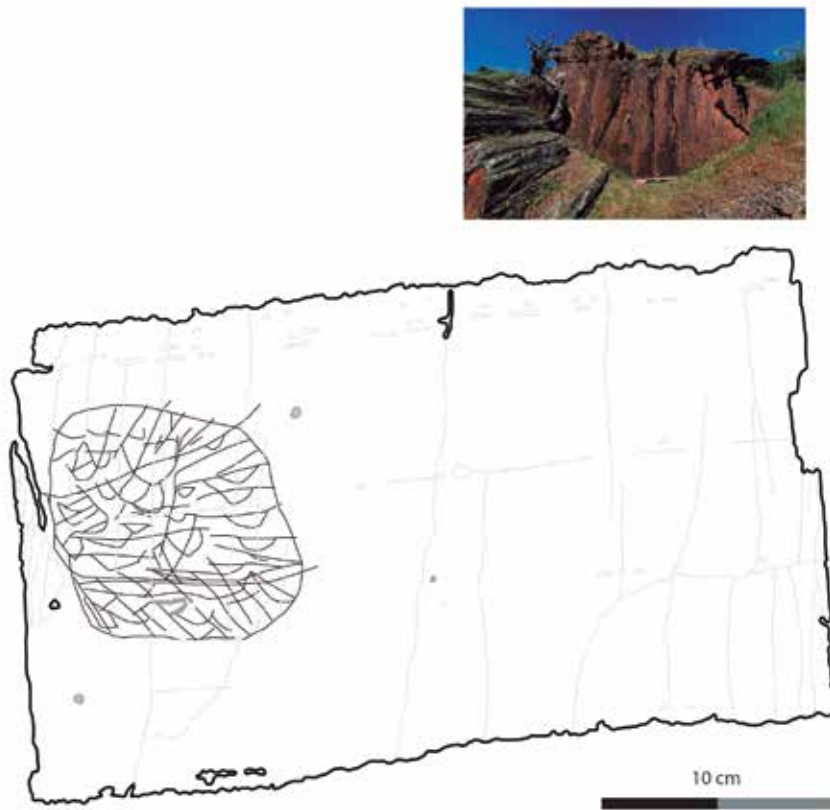


Fig. 20: Painel esquerdo da rocha 92 da Foz do Côa (foto de Mário Reis).



Fig. 21: Rocha 93 da Foz do Côa.



Fig. 22: Rocha 95 da Foz do Côa.

angulosos, pescoço curto, grandes orelhas, cauda e uma pata por par. Sobreposto, surge um dos dois antropomorfos, que seguem o mesmo modelo, figurados em vista frontal, pequena cabeça sem pescoço, com semicírculo no seu lado esquerdo (orelha, nariz?), braços dispostos ao longo do corpo, com duas lanças com ponta para baixo e pernas arqueadas. O de baixo é mais detalhado, com representação filiforme de dedos, couraça reticulada no tronco e escudo circular, em perspectiva frontal, definido por linhas circulares concêntricas, cortadas por linhas diametrais. No meio das pernas prolonga-se uma linha, com uma forma subcircular na ponta, interpretada como falo. Na zona do peito surge ainda um conjunto de linhas que poderia ser interpretado com os quartos traseiros de um quadrúpede (?) ou uma ponta de lança com cabo dobrado.

Na *rocha 95* figuram 6 quadrúpedes, possivelmente cavalos, em perfil absoluto, com definição de contorno da coxa, grandes orelhas levantadas e caudas compridas (Fig. 22). Os três de cima voltam-se para a esquerda e os restantes para a direita, dois deles seguindo-se. O situado mais abaixo tem uma longa cauda desproporcionada e uma cabeça resultante de uma gravação sumária. Completa o painel um conjunto de linhas.

Da *rocha 134* conhecemos apenas a representação de um conjunto de linhas horizontais sinuosas, à maneira de uma escrita cursiva, sem verdadeiramente conseguirmos interpretar o seu sentido (Fig. 23). Este tipo de representações surge em várias rochas do Côa, nomeadamente em rochas como motivos da Idade do Ferro (por ex. Tudão), mas a sua cronologia é incerta, podendo ser já de cronologia histórica. À incerteza cronológica acresce a particularidade de se encontrar gravado numa superfície horizontal.

O painel central da *rocha 139* apresenta uma cena com 6 zoomorfos, provavelmente cavalos, todos voltados para a direita e com alguma variedade estilística (Fig. 24). Duas das figuras surgem montadas, mas apenas uma datará da Idade do Ferro. O cavaleiro de cima transporta lança na mão esquerda e segura umas rédeas em ziguezague na direita, O cavalo é macho, tem crina e um signo circular raiado na coxa (escudo?). Sobre põe-se a estas figuras uma grande representação de cavalo em posição de salto. Mais abaixo, surge uma outra representação de cavaleiro, com duas rédeas filiformes, de feitura muito distinta, com toda a probabilidade um acrescento mais recente, pela diferença estilística e natureza do traço. Estas figuras estão cercadas por uma linha circular, sugerindo um cercado. Acima, cortando-a, surgem duas outras linhas circulares concêntricas, cortadas por segmentos de reta paralelos, que lhe são perpendiculares e uma terceira linha interna, na zona em que se sobrepõem à grande “cerca”.

A *rocha 145* apresenta cinco figuras zoomórficas (Fig. 25). No centro do painel surge a figura de javali macho, cuja interpretação é facilitada pela crina no dorso, presas e cauda enrolada. A figura apresenta uma perspectiva torcida, com patas em corpo vistos de perfil e presas e olhos em perspectiva zenital. Abaixo, surge um veado esquemático, identificado pelas hastes ramiformes. Entre ambos, surge representado um motivo falciforme e um retângulo cortado por uma linha oblíqua. Acima, à direita, surgem três outros quadrúpedes também voltados para a esquerda, de feitura semelhante: perfil absoluto, contornos simples abertos, cauda e orelhas filiformes. A cauda da figura do meio pende em semicírculo sobre o dorso do animal.

A *rocha 148* divide-se em múltiplos painéis (Fig. 26). No painel central figura um belo cavalo, voltado para a direita, em pleno salto, com coxa contornada. No painel



Fig. 23: Detalhe da rocha 134 da Foz do Côa (foto de Mário Reis).



Fig. 24: Rocha 139 da Foz do Côa.



Fig. 25: Rocha 145 da Foz do Côa.

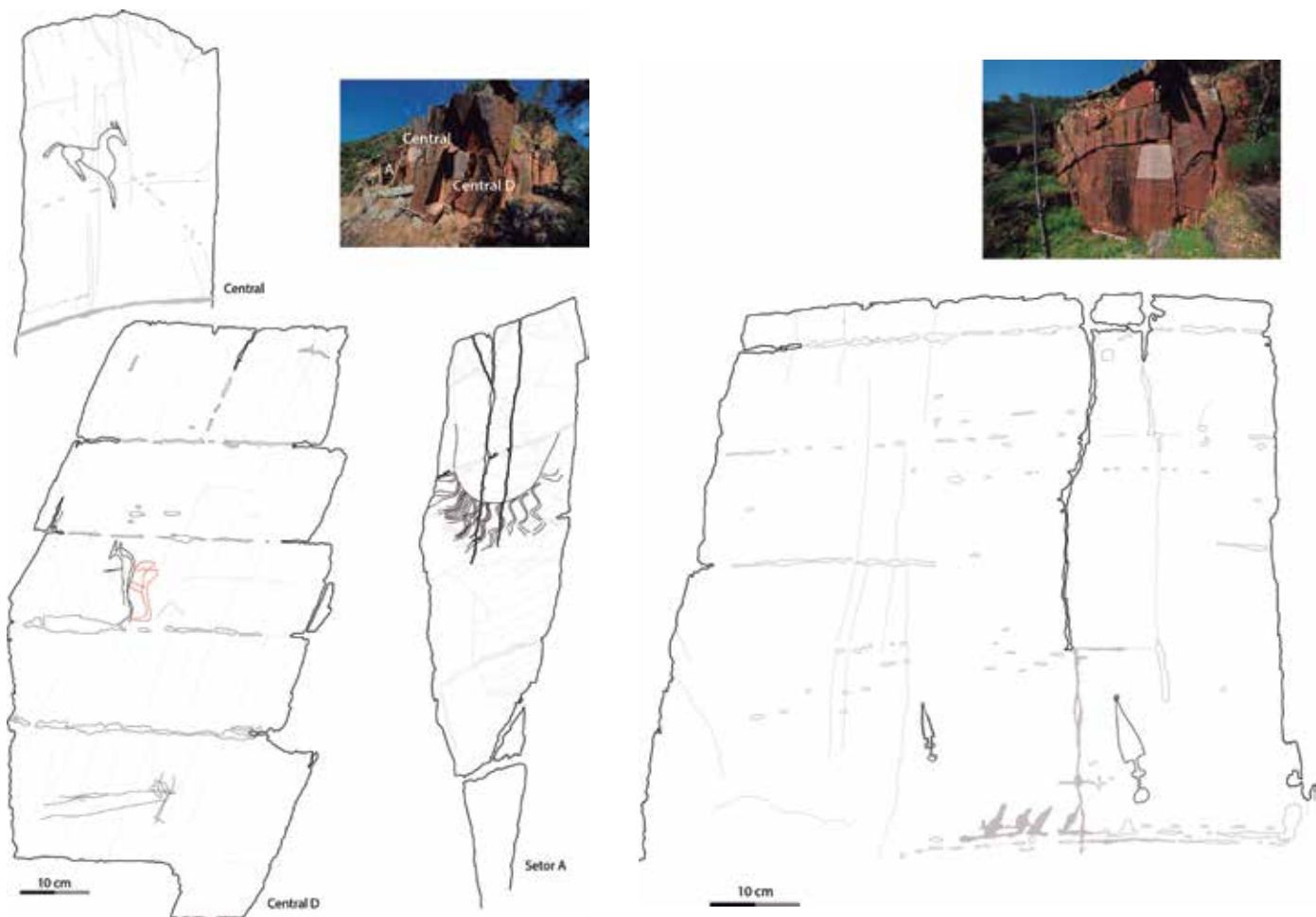


Fig. 26: Painéis central, central D e setor A da rocha 148 da Foz do Côa (foto de Mário Reis).

Fig. 27: Painel esquerdo central da rocha 150 da Foz do Côa (foto de Mário Reis).

central D surgem duas figuras, uma atrás da outra, voltadas para a esquerda, de perfil. Na de trás distingue-se o pé, costas com “corcunda”, pescoço e cabeça humanóide. A figura da frente, parece também antropomórfica, embora não se distinga o pé ou braços, tendo uma cabeça zoomórfica, com orelhas e focinho e umas “costas” arqueadas. As duas figuras surgem ligadas por duas linhas retas oblíquas, que partem da zona inguinal da figura de trás, até meio da traseira da figura da frente. Poder-se-á tratar de uma cena de coito posterior, à semelhança da cena de Vale de Cabrões 3, embora a cabeça zoomórfica da figura da frente possa remeter para a representação de um cavalo, apresentando apenas os quartos dianteiros, com o suposto falo a representar a parte dianteira do dorso. Neste caso, tratar-se-ia de um cavaleiro. Finalmente, executou-se o levantamento do setor A desta rocha, tendo em conta a existência de umas representações que inicialmente se suspeitara serem representações femininas esquemáticas paleolíticas. O decalque provou ser um conjunto de linhas em ziguezague que se relacionam com uma linha semicircular, à maneira de um colar. Estilisticamente, nada nos garante que esta representação date do período que nos ocupa.

O setor central do painel esquerdo da *rocha 150* apresenta dois punhais bidiscoidais embainhados (Fig. 27), o que é confirmado pela presença de um círculo da extremidade distal, representando a contera (KAVANAGH DE PRADO, 2008). Ambos foram desenhados a contorno linear, duplicado no exemplar da esquerda, no que se assemelha às falcatas do Vale da Casa 6.



Fig. 28: Rocha 152 da Foz do Côa.



Fig. 29: Rocha 153 da Foz do Côa.

A *rocha 152* apresenta ao cimo uma figura que se assemelha a um cavalo voltado para a direita, com contornos sinuosos (Fig. 28). O dorso e os quartos traseiros são contornados por uma linha em ziguezague arredondado, formando um motivo raiado. Junto às patas dianteiras, surge um outro motivo retangular com ângulos arredondados e linhas paralelas internas. Mais abaixo, surge outro motivo sinuoso, quase que arboriforme. Entre estes motivos, foi representado um cavalo voltado para a direita, identificado pelo pescoço e focinho, em perfil absoluto, corpo e membros retilíneos abertos e sem cauda, semelhante ao cavalo do painel direito da Quinta das Tulhas 2.

A *rocha 153*, já anteriormente publicada (LUÍS, 2016, 65), apresenta uma interessante cena, disposta como que de uma estela se tratasse, conformando-se aos limites do painel (Fig. 29). O topo é ocupado por um cavaleiro montado num cavalo macho, segurando duas rédeas em ziguezague com a mão esquerda e, na direita, uma

grande lança curva. Da cauda do cavalo sai uma linha fechada que desce até meio do painel, enquadrando cinco figuras. Abaixo do cavalo, surge uma figura humana deitada com os braços levantados. Por baixo, tem um cavalo com a cauda curvada sobre o dorso, olhando para trás (para a figura humana?). À sua frente, surge um quadrúpede semelhante, disposto obliquamente para a esquerda. Abaixo, novo cavalo, seguido de um quadrúpede com a cabeça baixa, boca aberta e cauda levantada, posição que poderá sugerir tratar-se de um canídeo. Do lado esquerdo da linha que desce desde a cauda do cavalo macho, surge outro quadrúpede em perfil absoluto. Já abaixo do motivo vertical que sai da cauda do cavalo macho, surge outro cavalo, com grande cauda horizontal, da qual sai perpendicularmente novo motivo vertical fechado, muito semelhante ao anterior. À frente deste cavalo, surge novo macho, agora retrospectivo. Mais abaixo, uma figura zoomórfica angulosa, com grandes orelhas e cauda horizontal. A figura de ave junto à sua boca será de cronologia mais recente.

O *painel central da rocha 177* foi já parcialmente publicado (LUÍS, 2016, 65). Trata-se de uma cena de caça ao veado, com dois cavaleiros armados de lança e rédeas em ziguezague, desta feita providos de pernas, que perseguem um veado macho com hastes arboriformes (Fig. 30). O veado encontra-se trespassado por uma lança e, no seu peito, surge um motivo oblongo realizado por contorno, com nervura central. Acima, dois quadrúpedes de grandes orelhas, um deles com cauda curta, presumivelmente corça, também trespassado por lança, são perseguidos por três antropomorfos apeados, armados de lança, um deles com *caetra*. A figura do seu lado esquerdo apresenta longos braços, com os antebraços erguidos na vertical e nariz pontiagudo. Acima, à direita, um antropomorfo mais esquemático, em forma de vulto, igualmente com nariz pontiagudo e uma simples linha representando a lança. Para a esquerda do painel,



Fig. 30: Painel central da rocha 177 da Foz do Côa (foto de Mário Reis).



Fig. 31: Painel central e direito da rocha 181 da Foz do Côa. (foto de Mário Reis.)

atrás de toda esta cena, surge isolado um quadrúpede em perfil, com duas grandes orelhas.

O painel central da *rocha 181* (LUÍS, 2016, 67) apresenta um conjunto complexo de zoomorfos e signos geométricos (Fig. 31). Em cima, à esquerda, surge um quadrúpede voltado para a direita, com grandes orelhas, corpo e membros retilíneos abertos e cauda filiforme. O dorso apresenta-se decorado por duas séries de linhas paralelas verticais que cercam um motivo em X. Ao lado, surgem mais algumas linhas, num dos casos cruciforme. A zona central do painel apresenta um motivo em forma de “cruz grega”, desenhado a contorno arredondado com nervura central. Abaixo, uma figura trapezoidal com reticulado oblíquo. À esquerda, junto ao limite do painel, um conjunto de linhas horizontais paralelas, cortadas por dois traços verticais no lado direito e uma linha em ziguezague. Abaixo, surge um motivo escutiforme dentado (com *escotadura*), desenhado por linhas concêntricas. No seu interior,

foram representados, pelo menos, 5 zoomorfos, todos voltados para a direita. Em cima, surge uma figura de longo dorso decorado com ziguezague, patas curtas, pescoço comprido e comprida boca aberta. Abaixo, um outro semelhante, apesar de a decoração dorsal estar ausente, possuir duas orelhas e ser desprovido de patas dianteiras. Esta característica, que é comum na arte desta época (por ex. Vale de José Esteves 16), deriva da forma de construção destas figuras, definidas por linhas contínuas que vão desde as patas traseiras até à cabeça, sendo as patas dianteiras acrescentadas num segundo momento, através de duas linhas paralelas. Esse mesmo modelo segue as 3 figuras de baixo, com a diferença de apresentarem efetivamente as patas dianteiras. A que se encontra mais à esquerda apresenta uma decoração dorsal inversa à da primeira figura descrita. Aqui, uma banda de linhas verticais paralelas é ladeada por dois retângulos com decoração em X. Para a esquerda surge um outro motivo reticulado, sem limites definidos, um signo composto por duas linhas em ziguezague entrecruzadas e outra figura subretangular preenchida com linhas oblíquas. Mais abaixo, dois outros motivos retangulares com decoração

interna, à esquerda, composta por linhas paralelas verticais, parcialmente preenchidas por séries de linhas oblíquas paralelas e à direita por uma área reticulada reta, oblíqua e zigzagues paralelos. O *painel direito* desta rocha apresenta simplesmente uma figura, muito semelhante às do painel central, com a boca aberta, um corpo mais longo e uma cauda exageradamente longa. O dorso apresenta um motivo raiado.

2.2.8. MEIJAPÃO (ORGAL, V.N. DE FOZ CÔA)

Tratar-se-á, como atrás vimos, do primeiro núcleo com arte sidérica identificado nas margens do Côa, logo em 1993. Situa-se no início de um vale cortado por um curso de água que desce desde a superfície da meseta até à margem direita do rio Côa, a 2,5 km da foz do rio, nas imediações da área onde decorriam os trabalhos da barragem. O núcleo é composto por 4 painéis gravados, 3 dos quais com motivos atribuídos à Idade do Ferro.

Destes, realizou-se o decalque parcial da *rocha 1* (Fig. 32).⁷ Nele, dispostos para a direita, identificam-se três antropomorfos e cinco zoomorfos. Acima, identifica-se um cavaleiro, segurando uma rédea reta na mão esquerda e uma lança com ponta na direita. Entre este e o cavalo, com coxa contornada, surge um outro antropomorfo com lança na mão direita erguida um corpo “bidiscoidal” e sem membros inferiores, com algumas semelhanças com os antropomorfos da Broeira 3. A figura maior, no centro da composição, representa um segundo cavaleiro, com cabeça circular, com uma grande lança na mão direita e a esquerda segurando duas rédeas em zigzague. Tanto este, como o terceiro cavalo, situado entre ambos os cavaleiros – em tudo semelhante ao grande cavalo, com a exceção de não estar montado –, apresentam as patas projetadas para diante.

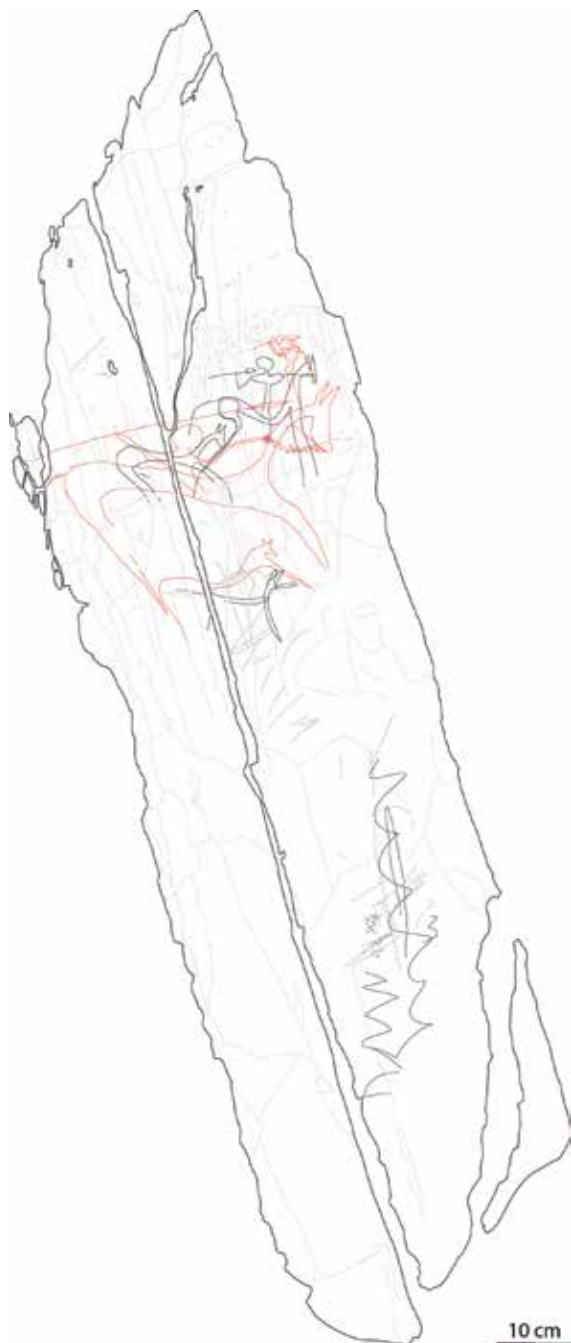


Fig. 32: Rocha 1 do Meijapão.

7 - O conjunto de painéis da Idade do Ferro deste núcleo encontra-se em estudo por Helena Soares, no âmbito do projeto RARAA – Repositório de Arte Rupestre em Acesso Aberto, financiado pela Fundação Ciência e Tecnologia (BOTICA, LUÍS, & SILVA, 2022).

Um pouco abaixo deste conjunto surge um quarto quadrúpede, igualmente com contornos sinuosos, duas grandes orelhas e patas projetadas para diante. Distingue-se dos precedentes pelo pescoço curto, que dificulta a sua interpretação como cavalo. Mais abaixo, surge o quinto quadrúpede de estilo mais anguloso, igualmente com duas orelhas, mas de focinho aberto. Um conjunto de traços completa o painel, com especial destaque para três linhas paralelas verticais em ziguezague.

2.2.9. MOINHOS DE CIMA (V.N. DE Foz CÔA)

Este núcleo situa-se num pequeno vale que desce a encosta da margem esquerda do Côa, desde o planalto até ao rio, a cerca de 1,5 km da foz. Identificado em 1997 (REIS, 2012a, 14), num total de 27 painéis, este conjunto apresenta 15 rochas com motivos atribuídos ao período que nos ocupa.⁸

8 - A estes, ter-se-ão de acrescentar os motivos que se encontram submersos, nomeadamente os históricos, relacionados com os moinhos, hoje submersos.

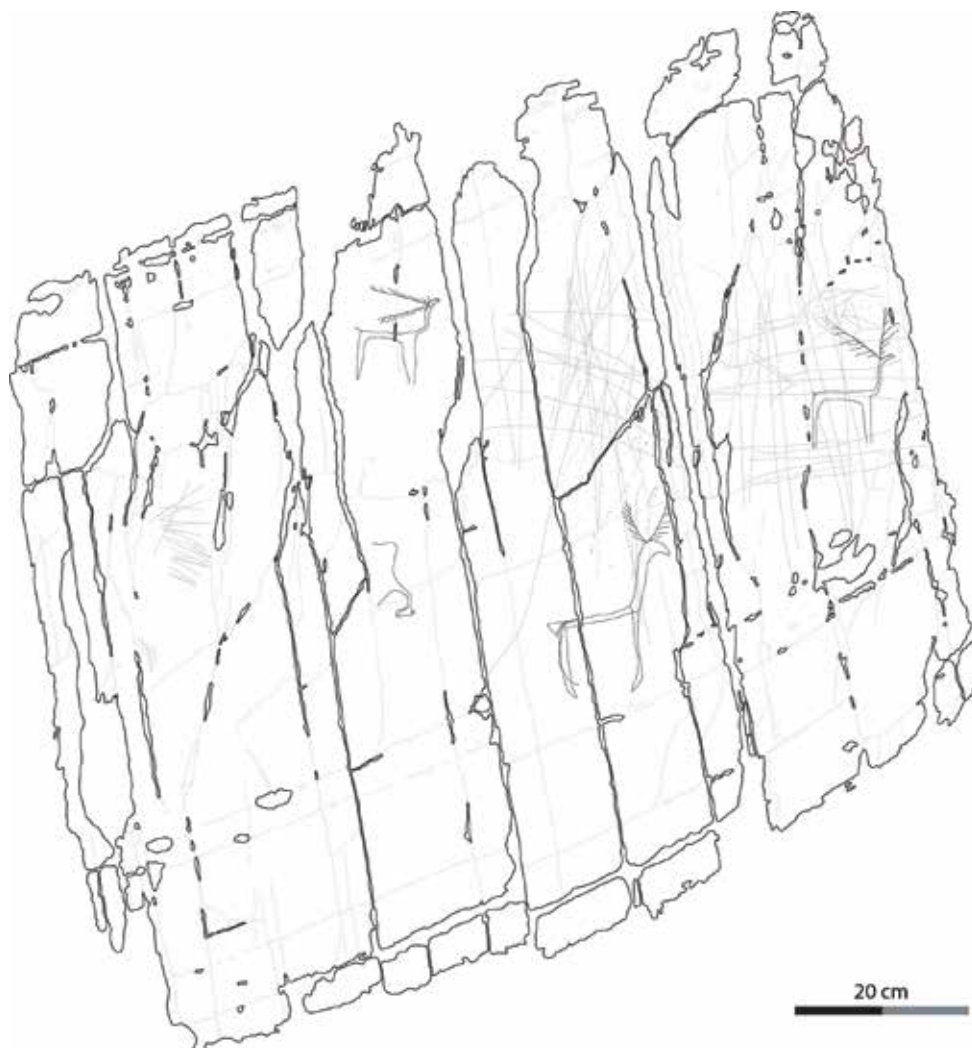


Fig. 33: Rocha 7 dos Moinhos de Cima.

A *rocha 7* apresenta três representações de cervídeos voltados direita, com grande semelhança formal (Fig. 33). Na extremidade direita do painel, surge o primeiro, com duas hastes ramiformes em V, corpo desenhado por contorno em perfil absoluto, com patas abertas, pescoço comprido, cabeça ligeiramente erguida e cauda linear, também erguida. Situa-se no interior de um conjunto de linhas reticuladas retas. O segundo, em cima à direita, é em tudo semelhante, com a exceção de apresentar a cabeça mais levantada, como que em brama, e, a acrescentar às hastes, apresenta duas linhas em V na cabeça, interpretáveis como orelhas ou estoques. Entre os dois veados, surge um segundo reticulado. Abaixo dele, ao centro, localiza-se o terceiro veado, de maior tamanho, mas feitura menos conseguida. Os membros e o dorso foram desenhados com linhas distintas fechadas, que se cruzam, assim como a cauda. As hastes são semelhantes, mas de menor tamanho. Para a sua esquerda, abaixo do veado bramante, surge um quarto zoomorfo, possivelmente cavalo, voltado também para a direita, mas de cabeça para baixo. Os bordos interiores das patas e o ventre estão ausentes. Na zona esquerda deste painel, que não foi objeto de decalque, surge um pequeno pássaro, com crista em forma de coroa, de cronologia moderna.

2.2.10. OLIVAL DOS TELHÕES (ALMENDRA, V.N. DE FOZ CÔA)

O sítio do Olival dos Telhões (CNS 10879) foi objeto de escavações entre finais da década de 1990 e os primeiros anos do novo milénio, que incidiram sobre a zona *rustica* de uma *villa* romana. Localiza-se a mais de 10 km da foz do Côa, para montante, a cerca de 1,5 km da margem esquerda do Douro, no sopé do Monte do Castelo, tradicionalmente identificado com a antiga *Caliabriga* (CNS 1649), cujo topónimo denuncia uma origem pré-romana (LUÍS, 2008). Durante estes trabalhos, foi identificada uma placa de xisto gravada (Fig. 34), no interior de um muro, em contexto já datado da Alta Idade Média (COSME, 2008).

Apresenta quatro zoomorfos voltados para a direita, todos realizados por contorno, mais ou menos sinuoso, em perfil absoluto, com apenas uma orelha e extremidades das patas abertas. Num plano de cima, situa-se a figura mais pequena, que apresenta cauda linear comprida. Abaixo, sobrepõem-se as restantes, de tamanho maior, muito semelhantes, com paralelos na arte parietal, como por exemplo, no setor

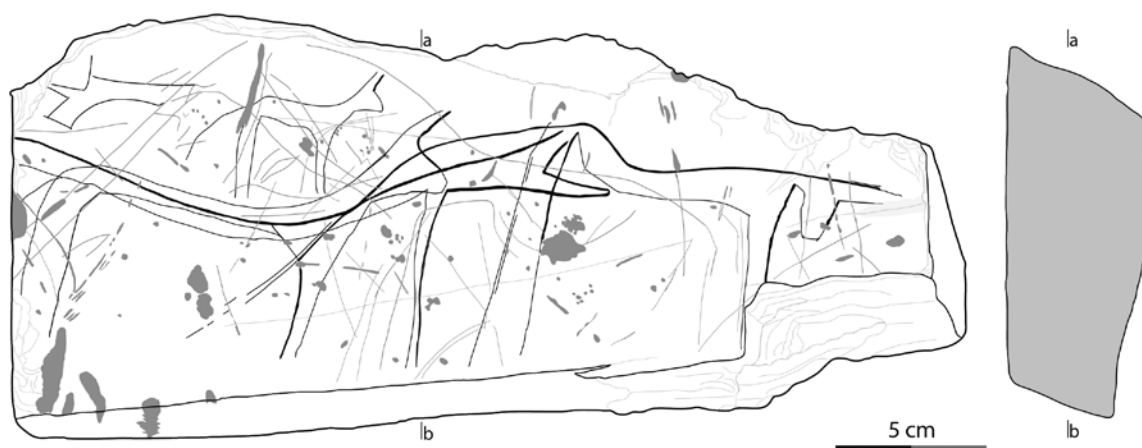


Fig. 34: Placa do Olival dos Telhões.

direito da Bulha 30 ou na Foz do Côa 145. A da esquerda é muito semelhante à de cima, assim como a da direita (embora com a cabeça baixa), enquanto a do meio é de feitura mais sumária, com um focinho que se confunde com a orelha, à semelhança do painel C da Azenha 3. Acresce ainda um conjunto de linhas, de que não se vislumbra sentido. As representações conformam-se à forma da superfície de xistosidade do bloco, com a exceção dos quartos traseiros do maior zoomorfo, que é interrompido por uma diáclase.

2.2.11. PAÇO (V.N. DE FOZ CÔA)

Já os dois blocos do Paço, foram identificados em 2006, de forma fortuita (REIS, 2013, 15), numa área conhecida pelos vestígios materiais de época romana à superfície (LEAL, 1886; CNS 11044), localizada no sopé da encosta norte do antigo castelo de Vila Nova de Foz Côa.

A *placa 1* apresenta um elaborado conjunto de figuras gravado na superfície da xistosidade (Fig. 35). Se a área esquerda e superior está totalmente preservada, verificam-se perdas nas representações da zona direita e inferior do bloco. A figura central é um cavaleiro voltado para a esquerda, erguendo uma lança com duas pontas (conto e lâmina), segurando na mão direita uma rédea em zig-zague. Note-se a representação de uma perna em perfil absoluto, algo que não é muito frequente nos cavaleiros do Côa. O cavalo de cauda comprida, desenhado em contorno sinuoso linear, apresenta um elegante pescoço, duas orelhas, quatro patas projetadas para diante e uma decoração interna meandriforme, com discriminação da coxa. Com decoração semelhante, surgem duas figuras, acima e atrás, bastante semelhantes entre si. Apresentam o mesmo tipo de decoração do cavalo, mas têm caudas curtas e apenas uma pata por par. A maior delas está retrospectiva, com o focinho tocando na figura menor, que surge sobre o seu dorso. Poder-se-á tratar de uma cena maternal entre cervídeos. Abaixo, logo atrás do cavalo principal, surge uma figura humana apeada, de pernas fletidas, segurando, com a mão esquerda, a extremidade distal de uma grande lança voltada para cima e, com a mão oposta uma linha que se projeta para baixo da área preservada. As restantes figuras encontram-se incompletas. Atrás do peão, surge um segundo cavaleiro, reduzido à zona

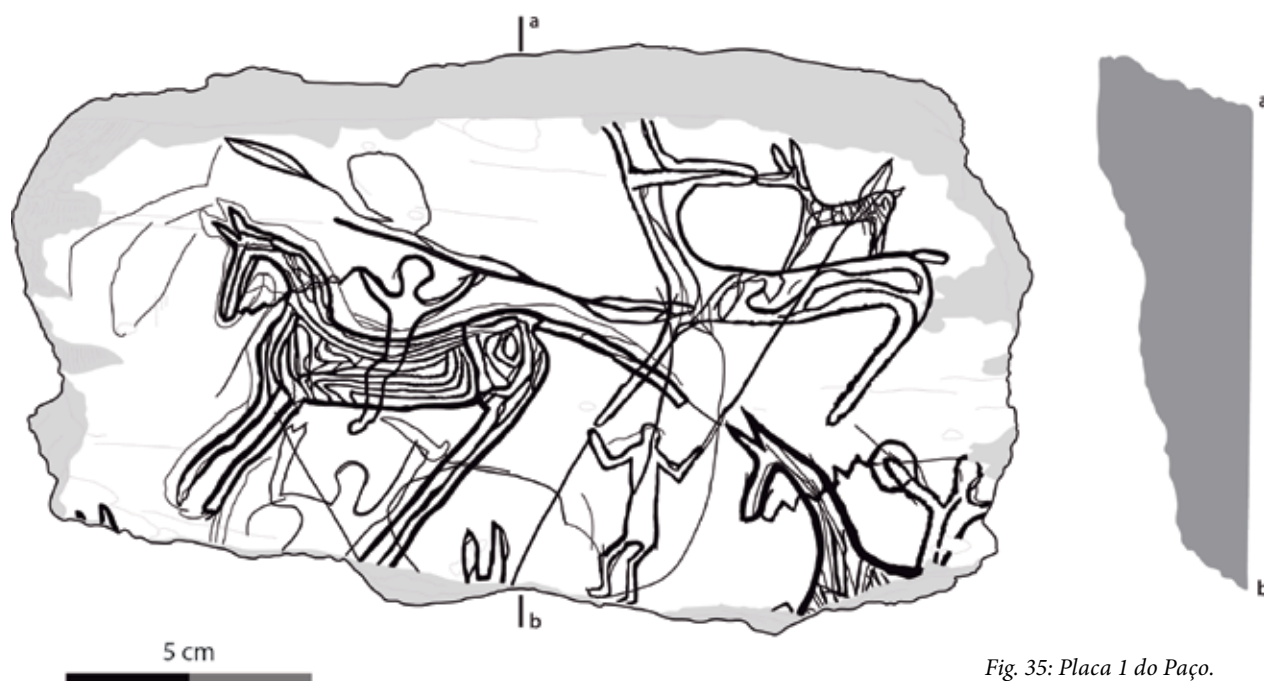


Fig. 35: Placa 1 do Paço.

anterior. Do cavalo, restam a cabeça, pescoço e zona dianteira do dorso, desenhado por contorno profundo e interior decorado de forma semelhante às figuras anteriores. O cavaleiro apresenta-se de braços abertos, segurando na mão direita um escudo circular e as rédeas em ziguezague, enquanto a mão esquerda se encontra perdida. Por baixo do outro cavaleiro surge o quarto antropomorfo, reduzido à parte superior do tronco, com braços erguidos, segurando na mão esquerda um punhal, ou falcata. Nenhum dos antropomorfos apresenta decoração interna. Na zona inferior da placa, identifica-se ainda dois pares de orelhas de duas figuras zoomórficas perdidas. A segunda placa apresenta apenas uma linha em ziguezague cortada por fratura, numa das suas extremidades.⁹

2.2.12. PENASCOSA (CASTELO MELHOR, V.N. DE FOZ CÔA)

Com 40 painéis gravados, o núcleo de arte da Penascosa é um dos mais importantes da arte paleolítica do Côa. No entanto, apenas em dois, ou três, se identificaram motivos atribuíveis à Idade do Ferro. O sítio localiza-se em trono de uma praia fluvial, na margem direita do Côa, a mais de 8 quilómetros da foz. Foi identificado em 1995, a partir de informações de Adriano Ferreira (ZILHÃO, 2004, 169).

A *rocha 14* foi a primeira, e única, da Idade do Ferro a ver o seu decalque integralmente publicado no primeiro inventário da arte do Côa (BAPTISTA & GOMES, 1997, 406). Apresenta apenas uma figura de quadrúpede voltado para a direita, com cauda curta, representada por duas linhas curvas, em perfil absoluto, longo pescoço e três linhas que saem da zona da boca (Fig. 36). O seu dorso encontra-se decorado por um reticulado oblíquo (ver Foz do Côa 181 central) e nervura central

9 - https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3197/3197.pt.jpg

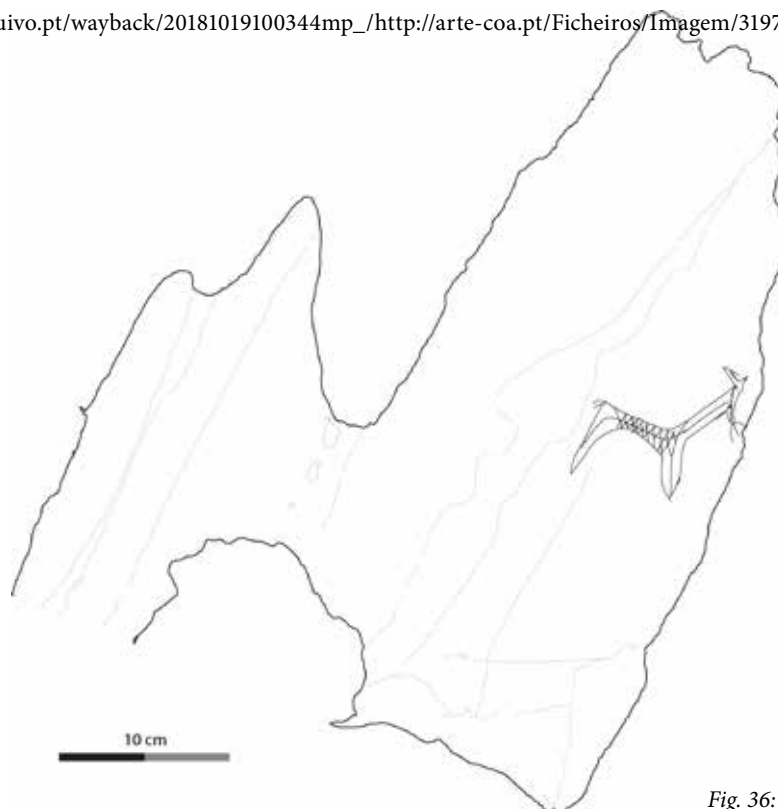


Fig. 36: Rocha 14 da Penascosa.

em toda a figura (patas, dorso e cabeça).

A *rocha 20* apresenta um punhal disposto obliquamente para baixo, com punho ondulado (bidiscoidal?), pomo definido por duas linhas preenchidas por uma fila de segmentos de reta paralelos e lâmina (ou bainha), marcada por duas nervuras convergentes (Fig. 37). Para a direita, surge um reticulado com ângulos oblíquos. Finalmente, refira-se ainda a *rocha 24*, que apresenta a originalidade de ser uma superfície horizontal, onde figuram duas representações aviformes (Fig. 38). Na de baixo

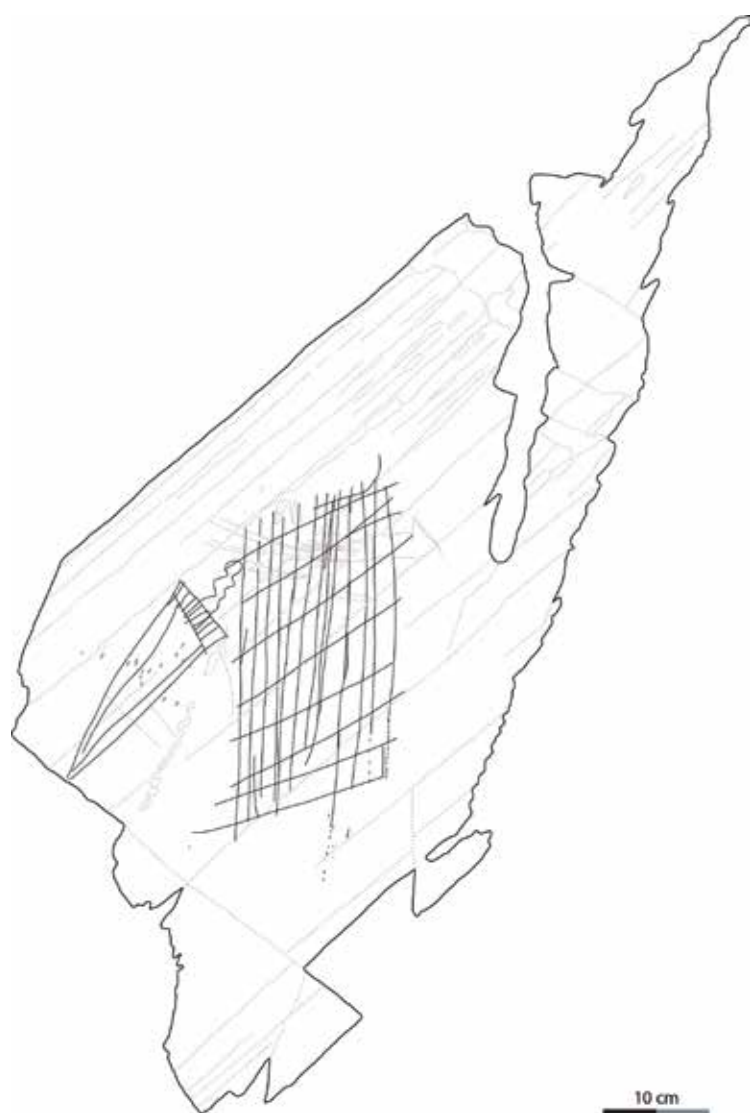


Fig. 37: Rocha 20 da Penascosa.

parcialmente levantado, figuram pelo menos quatro zoomorfos completos (Fig. 40). A representação de maior tamanho é um cavalo voltado para a esquerda, com longo corpo retilíneo e longas patas, representado em perfil absoluto. Apresenta um longo e curvo pescoço e duas orelhas asininhas. A cauda é curta e em vassoura. A sua natureza equina é tornada evidente pela presença de uma linha de rédeas em ziguezague e o seu sexo por uma linha oblíqua que parte da zona inguinal. Não se identifica qualquer figura de

nota-se as penas caudais, duas patas filiformes, uma cabeça com bico eventualmente aberto. O corpo é preenchido com um reticulado oblíquo. A segunda apresenta grandes semelhanças, embora o corpo seja pisciforme, nomeadamente na zona caudal. Trata-se de duas representações de difícil inserção cronológico-estilística, embora a sua decoração interna e a temática não se afastem sobremaneira da cena das aves e peixe da Vermelha 3.

2.2.13. QUINTA DAS TULHAS (ORGAL, V.N. DE FOZ CÔA)

Núcleo identificado em 1994 (REIS, 2012a, 10), situado na margem oposta do núcleo da Foz do Côa, com os seus 17 painéis orientados para NW. Doze deles apresentam representações do Ferro.

A *rocha 1* encontra-se semissubmersa e apresenta uma pala que cobre a superfície gravada. Desse painel, conhece-se o decalque de um belo veado de corpo fino, retilíneo, com grandes hastes arboriformes, pequena cabeça e patas sem extremidades (Fig. 39).

No *painel direito* da *rocha 2*,



Fig. 38: Rocha 24 da Penascosa.

cavaleiro. À sua frente, surgem três outros quadrúpedes definidos por contornos retilíneos, orelhas e caudas lineares e extremidades das patas abertas. O único que se encontra com a mesma direção do cavalo tem as orelhas filiformes em V (ver painel central da Foz do Côa 67), enquanto os outros dois, em direção oposta, apresentam orelhas verticais igualmente filiformes, com grandes semelhanças estilísticas com as figuras do Olival dos Telhões. Entre as pernas do grande cavalo, surge um signo desenhado a contorno anguloso contínuo, com uma forma que sugere um perfil humano com grande nariz e nuca reta. Para a direita, surgem dois conjuntos que recordam duas figuras zoomorfas incompletas retilíneas. O mesmo sucede para cima e à direita do cavalo com rédeas, onde duas linhas poderão ser o que resta dos quartos traseiros de um quadrúpede que segue o mesmo modelo das restantes figuras presentes no painel. O conjunto de representações deste painel termina com duas grandes linhas

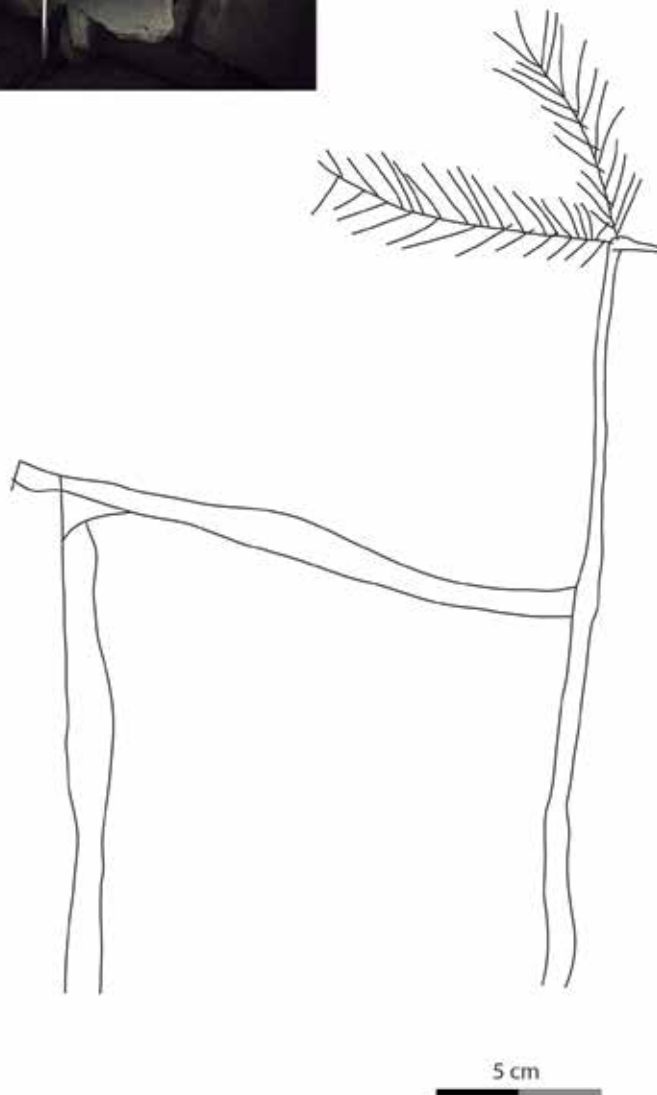


Fig. 39: Quinta das Tulhas 1 (foto de Mário Reis).

paralelas em ziguezague ondulado, dispostas na vertical.

O *painel central direito* apresenta, entre outras linhas, um complexo signo geométrico em forma de losango dividido em quatro áreas, preenchidas com linhas oblíquas paralelas, dispostas a cerca de 45 graus, formando rombos concêntricos. Na zona esquerda, essas linhas oblíquas fazem um ângulo, tornando-se verticais, preenchendo assim o espaço vazio da metade das duas quadrículas da direita, enquanto as da esquerda são deixadas em branco.

O *painel central esquerdo* apresenta, da esquerda para a direita, um conjunto de linhas raiadas, enquadradas por um quadrilátero. No meio de um conjunto de linhas de difícil interpretação, surge, a meio do painel, um cavalo voltado para a esquerda, com patas em perfil absoluto projetadas para diante, pescoço longo e curvo, duas orelhas em W invertido e dorso retilíneo. No meio de um emaranhado de linhas, figura um

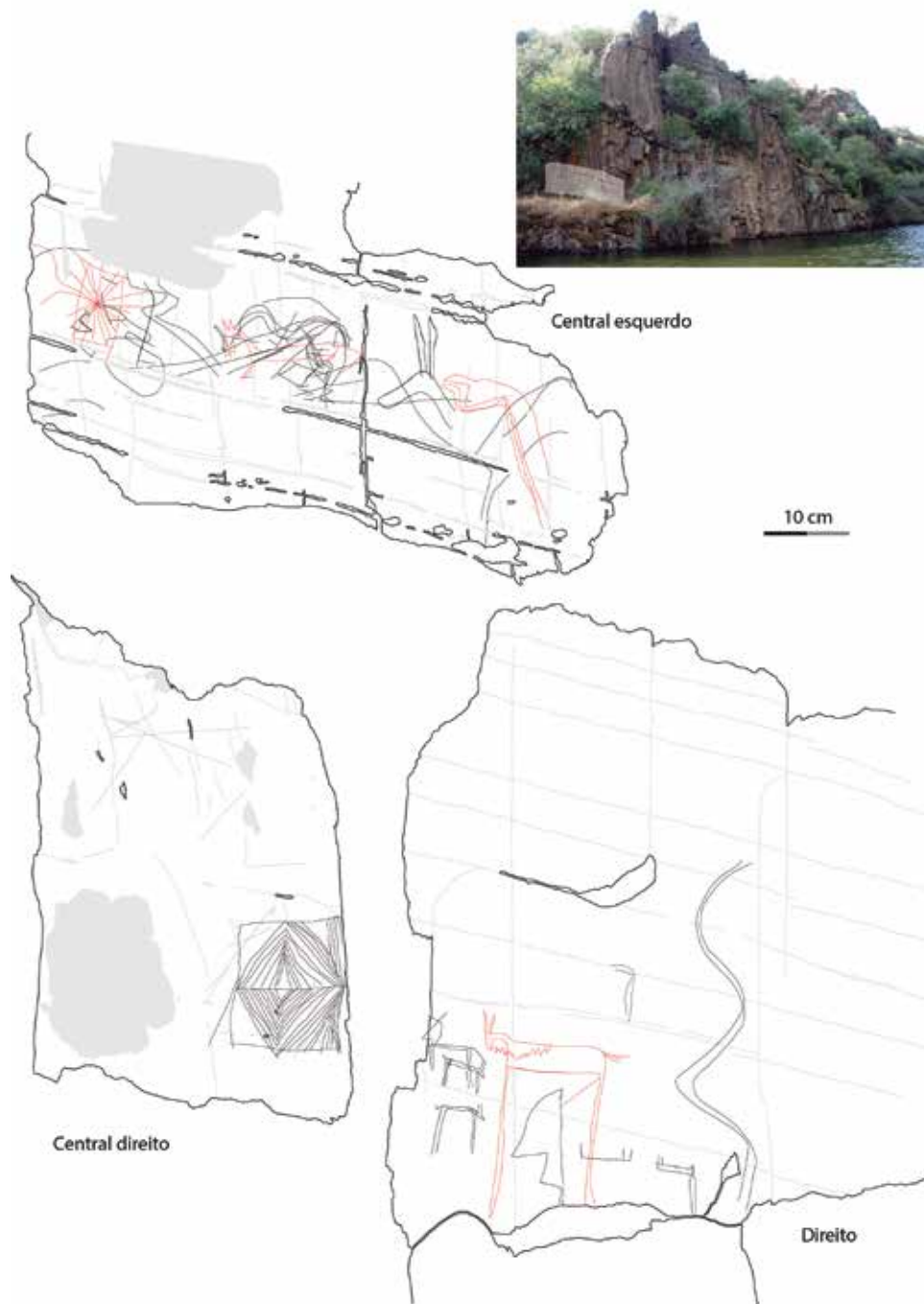


Fig. 40: Painéis central esquerdo e direito e painel direito da rocha 2 da Quinta das Tulhas (foto de Mário Reis).

conjunto de linhas curvas que poderá pertencer a outro quadrúpede com dorso sinuoso. Na zona direita do painel, está representada a cabeça, pescoço e orelhas de um mamífero voltado para a esquerda. Atrás dele, surge uma grande figura de difícil interpretação, que poderá corresponder a um longo pescoço, cabeça e bico de uma ave necrófaga.

A parte superior do setor esquerdo da *rocha 6* (Fig. 41) é preenchida por uma retícula subortogonal. Mais abaixo, surge um outro conjunto de linhas paralelas oblíquas. Da metade para baixo, o painel é preenchido por uma linha em ziguezague anguloso, disposta na vertical, conjuntamente com outros traços. O centro é preenchido por um grande conjunto de linhas, algumas das quais parecem constituir

assinaturas recentes. Salienta-se quatro reticulados, um deles conjugando uma orientação a 0 e 90°, com outra a 45°. Identifica-se ainda quatro ziguezagues verticais angulosos, e um outro, situado na parte superior do painel, largo e curvilíneo, limitado por linhas que formam uma forma sub-retangular. Refira-se ainda a presença de um signo curvilíneo que enquadra um rombo, com semelhanças com um signo do painel



Fig. 41: Rocha 6 da Quinta das Tulhas.

esquerdo do Vale de José Esteves 7. Para além de um variado conjunto de linhas, a nível figurativo regista-se a presença de um mamífero na zona superior esquerda do painel, em perfil absoluto, desenhado a contorno curvilíneo, com as extremidades de patas e cauda fechadas. A pequena cabeça com duas orelhas filiformes em V parece voltar-se para trás, num caso que poderá ter sido condicionado pela disponibilidade de espaço operativo. Acima, junto ao ziguezague curvilíneo, no interior de um retângulo, surge o que poderá ser interpretado como uma ponta de lança, com nervuras convergentes. Ao centro e em baixo, surgem duas notáveis figuras de veados, de feitura semelhante, mas distintas decorações. Os dorsos são compridos, os pescoços longos, as patas compostas

por várias linhas filiformes. As hastes são lineares, compridas, não ramiformes e de difícil perceção, pela sobreposição de traços nessa zona. Um deles encontra-se imediatamente por cima do dorso do outro, uma posição que, não fora o sexo representado no de cima, através de duas linhas e dois semicírculos concêntricos e as supostas longas hastes do de baixo, poderia ser interpretado como uma cena de cópula. O de cima apresenta uma decoração curvilínea, subparalela, enquanto o de baixo é decorado por traços reticulados. Logo ao lado direito, surge um antropomorfo em perspetiva frontal, desenhado por contorno completo curvilíneo, com pés voltados para a direita, cabeça oval, braço esquerdo na horizontal segurando o que parece ser uma lança e longo braço direito fletido sobre a cabeça. Junto a ele, surge um conjunto de outros traços que parecem conformar motivos cujo sentido não descortinamos.

No meio dos grandes reticulados, surge um zoomorfo em perfil absoluto com um longo e sinuoso pescoço. À sua altura, mas já no subpainel direito desta rocha, localiza-se uma figura humana definida por uma única linha aberta nas pernas que define o seu contorno. Apresenta uma grande cabeça subcircular e braços abertos. Na cintura apresenta quatro linhas paralelas, sugerindo um cinturão, no que se assemelha a alguns antropomorfos do Vale da Casa 10. Mais abaixo, uma cena envolvendo três figuras humanas todas em perspetiva frontal. A primeira, à esquerda, desenhada por contorno contínuo, ergue o braço direito, onde uma linha reta parece representar uma lança. O braço esquerdo está disposto na horizontal, na extremidade do qual surge um conjunto de linhas que poderão representar um escudo sumário de perfil. A cabeça subcircular parece ter como apêndice um longo nariz. Os pés estão voltados para a direita. Aí surge uma figura muito semelhante, aparentemente também com escudo e lança, mas que se apresenta em posição invertida. Por cima destas duas, numa posição central, está a terceira figura, mais esquemática, com ambos os braços erguidos sob uma grande linha reta, que poderá representar uma lança.

2.2.14. RIBEIRA DAS FORNAS (URROS, TORRE DE MONCORVO)

Localizada na margem direita do Douro, a mais de 6 km, a montante da foz do Côa, alto na vertente, sobre uma crista xistosa, a única rocha desta área foi identificada em 2008 (REIS, 2013, 48), a *rocha 1* (Fig. 42).

A zona esquerda deste largo painel encontra-se coberta por uma sobreposição de, pelo menos, 14 quadrúpedes, todos voltados para a direita. Apresentam características estilísticas variadas, desde perfis absolutos com extremidades abertas e fechadas, figuras com as quatro patas a contorno curvilíneo contínuo, até figuras lineares retilíneas. As poucas orelhas representadas são filiformes em V, e as caudas estão na sua maioria ausentes. Algumas das figuras surgem incompletas ou com contornos pouco conseguidos. Um pouco acima do dorso maior quadrúpede, com c. de 60 cm de comprimento, surge uma figura que poderia ser interpretada como antropomórfica, com as pernas fletidas sobre o tronco. Na zona superior surge um motivo cruciforme que se assemelha a um antropomorfo de braços abertos, de pernas para o ar, desenhado por contorno curvilíneo contínuo, ao lado de um zigzag vertical. Esta zona apresenta um conjunto complexo de traços, nomeadamente outros dois zigzagues verticais, que parecem conformar signos, um deles semelhante a um tectiforme, desenhado a traço duplo na extremidade esquerda. O centro do painel apresenta apenas uma representação que pode fazer recordar uma falcata

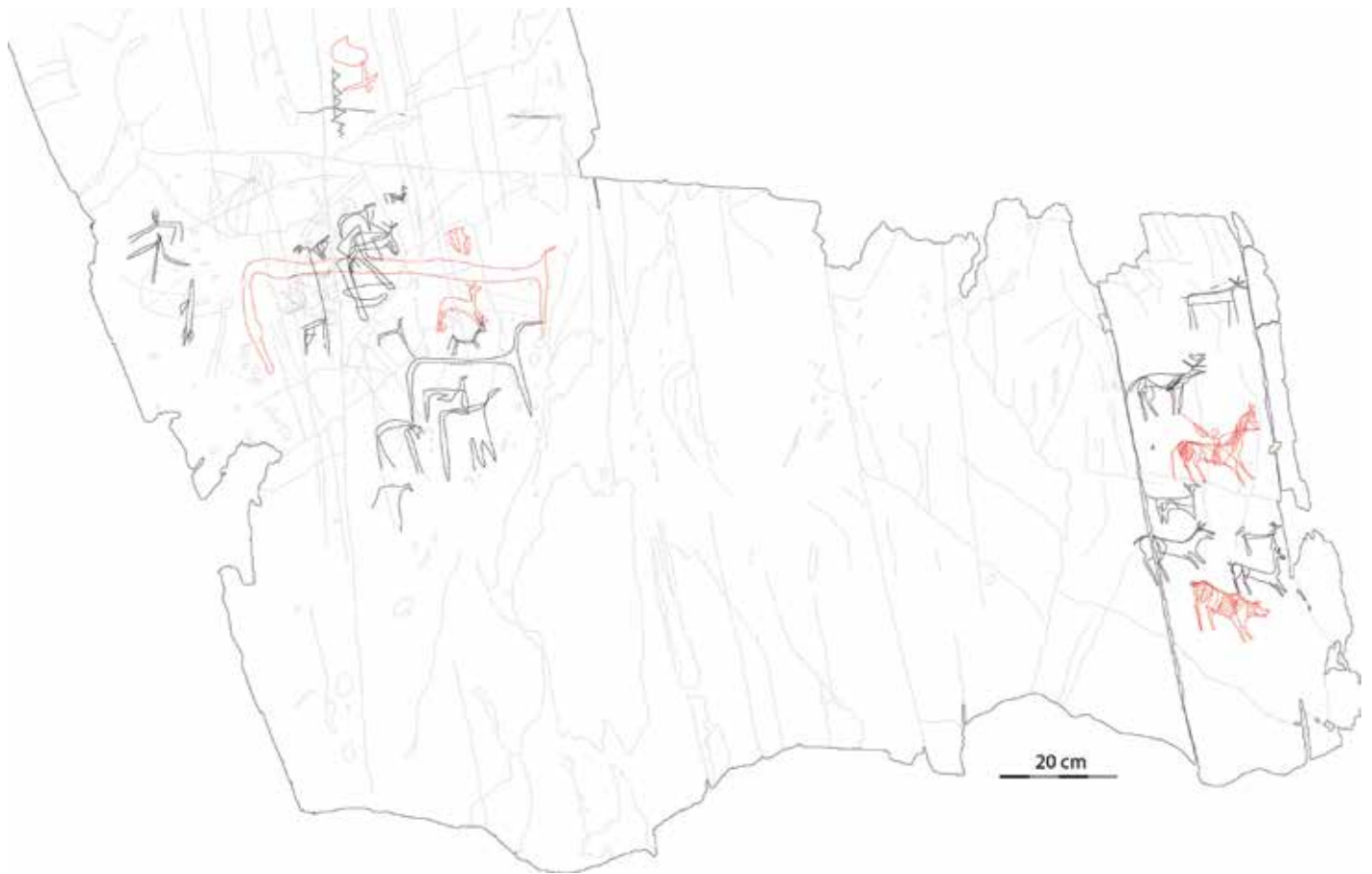


Fig. 42: Rocha 1 da Ribeira das Furnas.

disposta para baixo. O subpainel da direita apresenta uma cuidada cena de caça ao veado a cavalo. Na parte superior, surgem figurados dois quadrúpedes de compridas bocas abertas, mas com estilos distintos. O de cima é mais esquemático, com corpo retangular e quatro patas lineares, enquanto o de baixo é realizado a contorno e cauda mais longa. Mais abaixo surge um cavaleiro com lança na mão direita e rédeas lineares retas na esquerda. Apresenta pernas e cabeça com nariz em bico de pássaro. O cavalo é de cuidada elaboração, com crina marcada por linhas onduladas paralelas ao longo do pescoço, motivo em forma de espinha na coxa e cauda linear comprida. As quatro patas desenhadas a contorno surgem projetadas para diante e a coxa discriminada e em semi-ferradura. Esta forma de representação é muito semelhante aos três quadrúpedes que surgem no plano inferior do painel. Distingue-os as caudas curtas dos dois primeiros, com boca aberta, orelhas compridas e o pescoço também curtos. A figura inferior apresenta o pescoço ainda mais curto e uma decoração na coxa semelhante ao cavalo, através de um conjunto de linhas paralelas oblíquas e outro em V concêntricos, no dorso, e paralelas na zona do pescoço. O sexo é figurado, o que, juntamente com as características já referidas, nos parece definir um canídeo saroto. As restantes figuras descritas representarão dois cervídeos, assim como as outras duas, de desenho mais simples, situadas entre estas e o cavaleiro. A superior é realizada por contorno contínuo, com duas patas traseiras e uma linha central que liga os quartos traseiros ao peito, enquanto a segunda é muito semelhante à figura situada no cimo do painel, com a exceção de não ter a boca aberta.



Fig. 43: Rocha 1 da Ribeira de Urros.

2.2.15. RIBEIRA DE URROS (URROS, TORRE DE MONCORVO)

Núcleo localizado na margem direita do Douro, cerca de 1 km a montante da foz do Côa, junto à foz da ribeira epónima. Identificado em 1995 (REIS, 2013, 43), conta com 13 painéis, 9 deles contendo gravuras da Idade do Ferro.

O setor superior da *rocha 1* apresenta um conjunto de nove quadrúpedes, todos voltados para a direita (Fig. 43). A maioria das figuras apresenta-se incompleta, com alguns exemplares de elaboração sumária e incompletos. Refira-se a presença de uma minúscula figura zoomorfa, uma figura com longas orelhas asininas, de um veado retilíneo esquemático, com hastes ramiformes, e duas figuras muito semelhantes, que se seguem, como que debruçadas para diante e cabeça retrospectiva. Abaixo, surge uma estranha figura que, em comparação com as representações que a seguir descrevermos se afigura ser um antropomorfo incompleto acéfalo. Preenchem ainda esta área do painel, um reticulado anguloso disposto na horizontal e um símbolo campaniforme, entre outros. A zona direita deste setor ostenta duas figuras antropomórficas de estilo

semelhante. A mais conseguida tem o corpo quadrangular, preenchido por um padrão reticulado oblíquo (couraça), pernas realizadas por contorno curvilíneo voltadas para a direita, com gémeos bem marcados, braço esquerdo para diante, segurando um escudo côncavo em perfil, com umbo, e direito uma lança. A cabeça, com nariz proeminente, é encimada por um signo com padrão semelhante à couraça. Atrás e em baixo, surge uma figura do mesmo tipo, como que desconstruída, identificando-se o quadrado da couraça e os membros inferiores. O setor central desta rocha apresenta um conjunto de zoomorfos, quase todos voltados para a direita. Destaca-se um quadrúpede de cauda linear, em perfil absoluto com extremidades de patas abertas, pescoço curto e duas orelhas. Apresenta uma decoração reticulada oblíqua na zona do pescoço, deixando livre apenas o focinho afilado. Na zona do ventre surgem dois círculos concêntricos, ligados por linhas radiais. Acima, figura uma representação zoomórfica (?) estranha, com dorso retangular e um signo romboide nos quartos traseiros (?). À sua frente, surge um friso de 4 cervídeos muito esquemáticos, lineares, dois deles com hastes ramificadas. Os dois primeiros parecem reduzidos ao pescoço e cabeça, havendo outra figura semelhante abaixo. O quadrúpede entre os dois veados tem pescoço curto, cauda longa e garras nas patas, podendo corresponder a um canídeo. Acima do friso, foi inscrita uma figura muito semelhante, com duas orelhas e cabeça retrospectiva. Na zona superior direita, surge uma pequena figura, que poderá representar um cavalo desprovido de patas, ou, pela sua forma, um anatóide, à frente do qual surge um conjunto de linhas onduladas. Mais adiante, surge um signo desenhado a contorno, cujo sentido não descortinamos. Mais abaixo, surge um quadrúpede em perfil absoluto, com longas patas abertas projetadas para diante. À sua frente, voltado para a esquerda, surge o contorno de uma segunda figura aviforme. O painel apresenta ainda um conjunto vasto de linhas a merecer análise mais cuidada.

2.2.16. TUDÃO (V.N. DE FOZ CÔA)

Este núcleo localiza-se quase no topo do planalto da Chã de Foz Côa, a montante do Vale de Cabrões. O decalque da complexa *rocha 1 do Tudão*, prolongou-se ao longo de 5 anos e meio, num total de 122 dias de trabalho¹⁰, mas ainda não foi vetorizado na sua totalidade (Fig. 44). Para além dos motivos paleolíticos densamente gravados, esta rocha apresenta interessantes motivos da Idade do Ferro, sobretudo na zona inferior (tal como o Vale de José Esteves 16), nomeadamente figuras antropomórficas, cavalos e cervídeos. Refira-se um friso de veados esquemáticos, representados em diferentes estádios do desenvolvimento das suas hastes, bem como a cena de um cavaleiro deitado sob um cavalo.

2.2.17. VALE DA CASA (V.N. DE FOZ CÔA)

Identificado em 1982, este núcleo encontra-se totalmente submerso, com a exceção de um conjunto de painéis entretanto identificados em superfícies verticais na área circundante (REIS, 2013, 11-12). Localizava-se num terraço fluvial na margem esquerda do Douro, a cerca de 3 km a jusante da foz do Côa, sobre painéis horizontais, o que constitui uma originalidade na região. Os decalques dos painéis 7, 10, 15 e 23 foram já publicados (BAPTISTA, 1983, 1984, 1999). Registe-se que todos estes painéis foram decalcados, com recurso ao método bicromático.

10 - Informação de Fernando Barbosa.

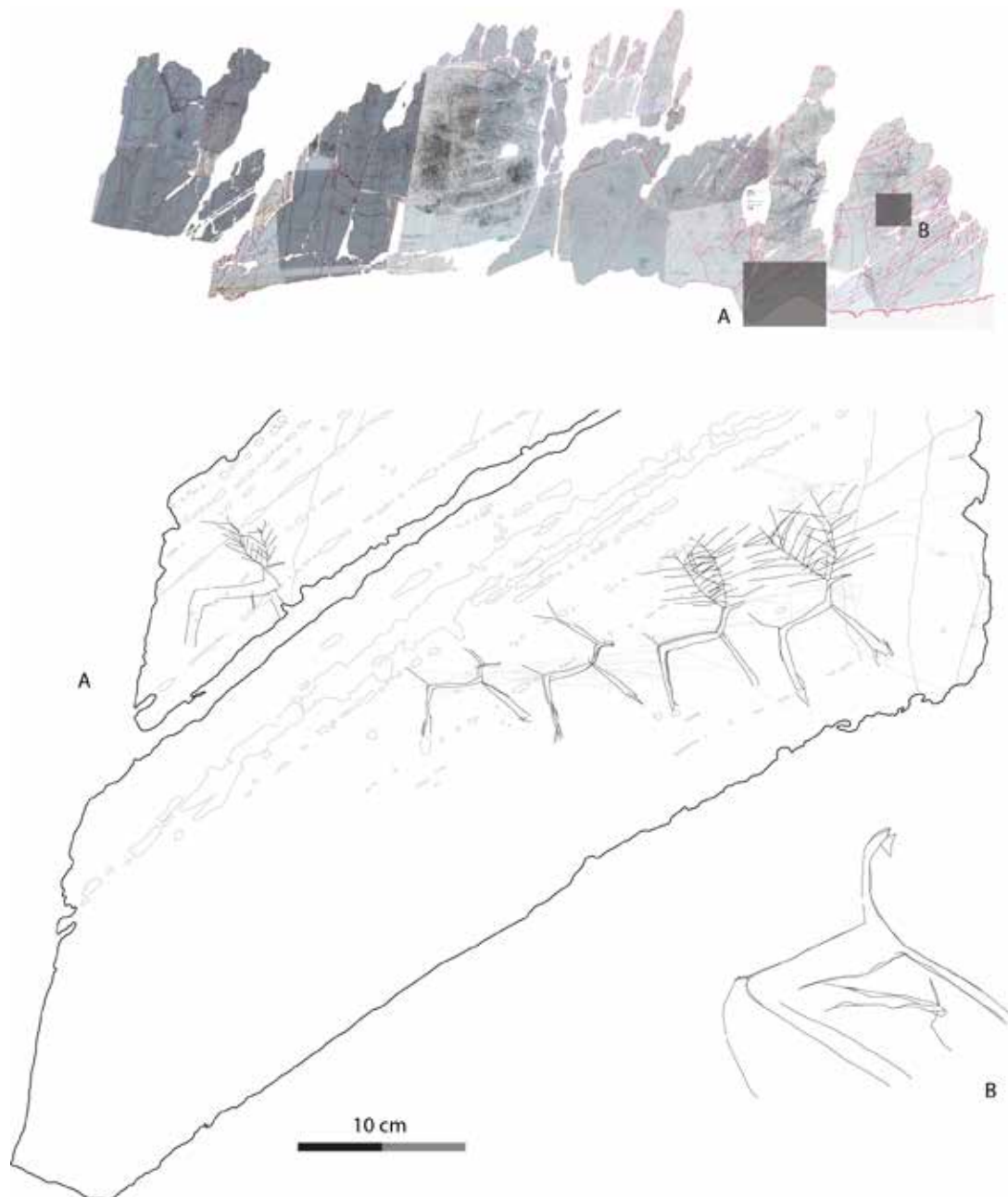


Fig. 44: Levantamentos parciais da rocha 1 do Tudão.

A rocha 5 (Fig. 45) divide-se em três painéis. No primeiro surge um motivo sub-retangular, dividido em 11 bandas verticais, preenchidas por linhas paralelas oblíquas. Para o lado esquerdo, figura o que parecem ser assinaturas. O painel do meio apresenta vários conjuntos de linhas subparalelas e, à esquerda, um conjunto de signos esteliformes, onde sobressaem pentagramas. No terceiro, surgem três figuras indubitavelmente atribuíveis à Idade do Ferro, interpretadas como cavalos, no interior de traços vários. O de mais belo efeito, tem as quatro patas finas projetadas para diante, desenhadas a contorno, coxa marcada, cauda comprida, longo pescoço sinuoso, cabeça triangular e longas orelhas.



Fig. 45: Rocha 5 do Vale da Casa



Fig. 46: Rocha 6 do Vale da Casa.

A *rocha 6* (Fig. 46) encontra-se dividida diagonalmente por uma diáclase. Num dos lados desta linha, surgem representadas três falcatas, duas delas gravadas profundamente por incisão reiterada (abrasão), com múltiplos contornos concêntricos. Acima, surge um conjunto de linhas que parecem configurar escrita. Do outro lado, está representada uma cena com dois cavaleiros incompletos. Ao de trás faltam os quartos traseiros do cavalo e o cavaleiro apresenta um dos braços levantados. O da frente encontra-se reduzido às pernas, realizadas a contorno. O cavalo apresenta quatro patas, longo pescoço, com linhas verticais sugerindo crina (ver Ribeira das Furnas) e orelhas filiformes em V. No interior da cauda em ângulo reto para baixo, com duas linhas internas, parece estar representado um podomorfo linear. À frente deste cavaleiro, surgem dois quadrúpedes com dorsos muito arqueados, um deles com decoração linear subparalela interna. Logo abaixo, surge outro equídeo incompleto com orelhas em V

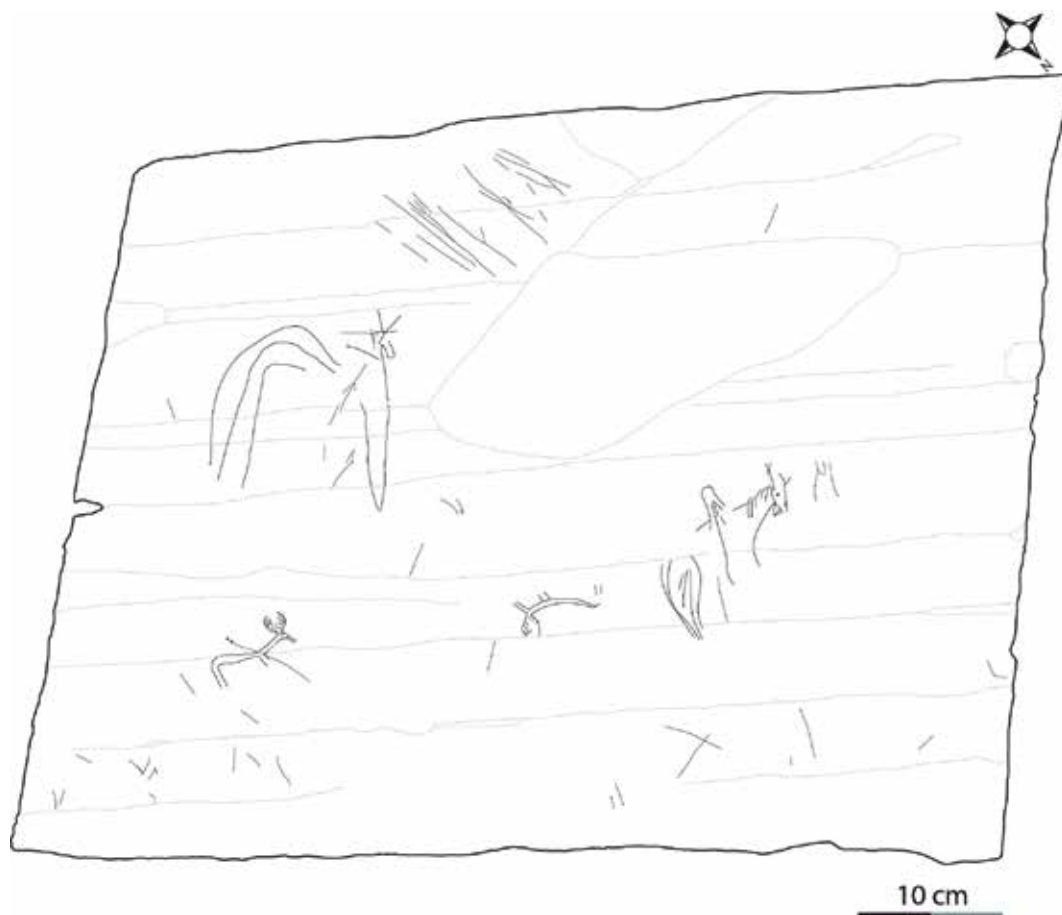


Fig. 47: Rocha 7 do Vale da Casa.

e dorso sinuoso. Mais abaixo, dois outros quadrúpedes incompletos. O de cima com cabeça baixa e o outro com orelhas em W invertido e reduzido ao pescoço e cabeça. Cinco destas figuras apresentam olho. Abaixo do primeiro cavaleiro descrito surge um signo triangular muito semelhante a outro presente no Vale de José Esteves 16.

A *rocha 7* foi já publicada (BAPTISTA, 1983, fig. 4) e apresenta dois grandes quadrúpedes algo esquemáticos, um deles apresentando o que parece ser uma crina caída sobre o pescoço (Fig. 47). Surgem ainda representados dois veados esquemáticos com corpo em perfil absoluto e duas hastes ramiformes, com orientações inversas. Um deles apresenta duas linhas que lhe saem da boca. A *rocha 10* é um dos conjuntos mais complexos da arte sidérica desta região (BAPTISTA, 1999, 175) (Fig. 48), pelo que nos limitamos a enumerar números mínimos de representações. Ao nível das armas, foram representadas quatro falcatas e uma espada, sem associação direta a nenhuma figura humana, e 14 lanças, dispostas em distintas direções, num dos casos associando-se três, dispostas subparalelamente. Identifica-se pelo menos 13 figuras humanas, a uma escala inferior à das armas, todas seguindo o mesmo modelo: perspectiva frontal, com a exceção dos pés, ora voltados para o mesmo lado ora abertos, longas pernas com pantorrilhas desenvolvidas, tronco curto, braços abertos para o lado, com antebraços ligeiramente fletidos para cima, dedos em ziguezague, pequena cabeça circular. Em dois casos, as cabeças ostentam representações, já interpretadas como “turbantes” (BAPTISTA, 1983), que poderão também fazer referência a capacetes de crista em perspectiva frontal (LUÍS, 2009). Duas das figuras apresentam duas linhas paralelas na zona da cintura (ver Quinta das Tulhas 6). Estas mesmas representações apresentam ainda dois conjuntos de linhas paralelas nos joelhos e tornozelos das pernas, o que

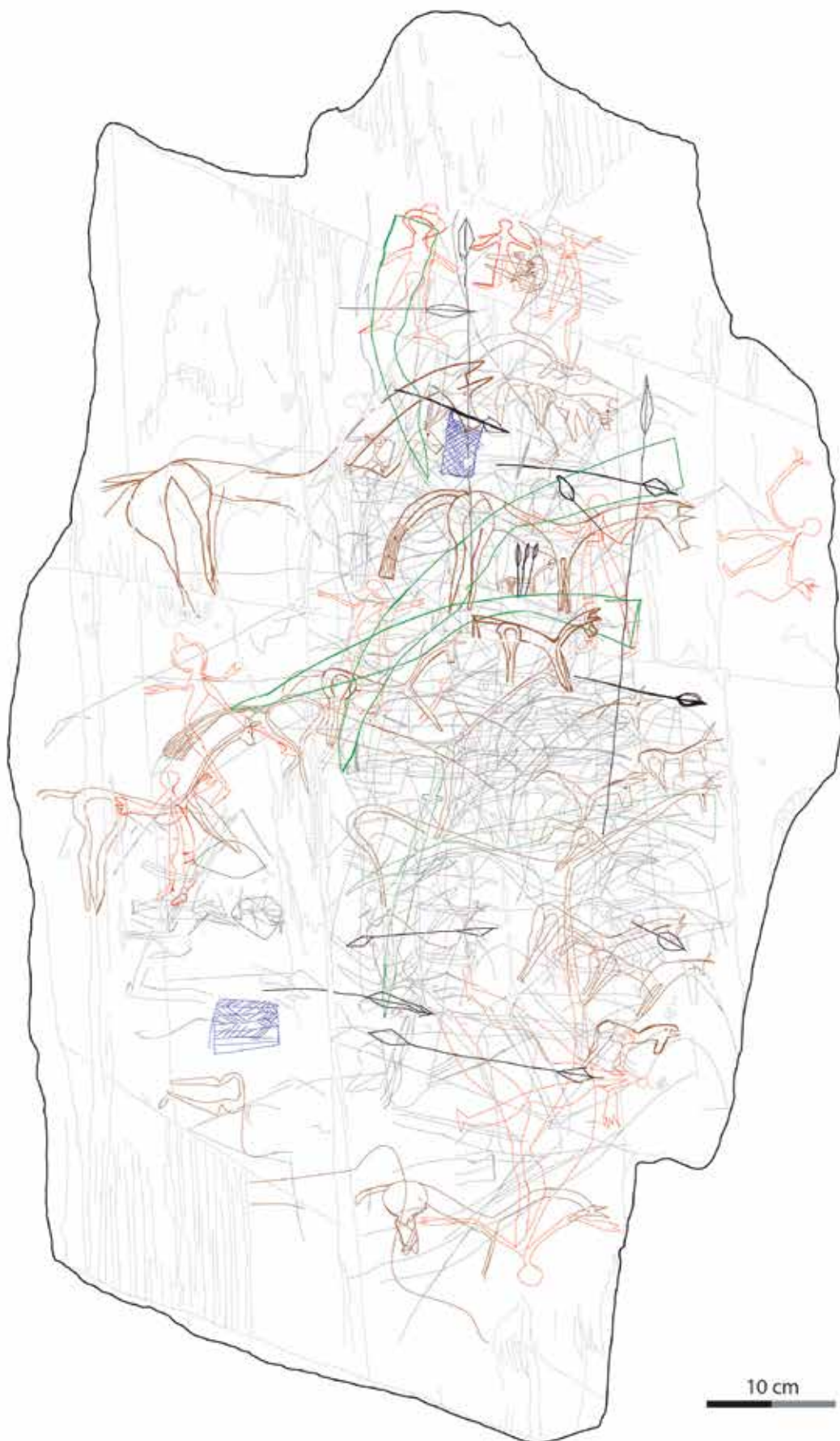


Fig. 48: Rocha 10 do Vale da Casa.

acontece também numa terceira, sem cinturão, onde as linhas paralelas dos joelhos são ligadas por uma linha oblíqua. Identifica-se pelo menos 25 zoomorfos, 20 dos quais numa mesma direção, e os outros 5 perpendiculares a eles. Todos foram representados seguindo o mesmo modelo gráfico, com quartos traseiros em forma de ferradura (BAPTISTA, 1983), duas patas dianteiras, geralmente projetadas para diante, longos pescoços, duas orelhas angulosas, algumas bem longas, e caudas compridas. Apenas a mais pequena destas figuras apresenta hastes, sendo as restantes compatíveis com cavalos. Nenhuma ostenta cavaleiro. Apesar disso, uma delas apresenta um conjunto de linhas no focinho e outra nas patas traseiras, parecendo sugerir situações de doma (LUÍS, 2009, 232). Para além de inúmeros traços que certamente farão parte de figuras não identificadas, verifica-se a existência de dois signos subretangulares preenchidos - num dos casos com retícula oblíqua e noutro com bandas paralelas de linhas oblíquas com direção alternada -, conjuntos de linhas paralelas, círculos e campaniformes. Com exceção dos zoomorfos, a disposição das figuras é variada, não havendo posição dominante, o que se relacionará com o facto de se tratar de uma superfície horizontal (ver Vale do Forno 6).

A *rocha 13* é de difícil atribuição cronológica, apresentando pentagramas, linhas paralelas e um signo retangular preenchido por linhas oblíquas subparalelas, assim como séries de ziguezagues (Fig. 49).

A *rocha 15*, já anteriormente publicada (BAPTISTA, 1983, fig. 11) apresenta um cavalo com grande cabeça e pescoço curvilíneo, sobre um signo retangular com



Fig. 49: Rocha 13 do Vale da Casa.

preenchimento de linhas oblíquas paralelas, a que se juntam outros conjuntos de linhas paralelas (Fig. 50).

A *rocha 20* apresenta quatro zoomorfos com a mesma orientação, dois deles incompletos, um reduzido ao longo pescoço e outro à cabeça e dorso (Fig. 51). Os



Fig. 50: Rocha 15 do Vale da Casa.

dois outros estão completos e são de cuidada realização, desenhados com contorno, duas patas por par, projetadas para diante, coxa demarcada, cauda linear, pescoço longo e orelhas em W invertido. Sobrepondo-se a um desses cavalos, surge um grande signo reticulado, conjugando duas séries de retículas rodadas a 45° e dois círculos concêntricos, raiados por duas linhas diametrais em ângulo reto. Acrescem linhas soltas e um conjunto que lembra escrita cursiva.

A *rocha 23* (Baptista 1984, est. IV), apresenta uma cena de caça ao veado a cavalo, com auxílio de cães (Fig. 52). O cavaleiro com lança, pernas com gêmeos desenvolvidos, segurando rédeas filiformes, eventualmente com capacete, persegue um conjunto de 3 cervídeos, um deles macho com hastes ramiformes em forma de crescente. É acompanhado por um cão com uma espécie de arreio e três outros canídeos enfrentam ou perseguem os cervídeos. Os cães são identificados pelas caudas levantadas, três deles com garras filiformes nas patas. Um deles apresenta decoração estriada no dorso. Ao lado desta figura surge uma representação de alfabeto iónico (GOMES, 2013). Acima desta cena, surgem dois podomorfos e cúpulas picotadas que antecederão a cena e a inscrição.

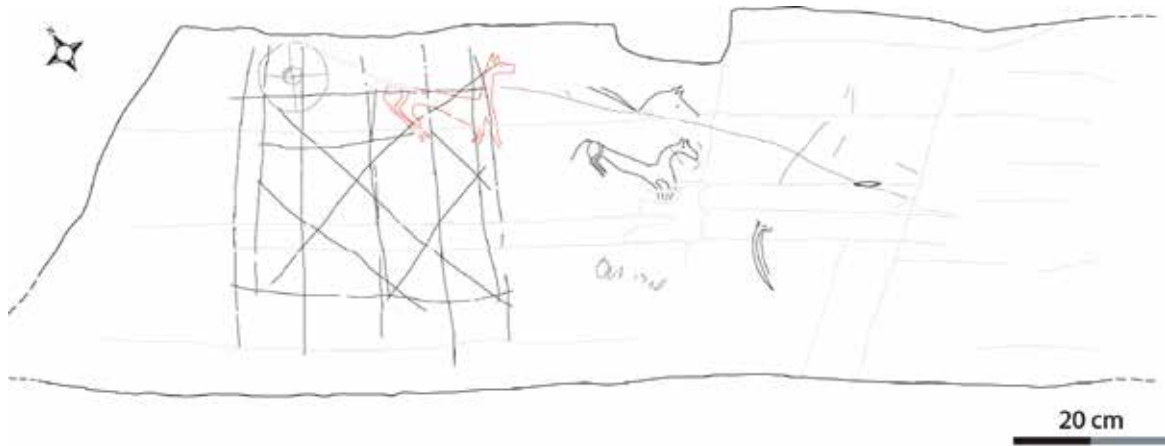


Fig. 51: Rocha 20 do Vale da Casa.



Fig. 52: Rocha 23 do Vale da Casa.

2.2.18. VALE DE CABRÕES (V.N. DE FOZ CÔA)

Este, que é o segundo maior núcleo de arte da Idade do Ferro, foi identificado por José Constâncio em 1995. Localiza-se num vale que desce desde Vila Nova de Foz Côa até à margem esquerda do Douro, a cerca de 1,7 km a jusante da foz do Côa. Os 101 painéis, 56 dos quais com motivos atribuídos ao Ferro, concentram-se sobretudo no curso médio do vale, onde a sua orientação é paralela à direção dominante das diáclases da região.

Da *rocha 2* conhecemos apenas o decalque da figura de um cavaleiro incompleto (Fig. 53), com um braço levantado e o que parece ser uma perna sobre o pescoço curvilíneo do cavalo, desenhado a contorno anguloso, duas orelhas lineares abertas, patas com extremidades em V projetadas para diante, definição do contorno da coxa e cauda filiforme. Da boca do animal projeta-se uma linha reta.

A *rocha 3* é um vasto painel, com gravações sidéricas e históricas (algumas bem recentes) e dois tipos de superfície com orientações distintas, uma vertical e outra horizontal (Fig. 54). Dela conhece-se a cena de coito posterior entre duas figuras antropomórficas ornitocéfálicas desenhadas a contorno sinuoso (BAPTISTA, 1999, 173). Se o falo da figura posterior não deixa lugar a dúvidas quanto ao seu sexo, a anterior poderá não se tratar de uma figura feminina, não apresentando qualquer carácter sexual identificativo. Mais abaixo, surge uma pequena figura de quadrúpede, que parece representada a três quartos, como que vindo em direção ao observador, desde a esquerda. Está representada a contorno sinuoso, com patas dianteiras projetadas. Talvez

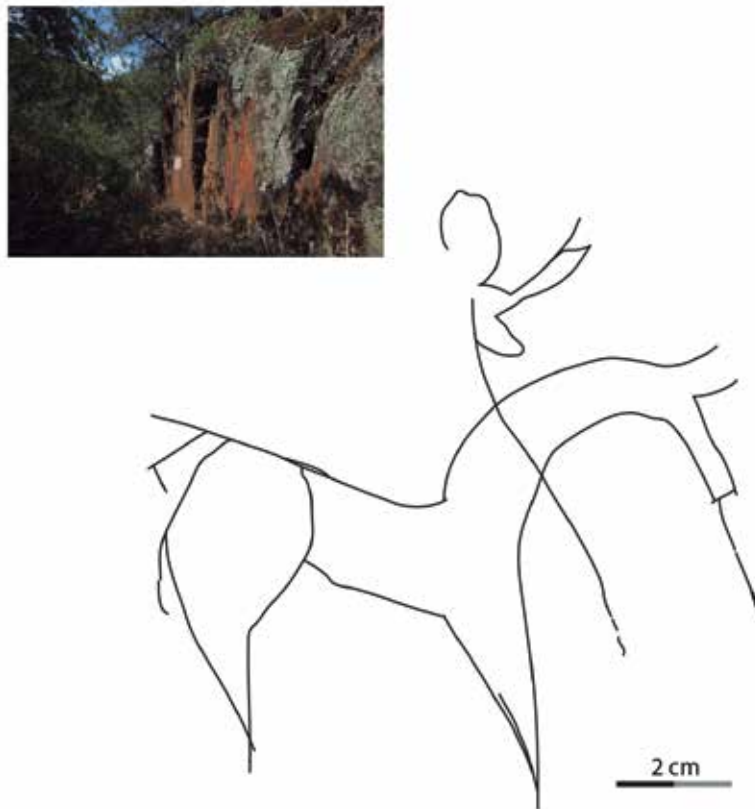


Fig. 53: Detalhe da rocha 2 de Vale de Cabrões (foto de Mário Reis).

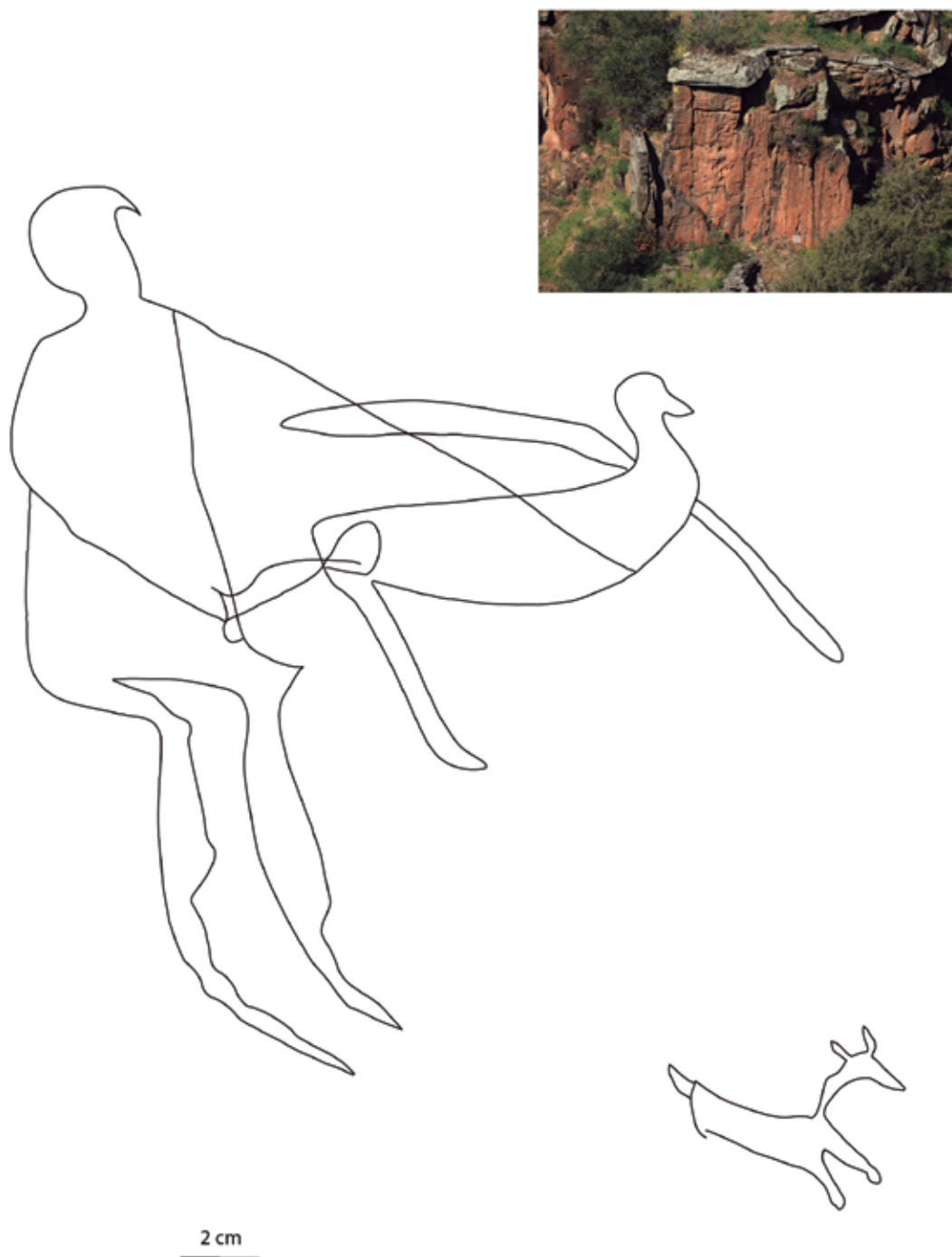


Fig. 54: Dois motivos da rocha 3 de Vale de Cabrões (foto de Mário Reis).

pela perspectiva em que surge representada, os quartos traseiros estão apenas sugeridos.

Para além das gravuras paleolíticas, a *rocha 6* (SANTOS, 2019, fig. 160) apresenta no seu topo esquerdo um conjunto de cerca de quatro gravuras da Idade do Ferro (Fig. 55). Destaca-se um cavalo de belo efeito (BAPTISTA, 1999, 171), em perfil absoluto, com coxas arredondadas e definidas, extremidades das patas abertas, longo pescoço curso e cabeça triangular. Atrás dele, também voltado para a direita

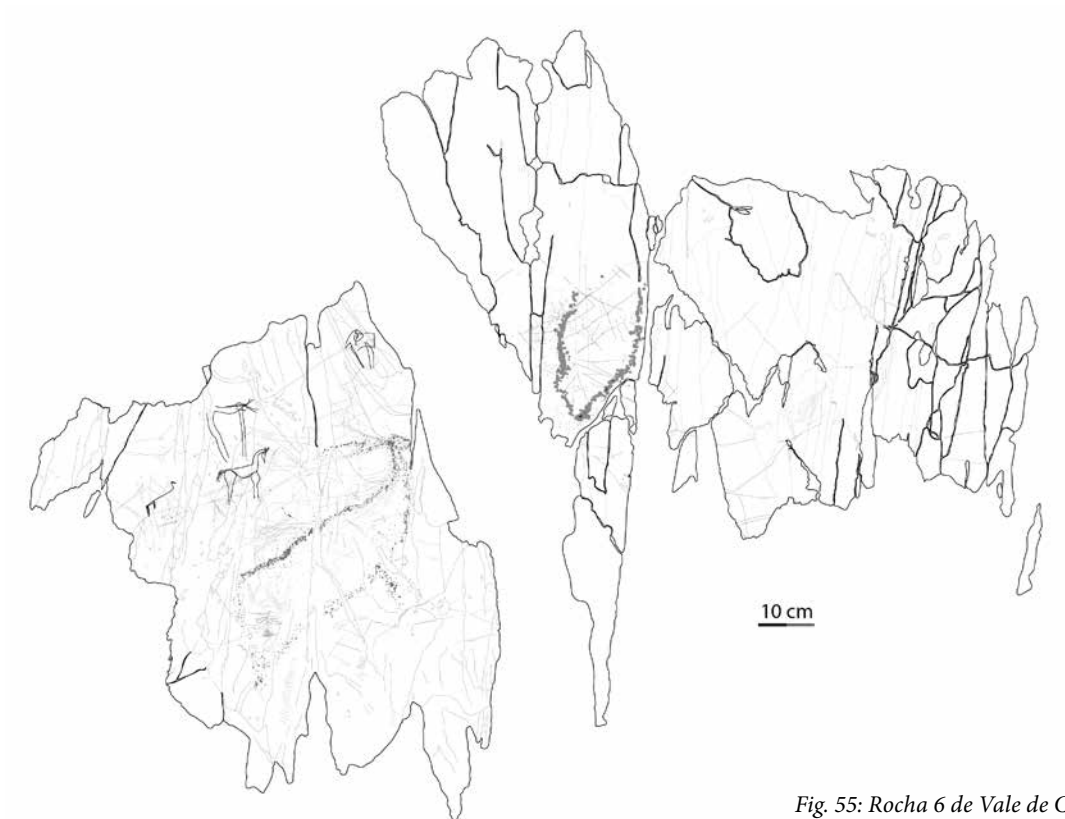


Fig. 55: Rocha 6 de Vale de Cabrões.



Fig. 56: Rocha 9 de Vale de Cabrões.

surge outro quadrúpede linear muito esquemático com pequena cabeça triangular. Acima do primeiro cavalo, surge uma figura algo semelhante, mas de realização menos conseguida, voltada para a esquerda, a que falta o pescoço e a cabeça. Mais acima, para a direita surge um conjunto de linhas de difícil interpretação, que se assemelha a um antropomorfo (?).

A *rocha 9* apresenta 8 figuras zoomórficas, todas voltadas para a direita de estilo semelhante, associadas a conjuntos de linhas retas, focinhos triangulares e duas orelhas em W invertido, mais ou menos angulosas (Fig. 56). As duas de cima são reduzidas à cabeça, uma delas sem orelhas. Segue-se uma mais completa com duas patas dianteiras em ferradura, e mais abaixo outra, também com duas patas dianteira e delimitação de coxa. Mais à frente, surge uma outra figura muito semelhante, apresentando apenas um membro dianteiro projetado para diante. Um pouco à frente e abaixo, seguem-se três figuras em fila, com patas abertas. A maior tem delimitação de coxa e cauda contornada levantada, enquanto as de menor tamanho são mais sumárias, todas com membros projetados para diante.

O setor esquerdo da *rocha 11* apresenta, à esquerda, dois punhais embainhados apontando para cima (Fig. 57). O da esquerda segue-se a um conjunto de linhas



Fig. 57: Setor esquerdo e direito da rocha 11 de Vale de Cabrões (foto de Mário Reis).

meândricas. Já o da direita tem um punho “tridiscoidal” e a bainha decorada com linhas meândricas. Ambos apresentam conteira (ver Foz do Côa 150). À direita, acima, surge uma figura zoomórfica fantástica, voltada para a direita, com longa cauda decorada com retícula oblíqua, que se estende ao flanco. As quatro patas são filiformes, assim como as orelhas em V. Na extremidade do focinho apresenta o que se assemelha a uma língua bífida e a extremidade da cauda uma fiada de triângulos em forma de placas dérmicas. Abaixo, voltado para a esquerda, com a cabeça retrospectiva, um zoomorfo com focinho arredondado, membros dianteiros em ferradura e cauda em ângulo reto. Acresce um conjunto de linhas curvas e angulosas, nomeadamente um ziguezague disposto na vertical.

Já o setor direito apresenta uma única figura antropomórfica em vista frontal, com pés e cabeça ornitocéflica voltados para a esquerda, desenhados a contorno sinuoso. Os longos antebraços encontram-se erguidos para cima, recordando a figura da Foz do Côa 42.



Fig. 58: Rocha 12 de Vale de Cabrões.

Na *rocha 12* está representado um conjunto de cinco figuras zoomórficas voltadas para a direita (Fig. 58). A de cima é angulosa, com cauda curta, orelhas em W invertido e focinho retilíneo, com uma pata por par, ambas abertas. Abaixo, surgem duas outras que se seguem, mais angulosas, uma delas com duas patas dianteiras a contorno e a outra com duas orelhas. Esta figura confunde-se com um outro contorno, que parece desenhar outro zoomorfo, com a extremidade direita bizarra, que poderá representar duas orelhas e um focinho longo e fino. Sobre o zoomorfo da direita, um outro conjunto de linhas parece configurar um zoomorfo com longas patas, duas posteriores e uma anterior, fletidas nas articulações.

Finalmente, a *rocha 35* apresenta um cavalo macho voltado para a direita (Fig. 59), desenhado a contorno, com quatro patas fechadas, uma das dianteiras projetada para a frente na horizontal, mandíbula equina e focinho comprido, duas orelhas e



Fig. 59: Rocha 35 de Vale de Cabrões.

cauda curta em vassoura. Atrás, encontram-se dois motivos subcirculares, um deles raiado e outro preenchido com uma retícula. Acima do cavalo, surge um conjunto de linhas que poderia conformar um outro zoomorfo.

2.2.19. VALE DE JOSÉ ESTEVES (V.N. DE FÓZ CÔA)

Situado logo a seguir à foz do Côa, na margem esquerda do Douro, este longo vale apresenta 40 rochas com motivos sidéricos, de um total de 78.

Da *rocha 3* conhece-se apenas a figura de um cavaleiro, voltado para a direita, de braços abertos, segurando na mão direita a extremidade de uma longa lança e na esquerda a rédea linear (Fig. 60). Apenas se representou uma perna e a cabeça apresenta

um nariz e queixo proeminentes. O cavalo foi desenhado em perfil absoluto, com as patas abertas projetadas para diante, delimitação da coxa, longa cauda em ângulo reto, pescoço curvilíneo e orelhas em W invertido.

No meio das numerosas representações paleolíticas da *rocha 4*, apenas no subpainel C (SANTOS, *et al.*, 2020, 173, fig. 5A), surge a representação de um quadrúpede em perfil absoluto, voltado para a direita, com patas projetadas para diante, cauda filiforme para cima e focinho curto (Fig. 61).

A primeira figura decalcada da *rocha 7* foi o chamado “Anúbis”, um quadrúpede voltado para a esquerda, com cabeça retrospectiva, uma pata por par, projetadas para diante, cauda curta, delimitação de coxa, duas orelhas em W invertido e focinho apontado (Fig. 62). A cauda curta e a postura parecem remeter para um canídeo (ver Vale de José Esteves 18), embora o pescoço recorde um equídeo. No *painel esquerdo* da *rocha 7*, decalcado de forma incompleta, figuram dois quadrúpedes voltados para a direita, com uma construção muito semelhante ao javali da Foz do Côa 145, com a exceção de apresentarem as duas patas posteriores em

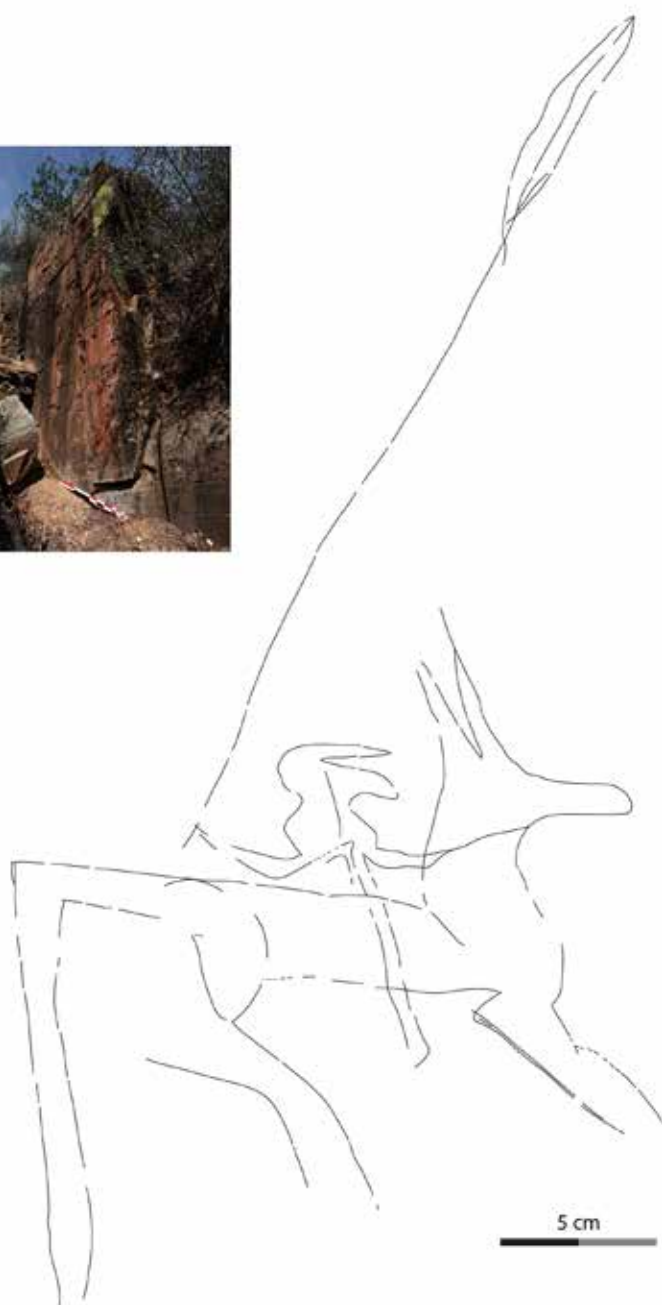


Fig. 60: Motivo da rocha 3 do Vale de José Esteves (foto de Mário Reis).

ferradura, marcada com X, e a anterior em contorno. Uma linha semicircular marca a zona do pescoço e a boca encontra-se aberta. A figura de baixo, mais completa, apresenta duas pequenas orelhas circulares, olho e dentes na boca. A semelhança estilística referida poderia fazer pensar em dois javalis, mas a ausência de algumas características da espécie e a presença dos dentes e orelhas, leva-nos a pensar tratar-se de canídeos (ver Azenha 3A e B). À esquerda destas figuras, voltado no sentido oposto, surge um veado em perfil absoluto, cauda curta e pescoço filiforme, pequena cabeça, hastes ramiformes e duas orelhas filiformes. A zona da espádua encontra-se delimitada pelo prolongamento do bordo caudal da pata dianteira. Abaixo, surge uma grande figura retrospectiva, com definição de coxa, cauda filiforme, orelhas contornadas e focinho apontado. Acima de tudo isto, surge um motivo realizado de forma contínua, com um círculo envolvendo um quadrilátero, com algumas semelhanças com a Quinta das Tulhas 6. O painel direito apresenta um cavalo com perfil absoluto sinuoso, longas patas abertas, cauda contornada, pescoço curvilíneo, duas orelhas e boca aberta. Conhece-se ainda o desenho de um cavaleiro, sobre um cavalo em perfil absoluto, voltado para a esquerda, com duas orelhas em W invertido e demarcação da coxa. O cavaleiro parece estar quase de pé sobre o cavalo, sendo desenhado através uma só linha de contorno, pernas filiformes, signo em X na zona da cintura (cinturão?), escudo circular em vista frontal na mão esquerda e a direita segurando uma rédea linear reta, que poderá eventualmente representar, em alternativa, uma lança sem ponta.



Fig. 61: Painel C da rocha 4 do Vale de José Esteves.

A rocha 8 apresenta uma densa sobreposição de difícil leitura (Fig. 63). A meio surge o contorno de uma figura humana, com cabeça sem pescoço, orelha direita, braço direito esticado horizontalmente, segurando um longo objeto, semelhante a uma espada sem guarda, ou escudo de perfil sem umbo, e tronco reto. Identifica-se também

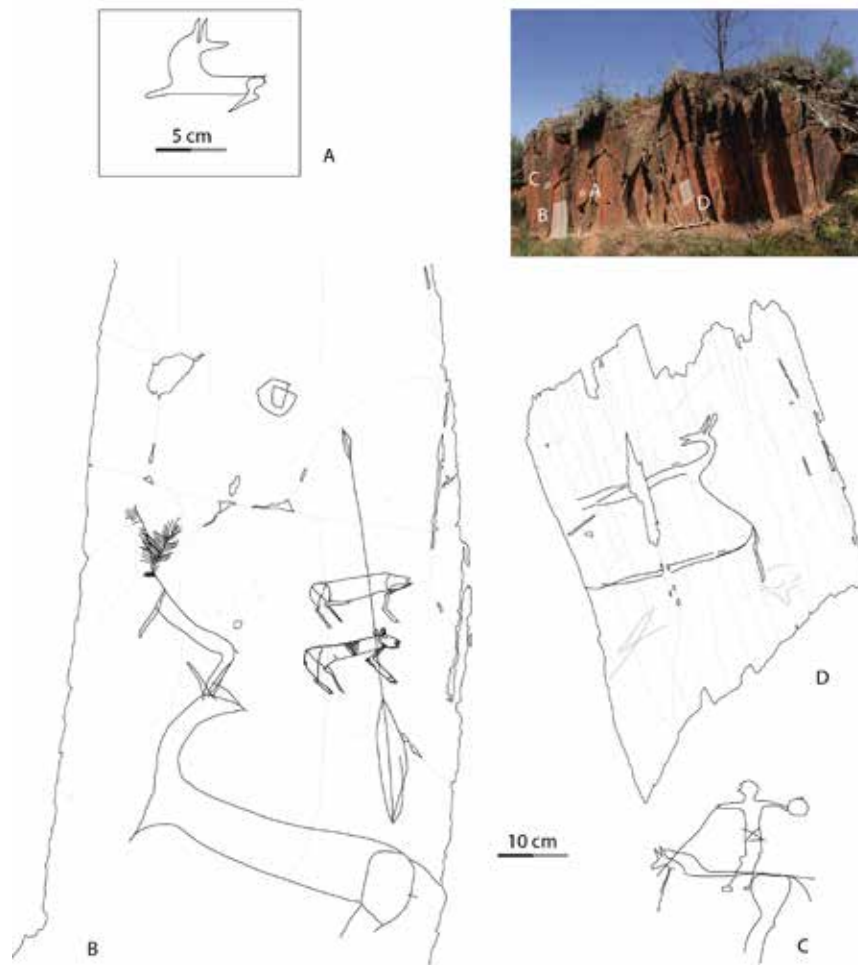


Fig. 62: Dois detalhes, painel esquerdo (levantamento parcial) e direito da rocha 7 do Vale de José Esteves (foto de Mário Reis).

um conjunto de 9 lanças, duas delas com ponta dupla e outras reduzidas à folha. Para além disso, surgem figurados quatro canídeos sem pescoço e bocas abertas, três deles voltados para a direita, dois cervídeos com cauda curta longos pescoços e duas orelhas, desenhados de forma retilínea, assim como três outros zoomorfos indeterminados, todos voltados para a direita. Por entre o emaranhado de linhas, parece perceber-se outras figuras, nomeadamente um cavalo de pescoço curvo, orelhas em W invertido e patas projetadas para diante, também voltado para a direita.

No meio das representações azilenses da *rocha 13* (SANTOS, 2019, fig. 152), surgem vários conjuntos de figuras atribuíveis à Idade do Ferro (Fig. 64). Na zona inferior do setor esquerdo, surge uma figura de cavalo voltado para a direita, com cauda e patas filiformes e corpo e cabeça desenhados a contorno, sem orelhas. Abaixo à direita, uma outra figura aparentemente zoomorfa, reduzida a cabeça e pescoço.

Acima, neste setor, surge um conjunto de três zoomorfos (cavalos?), voltados para a esquerda, dois deles com dorsos sinuosos, uma pata por par, duas orelhas e caudas longas, um deles macho, e o de trás com duas patas traseiras fechadas e orelhas lineares abertas. Um pouco acima, outro quadrúpede, em perfil absoluto, delimitação de coxa (cavalo?), dorso e patas em perfil absoluto, cabeça curta e grandes orelhas em W invertido. Seguindo para cima e para a direita chegamos à zona da representação do grande veado azilense. Aí surgem duas cabeças voltadas para a direita e um conjunto de

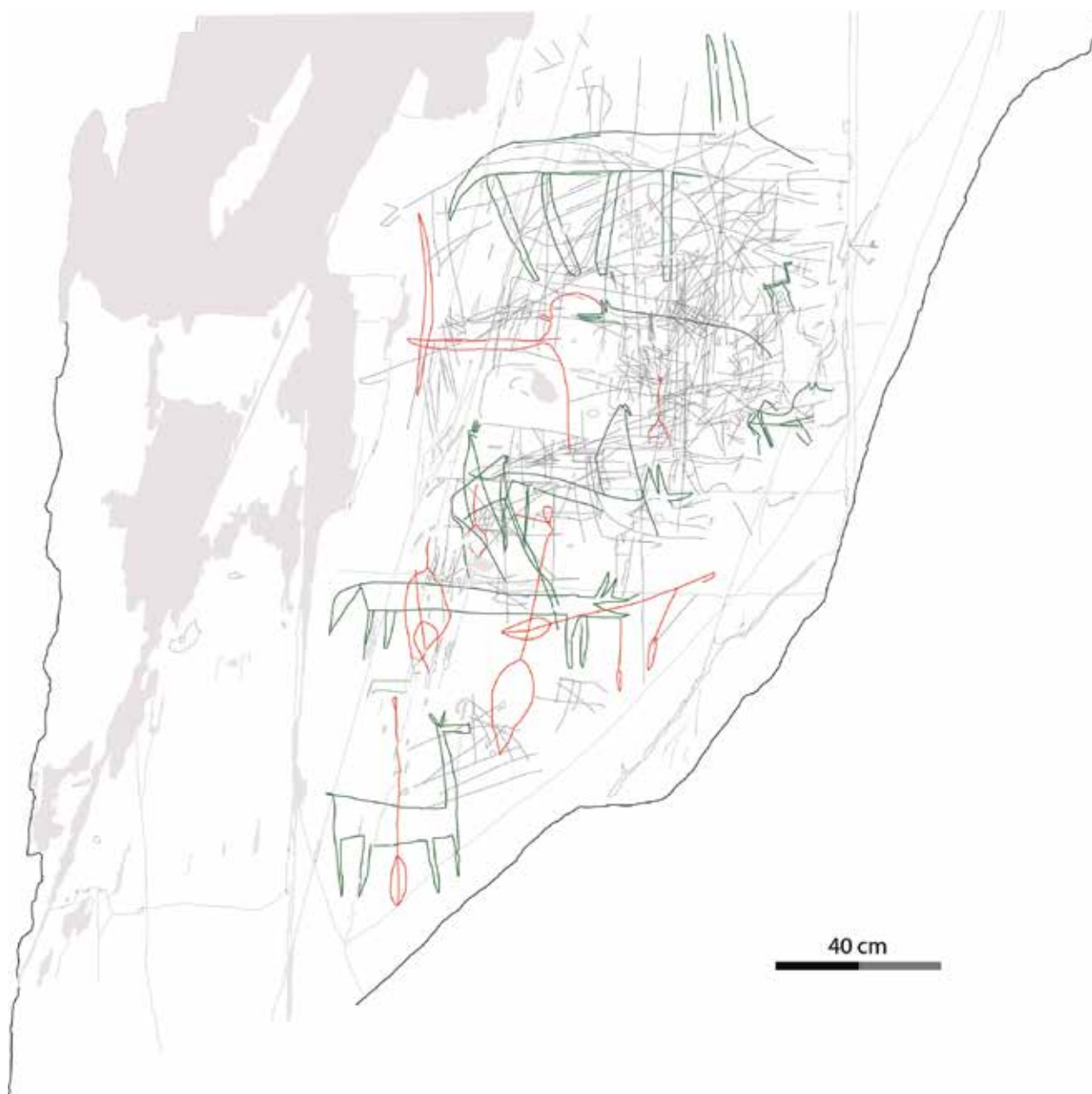


Fig. 63: Rocha 8 do Vale de José Esteves.

8 lanças subparalelas, que se dispõem ao longo do dorso do veado, distinguindo-se da figura do veado por apresentarem uma patine mais clara, o que constituiria uma interessante associação entre motivos de épocas tão distintas. Se as pontas representadas correspondem à tipologia das lanças do Ferro, apresentando nervura central, já a extremidade oposta ramiforme encontra poucos paralelos neste tipo de arte. No setor direito, acima, por entre um conjunto de corças paleolíticas, surgem três quadrúpedes, dois deles voltados para a direita, um acéfalo, com cauda em semicírculo sobre o dorso, o outro sem membros e com longo pescoço, com orientação oposta (provável cavalo), com duas orelhas em W invertido e cabeça triangular, patas em perfil absoluto abertas e demarcação da coxa. Junto aos quartos traseiros do zoomorfo acéfalo com cauda em semicírculo, surgem figuradas quatro lanças com uma só ponta,



Fig. 64: Rocha 13 do Vale de José Esteves.



Fig. 65: Rocha 16 do Vale de José Esteves.

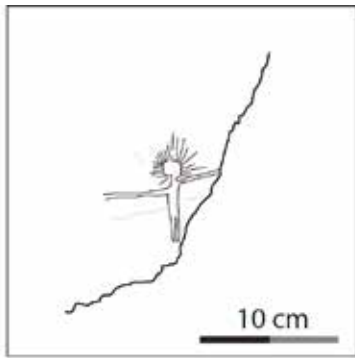
dispostas na vertical (sem ramiformes na extremidade distal), eventualmente datadas da Idade do Ferro. Na base deste setor, surgem várias linhas em ziguezague e, acima, um outro signo formado por um segmento de reta, cortado por 13 outras linhas retas perpendiculares.

A zona inferior do painel central da *rocha 16* apresenta dois zoomorfos, voltados para a direita (Fig. 65). O dianteiro, mais completo, cuja forma sugere um canídeo, foi representado por um único traço contínuo, anguloso, contornando a cauda, quatro patas em extensão, cabeça, orelhas, voltando-se a ligar na garupa. Atrás, surge uma longa figura de construção distinta, tendo-se desenhado pata traseira, dorso, pescoço, cabeça e orelhas através de duas linhas paralelas, faltando o acrescento das patas dianteiras, como verificado noutros exemplares (por ex. Foz do Côa 145 e 181). Mais acima, por entre o emaranhado de traços azilenses, surgem duas cabeças de quadrúpedes com orelhas destacadas, num dos casos, angulosas, no outro, mais curvilíneas, igualmente voltadas para a direita.

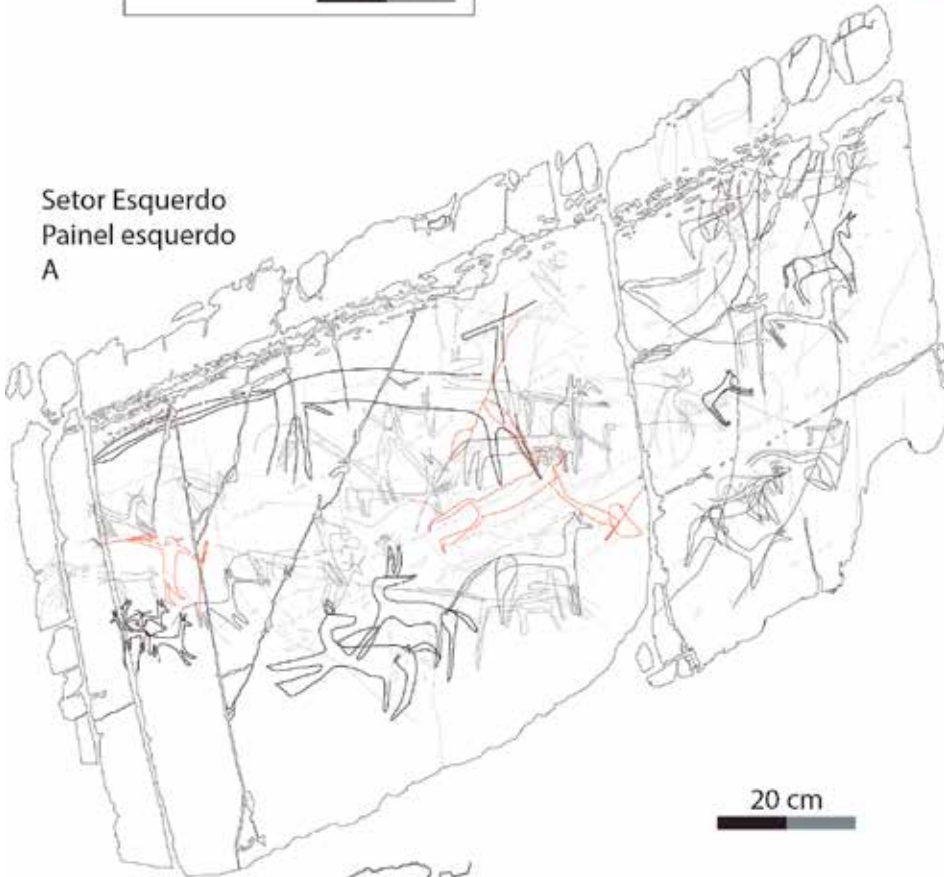
As representações mais notáveis da *rocha 18* (Fig. 66) são um conjunto de 12 figuras, nas quais a mesma figura partilha dois quartos dianteiros, em tudo semelhantes, de animais com pescoços compridos, orelhas em W invertido focinho longo e uma a duas patas por par, projetadas para diante no mesmo dorso, numa imagem espelhada simétrica. Em 4 casos, as duas cabeças olham para direções opostas, 6 entreolham--se entre si, num caso, olham para a mesma direção (esquerda), e noutro, dada a natureza incompleta da figura, não nos é possível determinar. Uma destas figuras apresenta um longo pénis, desenhado por duas linhas que saem do meio do



Fig. 66: Rocha 18 do Vale de José Esteves.



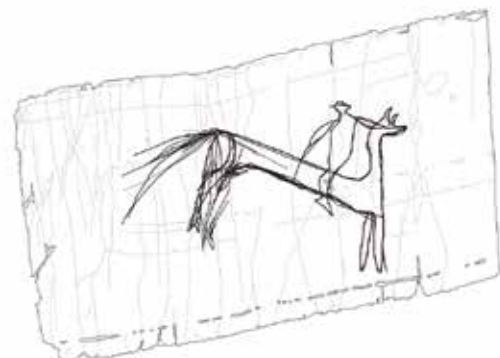
Setor Esquerdo
Painel esquerdo
A



Setor esquerdo
Painel central



Painel central
Centro esquerdo



Setor centro esquerdo
Painel direito

Fig. 67: Alguns painéis da rocha 19 do Vale de José Esteves.

ventre, a partir de um semicírculo. Com a exceção de uma delas, que se encontra no cimo do painel, todas estão representadas na zona inferior, respeitando a orientação da estratificação da rocha. Partilham o espaço com um outro conjunto de representações de 7 zoomorfos, muito semelhantes entre si, vistos em perfil absoluto, extremidades abertas, duas grandes orelhas onduladas (três, num dos casos) e, em 5 exemplares, um apêndice linear na extremidade do focinho, em forma de pequena tromba. Três exemplares apresentam cauda filiforme, entre o curto e o comprido, e um apresenta duas linhas paralelas junto à extremidade da pata dianteira. Na extremidade direita do painel surgem duas linhas que evocam estas figuras, partilhando ainda o espaço com 9 figuras semelhantes, provavelmente cervídeos, com perfil mais retilíneo, longo pescoço, caudas curtas, cabeça triangular, orelhas em V, sete deles com membros projetados para diante. A figura situada mais acima poderá corresponder a um veado, apresentando uma grande linha a sair da cabeça, evocando uma haste. Refira--se a existência de dois cavaleiros, enfrentados, um deles com duas lanças na mão, cavalo retilíneo com longa cauda e decoração no flanco e o outro mais sumário, com cavalo com longo pescoço, nervura dorsal e patas dianteiras lineares projetadas. Sob as patas dianteiras dos dois cavalos situam-se duas figuras muito semelhantes, a da esquerda mais sumária, no que se afigura serem cães deitados, com a cabeça voltada para trás. Atrás do cavaleiro da direita, surge o perfil dos quartos dianteiros de um quadrúpede voltado para a direita. Na extremidade esquerda desta zona inferior, surge um cavalo com longa cauda, patas abertas, projetadas para diante. Identifica-se ainda o que parecem ser os restos de outros dois grandes antropomorfos, um deles de grande tamanho do lado esquerdo, sobre dois zoomorfos mais pequenos, sobrepostos com orientações inversas: um com orelhas lineares em V, decoração interna e aparentemente uma rédea e o outro reduzido ao perfil de dorso, orelhas em W invertido e focinho. No topo esquerdo do painel, surge outro conjunto de linhas que poderá configurar outro antropomorfo. Abaixo, igualmente seguindo a estratificação da rocha, foi representado, um novo canídeo deitado, com cabeça voltada para trás, muito semelhante ao que descrevemos anteriormente. Para o lado direito, surge uma outra figura semelhante, mas com uma estranha cabeça, onde parece confundir-se focinho e orelhas. Enfrentando-o, figura um conjunto de linhas que poderão corresponder aos restos de um cavaleiro, com cavalo de duas patas dianteiras projetadas para a frente, seguido de quatro zoomorfos com algumas semelhanças, nomeadamente as orelhas em W. Acima do último, surge o único zoomorfo simétrico desta área do painel. Por cima deste friso, foi representada uma grande lança com nervura central. Completam o painel várias linhas, algumas delas conformando signos como um grande reticulado, conciliando duas orientações de traços interiores, sobre os zoomorfos simétricos e de “tromba”, e mais abaixo um pequeno reticulado ortogonal. No painel superior, identificam-se alguns ziguezagues.

Conhecia-se já a cena de dois pares de cães presos após a cópula da *rocha 19* (Fig. 67), anteriormente conhecida por Alto da Bulha 1 (BAPTISTA, 1999, 177), mas, entretanto, renomeada (REIS, 2013, 25). Trata-se de um longo painel com motivos do Ferro e paleolíticos, que se encontra parcialmente levantado. A cena de cópula canina encontra--se no lado esquerdo de uma densa e complexa cena representada no *setor esquerdo do painel esquerdo* desta rocha, logo abaixo de um antropomorfo com uma lança em cada mão e nariz afilado, voltado para a direita. Nessa direção, no centro do painel, identificam-se dois antropomorfos deitados, um deles apenas esboçado e ou

outro mais completo, de braços abertos, com lanças nas duas mãos e escudo circular na esquerda. Mais acima dele, surge um traço que se assemelha ao perfil de uma cabeça voltada para a direita. Preenchem o painel, 37 quadrúpedes: 20 cavalos com diferentes estilos, 3 deles machos, 5 retrospectivos e outros dois com focinhos muito longos, 6 canídeos (um deles muito semelhante à cena de caça do Vale da Casa 23), 6 possíveis cervídeos, um eventualmente macho, e os restantes de difícil determinação, pela sua natureza.

O *setor esquerdo do painel central* apresenta apenas uma figura antropomórfica em vista frontal, com tronco cabeça e pénis realizados a contorno contínuos, com o pormenor de a glândula ser sugerida por um círculo estrangulado em aselha. Os membros superiores e inferiores, e respetivos dedos, estão representados por linhas filiformes, o que a afasta.

Para além de um conjunto traços, alguns deles conformando signos, o *centro esquerdo do painel central* apresenta, no topo, a figura de um cavaleiro, apenas esboçado, sobre um cavalo com quatro patas projetadas para diante, voltado para a direita, orelhas filiformes e rédea linear. Logo abaixo, surgem dois quadrúpedes retilíneos voltados para a esquerda, à frente dos quais surge o que parece ser o vulto de um boi, com cornos filiformes, reduzido ao dorso, cabeça massiva e início do peito. Mais abaixo, na direção oposta, estão figurados dois quadrúpedes, ambos com orelhas filiformes em V, um deles sem grande pescoço, mas aparente cauda comprida, e o outro longos e finos pescoço e dorso, patas projetadas para diante, aparentemente sem cauda.

Do decalque parcial do *setor centro esquerdo do painel direito* conhecemos a figura de um cavaleiro voltado para a direita. O cavalo apresenta quatro patas, coxa demarcada, e é montado por um antropomorfo, com uma perna em perfil absoluto, mão esquerda junto ao focinho, segurando rédea, e direita para baixo, sobre o dorso, eventualmente segurando um pingalim.

Registe-se ainda a representação de um antropomorfo em vista frontal, desenhado a contorno, braços na horizontal, com extremidades abertas e cabeça circundada por linhas raiadas, em forma de sol.

2.2.20. VALE DE MOINHOS (V.N. DE FOZ CÔA)

Núcleo localizado ao longo de um comprido vale, que desce desde o planalto de Foz Côa até à margem esquerda do Côa, a cerca de 2,5 km da sua foz. As 15 rochas com representações sidéricas, de um total de 44, distribuem-se por dois conjuntos, um na zona da foz do ribeiro sazonal e o outro a mais de 1 km para montante.

Para além de motivos azilenses, a *rocha 7* (SANTOS, 2019, 147) apresenta um zoomorfo em perfil absoluto, com longas patas, a dianteira com nervura central, cauda filiforme comprida, pescoço curvo e cabeça com duas orelhas em W invertido, disposta na vertical (Fig. 68). À sua volta, dispõe-se um conjunto de traços paralelos e outros dois curvilíneos em forma de laço. Para a esquerda ao centro do painel, surge uma figura de difícil interpretação, definida por um contorno contínuo curvilíneo, estrangulado em forma 8, com enfranque arredondado. No topo do signo, definem-se duas formas subtriangulares paralelas invertidas e o interior é marcado por um retângulo de cantos arredondados e a base por um semicírculo. A semelhança do contorno com os antropomorfos da Broeira 3 sugere-nos um antropomorfo de cabeça para baixo, embora lhe faltem os braços.

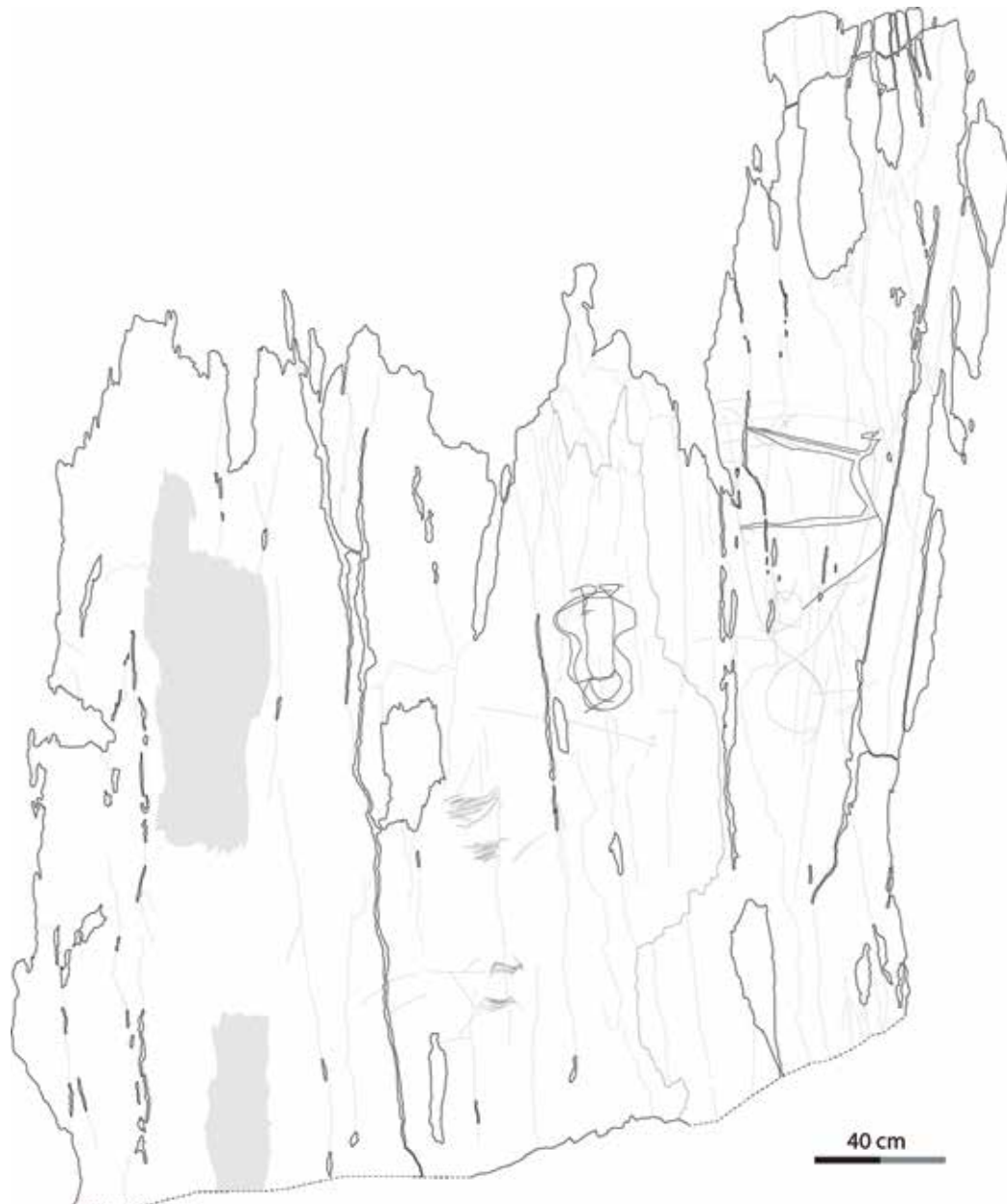


Fig. 68: Rocha 7 do Vale de Moinhos.

2.2.21. VALE DO FORNO (V.N. DE FOZ CÔA)

Conjunto de 96 painéis, 51 com representações atribuídas à Idade do Ferro, situado ao longo de um vale que desce desde o planalto de Foz Côa até à margem esquerda do Côa, a pouco mais de 1 km da foz. Condicionados pela orientação tectónica, os painéis gravados agrupam-se em dois conjuntos, um em trono da foz do curso de água e outro mais de 1 km a montante, no interior do vale.

O *setor direito* da *rocha 1* (Fig. 69) apresenta um antropomorfo *suis generis*, no contexto da arte da região, desenhado por um contorno que parte de uma perna, contorna a cabeça larga e regressa à outra perna (o mais próximo é um da Quinta das Tulhas 6). Foram-lhe acrescentados dois braços a contorno erguidos, duas orelhas e dedos dos pés ramiformes. À cintura surge um signo passível de ser interpretado como espada. Num subpainel à sua esquerda, surgem dois contornos que se cruzam, que,

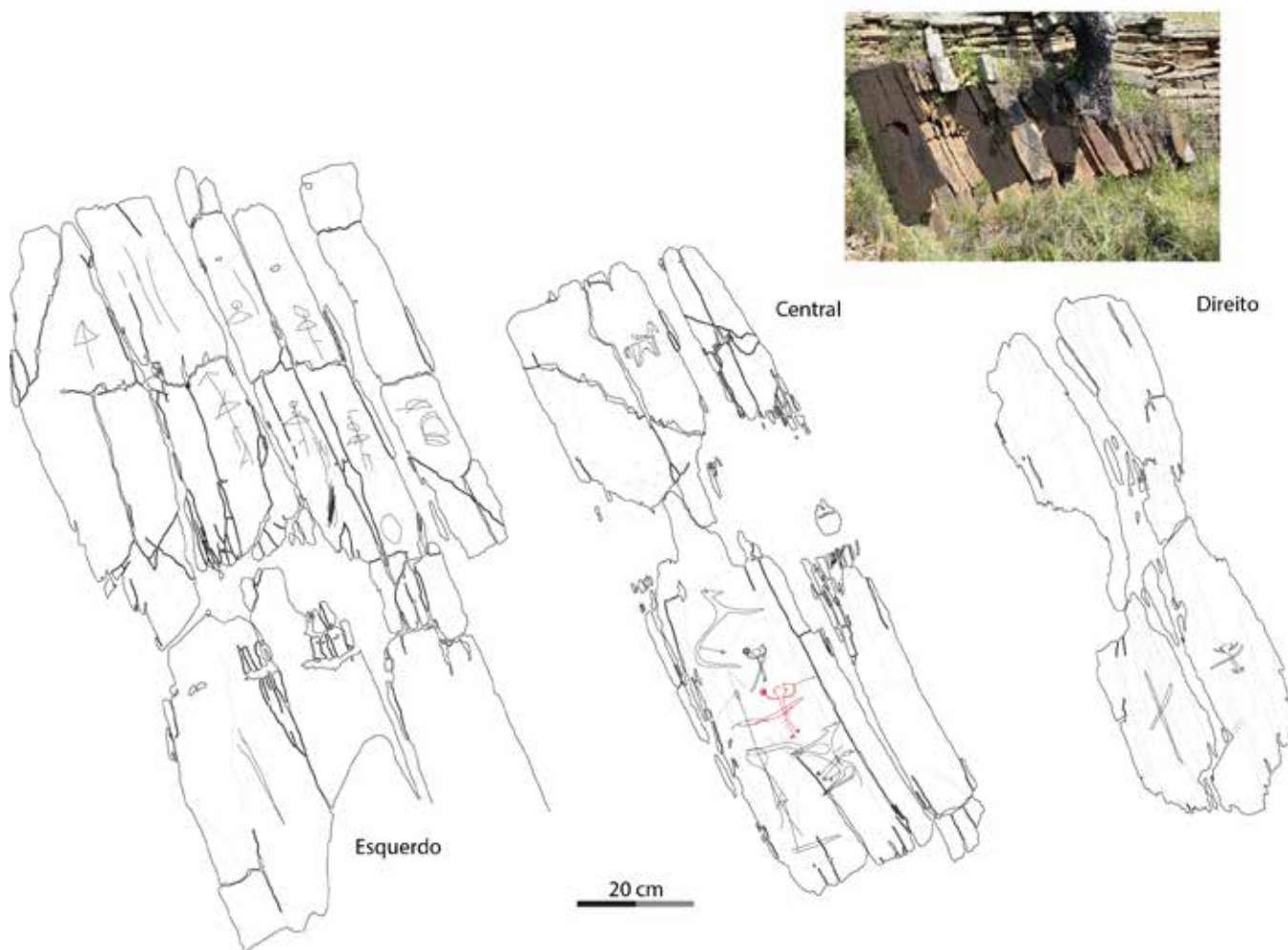


Fig. 69: Rocha 1 do Vale do Forno (foto de Mário Reis).

tendo em consideração a figura acabada de descrever, sugerem outra idêntica, resumida a dois contornos longilíneos.

No *setor central* figuram duas outras figuras em tudo semelhantes, com a exceção de apresentarem uma pequena *caetra*, com círculos concêntricos na mão direita e uma lança na mão esquerda, com conto e lâmina, num dos casos, e reduzida a uma linha, noutro. Abaixo, disposto na vertical, surge um cavaleiro, reduzido às pernas lineares com dedos filiformes, montando um cavalo desenhado a contorno, com orelhas angulosas, cauda filiforme e quartos dianteiros e traseiros em forma de ferradura. O sexo é representado por uma linha, cortada na extremidade por um círculo. Acima dos peões, surge um segundo cavalo macho, com o sexo representado de forma semelhante, mas com a diferença de apresentar apenas uma pata por par. Completam o painel, uma lança comprida, que atravessa um signo que poderia ser interpretado como arco (*caetra?*), que atravessa uma figura de natureza antropomórfica, com grande cabeça circular, corpo triangular e pernas filiformes. As representações do setor esquerdo deste painel não parecem enquadrar-se no contexto artístico sidérico, uma vez que surge aí representado

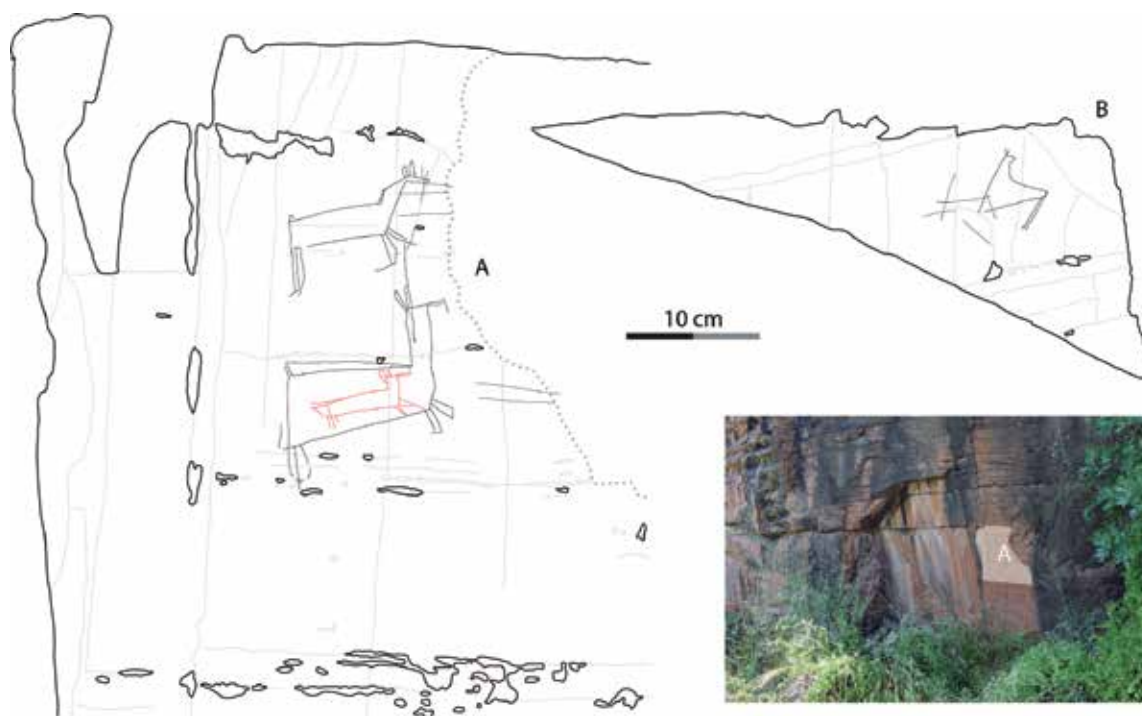


Fig. 70: Painéis A e B da rocha 2 do Vale do Forno (foto de Mário Reis).

um conjunto de figuras que se assemelham a bestas, com paralelos na arte da região, de cronologia mais recente (REIS, 2012b, 81).

O painel A da *rocha 2* apresenta três zoomorfos em tudo semelhantes (Fig. 70), voltados para a direita, com corpos, pescoços e quatro patas retilíneas, as dianteiras projetadas para diante, caudas curtas e duas orelhas. No interior da figura de baixo surge a terceira, mais pequena, o que poderia sugerir uma cena de gestação animal, tal como a Foz do Côa 67, mas de estilo distinto. Já o painel B apresenta uma única figura, voltada para a esquerda, com cabeça retrospectiva. Tem corpo angulosos, orelhas filiformes em V e duas longas patas traseiras igualmente filiformes. Não apresenta cauda.

A *rocha 6* (Fig. 71) é um dos raros painéis horizontais da região, fora do Vale da Casa (LUÍS *et al.*, no prelo). Nela surgem, com a mesma orientação, seis figuras humanas em perspetiva frontal, com braços levantados, três delas com corpos ondulados, uma com cinturão e bico de pássaro (ver Vermelha 3), outra com espada ao lado, e outra ainda com lança na mão direita, escudo circular na esquerda, cinturão com punhal, um segundo punhal disposto ao seu lado esquerdo sapatos e linha junto ao pescoço e numa das axilas, sugerindo alguma veste. Com uma orientação a 90 graus, surgem representados os zoomorfos, dois equídeos, um com decoração interna linear paralela e um círculo raiado na espádua, cauda em ângulo reto e quatro patas abertas. O outro, em posição oposta, tem um corpo em perfil absoluto, com patas abertas projetadas para diante e uma cabeça em perspetiva frontal (ver Mocissos 3; BAPTISTA & SANTOS, 2013, 91-92, fig. 75, n.º 4 e 16). Surge ainda um terceiro cavalo, este montado por um antropomorfo de braços abertos e lança de duas pontas um pouco mais atrás. Identifica-se ainda mais dois zoomorfos, um deles que poderia ser um bovino e o outro, de pequeno tamanho, indeterminado.



Fig. 71: Rocha 6 Vale do Forno.

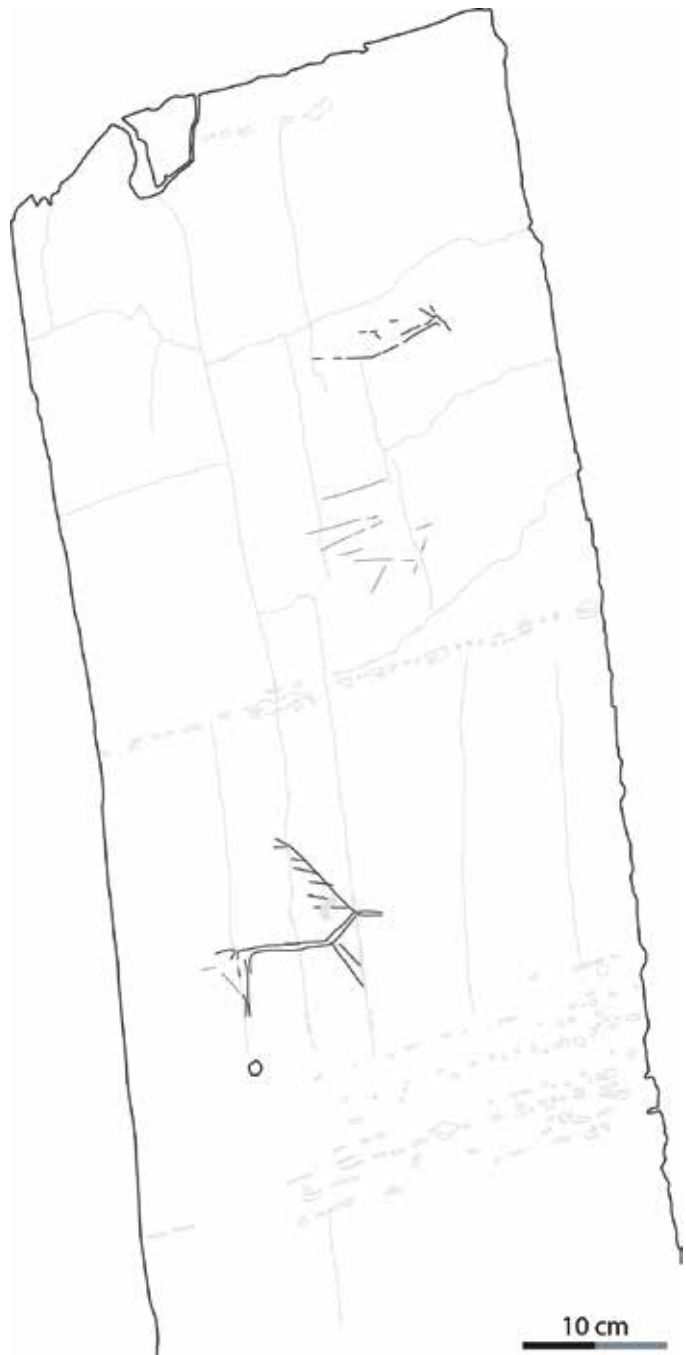


Fig. 72: Rocha 20 do Vale do Forno.

A *rocha 20* apresenta um veado em perfil absoluto, incluindo a haste ramiforme, desenhado de forma esquemática com extremidades abertas (Fig. 72). Acima, surgem os restos de uma representação idêntica, sem vestígios de hastes.

Na *rocha 79* surgem, do lado esquerdo, dois zoomorfos semelhantes, voltados para a direita, em perfil absoluto, caudas filiformes (uma comprida e outra curta), patas abertas e fletidas, longo pescoço, orelhas e focinho curto (Fig. 73). O da frente apresenta a representação da bainha, indicando o sexo. À frente destes dois, surge um outro sem bordos interiores das patas ou ventre, seguido de uma linha que representará as orelhas e o pescoço e pata de um quarto. Do lado direito, voltados para a esquerda, surgem dois zoomorfos, de construção semelhante aos cavalos, embora mais retilíneos. A cauda curta e as hastes da figura cimeira, tornam esta interpretação evidente, sendo

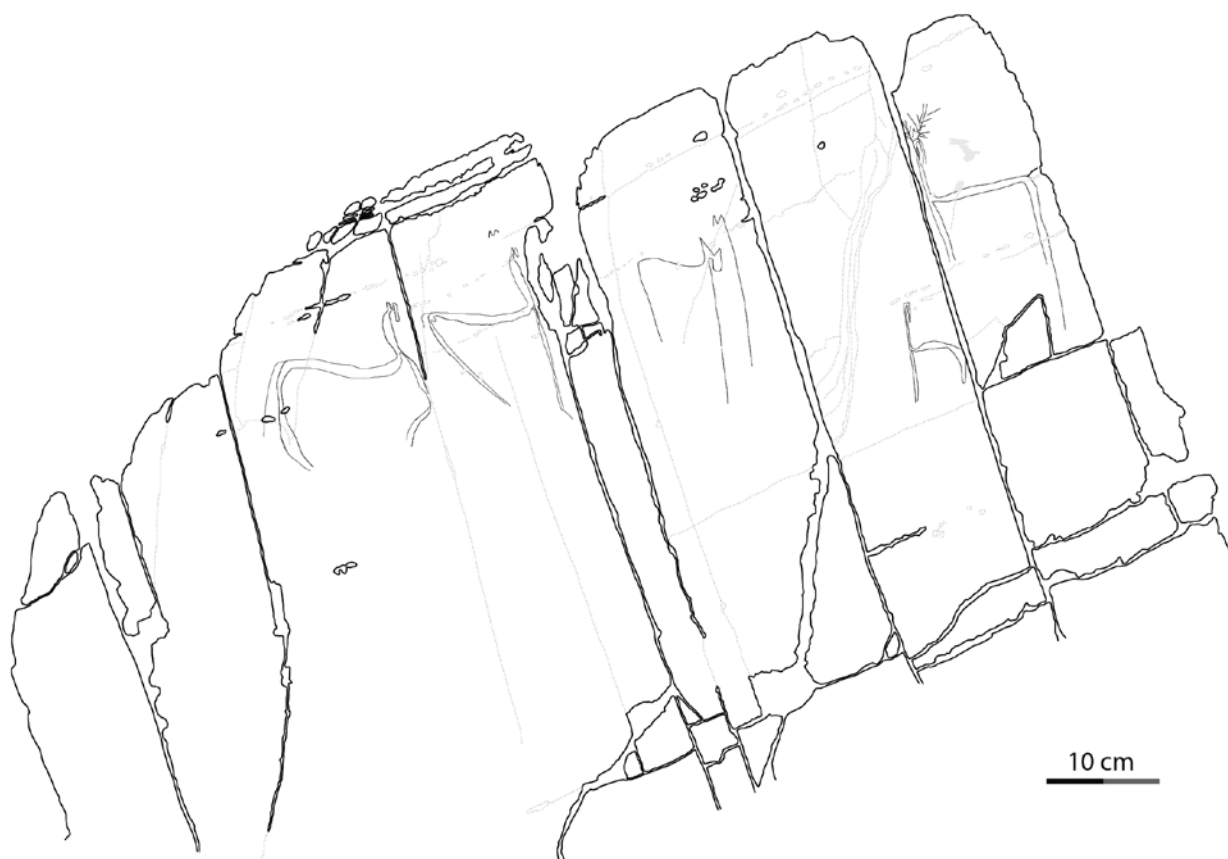


Fig. 73: Rocha 79 do Vale do Forno.

o outro desprovido destes elementos. Para além disto, são ambos muito idênticos, apresentando a cabeça voltada para trás e um longo focinho pendente.

2.2.22. VALE ESCURO (POCINHO, V.N. DE FOZ CÔA)

É o núcleo da margem esquerda do Douro situado mais a jusante, a mais de 7 quilómetros de distância da foz do Côa. As 15 rochas gravadas, 6 delas com motivos atribuídos ao Ferro, situam-se ao longo um vale íngreme, por onde descem as águas sazonais desde a Chã de Foz Côa até ao rio.

O setor superior da *rocha 3* apresenta um veado retrospectivo (Fig. 74), com o corpo anguloso, formado por quatro retângulos, voltado para a esquerda, em perfil absoluto. As patas são compridas, cortadas por uma linha perpendicular junto às extremidades, o corpo é estreito, a cauda curta é desenhada por duas linhas paralelas e a cabeça é triangular. Apresenta uma haste ramiforme associada a uma longa e angulosa linha em V invertido, que poderá representar a orelha. Acima, por entre um conjunto de traços semicirculares, cortados por um segmento de reta, surge uma figura semelhante, sem hastes, cauda ou cabeça muito evidente, disposta para cima.

Da *rocha 14* conhecemos apenas o desenho de um cavalo, voltado para a esquerda, dois membros anteriores fechados, um membro anterior aberto, duas orelhas pontiagudas e uma cauda reta horizontal, no prolongamento do dorso (Fig. 75).

Igualmente parcial é o decalque da *rocha 15*, onde surge apenas uma



Fig. 74: Setor superior da rocha 3 do Vale Escuro.



Fig. 75: Levantamento parcial da rocha 14 do Vale Escuro.

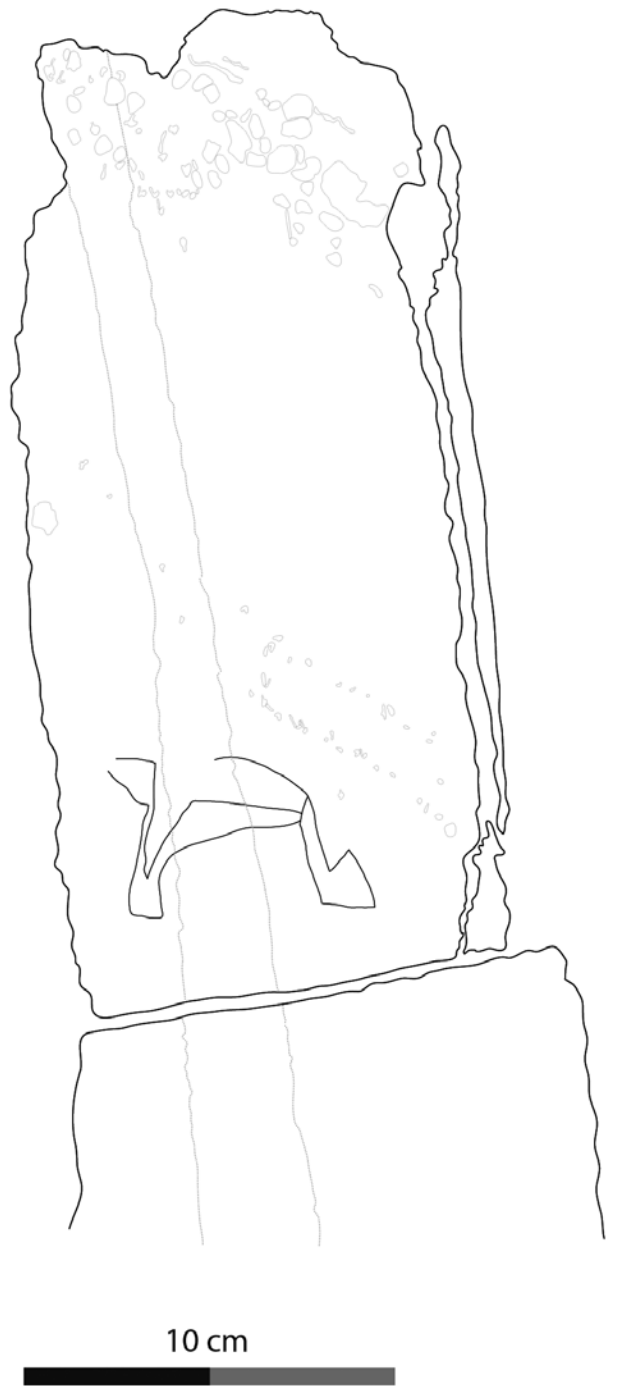


Fig. 76: Levantamento parcial da rocha 15 do Vale Escuro 15.

representação, de difícil interpretação (Fig. 76). Apenas o facto de estar representado a contorno anguloso poderá remeter este estranho motivo para a Idade do Ferro.

2.2.23. VERMELHOSA (V.N. DE FOZ CÔA)

Localizado na margem esquerda do Douro entre o Vale de José esteves e a Bulha, a cerca de 50 metros da foz do Côa, apresenta 14 painéis gravados durante a Idade do Ferro, num total de 25.

Da complexa *rocha 1*, dispomos do decalque de dois detalhes (Fig. 77). O primeiro trata-se do famoso cavaleiro sobreposto a uma cabra paleolítica, desenhado e publicado para demonstrar a antiguidade desta arte (ZILHÃO, 1997, 33). O cavaleiro apresenta-se em perfil absoluto, com a exceção do tronco campaniforme e dois braços, o direito erguendo uma lança com duas pontas e o esquerdo segurando um arrieio em zig-zague. Três linhas junto à cintura representarão um cinturão, um pouco acima do que será o final do saiote. A perna tem coxa e géméo desenvolvidos. A cabeça tem

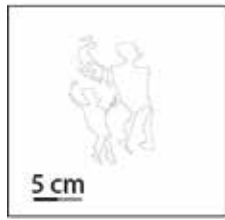


Fig. 77: Motivos da rocha 1 da Vermelhosa (foto de Mário Reis).

forma de bico, enquadrado por uma forma semi-retangular, e da nuca saem dois traços paralelos rematados por uma linha perpendicular. A figura apresenta grandes semelhanças as da Vermelha 3. O cavalo em que surge montado tem longo pescoço, crina, orelhas redondas, patas dianteiras projetadas para diante, dorso longo e patas anteriores bem desenhadas, com coxas definidas. A cauda bilinear termina em vassoura. O segundo detalhe é igualmente um cavaleiro, com longas pernas cruzadas, nariz proeminente, braços lineares, o direito segurando uma lança na vertical e o outro as rédeas lineares. O cavalo surge em perfil absoluto, com exceção das duas orelhas em W invertido, grande cabeça, focinho pontiagudo, longo dorso, patas curtas fechadas, projetadas para diante e longa cauda pendente aberta. Este painel foi estudado pelo projeto “Gravado no Tempo” e parcialmente publicado (ABREU *et al.*, 2000, fig. 6 e 7), onde se identifica ainda dois outros quadrúpedes e um terceiro cavaleiro, com escudo em perspetiva lateral na mão esquerda.¹¹

No painel central da *rocha 3* (LUÍS, 2016, 69), destaca-se a figura de um grande guerreiro voltado para a direita, com pequeno escudo circular côncavo, com umbo, de perfil, na mão esquerda, e, na outra, uma grande lança com duas pontas, disposta na vertical (Fig. 78). Tem cabeça em bico de ave, penacho na nuca e um grande olho, do qual partem duas linhas paralelas onduladas. Na cintura, apresenta um reticulado (cinturão, couraça?), saiote e duas pernas fletidas desenhadas a contorno, com grande coxa, gémeos e pés, em tudo semelhantes ao estilo do cavaleiro da rocha 1. Foi já sugerido que se trate de uma figura de sexo feminino, em virtude da rocha apresentar uma concavidade natural que coincide com a zona entrepernas (REIS, 2021). Para além desta coincidência, a figura não apresenta qualquer caractere sexual que confirme esta interpretação. Ela é em tudo o resto semelhante às duas figuras representadas abaixo em duelo, onde, de forma explícita, se indica a sua natureza masculina. Para além dos falos pendentes, estas figuras brandem as respetivas lanças, tendo cada uma delas já lançado uma primeira. A maior das duas, à direita, tem o desenho de cnémides na zona da canela e pantorrilha. À cintura, apresenta um signo que interpretamos como punhal com pomo naviforme (LUÍS, 2021). Acima da couraça, surge figurada uma linha em contorno desde o peito até ao interior do tronco. Atrás, surge um cavalo, muito semelhante ao da rocha 1, com ausência de crina, ligado à couraça do guerreiro por uma rédea em ziguezague. Um pouco acima do cavalo, um vulto antropomórfico, reduzido aos ombros e cabeça voltada para a esquerda, e atrás, um signo disposto ao alto, semelhante a uma espada sem guarda. Por baixo do guerreiro com as cnémides, um eventual segundo cavalo, que apresenta algumas semelhanças com as figuras simétricas do Vale de José Esteves 18. À sua esquerda, por entre uma linha sinuosa, surge um quinto antropomorfo, seguindo o modelo dos duelistas, com três linhas paralelas na cintura apertada, desprovido de braços, uma perna apenas e duas linhas em forma de lira na cabeça. A comparação desta representação, com outra localizada acima à esquerda do grande guerreiro, explicita tratar-se de um caldeiro na cabeça e não de um capacete de cornos (LUÍS, 2008, 420), pois essa figura com bico de pássaro aberto e tronco campaniforme, semelhante às anteriormente descritas, tem os braços erguidos segurando o caldeiro, que apresenta igualmente duas linhas internas que o fecham. Junto a esta figura surgem duas

11 - Tal como o Meijapão, esta rocha e todas as restantes da Vermelha encontra-se em estudo por Helena Soares, no âmbito do projeto RARAA - Repositório de Arte Rupestre em Acesso Aberto, financiado pela Fundação Ciência e Tecnologia, a partir de registo fotogramétrico.



A



Fig. 78: Painel direito e motivos do painel esquerdo da rocha 3 da Vermelha (foto de Mário Reis).

linhas côncavas paralelas, com três apêndices na linha inferior, que poderiam sugerir um vaso com pé saliente visto de perfil (?). Voltando à zona inferior do painel, importa mencionar a cena de duas aves de perfil, debruçadas sobre um peixe esquemático, todos com decoração interna reticulada, gravados profundamente. Ainda na zona inferior, mas à direita da figura, surge uma sétima figura antropomórfica, desprovida aparentemente de braços, com cabeça aviforme voltada para a direita, com pernas entreabertas, de coxas e pantorrilhas exageradas, com um signo semicircular aberto entre as pernas, enfrentando uma ave de rapina desenhada a contorno, empoleirada sobre uma linha sinuosa. Mais acima, em frente do escudo do grande guerreiro, surge, de baixo para cima, o pescoço, focinho e orelhas de um possível cavalo voltado para a direita, uma ave semelhante às aves descritas anteriormente, desenhada a contorno simples não decorado, com cabeça baixa, tocando o focinho do cavalo. Acima dela, um cavaleiro incompleto, voltado para a direita, percebendo-se a perna, e sobretudo os quartos dianteiros da figura, com patas dianteiras projetadas para diante e grandes orelhas circulares. Junto às costas do cavaleiro poderá estar a representação de um cervídeo esquemático retilíneo. Mais acima ainda, surge o que parece ser um antropomorfo com corpo campaniforme e linhas reticuladas na zona da cintura, com um segundo signo campaniforme à sua direita, sobrepondo-se ao que parece ser a ponta de uma lança. Inúmeros traços cobrem esta área do painel, nomeadamente figuras azilenses. Refira-se ainda a existência de um signo campaniforme alongado sobre a cabeça do grande guerreiro. Mais curiosa é a presença de um signo em forma de “guitarra clássica”, com corpo em 8 e braço longo, sob o pé direito do duelista da esquerda. Este signo apresenta semelhanças com outro, presente na rocha 3 de Mocissos (BAPTISTA & SANTOS, 2013, 93).

Do *painel esquerdo* temos apenas o decalque de três figuras antropomórficas semelhantes, mas de tamanhos diferentes, de cabeça com nariz proeminente e pernas com gêmeos desenvolvidos, voltados direita. A maior, da direita, é desprovida de braços, enquanto a da esquerda tem os braços erguidos, segurando na mão esquerda o que poderá ser um escudo circular de perfil. Acima dela, surge o que parece ser um terceiro antropomorfo, aparentemente reduzido ao contorno contínuo das pernas e tronco. O decalque publicado deste setor, realizado pelo projeto Gravado no Tempo (ABREU *et. al.*, 2000, fig. 1), permite identificar ainda, à esquerda destas figuras, um grande guerreiro voltado para a direita, com escudo semelhante às figuras do setor central e uma lança na mão direita. Acima, por entre outras linhas surgem os quartos dianteiros de um quadrúpede com duas patas projetadas para diante, realizadas a contorno contínuo, e um outro quadrúpede no topo do painel com orelhas filiformes. No topo esquerdo, três a cinco figuras zoomórficas voltadas para a direita.

2.2.24. OUTROS NÚCLEOS

Embora este se trate de um impressionante conjunto de decalques de rochas gravadas, a arte do Côa continua na sua maioria inédita, nomeadamente alguns conjuntos com numerosos painéis.

De entre os núcleos com maiores conjuntos, refira-se a *Cascalheira* (Urros, Torre de Moncorvo), na margem direita do Douro, mesmo em frente à foz do Côa, identificado durante o processo de validação do modelo preditivo para a formação e conservação dos painéis gravados do Vale do Côa (AUBRY *et. al.*, 2012), com o impressionante número

de 21 painéis gravados com motivos do Ferro, ainda por documentar. Para além dos típicos cavalos, cervídeos, antropomorfos e lanças, destacam-se dois cavalos, um deles retilíneo, com decoração interna e três posições de cauda, numa clara decomposição do movimento (rocha 14)¹² e um outro, mais sinuoso, com cuidada decoração interna, semelhante ao cavalo do Vale do Forno 6 (rocha 28)¹³. À Cascalheira junta-se a maioria dos núcleos da margem direita do Douro, alguns deles conhecidos desde os anos 1990, mas que permanecem por estudar.

Na margem oposta do Douro, salientamos os núcleos do *Garrido* (Orgal, V.N. de Foz Côa) com motivos atribuídos à Idade do Ferro em todas as suas 16 rochas. A montante, a *Ribeira da Cabreira* (Castelo Melhor, V.N. de Foz Côa) é outro conjunto notável de arte sidérica, ainda pouco conhecido, com 10 rochas gravadas com motivos do Ferro.

Em menor número, o interior do Côa alberga conjuntos importantes a carecerem de estudo, como a *Cavalaria*, *Canada do Amendoal*, a própria *Ribeira de Piscos*, terminando, a montante na *Ribeira da Volta* (Chãs, V.N. de Foz Côa), localizada no alto da vertente em frente da Penascosa, que apresenta 6 painéis com motivos enquadráveis no tema deste texto. Salienta-se a rocha 1, com um vasto conjunto de zoomorfos em perfil absoluto, linhas angulosas, extremidades abertas, nomeadamente cervídeos, alguns deles com preenchimento interno¹⁴, e a rocha 3 com um notável conjunto de punhais e falcatas.¹⁵

3. Conclusões

Ainda que parcial e limitado, este conjunto constitui-se, desde já, no maior *corpus* de arte rupestre da Idade do Ferro, perfazendo um total de 718 motivos figurativos (Tabela 1) e mais de uma centena de signos geométricos. Em termos da iconografia deste período, só os grandes conjuntos de pintura vascular ibérica atingirão uma dimensão semelhante (PÉREZ BLASCO, 2014).

Para além de critérios iconográficos de datação, que adiante explanaremos, agrupamos estas representações a partir de dois critérios que se relacionam: a técnica e o estilo de representação.

Não dispendo ainda de estudos pormenorizados, podemos genericamente afirmar que as representações da Idade do Ferro do Côa e Douro foram geralmente representadas pela gravação de traço linear com recurso a instrumento metálico, denunciado pelos sulcos em forma de U, bem distintos das gravações precedentes, com sulcos em V, produzidos por instrumentos líticos (AUBRY & SAMPAIO, 2012). A variabilidade na força e reiteração do traço, justificará a diferença entre traços mais ténues, de secção quadrangular superficial, e traços mais profundamente gravados (LUÍS, 2021, 100). Em alguns casos, onde as linhas se apresentam mais ténues, apenas se terá raspado a superfície sílicometálica que cobre os painéis, criando assim um contraste cromático imediato, entre o traço esbranquiçado e a superfície castanha

12 - https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3449/3449.pt.jpg

13 - https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3585/3585.pt.jpg

14 - https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3226/3226.pt.jpg

15 - https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3230/3230.pt.jpg;
https://arquivo.pt/wayback/20181019100344mp_/http://arte-coa.pt/Ficheiros/Imagem/3231/3231.pt.jpg

alaranjada. Contudo, o processo de reformação da película inicia-se logo após a gravação, ocorrendo a diferentes ritmos, dependendo de variáveis largamente desconhecidas, mas que estarão relacionadas com exposição solar, acumulação de água, colonização vegetal, microtopografia das superfícies e elementos químicos integrantes da rocha percussora (por ex. carbonato de cálcio). Isto faz com que se identifiquem algumas representações com os traços de cor branca, enquanto outros já mal se distingam da superfície rochosa mais escura. Por vezes, esta diferença verifica-se mesmo em distintas zonas do mesmo traço gravado.

As linhas deste conjunto artístico são frequentemente angulosas, o que poderá estar relacionado com o tipo de utensílio empregue, deixando antever uma ferramenta onde a mão se encontra afastada da extremidade usada na gravação, dificultando o seu controlo. Isto mesmo justificará a existência frequente de linhas gravadas a tracejado, explicadas pela baixa pressão exercida sobre o utensílio e a sua maleabilidade, quando em contacto com a rugosidade da superfície a gravar (por ex. Vale Escuro 3 ou Vale de José Esteves 19).

Como argumentos cronológicos foram logo de início apontados a tipologia das armas representadas, a morfologia de características como o desenvolvimento dos gémeos das figuras humanas e a sinuosidade dos pescoços dos cavalos (BAPTISTA, 1983).

Trata-se de um conjunto relativamente homogéneo, caracterizado por contornos lineares sinuosos, geralmente não preenchidos, com raros detalhes anatómicos. As figuras surgem de perfil, mas sujeitas a uma frontalidade na duplicação da representação de grandes orelhas, membros e hastes, e, nas figuras humanas, dos braços e pernas e perspectiva frontal do tronco. As figuras humanas surgem também e perspectiva frontal absoluta. O elevado grau de standardização dificulta a interpretação específica das figuras animais, por vezes apenas determinada pelo contexto em que surgem representadas. Os modelos de representação repetem-se, distinguindo-se representações realizadas a contorno sinuoso contínuo, geralmente com duas patas por par, das realizadas em perfil absoluto, frequentemente com extremidades de patas abertas. Dentro destas, identifica-se um conjunto de figuras onde os membros anteriores, dorso e cabeça são realizados por um traço contínuo, sendo os membros anteriores acrescentados posteriormente. Da regra do desenho contornado, excetuam-se algumas orelhas, hastes e raros membros realizados a traço filiforme. Não conseguimos, de momento, atribuir diferenças cronológicas entre estes distintos modos de representação, uma vez que frequentemente se misturam no mesmo painel.

Os motivos representados dividem-se entre figurativos e geométricos. Nos figurativos destacam-se, com larga maioria, os zoomorfos (456), seguidos pelas armas (141) e antropomorfos (119).

Como atrás ficou dito, é por vezes difícil determinar a espécie a que pertencem as diferentes representações, o que justifica que a maioria das representações zoomorfas seja indeterminada (38,6%). Ainda assim, todas corresponderão a quadrúpedes, mamíferos, que se deverão integrar nas três grandes espécies representadas: equídeos, cervídeos e canídeos. Os cavalos são mais facilmente identificados pelo contexto, uma vez que 20,6% deles se encontra montado. Trata-se do animal mais frequentemente representado (37,3% dos zoomorfos), caracterizado geralmente por caudas compridas, dorso e pescoço sinuosos e frequente delimitação arredondada da coxa. Identifica-se ainda a repetida representação de quartos traseiros em ferradura, com perspectiva

torcida, reconhecida logo no Vale da Casa (BAPTISTA, 1983), mas que não é exclusiva dos cavalos. As figuras desenhadas a contorno têm geralmente patas curtas, frequentemente projetadas para diante, longos pescoços e grandes orelhas subcirculares ou em W invertido, enquanto outras podem apresentar patas bem mais compridas. A representação da crina é rara, surgindo excepcionalmente caída (Vale da Casa 6 e 7, Ribeira das Furnas 1) ou representada por traços subparalelos partindo do pescoço (Vermelhosa 1 e Foz do Côa 139). Sendo um animal com baixo dimorfismo sexual, os machos são apenas passíveis de identificação através da representação da bainha, reconhecendo-se apenas 12 exemplos, 3 deles montados.

Ao contrário dos cavalos, o elevado dimorfismo sexual dos cervídeos facilita a identificação dos machos, através da representação das hastes, sempre representadas de forma filiforme e não realista, por intermédio de ramiformes, simples ou complexos. De um total de 67 exemplares identificados, quase metade dos cervídeos são machos (46,3%). A dificuldade de distinguir entre as corças e os cavalos, poderá contribuir para que muitas delas se integrem no conjunto dos quadrúpedes indeterminados. Características gerais, como os longos pescoços e orelhas e caudas curtas, nem sempre ajudam a distinguir estas fêmeas de cavalos e cães. A maioria das representações de cervídeos enquadra-se no modelo de perfil absoluto retilíneo, com extremidades abertas.

Os canídeos (6,6%) parecem identificar-se pela ausência de pescoços, representação de dentes, ou bocas abertas (Vale de José Esteves 8), garras (Vale da Casa 23), posições características da espécie (Vale de José Esteves 18), nomeadamente da cauda (Foz do Côa 153) ou a sua associação a cenas de caça, onde parecem apresentar caudas curtas. Apenas se identifica um cão claramente macho (Azenha 3).

Seguem-se as representações aviformes. Destas, as mais evidentes são as aves necrófagas da Vermelhosa 3, que se encontram debicando um peixe. A sua decoração reticulada interna apresenta semelhanças com as representações da Penascosa 24 e mesmo da Canada do Inferno 24, embora o estilo destas (nomeadamente os membros filiformes) e o seu contexto as afaste. Ainda ao nível das necrófagas, refira-se a figura da Quinta das Tulhas 2, que sugere um longo pescoço sem penas, terminando numa cabeça com bico, saindo de uma fissura. Na Ribeira de Urros, surgem ainda dois vultos aviformes, sugerindo anatídeos. Finalmente, ainda na Vermelhosa 3, refira-se a rapina empoleirada, junto do uma figura antropomórfica ornitocéfálica e uma outra, de contorno necrófago, mais acima.

Para além do peixe já referido (o único exemplo que conhecemos), será de referir ainda o javali (Foz do Côa 145), com paralelos na arte do Sabor (SANTOS *et. al.*, 2016) e dois eventuais touros (Vale de José Esteves 19 e Vale do Forno 6).

Entre as figuras indeterminadas, incluímos ainda um conjunto de figuras zoomórficas de classificação impossível pelo seu caráter irrealista. Nesta situação, incluem-se sobretudo figuras muito compridas, com grandes fauces (Foz do Côa 181) ou outras características irrealistas (Vale de Cabrões 11). Destaca-se o Vale de José Esteves 18, onde surgem, para além de um grande conjunto de figuras que sugerem elefantes (?), as figuras bicefálicas espelhadas, que encontram paralelos muito semelhantes entre dois equídeos (Scale di Cimbergo 49; SANSONI & GAVALDO, 2009, 173), e mais distantes entre canídeos espelhados integralmente, segundo um eixo horizontal (Le Crus 39G; SANSONI & GAVALDO, 1995, 146, fig. 45), ambos em Valcamonica (Itália).

Sitio	Rocha	Zoomorfos										Antropomorfos	Armas					Signos geométricos						
		Descalque integral	Quadrúpede							Ave	Peixe		Lança	Escudo	Espada	Falcata	Punhal	Vaso	Totais	Circular	Quadrangular	Linhas paralelas	Zigzagague	Outros
			Cavalo	Veado	Corça	Camdeco	Javali	Touro	Indeterminado															
Azenha	3	1	5	1	3	5	-	-	10	-	-	1	-	-	-	-	-	26	x	x	-	-	-	
Broeira	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	0	3	-	-	-	-	
Bulha	6	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	
	7	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	3	-	-	-	-	x	
	13	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	
	19	1	-	1	2	-	-	-	4	-	-	1	2	-	-	-	-	10	x	-	-	-	-	
	30	1	10	2	2	-	-	-	7	-	-	1	-	-	-	-	-	22	x	-	-	-	x	
	31	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	
	38	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	5	4	2	-	-	-	14	-	-	-	-	x	
Canada da Meca	3	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	
Canada da Moreira	1	1	3	-	-	-	-	-	6	-	-	3	3	3	-	-	-	18	-	-	-	-	-	
	2	1	3	-	-	-	-	-	9	-	-	4	2	-	2	-	-	20	-	-	-	-	x	
	7	1	1	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	3	x	x	x	-	x	
Canada do Arrovão	3	1	1	-	-	-	-	-	4	-	-	2	2	-	-	-	1	10	-	-	-	-	x	
Foz do Côa	42	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	
	44	-	1	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	7	x	x	-	-	x	
	53	1	2	-	-	-	-	-	2	-	-	2	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-	
	67	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	
	92	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	x	-	-	-	x	
	93	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	5	1	-	-	-	9	-	-	-	-	-	
	95	1	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-	
	134	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	
	139	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	7	-	-	-	-	x	
	145	1	-	1	-	-	1	-	3	-	-	-	-	-	1	-	-	6	-	x	-	-	-	
	148	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	x	
	150	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	-	-	-	-	-	
	152	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	x	
	153	1	7	-	-	1	-	-	1	-	-	2	1	-	-	-	-	12	-	-	-	-	-	
	177	-	2	1	3	-	-	-	-	-	-	5	7	1	-	-	-	19	-	-	-	-	x	
	181	1	-	-	-	-	-	-	7	-	-	-	-	-	-	-	-	7	x	x	-	x	x	
Meijapão	1	-	4	-	-	-	-	-	1	-	-	3	3	-	-	-	-	11	-	-	-	x	x	
Moinhos de Cima	7	1	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	x	x	-	-	
Olival dos Telhões	placa	1	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	
Paço	placa 1	1	2	-	2	-	-	-	2	-	-	4	3	1	-	-	1	15	-	-	-	-	-	
Penascosa	14	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	
	20	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	x	-	-	x	
	24	1	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	
Quinta das Tulhas	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	
	2	-	2	-	-	-	-	-	8	1	-	-	-	-	-	-	-	11	-	x	-	x	x	
	6	1	-	2	-	-	-	-	2	-	-	5	6	2	-	-	-	17	x	x	-	x	x	

Tabela 1: Motivos representados nos painéis descritos (x = presente).

Sitio	Roccha	Zoomorfos										Antropomorfos					Armas					Signos geométricos				
		Decalque integral	Quadrúpede							Ave	Peixe	Lança	Escudo	Espada	Falcata	Punhal	Vaso	Totais	Circular	Quadrangular	Linhas paralelas	Ziguezague	Outros			
			Cavalo	Veado	Corça	Canídeo	Javali	Touro	Indeterminado																	
Ribeira das Fomas	1	1	-	1	4	1	-	-	14	-	-	2	1	-	-	1	-	-	24	-	-	-	-	-	-	
Ribeira de Urros	1	1	3	3	3	1	-	-	7	2	-	3	1	1	-	-	-	-	24	-	-	-	x	x		
Tudão	1	-	1	5	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Vale da Casa	5	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	x	-	-	x		
	6	1	7	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	3	-	-	12	-	-	-	-	x		
	7	1	1	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	x		
	10	1	24	1	-	-	-	-	-	-	-	13	14	-	1	4	-	-	57	x	x	-	-	x		
	13	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	x	-	x	x		
	15	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	x	-	x	x		
	20	1	3	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	x	x	-	-	x		
	23	1	1	1	2	4	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	10	-	-	-	-	x		
Vale de Cabrões	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-		
	3	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-		
	6	1	2	-	-	-	-	-	1	-	-	?	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-		
	9	1	6	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	8	-	-	-	-	-		
	11	1	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	-	-	-	2	-	-	5	-	-	-	x	x		
	12	1	-	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-		
	35	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	x	-	-	-	x		
Vale de José Esteves	3	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-		
	4	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-		
	7	-	2	1	-	3	-	-	1	-	-	1	1	1	-	-	-	-	10	x	-	-	-	x		
	8	1	1	-	2	4	-	-	3	-	-	1	9	1	-	-	-	-	21	-	-	-	-	-		
	13	1	5	-	-	-	-	-	5	-	-	-	4	-	-	-	-	-	14	-	-	x	x	x		
	16	1	-	-	-	1	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-		
	18	1	4	1	6	4	-	-	28	-	-	5	3	-	-	-	-	-	51	-	x	-	x	-		
	19	-	22	1	4	6	-	1	10	-	-	8	3	1	-	-	-	-	56	-	-	-	-	-		
Vale de Moinhos	7	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	x		
Vale do Forno	1	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	5	3	2	3	-	-	-	15	-	-	-	-	x		
	2	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-		
	6	1	3	-	-	-	-	1	1	-	-	7	2	1	1	-	2	-	18	-	-	-	-	x		
	20	1	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-		
	79	1	3	1	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-		
Vale Escuro	3	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	x		
	14	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-		
	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	x		
Vermelhosa	1	-	3	-	-	-	-	-	2	-	-	3	2	1	-	-	-	-	11	-	-	-	-	-		
	3	-	2	-	-	-	-	-	3	4	1	12	6	4	-	-	1	2	35	-	-	-	-	x		
Totais			170	31	36	30	1	2	175	9	1	120	91	23	7	9	11	2	718	x	x	x	x	x		

Tabela 1 (continuação): Motivos representados nos painéis descritos (x = presente).

No grupo das armas, dominam as lanças (91), presentes em 27 painéis. Apresentam geralmente uma única ponta com nervura central, podendo ser dupla. Neste caso, tratar-se-á da representação da lâmina e do conto, que servia para cravar a lança no solo. Estes motivos podem surgir isoladamente, junto com outras composições, ou associados a figuras humanas, apeadas ou a cavalo. Em ambos os casos, estão geralmente associadas a escudos. A *caetra*, ou escudo circular (23), surge geralmente representada em vista frontal ou, mais excepcionalmente de perfil, permitindo a identificação do umbo (Vermelhana 3). Surge em cenas de exibição a cavalo, luta a pé ou até em cenas de caça. A identificação de escudos fora do contexto humano torna-se difícil, uma vez que não se distinguem de signos circulares, embora possam existir casos de representações deste tipo (Azenha 3, Foz do Côa 181). Na representação do armamento sidérico, seguem-se os punhais (11), que são representados isoladamente (Penascosa 20), empunhados (Paço) ou à cintura. O Vale do Forno 6 é particularmente interessante na representação da utilização da panóplia desta fase, com uma figura humana apresentando a lança na mão esquerda, a *caetra* na direita (com representação das correias de preensão), um punhal à cintura e outro disposto ao lado. Em termos de tipologia, refira-se a representação de punhais bidiscoidais (Vale de Cabrões 11 e Foz do Côa 150). A este nível, refira-se ainda o que interpretamos como um punhal de pomo naviforme, representado à cintura da cena de monomaquia da Vermelhana 3, que remete para um pomo semelhante identificado no espólio do túmulo 32 de Las Ruedas (Valhadolide) (SANZ MÍNGUEZ, 1997, 86–88), onde surge representada uma cena de monomaquia em tudo idêntica à da Vermelhana (LUÍS, 2021, 110). As falcatas (9) surgem geralmente sem contexto humano, dispostas em painéis, como o Vale da Casa 10, por vezes com decoração interna (embainhadas?). Refira-se a Ribeira da Volta 3, onde surgem associadas a punhais. Finalmente, a espada é a arma menos representada. Surge isoladamente (Vale da Casa 10), disposta ao lado de um antropomorfo (Vale do Forno 6) ou à cintura de guerreiros (Vale do Forno 1). Na Canada da Moreira 2, parece ser empunhada por cavaleiros, embora isto se afigure duvidoso.

Para além do escudo, o armamento defensivo está representado através das couraças (Foz do Côa 93, Ribeira de Urros 1, Vermelhana 3) e grebas ou cnémides (Vermelhana 3). Não existem claras representações de capacetes, embora os “turbantes” do Vale da Casa 10 ou uma linha na testa do cavaleiro da rocha 23 do mesmo sítio o possam sugerir (LUÍS, 2009, 226). Um suposto “capacete de cornos” na Vermelhana 3 revela-se um vaso na cabeça de um antropomorfo (LUÍS, 2008, 420).

Não sendo a categoria principal das representações do Côa e Douro (120 representações em 39 painéis), a figura humana é central nesta arte, tendo em conta o contexto em que surge. Estas representações surgem isoladamente, em grupos homoespecíficos ou interespecíficos. Elas surgem frequentemente em visão frontal, com os braços levantados, por vezes com os corpos ondulados, que nos sugerem o correr das águas, nomeadamente quando representadas em superfícies horizontais (Vale do Forno 6 e Vale da Casa 10) (LUÍS, 2009; LUÍS *et. al.*, no prelo). Entre as figuras com a cabeça em perfil salientam-se as representações ornitocéfálicas. Já nos debruçámos noutras ocasiões sobre estas representações, que se nos afiguram de grande importância para a interpretação desta arte (LUÍS, 2008). Se é verdade que em alguns casos, estes apêndices faciais poderão corresponder a narizes (no que constituem um dos raros detalhes anatómicos faciais destas figuras), noutros, o carácter aviforme é evidente (Vermelhana 3, Vale de Cabrões 3). A contribuir para esta interpretação, refira-se as representações da

Foz do Côa 42 e Vale de Cabrões 11, onde a ornitocéfalia se associa a longos braços fletidos em posição de “bater de asas”. Acresce, no primeiro caso, que a figura parece ascender de uma irregularidade da rocha.

Refira-se que se desconhece qualquer representação com caracteres sexuais femininos, incluindo a cena de coito posterior, com a exceção da depressão natural do suporte na Vermelha 3, já aludida, situada entre as pernas da grande figura de guerreiro (REIS, 2021). Por si só, e tendo em conta a natureza da representação e os seus paralelos, não nos parece ser razão suficiente para identificar a figura como feminina. Também umas supostas vestes longas da figura vagamente antropomórfica da base do setor central do Vale do Forno 1 não se nos afiguram suficientes para a classificar com feminina, tendo em conta a utilização unissexo de túnicas. A mulher parece estar ausente, de forma evidente, destas representações.

Não é nosso objetivo debruçarmo-nos detalhadamente sobre os signos geométricos, que surgem em associação com as representações figurativas ou em painéis a eles exclusivamente dedicados (por ex. Azenha 3H). Refira-se apenas, que para além das representações figurativas, surge uma infinidade de traços, cujo sentido frequentemente no escapa, mas onde se repetem motivos geométricos, por vezes de grande complexidade, como meandros, ziguezagues, reticulados, circulares, raiados, cruciformes, etc. cuja interpretação carece de estudo cuidado ao nível de tipologia, associações e interpretação. Ao nível de associações, destaca-se os ziguezagues que representam geralmente as rédeas dos cavalos, ou alguns motivos reticulados e circulares, que surgem associados a zoomorfos, nomeadamente cavalos (Vale do Forno 6), canídeos (Ribeira das Furnas) e cervídeos (Quinta das Tulhas 6, Paço). Poder-se-ia pensar que alguns motivos reticulados representados no dorso dos cavalos (por ex. Azenha 3F) poderiam constituir representações de selas, contudo, julgamos que o facto de nunca aparecerem em figuras efetivamente montadas, invalida esta interpretação.

Ao nível da composição, as distintas figuras surgem representadas em sobreposição ou justaposição. Tal como na arte paleolítica, a sobreposição não significa necessariamente ser o resultado de um processo longo de acumulação sucessiva. Pelo contrário, casos como o Vale da Casa 10, onde mais de meia centena de figuras se sobrepõe, parecem evidenciar uma organização, nomeadamente ao nível da disposição, orientação e escala das figuras (por exemplo, as armas surgem no centro e com maior tamanho, os quadrúpedes estão no centro, rodeados pelas figuras humanas), o que sugere uma verdadeira composição. Dois dos cavalos parecem mesmo estar manietados, sugerido ações de doma, presentes na pintura vascular ibérica. O mesmo tipo de organização surge no Vale do Forno 6, outra superfície horizontal, onde as figuras humanas têm uma orientação oposta às das animais (LUÍS *et. al.*, no prelo).

As figuras em justaposição são mais facilmente interpretáveis como cenas narrativas. Refira-se casos excepcionais, como a Vermelha 3 ou a Foz do Côa 153 que parecem constituir-se como verdadeiras estelas, onde uma ou mais cenas se desenrolam.

Ao nível de representações intraespecíficas, os antropomorfos surgem em grupos desarmados, com os braços levantados (Broeira 3, Bulha 13) ou em grupos de duas ou mais figuras armadas, em cenas de duelo (Vermelha 3, Quinta das Tulhas 6, Foz do Côa 93, Ribeira de Urros 1, Bulha 38), exibindo uma a duas lanças e escudo. Por vezes, nestas cenas, surgem associados também cavalos. Entre os zoomorfos, refira-se duas cenas eventuais de gestação animal (Foz do Côa 67 e Vale do Forno 2), duas

outras de aparente cuidado maternal (Paço e Bulha 38) e outras duas, mais duvidosas, que poderão sugerir cópula (Bulha 30 e Quinta das Tulhas 6). Este último caso é difícil de compreender, uma vez que parece tratar-se de dois cervídeos machos. Isto leva-nos a referir ainda as duas cenas de coito posterior identificadas entre figuras antropomórficas. Se a primeira é clara (Vale de Cabrões 3), já a segunda poderá suscitar algumas dúvidas (Foz do Côa 148), tendo a figura anterior uma cabeça zoomórfica. Nenhuma das figuras passivas nestas cenas apresenta caracteres sexuais femininos (LUÍS, 2009, 236), podendo colocar-se a possibilidade de se tratar de cenas homossexuais, algo que não seria original em contextos guerreiros (BURG, 2002).

As cenas interespecíficas mais características desta arte são a relação entre homem e cavalo, materializada na figura do cavaleiro (35 exemplos em 21 painéis). Em alguns casos, a ausência de pernas nas figuras humanas sugere mesmo a ideia de uma unidade entre ambos, simbolizada mitologicamente na figura do centauro. Esta relação simbolizará o domínio do homem sobre o animal, que se inicia com o processo de desbaste do cavalo, que nos parece estar sugerido nos dois cavalos manietados, na boca e membros posteriores, presentes no Vale da Casa 10. A mesma ideia de sujeição do cavalo estará presente na cena da Foz do Côa 139, onde um cavaleiro armado surge no meio de outros cavalos em pêlo no interior de um cercado. O cavalo parece também surgir como elemento de prestígio. Interpretamos assim a generalidade das cenas de cavaleiros, onde estes surgem brandindo armas, mas nunca combatendo. A mesma ideia de prestígio estará presente no cavalo preso ao maior duelista da Vermelha 3. O mesmo prestígio é sugerido ainda no cavaleiro que se sobrepõe a uma figura humana deitada na Foz do Côa 153. Com outros elementos a carecerem de interpretação, consideramos tratar-se aqui do momento após o combate a pé, quando o guerreiro vitorioso se exhibe montado num cavalo macho, após o combate a pé.

Na Canada da Moreira 1 parece representar-se um conjunto de cavaleiros, no meio de zoomorfos não muito distintos dos cavalos montados. Perguntamo-nos se não se tratará aqui de uma cena de captura destes animais para domesticação. Já na rocha 2, os animais não montados são de natureza distinta, embora não se trate de cervídeos, uma vez que um evidente macho não apresenta hastes. As cenas com cavaleiros e outras espécies envolvem geralmente cervídeos. Veja-se o caso das cenas de caça ao veado a cavalo, com auxílio de peões (Foz do Côa 177) e cães (Vale da Casa 23 e Ribeira das Furnas 1). O painel A da Azenha apresenta uma interessante semelhante perseguição de cervídeos com cães, na qual falta o cavaleiro.

A natureza narrativa destas cenas está patente nos critérios de animação que grande número destas figuras apresenta. Na sua maioria, trata-se de animação por instantâneo, onde a postura da representação sugere, ela própria, o movimento (LUÍS, 2012). Neste caso, estão as numerosas representações, sobretudo de cavalos, com os membros em extensão, sejam apenas os dianteiros (por ex.: Vermelha 1, Azenha 3), sejam ambos, projetados para diante (por ex. Meijapão 1) Mais dinâmico é o cavalo do setor central da Foz do Côa 148, onde esta projeção é associada a um desnivelamento dos membros, sugerindo um salto do cavalo. Mais raros são as figuras com flexão dianteira, igualmente sugerindo corrida (por ex. Bulha 30). Muito frequente é igualmente a representação de cabeças voltadas para trás (retrospicientes) de cavalos, veados e cães, que necessariamente representam ações, relacionadas com estados de alerta. Ao nível da animação das cabeças, identificamos ainda um único caso de um animal de perfil, com a cabeça enfrentando o observador (Vale do Forno 6), com paralelos no Guadiana

(Mocissos 3; BAPTISTA & SANTOS, 2013). Mais extraordinária é a representação do movimento por decomposição do movimento, onde um mesmo objeto, ou segmento de objeto, é representado múltiplas vezes (LUÍS, 2012). Exemplo disso, são as duas lanças já lançadas na cena da monomaquia da Vermelha 3 ou na cena da caça ao veado da Foz do Côa 177. Se nestes exemplos, o que vemos são diferentes lanças arremessadas anteriormente, no caso das três caudas do cavalo da Cascalheira 14, assistimos ao mesmo movimento da cauda, representada em diferentes momentos do seu percurso, no que se assemelha à animação por decomposição paleolítica.

Ao nível do conteúdo das cenas representadas, recorde-se, em primeiro lugar, as inúmeras referências literárias que apontam para uma substrato pré-romano, desde a importância da caça com cães (Xenofonte, *Cynegeticus* 9), até às descrições de duelos como forma de resolução de impasses em conflitos (Apiano, *História Romana* 6, 53) ou homenagem a chefes (Apiano, *História Romana* 6, 75; Tito Lívio, *Ab Urbe Condita* 28, 21), passando pela descrição do armamento lusitano (Estrabão, *Geografia* 3, 3, 6) - que parece descrever o os guerreiros da Vermelha 3 ou do Vale do Forno 6 - os rituais de morte (Cláudio Eliano, *De Natura Animalium* 10, 22), ou a mitologia céltica (MARCO SIMÓN, 1994).

Estas representações e as suas associações apresentam ainda inúmeros paralelos estilísticos na iconografia peninsular da II Idade do Ferro, que vão desde a fachada atlântica até à Catalunha, e das Astúrias ao Mediterrâneo. Ao nível de suportes, salienta-se os vasos cerâmicos, mas também a ourivesaria, a escultura e a arte rupestre, cuja importância tem vindo a tornar-se cada vez mais significativa, em suportes fixos e móveis, por vezes identificados em contexto arqueológico. Já por várias vezes nos referimos aos diademas de Mones (Piloña, Astúrias) (MARCO SIMÓN, 1994), à cerâmica de San Miguel de Liria (PÉREZ BLASCO, 2014) ou Numância (SOPEÑA, 2005), às estelas de Baixo Aragão (SANMARTÍ I GREGO, 2007). Ao nível estilístico, não deixamos de notar algumas semelhanças com alguma da arte figurativa galega, à qual geralmente é atribuída uma cronologia mais recuada. Sem invalidar uma periodização mais detalhada, este tipo de representações (angulosas, perfil absoluto, extremidades abertas, hastes ramiformes) encontra-se aqui frequentemente nos mesmos painéis que as restantes. Refira-se ainda que este tipo de representações surge igualmente aqui ao lado, em território espanhol no tramo das muralhas de Yecla de Yeltes (Salamanca), um sítio sem ocupação conhecida anterior à II Idade do Ferro (MARTÍN VALLS, 1983).

Tudo isto nos auxilia num contexto cronológico e cultural, mas adianta-nos também hipóteses interpretativas.

Os contextos arqueológicos destas representações, nomeadamente no vizinho vale do Sabor, concorrem todos para uma inserção cronológica na II Idade do Ferro. Refira-se ainda o caso particular da representação de armas, que se apresentam como importantes referências cronológicas, apesar da natureza esquemática da sua representação dificultar tipologias precisas. Isto sucede, principalmente com as lanças, onde, para além da nervura central, se identifica por vezes os contos. Os escudos circulares ibéricos terão raízes na Idade do Bronze e dominam a panóplia ibérica até ao séc. I a.C., quando são substituídos pelos escudos ovais (QUESADA SANZ, 1997, 545). As falcatas datarão de entre o séc. V a.C. e a mudança de Era (QUESADA SANZ, 1997, 80). As espadas não apresentam grandes detalhes morfológicos, mas serão posteriores às espadas de antenas, parecendo ter lâminas retas, o que as datará de um momento

posterior ao séc. IV a.C. (QUESADA SANZ, 1997, 243). Relativamente aos punhais, refira-se os bidiscoidais (KAVANAGH DE PRADO, 2008) ou com maçã naviforme, que apontam igualmente para a II Idade do Ferro.

Todos estes dados justificam a integração deste *corpus* na fase final da Idade do Ferro, com o alfabeto do Vale da Casa 23 a marcar provavelmente um *terminus post quem*, nos inícios do séc. V a.C. (GOMES, 2013). Tendo em conta o contexto romanizado em que as placas do Paço e do Olival dos Telhões foram identificadas, a mudança de Era marcará o final desta arte, introduzindo um vazio na representação rupestre na região.

Ao nível de hipóteses interpretativas partimos da perspetiva de fronteira, dividindo a nossa análise em três escalas: região, território e paisagem (LUÍS, 2021). A localização desta arte no limite ocidental da Meseta Norte e a sua conjugação com os estudos de etnogeografia antiga, parece-nos coincidir com um grande limite geomorfológico com eventual correspondência política. Se a implantação dos painéis nas vertentes dos vales encaixados dos cursos de água é condicionada pela disponibilidade destas superfícies, não deixa de ser verdade que ela corresponde aos limites dos espaços explorados economicamente. Isto coincide, por exemplo, com os exemplos móveis deste tipo de arte nesta região alargada, que foram identificados nos próprios limites dos espaços domésticos, seja nos fossos (Crestelos e Castelinho), seja nas muralhas (Yecla de Yeltes). A iconografia das representações gravadas define uma paisagem construída, onde os suportes naturalizam, eles próprios, uma ideologia guerreira. Assistimos à heroificação agonística da figura masculina do guerreiro, que é representado exibindo-se com a sua panóplia, combatendo, dominando o selvagem, através da doma do cavalo e da caça do veado, através do qual se exercita para o combate, com o auxílio do cão. Como toda a ideologia guerreira, a morte está sempre presente e é desejada em contexto de combate. Aqui, a comparação entre a iconologia do diadema de Mones e da Vermelhosa 3, associada à implantação desta arte em torno da confluência dos dois grandes rios e ao longo dos cursos de água sazonais, servem-nos de chave para a sua interpretação como ilustração do trânsito aquático do guerreiro para o Outro Mundo, através das águas, com auxílio dos animais psicopompos, passando através do espelho (OLMOS, 1996). Talvez esta interpretação iconológica explique os animais espelhados do Vale de José Esteves 18, os bicos de pássaro dos guerreiros tornados aves imortais no Outro Mundo, os guerreiros caídos ou os vasos à cabeça da Vermelhosa 3, quais “caldeiros de ressurreição”. Esta arte afirma e naturaliza a ideologia dominante da II Idade do Ferro.

Ainda que limitado, este primeiro inventário que agora se publica marca um ponto importante do estudo a arte da Idade do Ferro na região, que coincide com o final do trabalho do nosso colega Fernando Barbosa, com um papel fundamental no conhecimento desta arte. Através do seu trabalho podemos documentar a evolução dos métodos para o seu estudo, desde o recurso ao método bicromático e à moldagem, entretanto abandonados, até à introdução do trabalho noturno e do uso da luz artificial rasante. Neste momento, testamos outros métodos, baseados na fotogrametria, que, apresentando grandes virtudes ao nível do esforço humano e do tempo exigidos, terão ainda de provar ser capazes de atingir a qualidade e fidelidade do desenho dos decalques que aqui apresentamos.

Bibliografia

ABREU, M. S. de; ARCÀ, A.; FOSSATI, A.; JAFFE, L. (1998) - Palaeolithic Rock Engravings at Vermelhosa, Coa Valley Archaeological Park, Portugal. In GIUNCHI, C., ed. - *XIII UISPP Congress Proceedings: Forlì, 8-14 September 1996: Volume 3*. Forlì: A.B.A.C.O. Edizioni, pp. 121-126.

ABREU, M. S. de; ARCÀ, A.; JAFFE, L.; FOSSATI, A. (2000) - As gravuras rupestres de idade do ferro no vale de Vermelhosa (Douro, Parque Arqueológico do Vale do Côa): Notícia preliminar. In JORGE, V. O., ed. - *Proto-história da Península Ibérica (Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular. Vol. V)*. Porto: ADECAP pp. 403-406.

AUBRY, T.; LUÍS, L.; DIMUCCIO, L. A. (2012) - Nature vs. Culture: present-day spatial distribution and preservation of open-air rock art in the Côa and Douro River Valleys (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 39: 4, pp. 848-866.

AUBRY, T.; LUÍS, L.; DIMUCCIO, L. A. (2017) - Porque é que a arte do Coa se concentra na margem esquerda? Condicionantes geológicas e ambientais para a formação e conservação dos suportes artísticos do Vale do Coa. *O Arqueólogo Português*. Série V. 4/5 (2014-2015), pp. 133-174.

AUBRY, T.; SAMPAIO, J. D. (2012) - Novos dados para a abordagem técnica da arte rupestre móvel do Vale do Côa. In SANCHES, M. de J., ed. - *Atas da 1ª Mesa-Redonda: Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: Paradigmas e Metodologias De Registo*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia; 54), pp. 185-206.

BAPTISTA, A. M. (1983) - O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Arqueologia*. 8, pp. 57-69.

BAPTISTA, A. M. (1984) - Arte rupestre do norte de Portugal: Uma perspectiva. *Portugália*. Nova série. 4-5 (Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste, Novembro de 1983), pp. 71-82.

BAPTISTA, A. M. (1999) - *No tempo sem tempo: A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa: Com uma perspectiva dos ciclos rupestres pós-glaciares*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

BAPTISTA, A. M.; GOMES, M. V. (1997) - Arte Rupestre. In ZILHÃO, J., ed - *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 211-409.

BAPTISTA, A. M.; REIS, M. (2008a) - Prospecção da arte rupestre na Foz do Côa: Da iconografia do Paleolítico à do nosso tempo, com passagem pela II Idade do Ferro. In SAMPAIO, J.; SANTOS, A. T., eds. - *Pré-história: Gestos intemporais. (III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Actas das sessões; Vol. 1)*. Porto: ACDR de Freixo de Numão, pp. 62-95.

BAPTISTA, A. M.; REIS, M. (2008b) - Prospecção da arte rupestre no Vale do Côa e Alto Douro português: Ponto da situação em julho de 2006. In BALBÍN BEHRMANN, R. de, ed. - *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Junta de Castilla y León, pp. 145-192.

BAPTISTA, A. M.; SANTOS, A. T. (2013) - *A arte rupestre do Guadiana português na área de influência do Alqueva*. [S.l.]: EDIA; DRCALEN (Memórias d'Odiana; 2ª série).

BOTICA, N.; LUÍS, L.; SILVA, J.-P. (2022) - Atributos e descritores propostos para a arte rupestre da Idade do Ferro no Vale do Côa. *Cuadernos de Arqueología*. 30, 42796.

BURG, B. R., ed. (2002) - *Gay Warriors: A Documentary History from the Ancient World to the Present*. Nova Iorque; Londres: New York University Press.

COSME, S. R. (2008) - Proto-história e Romanização entre o Côa e o Águeda. In LUÍS, L. ed. - *Proto-história e Romanização: Guerreiros e colonizadores. (III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior: Actas das sessões; Vol. 3)*. Porto: ACDR de Freixo de Numão, pp. 72-80.

GOMES, M. V. (2013) - O abecedário rupestre, proto-histórico, do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa). *Revista Da Faculdade de Letras: Ciências e Técnicas Do Património*, 12, pp. 69-85.

KAVANAGH DE PRADO, E. (2008) - El puñal bidiscoidal peninsular: tipología y relación con el puñal militar romano (*pugio*). *Gladius*. 28: 0, pp. 5-85.

LEAL, A. S. A. B. de P. (1886) - s.v. Villa Nova de Foscoa. In *Portugal Antigo e Moderno* (Vol.

- 11). Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, pp. 829-849.
- LUÍS, L. (2008) - Em busca dos cavaleiros com cabeça de pássaro: Perspectivas de investigação da Proto-história no Vale do Côa. In BALBÍN BEHRMANN, R. de, ed. - *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. [S.l.]: Junta de Castilla y León, pp. 415-438.
- LUÍS, L. (2009) - “Per petras et per signos”: A arte rupestre do Vale do Côa enquanto construtora do espaço na Proto-história. In SANABRIA MARCOS, P. J., ed. - *Lusitanos y vettones: Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo - Cáceres*. Cáceres: Junta de Extremadura; Museo de Cáceres (Memorias; 9), pp. 213-240.
- LUÍS, L. (2010) - A construção do espaço numa sociedade proto-histórica: A arte rupestre do Vale do Côa. In OLIVEIRA, F. de; OLIVEIRA, J. de; PATROCÍNIO, M. (Eds.), *Espaços e Paisagens: Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas (Vol. 3: História, Arqueologia e Arte)*. APEC; CECH: Coimbra, pp. 53-67.
- LUÍS, L. (2012) - Desenhos animados! Uma gramática do movimento para a arte paleolítica do vale do Côa. In SANCHES, M. de J., ed. - *Atas da 1a Mesa-Redonda: Artes rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia; 54), pp. 69-80.
- LUÍS, L. (2015) - Uma arte da guerra: O Vale do Côa no final do I Milénio a.C. In LEE, S.; BAPTISTA, A. M.; FERNANDES, A. B., eds. - *Arte Rupestre do Vale do Côa [Catálogo da Exposição]*. Ulsan: Ulsan Petroglyph Museum, pp. 90-114.
- LUÍS, L. (2016) - As Gravuras da Idade do Ferro no Vale do Côa. *Vaccea Anuario*. 9, pp. 60-70.
- LUÍS, L. (2020) - Um Homem do Paleolítico entra num Bar... Anacronismo e atualidade na personagem do Bartoon durante a luta pela preservação da arte do Côa e a sua sobrevida. *Al-Madan Online*. 23: 2, pp. 65-83.
- LUÍS, L. (2021) - No limiar: Diferentes escalas de análise da arte da Idade do Ferro no limite ocidental da Meseta. *Iberografias: Revista de Estudos Ibéricos*. 17, pp. 95-116.
- LUÍS, L.; AUBRY, T.; BARBOSA, A. F.; SANTOS, A. T. (no prelo) - L'art rupestre de la vallée du Côa après de paléolithique : d'un art animalier vers l'affirmation de la figure du guerrier. In *Colloque international « Les gravures rupestres protohistoriques en Eurasie » Institut de Paléontologie Humaine, Paris, 7 décembre 2021*.
- MARCO SIMÓN, F. (1994) - Heroización y tránsito acuático: Sobre las diademas de Mones (Piloña, Asturias). In MANGAS, J.; ALVAR, J., eds. - *Homenaje a J.M. Blázquez. Vol. 2*. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 318-348.
- MARTÍN VALLS, R. (1983) - Las insculturas del castro salmantino de Yecla de Yeltes y sus relaciones con los petroglifos gallegos. *Zephyrus: Revista de Prehistoria y Arqueología*. 36, pp. 217-231.
- OLMOS, R. (1996) - Caminos escondidos. Imaginarios del espacio en la muerte. *Complutum Extra*. 6: 2, pp. 167-176.
- PÉREZ BLASCO, M. F. (2014) - *Cerámica ibéricas figuradas (siglos V-I a. C.)*. *Iconografía e iconología*. [Tese de dissertação de doutoramento apresentada ao Departamento de Prehistoria, Arqueologia, Historia Antigua, Filología Griega y Filología Latina da Universidad de Alicante].
- QUESADA SANZ, F. (1997) - *El armamento ibérico: Estudio tipológico, geográfico, funcional y simbólico de las armas en la Cultura ibérica (siglos VI-I a.C.)*. Montagnac: Éditions Monique Mergoïl.
- REBANDA, N. (1994) - *Plano Arqueológico do Côa: Relatório de 1993*. [Relatório apresentado à Direção Regional do Porto do Instituto Português do Património Arqueológico e Arquitectónico] Pocinho.
- REBANDA, N. (1995) - *Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- REIS, M. (2012a) - “Mil rochas e tal...!”: Inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa. *Portugália*. Nova série. 33, pp. 5-72.
- REIS, M. (2012b) - Prospecção da arte rupestre do Côa: ponto da situação em Maio de 2009. In RODRIGUES, M. A.; LIMA, A. C.; SANTOS, A. T., eds. - *V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal*. Casal de Cambra: Caleidoscópio; DRCN, pp. 11-123.

- REIS, M. (2013) - “Mil rochas e tal...!”: Inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa (2.a parte). *Portugália*, Nova série. 34, pp. 5-68.
- REIS, M. (2014) - “Mil rochas e tal...!”: Inventário dos sítios de arte rupestre do Vale do Côa (Conclusão). *Portugália*. Nova série. 35, pp. 17-59.
- REIS, M. (2015) - Prospecção arqueológica e a evolução do inventário da arte rupestre do Côa. In LEE, S.; BAPTISTA, A. M.; FERNANDES, A. B., eds. - *Arte Rupestre do Vale do Côa [Catálogo da Exposição]*. Ulsan: Ulsan Petroglyph Museum, pp. 115-148.
- REIS, M. (2021) - Mulheres em Armas! Uma diferente hipótese interpretativa sobre uma conhecida figura da rocha 3 da Vermelha. In NALDINHO, S. M. E.; SILVINO, T., eds. - *Estudos em Homenagem ao Doutor António do Nascimento Sá Coixão*. Vila Nova de Foz Côa: Museu da Casa Grande de Freixo de Numão, pp. 225-244.
- SANMARTÍ I GREGO, J. (2007) - El arte de la Iberia septentrional. In ABAD CASAL, L.; SOLER DÍAZ, J. A., eds. - *Arte Ibérico en la España Mediterránea. Actas del Congreso (Alicante, 24-27 de octubre de 2005)*. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura «Juan Gil. Albert»; Diputación Provincial, pp. 239-264.
- SANSONI, U.; GAVALDO, S. (1995) - *L'arte rupestre del Pià d'Ort: La vicenda di un santuario preistorico alpino*. Capo di Ponte: Edizioni del Centro.
- SANSONI, U.; GAVALDO, S., eds. (2009) - *Lucus rupestris: Sei millenni d'arte a Campanine di Cimbergo*. Capo di Ponte: Edizioni del Centro.
- SANTOS, A. T. (2019) - *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto [com USB drive]*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias; 9).
- SANTOS, A. T.; BARBOSA, A. F.; LUÍS, L.; SILVESTRE, M.; AUBRY, T. (2020) - Contributos para o conhecimento da arte rupestre do Vale do Côa: Novos dados sobre o Vale de José Esteves (Vila Nova de Foz Côa, Guarda). *Cóavisão*. 22, pp. 159-190.
- SANTOS, F. J. C.; PINHEIRO, E.; ROCHA, F.; SASTRE, J. (2016) - O sítio e a Laje 1 do Castelhinho (Cilhades, Felgar, Torre de Moncorvo): Contributos para o conhecimento da II Idade do Ferro em Trás-os-Montes oriental. In SANCHES, M. de J.; CRUZ, D. J. da (Eds.), *Actas da II Mesa-Redonda. Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história. Estudo, Conservação e Musealização de Maciços Rochosos e Monumentos Funerários (Porto, Faculdade de Letras, 10, 11 e 12 de Novembro de 2011)*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira (Estudos Pré-históricos; 18), pp. 203-214.
- SANZ MÍNGUEZ, C. (1997) - *Los vacceos: Cultura y ritos funerarios de un pueblo prerromano del valle medio del Duero. La necrópolis de Las Ruedas, Padilla del Duero (Valladolid)*. Valladolid: Junta de Castilla y Leon (Arqueología en Castilla y Leon; 6).
- SILVA, A.; XAVIER, P.; FIGUEIREDO, S. S. de. (2016) - As gravuras rupestres de Crestelos (Trás-os-Montes, Portugal) e a sua longa diacronia desde a Idade do Ferro ao período contemporâneo. In CORDEIRO MACENLLE, R.; VÁZQUEZ MARTÍNEZ, A., eds. - *Estudo de Arqueologia, Prehistoria e Historia Antiga: achegas dos novos investigadores*. Santiago de Compostela: Andavira Editora, pp. 63-81.
- SOPEÑA, G. (2005) - Celtiberian Ideologies and Religion. *E-Keltoi: Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*. 6, pp. 347-410.
- SVEEN, A. (2001) - *Rock Carvings: Jiepmaluokta/Hjemmeluft, Alta*. Tromsø: Arvid Sveen.
- ZILHÃO, J. (1997) - Símula dos resultados científicos. In ZILHÃO, J., ed. - *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa: Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura, pp. 13-29.
- ZILHÃO, J. (2004) - Public archaeology and political dynamics in Portugal: A reply to Bednarik. *Public Archaeology*, 3: 3, pp. 167-183.
- ZILHÃO, J. (2004) - Public archaeology and political dynamics in Portugal: A reply to Bednarik. *Public Archaeology*, 3: 3, pp. 167-183.

**Aos ombros do
último artista do
Côa:
Um olhar
prospectivo sobre
a investigação
arqueológica
nos vales do Côa,
Águeda e Ribeira
de Aguiar**

Miguel Almeida^a

Sílvia Aires^b

Nuno Ramos^c

André Ferreira^d

André Santos^e

Thierry Aubry^f

Luís Luís^g

Marcelo Silvestre^h

a) Dryas / Octopetala, miguel.almeida@dryas.pt

b) Morph / Octopetala, silvia.aires@morph.pt

c) Morph / Octopetala, nuno.ramos@morph.pt

d) Morph / Octopetala, andre.ferreira@morph.pt

e) Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa. UNIARQ — Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, andresantos@arte-coa.pt

f) Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa. UNIARQ — Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, thierry.aubry@arte-coa.pt

g) Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa, luisluis@arte-coa.pt

h) Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa, marcelosilvestre@arte-coa.pt

*“If I have seen further than others,
it is by standing upon the shoulders of giants”
Isaac Newton, em 1675, retomando Bernaldo de Chartres (séc. XII)*

1. Prolegómenos

Não vamos alongar-nos na história da investigação sobre a arte do Côa e o seu contexto arqueológico, que já foi objecto de profusa bibliografia e, no essencial, perpassa por todos os textos deste volume.

Essa história teve o seu ponto de partida na notícia da descoberta das gravuras, no âmbito do acompanhamento arqueológico da construção da Barragem do Côa, e subsequente famosíssima “Batalha do Côa” que resultaria na decisão – a que a oportunidade política não retira coragem (!) –, de interrupção da construção da Barragem. Tudo isto é história escrita.

Para o que nos interessa, estes sucessos introduziram uma necessidade inédita de competências em arte rupestre para a qual o Portugal de 90 não estava preparado, nem em termos de recursos humanos, nem, muito menos, de estruturas tutelares e de investigação, uma vez que a experiência anterior de arte paleolítica em território actualmente português praticamente se resumia às descobertas isoladas na Gruta do Escoural (SANTOS, 1964; SANTOS, GOMES & MONTEIRO, 1980) e Mazouco (JORGE *et al.*, 1981; 1982a; 1982b).

Assim, se a primeira consequência da descoberta das gravuras paleolíticas do Côa foi a suspensão, e depois abandono, da construção da Barragem do Côa, a segunda terá sido o impacto desta decisão na reorganização do sector da Arqueologia no edifício administrativo do Estado, desde logo consubstanciada, ao mais alto nível, na criação do IPA – Instituto Português de Arqueologia, seguramente a melhor ideia de organização tutelar da Arqueologia que Portugal conheceu, mas que, como se sabe, não resistiu à entropia... do submundo da Arqueologia portuguesa, levando à substituição, em 2006, do IPA pelo Igespar - Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, primeiro instrumento institucional do longo processo reactivo de desqualificação do sector da Arqueologia que se seguiria à experiência prospectiva do IPA (AUBRY, RIBEIRO & ALMEIDA, 2002; ALMEIDA, 2008). No universo do IPA, assumiu papel de destaque a criação do PAVC – Parque Arqueológico do Vale do Côa e do CNART – Centro Nacional de Arte Rupestre, com missões específicas no âmbito da estratégia de gestão, protecção, estudo e divulgação da arte paleolítica do Côa e da sua envolvente arqueológica, que deveria culminar na construção de um museu dedicado, então projectado para o “rasgão aberto na margem esquerda do vale para receber o encosto da barragem abandonada” (ZILHÃO, 2000).

A evolução deste projecto original e das instituições que o serviam, o seu impacto, devir e eventual cedência de protagonismo à Fundação Côa Parque (FCP), não foi isenta de zigue-zagues, nem, talvez, a completa ausência de uma política estruturante para o património histórico-arqueológico – que Portugal parece nunca ter recuperado desde a extinção do IPA – pudesse fazer esperar outra coisa. Aliás, não estaremos longe da verdade se constatarmos que a própria afirmação de actual projecção nacional e internacional da Fundação Côa Parque e do seu renovado programa de acção, centrado nos dois pólos, Museu e PAVC, também se fez com mais suor e lágrimas da base técnica e esforço de alguns dos directores do que de uma persistente estratégia central para o Côa. Também não perderemos tempo com isto, que é, igualmente, história, embora, neste caso, talvez ainda esteja maioritariamente por escrever.

Concentremo-nos antes no nosso tema: por entre estas dificuldades estruturais, e por montes e vales, menos tortuosos, da paisagem do Côa, a equipa científica

que desde os primeiros anos se constituiu no Côa (apenas mais um assinalável exemplo da visão prospectiva do “projecto IPA / Côa”) garantiu a persistência de uma produção arqueológica inigualável na Arqueologia portuguesa, com uma longa lista de publicações científicas nas melhores revistas internacionais da especialidade e atenção à divulgação de conteúdos de ciência para a sociedade, contribuindo hoje para uma imagem muito mais densa, dinâmica e próxima da realidade pré-histórica da ocupação pleistocénica desta região do que o desolador “vazio vital” de Straus, Bicho e Winegardner (2000) que assombrava o debate científico acerca da Meseta pleistocénica na viragem do século.

No campo específico do estudo da arte rupestre, estes anos permitiram descobrir, documentar e interpretar muito do vastíssimo universo artístico preservado dos grupos de caçadores-recolectores que deixaram a sua marca no vale do Côa (e, já agora, do Águeda: ZILHÃO, 1997; REIS, 2012; 2014), desaguando na concretização da tese de um de nós (ATS), defendida em 2017, e publicada em 2019, que sintetiza o estado (do nosso conhecimento) desta arte e abre o essencial das pistas de investigação para o futuro próximo (SANTOS, 2019).

Neste percurso de mais de duas décadas, o contributo do Fernando Barbosa para o estudo da arte paleolítica do Côa foi preponderante: mais do que as reconhecidas competências técnicas no processo de documentação dos painéis gravados, são a percepção do fenómeno artístico em si e a capacidade de compreensão casuística de cada gesto traçado na rocha, na sua indiscernível complexidade criativa e técnica, que aproximam os olhos do Fernando da mente do artista pré-histórico. A equipa beneficiou sempre desta capacidade, que quotidianamente enriquece o esforço comum de compreensão dos gestos dos paleolíticos, elevando a qualidade das publicações científicas produzidas, muito para lá do mero levantamento de arte rupestre. É esta qualidade que, a nosso ver (e sem querer musealizar o Fernando), justificaria um outro destaque, mesmo expositivo, dos trabalhos de levantamento por decalque directo realizados nestes 25 anos de investigação, que em nada desmerecem do génio dos artistas originais do Côa.

Ora, o presente texto surge, precisamente, num momento crítico da nossa orgânica enquanto equipa científica: a perspectiva de um quotidiano diferente, sem o contributo desses olhos do Fernando Barbosa, obriga-nos agora a um esforço adicional de criatividade para prosseguir o estudo da arte paleolítica do Côa no sendeiro que ele nos deixa assinalado. A nossa proposta de solução, que aproveita o desenvolvimento tecnológico de vários equipamentos e técnicas de documentação que nos últimos anos transitaram do universo futurista da ficção para o “agora” da investigação científica, implicará uma mudança de paradigma na documentação da arte rupestre do Côa assente numa introdução massiva de tecnologia.

Porém, a abordagem que escolhemos para tentar esta mudança de procedimentos não conduzirá a uma qualquer limitação dos nossos objectivos à simples reprodução dos painéis gravados, nem a um futuro eugénico de interpretação “automática” da arte paleolítica. A arte, ou a expressão gráfica, permanece um produto do génio humano e, na nossa visão, apenas interpretável por um semelhante.

Numa época de cada vez maior recurso a meios tecnológicos na disciplina do estudo da arte rupestre, a singularidade do nosso programa metodológico reside menos na insistência sobre o potencial de melhoria dos aspectos técnicos da documentação gráfica da arte rupestre do que no imperativo da submissão deste novo potencial tecnológico à capacidade subjectiva do investigador.

Este esforço metodológico de desenvolvimento de procedimentos úteis para a substituição da caneta e plástico pela multiplicidade de sensores e arsenal de ferramentas digitais de que hoje dispomos, mas sem que estes meios tecnológicos usurpem ou reduzam o papel do investigador, tem sido o nosso caminho dos últimos dois anos, sendo a discussão contínua de possibilidades e soluções com o Fernando Barbosa um elemento fundamental deste percurso de tentativa e erro (Fig. 1).

O texto que se segue, marcando um ponto de situação deste trabalho, pretende ser uma homenagem ao Fernando na forma que mais lhe toca: uma aventura científica.



Fig. 1: Levantamento da Rocha 9 do Fariseu, por Fernando Barbosa. Foto de Thierry Aubry.

2. Estado da arte (paleolítica do Côa)... e da sua contextualização arqueológica no quadro do Pleistocénico ibérico

2.1. AMBIENTE GEOMORFOLÓGICO

O Maciço Ibérico (MI) está dividido em várias zonas paleogeográficas e tectónicas, designadas por: Zona Cantábrica (ZC), Zona Oeste Asturiana-Leonesa (ZOAL), Zona Galiza-Trás-os-Montes (ZGTM), Zona Centro-Ibérica (ZCI), Zona de Ossa-Morena (ZOM) e Zona Sul-Portuguesa (ZSP) (LOTZE, 1945: 12, JULIVERT *et al.*, 1974, 113; RIBEIRO, 1974, 168; FARIAS *et al.*, 1987, 20). A região de Vila Nova de Foz Côa está inserida na ZCI, no sector NW do Maciço Ibérico (MI) (Fig. 2), representada na folha 15-A Vila Nova de Foz Côa da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50 000.

A área correspondente aos sítios arqueológicos do Parque Arqueológico do Vale do Côa inclui afloramentos das unidades metassedimentares da Formação de

Desejosa (FD), da Formação de Pinhão (FP) e da Formação de Rio Pinhão (FRP), assim como afloramentos magmáticos como o Granito de Ribeira de Massueime e o Granito de Mêda (SILVA *et al.*, 1990, 1; RIBEIRO & SILVA, 2000, 1) (Fig. 03).

As formações metassedimentares pertencem ao Grupo do Douro (GD) do Super-grupo Dúrico-Beirão, anteriormente denominado como Complexo Xisto-Grauváquico (CXG) (SOUSA, 1982, 222). A idade do Grupo do Douro está indicada como sendo câmbria, devido à ocorrência de trilobites na Formação de Desejosa e de icnofósseis na Formação de Pinhão (REBELO, 1983-1985, 5; REBELO & ROMANO, 1986, 13). Estes metassedimentos foram originados devido à deposição rápida e turbulenta de sedimentos num mar pouco profundo. A deposição dos materiais mais grosseiros, logo mais pesados, seguida dos mais finos, mais leves, originando uma deposição gradada, é responsável pelo aspecto listrado (estratigrafia / S0) típico destas rochas (BÚRCIO, 2004a, 6). O metamorfismo regional de baixo grau sofrido por estes sedimentos deu origem às rochas xistentas / filitos que afloram nesta região.



Fig. 2: Divisão estrutural actual do Maciço Ibérico, com a representação da localização de Vila Nova de Foz Côa (JULIVERT *et al.*, 1974, 113, modificado).

A estrutura geral do Grupo do Douro é caracterizada por sinclinais amplos, separados por anticlinais estreitos, marcando na região de Vila Nova de Foz Côa uma forte partição da deformação, em que estreitas faixas profundamente deformadas (antiformas de Chão de Couce e de Vale de Moinhos) alternam com sectores amplos de fraca deformação (sinforma de Vila Nova de Foz Côa e sinforma do Poio) (BÚRCIO, 2004b, 65; BÚRCIO, DIAS & MACHADO, 2006, 4; DIAS, COKE & MOREIRA, 2010, 4; MOREIRA *et al.*, 2010, 16; MOREIRA, DIAS & COKE, 2010, 4). É no sinclinório do Poio que estão localizadas as explorações do Poio e do Fariseu, onde a relação estrutural perpendicular entre a estratificação (S0) e a clivagem (S1) favorece a produção de esteios. Este sector está limitado a oeste pela zona da falha da Vilariça e a este por um conjunto de falhas maioritariamente de direcção NNE-SSW na zona de Castelo Melhor.

Na área onde os sítios de arte rupestre e de habitat estão inseridos, a sequência metassedimentar organiza-se, do topo para a base (SILVA *et al.*, 1990, 1):

- Formação quartzítica: idade ordovícica, constituída por quartzitos, metapelitos e metapsamitos. Estas rochas e as variedades de quartzo de filão associadas com as intrusões graníticas forneceram o essencial das matérias-primas utilizadas para confeccionar as indústrias de pedra lascada durante o Paleolítico;
- Formação de S. Gabriel: idade ordovícica, constituída por filitos e metapsamitos;
- Formação de Desejosa: idade câmbria, constituída por filitos listrados, metagrauvaques, metaquartzovaques e rochas calcossilicatadas. As diáclases nesta formação e na Formação de Pinhão, constituem o suporte da maioria da arte rupestre paleolítica do Vale do Côa;

- Formação de Pinhão: idade câmbrica, constituída por filitos cloríticos, quartzo-cloríticos, metagrauvaques com filitos negros, níveis de magnetite e metacalcários;
- Formação de Rio Pinhão: idade câmbrica, constituída por metagrauvaques, filitos listrados, metaconglomerados de matriz calcossilicatada ou calcária, metacalcários, calcossilicatadas, escarnitos e filitos negros.

A contactar com a Formação de Rio Pinhão, ocorrem rochas magmáticas, nomeadamente o Granito de Mêda, de duas micas e grão médio. O Granito de Ribeira de Massueime caracteriza-se por ser de grão médio, duas micas, por vezes mais biotítico e porfiróide. Ambos os granitos são sintectónicos relativamente à 3ª fase de deformação hercínica (F3), apresentando uma idade de cerca de 300 milhões de anos (SILVA & RIBEIRO, 1991, 52).

O Côa conflui com o Douro, curso de água estruturante da paisagem da zona norte da Meseta Ibérica, na zona em que a bacia hidrográfica deste é condicionada pela estrutura tectónica do sistema de falhas SSW/NNE Manteigas-Vilariça-Bragança, que delimita o rebordo ocidental da Meseta e também separa a bacia hidrográfica com Côa, com cerca de 120 km de extensão e 2 500 km² de área, do Sistema Montanhoso Ocidental Português (SILVA & RIBEIRO, 1991; AUBRY, LUÍS & DIMUCCIO, 2012). Nesta zona de contacto entre **diferentes ambientes geomorfológicos**, o rio Côa intercepta granitos hercínios, meandrizando ao longo dos últimos 17 km nas rochas metassedimentares intensamente dobradas e falhadas (filito, grauvaque e quartzito) com idades desde o Pré-Câmbrico ao Ordovícico (SILVA & RIBEIRO, 1991) que se revelaram particularmente aptas para a execução e preservação de gravuras paleolíticas.

O conhecimento detalhado desta geografia complexa constitui um elemento crítico para a nossa capacidade de compreensão das opções dos grupos paleolíticos do Côa, justificando um esforço de renovação deste conhecimento já consubstanciado numa carta geológica do Parque Arqueológico do Vale do Côa (RIBEIRO & SILVA, 2000) e, mais recentemente, na produção de duas novas cartas: geológica (LOURENÇO, 2022a) e geomorfológica (LOURENÇO, 2022b).

2.2. O CORPUS ARTÍSTICO DO VALE DO CÔA

Com efeito, os últimos 22 km do vale do rio Côa preservam a maior concentração conhecida de arte rupestre paleolítica ao ar livre (ZILHÃO, 1997), inscrita na lista de património mundial da UNESCO em 1998, distinção depois complementada pela classificação de Siega Verde, em 2010.

A prossecução regular de trabalhos de prospecção desde o momento da sua descoberta e primeira divulgação, tem permitido aumentar significativamente os efectivos deste *corpus* artístico, conhecendo-se hoje mais de mil rochas gravadas, agrupadas por perto de uma centena de sítios (REIS, 2012; 2014).

No entanto, parte significativa destes painéis de arte rupestre carece ainda de documentação exaustiva, facto que prejudica seriamente o estudo científico e pesa negativamente sobre as responsabilidades de conservação atribuídas à FCP – Fundação Côa Parque.

Com efeito, o método de decalque directo (LORBLANCHET, 1984) utilizado para registar os painéis gravados do Vale do Côa tem-se revelado rigoroso na documentação das manifestações gráficas em suportes rígidos (LORBLANCHET, 1984, 51), mas extremamente moroso, especialmente quando as figuras são compostas por centenas ou

milhares de incisões, como é frequentemente o caso na arte magdalenense do Côa (e.g. SANTOS, 2019, 552-600).

2.3. CRONO ESTRATIGRAFIA E POTENCIAL INFORMATIVO DO REGISTO ARQUEOLÓGICO DO CÔA

Entre 1995 e 2020, 22 sítios de ar livre foram identificados numa área de menos de 400 km², numa região onde, como referimos, o povoamento do Paleolítico Superior era, até então, fundamentalmente desconhecido (apesar da descoberta anterior do “cavalo de Mazouco” – cfr. *supra*).

Estes sítios localizam-se sobretudo no fundo do vale, embora os primeiros ensaios de prospecção no planalto granítico envolvente, ao longo do limite oriental da Meseta Norte, também tenham, desde cedo, revelado a presença de sítios arqueológicos em ambientes distintos dos contextos aluviais próximos dos núcleos de gravuras que, naturalmente, concentraram o essencial dos esforços de prospecção no primeiro impulso de investigação arqueológico no Vale do Côa (ZILHÃO, 1997).

Desde 2020, a prospecção no planalto granítico entre os rios Côa e Águeda resultou num aumento significativo do inventário de sítios arqueológicos, incluídos novos sítios com arte móvel, confirmando assim indícios anteriores (na Olga Grande) da importância da ocupação destas zonas ditas planálticas no quadro de um sistema de exploração do território articulado com os sítios do fundo de vale (Cardina, Fariseu e Quinta da Barca Sul, para citar os mais relevantes).

Com base numa abordagem geoarqueológica das sequências estratigráficas dos diversos sítios escavados, estabeleceu-se uma cronologia relativa para as fases de povoamento do Paleolítico Superior do Vale do Côa pelo menos desde o Gravettense (AUBRY *et al.*, 2010). O desenvolvimento das escavações na Cardina revelaria, por outro lado, uma longa sequência de ocupações do Paleolítico médio.

Um conjunto de datações radiocrométricas (TL e OSL) obtidas na Cardina 1, Olga Grande 4, Quinta da Barca Sul e Fariseu (VALLADAS *et al.*, 2001) viria, entretanto, confortar tanto aquela proposta crono-estratigráfica para o Paleolítico superior, como a datação das ocupações do Paleolítico médio desde há pelo menos oitenta mil anos (AUBRY *et al.*, 2020; 2022). Paralelamente, um fragmento de carvão da camada 9 do Fariseu datado por 14C AMS de 19 020±80 BP (GrA-40167), demonstraria o potencial de conservação de material macro-orgânico do Último Máximo Glacial em depósitos aluviais do rio Côa.

2.4. EVOLUÇÃO PALEOGEOGRÁFICA E PALEOAMBIENTAL

Estes dados demonstram uso intenso das planícies de inundação pelos primeiros grupos humanos do Côa e o potencial do registo aluvial para preservar pontualmente sítios arqueológicos do Pleistocénico superior.

Tal constitui uma constatação da maior importância, na medida em que os ambientes aluviais são extremamente sensíveis às mudanças climáticas e paleoambientais e particularmente adequados para contribuir para a reconstituição da evolução paleoecológica do território, precisamente o elemento menos conhecido na equação do estudo das estratégias de subsistência das populações humanas dessa época no Côa.

Efectivamente, em Portugal (e no centro da Meseta ibérica) escasseiam os estudos interdisciplinares que produzam dados geomorfológicos, contextuais e radiocrométricos acerca dos sistemas fluviais e sua exploração antrópica durante o Pleistocénico superior, dificultando seriamente, por desconhecimento das condicionantes climáticas e ecológicas, a interpretação das opções técnicas, económicas e culturais observadas no registo arqueológico do Côa e territórios envolventes.

Porém, os dados referidos *supra* demonstram que a análise combinada do registo arqueológico e geomorfológico, aluvial e planáltico, podem contribuir para a reconstituição de processos deposicionais aluviais e de encosta desde 80 000 até ao presente (AUBRY *et al.*, 2020; 2022), embora os últimos 10 km do Côa tenham sido drasticamente modificados pela construção da Barragem do Pocinho, em 1983, e das ensecadeiras da Barragem de Foz Côa, em 1994, e a maior parte dos depósitos de aluviais de idade pleistocénica abaixo dos 125,5 m acima do nível médio do mar.

Tal reconstituição parece indispensável, uma vez que o conhecimento da evolução geomorfológica holocénica do vale constitui um pré-requisito fundamental para o estudo da arte do Côa: a dinâmica aluvial alterou consideravelmente a morfologia do vale e a exposição dos painéis graváveis desde o Tardiglacial (AUBRY *et al.* 2010; SANTOS, 2019, 152-158), impondo dois constrangimentos importantes à interpretação da arte:

1. uma fracção (cuja representatividade estatística não conseguimos estimar) deste *corpus* artístico permanece oculto sob depósitos aluviais (e coluviais) posteriores; e, em consequência disso,

2. a relação topográfica original dos sítios e dos painéis gravados com a paisagem circundante no momento da sua gravação e vida útil é-nos fundamentalmente desconhecida.

Acresce que no Fariseu foi já possível estabelecer uma relação entre as fases erosivas e deposicionais com os últimos 35 000 anos do registo climático do núcleo de gelo da Groenlândia (AUBRY, SANTOS & LUÍS, 2014), abrindo assim caminho para uma reconstituição sistemática da evolução geomorfológica e paleoambiental do Vale do Côa no final do Pleistocénico.

Assim, o futuro imediato da investigação arqueológica no Côa deverá, necessariamente, incluir este objectivo primordial sem, contudo, representar um salto para lá do cavalo: a reconstituição da evolução paleogeográfica e paleoambiental do Vale do Côa é crucial para a investigação arqueológica que, porém, permanece centrada no estudo paleontológico dos grupos humanos que durante o Pleistocénico superior exploraram o Vale do Côa e os territórios envolventes, incluindo os seus contactos com territórios distantes.

2.5. A “ARTE” E AS MATÉRIAS-PRIMAS COMO PROXIES PALEONOLÓGICOS

Com efeito, a sequência artística paleolítica da bacia do Douro apresenta evidentes paralelos morfo-estilísticos com todo o Sudoeste europeu até ao Último Máximo Glacial e mais particularmente com a Zona Franco-Cantábrica e norte da Meseta a partir dos finais do Solutrense-inícios do Magdalenense (SANTOS, 2019, 166-198) que não podem compreender-se senão no quadro de transferências culturais a longa distância, que testemunham da extensão das redes socio-económicas, obviamente variáveis ao longo do enorme intervalo espaço-temporal considerado, que ligavam as comunidades de caçadores-colectores pleistocénicas da Europa (SANTOS, 2019, 195-198).

Este processo de expansão e contracção dos contactos de longa distância, infe-

rido pela abordagem morfo-estilística da arte rupestre do Côa, surge validado pelos estudos de aprovisionamento em matérias-primas líticas (AUBRY, 2009), embora a escassez de contextos arqueológicos bem preservados e escavados (no Vale do Côa, mas sobretudo em territórios adjacentes) e, principalmente, a ausência de um quadro de referência paleoambiental ainda nos privem de dados essenciais para a compreensão das modalidades, intensidade e alcance destas redes sociais de longa distância.

Ou seja, a extensa bibliografia anterior acerca das manifestações gráficas e do aprovisionamento de matérias-primas líticas do Vale do Côa demonstra:

1. o potencial da abordagem combinada destes dois aspectos do registo arqueológico para o estudo de fenómenos de mobilidade ou afinidade cultural entre grupos paleolíticos; e
2. a especial adequação do Vale do Côa para um estudo desta natureza e objetivos.

3. Desafios actuais: arte e contexto arqueológico do Côa

3.1. A DIMENSÃO EUROPEIA

Como referimos, o estudo do Paleolítico europeu revela semelhanças e paralelismos evolutivos a grandes distâncias que não poderiam verificar-se senão num contexto de transferências culturais muito consequentes entre grupos humanos localizados em zonas geográficas distantes, indiciando assim uma provável circulação frequente de pessoas, ideias e/ou bens na Europa de época paleolítica, no âmbito de amplas redes de interacção social de modalidades diversas e a grandes distâncias (ZILHÃO, 1997).

Mesmo considerando globalmente o registo arqueológico conhecido na Europa, o Vale do Côa surge particularmente adaptado para o estudo destas redes sociais de longa distância: a profusão do registo artístico e a escassez regional de matérias-primas líticas de eleição conferem-lhe esse estatuto especial no quadro da investigação sobre as sociedades pleistocénicas europeias.

Estas redes de interacção, contudo, revelam claras oscilações ao longo do Paleolítico, sendo notória a tendência para a contracção regional durante o Tardiglacial (vg. ZILHÃO, 2014). No caso específico da arte do vale do Côa, por exemplo, a semelhança das figuras Magdalenenses indicia a persistência da ligação com a zona franco-cantábrica mesmo durante este período, contrariamente ao que acontece com a arte da zona mediterrânica (SANTOS, 2019, 195-198). Não se tendo até ao momento encontrado qualquer contexto arqueológico magdalenense bem preservado na região e faltando-nos, devido à acidez dos solos, o essencial da componente da indústria sobre osso, fundamental para a caracterização do Magdalenense franco-cantábrico, devemos procurar outras evidências da existência de contactos sociais privilegiados entre estas duas regiões:

- no âmbito do estudo do contexto arqueológico, através do reforço da base documental e dos estudos comparativos de recursos (nomeadamente líticos) em escalas geográficas muito alargadas, de dimensão inter-regional, mas também na busca de novos contextos aluviais que possam reproduzir as condições de preservação de matéria

orgânica, até hoje restritas no Côa ao caso já referido do Fariseu; e

- no âmbito específico da arte rupestre, em estudos capazes de ultrapassar o nível da comparação morfo estilística das produções gráficas das diferentes regiões em análise.

3.2. PROCEDIMENTOS DE LEVANTAMENTO E DOCUMENTAÇÃO

Ora, a abordagem tecnológica (vg. D'ERRICO, 1994; FRITZ, 1999; RIVERO, 2010; AUBRY & SAMPAIO, 2012), que provou ser a ferramenta metodológica mais promissora para o estudo das manifestações gráficas paleolíticas tem permanecido refém de técnicas de documentação muitas vezes incapazes de satisfazer os exigentes requisitos de estudo de painéis gravados (e utensílios arqueológicos associados) ou demasiado agressivas, como a análise com microscópios electrónicos de varrimento (MEV) (por exemplo, FRITZ, 1999).

O uso do Structured Light Scanning (SLS) (LUHMANN *et al.*, 2013), hoje combinado com uma diversidade de outros sensores remotos, introduziu um primeiro e decisivo passo para um registo digital mais detalhado da arte paleolítica, aumentando a nossa capacidade de investigar a estratigrafia de unidades gráficas, sequenciamento de gestos e estigmas de ferramentas, enquanto trabalha sem contacto directo com o suporte (por exemplo). Esta abordagem combinada, porém, permanece rara, principalmente devido a dificuldades técnicas de utilização no terreno de equipamentos de laboratório indispensáveis para a análise morfológica *in loco*.

Mais recentemente, o desenvolvimento da micro topografia 3d promete alargar ainda os horizontes do estudo da arte rupestre paleolítica, desde que possamos:

1. Adaptar essas novas tecnologias de laboratório ao seu uso em condições adversas de campo;
2. Desenvolver soluções dedicadas à integração de dados digitais multissensoriais e multi-escala num mesmo modelo; e
3. Gerar ferramentas e procedimentos analíticos capazes de explorar todo o potencial dessas novas tecnologias.

3.3. EVOLUÇÃO PALEOAMBIENTAL E PALEOGEOGRÁFICA

Os ambientes aluviais são muito sensíveis às mudanças climáticas e, por isso, particularmente adequados para reconstruir a evolução da paisagem, mudanças paleoambientais e seu impacto nas populações humanas (BROWN, 1997).

Em Portugal, onde os estudos interdisciplinares do sistema fluvial têm sido restritos ao período holocénico ou focados em condicionamentos tectónicos e litológicos (CABRAL, 1995; CUNHA *et al.*, 2008; MARTINS *et al.*, 2017), as datas para os depósitos aluviais do Pleistocénico Superior ainda são escassas (CUNHA *et al.*, 2012; 2019).

Mais, poucos projectos de escala regional avaliaram adequadamente os condicionamentos geomorfológicos na acumulação e preservação pós-deposicional de vestígios arqueológicos (prática comum noutras geografias, pelo menos desde a década de 80 – vg. BROWN, 1997), apesar de o uso intenso das planícies de inundação pelos primeiros grupos humanos preencher o registo aluvial com muitos vestígios e sítios arqueológicos que revelam uma marca detectável da influência antropogénica nas paisagens fluviais (GIBLING, 2018).

Recentemente, noutros âmbitos disciplinares, diferentes ferramentas de modelação numérica têm sido usadas para estudar os efeitos da litologia, tectónica, uso da terra, mudanças climáticas e impacto antrópico na produção e taxas de armazenamento e transporte de sedimentos. Porém, estas reconstruções virtuais de paisagens idealizadas raramente são baseadas em dados objectivos de campo de paisagens reais (TEMME *et al.*, 2017). Tais modelos, idealizados, falham frequentemente em representar a resposta espacial e temporalmente variável dos sistemas fluviais às mudanças climáticas ao nível de uma bacia hidrográfica, revelando claras dificuldades decorrentes da inadequação da escala temporal de observação à escala temporal da evolução geomorfológica, o que complica ainda mais a equação em estudos de evolução fluvial de longo prazo (COULTHARD & Van de WIEL, 2012), problemas metodológicos que a aplicação efectiva destas ferramentas ao estudo da evolução das paisagens pleistocénicas, nomeadamente do Vale do Côa, deverá resolver nos próximos anos.

3.4. NECESSIDADE DE DESENVOLVIMENTO DE UM PROTOCOLO DE CONSERVAÇÃO DAS GRAVURAS RUPESTRES

O aspecto mais relevante dos actuais desafios da investigação arqueológica no Côa, porém, reside no contributo para a definição de um protocolo de conservação da arte rupestre do vale.

Subordinados a este objectivo estruturante, os esforços vindouros de investigação deverão endereçar directamente as dificuldades sentidas, desde logo em termos de recursos afectáveis ao trabalho de documentação da arte do Côa, que fazem com que, apesar dos 25 anos de trabalho contínuo, a percentagem de rochas já documentadas com levantamentos rigorosos por decalque directo (extremamente consumidor de tempo de trabalho) não atinja ainda os 50% do total conhecido.

Consequentemente, parte muito significativa deste universo artístico permanece indocumentada, dificultando uma interpretação globalizante: a aplicação do método de levantamento directo sobre plástico demonstrou invejável rigor documental, mas também a sua morosidade, especialmente nos casos de figuras incisas hiper-complexas (SANTOS, 2019).

Ora, esta insuficiência documental contrasta com uma rápida evolução tecnológica ocorrida desde a descoberta do património do Côa / Siega Verde, na última década do século XX, a justificar o desenvolvimento de um protocolo inovador de documentação através de *digital twins* (com base em tecnologia UAV, laser, fotogrametria e micro-topografia).

Com efeito:

- A nova geração de sensores de detecção remota, quer no domínio do visível (lidar, laserscan, fotogrametria, micro-topografia, ...), quer para lá do domínio visível (georradar, resistividade eléctrica, prospecção sísmica, ...) abriu novos horizontes na recolha de informação e documentação do mundo real a partir da investigação não-intrusiva de diferentes parâmetros físicos;
- O desenvolvimento da Modelização digital 3d e Engenharia Inversa no âmbito da indústria de componentes criou oportunidades de documentação do património cultural que alteraram radicalmente o estudo e preservação dos sítios e monumentos; e
- O surgimento da IoT (*Internet of Things*) prediz uma mudança de paradigma na monitorização, protecção e prevenção de riscos em projectos de Agricultura, Orde-

namento do território, Protecção civil, Construção civil... Património cultural!

Daqui decorre a oportunidade de desenvolvimento de um protocolo de documentação capaz de aproveitar os novos recursos tecnológicos (nomeadamente da sequência multi-escalar aerofotogrametria, laserscanning, fotogrametria de luz estruturada e micro-topografia), mas também de preservar o rigor e potencial interpretativos dos levantamentos manuais, acrescentando-lhes rapidez de execução, fidelidade tridimensional e escala microscópica de análise.

4. Um programa holístico para (muitos anos) de estudo da arte paleolítica do Côa

4.1. OBJETIVOS

Neste quadro, dando sequência lógica ao volume e qualidade da informação arqueológica já produzida e às evidências de relações com territórios vizinhos e distantes, acumulados durante um quarto de século de investigação arqueológica no Côa, com destaque para:

- A caracterização e faseamento do ciclo artístico paleolítico do Côa;
- O estabelecimento do quadro crono estratigráfico coetâneo desse ciclo artístico, directamente associado aos painéis gravados e sustentado por uma bateria de datas radiocrométricas;
- A definição da relação de complementaridade entre os sítios de fundo de vale e sítios de planalto, integrados num mesmo sistema de exploração do território do Côa / Águeda (=TCA); e
- A identificação de evidências objectivas de mobilidade e transferência de objectos e ideias a longa distância, a partir de estudos comparativos das manifestações gráficas e de aprovisionamento em matérias-primas líticas; o futuro deve responder aos desafios mais prementes da investigação sobre o Paleolítico do TCA no momento presente:
- A implementação de um programa de investigação paleontológica acerca das comunidades humanas do Paleolítico superior e médio, com vista a estudar as suas opções tecnológicas e económicas, estratégias de exploração do território, padrões de mobilidade e redes de contactos a longa distância, beneficiando, no caso do Paleolítico superior), de um recurso documental único para o estudo destas comunidades: as suas manifestações gráficas;
- A aposta na investigação acerca da evolução paleoclimática e paleoambiental do TCA, incluída a evolução dos seus recursos bióticos, a fim de permitir uma melhor compreensão da resposta socioeconómica dos grupos paleolíticos a essas condicionantes paleoecológicas; e
- Um esforço de reconstituição da evolução geomorfológica desta região, condição *sine qua non* para o sucesso da referida reconstituição paleoecológica, mas igualmente indispensável para orientar a detecção de novos sítios arqueológicos, compreender os processos geotafonómicos que condicionaram a preservação do registo arqueológico e mesmo para a interpretação do comportamento dos grupos humanos e sua relação com o meio envolvente.

Em paralelo, temos ainda por firme objectivo contribuir activamente para o reforço das condições de conservação da arte do Côa através de um programa de investigação aplicada orientado para:

- O estudo detalhado dos suportes rochosos das gravuras e dos seus processos degenerativos, físico-químicos e mecânicos;
- O desenvolvimento e implementação de um protocolo de documentação digital que permita a produção sistemática de *digital twins* das rochas gravadas com a qualidade necessária para a abertura de novas linhas de investigação acerca das técnicas e interpretação da “arte” do Côa, ao mesmo tempo que,
- Com base nestes *digital twins*, devemos desenhar e instalar um sistema eficaz de monitorização contínua das gravuras, necessariamente dispersas no território do Parque, contribuindo para o cumprimento da missão da FCP em matéria de preservação do património da humanidade listado pela UNESCO.

4.2. ESTRATÉGIA, METODOLOGIAS E INOVAÇÃO

A nossa estratégia para endereçar os desafios e objectivos descritos *supra* consiste num programa de investigação transdisciplinar, organizado em torno de três eixos programáticos: reconstituição paleogeográfica, paleoambiental e paleontológica.

Este programa de investigação apresenta-se fortemente ancorado nos resultados anteriores dos trabalhos de investigação sobre o Paleolítico do Côa em curso desde 1997, que já produziram dezenas de publicações científicas que estabeleceram o quadro cronológico-estratigráfico, o faseamento estilístico, a articulação dos sítios de fundo de vale e zonas planálticas e a amplitude das redes de contactos a longa distância (entre a Orla Meso-Cenozóica Lusitana, e a região franco-cantábrica).

Neste quadro, importa agora reforçar ainda a afirmação da transdisciplinaridade da abordagem, formalizando novas vias de investigação especificamente orientadas para a investigação combinada de Paleogeografia, Paleoclimas, Paleoambientes e Paleontologia.

A transdisciplinaridade é, com efeito, um dos princípios activos fundamentais a respeitar, combinando competências de Geologia, Geomorfologia, Geomática, Geofísica, Paleobotânica, Arqueologia, Lito-tecnologia e Radiocronologia em tarefas articuladas para alcançar aqueles três objectivos.

A marca de inovação desta fase da investigação no Côa deverá resultar também do reforço da aplicação combinada de recursos tecnológicos oriundos de outras áreas científicas, destacando-se as TIG, aerofotogrametria, *laserscanning*, georradar, resistividade eléctrica, prospecção sísmica, sonar, *SfM*, microtopografia, microscopia e espectroscopia, entre outras, para maximizar a exploração do registo arqueológico e paleoambiental.

Ainda assim, o verdadeiro carácter distintivo dos trabalhos de investigação do Côa persistirá na proximidade imediata do terreno. Com efeito, o volume de produção científica conseguido nos últimos 25 anos não seria possível sem uma presença quotidiana da equipa no terreno, em trabalhos continuados que produzem diariamente o manancial de informação que alimenta as tarefas de laboratório e interpretação acerca das comunidades paleolíticas. Essa ligação directa ao terreno permanecerá a imagem de marca da equipa de investigação do Côa, garantindo o fluxo de dados necessário para o desenvolvimento do processo científico.

4.3. RESULTADOS ESPERADOS

A concretização desta estratégia de investigação produzirá resultados palpáveis, que deverão entender-se como medida de aferição do sucesso deste programa de investigação, nomeadamente:

- Alargamento da base documental arqueológica, resultante da prospecção de sítios arqueológicos, registo paleoambiental, recursos abióticos e arte rupestre assente na análise cartográfica, estrutural e geomorfológica e complementada por prospecções geofísicas e observações directas, tanto com recurso a carotagens, como através de sondagens e escavações arqueológicas;
- Estabelecimento do esquema da evolução paleoclimática e paleoecológica associada, fundamentais para a compreensão das opções socio-económicas dos grupos paleolíticos;
- Definição dos princípios normativos, opções técnicas e económicas e estratégias de circulação e exploração dos grupos humanos que ocuparam o TCA no Paleolítico;
- Proposta de modelos interpretativos das relações geográficas regionais e extrarregionais, com o centro da Meseta, a Orla Meso-Cenozóica Lusitana e mesmo regiões mais distantes;
- Incremento da documentação digital de arte rupestre do TCA, orientado tanto para conservação preventiva, como para o desenvolvimento de novos métodos de análise e eixos de investigação acerca das gravuras paleolíticas do Côa; e
- Desenvolvimento e teste de estratégias de conservação, metodologias de intervenção preventiva e divulgação pública de sítios de arte rupestre integrados no plano de actividade da Fundação Côa Parque.

4.4. CONSERVAÇÃO, A VISÃO KASSANDRA@CÔA

Este último desígnio, o da conservação, merece-nos uma atenção especial, desde logo por ser responsabilidade fundamental da FCP.

Ora, antes de mais, o desenvolvimento de um protocolo de conservação que responda aos moldes definidos *supra* depende, a montante, de um trabalho de caracterização detalhada dos suportes rochosos das gravuras e dos processos físico-químicos e mecânicos da sua degradação como base de um percurso metodológico que definimos como “Estratégia Kassandra@Côa”:

- Levantamento geométrico multissensor e caracterização geomorfológica do Vale do Côa e Siega Verde: Geomorfologia, UAV, TLS, Fotogrametria, Geomagnética, Sísmica de refração, Resistividade eléctrica, GPR, PDL, ...;
- Instrumentação do território com uma rede autónoma de sensores para monitorização de parâmetros físicos e meteorológicos;
- Estudo do impacto dos factores climáticos (temperatura, humidade, pluviosidade, insolação, colonização biológica) na evolução geomorfológica das vertentes e na estabilidade das superfícies das rochas gravadas;
- Estudo do efeito potenciador das alterações antropogénicas (surribas agrícolas, cheias artificiais e turismo) para as condições de preservação do património UNESCO, de estabilidade das vertentes e topografia dos leitos dos rios;
- Melhoria das condições objectivas de protecção e preservação do património;

- Caracterização de riscos naturais e antrópicos; e
- Definição do plano operacional de monitorização: incluindo procedimentos de análise dos dados, limites de segurança dos parâmetros a monitorizar, procedimentos de inspecção rotineira e de resposta a alarmística; que deverá concretizar-se num esforço de IDI orientado para a implementação de um sistema contínuo de monitorização de contornos claramente definidos:
 - Desenho e implementação no terreno da rede de sensores contínuos de parâmetros físicos;
 - Desenvolvimento de um sistema multi-nodal de transferência de dados *wireless*;
 - Desenvolvimento do software de gestão de dados: recepção, arquivamento redundante, processamento estatístico e alarmística;
 - Desenho das soluções automáticas e semi-automáticas de inspecção extraordinária, inspecções rotineiras e inspecções extraordinárias activadas pelo sistema; e
 - Definição da situação de referência dos vales do Côa e Siega Verde.

5. Trabalhos em curso e primeiros resultados intermédios

Alguns resultados, muito preliminares, dos primeiros trabalhos de terreno e laboratório deste vasto programa de investigação, ainda apenas resultantes de projectos parcelares, prospectivos, e carentes de um enquadramento global e recursos consequentes, demonstram já o potencial desta visão estratégica.

5.1. ESTUDO DOS SUPORTES E PÁTINAS MINERAIS DOS PAINÉIS GRAVÁVEIS

O estudo do leque de pátinas que actualmente recobrem as superfícies diaclásicas utilizadas pelos artistas paleolíticos debruçou-se, num primeiro momento, sobre amostras recolhidas nas pedreiras abandonadas da mesma área onde se localiza o sítio arqueológico do Fariseu.

Depois de localizadas e identificadas as pedreiras de interesse, foi realizado um levantamento histórico com recurso a entrevista, registos locais e artigos com o intuito de recuperar a história e datas de funcionamento e abandono das pedreiras. Assim, procedeu-se à consulta de arquivos de memória, artigos desde 1870, fotografias aéreas e uma entrevista a Manuel António Monteiro, filho de um dos trabalhadores das pedreiras identificadas (VILLA MAIOR, 1876, 226; BÚRCIO, 2004b, 65).

Relativamente ao trabalho de campo, foi efectuada uma descrição litológica, assim como uma inventariação e descrição exaustiva das diferentes pátinas observadas.

A identificação das pedreiras de interesse culminou numa selecção de quatro explorações para a produção de esteios já extintas: P1, P2, P3 e P4 (Fig. 4).

Através do Sr. Manuel António Monteiro, que nasceu em 1958, viveu no Fariseu e era filho de Américo Monteiro, um trabalhador numa das pedreiras, conseguimos saber em que anos as explorações terminaram a sua actividade:

- P1: abandonada antes dos anos 50;
- P2: “Pedreira dos marinheiros”, abandonada há cerca de 50 / 52 anos;
- P3: abandonada há mais ou menos 43 anos; e



Fig. 4: Localização das pedreiras seleccionadas e respectiva data de fim de exploração (©Google Earth Pro).

- P4: na qual trabalhou directamente o Sr. Américo Monteiro, abandonada há 41 anos (em 1981).

Estas pedreiras localizam-se na Formação de Desejosa (SILVA *et al.*, 1990, 1; RIBEIRO & SILVA, 2000, 1), apresentando uma rocha xistenta de cor negra, onde são observáveis pátinas de várias colorações:

- P1: observamos a presença de pátinas de várias cores e óxidos (Fig. 05a), assim como de calcite;

- P2: é observável uma macro dobra, pátina castanha, uma coloração negra por cima da pátina e nódulos preenchidos por argila (Fig. 5b), assim como três sistemas de fracturação;

- P3: ostenta maior abundância de quartzo, pátina castanha, nível abundante de pátina negra e óxidos; e

- P4: apresenta pátina castanha, óxidos de ferro e níveis de pátina.

Foram medidas algumas fracturas, nomeadamente:

- P1: N050°E, 89°NW; N029°E, 80°NW;

P2: N048°E, 82°NW;

- P3: N020°E, 70°NW; N050°E, 82°SE; N070°E, 84°NW; e

- P4: N010°E, 80°SE.

A análise de duas amostras provenientes destas pedreiras (tal como das amostras arqueológicas provenientes da Olga Grande e dos materiais colorantes do Fariseu, que descreveremos *infra*) foi realizada pelo método de difracção de raios-X (DRX) (Fig. 6), sendo as amostras montadas num porta-amostras padrão para pós, através da técnica da amostra invertida (Fig. 7) e as análises de DRX efectuadas, à temperatura ambiente, por

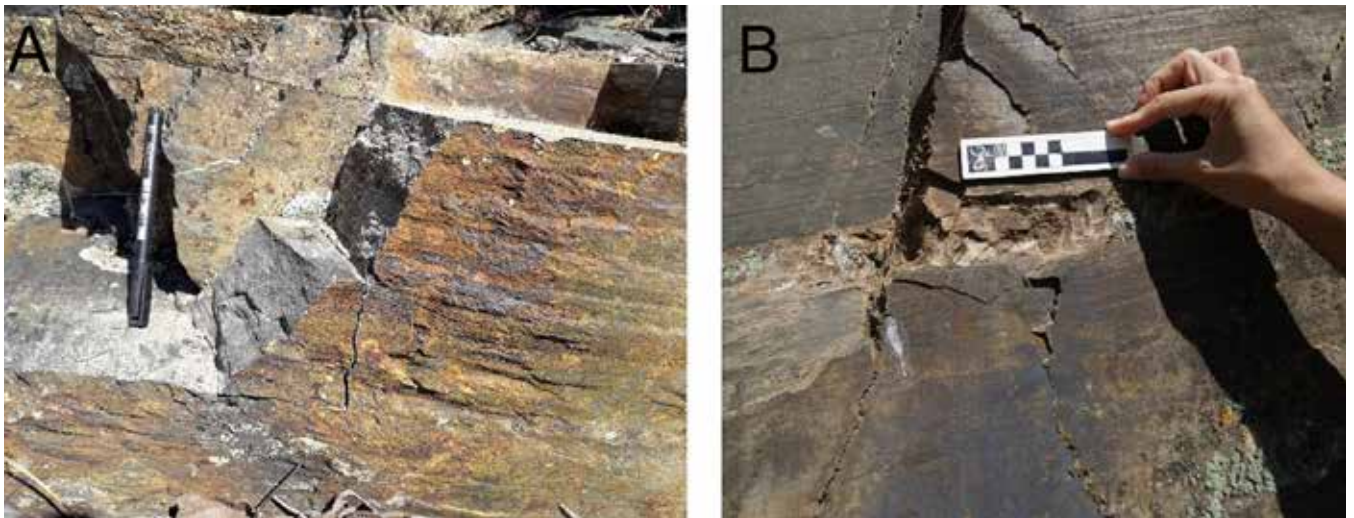


Fig. 5: Aspecto das pátinas em P1 (A) e em P2 com os nódulos de argila (B). Fotos de Sívia Aires

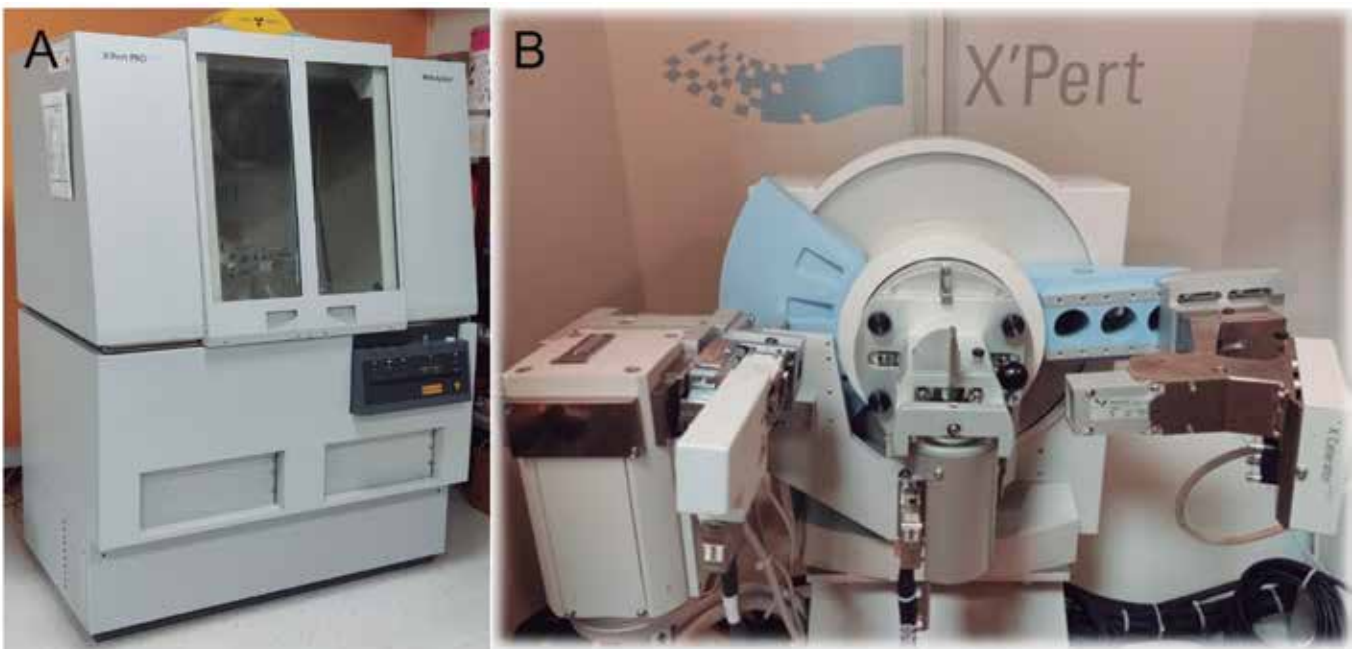


Fig. 6: Equipamento de análise de DRX: estrutura externa (A); estrutura interna (B) (<http://ume.utad.pt/DRX.html>).

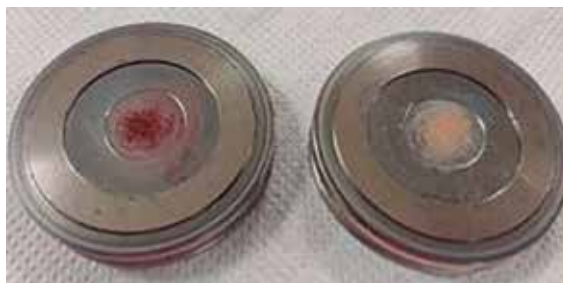


Fig. 7: Amostras preparadas para análise de DRX. Fotos de Sívia Aires.

um difractómetro PANalytical X'Pert Pro, equipado com detector X'Celerator e monocromador secundário. A energia usada na produção da radiação X foi de 40kV e 30mA. A aquisição foi efectuada na geometria Bragg-Brentano entre $7^\circ < 2\theta < 100^\circ$, com radiação $\text{CuK}\alpha$ ($\lambda_1 = 1.54060 \text{ \AA}$ and $\lambda_2 = 1.54443 \text{ \AA}$), 0.017°/ step, 100 s/step). As indexações dos espectros obtidos foram realizadas através do método de Rietveld, nos softwares HighScore Plus, versão 4.8 e no PowderCell, versão 2.4. Estas análises foram realizadas no laboratório da Unidade de Microscopia Electrónica (UME) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (<http://ume.utad.pt/DRX.html>).

A análise às pequenas concreções com ácido clorídrico demonstrou que algumas são calcite e as restantes são quartzo.

Foram analisadas 3 colorações (castanha, castanha-escura e preta), nas quais foram identificados picos correspondentes a quartzo, biotite, muscovite, birnessite, ilmenite e goetite (Fig. 8 e Tab. 1). Estes pigmentos são originados pela goetite, um óxido de ferro hidratado cuja cor pode variar entre preto, castanho, amarelo, vermelho e laranja; no entanto o seu pó mantém-se sempre com a mesma cor (castanho). Este mineral forma-se por oxidação de minerais com ferro que fazem parte da mineralogia das rochas que ocorrem nesta área como a magnetite, hematite e pirrotite (AIRES, 2018, 249).

Estes resultados constituem a base documental inicial de um programa mais alargado de estudo dos suportes rochosos da arte pleistocénica do Côa e dos *coatings* minerais, holocénicos ou mais antigos, das superfícies gravadas que incluirá seguidamente:

- A realização de um levantamento pormenorizado do sistema de fracturação e tectónica de afloramentos da Formação da Desejosa;
- O estudo de pátinas identificadas em superfícies efectivamente gravadas, exi-

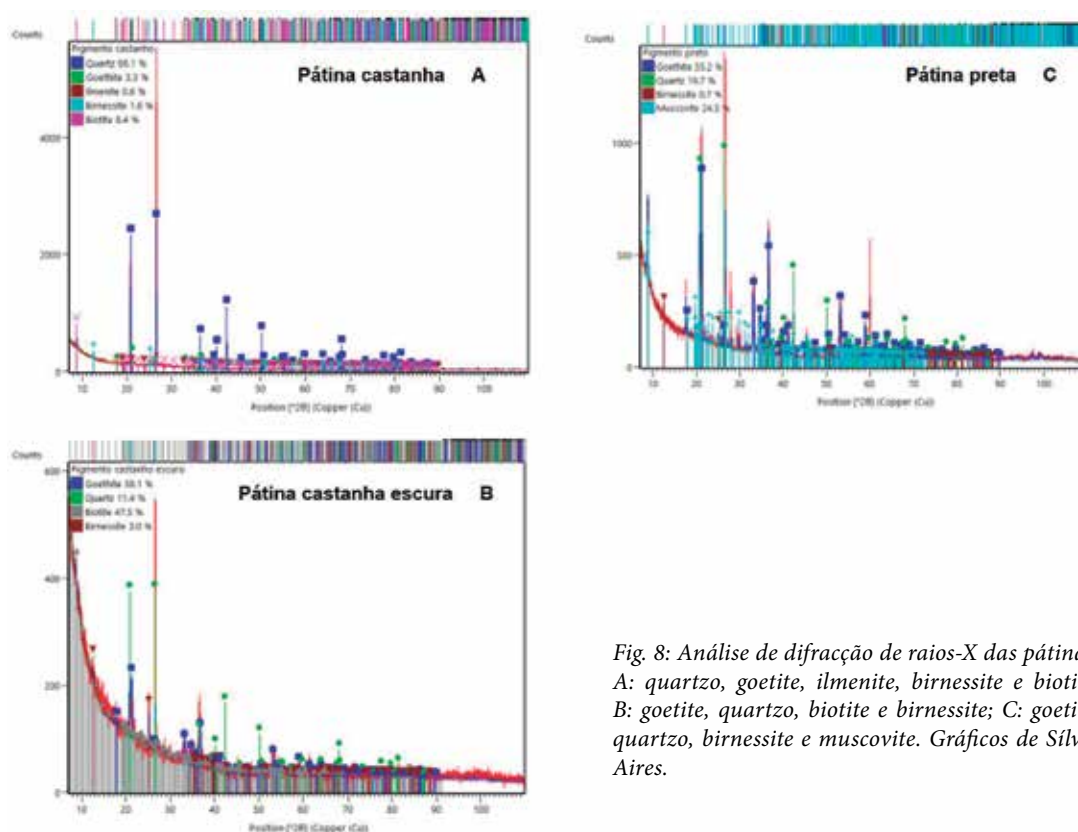


Fig. 8: Análise de difracção de raios-X das pátinas: A: quartzo, goetite, ilmenite, birnessite e biotite; B: goetite, quartzo, biotite e birnessite; C: goetite, quartzo, birnessite e muscovite. Gráficos de Sílvia Aires.

FAR R9 22					
	J25_5	I25_5	I26_5 (Zona Vermelha)	I26_5 (Zona Amarela)	J26_4C
Quartzo	•	•	•	•	•
Goetite	•	•	-	-	-
Hematite	-	-	•	-	-
Muscovite	•	-	•	•	-
Ilite	-	-	•	•	•
Rútilo	-	-	•	-	-
Enstatite	-	-	•	•	-
Birnessite	-	-	-	•	-

Tabela 1 : Composição das Pátinas por DRX.

gindo o desenvolvimento de um rigoroso protocolo de amostragem;

- A realização de testes de formação experimental de pátinas em ambientes controlados; e, por fim,

- A análise comparativa das pátinas observadas nos vários sítios de arte rupestre e nas pedreiras de controlo, enriquecida pelos dados experimentais.

5.2. DOCUMENTAÇÃO DIGITAL, *DIGITAL TWINNING* E UMA MUDANÇA DE PARADIGMA

A multiplicidade das tecnologias actuais permite-nos a aquisição de diversos tipos de dados, em diferentes escalas e ambientes. A excepcional relevância cultural e científica do património UNESCO do Vale do Côa, justifica a importância de um registo exaustivo dos sítios de arte rupestre e dos artefactos associados, incluída aqui a sua reprodução através de fac-símiles digitais tridimensionais produzidos com a melhor tecnologia e maior rigor disponíveis.

Sem descurar a importância do contributo dos trabalhos de levantamento por decalque directo, importa promover uma transição eficaz para novos paradigmas de documentação que explorem a evolução tecnológica recente nas áreas da Geomática, Engenharia Inversa e Modelação digital, combinando sempre o poder interpretativo do investigador com a (reforçada) precisão da informação produzida através da digitalização rigorosa do objecto de estudo.

Neste sentido, temos em curso um programa de desenvolvimento de protocolos de documentação digital que já aplicámos a diferentes categorias de objectos do universo arqueológico do Côa, incluindo a digitalização de painéis, placas gravadas de arte móvel, matérias-primas colorantes e utensílios arqueológicos. Cada exemplo exige uma consideração das técnicas mais adequadas aos objectivos específicos do trabalho e características intrínsecas do objecto a digitalizar (natureza, dimensões, complexidade, fragilidade, etc.), implicando frequentemente o uso combinado de tecnologias laser e fotogramétricas (aérea, *close-range* ou luz estruturada).

No caso da digitalização a laser terrestre ou *Terrestrial Laser Scanning* (TLS) (Fig. 9), trata-se de uma técnica de detecção remota que consiste na aquisição de dados espaciais de elevada precisão (BOARDMAN *et al.*, 2018): o laser scanner emite um feixe de luz laser infravermelho num espelho em rotação vertical que, em simultâneo,

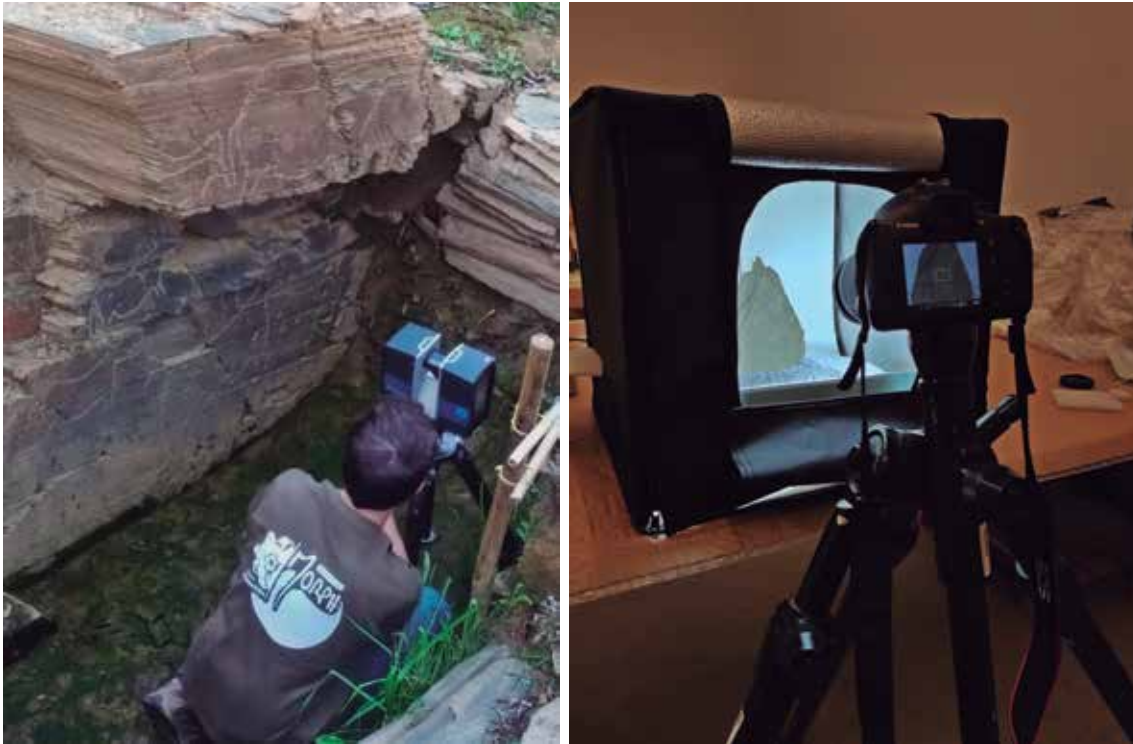


Fig. 9: Realização de levantamento com laser scanner terrestre (Rocha 9 do Fariseu). Foto de Miguel Almeida.

Fig. 10: Digitalização de arte móvel por fotogrametria close-range (Museu do Côa). Foto de Nuno Ramos.

gira sobre uma rótula no sentido horizontal, fazendo um varrimento de toda a área exposta na sua envolvente (FARO, 2019). Ao reflectir o feixe de volta ao scanner, este calcula a orientação radial e distância de cada ponto para reconstruir a geometria do objecto, determinando a reflectividade das superfícies e medindo a intensidade do raio laser recebido (FARO, 2019). A informação obtida é apresentada sob a forma de nuvem de pontos, replicando com precisão milimétrica a geometria do objecto capturado, sendo composta por milhões de pontos com coordenadas 3d (XYZ), informação da reflectividade, bem como cor RGB (cor verdadeira) obtida pelo sensor fotográfico.

A fotogrametria digital produz resultados de elevada definição, precisão e qualidade gráfica, para fins de inspecção e documentação, desde objectos milimétricos a territórios de centenas de quilómetros quadrados, por meio de sensores fotográficos montados em plataformas estáticas, móveis ou aerotransportadas (RAMOS, 2021) (Fig. 10). Opera através de uma conjugação de algoritmos *Structure-from-Motion* (SfM) e *Multi-View Stereo* (MVS), que consiste em estimar e reconstituir tridimensionalmente o objecto ou cenário desejado, a partir de uma elevada sobreposição de fotografias 2d captadas de várias perspectivas (FONSTAD *et al.*, 2013; MICHELETTI *et al.*, 2014; 2015). Os algoritmos identificam os pontos comuns entre as diferentes fotografias, combinando-os e possibilitando uma reconstituição densa, replicando a geometria do objecto capturado numa nuvem de pontos composta por milhões de pontos com coordenadas 3d e cor RGB (FURUKAWA & PONCE, 2010; MICHELETTI *et al.*, 2015; ROTHERMEL & WENZEL, 2012) (Fig. 11).

A fotogrametria por luz estruturada é outra técnica de digitalização 3D que consiste na projecção de padrões *fringe* no objecto-alvo e, pela deformação desses padrões projectados na geometria do objecto, reconstituição digital da superfície da área projec-



Fig. 11: Nuvens de pontos esparsas e densas, resultantes de levantamento aerofotogramétrico na Penascosa. Modelos de Nuno Ramos.

tada pelo scanner com uma precisão micrométrica (BREUCKMANN, SD; JECIĆ & DRVAR, 2003) (Fig. 12).

A partir dos *outputs* destas técnicas, além de uma nuvem de pontos, podem ser geradas malhas texturizadas, modelos digitais (de terreno ou superfície) e ortofotografias, que permitem modelizar, inspeccionar, monitorizar ou simplesmente reproduzir qualquer cena ou objecto (RAMOS, 2021).

No futuro próximo do programa de investigação da arte do Côa inclui-se ainda a integração da microtopografia 3D, que permitirá enriquecer os modelos já actualmente produzidos com os dados topográficos de escala microscópica já exigidos pelo nível de questionamento actual na área da investigação acerca da morfologia, cinética e estratigrafia das gravuras e dos estigmas técnicos nos utensílios usados para a realização das gravuras.



Fig. 12: Digitalização de arte móvel por fotogrametria de luz estruturada (Museu do Côa, 08/08/2022). Foto de Miguel Almeida.



Fig. 13: Combinação de digitalização com recurso a laser scanner e fotogrametria terrestre (Rocha 9 do Fariseu). Para distinção dos dois modelos, são aqui apresentados sem ajuste de cores. Modelo de Nuno Ramos.

Para lá das questões técnicas de aquisição, o problema da integração de dados multisensor e produção de modelos multi escalares contínuos (Fig. 13) consiste num dos eixos de investigação aplicada indispensáveis para o bom sucesso do nosso programa de trabalhos, reforçando ainda a necessidade de integração multidisciplinar no esforço de investigação sobre as comunidades pleistocénicas do Vale do Côa e, em particular, as suas manifestações gráficas.

No primeiro impulso destes trabalhos no Vale do Côa, já foi realizada a documentação digital, embora ainda não exaustiva, dos sítios do Fariseu, Penascosa e (em muito menor escala) Piscos, bem como de arte móvel, utensílios arqueológicos e matérias colorantes provenientes de várias campanhas de escavação, em diferentes sítios arqueológicos do Côa, realizadas ao longo dos últimos 25 anos (Figs. 14 e 15).

No que respeita à documentação de painéis gravados, destaca-se:

- No Fariseu, os trabalhos realizados correspondem à documentação com laser scanner dos painéis integrais e da envolvente das Rochas 3, 6 e 9, para produção das suas cópias digitais (Fig. 16), mas também para o acompanhamento da evolução das escavações arqueológicas e integração de toda a informação, nova ou pré-existente, relativa aos níveis arqueológicos e aos levantamentos artísticos, como, por exemplo, os desenhos vectoriais resultantes dos decalques directos num ambiente digital 3d representativo do real (Fig. 17) que combina os vários levantamentos de laser e fotogramétricos de elevado detalhe em modelos globais (Fig. 18).

- Na Penascosa, testámos a mesma integração de modelos multi-sensoriais, mas agora incluindo também, para além dos painéis reproduzidos por TLS (Fig. 19-20), a nuvem de pontos de toda a área envolvente, obtida por aerofotogrametria de baixa altitude. Para além do enquadramento espacial das rochas gravadas, no contexto da morfologia actual deste sector do Vale do Côa, a produção deste modelo digital da área envolvente dos painéis gravados da Penascosa ainda foi decisivo para a integração e interpretação dos resultados da prospecção geofísica realizada no local para detecção de possíveis pai-

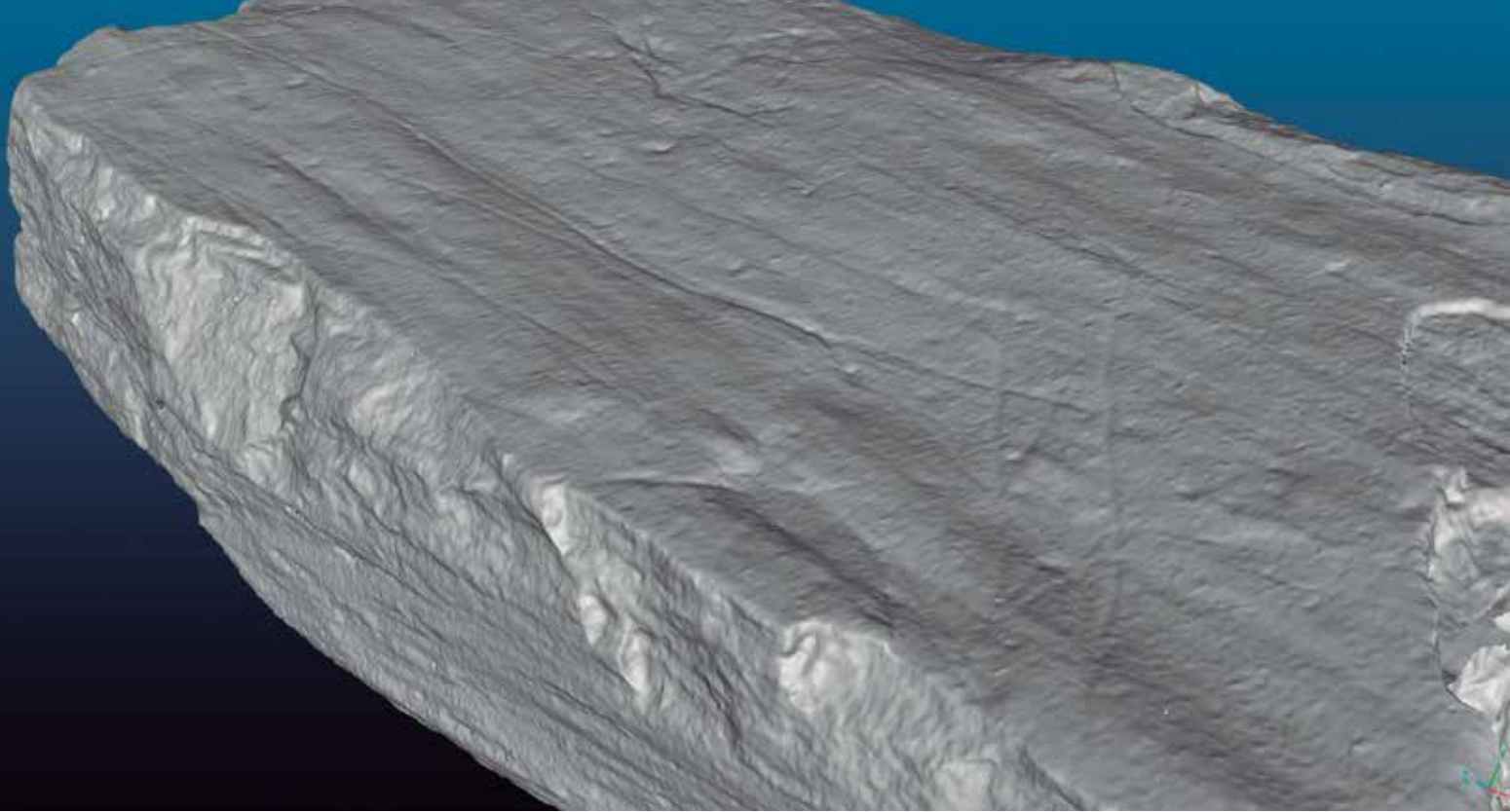


Fig. 14: Pormenor de malha resultante da digitalização de arte móvel (peça 14 do Fariseu) por fotogrametria de luz estruturada, aqui apresentado sem texturização de cor, para mostrar o nível de detalhe geométrico deste tipo de modelos tridimensionais. Modelo de Nuno Ramos.



Fig. 15: Representação de uma peça experimental a partir de um modelo digital 3d mensurável: a capacidade de manipulação digital, análise a diferentes escalas e toma de medições pode facilitar o processo de análise da peça e a sua comparação com outros objectos, incluindo num laboratório virtual. Note-se, porém, que em Arqueologia o objecto original mantêm-se sempre como repositório último da informação. Modelo de Nuno Ramos.



Fig. 16: Nuvem de pontos resultante de digitalização 3D com laser scanner da Rocha 9 do Fariseu (10/05/2022). Este modelo global da rocha com precisão de 2mm serve de base geométrica para a integração de modelos fotogramétricos mais precisos (cfr. fig. 13). Modelo de Nuno Ramos.

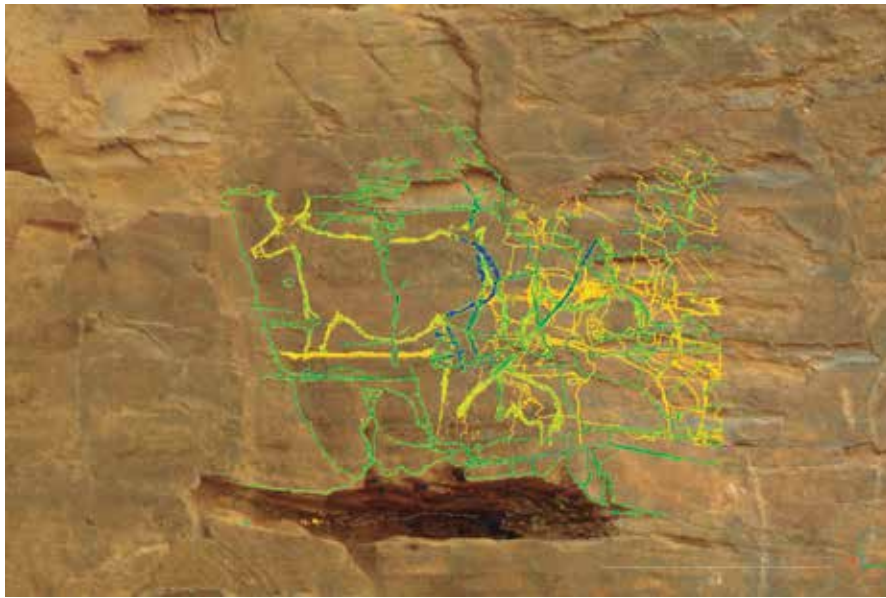


Fig. 17: Integração de desenho vectorizado produzido a partir da digitalização dos plásticos do decalque directo executado no terreno na nuvem de pontos do modelo da Rocha 9 do Fariseu. Modelo de Nuno Ramos.



Fig. 18: Detalhe de gravura da Rocha 6 do Fariseu, sob a forma de nuvem de pontos obtida por fotogrametria SfM-MVS. Modelo de Nuno Ramos.



Fig. 19: Aspecto dos trabalhos de varrimento TLS realizados no sítio arqueológico da Penascosa. Nesta fotografia, o sector da escavação de 2018, junto da rocha 38. Foto de Miguel Almeida.



Fig. 20: Modelo digital 3d da rocha 38 da Penascosa, produzido a partir de varrimentos TLS: modelo-base da rocha, para integração posterior de modelos detalhados das gravuras, a produzir com técnicas SLS ou SfM. Modelo de Nuno Ramos.

néis actualmente enterrados (cfr. *infra*), que também se traduziram numa nuvem de pontos classificados e integrável no modelo digital tridimensional do sítio (Fig. 21).

- Na Ribeira de Piscos, foi realizada a digitalização das Rochas 1 e 24. No caso da Rocha 1, implementando um projecto-piloto de monitorização 3d com o intuito de detectar eventuais movimentos, fragmentação ou desagregação em toda a estrutura do afloramento, a fim de informar um plano de preservação capaz de mitigar riscos de deterioração mecânica dos painéis gravados. Essa monitorização consiste na comparação iterativa de nuvens de pontos do mesmo objecto (no caso, o afloramento da rocha 1) resultantes de levantamentos sucessivos, a intervalos regulares do objecto monitorizado. A comparação das *point clouds* sucessivas no tempo, alinhados manualmente ou pelo algoritmo ICP (*Iterative Closest Point*) (ZHANG, 1994), com recurso a um algoritmo C2C (*Cloud-to-Cloud*) que calcula simplificada a distância entre os pontos equivalentes (ou próximos) de cada uma das nuvens permite identificar movimentos de escala milimétrica. Quando consideramos necessário, para comprovação de resultados do algorit-

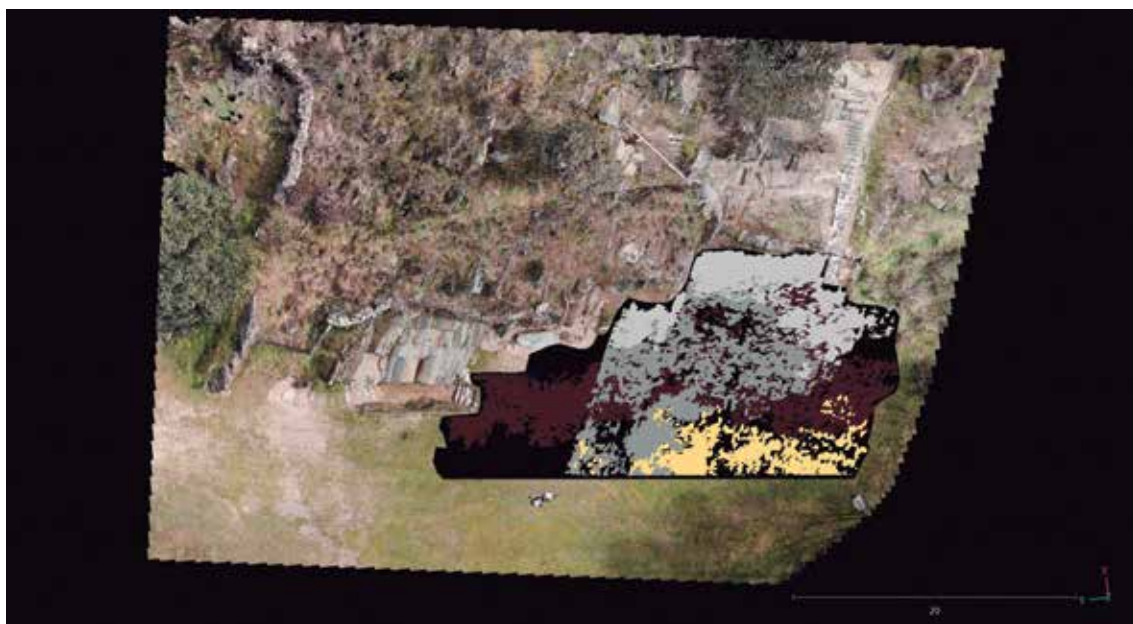


Fig. 21: Modelo digital 3d do sítio da Penascosa produzido a partir da combinação de dados do levantamento aerofotogramétrico e varrimentos de laser scanner terrestre, integrando a representação dos dados de prospecção geofísica em 3D convertidos em nuvem de pontos categorizada: CASTANHO: rocha soterrada por aluviões holocénicas; CINZA: coluviões e aluviões sub-actuais; AMARELO: depósito coluvial (?) de idade desconhecida. Modelo de André Ferreira e Nuno Ramos.

mo anterior ou melhor caracterização e quantificação do processo erosivo ou aditivo, testamos ainda os algoritmos M3C2 (mais robusto, comparando também duas nuvens de pontos) (LAGUE *et al.*, 2013) e C2M (*Cloud-to-Model*), em que é avaliada a distância da nuvem de pontos do tempo recente à superfície/mesh referente ao tempo de referência (MATILDES, 2016; RAMOS, 2021) (Fig. 22).

5.3. PROSPECÇÃO DE ARTE RUPESTRE

Esta questão da integração dos dados da prospecção de arte rupestre nos modelos geométricos surge particularmente relevante, na medida em que incluímos nos trabalhos de prospecção não apenas a verificação dos painéis visíveis de afloramentos actuais, verificados sistematicamente no decurso de trabalhos de superfície que decorrem na área do Parque desde a década de 90, mas agora também a procura de desníveis

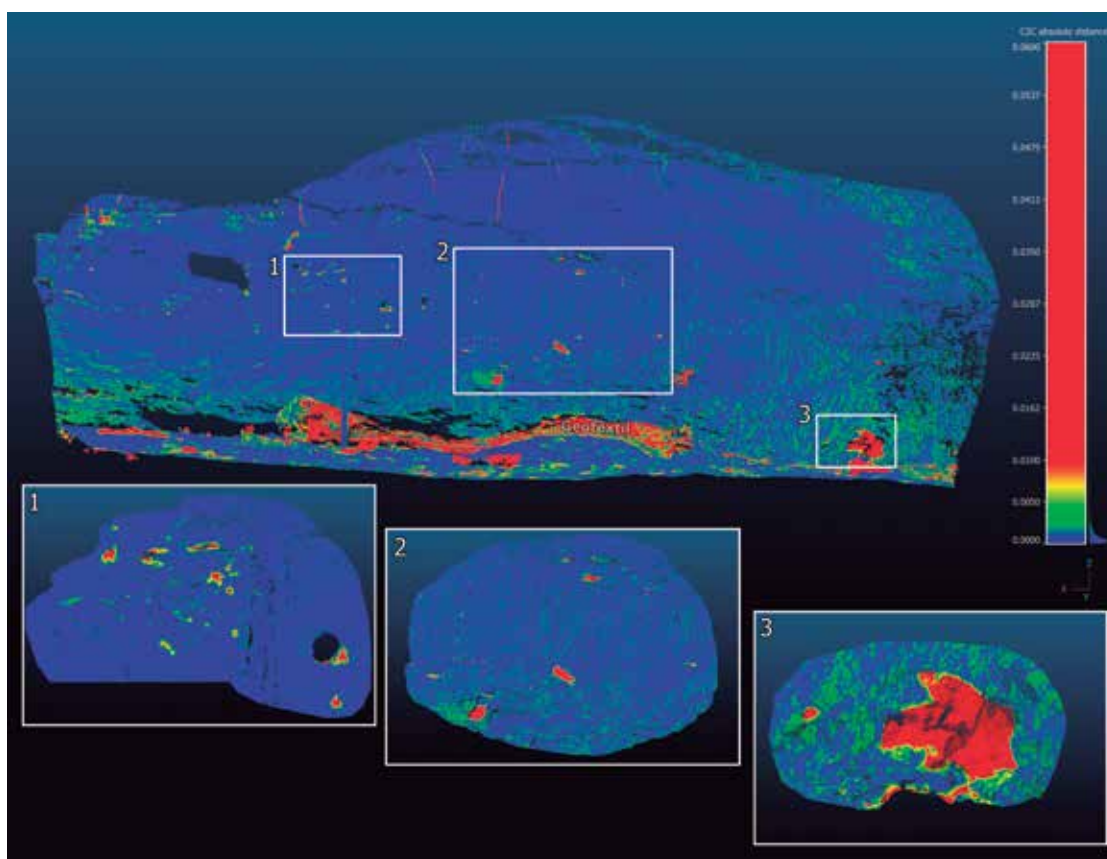


Fig. 22: Estando a monitorização da Rocha 1 da Ribeira de Piscos actualmente no seu início, não dispomos ainda de resultados comparativos relevantes, os quais, em seu tempo, deverão assemelhar-se ao exemplo aqui representado, produzido no Vale do Lapedo (Leiria). Modelo de Nuno Ramos.

das massas xistentas que possam denunciar a presença de superfícies diaclásicas “graváveis”, mesmo se enterrados, através de metodologias de detecção remota, nomeadamente métodos geofísicos *near surface*.

Um primeiro exemplo do potencial desta abordagem que, obviamente, nunca poderá assumir um carácter sistemático, mas antes a obtenção de dados acerca de áreas de interesse pré-determinadas, consiste no trabalho já realizado na actual superfície aluvial da Penascosa, para o que se definiu uma estratégia de prospecção baseada

num varrimento cruzado de georradar com antenas de 500Mhz e 800Mhz (Fig. 23).

Na Penascosa, o objectivo da prospecção consistia no despiste e mapeamento (sob os depósitos aluviais contíguos aos painéis já conhecidos do sítio) de outros possíveis painéis / superfícies de diáclase na continuação do afloramento conhecido, nomeadamente no alinhamento do painel 38, identificado em escavação de 2018. Adicionalmente, a prospecção geofísica realizada também pretendia indagar da possível existência de áreas com potencial arqueológico de preservação de depósitos sedimentares pleistocénicos, eventualmente coetâneos da arte rupestre do sítio.

O resultado destes trabalhos mostra o potencial do método para os objectivos pretendidos, na medida em que foram identificados não apenas a massa rochosa, com



Fig. 23: Aspecto dos trabalhos de prospecção geofísica por georradar realizados no sítio da Penascosa. Foto de Miguel Almeida.

indicação, a ~120 cm de profundidade, de um limite aparentemente muito nítido que poderá corresponder a uma superfície diaclásica sub vertical com cerca de 80 cm de altura, como também os depósitos coluvionares e aluviais que a recobrem (Fig. 24).

5.4. PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA

5.4.1. PROSPECÇÃO DE SUPERFÍCIE

Os últimos trabalhos de prospecção arqueológica incidiram principalmente sobre as zonas de interflúvio entre os rios Côa e Águeda, sector cujo potencial arqueológico está ainda longe de esgotado, mas onde já podemos comprovar a importância da ocupa-



Fig. 24: Perspectiva diagonal do modelo digital 3d do sítio da Penascosa com representação dos dados de georradar, proporcionando uma percepção da organização geométrica dos vários depósitos identificados: CASTANHO: rocha soterrada por aluviões holocénicas; CINZA: coluviões e aluviões sub-actuais; AMARELO: depósito coluvial (?) de idade desconhecida. Modelo de André Ferreira e Nuno Ramos.

ção de ambientes geológicos, topográficos e ecológicos muito diversificados deste vasto território durante o Paleolítico Superior, preenchendo parte do ilusório vazio de ocupação entre as gravuras do Baixo Côa e as do Águeda (Siega Verde, Redor do Porco e Arroyo de las Almas) (Figs. 25 e 26), incluindo mesmo a identificação -- inesperada em prospecção de superfície -- de vestígios de arte móvel, longe daqueles sítios localizados nos vales principais (ALMEIDA *et al.*, 2021).

Não menos relevantes serão outros novos dados desta prospecção que confirmam a ocupação da região durante o Paleolítico Médio, já conhecida no sítio de Cardina-Salto do Boi, mas até agora não documentada neste interflúvio.



Fig. 25: A prospecção arqueológica de superfície, tarefa extremamente consumidora de tempo que exige um investimento decidido na presença directa no terreno e conhecimento íntimo do território, está na base de todos os desenvolvimentos subsequentes do nosso programa de investigação, por ser a primeira fonte de descoberta de novos documentos arqueológicos. Na foto, chegada ao Abrigo do Grilo. Foto de Miguel Almeida.

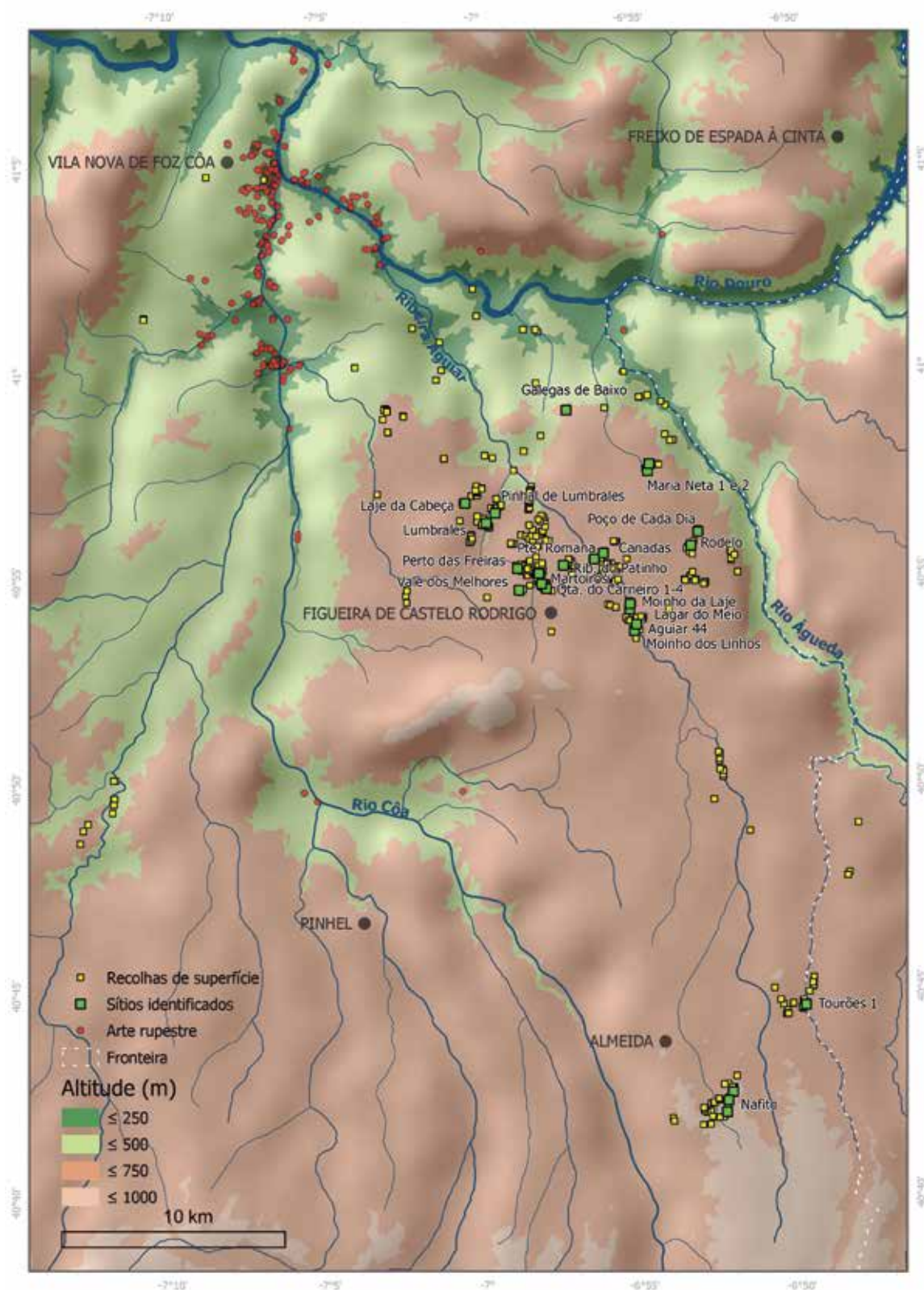


Fig. 26: Mapa de resultados da prospeção realizada no sector do planalto de Figueira de Castelo Rodrigo, a norte da Maroفا, revelando uma profusão de novos sítios e indícios arqueológicos. Cartografia de Luís Luís.

Do mesmo modo, a identificação entre estas séries de superfície da presença de sílex e silcretos alóctones, fundamental para a compreensão da articulação destas ocupações com áreas geográficas mais distantes, e o mapeamento a origem de algumas matérias-primas específicas representadas noutros sítios paleolíticos do Baixo Côa (ALMEIDA *et al.*, 2021), surgem como resultados muito significativos para o reforço da base documental do TCA.

Estes resultados, maioritariamente concentrados numa zona-teste do planalto a Norte de Figueira de Castelo Rodrigo, demonstram, como dissemos, a importância destes ambientes na economia das comunidades pleistocénicas que ocuparam o Côa, mas também reforçam a urgência da investigação acerca da evolução geomorfológica, paleoclimática, paleoambiental e paleoecológica deste território, indispensável para uma abordagem fundamentada das opções estratégicas, mas também das manifestações gráficas destes grupos de caçadores-recolectores do Paleolítico Superior.

5.4.2. PROSPECÇÃO GEOFÍSICA

Os trabalhos de prospecção em curso no Côa, porém, não se esgotam na prospecção de superfície, antes envolvendo a mobilização de outros recursos não intrusivos, através de diferentes métodos geofísicos de detecção remota, e mesmo intrusivos, tendo-se privilegiado a utilização do trado manual para a realização de carotagens manuais e consequente obtenção de dados objectivos acerca da estratificação e potencial arqueológico dos sítios identificados em prospecção de superfície ou análise cartográfica.

Na Olga Grande 14, onde sondagens anteriores tinham revelado a presença de uma importante ocupação pleistocénica, incluindo a presença de estruturas em granito (AUBRY, 2009), optámos por uma combinação de prospecção geomagnética, georradar e carotagens manuais para avaliação do potencial arqueológico remanescente e determinação dos limites do sítio preservado:

- A prospecção geomagnética mede, por magnetometria directa ou gradiometria, quaisquer variações locais do campo magnético terrestre provocadas pela presença de corpos enterrados com propriedades magnéticas, revelando-se especialmente eficaz na detecção de estruturas geológicas, contactos litológicos, falhas tectónicas, massas mineralizadas e estruturas antrópicas. A rapidez de execução da magnetometria / gradiometria magnética permite cobrir eficazmente áreas de prospecção muito vastas com resolução e precisão muito apreciáveis, para além de uma relevante capacidade de penetração em profundidade, características que fazem da magnetometria uma técnica exploratória muito relevante em trabalhos de prospecção geofísica, sendo frequentemente adoptada como primeira abordagem ao local, eventualmente seguida de um método mais detalhado nas áreas de maior interesse. Esta era a nossa abordagem inicial ao sítio da Olga Grande 14, assente na utilização de uma nova geração de magnetómetros de potássio (usámos um GemSYS GSMP-35), que veio incrementar decisivamente a sensibilidade destes equipamentos, agora capazes de localizar objectos com muita fraca assinatura magnética e anomalias de pequena amplitude, alargando significativamente o campo de aplicação do método (Fig. 27);

- Na sequência da prospecção geomagnética, a nossa estratégia para a Olga Grande 14 previa a realização de uma cobertura integral da mesma área com georradar, a fim de obter confirmação ou infirmação dos resultados geomagnéticos e, se possível, refinar o mapeamento de eventuais indícios da presença de estruturas e/ou níveis arqueológicos



Fig. 27: Aspecto dos trabalhos de prospecção geomagnética realizados no sítio arqueológico da Olga Grande 14. Foto de Miguel Almeida.

bem preservados, explorando a maior resolução deste método de prospecção geofísica (Fig. 28);

- Por fim, a estratégia de prospecção incluía ainda a realização de um pequeno conjunto de sondagens intrusivas por trado manual com recuperação integral de colunas estratigráficas em amostra semi-estruturada, destinadas a proporcionar uma oportunidade de *ground truthing* dos resultados geofísicos por observação directa da estratificação em pontos localizados da área de prospecção (Fig. 29).

Este programa foi integralmente cumprido no terreno, executando-se a prospecção geomagnética pelo método da gradiometria, com aquisição dos dados em perfis paralelos espaçados de 1 m e a aquisição de georradar, com uma antena blindada de 500 Mhz em perfis paralelos espaçados de 0,5 m, concluindo-se os trabalhos pela realização dos trados manuais, sendo todos estes trabalhos georreferenciados com recurso ao GPS diferencial para representação num mesmo modelo digital do terreno (MDT) da área prospectada.

Considerando que o objectivo primordial da prospecção consistia na identificação de estruturas compostas por elementos pétreos aquecidos acima do ponto de Curie, apresentando, por isso, elevada susceptibilidade magnética, procurávamos a localização de anomalias magnéticas de elevado contraste, expectativa que, efectivamente, viria a confirmar-se nas proximidades do canto oeste do polígono prospectado (Fig. 30, a verde).

A prospecção por georradar confirmaria depois a validade da anomalia magnética (Fig. 31, a vermelho), revelando exactamente no mesmo local um sinal electromagnético que corrobora a presença da estrutura e fornece dados acerca da sua profundidade estimada, devendo encontrar-se o topo da estrutura a cerca de 45 cm da superfície actual.

O previsto “programa de carotagens por trado manual” é que se reduziria a uma única sondagem intrusiva no perímetro do sítio arqueológico, realizada na zona mais elevada desta vertente suave, uma vez que o primeiro furo teste revelaria logo a presença



Fig. 28: Aspecto dos trabalhos de prospecção de georradar realizados no sítio arqueológico da Olga Grande 14: notar a localização do polígono de aquisição e marcas das passagens paralelas da antena. Foto de Miguel Almeida.



Fig. 29: Sondagem por carotagem com cavadeira e trado manual realizada no topo da vertente do sítio arqueológico da Olga Grande 14, no limite do afloramento granítico, que produziria um núcleo em quartzo hialino com características tecnológicas enquadráveis na série lítica resultante da escavação original do sítio. Foto de Miguel Almeida.



Fig. 30: Projecção do mapa de gradiometria magnética sobre ortofotomapa (©Google Earth, 2021-05-24), com representação a verde de uma anomalia magnética de elevado contraste. Infografia de André Ferreira.

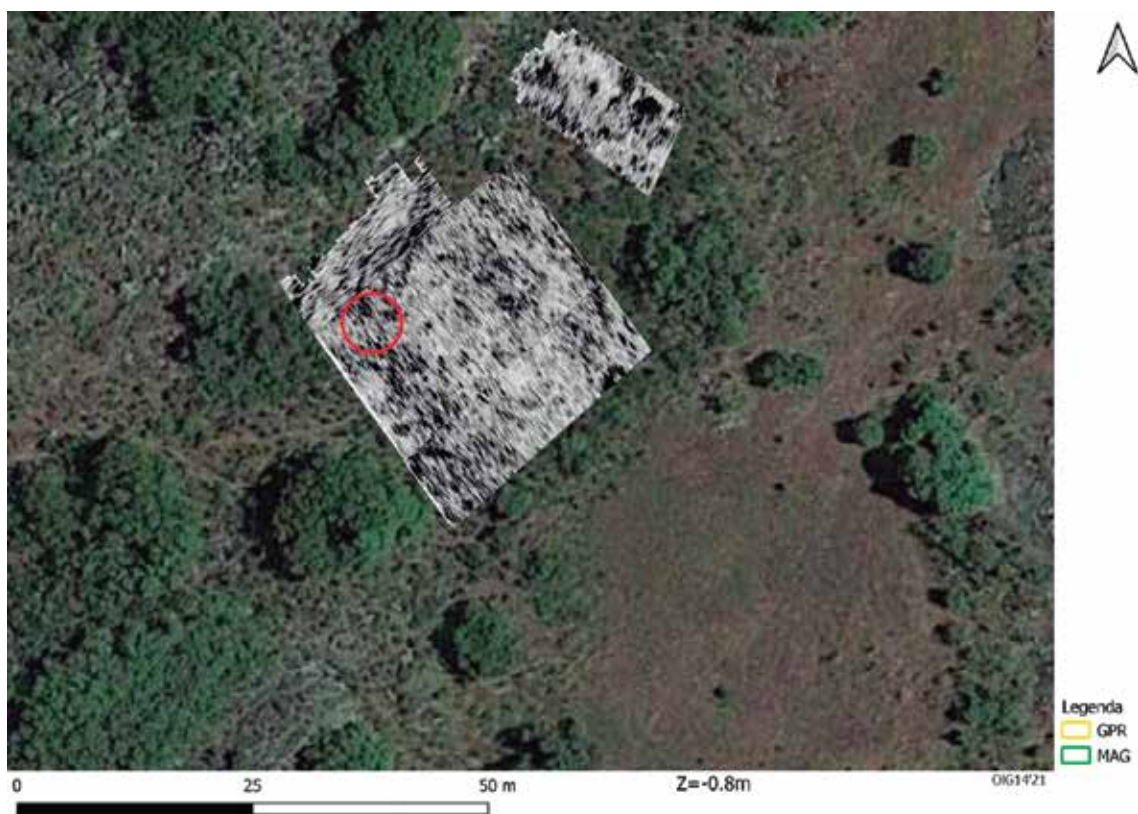


Fig. 31: Projecção dos time-slices de 8.9946ns, correspondente a 0,45m de profundidade estimada, sobre ortofotomapa (©Google Earth, 2021-05-24), com representação a vermelho do sinal electro-magnético de elevado contraste coincidente com a anomalia identificada por gradiometria magnética (v. fig. anterior). Infografia de André Ferreira.

de materiais arqueológicos de inquestionável idade pleistocénica (Fig. 32) em posição estratigráfica com boas condições de conservação que, obviamente, preferimos preservar para intervenção em sede de uma próxima campanha de sondagens arqueológicas.

5.5. CARACTERIZAÇÃO DOS SUPORTES DE GRAVURAS

No cumprimento da transdisciplinaridade inerente dos trabalhos de investigação em curso no Vale do Côa, procuramos explorar pelos mais diversos métodos complementares todos os materiais arqueológicos e informação associada que resultam dos trabalhos de terreno.

Neste âmbito, está em curso a análise laboratorial por diferentes métodos físico-químicos de uma diversidade de elementos do espólio produzido por aqueles trabalhos de sondagem, escavação e prospecção arqueológica, incluindo objectos de utensilagem lítica e arte móvel. Todas as análises laboratoriais, mesmo quan-

do não destrutivas, são sistematicamente precedidas por um protocolo de caracterização e inventariação dos objectos arqueológicos que inclui a identificação da amostra, local de proveniência, ano, proveniência espacial e estratigráfica, matéria-prima, quantificação, peso e dimensões da amostra. No caso de amostras destrutivas, realiza-se também sistematicamente um modelo digital tridimensional do objecto.

Este esforço analítico incidiu inicialmente sobre o estudo dos suportes de arte móvel, analisando-se um vasto conjunto de fragmentos xistentos e granitóides recuperados em contextos de escavação arqueológica. No caso particular deste estudo de suportes pétreos, a informação de inventário arrolada *supra* foi ainda acrescida da descrição de características específicas do objecto, tais como o tipo de suporte (plaqueta ou seixo), a integridade (completo ou fragmento) e a presença de córtex ou estigmas térmicos.

Para constituição de um referencial de análise e determinação de proveniência geológica, foram recolhidas amostras em dois percursos (Quinta da Barca – Cardina e Penascosa – Ribeira de Piscos) que abrangem as três formações geológicas xistentas existentes na área: Formação de Desejosa, Formação de Pinhão e Formação de Rio Pinhão (SILVA *et al.*, 1990, 1; RIBEIRO & SILVA, 2000, 1), recolhendo-se amostras em 35 pontos: 12 entre a Quinta da Barca (FRP) e a Cardina (FRP) e 23 entre a Penascosa (FP) e a Ribeira de Piscos (FD) (Fig. 33).



Fig. 32: Momento da identificação de um núcleo de talhe bipolar em quartzo hialino recuperado na coluna estratigráfica da carotagem realizada no sítio para observação directa dos depósitos estratigráficos subjacentes. Foto de Miguel Almeida.

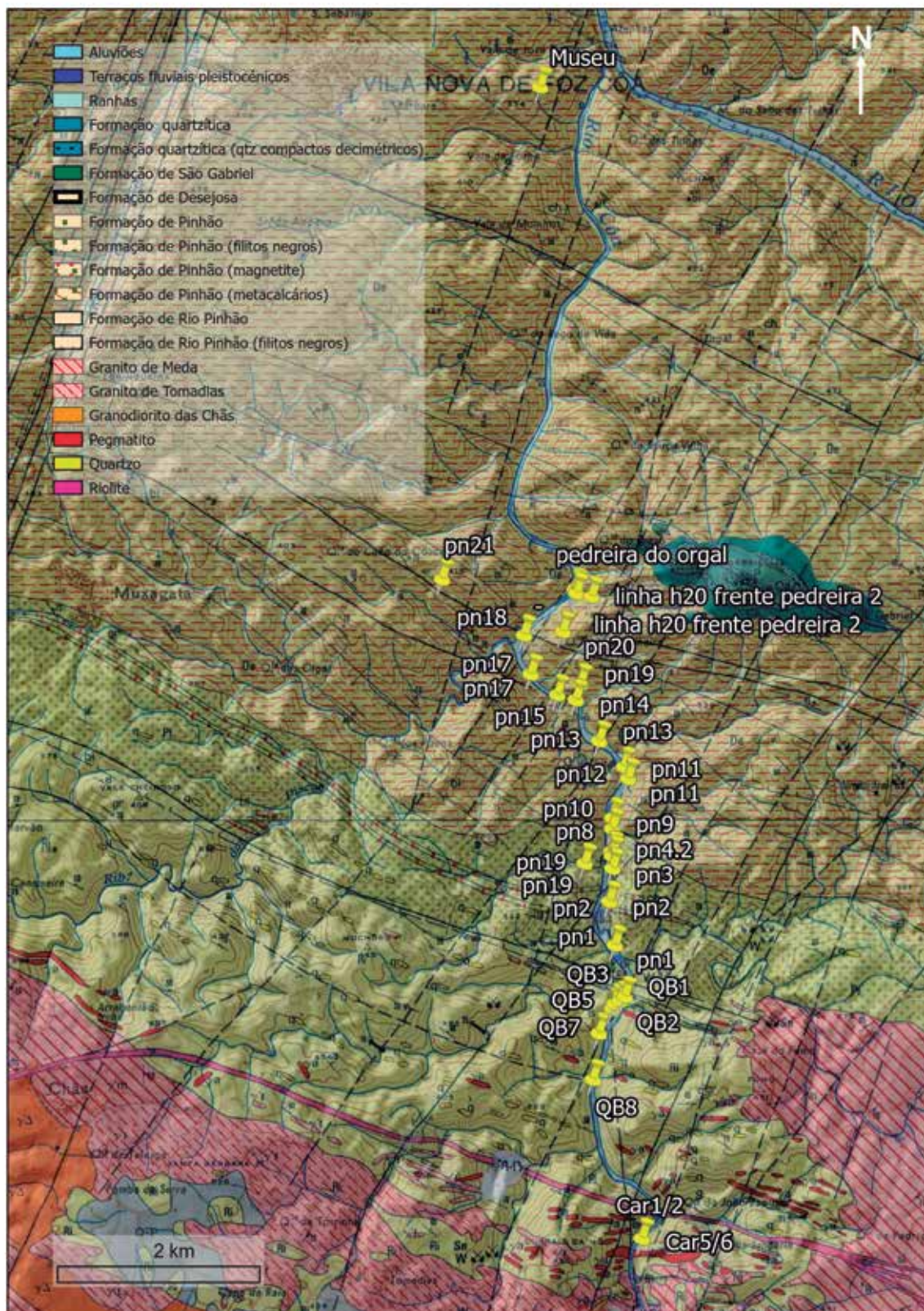


Fig. 33: Localização das amostras recolhidas, excerto da Folha 15-A Vila Nova de Foz Côa da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50 000.

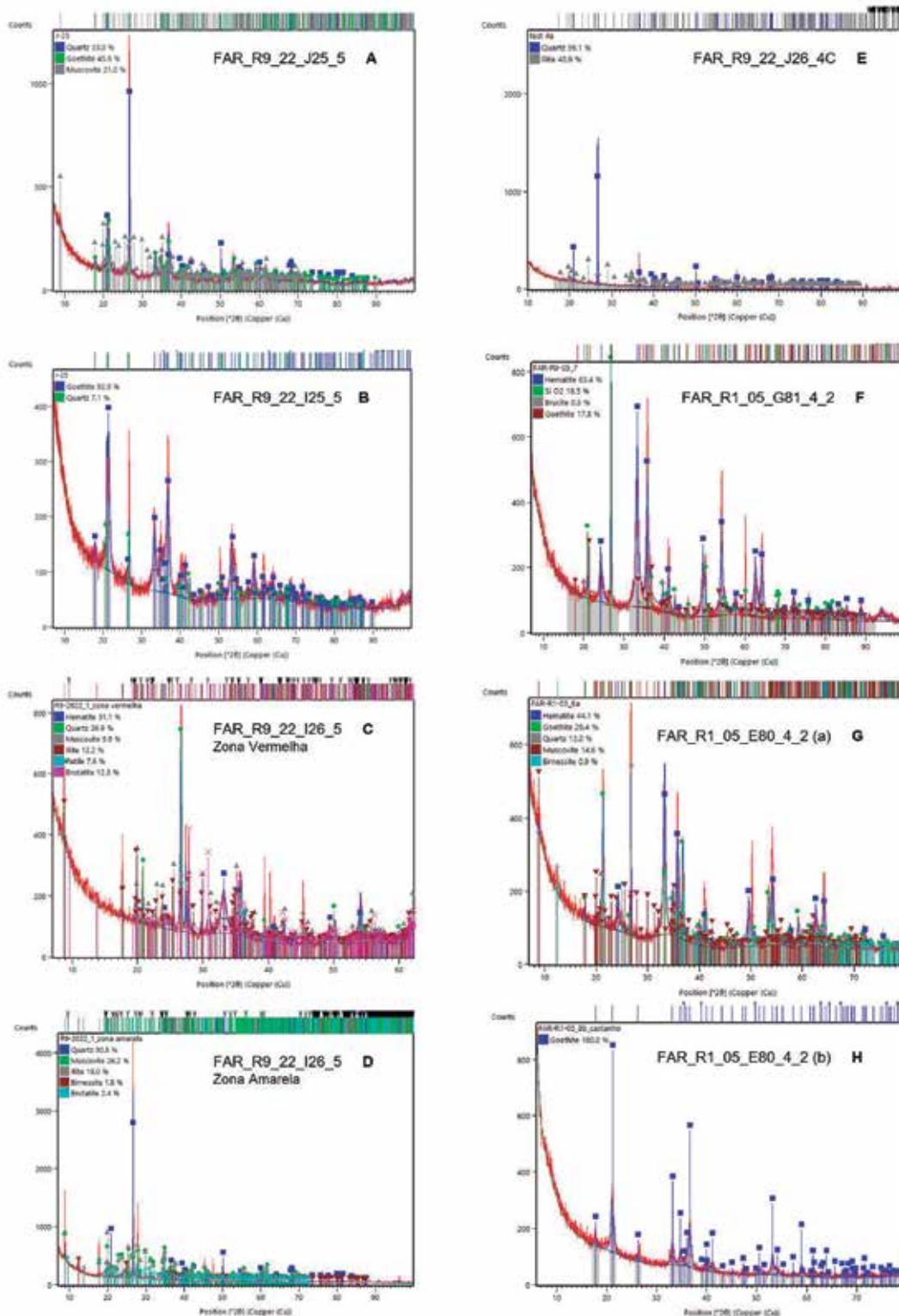


Fig. 34: Análise de difração de raio-X de materiais resultantes da escavação da Rocha 9 do Fariseu: A: quartzo, goetite e muscovite; B: goetite e quartzo; C: hematite, quartzo, muscovite, ilite, rútilo e enstatite; D: quartzo, muscovite, ilite, birnessite e enstatite; E: quartzo e ilite. Análise de difração de raio-X de materiais arqueológicos da escavação da Rocha 1 do Fariseu: F: hematite, quartzo, brucite e goetite; G: hematite, goetite, quartzo, muscovite e birnessite; H: goetite. Gráficos de Sílvia Aires.

O material arqueológico integrado no estudo corresponde a 566 amostras da Cardina (localizada na FRP) e 106 da Olga Grande (localizada sobre Granito de Mêda) de rochas xistentas provenientes das três formações geológicas xistentas que afloram no concelho de Vila Nova de Foz Côa e área envolvente. Os materiais provenientes da Cardina possuem um eixo maior entre 295 mm e 8 mm, eixo menor entre 74 mm e 3 mm, espessura entre 21 mm e 0,3 mm e peso entre 698 mg e 0,1 mg. O peso dos materiais provenientes da Olga Grande varia entre 6,5 mg e 0,1 mg, e possuem um eixo maior entre 43 mm e 5 mm, eixo menor entre 30 mm e 3 mm e espessura entre 8 mm e 1 mm.

Os resultados deste vasto estudo de caracterização petrológica ainda estão em fase de processamento, mas é já claro o predomínio de atribuições à Formação de Desajosa, observação que deverá tomar-se em consideração em sede de interpretação destas ocupações no quadro das estratégias de exploração do TCA durante o paleolítico superior.

5.6. OS MATERIAIS COLORANTES DA ROCHA 1 E DA ROCHA 9

Os fragmentos de possíveis suportes de arte móvel não esgotam os objectivos dos trabalhos de caracterização elementar do espólio recolhido nos trabalhos de sondagem e escavação dos sítios arqueológicos do Vale do Côa.

Durante as escavações realizadas junto das rochas 1 e 9 do Fariseu, foram encontrados materiais cuja caracterização preliminar de terreno admitia a sua utilização como matérias colorantes. Foram seleccionadas para análise 15 amostras -- 11 da Rocha 1 (8 de 2005 e 3 de 2007) e 4 da Rocha 9 (2022) -- para análise por difracção de raio-X, com o intuito de se identificar a sua composição (Figs. 34-36).

Algumas das amostras foram analisadas em vários pontos, para caracterização discriminada de zonas que apresentavam colorações ligeiramente variantes.

Os resultados preliminares deste estudo indicam a presença de goetite e hematite como os óxidos de ferro mais comuns nas amostras analisadas, tendo sido também identificada magnetoferrite, um óxido de ferro e magnésio, embora numa única amostra (Tabs. 2 a 4).

5.7. A GRAFITE E A PIROLUSITE DA OLGA GRANDE

Nesta fase inicial do desenvolvimento destes trabalhos, um dos resultados mais promissores respeita ao estudo de dois objectos provenientes de escavações no sítio arqueológico da Olga Grande, em 2001 e 2014, agora analisados com recurso à DRX: as amostras OG'01.W15D-3-11 e OG'14.J27.3-3.

Numa primeira apreciação macroscópica, ambas as amostras apresentam cor negra, possuem dureza baixa, cerca de 2 na escala de Mohs, traço negro e sujam os dedos. A amostra OG'14.J27.3-3 exhibe um brilho metálico e vestígios de acções mecânicas.

A análise por DRX à composição destes dois materiais indica que a amostra OG'01.W15D-3-11 corresponde a pirolusite e a amostra OG'14.J27.3-3 a grafite (Fig. 37).

Uma vez que este sítio arqueológico da Olga Grande se implanta sobre o Granito da Mêda (SILVA *et al.*, 1990, 1), onde não se conhecem ocorrências de pirolusite, nem de grafite (SILVA & RIBEIRO, 1991, 52; RIBEIRO, 2001, 72), nem a posição geo-

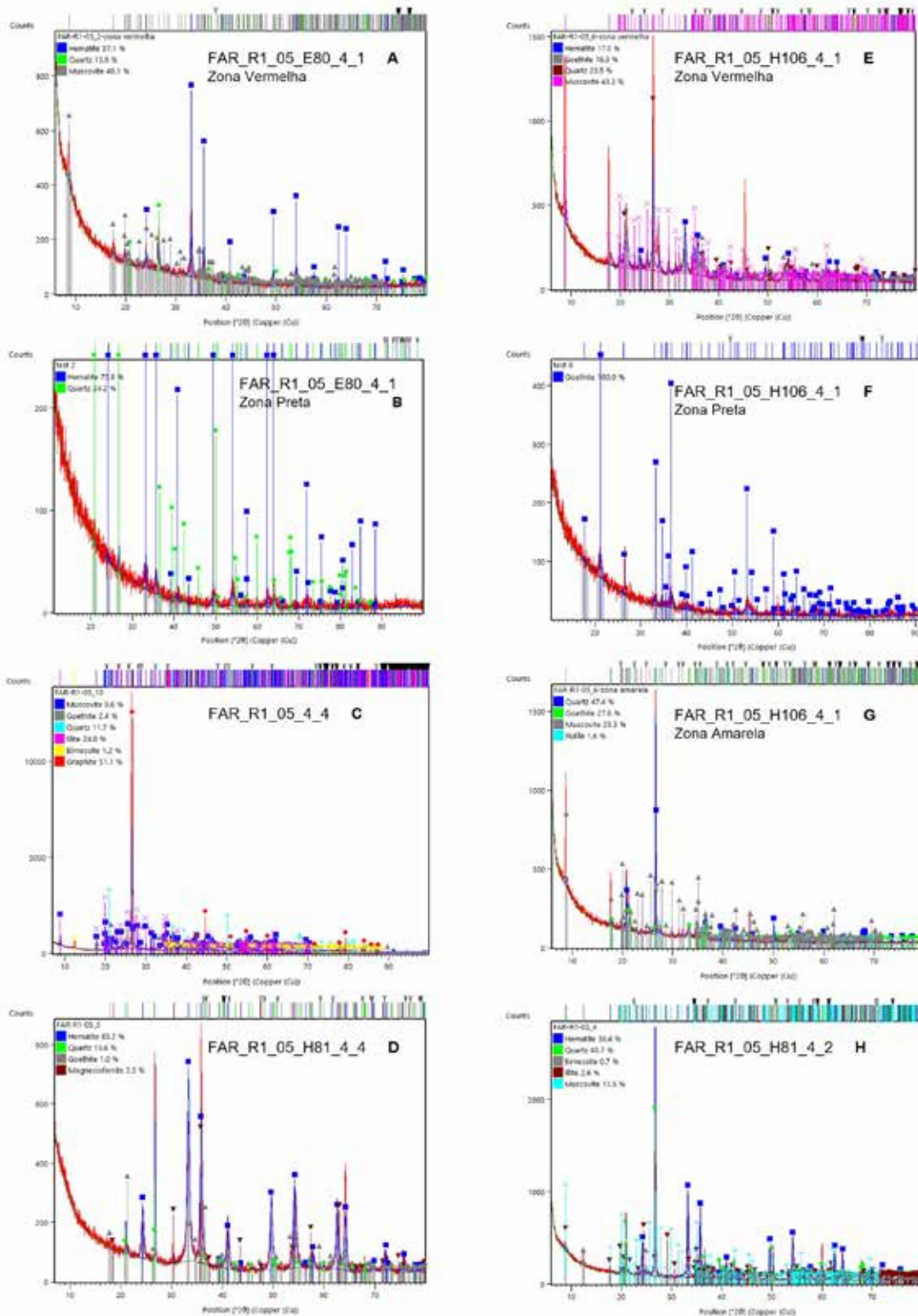


Fig. 35: Análise de difração de raio-X de materiais da escavação da Rocha 1 do Fariseu: A: hematite, quartzo e muscovite; B: hematite e quartzo; C: muscovite, goetite, quartzo, ilite, birnessite e grafite; D: hematite, quartzo, goetite e magnesioferrite; E: hematite, goetite, quartzo e muscovite; F: goetite; G: quartzo, goetite, muscovite e rútilo; H: hematite, quartzo, birnessite, ilite e muscovite. Gráficos de Sílvia Aires.

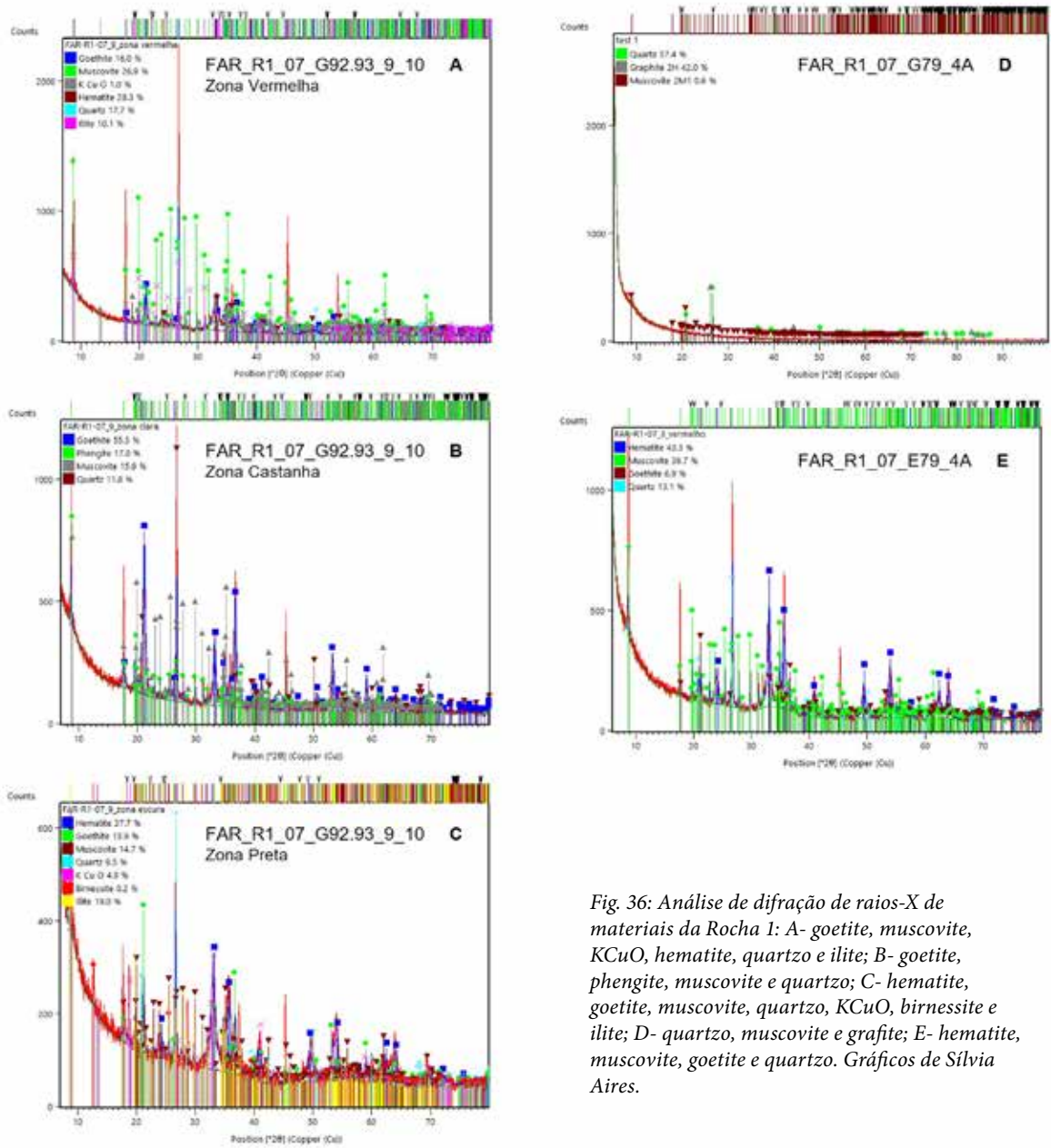


Fig. 36: Análise de difração de raios-X de materiais da Rocha 1: A- goetite, muscovite, KCuO, hematite, quartzo e ilite; B- goetite, phengite, muscovite e quartzo; C- hematite, goetite, muscovite, quartzo, KCuO, birnessite e ilite; D- quartzo, muscovite e grafite; E- hematite, muscovite, goetite e quartzo. Gráficos de Sílvia Aires.

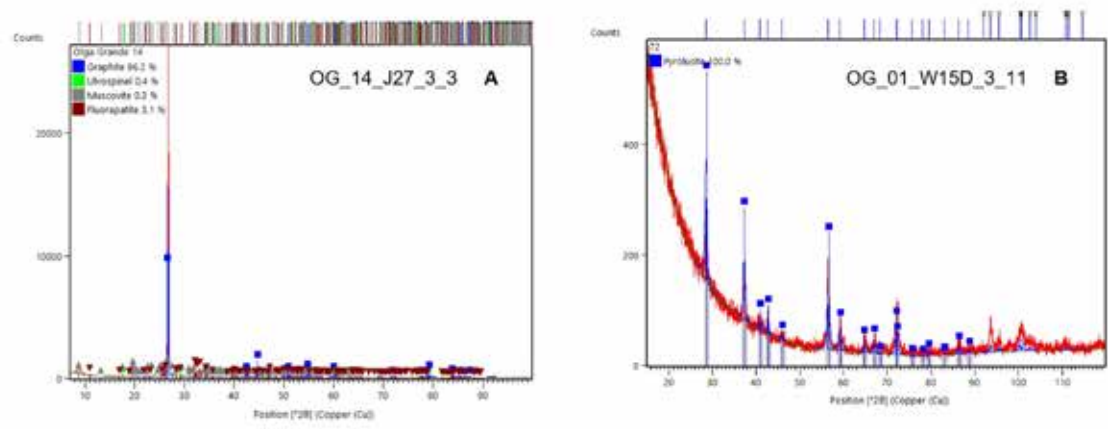


Fig. 37: Análise de difração de raio-X de materiais da Olga Grande: A: grafite, ulvoespinela, muscovite e fluorapatite; B: pirolusite. Gráficos de Sílvia Aires.

FAR_R1_05											
	G81_4_2	E80_4_2	E80_4_4	E80_4_1	E80_4_1	4_4	H61_4_4	H106_4_1	H106_4_1	H106_4_1	H81_4_2
	(a)	(b)	(ZV)	(ZP)	(ZP)		(ZV)	(ZP)	(ZP)	(ZA)	
Quartzo	•	•	-	•	•	•	•	•	-	•	•
Goetite	•	•	•	-	•	•	•	•	•	•	-
Hematite	•	•	-	•	-	-	•	•	-	-	•
Muscovite	-	•	-	•	-	•	-	•	-	•	•
Ilite	-	-	-	-	-	•	-	-	-	•	•
Rútilo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Enstatite	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Birnessite	-	•	-	-	-	•	-	-	-	-	•
Brucite	•	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Grafite	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-	-
Magnesioferrite	-	-	-	-	-	-	•	-	-	-	-

Tabela 2 : Composição dos materiais colorante da R9 por DRX.

FAR_R1_07					
	G92.93_9_10 (ZV)	G92.93_9_10 (ZC)	G92.93_9_10 (ZP)	G79_4A	E79_4A
Quartzo	•		•	•	•
Goetite	•		•	•	•
Hematite	•		-	•	•
Muscovite	•		•	•	•
Ilite	•		-	•	-
Rútilo	-		-	-	-
Enstatite	-		-	-	-
Birnessite	-		-	•	-
Phengite	-		•	-	-
Grafite	-	-	-	•	-
KCuO	•			•	

Tabela 3 : Composição dos materiais colorante da R1_05 por DRX; (ZV)- Zona Vermelha, (ZP)- Zona Preta, (ZA)- Zona Amarela.

Pátinas			
	Castanho	Castanho escuro	Preto
Quartzo	•	•	•
Goetite	•	•	•
Ilmenite	•	-	-
Muscovite	-	-	•
Biotite	•	•	-
Birnessite	•	•	•

Tabela 4 : Composição dos materiais colorante da R1_07 por DRX; (ZV)- Zona Vermelha, (ZC)- Zona Castanha, (ZP)- Zona Preta.

morfológica do sítio admite um transporte não-antrópico destes materiais, pelo que tais determinações composicionais implicam necessariamente a assunção de um transporte antrópico dos dois objectos para o sítio da Olga Grande.

A correcta compreensão das implicações desta constatação, depende ainda de trabalhos de terreno para prospecção e mapeamento de possíveis fontes de origem destes materiais, posto o que poderá integrar-se este resultado no estudo das estratégias de mobilidade dos grupos paleolíticos do Côa.

6. Conclusão

Os resultados, ainda muito preliminares, do programa de investigação apresentado neste resumo dos trabalhos em curso, já testemunham do potencial científico desta abordagem, que toma por princípios operativos fundamentais a primazia da Arqueologia no terreno, o reforço tecnológico, a transdisciplinaridade, a reconstituição paleoambiental, o alargamento dos horizontes geográficos e a perspectiva paleontológica.

O estudo integrado das manifestações gráficas pleistocénicas no quadro das opções estratégicas, económicas e culturais das comunidades de caçadores-recolectores que ocuparam o território entre os rios Côa e Águeda, percebidas no quadro de condicionantes estabelecido por uma reconstituição paleoambiental e paleogeográfica sustentada em dados objectivos de terreno constituirá um elemento determinante na compreensão da paleo-história daquelas comunidades, desde a super-estrutura social às opções de base económica e relações com territórios distantes.

A promessa de que persistiremos nesta missão é a melhor homenagem que podemos fazer ao trabalho de uma vida no Vale do Côa que nos ofereceu o Fernando Barbosa!

NOTAS:

Os autores do artigo pretendem, reconhecidamente agradecer:

1) À Fundação La Caixa / BPI, pelo suporte dos trabalhos de investigação de Miguel Almeida, Sílvia Aires e Nuno Ramos;

2) À Unidade de Microscopia Electrónica (UME) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, pela colaboração na realização das análises laboratoriais; e

3) A Ana Cristina Araújo e Ana Costa, responsáveis científicas pelo sítio do Lagar Velho / Lapedo, pela permissão para utilização de um exemplo deste sítio de referência do Paleolítico europeu.

Bibliografia

AIRES, Sílvia C. M. (2018) — *Petrofísica e litogeoquímica de formações do “Complexo Xisto-Grauváquico” (Grupo do Douro). Estudo do potencial do xisto para exploração como pedra natural*. Porto; Aveiro: Universidade do Porto e Universidade de Aveiro (Tese de Doutoramento, policopiada).

ALMEIDA, Miguel (2008) — Proteger apesar do IGESPAR. *Praxis Arqueológica*. 3, pp. 145-153.

ALMEIDA, Miguel; AUBRY, Thierry; BARBOSA, Fernando; LUÍS, Luís; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo (2021) — Entre o Côa e Siega Verde: resultados da primeira fase de prospecções arqueológicas. *CôaVisão*. 23, pp. 35-44.

AUBRY, Thierry, dir. (2009), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*. Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52].

AUBRY, Thierry; BARBOSA, Fernando; GAMEIRO, Cristina; LUÍS, Luís; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo (2022) — Far from flint: Inferring land-use and social networks from Middle and Upper Palaeolithic lithic assemblages (Cardina-Salto do Boi, Côa Valley, Portugal). *Journal of Archaeological Science: Reports*. 42(2), pp. 1033-85. DOI: 10.1016/j.jasrep.2022.103385.

AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca A.; BARBOSA, António F.; LUÍS, Luís; SANTOS, André T.; SILVESTRE, Marcelo; THOMSEN, Kristina J.; RADES, Eike; AUTZEN, Martin; MURRAY, Andrew S. (2020b) — Timing of the Middle-to-Upper Palaeolithic transition in the Iberian inland (Cardina—Salto do Boi, Côa Valley, Portugal). *Quaternary Research*. 98, pp. 81-101. <https://doi.org/10.1017/qua.2020.43>.

AUBRY, Thierry; DIMUCCIO, Luca A.; BERGADÀ, M.^a Mercè; SAMPAIO, Jorge D.; SELLAMI, Farid (2010) — Palaeolithic engravings and sedimentary environments in the Côa River Valley (Portugal): implications for the detection, interpretation and dating of open-air rock art. *Journal of Archaeological Science*. 37, pp. 3306-3319.

AUBRY, Thierry; LUÍS, Luís; DIMUCCIO, Luca A. (2012) — Nature vs. Culture: present-day spatial distribution and preservation of open-air rock art in the Côa and Douro River Valleys (Portugal). *Journal of Archaeological Science*. 39, pp. 848-866. <https://doi.org/10.1016/j.jas.2011.10.011>. AUBRY, Thierry; RIBEIRO, João P.; ALMEIDA, Miguel (2022) — Project d’extinction de l’Instituto Português de Arqueologia. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. 99(3), pp. 612-613. <https://doi.org/10.3406/bspf.2002.12716>.

AUBRY, Thierry; SAMPAIO, Jorge D. (2012) — Novos dados para a abordagem técnica da arte rupestre e móvel do vale do Côa. In SANCHES, Maria de J., ed. — *Iª Mesa Redonda “Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história: paradigmas e metodologias de registo*. Lisboa: DGPC (Trabalhos de Arqueologia, 54), pp. 185-206.

AUBRY, Thierry; SANTOS, André T.; LUÍS, Luís (2014) — Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurelle d’un système graphique paléolithique à l’air libre de la vallée du Côa (Portugal). In PAILLET, Patrick, ed. — *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation. Actes du colloque “Micro-analyses et datations de l’art préhistorique dans son contexte archéologique”, MADAPCA — Paris, 16-18 novembre 2011*. Les Eyzies: SAMRA (Paleo, numéro spécial), pp. 259-270.

BREUCKMANN GmbH. (sem data) — *SmartSCAN 3D - The flexible system series for precise 3D digitalisation and measuring*. On-line.

BROWN, Anthony G. (1997) — *Alluvial geoarchaeology. Floodplain archaeology and environmental change*. New York: University Press (Cambridge Manuals in Archaeology).

BÚRCIO, Mauro (2004a) — Das Vinhas do Douro aos Oceanos primitivos; a origem dos esteios de xisto. *CôaVisão*. 6, pp. 9-14.

BÚRCIO, Mauro (2004b) — *Controle estrutural da localização de pedreiras de esteios de xisto para vinhas em Vila Nova de Foz Côa*. Évora: Universidade de Évora (Dissertação de Mestrado, policopiada).

BÚRCIO, Mauro; DIAS, Rui; MACHADO, I. Leal (2006) — Partição da deformação na região de Vila Nova de Foz Côa. *Livro de Actas do VII Congresso Nacional Geologia*. Estremoz, pp. 57-60. CABRAL, João (1995) — *Neotectónica em Portugal Continental*. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro (Memórias do Instituto Geológico e Mineiro, 31).

COULTHARD, Thomas J.; VAN DE WIEL Marco J. (2012) — Modelling river history and

evolution. *Philosophical Transactions of the Royal Society A*. 370, pp. 2123–2142

CUNHA, Pedro P.; ALMEIDA, Nelson A. C.; AUBRY, Thierry; MARTINS, António; MURRAY, Andrew S.; BUYLAERT, Jan-Pieter.; SOHBATI, Reza.; RAPOSO, Luís; ROCHA, Leonor (2012) — Records of human occupation from Pleistocene river terrace and aeolian sediments in the Arneiro depression (Lower Tejo River, central eastern Portugal). *Geomorphology*. 165-166, pp. 78-90.

CUNHA, Pedro P.; MARTINS, António A.; BUYLAERT, Jan-Pieter.; MURRAY, Andrew S.; GOUVEIA, Maria P.; FONT, Eric; PEREIRA, Telmo; FIGUEIREDO, Silvério; FERREIRA, Cristiana; BRIDGLAND, David; PU, Yang.; STEVAUX, José; MOTA, Rui (2019) — The Lowermost Tejo River Terrace at Foz do Enxarrique, Portugal: A Palaeoenvironmental Archive from c. 60–35 ka and Its Implications for the Last Neanderthals in Westernmost Iberia. *Quaternary*. 2 (3), pp. 1-29.

CUNHA, Pedro P.; MARTINS, António A.; MURRAY, Andrew S.; HUOT, Sebastien; RAPOSO, Luís (2008). Dating the Tejo river lower terraces in the Ródão area (Portugal) to assess the role of tectonics and uplift. *Geomorphology*. 102, pp. 43-54.

D'ERRICO, Francesco (1994) — *L'art gravé azilien. De la technique à la signification*. Paris: Éditions du CNRS (Gallia préhistoire, XXXe supplément).

DIAS, Rui; COKE, Carlos; MOREIRA, Noel (2010) — Deformação Varisca heterogénea no eixo Marão – Foz Côa (autóctone da Zona Centro Ibérica); implicações para a estrutura regional. *VIII Congresso Nacional de Geologia*. Braga: Universidade do [e -Terra, 11(15)].

FARIAS, Pedro; GALLASTEGUI, Gorka; GONZÁLEZ LODEIRO, Francisco; MARQUÍNEZ, Jorge; MARTÍN PARRA, Luis M.; MARTÍNEZ CATALÁN, José R.; PABLO MACIÁ, José G.; RODRÍGUEZ FERNÁNDEZ, Luís R. (1987) — Aportaciones al conocimiento de la litoestratigrafía y estructura de Galicia Central. *Memórias – Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto*. 1, pp 411-431.

FARO Technologies Inc. (2019) — *Manual do Usuário do FARO Focus Laser Scanner*. https://pt-knowledge.faro.com/Hardware/Focus/Focus/User_Manuals_and_Quick_Start_Guides_for_the_Focus_Laser_Scanner.

FONSTAD, Mark A.; DIETRICH, James T.; COURVILLE, Brittany C.; JENSEN, Jennifer L.; CARBONNEAU, Patrice E. (2013) — Topographic structure from motion: A new development in photogrammetric measurement. *Earth Surface Processes and Landforms*. 38(4), pp. 421–430. <https://doi.org/10.1002/esp.3366>.

FRITZ, Carole (1999). *La gravure dans l'art mobilier magalénien*. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme (Documents d'Archéologie Française, 75).

FURUKAWA, Yasutaka; PONCE, Jean (2010) — Accurate, dense, and robust multiview stereopsis. *IEEE Transactions on Pattern Analysis and Machine Intelligence*. 32(8), pp. 1362–1376. <https://doi.org/10.1109/TPAMI.2009.161>.

GIBLING, Martin R. (2018) — River Systems and the Anthropocene: A Late Pleistocene and Holocene Timeline for Human Influence. *Quaternary*. 1(3), 21. <https://doi.org/10.3390/quat1030021>.

HISTORIC ENGLAND (2018) — *3D Laser Scanning for Heritage. Advice and Guidance on the Use of Laser Scanning in Archaeology and Architecture*. Swindon: Historic England.

JECIĆ, Stjepan; DRVAR, Nenad (2003) — The assessment of structured light and laser scanning methods in 3D shape measurements. *4th International Congress of Croatian Society of Mechanics. September, 18-20, 2003 Bizovac, Croatia*. Zagreb: Croatian Society of Mechanics, pp. 237-244.

JORGE, Susana O.; ALMEIDA, Carlos A. F. de; JORGE, Vítor O.; SANCHES, M.^a de Jesus; SOEIRO, M.^a Teresa (1981) — Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta). *Arqueologia*. Porto. 3, pp. 3-12.

JORGE, Susana O.; JORGE, Vítor O.; ALMEIDA, Carlos A. F. de; SANCHES, M.^a de Jesus; SOEIRO, M.^a Teresa (1982) — Descoberta de gravuras rupestres em Mazouco, Freixo de Espada a Cinta (Portugal). *Zephyrus*. 34-35, pp. 65-70.

JORGE, Vítor O.; JORGE, Susana O.; SANCHES, M.^a Jesus; RIBEIRO, João P. (1982) — Mazouco (Freixo de Espada-a-Cinta) - Nótula arqueológica. *Portugalia*. Nova série, 2-3, pp. 143-145.

JULIVERT, Manuel; FONTBOTÉ, Josep Maria; RIBEIRO, António; NABAIS CONDE, Luís Eduardo (1972) — *Mapa Tectónico da Península Ibérica y Baleares, Escala 1:1 000 000 e Memória explicativa*. Madrid: Instituto Geológico y Minero de España.

LAGUE, Dimitri; BRODU, Nicolas; LEROUX, Jérôme (2013) — Accurate 3D comparison of complex topography with terrestrial laser scanner: Application to the Rangitikei canyon (N-Z). *ISPRS Journal of Photogrammetry and Remote Sensing*. 82, pp. 10–26. <https://doi.org/10.1016/j>.

isprsjprs.2013.04.009.

LORBLANCHET, Michel (1984) — Les relevés d'art préhistorique. In *L'art des cavernes. Atlas des grottes ornées paléolithiques françaises*. Paris: Ministère de la Cultures/ Imprimerie Nationale, pp. 41-51.

LOTZE, Franz (1940 [1945]) — Observaciones a respecto de la división de los variscidos de la Meseta Ibérica. *Publicaciones Extranjeras sobre Geología de España*. 5(27), pp 149-160.

LOURENÇO, José M. (2022a) — *Carta geológica do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Vila Real: Dep. Geologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

LOURENÇO, José M. (2022b) — *Carta geomorfológica do Parque Arqueológico do Vale do Côa*. Vila Real: Dep. Geologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

LUHMANN, Thomas; ROBSON, Stuart; KYLE, Stephen; BOEHM, Jan (2013) — *Close-range photogrammetry and 3D imaging*. Berlin: de Gruyter.

MARTINS, António A.; CABRAL, João; CUNHA, Pedro P.; STOKES, Martin; BORGES, José; CALDEIRA, Bento; MARTINS, A. Cardoso (2017) — Tectonic and lithological controls on fluvial landscape development in central-eastern Portugal: Insights from long profile tributary stream analyses. *Geomorphology*. 276, pp. 144–163.

MATILDES, Rita (2016) — *Técnicas de teledeteção de alta resolução aplicadas à monitorização 3D de arribas litorais: adequabilidade, modelação da informação e resultados*. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (Tese de Doutoramento, policopiada). <http://hdl.handle.net/10451/25380>.

MICHELETTI, Natan; CHANDLER, Jim H.; LANE, Stuart N. (2014) — Investigating the geomorphological potential of freely available and accessible structure-from-motion photogrammetry using a smartphone. *Earth Surface Processes and Landforms*. 40(4), pp. 473–486. <https://doi.org/10.1002/esp.3648>.

MICHELETTI, Natan; CHANDLER, Jim H.; LANE, Stuart N. (2015) — Structure from Motion (SfM) Photogrammetry. *Geomorphological Techniques (Online Edition)*. 2. <https://hdl.handle.net/2134/17493>.

MOREIRA, Noel; BÚRCIO, Mauro; DIAS, Rui; COKE, Carlos (2010) — Partição da deformação Varisca nos sectores de Peso da Régua e Vila Nova de Foz Côa (autóctone da Zona Centro Ibérica). *Comunicações Geológicas*. 97, pp 147-162.

MOREIRA, Noel; DIAS, Rui; COKE, Carlos (2010). Partição da deformação Varisca na região de Peso da Régua (autóctone da zona Centro Ibérica): a influência dos cisalhamentos esquerdos WNW-ESE. *e-Terra*. 11(16). <http://e-terra.geopor.pt>.

RAMOS, Nuno (2021) — *Proposta metodológica de baixo custo para monitorização de arribas potencialmente instáveis: Aplicação no estudo do litoral de Torres Vedras*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado, policopiada). <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.22892.90248>.

REBELO, José A. (1983-1985) — Contribuição para o conhecimento da base do Ordovícico em Portugal – Região de Moncorvo. *Boletim da Sociedade Geológica*. 24, pp 263-267.

REBELO, José A.; ROMANO, Michael (1986) — A contribution to the lithostratigraphy and palaeontology of the Lower Palaeozoic rocks of the Moncorvo region, Northeast Portugal. *Comunicações Serviços Geológicos de Portugal*. 72(1-2), pp 45-57.

REIS, Mário (2012) — ‘Mil rochas e tal...!': Inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa, *Portvgalia*. 33, pp. 5-72

REIS, Mário (2014) — “Mil rochas e tal...!": Inventário dos sítios da arte rupestre do Vale do Côa (conclusão). *Portvgalia*. 35, pp. 17-59

RIBEIRO, António (1974) — Contribution à l' étude tectonique de Trás-os-Montes Oriental.

Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memórias dos Serviços Geológicos de Portugal, 24). RIBEIRO, M.^a Luísa (2001) — *Notícia Explicativa da Carta Geológica Simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa à escala 1:80 000*. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro e Parque Arqueológico do Vale do Côa..

RIBEIRO, M.^a Luísa; SILVA, Antero F. (2000) — *Carta Geológica Simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa à escala 1:80 000*. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro e Parque Arqueológico Vale do Côa.

RIVERO, Olivia (2010) — *La movilidad de los grupos humanos en el Magdaleniense de la Región Cantábrica y los Pirineos: Una visión a través del arte*. Salamanca: Facultad de Geografía e Historia. Tesis doctoral.

ROTHERMEL, Mathias; WENZEL, Konrad; FRITSCH, Dieter; HAALA, Norbert (2012). SURE - Photogrammetric Surface Reconstruction from Imagery. *Proceedings of LC3D Workshop in Berlin*, 1–9.

SANTOS, André T. (2019) — *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do*

- Tejo: uma visão de conjunto*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias AAP, 9).
- SANTOS, Manuel F. dos (1964) — Vestígios de pinturas rupestres descobertas na Gruta do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Série 2, 5, pp. 5-47.
- SANTOS, Manuel F. dos; GOMES, Mário V.; MONTEIRO, José P. (1980) — Descobertas de arte rupestre na Gruta do Escoural (Évora, Portugal). In *Altamira Symposium. Actas del Symposium Internacional sobre Arte Prehistórico celebrado en conmemoración del primer centenario del descubrimiento de las pinturas de Altamira (1879-1979)*, Madrid: Ministerio de Cultura, pp. 205-242.
- SILVA, Antero F.; RIBEIRO, M.ª Luísa (1991) — *Notícia Explicativa da Folha 15-A Vila Nova de Foz Côa da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50 000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- SILVA, Antero F.; SANTOS, José; RIBEIRO, António; RIBEIRO, M.ª Luísa (1990) — *Folha 15-A Vila Nova de Foz Côa da Carta Geológica de Portugal à escala 1:50 000*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- SOUSA, Manuel Bernardo de (1982) — *Litoestratigrafia e estrutura do Complexo Xisto-Grauwáquico ante-Ordovícico - Grupo do Douro (NE Portugal)*. Coimbra: Universidade de Coimbra (Tese de Doutoramento, policopiada).
- STRAUS, Lawrence G.; BICHO, Nuno; WINEGARDNER, Ann C. (2000) — The Upper Palaeolithic settlement of Iberia: First-generation maps. *Antiquity*. 74(285), pp. 553-566.
- TEMME, Arnaud; ARMITAGE, John; ATTAL, Mikael; van GORP, Wouter; COULTHARD, Thomas; SCHOORL, Jeroen (2017) — Developing, choosing and using landscape evolution models to inform field-based landscape reconstruction studies. *Earth Surface Processes and Landforms*. 42, pp. 2167-2183.
- VALLADAS, Hélène; MERCIER, Norbert; FROGET, Laurence; JORONS, Jean L.; REYSS, Jean L.; AUBRY, Thierry (2001) — TL Dating of Upper Paleolithic Sites in the Côa Valley (Portugal). *Quaternary Science Reviews*. 20(5-9), pp. 939-943.
- VILLA MAIOR, Visconde de (1876) — *O Douro Ilustrado*. Porto: Magalhães e Moniz..
- ZHANG, Zhengyou (1994) — Iterative Point Matching for Registration of Free-Form Curves and Surfaces. *International Journal of Computer Vision*. 13(2), pp. 119-152.
- ZILHÃO, João (2000) — La puesta en valor del arte rupestre del Valle del Côa (Portugal). *Trabajos de Prehistoria*. 57(2), pp. 57-64
- ZILHÃO, João (2014) — The Upper Palaeolithic of Europe. In RENFREW, Colin; BAHN, Paul G, eds. — *The Cambridge World Prehistory*, 3. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1753-1785.
- ZILHÃO, João, coord. (1997) — *Arte Rupestre e Pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996*. Lisboa: Ministério da Cultura.

Ficha Técnica

TÍTULO

Por este rio acima: A arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em homenagem a António Fernando Barbosa;

COORDENAÇÃO

Dalila Correia
André Santos

AUTORES

Thierry Aubry, André Tomás Santos, Patrícia Ramos, Mário Reis, Lara Bacelar Alves, Luís Luís, Miguel Almeida, Sílvia Aires, Nuno Ramos, André Ferreira, Marcelo Silvestre, Aida Carvalho, João Zilhão.

LOCAL DE EDIÇÃO

Vila Nova de Foz Côa

EDITOR

Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa

COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Ricardo Castro/O Homem do Saco

IMPRESSÃO

Diário do Porto

ISBN 978-972-98121-9-4

